

Etella Freitas-Grisam
O Dia Da Criação

18

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS. TEMA:
Paranormalidade, conflitos psicológicos adolescentes.
CONTÉM: Extrema violência gráfica, desvirtuamento
grave de valores éticos, insinuação sexual, linguagem
obscena e depreciativa.



III XIII

“Por todas essas razões deverias ter sido riscado do Livro das Origens, o Sexto Dia da Criação. De fato, depois da Ouverture do Fiat e da divisão de luzes e trevas e depois, da separação das águas, e depois, da fecundação da terra e depois, da gênese dos peixes e das aves e dos animais da terra, melhor fora que o Senhor das Esferas tivesse descansado.

Na verdade, o homem não era necessário. Nem tu, mulher, ser vegetal, dona do abismo, que queres como as plantas, imovelmente e nunca saciada. Tu que carregas no meio de ti o vórtice supremo da paixão. Mal procedeu o Senhor em não descansar durante os dois últimos dias. Trinta séculos lutou a humanidade pela semana inglesa. Descansasse o Senhor e simplesmente não existiríamos. Seríamos talvez pólos infinitamente pequenos de partículas cósmicas em queda invisível na terra.

Não viveríamos da degola dos animais e da asfixia dos peixes. Não seríamos paridos em dor nem suaríamos o pão nosso de cada dia. Não sofreríamos males de amor nem desejaríamos a mulher do próximo. Não teríamos escola, serviço militar, casamento civil, imposto sobre a renda e missa de sétimo dia.

Seria a indizível beleza e harmonia do plano verde

das terras e das águas em núpcias. A paz e o poder maior das plantas e dos astros em colóquio. A pureza maior do instinto dos peixes, das aves e dos animais em cópula.

Ao revés, precisamos ser lógicos, freqüentemente dogmáticos. Precisamos encarar o problema das colocações morais e estéticas. Ser sociais, cultivar hábitos, rir sem vontade e até praticar amor sem vontade. Tudo isso porque o Senhor cismou em não descansar no Sexto Dia e sim no Sétimo. E para não ficar com as vastas mãos abanando, resolveu fazer o homem à sua imagem e semelhança. Possivelmente, isto é, muito provavelmente porque era sábado.”

**O Dia da Criação, Canto III,
por Vinícius de Moraes.**

No Território da Mente,
por John Cunningham Lilly

“O inexplicável horror de saber
que esta vida é verdadeira,
que é uma coisa real, que é [como um] ser.
Em todo o seu mistério. Realmente real.”

O Horror de Conhecer, Canto I,
por Fernando Pessoa.

“No território da mente,
o que alguém acredita ser verdade
se tornará realmente verdade.”

“A existência é um carro
na oficina de Deus.”

Divino, por Zeca Baleiro
e Rita Ribeiro.

Segunda-feira, 9 de fevereiro de 2009

Sem vestígios

O telefone tocou. Não que eu entre em pânico quando isso acontece, mas não consigo evitar de pensar em tantas más notícias que nos chegam pelo fio.

Especialmente aqueles que através do telefone vêm em busca de ajuda com seus problemas criando um problema absurdo para mim. Bom, se parar para pensar, paga as contas, não paga?

Era Meire no telefone. Ela sempre me liga, pelo menos uma vez por semana. Conversamos pelos cotovelos até perceber que nossas orelhas estão em brasa de tanto esfregar no fone. Então, marcamos de nos ver ao vivo, aqui em casa ou na casa dela. Na verdade, o nome dela é Rosimeire, mas ela prefere mesmo ser chamada de Meire. Eu entendo o porquê, já disse a ela que sempre entendi o porquê (e depois me arrependi de ter dito isso a ela).

Meire me perguntou (como sempre faz quando me telefona) se localizei o paradeiro do meu marido, Paulo. Digo que não há ninguém para se achar. Afinal de contas, ele desapareceu em 1994. Dei parte à polícia, colaborei com o pessoal da Desaparecidos, fiz cartazes com a foto dele, tudo em vão. Depois de dez anos procurando por ele, sinto já ter feito tudo ao meu alcance, até mais do que poderia fazer, toda a via-crucis pelas cidades próximas, necrotérios, hospitais,

institutos médico-legais. Ele simplesmente desapareceu. Sem vestígios.

Hoje, buscando uma palavra-chave da qual já nem me lembro, topei com um post antigo do meu blog nos resultados do Google. Aí foi que me lembrei que desde 2004 eu não tinha publicado mais nada nele. Será que algo digno de nota aqui vai acontecer? Não devia deletar o blog ou torná-lo particular por absoluta falta de conteúdo?

Aqui escrevo sobre os casos que nunca consegui solucionar. Esqueço os casos solucionados. Apesar de escrever sobre todos, só publico mesmo os que não tiveram resolução. Isto torna as coisas mais fáceis para mim, já que não tenho de publicar tudo o que escrevo. Escrevo tanto quanto trabalho nos casos e com os clientes que buscam comigo uma solução para seus problemas psicológicos e até mesmo parapsicológicos.



Terça-feira, 10 de fevereiro de 2009
O menino mais sanguinário do planeta

Um menino minúsculo, de 11 anos de idade, originário da França e do México é manchete esses dias nos jornais online do mundo todo. Ele é um matador participando em corridas de touros chamadas *novilladas* ou *becerradas* já que os touros têm a mesma idade que ele em proporção, são bezerros.

Atendendo pelo nome de **Michel Lagraverre Peniche**, é um menino comum e corrente, desses que religiosamente assistem Bob Esponja todos os dias, não fosse pelo recorde mundial que tentou estabelecer em sua cidade natal de Merida, no México: seis novilhos passados a fio de espada numa única corrida (isso sem considerar as bandarilhadas habilmente desferidas por ele mesmo).

Pelo feito, o jornalista inglês Tom Meltzer, do **The Guardian**, colocou o pequeno mexicano firme na disputa pelo título de criança mais sanguinária do planeta. Outro motivo importante na consideração do jornalista inglês foi o fato de que os seis foram apenas mais seis numa lista de pelo menos 160 novilhos exterminados pelo matador em miniatura desde que sua carreira começou, aos seis anos de idade. Sim, eu disse 160 novilhos. Uma fazenda inteira exterminada.

"Não gosto de futebol, mas jamais criticaria esse esporte." Michel Lagraverre Peniche

O Livro Guinness dos Recordes disse que não irá registrar a façanha, primeiro por não ter tido nenhum auditor presente à arena quando tudo aconteceu e segundo porque não mandaria um auditor de qualquer modo, já que se recusa a registrar recordes baseados em maus-tratos a animais. Lagraverre foi proibido de se apresentar na Espanha — onde o mínimo de idade para esse tipo de atividade é 16 anos — e em Arles, na França, única região do país ainda a conservar as corridas de touros, por violar de uma vez só leis contra maus-tratos a animais e leis que proíbem o trabalho infantil, atraindo a atenção das ONGs e centenas de manifestantes para a frente da praça de touros.

Daí o menino e seu pai — o também toureiro francês Michel Lagraverre — foram matar em outras freguesias onde as leis não são restritas, como México, Portugal (onde ao que parece há leis impedindo a morte do touro em algumas arenas, lei criada pelo Marquês de Pombal), Colômbia, Peru. Os dois carregam capa, espada, bandarilhas e um advogado para quando tudo mais falhar. Promotores ligados às corridas de touros nesses países vêm o

aparecimento dos bebês toureiros com simpatia. Na verdade, a presença dos pequenos prodígios da arte de matar vem aumentando bem a frequência de público nas praças de touros.

Interessante acompanhar o debate dentro e fora das reportagens, nas seções de comentários, o clima de indignação geral de uma questão que nem é absurdamente complexa nem simplista, mas principalmente os argumentos contra e a favor completamente fora de esquadro, alguns partidos do próprio toureiro, outros do senso comum da população.

O menino, por exemplo, diz que os ambientalistas são chatos de galocha e que dizer a ele que não deveria fazer o que faz é como dizer a um motociclista que não deve praticar motocross ou como dizer a um jogador de futebol que não deve jogar futebol. Em que pese que Lagraverre tenha razão ao colocar que as habilidades e paixões humanas não devem ser podadas ou censuradas, comparar um esporte de sangue a futebol ou motocross é algo que só se pode entender a partir da ótica de uma criança. Ele é apenas uma criança de onze anos (embora ele seja a criança mais sanguinária do planeta, ele ainda assim tem apenas onze anos) e mesmo sendo seus argumentos obviamente falhos, posso mesmo admirar a tenacidade e determinação do pimpolho.

"Por que não param as guerras? Tem gente morrendo no mundo inteiro e eles se preocupando com os touros." Michel Lagraverre Peniche

O que nunca contribuiu para a discussão foi a recusa em se discutir costumes e usos como parte da prática de se respeitar as culturas diferentes. Respeitar culturas diferentes nunca impediu ninguém de se envolver na discussão ou procurar entender o que torna essas pessoas tão apaixonadas pela violência **em todo o mundo**, não só na Espanha, França, México, Colômbia ou Peru. Por que ainda há pessoas que cultuam nos templos taurinos de todos os países citados? Por que a polícia ainda estoura incontáveis rinhas de galo e de pitbulls no Brasil? Por que os asiáticos são tão fãs de brigas de peixes?

Discutir o que essas coisas trazem de paixão em seu bojo é complicado, já que emoções não se explicam. Fisicamente algo pode ser alimento ou veneno, como a maniva brasileira ou o fugu japonês. O que é emoção para uns pode ser um tédio para outros. É obviamente um fato que o touro deve ser humilhado e fisicamente destruído antes de receber o que — no momento em que vier — será considerado um golpe de misericórdia. Isso não é um assunto para discussão. Quem duvidar que o bicho sente dor, que atravesse as próprias costas com um abridor de

cartas e saberá (não é preciso isso, lógico. Qualquer um, mesmo um viciado em injetáveis detesta a picada de uma agulha hipodérmica, o que se dirá de uma espada).

"Sinto coisas muito profundas quando estou na arena. Eu as sinto com minha alma." Michel Lagraverre Peniche

A partir daí, o que explica a grande maioria dessas tradições (sem mencionar, no Brasil, a famigerada farra do boi catarinense, de tradição açoriana, onde o infeliz animal é queimado e esquartejado ainda vivo) é o fato de que o sofrimento e a violência são parte inalienável do evento e que ele só resiste ao tempo porque a violência resiste ao tempo. Essa paixão pela violência é algo que procuro estudar em meus pacientes. Muitos dos que tratei — os piores tendo sido em 1994 — fariam Lagraverre parecer um Ursinho Carinhoso (o que pode até acontecer dele ser no dia a dia). Os homens e seus rituais e suas sociedades e suas panóplias de armas e brasões — heráldica repetida desde os lictores e fascios romanos, passando pelos mais requintados clãs europeus medievais e chegando até as mais humildes comunidades de pichadores de qualquer grande cidade do mundo.

Quarta-feira, 11 de fevereiro de 2009

Levando o anjo até a porta

A campainha da porta. Deve ser Meire, vindo para sua clássica visita semanal. Ela parece bem hoje, bem melhor que da última vez em que a vi. Mais confiante. Ela sempre diz que gosta de conversar comigo. Que eu sou a única que realmente a entende. Antes que ela pergunte se encontrei o paradeiro do meu marido após mais de uma década, adianto que não há nem sinal dele onde quer que seja.

Daí, conversamos sobre o tempo. Sobre a vida que se leva em Santos em pleno verão, o ar parado, abafado, o sol causticante. Sobre o marido de Meire, que se não saiu para comprar cigarros como o meu, é bem capaz de sair para comprar algo mais.

Meire me pergunta sobre meu trabalho. Gosto de falar sobre meu trabalho, mas nem sempre. Com Meire é interessante falar sobre isso, porque ela vem com pensamentos típicos de quem olha completamente de fora, pensamentos que por vezes se encaixam tão bem no contexto que podem servir mesmo como guias para algum procedimento.

Mostro a ela o meu blog e ela fica admirada em ver quantas vezes o nome dela aparece impresso. De repente, alarmada, se apressa em perguntar se eu registro **tudo** o que conversamos. Digo a ela que há

um filtro para isso, que só o trivial é registrado e ela parece mais tranqüila. Ela parece interessada no post de ontem, sobre o menino toureiro (ao vê-lo em uma foto, acha o pequeno mexicano a coisinha mais fofa do mundo), pede mais explicações e eu falo um pouco mais sobre o assunto.

"Eu nunca deixaria meu filho fazer isso. Pelo menos não nessa idade, ele teria de ser maior para fazer isso, eu jamais apoiaria. Acho isso uma carnificina idiota", ela disse.

"Ah, é difícil a gente controlar nossas próprias paixões, que dirá as dos outros..."

"Mas não se trata de controlar paixões, Stella. Tem mais. Se alguma coisa acontece com o menino, como faz?"

Eu disse a ela que entendia sua posição. É senso comum, não que senso comum não possa ser discutido, mas que há uma grande dose de sensatez no que ela diz. No entanto, num tempo como esse, onde por vezes se corre mais riscos num pátio de escola que numa arena de touros, as pessoas vêem nisso um sinal de que risco por risco, a paixão pela atividade em si compensaria todos eles de uma só vez.

"Você deixaria seu filho fazer isso, Etella?"

"Não sei. Nunca pude ter filhos, não é um tipo de assunto com o qual eu iria ficar me preocupando. Mas se me perguntar, tenho de estudar, entender os sentimentos dos pais nessas matérias. Os pais desse menino parecem achar que todo e qualquer risco é compensado pela glória de acenar para uma multidão sob uma chuva de rosas usando orelhas e caudas de touros recém-amputados. Vista de dentro da cultura taurina, mesmo que não esteja completamente certo, nem por isso estará completamente errado."

"Não acredito que você defenda esse tipo de carnificina, Etella!"

Meire parecia alguém que acaba de perder um amigo. Expliquei que às vezes se tem de pensar como quem gosta de algo para se dar uma mínima chance de entender porque essa pessoa gosta disso.

"Quando eu digo isso tudo, estou dizendo a partir da visão dos que gostam dessas coisas. Não há um julgamento meu, certo ou errado."

"Acho um acinte ter prazer com a morte e o sofrimento de um animal, sabe?", ela me diz muito séria.

Decidi provocar a Meire. Disse a ela que os frequentadores de *plazas de toros* apreciavam visualmente o mesmo que ela apreciava com o paladar num restaurante requintado. Ela ficou indignada e disse que jamais desejaria ver o sofrimento dos bois.

"Mas você não tem que fazer isso", eu disse calmamente, *"os matadouros são bem longe de onde você mora."*

"Não foi nada disso que eu quis dizer".

Meire estava vermelha, aparentemente chocada com o rumo que a conversa tinha tomado.

"Mas foi exatamente o que você disse", eu respondi tão calmamente quanto antes.

Eu disse a ela que isso era muito mais comum do que jamais ela poderia imaginar. Acontece comigo, com o sr. José, com a dona Maria. Com o todo da população humana. Mas que a diferença entre os frequentadores de churrascarias e os de arenas é que o do restaurante não deseja a morte e sofrimento do animal, mas depende deles para saborear a carne finamente tratada que o restaurante tem para oferecer.

Acrescentei que a maioria dos frequentadores de churrascarias gostaria de obter a carne em condições de menos sofrimento para o animal, nisso eu acredito. Mas também sei, ou pelo menos imagino em que condições essa carne é obtida, independentemente dos desejos de qualquer um. E também sei que os motivos para não querer o sofrimento do animal são (às vezes) bem menos nobres do que se possa esperar, como por exemplo, não deixar que a tensão do sofrimento do animal torne sua carne dura.

"Não sabia que essa era a idéia que você tinha a meu respeito."

Eu parecia ter ofendido, ou pelo menos tocado fundo na auto-imagem dela.

"Meire, isso não é pessoal. Você sabe disso, estou falando de pessoas, não de você ou outro em particular."

Não adiantou muito. Nem precisei levar Meire até a porta. Essas coisas acontecem.

Quinta-feira, 12 de fevereiro de 2009

Astronomia

O telefone tocou, me tirando do sono. São nove horas da manhã. Ouvi a voz da Meire distante pelo fone, distante estava eu, com os olhos ainda grudados de sono. Não sabia se era só o sono, acordei bem mal, tinha algo estranho me acontecendo. Meire disse que não estava zangada comigo. Mas que eu poderia ter sido menos dura. Perguntei a ela a que dureza ela se referia. Ela disse que minha franqueza era cortante como um punhal. Eu disse a ela que punhais são para perfurar, não para cortar.

"Você sabe o que eu quero dizer, não seja chata."

A voz dela parecia assustada com não sei o que. Percebi que Meire tinha realmente poucas amigas nas quais realmente podia confiar. O modo como me contava suas coisas do dia era um modo que não se esperava que se aplicasse a todos os que ela conhecia. Havia um grau de intimidade nas coisas que me contava, essas opiniões explosivas, como as de quarta-feira. Prometi ligar em breve e desliguei.

Estou mesmo me sentindo bem esquisita hoje. Desde que acordei com a ligação da Meire. Uma apreensão que toma conta de mim. Meu corpo físico parece estar tendo seus padecimentos hoje também, para

completar. Poderia ter sido algo que comi? Achei que daria um pouco de descanso ao meu corpo e minha mente e voltei para a cama, nem que fosse para ter meus olhos fechados por uma ou duas horinhas. Estou me sentindo bem mal. Meus olhos foram se fechando, sem que eu mesmo sentisse.

Mais tarde, o telefone tocou de novo, me acordando. Levantei, me sentindo melhor agora. Achei que era a Meire, novamente, agora em estado zen de relaxamento. Não era. Uma voz de homem com forte sotaque mineiro se apresentou como Duílio e marcou uma entrevista comigo ainda na parte da tarde. Dei ao homem meu endereço e instruções sobre como chegar aqui e desliguei.

Fiquei no computador até mais tarde. Já era mais de uma da tarde, então achei que o melhor seria almoçar, evitar entrevistas sem muita substância. Não tinha ainda uma hora desde o almoço e a campainha da porta tocou. O homem, grande como um armário, entrou. Disse que vinha conversar sobre o filho Andrés. Daí se seguiu um silêncio que não tentei quebrar. Dar um tempo para o homem, certos problemas são difíceis de trazer à tona. O fato de um ser uma completa desconhecida ajuda a desembaraçar. Mas nem sempre é tudo que se precisa. Finalmente, decidi pedir dados básicos, como forma de quebrar o silêncio que completava agora

um minuto.

"Qual o seu nome completo, Duílio?", eu comecei a tomar notas.

"Duílio Lima Conselheiro", ele disse casualmente, olhando ao redor.

"Sua esposa? O nome do filho?"

"Maria Aparecida Silva Conselheiro e Andrés Silva Conselheiro", ele disse ainda mais casualmente, olhando para a tela do meu laptop, enquanto eu escrevia.

"Qual a idade do menino?"

"Doze anos", ele respondeu.

"Em que acha que posso ajudar Andrés?"

Uma pausa, enorme. Duílio parece medir as palavras por dentro antes que elas pulem em cima de mim. Procuro ler o que se passa pela cabeça dele. Uma onda confusa de pensamentos, porteiras de fazendas, campos, árvores, currais, grandes cidades, ele não me deixava entrar tão facilmente.

"Ele tem estado meio agressivo ultimamente. Briga

na escola, essas coisas, sabe? O irmão às vezes apanha dele porque não gosta de brigar."

"Ah, ele tem um irmão?"

"Sim, temos outro filho, Adriano."

Aqui eu esbarro em uma tradição. A dos nomes com a mesma letra no início. De mais a mais, "*ele tem estado meio agressivo ultimamente*" é uma frase que ouço com frequência aqui no consultório. Sempre prenuncia encenca da grossa. Mas faço minha vida me metendo nessas confusões. Desde 1994.

Pergunto a ele o que o menino faz no tempo livre. Não só o que faz na escola ou em suas obrigações diárias, mas o que faz em seu tempo livre revela bem mais do que as obrigações, tantas vezes cumpridas de forma automática e impessoal. Duílio parece um pouco reticente em me responder (como se estar ali falando do problema do filho fosse uma dessas obrigações automáticas) e finalmente diz que ele ajuda com o gado na fazenda.

Digo a ele que pergunto sobre coisas que dão prazer ao menino, passatempos. Ele me diz que é exatamente isso, o trabalho na fazenda absorve muito da atenção do garoto. Que ele chegou a ter notas ruins na escola por se dedicar demais à fazenda.

"Tentou cortar um pouco da atividade para que ele pudesse estudar? Digo, impondo um mínimo de horas para o estudo e um máximo para o trabalho com gado?"

"Sim, mas ele continua firme. As notas melhoraram bastante desde que eu peguei no pé dele, mas não diminuiu o ritmo com o gado."

"Quanto do dia ele passa ajudando com o gado?"

"Oito, dez horas."

"O senhor deixa um menino de doze anos trabalhando com gado de oito a dez horas por dia em sua fazenda?"

"Não."

"Então me desculpe, não estou entendendo mais nada."

"Nem eu nem minha esposa queremos que ele faça isso. Tentamos proibir e conseguimos por um tempo. Então, ele parou de comer. Foi parar em um hospital, tomando soro, quase morreu. Uma psicóloga aconselhou a que não se mexesse no assunto por um tempo. Que nós deixássemos Andrés fazer o trabalho já que tem tanta paixão por ele..."

"Entendi."

"Fora essa agressividade que não tínhamos visto antes, o resto tem estado bem, como eu disse, as notas na escola até melhoraram."

Duílio parecia mais animado ao dizer isso. Disse a ele que as notas eram um bom indicador de melhora, mas eram obrigações com as quais a criança devia cumprir. O indicador mais preciso eram as atividades que davam a ele real prazer e como elas afetavam o humor geral da criança. Duílio parecia ver aí um bom senso e concordou. Perguntou como se devia proceder.

"Preciso passar uns tempos com vocês", eu disse, "ver como ele se comporta no dia a dia dele, principalmente nesse trabalho da fazenda."

O pai olhou para mim, uma sombra no rosto. Vi que ele ainda não tinha dito tudo o que precisava dizer. Ele passou a me contar que o filho às vezes sumia da fazenda. Ninguém sabia como. O garoto dizia que saía para os descampados para admirar o céu noturno. Disse a Duílio que astronomia era uma ótima desculpa ainda mais sob os céus de Minas Gerais e sorri. Ele sorriu também, mas disse não saber se isso era verdade. Disse a ele que era pouco provável que

fosse.

*"Estamos retornando para Taurinos amanhã à tarde.
Acha que estaria pronta para ir com a gente?"*

"Sim, com certeza."



Sexta-feira, 13 de fevereiro de 2009

Taurinos

Às três horas pontualmente, a campainha da porta. Duílio retornava com a esposa desta vez, tudo embalado e pronto para ir. Enquanto colocávamos minhas coisas no carro, tive a impressão de ouvir a sirene distante de uma ambulância. Fiquei imaginando o que teria levado Aparecida a perder a entrevista ontem ou porque os dois teriam chegado à conclusão de que seria melhor que ela não fosse. De qualquer modo, Maria Aparecida era uma mulher realmente simpática. Um sorriso que é atrativo sem sombra de exagero ou afetação.

***"O Google Earth se esqueceu de nós..."* Maria Aparecida**

Estrada. Conversávamos sobre tudo no carro. Política e em como o governo vai nos roubar da próxima vez. Paisagens belíssimas da Serra do Mar (onde estávamos), no caminho para São Paulo. Não que não desse alguns apartes, mas Duílio pouco falava ao volante. Eu e Aparecida fazíamos a roda de conversa geral em seu lugar.

Perguntei sobre a cidade para a qual estamos indo, Taurinos, MG. Disse a eles que jamais tinha ouvido falar na cidade. Eles me disseram que a cidade era

pequena, dois mil habitantes no máximo e raramente aparecia em mapas. *"O Google Earth se esqueceu de nós"*, disse Aparecida, rindo.

"E faz divisa com Varginha."

"Sim, como eles dizem nas estatísticas oficiais, faz parte da macrorregião de Varginha..."

"E quantos quilômetros de Varginha até Taurinos?"

"Duzentos quilômetros."

Eu não tinha certeza se tinha entendido direito.

"Duzentos quilômetros? Como pode estar na macrorregião de Varginha se está a duzentos quilômetros de distância de lá? Dependendo da direção, Taurinos então poderia ser até no estado de São Paulo..."

Aparecida pareceu embaraçada. Disse que nunca tinha parado para pensar nisso. Não insisti, ela tinha sido bem categórica com a informação. Fiquei pensando no que poderia ser. A esposa de Duílio não pareceu ter brincado.

Pergunto então a origem do nome da cidade. Duílio nem olha em minha direção, mas é evidente que a

pergunta lhe parece difícil de responder. Além do mais, está dirigindo, uma boa desculpa para não falar. Aparecida, como boa relações públicas que se revelava, levou também o seu tempo de reflexão sobre o assunto, mas disse que a origem do nome da cidade estava nos touros reprodutores dos quais o local em tempos idos era uma espécie de entreposto.

"Interessante." eu não senti, a despeito de toda a sua simpatia, muita firmeza de convicção da parte de Aparecida ao me contar sobre a origem do nome. Pode ser que ela esteja em dúvida ou mesmo não saiba a origem, mas precisa me presentear com algo, afinal seria estranho que fossem nativos de uma cidade e desconhecessem totalmente a origem de seu nome. Pensando bem, quantas pessoas em Santos, nativas do lugar, sabem da origem de seu nome?

São nove horas da noite e já cumprimos a maior parte do percurso para Taurinos, serpenteando por estradas cada vez mais secundárias até chegarmos a uma estrada de terra e começarmos a subir uma montanha imensa. Levamos mais bem umas duas horas até que chegássemos a Taurinos, mais ou menos às onze e meia.

Duílio aproximou o carro de uma porteira que ficava bem distante da estrada de terra para fora do município. Uma placa indicava a Fazenda Taurinos. Não vi quem estava na porteira no escuro da noite, mas

graças à tecnologia *wireless*. Descemos do carro para sermos recebidos pelo friozinho da noite e o maravilhoso aroma dos ciprestes vindo de toda parte.

"Venha, D. Stella, vamos mostrar seu quarto."

Aparecida me levou para conhecer a casa. Belíssimo lar colonial, típica sede de fazenda com todos aqueles objetos antigos dos tempos de glória do café-com-leite quando tantas fortunas aqui se fizeram do cultivo da terra e da criação de gado. Pergunto sobre Andrés e ela me diz que só vou poder conhecê-lo de manhã, porque ele já está dormindo a esta altura do Campeonato. Me disse também que havia conexões com a internet em cada quarto, se eu quisesse usar. Em meu quarto, finalmente sozinha, liguei meu laptop antes mesmo de me instalar.



Ábado, 14 de fevereiro de 2009

Conheça seu cliente

Acordo para os ruídos de casa que faz algum tempo já se levantou. Sol entrando pela janela do quarto, iluminando bem, mas não o suficiente para te tirar do sono. Céu azul que a janela semi-fechada emoldura de maneira semi-aberta. Os objetos do quarto. A decoração suave e sóbria, provavelmente coisa da dona da casa. Tudo aqui parece decorado por uma mulher, detalhes delicados pelas paredes aqui e ali, miudezas, pequenos objetos de decoração por toda parte.

Batidas suaves na porta, me tirando das reflexões. É Aparecida, que vem chamar para o café; ela parece animada com o novo dia, embora ele seja exatamente igual ao de ontem. Parece estar feliz de estar de volta em casa.

Considerando que seja aquele tipo de família tradicional, onde todos comem na mesa juntos, presumo que seja agora que vou conhecer o novo cliente. Aparecida confirma isso. Diz que só esperam por mim agora, me emprestando um certo senso de urgência ao sair para o café. Na mesa estão mesmo todos juntos. Há um silêncio enorme quando eu entro, interrompendo a conversa do pai e dos dois filhos.

"Adriano, Andrés, esta é D. Stella. Ela vai ficar um

tempo conosco aqui em Taurinos", Aparecida me apresentava.

Os garotos ficaram me olhando. O mais velho, de um modo estranho, como se procurasse lembrar onde já tinha me visto. Se iria haver alguma reação da parte deles, iria demorar. O menino mais velho parecia ter uns quinze anos de idade. Ele se levantou da cadeira e me cumprimentou. O mais jovem me cumprimentou, mas não se mexeu do lugar.

"Andrés, você não está sendo educado. Não foi assim que te educamos, então se levante e cumprimente outra vez." Duílio agora parecia levemente irritado.

Fiquei silenciosa. A situação é constrangedora. Não devo nem mesmo dizer que não me importo, já que isso faz parte do programa educacional que todos os pais têm com relação a seus filhos. Não interessa se a visita se importa ou não. Não dá para se interferir nesses momentos de educação filial. Andrés se levantou, mas era óbvio que teria escolhido permanecer sentado — como o fez. Ele me cumprimentou outra vez e me apressei em colocá-lo à vontade. Sugeri que sentássemos, o que fizemos logo. Pronto, chega. Acabo de conhecer meu cliente.

"Sobre o que estamos conversando?", perguntou

Aparecida, fazendo rodar a conversa.

Adriano riu.

"Sobre o assunto favorito do Andrés", disse, com um sorriso remanescente.

"Eu também, não?", rebateu Andrés.

Meninos bonitos com vozes bonitas. Andrés especialmente tem um tom de voz muito mais grave que alguém de sua idade teria. Ele me olha curioso às vezes, ou pelo menos com uma expressão curiosa, inquisitiva nos olhos. Desejando dizer mais a eles que um bom-dia, e curiosa sobre o assunto favorito de meu recém-conhecido cliente (embora já imaginasse do que se tratava, seguindo a descrição de Duílio) eu arrisquei perguntar a Andrés o que era.

"Gado, touros, pecuária. Pecuária, gado, touros. Touros, pecuária, gado. Não necessariamente nessa ordem", atalhou Duílio, irônico, estragando minha primeira tentativa de comunicação direta com meu cliente.

Andrés olhou para ele.

"Esqueceu de dizer que também gosto de conversar sobre vacas e bezerros", disse timidamente.

"Que cabeça a minha."

Nós rimos não da resposta de Duílio, mas da reação inocente do garoto; eu muito mais timidamente que os outros (um acesso de riso mais Mona Lisa), mas Andrés não riu. Adriano acariciou sua cabeça e ele a tirou de alcance num movimento brusco. Ficou em silêncio enquanto as risadas se dissolviam em mais um minuto de silêncio, onde só as xícaras conversavam com os pires.

"O que a senhora faz em Santos?", quis saber Andrés, interrompendo a pausa.

"Trabalho com crianças e adolescentes."

Bom, uma chance de socializar. Aguardo a manifestação.

"Não é proibido crianças trabalharem?"

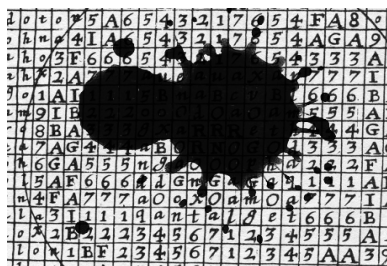
Aparecida e eu não rimos dessa vez, mas o pai e o irmão sim. Sem tomar conhecimento das risadas agora, o menino aguardava uma resposta minha, olhando fixo para mim. O olhar dele tinha algo de desafiador, tanto quanto tinha de gelado, mas estranhamente passava uma atitude sincera, do olho no olho que eu tendia a admirar muito em meus clientes.

"Eles não trabalham. Sou eu quem trabalha com eles, eles precisam de minha ajuda", expliquei.

"Ajuda para que?"

"Por exemplo, se sentem tristes, agressivos, precisam contar seus problemas para alguém, estou lá para ajudar."

Andrés olhou para os pais. Por um momento, foi como se tivesse entendido tudo. Como a minha presença aqui, não que fosse motivo de segredo o que eu vinha fazer em Taurinos. Não disse nada, pelo menos não ali.



Domingo, 15 de fevereiro de 2009

Sombras das árvores enormes

Cedo de manhã. São seis e meia no máximo. Aqui eu respiro o ar dos muitos ecossistemas em volta, cerrados, campos de altitude e matas ciliares que margeiam os rios do lugar. O céu com muitas nuvens, a chuva fraca que vai caindo mansinho, mas que às vezes molha até os ossos.

Estou na varanda enorme da frente. Os padrões de azulejos da casa da sede me fascinando, trazendo de volta detalhes de minha infância, como os azulejos da casa vizinha à que eu morava. Algo que ficou na memória das décadas, nunca mais se apagou.

Às sete, o som da porta de tela e suas molas barulhentas me arranca da introspecção. E não é ninguém senão o meu jovem cliente, Andrés Silva, Conselheiro, perto da porta. Ele me vê no canto do alpendre e para por uns momentos. Através de sua linguagem corporal, consigo detectar leve mas perceptível luta interna dele entre se aproximar e não se aproximar. Por fim, ele decide se chegar mais perto.

"A que horas acordou?", pelo tom de sua voz, parecia ser uma informação importante.

"Bom dia."

Ele parecia desapontado com a resposta. Me deu bom dia. Eu disse a ele que acordei mais ou menos umas seis e quinze. Andrés perguntou se eu sempre acordava a essa hora.

"Nem sempre", eu disse, "só quando eu venho para o campo."

"Quando tem 'clientes' no campo?"

"Não. Eu estava falando das manhãs no campo; não preciso acordar cedo para conversar com meus clientes."

Ele não pareceu convencido. Na verdade, o ponto de discussão dele é que eu teria de acordar cedo para conversar com clientes, porque essa é a hora em que as pessoas se levantam para ir trabalhar. Disse a ele que há muitos tipos de trabalho, cada um com uma natureza diferente, a serem feitos em horas diferentes do dia. Em um hospital, o que seria dos pacientes que precisam de atenção médica o dia todo se todos os da equipe médica estivessem dormindo?

"Lá isso é verdade", admitiu ele.

Ele ficou me olhando por um tempo, o mesmo olhar que parecia desafiador e gelado da mesa do café

ontem de manhã. Devolvi a ele o olhar e conversamos sobre a fazenda e a cidade, enquanto olhávamos a chuvinha cair. Ele me contou de tradições antigas do lugar. Como a história contada para mim pela mãe dele, dos touros reprodutores que eram vendidos ali, um mercado ao ar livre para os animais da região e que deram seu nome à cidade. Seu nome e provavelmente muito mais.

"É", ele concordou, "a gente deve muito a eles."

E acrescentou, olhando fixo para mim:

*"Na verdade, a gente deve **tudo** a eles."*

Aparecida veio ao alpendre e nos encontrou. Chamou para o café. Pareceu satisfeita em ver que eu e Andrés entabulávamos uma conversa. Na mesa, Adriano me cumprimentou antes de seu pai. Conversamos bem mais que ontem. Andrés se divertia em contar os poucos minutos de conversa que acabamos de ter, citou o meu exemplo do hospital, comentou que devia haver muitos tipos de vida diferente por aí (fantástica percepção de um menino de doze anos, quando tantos de vinte ou mais não têm essa noção) e falou de novos bezerros nascidos recentemente na fazenda e de como ajudou como pôde no nascimento deles. Pude notar que ele conversava sobre vários assuntos, mas sempre dava

um jeito de voltar para o seu predileto.

À tarde, não encontrei Andrés em parte alguma próximo à casa da sede. Adriano me disse que o irmão anda a fazenda toda, nunca fica apenas perto da casa da sede. Ficou me olhando daquele modo estranho como na mesa do café, quando nos vimos pela primeira vez.

"Eabe", ele me disse com aquele olhar esquisito, "sua cara não é estranha. Eu me lembro de ter visto a senhora em algum lugar antes. Conversando com meu pai."

"Ah, pode ter sido aqui mesmo, a gente às vezes fica com essa impressão...", eu disse apressadamente.

"Não", Adriano mostrava grande certeza no que dizia, "não foi aqui; foi num lugar que parecia um escritório."

E essa agora. Um primeiro encontro com as visões alheias. Argumentei que poderia ter sido o relato do pai sobre nossa conversa sobre Andrés em minha casa e ele se calou. Nos sentamos eu e ele num banco sob um telheiro perto de uma árvore alta, nos escondendo da chuvinha e voltamos a conversar. Ele me disse que o irmão é como que viciado na história

de gado, especialmente touros.

"Estou pra ver alguém que seja tão agarrado com touros quanto o meu irmão", ele disse, "eu gosto disso pra raio, mas o Andrés nunca vi igual."

"Faz muito tempo que ele gosta do assunto? Você diria que praticamente desde que nasceu ele é assim apaixonado por pecuária?"

"Acho que sim, quero dizer, acho que já veio de fábrica." Adriano riu.

Ele passou a me contar sobre o avô, Andrés (de quem o meu cliente teve seu nome emprestado por Duílio), pecuarista de nome na região, talvez fosse aquele que Adriano "estava pra ver", talvez o único que fosse mais ligado à pecuária do que o Andrés neto, que ele nunca conheceu. Coisa de hereditariedade, aparentemente. Isso me interessou no ato. A história de Andrés, parecendo de algum modo se iniciar com o avô.

"Onde você acha que ele pode estar agora?"

Adriano estava confuso.

"Quem, meu avô ou meu irmão?"

"Seu irmão..."

"Não sei. Ele pode ter ido à cidade. Ou à Cachoeira dos Chifres."

Ri e pedi explicações sobre o nome esquisito. Adriano riu também e disse que em certos pontos da cachoeira havia pedras salientes à altura da cabeça e que se tem de tomar muito cuidado para não se acertar as pedras com os chifres. E nós dois tivemos de rir mais uma vez, uma pelo nome e outra pela explicação.

"Andrés geralmente vai à cachoeira mesmo com chuva?"

"Se não for chuva muito forte parece que ele não se importa."

Peço e ele me dá instruções sobre como chegar à cachoeira, que segundo ele não é muito distante da fazenda. É uma oportunidade de ver o garoto em sua vida natural, mesmo que nós fiquemos conversando na cachoeira.

A trilha é larga por entre as árvores de mata ciliar, mas promete se estreitar mais à frente. Caminho com cuidado pela trilha molhada da chuva insistente, evitando o musgo escorregadio. As árvores são as

únicas testemunhas do meu caminho solitário. Pássaros piam nas árvores próximas. A luz que entra na floresta é fraca da ausência de sol, mas ilumina bem o caminho de qualquer modo, a despeito das sombras das árvores enormes. A partir de uma curva, o som da cachoeira começa a ficar mais audível. Mais e mais curvas e finalmente me parece que cheguei ao lugar.

Vejo as tais pedras a que Adriano se referia, salientes bem no meio da trilha, saindo de dentro da encosta. Abaixo a cabeça para não aprender fisicamente a razão do nome da cachoeira. E lá está ela, bela, alta, com forte vazão de água. Belíssima cachoeira, sem dúvida. Eu me aproximo mais da queda a cada passo.

Se Andrés esteve por aqui, não está mais. Nada de ninguém no lugar, apenas eu e minhas reflexões. Desapontada, resolvo sentar sob uma árvore e admirar a cachoeira, já que dei uma boa caminhada para isso também. Não sei quanto tempo fiquei lá, agora habituada à chuvinha que caía sem parar e às gotas maiores, filtradas pela árvore, que aterrisam bem no topo da minha cabeça.

Uma voz me chamava *"D. Stella"*, de certa distância. Olhei para encontrar Andrés subindo as rochas que o separavam do recinto da cachoeira, vindo em minha direção. Ele se sentou a meu lado e num primeiro

momento, nada disse, contemplando a cachoeira por instantes. Nem eu disse nada, preferia esperar e ouvir o que ele diria em seguida.

"Adriano me disse que a senhora estava me procurando."

"Estava mesmo, mas nada muito especial. Queria apenas conversar."

"Ah."

Uma outra pausa daquelas compridas. Não há mesmo muito a se dizer sob uma cachoeira e seu ruído natural estrondoso.

"E vocês conversaram sobre o vô Andrés?", ele acrescentou depois de um tempo.

"Seu irmão é bem detalhista nas descrições, com certeza. Ele também me disse que seu avô talvez seja o único que goste mais de touros e gado bovino que você."

"Ele disse, é?", Andrés ficou um tempo calado, como se decidisse o que fazer com a informação.

Andrés sabe nadar. E bem. Menino acostumado à vida no campo, a vida natural que tudo dá em plenitude,

mas tudo cobra em dificuldade. Fico admirando a agilidade com que vai de um ponto a outro do poço da Cachoeira dos Chifres. A água do poço começa a escurecer minhas vistas. Noto que tenho o olhar parado no mesmo ponto há algum tempo e que é isso que escurece as minhas vistas. Enquanto o pequeno Andrés nada com um peixe num remanso, brinco de escurecer minhas vistas, me programando para fixar um ponto com os olhos e deixar a escuridão tomar conta.

Olho para o interior do poço mais uma vez e fixo nele o olhar. O movimento da luz do dia sobre a água serpenteante me distrai e me mesmeriza. A visão vai se escurecendo lentamente, clareia quando meus olhos por algum motivo se afastam do ponto original ainda que por milímetros. Uma forma escura vai se delineando dentro da água do poço. Lá embaixo, o garoto continua seu nado quase ritualístico. A forma escura vai ganhando detalhes que se perdem quando minha visão clareia. Tenho de aplicar uma grande força de vontade nisso para tornar mais nítida a imagem.

E lá está a imagem, finalmente definida. Um touro. É o que é. A coisa triangular e negra sob as águas, seus chifres parecem evidentes agora. Um touro com um olhar plenamente fantasmagórico e Andrés em seu nado quase ritualístico ao redor da cabeça do touro.

Um touro que parece todo o tempo estar olhando para mim. Ele agora desaparece como que por encanto de minha visão, embora ela não tenha clareado. sinto um toque molhado no ombro que me tira da concentração, alarmada.

"Desculpe, não queria assustar. Está tudo bem com a senhora?"

E depois, notando a minha expressão:

"Por que está me olhando assim?"

Não tenho resposta a não ser que estava pensando e fui tirada tão de repente de meus pensamentos. Ele me olha com uma expressão desconfiada e se senta. Não parece ter acreditado em uma só palavra do que eu disse. Pergunto como ele chegou de volta do poço aqui tão rápido e a resposta dele também não convence. Embora eu tenha de levar em consideração que, como um nativo do lugar, ele se desloca por entre os obstáculos naturais muito mais rapidamente do que um forasteiro, mesmo eu estando atenta a outra coisa, foi grande a velocidade com que ele deixou o poço e chegou novamente aqui.

Outro detalhe que guardei em minha introspecção do momento foi a forte suposição que tinha de que a forma-touro (ou seja lá o que fosse) que apareceu no

poço só apareceu durante o tempo em que o menino estava lá. Não se passou mais que dois segundos entre a imagem desaparecer e eu sentir o toque de Andrés no ombro. Isso foi algo que ficou dando voltas na minha cabeça por um bom tempo.



Segunda-feira, 16 de fevereiro de 2009

Contos de um futuro próximo: clarividência

Guardei para mim a suposição de ontem. Saber que algo ronda Andrés como a imagem que vi no poço da Cachoeira dos Chifres ontem já é bem ruim. Tive essa visão (ou tipo de visão) antes e isso sempre me passou um grande grau de comprometimento dos clientes com suas malquices. Quando aqui cheguei, eu tinha o retrato de um pré-adolescente com certa fixação em um assunto específico, coisa que, segundo os pais, começava a afetar sua vida social (aqui simbolizada pelas notas escolares). Um dia ou dois depois, me deparei com essa imagem dentro do poço. Essas imagens quando me aparecem, geralmente me dizem que existe mais do que uma mera fixação num assunto. Adolescentes são naturalmente susceptíveis a armazenar idéias fixas, mas que desaparecem com o tempo. Como uma fase, sim, é o que é, uma fase.

No café, temos Duílio comentando sobre os ladrões de gado que assolam a região. Ele diz que não ocorrem crimes na cidade, já que a comunidade é bem vigilante, pouquíssima gente de fora vem à cidade e todos na cidade se conhecem ou são parentes, o que dá de acontecer muito em cidadezinhas de dois mil habitantes.

"Agora deram de roubar bezerros, já se viu?"

Aparecida opinou que provavelmente devia ser gente de fora. Fosse alguém de Taurinos, todos saberiam quem é, a cidade é pequena demais. Duílio teve de concordar. Adriano disse que não lembrava de tempos em que isso tivesse ocorrido na cidade. Andrés apenas ouvia. Com atenção até, parecia. Não dizia nada.

"Vamos nos reunir hoje à noite", o pai disse, "propor uma rede de vigilância mais apertada pelas fazendas. Uma hora a gente pega os danados."

"O que vão fazer quando pegarem os caras?", questionou Adriano.

Eu ouvia tudo olhando para o fundo de minha caneca, mesmo assim tive a impressão nítida de ouvir um discreto "ai" em algum lugar bem próximo a mim. Seguiu-se um silêncio, pesado, inesperado. Ou esperado? Olhei discretamente com o canto dos olhos ao redor apenas para encontrar Adriano massageando o que parecia ser sua canela por baixo da mesa. Olhei para longe dele, exatamente a tempo de evitar o olhar de Aparecida e Duílio que já caía sobre mim. Para que não percebessem que eu percebi. Que eu percebi que Adriano havia feito o que o grande escritor de Araraquara, Ignácio de Loyola Brandão chamaria de *pergunta intragável*.

"Posso ir com o senhor na reunião?", Andrés quis saber.

Duílio pensou por um tempão antes de concordar com o pedido. Aparecida ainda tentou dissuadir o marido de levar o garoto, mas ele disse que Andrés tinha de aprender desde cedo o que se passava em sua fazenda e comunidade. Não disse nada sobre Adriano, talvez por conta da pergunta intragável. Decidi testar algo e pedi para ser levada à reunião também. Duílio me disse que a reunião seria uma chatice interminável, mortal. Eu disse a ele que não iria me chatear mais que o Andrés. No final, ele mostrou claramente que não tinha a menor intenção de me levar a reunião alguma e eu desisti. Embora ninguém ali fosse chutar minha canela por baixo da mesa, senti que tinha feito eu também a minha pergunta intragável.

Acredito piamente em Duílio quando ele diz que eu ficaria mortalmente entediada num evento assim. Na verdade, fiz o tal pedido não porque quisesse ou esperasse ir à tal reunião, mas porque queria medir a reação dele. Ver como tratava o assunto, se uma reunião aberta, ou algo mais secreto, à portas fechadas. Acho que vai ser algo restrito aos fazendeiros e povo daqui. Nada de forasteiros ou gente introneteada metendo o bedelho nos negócios locais. Duílio saiu e levou os filhos para a escola.

me disse após o café da manhã, quando nós duas ficamos à sós na cozinha, *"mas é a primeira vez que vejo bezerrinhos sendo roubados."*

"Deve acontecer com alguma frequência nas cidades do interior, não?"

"Na verdade, não. O povo aqui é bem atento..."

Senti uma certa urgência em perguntar porque Adriano foi chutado debaixo da mesa, mas me contive. Não sei de que lado da questão ela está. Nem mesmo sei qual a questão ainda, embora algumas peças comecem a se ajustar. São pouquíssimas peças, mas caíram direito em seus lugares.

À noite, fico no sob o telheiro perto da árvore alta, onde Adriano e eu conversamos sobre seu avô. Assistindo a última pancada de chuva do dia. A escuridão da noite, somente os sons de grilos e sapos. Os sons me relaxam e me distraem dentro da noite. Induzem um estado de relaxamento que por sua vez induz a uma série de transe noturnos. Deixo a mente vagar. Rádio Universal foi um apelido dado a mim quando pequena, por minha avó, ela também bem versada nas artes sensitivas. Ela sabia que eu ficava nesses estados de vigília atenta a tudo ao meu redor, inclusive atenta àquilo que não se podia ver com a visão normal. Ela sabia que eu tinha

desenvolvido percepção extra-sensorial.

Um cavalo. Vindo pela estrada em carreira desabalada. Um cavalo preto, quase invisível, que quase se confunde com a noite em redor. A visão dele é estranha, causa uma sensação de pavor que não consigo ignorar, por mais que eu tente. Ele passa por mim, perto de onde estou, e a sensação de pavor atinge seu auge, para depois se fundir novamente com a calmaria da noite ao redor. O que teria sido aquilo? Quem deixaria um cavalo solto correndo loucamente pelas estradas de terra da cidade?

Levei tempo para me acalmar. Depois me deixei ficar ali, mais tranquila. Não me perguntem quanto tempo fiquei. No som relaxante da saporaria, grilos e das últimas gotas de chuva caindo. Abri os olhos e vi o que parecia ser uma chibanca ao meu lado, uma pá na minha frente e uma enxada do outro lado. E pensar que nem mesmo notei esses objetos aqui comigo quando entrei para me proteger da chuva. Nesse momento, ouço tocar um celular distante, dentro da casa. Toca insistente, até que um toque é cortado no meio, indicando que alguém o atendeu.

Eu me abaixei para pegar a chibanca, mas não havia nada ali. Quero dizer, a chibanca estava ali, mas eu não podia segurá-la, porque ela não tinha corpo sólido. Era mais como a idéia de uma chibanca. A pá e a

enxada renderam o mesmo resultado quando tentei tocá-las. Eram formas-pensamento deixadas aqui, talvez fruto da utilização dessas ferramentas no dia a dia de uma fazenda. Talvez. Qualquer outra pessoa teria voado correndo dali há muito tempo ao descobrir que não pode tocar nos objetos que vê. Coisas simples como as formas-pensamentos podem tocar horror naqueles que nunca vivenciaram a clarividência.

Me ergui, deixando as ferramentas no telheiro e caminhei por ali sentindo as gotas caírem das árvores próximas. Quando me aproximei do telheiro, ouvi as molas características da porta de tela rangendo no alpendre. Adriano veio do alpendre carregando objetos pesados com ele. Fiquei surpresa em vê-lo carregar uma enxada, uma chibanca e um pá, mas de repente fez muito sentido para mim. Fiquei atrás de uma árvore ao lado do telheiro de modo que não podia ser vista por quem entrasse nele.

Mirei as ferramentas no chão. Adriano chegou ao telheiro com as ferramentas e as deixou cair displicentemente no chão. O que me surpreendeu mais que tudo ocorreu nesse momento: as ferramentas caíram **exatamente** nas posições que suas formas-pensamento ocupavam. Nem **um milímetro** fora de posição. Eu podia ver o brilho das formas-pensamentos, mas não havia duplicação de

imagem com as ferramentas físicas. Isso me assombrou. Já soube de clarividentes que viram coisas mais absurdas, mas essa clareza do que vi me impressionou (não estivesse eu acostumada a tudo isso em minha vida).

Um ruído de motor se fez ouvir ao longe, aumentando gradativamente até os faróis azuis relampejarem sobre o telheiro, rasgando a escuridão. Me espreguei contra a árvore para não ser atingida pelos faróis e ser vista pelos três: Duílio, Andrés e Adriano. O carro parou, Andrés saiu rapidamente para abrir o portamalas; Adriano coletou as ferramentas que tinha jogado no telheiro e as levou, jogando na mala do carro. Por algum motivo, as ferramentas não desceram até o fundo da mala do carro, como seria de esperar com uma mala... **vazia**.

"Ninguém lá dentro viu você?", a voz de Duílio vinha de longe.

"Não, as duas devem estar dormindo", disse Adriano.

"Devem? Não tem nada melhor que um 'devem'?", a voz era a de Andrés agora.

"Adriano, entra logo e vamos... Próxima vez são os Bastos, eu prometo", pediu Duílio, a voz abafada do interior do carro.

Adriano não se fez esperar mais. Entrou, bateu porta e o carro arrancou, dando meia-volta para fora da fazenda. O som do motor foi minguando até desaparecer dentro da noite. E de repente, tudo é silêncio outra vez. Volto ao telheiro e as ferramentas estão lá. Intocadas ou isso era o que parecia. Tentei tocá-las mais uma vez, mas nada. Apenas formas-pensamento de ferramentas agrícolas, era tudo o que restava ali.

Dois pensamentos (e muitas perguntas) sobre a situação. Que planejam os homens da casa para esta noite? Qual o resultado da tal reunião de vigilância dos fazendeiros? Por que deveria Adriano carregar uma pá, uma chibanca e uma enxada, colocar isso tudo na mala do carro e partir para dentro da noite com o irmão e o pai qualquer hora entre onze e meia-noite? E sobretudo, porque os três deveriam ser os únicos a saber o que se passava? O que me leva ao segundo pensamento: se eles não sabiam que eu estava ali olhando enquanto eles carregavam a mala do carro e sumiam, seria então aconselhável não ser vista aqui fora quando retornarem de seja lá onde foram.

Um motor ao longe. Podem ser eles, podem não ser. Não vou arriscar minha descrição. Com passo firme, retorno ao alpendre, deixando a luz de fora acesa como estava. Mais ou menos uma hora e meia depois,

do meu quarto, ouvi o som do motor do carro de volta (desta vez eram mesmo eles), as portas abrindo, fechando, som da mala se abrindo, o metal das ferramentas se chocando umas nas outras com a nitidez que somente o silêncio da noite do interior pode esculpir. Logo depois, eles entram, passos abafados pelos tapetes e vozes baixas de quem não pretende chamar a atenção.

"A gente ia levar anos cavando do teu jeito", reconheci a voz de Andrés falando.

"Mesmo assim, eu cavo melhor que você."

"Callem a boca os dois. Estão querendo acordar as mulheres?"

Depois, foi só o silêncio. Sem mais passos, vozes ou ruídos. Tudo agora era o silêncio da noite. A orquestra percussiva de sapos voltou a dominar a atmosfera em redor da casa, junto aos grilos, curiangos e outros sons da noite no campo. Meus olhos (a despeito de toda a excitação mental) foram ficando mais e mais pesados.



Terça-feira, 17 de fevereiro de 2009

Arquivo morto

Seis e quinze. Estou sentada na janela do meu quarto observando o céu meio nublado da manhã e tentando juntar as peças do que vivenciei ontem. Mais perguntas que respostas vão se juntando. Uma delas surge agora: Aparecida estava dormindo ontem no tempo dos eventos que descrevi? Logicamente ela sabia da reunião, que não era mistério para nenhum de nós.

Mistério era mesmo — pelo menos para mim — o conteúdo do que se discutiu e as decisões que se tomaram. Aparecida estaria a par do que foi decidido? Não era anormal que me mantivessem ignorante do conteúdo do encontro, já que nada tenho a ver com as lidas da cidade. Mas e quanto a Aparecida? Ela sabe, não sabe e prefere não saber ou é simplesmente enganada pelo resto da família com respeito a esses assuntos?

Mas vejo, pelas conversas dos três ontem à noite que eles preferiam que Aparecida ou eu não estivéssemos a par do movimento em redor da casa. O que aparentemente exclui Aparecida do movimento. Mas não de conhecer as decisões do encontro. Não era impossível, por outro lado, que os três dessem a ela notícias falsas sobre a reunião (o comportamento confidencial dos três dá margem até para supor isso e

muito mais). Mas naquele momento à noite, mesmo que me mentissem todo o tempo, não sabiam que eu estava presente, ouvindo e sentiram que estavam livres para falar o que normalmente não fariam. É nesses momentos que flui a sinceridade.

As ferramentas no telheiro ainda me fascinam. Desço em meio à casa ainda vazia e vou ao telheiro olhar. Nada, nem as formas-pensamentos persistem. Volto para perto da casa e ando pelo pátio, assuntando. Aproveito e vou à parte de trás da casa onde há a lavanderia, pegar um casaco cheirando a guardado que deixei tomando ar desde anteontem.

O cesto de roupa suja. Próximo de onde deixei meu casaco. Esqueço o casaco, olho em volta para me certificar de que estou só na lavanderia. Olho a massa confusa de camisetas, bermudas e vou puxando até encontrar as roupas que vi os meninos usando ontem. As roupas estavam todas ali, apenas socadas para o fundo do cesto revirado com roupas em cima que deviam estar ali há muito mais tempo.

Olho as roupas com cuidado. As roupas de Adriano não revelam nada além da sujeira normal que as roupas acumulam durante o dia de uso. As de Duílio idem... com exceção de um ponto escuro de um dos lados da camiseta dele. Uma mancha minúscula. Dentro da

lavanderia fica mais difícil precisar a cor da mancha. Eoco aquilo de volta no cesto e pego as roupas de Andrés.

Existe uma mancha maior na bermuda clara que ele estava usando ontem à noite. Pouco maior que a que vi na camiseta de Duílio e nessa se pode ver melhor a cor que é agora escura, mas tinha sido vermelha. Era uma mancha vermelha ou mais o que eu estava procurando?

Enfio as roupas de volta, tentando reconstituir a posição dentro do cesto o melhor que pude. Resolvo sair daqui rapidamente e dou uma molhada de leve em meu casaco. Para ter uma desculpa por ter ido à lavanderia, caso já houvesse alguém acordado ou pior, me procurando.

Não há movimento em volta. Fiquei, como de costume no alpendre. De repente, ouvi as molas barulhentas da porta de tela e vi a porta se abrindo. Esperei ver Andrés como no outro dia, mas desta vez quem apareceu foi Adriano. Parecia exausto depois do sono da noite. Ele me viu e começamos a conversar.

"A senhora deitou cedo ontem?"

"Ah, sim", me apressei em dizer, "ontem me pegou um pouco de dor de cabeça. Nem vi mais nada, um pouco

de internet e cama. Vocês foram à tal reunião?"

"Eu não fui, tinha de estudar porque eu tenho prova hoje."

"Sim, você está com cara de quem passou a noite em claro estudando", eu disse comentando o aspecto abatido do menino.

Ele disse que ficou até uma hora da manhã estudando. Eu imaginava que o aspecto abatido se devia mais à noite de escavação do que a qualquer outra coisa. A imagem das ferramentas por cima de algo colocado antes no porta-malas não me saía da cabeça. A suposição de que eles tinham saído em missão noturna para enterrar algo que era exatamente o que impedia as ferramentas de atingirem o fundo do porta-malas naquele momento. Porque posso não ter certeza de nada, mas posso dizer com toda certeza que aquela mala não estava vazia. Agora, dizer o que havia lá dentro é uma outra história. Poderiam ser sacos de cimento. Poderia ser terra para uma horta. Mas o que se faria com cimento ou terra a uma hora daquelas?

"Você ficou sabendo do resultado da reunião?", perguntei, o mais casualmente que pude. E não fui casual o suficiente.

"Por que a senhora está tão interessada na reunião dos fazendeiros?"

Ele me olhava curioso em saber, mais do que alguém que se sente bisbilhotado. Eu disse a ele que era mera curiosidade. Fiquei curiosa, porque o assunto dominou o dia de ontem todo e não estava acordada para ouvir os comentários do que se passou. Ele pareceu convencido pela explicação.

Perguntei novamente se ele sabia dos resultados. Ele ia me responder algo, mas ouvimos as molas barulhentas da porta de tela do alpendre e a conversa expirou. Andrés apareceu para nos chamar para o café. Ficou olhando para nós de modo estranho, como se a polícia andasse atrás de nós. Como se estivéssemos metidos em uma conspiração. Como se intuisse que o irmão mais velho estava por revelar o que não se revela.

À mesa do café, se falou de tudo, principalmente da proximidade do Carnaval. O encontro da noite passada, porém, ficou na sombra, esquecendo-se em obscuridade total. Arquivo morto, arquivado pelo revés dos tempos. Tive de controlar vários impulsos de perguntar sobre o famigerado resultado da reunião e de algum modo consegui.

Adriano conservava aquele olhar abatido que vi no

alpendre. Duílio parecia tenso, mas em melhor estado que o filho. Andrés estava calmo como sempre fica na mesa do café. No entanto, há nele uma certa radiância que não consigo precisar de onde vem. Aparecida está calada. Parece sentir algo no ar, a ausência do marido e dos filhos até tão tarde da noite ontem. O quanto ela sabe de seja lá o que for que se passa aqui é tanto o xis da questão quanto o que se passa aqui.



Terça-feira, 17 de fevereiro de 2009

Em um transe

No alpendre. Ouço o som do motor do carro de Duílio se aproximando e trazendo os meninos da escola. É meio-dia e quarenta e a casa se prepara para almoçar. Os meninos desembarcam puxando seus livros e pastas para fora do carro, me cumprimentam maquinalmente ao atingirem o alpendre. O cumprimento de Duílio não é muito diferente, coisa das obrigações sociais que todos temos.

Dos três, apenas Adriano retorna ao alpendre após o almoço. Ele me mostra um livro que pegou emprestado na escola. Um livro de português com textos interessantes para análise, interpretação de texto, essas coisas. Andrés acaba aparecendo, chama o irmão para fazer algo e os dois somem de vista, me deixando com o livro de português na mão.

Me sento e começo a olhar o livro, seus textos, imagens. Uma sensação vaga de reflexão vai tomando conta de mim. Percebo a energia de Adriano que ficou pelo livro, algo confuso desses dias que temos passado, algo indefinido. Fecho os olhos, com o livro no colo e começo a me deixar levar pela onda. Quando menos espero, surge para mim uma imagem dos dois irmãos. Caminhando por uma trilha que reconheço, é a trilha para a Cachoeira dos Chifres.

Consigo ver isso tão claramente que me assusto, é quase como se eu estivesse lá com eles, mas invisível. Vejo que os dois param próximos a onde me sentei naquele dia, o que parece clarear ainda mais minha visão deles na cachoeira agora.

Pouco depois de um chegar a essa conclusão, vejo Andrés acertar um pontapé violento no estômago do irmão mais velho. Adriano verga como um bambu e cai no chão se retorcendo de dor. Assombrada, meu primeiro impulso é abrir os olhos, mas me lembro que assim vou perder a imagem. Não consigo distinguir o que Andrés está gritando feito um louco, apontando na direção da fazenda.

Ele levanta o irmão de quinze anos do chão e vibra um tapa devastador no rosto dele que força a cabeça de Adriano para outro lado. Outro, outro e mais outro, cada vez com mais força, como se algo crescesse dentro dele. A cabeça de Adriano vai virando como se fosse a cabeça de um espectador de tênis.

Me levanto, perdendo o contato com a imagem. O livro de português cai no chão, saio do alpendre e tomo o rumo da Cachoeira dos Chifres. De longe, vejo Duílio assomar ao alpendre, mas já estou bem longe para responder qualquer pergunta.

Vou encontrar Adriano sozinho, cabeça enterrada nos braços cruzados, sentado na cachoeira, chorando. Andrés deve ter tomado uma outra trilha para voltar, já que não o encontrei pelo caminho. Fento ao lado de Adriano e ele não parece curioso em ver de quem se tratava.

"Por onde foi o Andrés?", eu tentei arrancar uma resposta.

"..."

"Por onde foi o Andrés?", eu insisti.

"Tem muitos caminhos aqui... Andrés e eu conhecemos todos. Mas não sei por qual ele foi..."

"Adriano, olha pra mim."

Eu pressentia algo como ele não querer por algum motivo que eu visse seu rosto enterrado nos braços. Ele levantou a cabeça devagar. Realmente, sangrava pela boca e pelo nariz. Fenti muita pena dele ao vê-lo nesse estado. Eu o levei próximo da água, lavei o rosto dele e descobri que eram cortes superficiais. Ajudei Adriano a controlar o sangramento.

"Por que seu irmão te bateu?"

"Eu não sei..."

"Então você é como um saco de pancadas, não precisa ter motivo."

Não digo essas coisas aos garotos por sadismo. Às vezes é necessário sacudir, usar imagens mais agressivas para trazer alguém de volta de um torpor. Ou um estupor.

"Foi por a gente estar conversando?", insisti.

"..."

Não perguntei mais nada. Dei um tempo a ele. Me ofereci para acompanhá-lo de volta à fazenda. Ele recusou. Disse que voltaria depois. Eu respondi que ele estava em mau estado para caminhar sozinho, especialmente depois do chute no estômago. Ele olhou para mim bruscamente, do nada.

"Quem lhe falou que ele me deu um chute no estômago?"

Ele estava alarmado. Olhos arregalados, injetados de sangue, olhando para mim. Como eu poderia saber disso? Às vezes eu ligo o foda-se e tudo bem. Falei mesmo que eu "vi" o menino tomar o desgraçado do chute no estômago.

"A senhora estava aqui vendo tudo... Então, como poderia saber sobre o chute no estômago!?"

Por que a visão? O livro de português do Adriano que ficou comigo. O livro me permitiu um contato com quem estava com ele antes de mim, ou seja, Adriano. Explico isso a ele, mas a princípio não parece fazer nenhum sentido. Ele parece mais calmo depois de algum tempo. E o mais incrível: parece acreditar em mim.

"A senhora então é como o Andrés?"

Um dado novo. Percebo que meu cliente (além de extremamente violento) é sensitivo. Mas me assalta ainda a ferocidade extrema com que ele se abateu sobre o irmão. Um verdadeiro assalto sensorial enquanto eu segurava o livro de português de Adriano.

"Você não sabe brigar?", perguntei a ele, "não falo de você agredir seu irmão, mas se defender, sabe? Como pode um menino de doze anos deixar um de quinze nessa situação???"

"A senhora não entende... Ele não é um menino de doze anos qualquer."

"Você que o conhece tão bem, poderia me contar o que faz dele alguém tão especial, além do fato de ser sensitivo."

Ele nada mais disse, de cabeça baixa outra vez. Fiquei pensando se o irmão mais novo era mesmo sensitivo. Se ele sabia que eu estava no telheiro ontem à noite e por isso perguntou a Adriano se um "devem" era tudo o que ele tinha a oferecer. Eu o ajudei a se levantar e sem deixar espaço para mais pedidos por parte dele, ajudei o menino a mancar de volta para casa.



Quarta-feira, 18 de fevereiro de 2009

Um belo dia

O dia seguinte marcou a entrada de Andrés num castigo válido pelo resto da semana, incluindo o Carnaval. Ele chegou em casa e espontaneamente contou aos pais que tinha surrado o irmão mais velho. Ele não recebeu qualquer castigo corporal, mas seria de casa para a escola e da escola para casa.

"E faça a lição de casa. Tudo o que ficou por fazer. E não é pouca coisa. E tem mais: se as suas notas começarem a baixar de novo, Andrés Silva Conselheiro, você vai ficar um ano sem sair daqui, eu prometo, ou não me chamo mais Maria Aparecida Silva Conselheiro..."

Aparecida cumpre suas obrigações de mãe. Se bem que isso não seja suficiente às vezes, mas é o que tem de ser feito. O resto é a vida e não nos compete traçar o destino de ninguém. Faz-se o que se pode até onde se pode alcançar. O resto é o que realmente termina acontecendo.

Ela verifica em Adriano os talhos minúsculos que ficaram do incidente de ontem. Andrés apenas observa em volta, calado. Vai ao quarto, pega livros e cadernos e começa a por em dia as lições atrasadas, ou é o que parece. A impressão é a de que ele não está

exatamente absorvido pela lição, mas pelo que se passa ao redor.

"Acho que a senhora poderia começar hoje", disse-me Aparecida ao me encontrar à noite no alpendre, "vou pedir ao Andrés para vir aqui. Aqui está bom?"

Eu disse que sim. Aparecida sumiu para dentro da casa. Puxei uma outra cadeira para perto da minha e esperei. Andrés veio sozinho, ficou me olhando por algum tempo como se me reconhecesse, sentou-se na cadeira depois de puxá-la para um pouco mais longe da minha. Agora ele esperava que eu dissesse algo. Eu o fiz esperar. Não porque quisesse simplesmente fazê-lo esperar, mas porque não sabia por onde começar. O menino começou a dar sinais de impaciência.

"Então...? O que vai ser?"

"Podemos começar por ontem, o que acha?"

"O que tem ontem?"

"Por que bateu no seu irmão ontem?"

"Eu bati nele porque ele fala demais."

Respondida a pergunta, voltamos ao silêncio. Andrés olhava a paisagem noturna fora do alpendre.

Pergunto o que Adriano fala demais. Andrés respondeu que se tivesse de dizer isso, não teria tido de surrar o irmão (o que faz sentido, muito sentido). Começou a bater levemente o pé, no auge da impaciência.

"É só isso? Eu preciso ir dormir", e bocejou, como que para dissipar todas as minhas dúvidas sobre sua necessidade imperiosa de repouso.

"Eu sono vai ter que esperar. Nem começamos ainda."

Suas bochechas se incharam, liberando ar num fluxo muito, muito longo. O pé dele recomeçou a bater no chão. Pedi que ele parasse. Ele parou a contragosto. Se pudesse me mataria. Isso dá para ver pelo olhar dele. Peço a Andrés que me olhe nos olhos. Bom para um pontapé inicial. Só que isso não é futebol, é totalmente outra coisa. Aqui, no máximo, poderia provocar risos nele, o que ajudaria a descontraí-lo, como um "vamos brincar de ficar sérios".

Um olhar. Procuro me perder na visão dos olhos dele. Me aprofundar, ver o que há por dentro. Interessante ele parecer estar tentando o mesmo.

Quinta-feira, 19 de fevereiro de 2009

Não tenho palavras

"Andrés não vai tomar café?", perguntei ao ver que meu jovem cliente não aparecia. Aparecida me explicou que ele estava um pouco deprimido. Perguntei a ela o que o deixava deprimido. Ela explicou que ela e o marido tinham decidido por proibir que ele fizesse trabalhos com gado por um tempo, como punição pela violência dele contra o irmão mais velho.

Comentei que o menino provavelmente se tornaria intratável pelo período em que estivesse sem cuidar do gado, visto que era o que ele mais gostava de fazer. Aparecida replicou que tinha pensado nisso, mas que punição é mesmo para ser desagradável ou não é punição. Esperei que os três saíssem para a escola e puxei conversa com ela.

"O menino é mesmo agressivo", eu disse, "vi como Adriano ficou quando cheguei à cachoeira. Eu o vi apanhar como gente grande muito antes de chegar à cachoeira. O que eu vi foi um chute no estômago e muitos tapas, até largar o livro de português que o Adriano tinha deixado comigo. Não imagino o que possa ter acontecido enquanto eu me punha a caminho da cachoeira."

Aparecida não entendeu. Uma sombra pesada passou

pelo rosto dela. Expliquei a coisa da ligação através de um objeto da pessoa ou recentemente manipulado pela pessoa. Ela estava chocada com meu relato, mas não acreditava em como eu tinha visto aquilo. Pedi um objeto de alguma pessoa, de preferência que não fosse de ninguém da casa. Disse que iria descrever o dono do objeto. Detesto essas demonstrações que cheiram a truque barato, mas às vezes funcionam como arma de persuasão. Mesmo não acreditando, desconfiada, ela me trouxe um livro. Segurei o livro e deixei a mente vagar. Limpar o excesso de pensamentos. Concentrar-se no livro e em nada mais.

"A pessoa que tinha esse livro não está mais entre nós. Era uma pessoa muito querida sua. Ela te deixou num domingo de muita chuva. Adorava se vestir de cinza. Gostava muito de pássaros."

Aparecida ficou ligeiramente sem cor. Pude notar isso mesmo imersa em toda a minha concentração no objeto.

"Ela dizia a cada aniversário que tinha dezoito anos e você, Maria Aparecida, acreditava. Cuidava de um jardim. Das flores, gostava mesmo era de margaridas. Era boa, mas confusa. Seu aniversário era em 12 de janeiro."

Tive que parar. Aparecida estava chorando como

uma criança. Descobri que estava falando da mãe de Aparecida, embora isso fosse mesmo de suspeitar. Não sabia o que dizer a ela, mas deveria saber. Para isso estudei mais de quatro anos de psicologia, fiz estágio, tudo isso. E agora, não tenho palavras. Devolvi a ela o livro.

"Você pode saber tudo o que estou pensando?", ela perguntou ao se acalmar.

"Não é assim tão simples. Requer um mundo de concentração, nem sempre estou tão atenta e as pessoas podem embaralhar muito do que pensam de propósito para que não possa ter lido."

Ela disse que a percepção extra-sensorial ocorria com o filho. Como tinha ocorrido com seu sogro. Que Andrés tinha herdado mais que o nome do avô, disso ela tinha certeza (e eu também). Eu contei que Adriano me disse o mesmo.

"O que nós podemos fazer quanto a isso?", ela parecia preocupada com minha avaliação e com o resultado de minha "conversa" com Andrés.

"É melhor deixar os dois separados por um tempo, ver se a poeira assenta. Especialmente impedir os dois de saírem juntos, que dirá para lugares ermos como a Cachoeira dos Chifres."

sentido. Falou que iria conversar com o marido a respeito.

Andrés estava no pico de sua irritação após o almoço. Sem poder sair, sem poder trabalhar com o gado, ele não cabia em si mesmo de tanta raiva.

"Eu não quero conversar. Nem hoje nem nunca."

"Também não estou no meu melhor para conversar. Mas precisamos."

"A senhora acha que precisamos."

"As coisas que estão acontecendo acham mais do que eu que nós precisamos."

"Está falando do Adriano?"

"Pelo menos por enquanto, sim."

"Bebê chorão de merda. Aposto que ficou chorando que nem um otário lá na Cachoeira dos Chifres..."

Ele parou, assombrado. O rosto se torceu rapidamente numa careta. Como se ele tivesse posto veneno na boca. Ele se debruçou na cerca do alpendre e cuspiu na terra lá embaixo. Me alarmei levemente.

"O que foi???"

"Isso não é nada, isso passa."

Quem eu penso que estou enganando? Não tenho palavras. Nada a dizer, ou se tenho algo a dizer, não tenho a menor idéia de por onde começar. Digo a ele que é feio bater no irmão, mesmo sendo ele três anos mais novo que Adriano? Andrés me olhava atento e fez menção de dizer algo. Eu ia começar a falar e me interrompi, porque precisava ouvir o que ele tinha a dizer.

"Pode dizer aos meus pais para me deixarem voltar a trabalhar com os touros?"

Ele parecia estar implorando. E estava. Extremamente nervoso, ele começou a chorar. De soluçar.

"Eu juro por tudo quanto é mais sagrado que não vou mais bater nele. Eu quero ficar com os touros. Lá é meu lugar. Não gosto de futebol, videogame, nada dessas bostas. Eu não faço mais nada na vida e a única coisa que eu amo não posso mais fazer... Eu só quero ficar com os meus touros."

"Andrés, isso é apenas temporário. Logo você volta a

cuidar deles, é só um castigo temporário", eu tentava desesperadamente acalmar o menino.

"Não é! Eles querem que eu pare para sempre! Não é temporário! A senhora quer que eu ajoelhe, não é? Só pode ser isso. Ô, burro! Como não me toquei, que idiota que eu sou... Não tem problema, pelos meus touros eu faço qualquer coisa... Aqui, pronto. Eu lhe peço de joelhos. Fale com eles. Suspende esse castigo. Não precisa nem suspender tudo. Fico sem sair quanto tempo vocês quiserem. Mas diz a eles para me devolver meus touros... Por favor..."

Eu fiquei perplexa. Fiz Andrés se erguer do chão e se sentar de volta na cadeira. Ele continuava nervoso, chorando. Eu disse a ele que se isso o deixava feliz, eu falaria com os pais dele. Eu o fiz prometer que viria com mais vontade conversar comigo para algumas sessões.

"Eu prometo tudo o que a senhora quiser... Tudo."

Acrescentei que iria tentar ser convincente, mas que a última palavra seria dos pais dele. Eles é que decidiriam levantar a punição ou não, já que em última instância são a autoridade da casa. Ele concordou, quase sorrindo. Dei a ele uns lenços de papel, para que enxugasse o rosto e seus olhos.



Quinta-feira, 19 de fevereiro de 2009

Planetário perpétuo

São onze da noite e as luzes da casa ainda estão acesas. Eu, pelo menos, não pretendo ir dormir tão cedo hoje. Andrés está oficialmente pedindo desculpas ao irmão mais velho. Estranho como longe de parecer um momento de reconciliação, o momento é tenso, parece revestido de um peso morto que não o deixa caminhar. Como se Andrés estivesse executando um ritual necessário para obter de volta algo que lhe era muito caro: correr amplidões atrás dos animais pretos enormes a um só tempo presos e soltos num pasto quase infinito.

Ele me deixa dividida entre alguém que tem uma clara obsessão e alguém que vê nos touros um projeto de vida. Parece normal e corrente que ele se ponha de joelhos diante de alguém que mal conhece para implorar por uma intercessão junto a seus pais? Não foram necessários mais de dois dias para colocar o pequeno valentão de joelhos. Literalmente. Isso é um indicativo claro do quão devastadores os efeitos da punição foram para Andrés nesse espaço de tempo tão curto talvez?

Saio para o alpendre para a noite de planetário perpétuo de Taurinos. O Carnaval que começa a ferver em todo o Brasil neste exato momento não dá as caras por aqui. Não que a família não esteja na sala,

apreciando as notícias do Carnaval na TV. Mas no alpendre, tudo é silêncio, o som da TV e das conversas não chega até aqui. Tudo é a imensidão ondulada e quieta, o som dos curiangos quebrando o silêncio, grilos e a eterna orquestra percussiva de sapos, as paisagens agrestes do cerrado, as elevações, os congônhas, os bosques retorcidos de candeias que dão o tom à vegetação. No céu, a Via-Láctea em toda a sua extensão. As Três Marias, formando o cinturão de Órion. A constelação do Caçador Celeste que vai se revelando aos olhos a partir de seu cinturão. A atitude de quem dispara uma flecha, a cabeça minúscula simbolizada por uma única estrela.

"A senhora sabe esses desenhos do céu? As constelações?"

Me assustei. Voltei os olhos para o alpendre iluminado, o que levou as estrelas a ir dar uma volta. Andrés sentou-se na cadeira ao lado. Desta vez nem afastou a cadeira nem a colocou mais perto.

"Conheço aquela", eu disse, apontando para Órion.

"As Três Marias?"

"Na verdade, elas não são uma constelação em si, mas parte de uma."

"É mesmo? Que constelação?", ele parecia interessado.

"Órion, o Caçador Celeste."

Mostrei a ele as estrelas em redor que formavam a constelação, a posição do caçador atirando a flecha e ele assobiou, admirado.

"Ô, burro! Eu só conseguia distinguir o Cruzeiro do Sul e as Três Marias do resto", ele disse enquanto olhava o Caçador Celeste, *"agora este Órion que você ensinou é legal pra **raí**"*, o mineirinho cortava os finais das palavras (a palavra seria raio) como muitos habitantes da região, *"se não me dissesse, eu nunca que tinha visto esses detalhes."*

Ele estava sendo tão flexível e simpático comigo. Que gentileza. Gorri e disse que as pessoas deveriam compartilhar o conhecimento tanto quando pudessem, sem importar a que hora do dia. Ele parecia ter suas dúvidas sobre isso, porque não ficou muito entusiasmado com a idéia.

"Nem tudo se deve compartilhar", ele disse, sério.

Sexta-feira, 20 de fevereiro de 2009

A de Andrés

Fiz para conversar com o casal. Os meninos ainda não tinham acordado, o que proporcionava uma boa chance de por a conversa em dia. A primeira coisa que perguntei foi sobre os touros de Andrés. E eram mesmo dele.

"Sim, são dele", me disse Duílio, "os touros pertencem ao Andrés e as vacas ao Adriano."

Aparecida sorriu, como se previsse que a informação iria soar engraçada de alguma maneira. E soou. Eu nunca tinha ouvido nada parecido em minha vida. Mas também, o quanto sei sobre a vida no campo?

"Deve lhe parecer bem estranho", ela me disse, "mas quando verificamos que havia um número parecido de machos e fêmeas resolvemos fazer assim a divisão. Tem mais vacas do que touros, talvez umas dez a mais, mas o Andrés quis os touros mesmo assim. Em quantidade, Adriano possui mais gado que ele, mas ele parece não se importar com isso. Ele gosta mesmo é dos touros, não importa muito o número."

Comentei que não tinha ido aos currais desde que cheguei. Duílio disse que Andrés poderia me levar, sempre que eu quisesse ir.

"Nenhum de vocês têm gado então, só os meninos?"

"Duílio anda mais preocupado com os cafezais daqui já tem uns vinte anos. Eu mesma não me envolvo muito nas questões agrárias...", respondeu Aparecida, "os meninos gostam de lidar com o gado, então é deles. Afinal de contas, é herança deixada pelo meu sogro."

Adriano e Andrés desceram para o café com diferença de minutos, nessa ordem. Por solicitação especial, os dois se deram bom-dia.

"Ah, a senhora quer ver a lida com os touros...", ele disse como um balão que se esvazia. Como um disco de vinil que perde a força de rotação.

"E não quer me levar, eu posso ir sozinha", eu tinha notado bem a falta de vontade dele.

"Nada disso, eu selo um cavalo pra senhora", ele pareceu mais animado quando eu disse que iria de qualquer modo. Mas respondi que não sabia andar a cavalo. Ele disse que tinha um bom, bem manso para mim e eu recusei. Disse que iria a pé.

"Ô burro! Mas D. Stella, é longe onde ficam os currais", lembrou Adriano, "se quiser ver as minhas vaquim, fica mais pertim..."

Eu ri. Ele às vezes carregava no montanhês de propósito para me fazer rir. Andrés bem que tentou não rir, mas não conseguiu. Disse que se eu quisesse ir a pé poderia, mas iria demorar para chegar. Fiquei meditando em como tudo é tão pertinho para os mineiros que agora me dizem que eu vou gastar muita sola de sapato para chegar lá. Se mineiros te dizem que algo é longe, esteja preparado para acabar em Xangai.

Decidi ir ver as "vaquim" de Adriano e depois os "tourim" de Andrés. Os currais de Adriano ficavam a um quilômetro da casa. Fomos a pé. Ele me mostrou os locais onde acontecia a ordenha.

"Não, é feita na mão", respondeu ele, quando perguntei se mecanizava a ordenha.

"Quem tira o leite?"

Ele franziu a testa.

"Como quem? Eu tiro."

Eu disse a ele que a quantidade de vacas e bezerros ali era grande e mesmo que nem todas as vacas tivessem de ser ordenhadas era um trabalho insano para alguém de quinze anos.

"Quando a gente quer sempre se dá um jeito", ele disse timidamente.

Ele acrescentou que seguia escalas de ordenha naturais e jamais usava hormônios de crescimento nos animais para evitar que os úberes das vacas se tornassem doloridos e pesados, chegando mesmo a arrastar no chão, o que causa infecções e abuso em tratamento com antibióticos. Essas escalas naturais, segundo ele, privilegiam os bezerros que são os verdadeiros donos do leite e tomam muito menos tempo e trabalho do que imaginaria ao ver o menino sozinho diante de um exército de vacas.

"Por esses tempos não vou ordenhar, senão mostrava", ele disse, *"mas se ainda estiver aqui a senhora vai ver."*

Ficamos conversando até que ele me lembrou que se eu iria aos currais de Andrés eu tinha de começar logo a caminhada. Me despedi dele e fui pela estradinha de terra de dentro da fazenda, observando a paisagem do cerrado, o céu encoberto, a ausência de sol que suavizava a caminhada de...

Dez quilômetros.

Exatamente. Eu disse dez quilômetros. Agora eu via os currais na distância. E essa distância de que falo

eram mais dois quilômetros de caminhada. Me sentei na cerca ao chegar, pesada de cansaço infinito. Nem acreditei que estava ali. Outra coisa fantástica era pensar como uma extensão tão imensa de terra podia pertencer a somente quatro pessoas.

"Fez boa viagem?", Andrés riu ao chegar perto de mim, divertido ao me ver completamente arrasada pelo caminho.

"Esta terra toda é de vocês?"

"Éim, senão como eu poderia ter meus currais aqui?"

"Não é muita terra para apenas quatro pessoas? Vocês dão conta de tudo isso?"

"Dermas da conta", e nós rimos do montanhês.

Passei o resto da tarde vendo Andrés trabalhar com o gado. Acendeu uma fogueira e quando as chamas estavam bem altas, jogou ali um pedaço de ferro. Pediu que eu jogasse lenha quando a fogueira ficasse menor e eu fiquei ali, pondo lenha de tempos em tempos, observando enquanto ele corria atrás de certos touros e os trazia a laço com enorme facilidade. Foi colocando os animais enormes dentro de um cercado minúsculo, até que tinha seis deles confinados em um espaço que não permitia muita liberdade de

movimento para os animais. O último que trouxe deixou amarrado à cerca, com bem pouca corda.

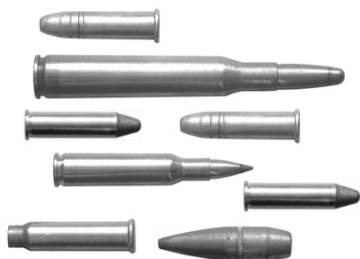
Ele então pulou de volta para o lado onde eu estava alimentando a fogueira. Disse que não era mais necessário alimentar o fogo. Pegou o ferro e só então notei na ponta em brasa uma letra "A". Pulou de novo para o cercado minúsculo e passou a marcar os seis touros nas patas traseiras. Quando o ferro tocou a pele do animal o cheiro forte e enjoativo da carne queimada subiu acre nas narinas, como se lâminas de tesoura fossem enfiadas em meu nariz. O touro começou a berrar de dor, movendo-se alucinadamente para escapar, enquanto Andrés apenas apertava mais e mais o ferro para dentro da carne até que parecia haver um buraco em forma de "A" na pata do touro. Então ele o soltou. O touro saiu mancando, desesperado de dor, mugindo lamentosamente.

"Isso passa", Andrés deu uma risadinha, olhando para mim.

Eu me calava. Fiquei assistindo o trabalho dele. Um a um, ele foi marcando todos os seis touros, até que mais nenhum restava no cercado minúsculo. Me perguntou se eu realmente não queria voltar com ele à cavalo e eu disse que não.

"Corajosa D. Stella", ele disse, "eu admiro mesmo a sua coragem."

E, relhando o cavalo com uma força desusada, sumiu a galope pela estradinha, de volta para casa.



Sábado, 21 de fevereiro de 2009

Sobre bloggers e espadas

"Cansada ainda?", riu Andrés na mesa do café, se referindo à minha caminhada de ontem.

"Não, eu dormi muito bem esta noite", respondi.

"Aposto que sim", ele disse matreiro, "agora talvez aceite a oferta de um cavalo para andar por aí."

"Pouco provável", eu disse, "passei minha vida inteira andando a pé. O dia de ontem não mudou nada para mim."

"Ô burro!", e ele assobiou, espantado. O assunto acabou morrendo por falta de outra pessoa para alimentá-lo.

Comentários sobre o Carnaval em Taurinos.

Aparecida e Duílio perguntaram se eu gostaria de ver o Carnaval na cidade. Eu disse que não. Os pais e os filhos ficaram se entreolhando.

"A senhora vai ficar aqui sozinha na fazenda?", inquiriu Adriano.

"E nenhum de vocês vai ficar, suponho que sim."

"Não gostaríamos que a senhora ficasse aqui sozinha", argumentou Duílio, confuso.

Eu disse a ele que se o problema era esse, eu poderia dar uma volta por aí, talvez ir novamente até os currais de Andrés.

"A senhora só pode estar brincando", afirmou Andrés, sorrindo.

"Não estou brincando não."

Andrés olhou para os pais, como se perguntasse mudamente se deveria acreditar ou não naquilo. Adriano me observava espantado. Duílio e Aparecida pareceram incomodados com o rumo da conversa. Duílio disse que o problema não era de nenhum modo falta de confiança em sua hóspede, mas que eles não queriam que eu morresse de tédio por aqui. Eu disse que tédio não era coisa que me atingisse.

"E a senhora quiser, pode ficar, não há problema algum. Só acho chato ficar na casa vazia, não sei que horas nós vamos voltar..."

"Ah, eu vou ficar mesmo é na Internet. Pretendo atualizar o meu blog. Tenho bastante anotações para passar para ele."

Andrés se interessou pelo blog e me pediu o endereço. Eu disse a ele que o blog era privativo e que mesmo

que eu desse a ele o endereço, ele de nada serviria. Novos olhares em volta. Eu fingia estar distraída com a xícara enquanto o canto dos olhos me mostrava o estranhamento geral em torno. Achei graça, mas também achei melhor não rir.

"Tudo jóia então", Andrés desistiu, meio entre o sem-graça e o desapontado, "só fiquei curioso pra ver, só isso, não queria me intrometer."

"Sem problemas."

"Quer dizer que vai me deixar ver o blog?", tornou Andrés.

"Não."

"Andrés, não seja insistente e chato", interveio a mãe, "se ela não deixou público, não é para você ver e assunto encerrado."

Andrés finalmente percebeu que não lhe sobravam alternativas a não ser se calar. Duílio pediu licença e se levantou da mesa. Os meninos fizeram o mesmo. Eu e Aparecida ficamos conversando até a hora de todos deles saírem. Ela perguntou o que eu anotava em meu blog. Eu disse que anotações de meus clientes, daí o blog ser privativo. Ela mudou de assunto e me perguntou o que eu achei do trabalho

dele com os touros.

"Não sei. Nada especial. Ele ficou marcando os touros ontem. Ele sempre faz isso?"

"Sim, e ele marcou a maioria das vacas de Adriano também."

"Eozinho?"

"Sim, só ele e mais ninguém. As outras vacas foram marcadas pelo Adriano porque ele escondeu o ferro de marcar, queria aprender como fazer. Se dependesse de Andrés, ele marcaria todas."

"E sendo que a inicial é a mesma, diferenciam pelo sexo?"

"Exatamente."

Duílio e os meninos passaram pela sala, já de saída para a cidade. Aparecida ainda me perguntou mais uma vez se eu não tinha mudado de idéia quanto a ir à cidade e eu disse que não. A família se despediu e se foi.

Fiquei um tempão no alpendre, pensando no que fazer. A idéia de visitar o habitat natural do meu cliente ficou batendo em minha cabeça. Fui ao quarto

dele. A porta estava encostada. Estaria trancada? Não. Entrei movendo o mínimo possível a porta. A luz do dia banhava o quarto enorme. A cama, a escrivaninha com o computador, CDs e DVDs de instalação jogados aqui e ali displicentemente, como um bom quarto de menino. Eu andava pisando em ovos para não deixar pegadas nem rastros fáceis de seguir.

Estava olhando sobre a escrivaninha todo o tempo e nem me toquei em levantar os olhos para as paredes do quarto. Uma foto de Andrés, sentado sobre um touro, grande como um poster sobre a cama. De cada lado, ladeando a foto, uma espada de toureiro pronta para usar. Olhei em volta. As bainhas dormiam tranquilas sobre a cômoda. Com todo cuidado do mundo, observando a posição exata do objeto sobre a parede, tirei uma delas de lá e examinei a lâmina. Limpa, perfeita, refletindo a luz do dia com uma pureza de ofender as vistas.

Com o mesmo cuidado, recoloquei a espada na posição fixa na parede. Contornei a cama e fui ao outro lado. Retirei a outra com o mesmo cuidado. A mesma lâmina, limpa, perfeita, refletindo a luz do dia. Um detalhe me chamou a atenção no fio: um tom de vermelho morto, seco há muito tempo. Fui até a janela confirmar. Lá estava ele, correndo sobre uma pequena parte do fio. Lembrei que não tinha investigado a borda da lâmina da outra. A cor estava

lá, tão morta quanto ou mais. Mas estava, bem à luz do dia, detalhe quase imperceptível que a luz revela com mais clareza.

Recoloquei as espadas no lugar com máxima cautela. Quando me preparava para deixar o quarto, um som de motor e de buzina lá fora. Me abaixei, evitando a janela aberta e segui agachada para a porta e o corredor. Encostei a porta como eu a tinha encontrado e desci o mais rápido que podia.

Não, não é a família de volta. É um carro com um homem e dois meninos. Um dos meninos salta e vem ter comigo. Ele é grande, bem grande, mas parece bem jovem. Pergunta sobre Andrés.

"É um menino fortinho que usa óculos, a senhora conhece, não?", ele perguntou.

"Fortinho assim como você?"

O menino ficou meio sem-graça. Respondi que ele tinha ido à cidade com a família. Ele me pediu que dissesse a Andrés que o Diogo tinha vindo procurar por ele. Agradeceu, entrou no carro e partiu.

Fiquei enfiada no quarto, no computador, atualizando o blog. Fico sabendo que o ilustre artista das colagens Gesper está indo para as cabeças. Recentemente,

ilustrou a capa do novo disco de Bomb The Bass, *Future Chaos*, o que se tornou assunto de um post mandado por ele para a Blogspot tem um tempinho. Mando aqui um abraço pro concidadão Esper (caso ele venha a ler este livro) e agitação cultural sempre.

À tardinha, lá por umas cinco e meia, o som do carro de Duílio retornando à fazenda. A ausência deles me deu tempo de relaxar, escrever o quanto quis, atualizar a Rádio Universal, que fazia uns dias não tocava.

Leves batidas na porta do quarto. Digo que a porta está aberta, Aparecida vem chamar para um café. Um café da tarde. Os meninos conversam sobre o que viram nas ruas, os eternos homens vestidos de mulher no Carnaval, movidos a generosas doses de pinga para segurar a onda do ridículo coletivo, os bailes em minúsculas agremiações na cidade, o povo nas ruas curioso, mais do que querendo brincar o Carnaval.

"Atualizou seu blog, D. Stella?", perguntou Andrés, sorrindo.

"Menino, não seja chato, já falei", interveio Aparecida.

"Pode deixar", eu relativizei, "atualizei sim, Andrés."

"Sobre o que escreveu hoje?", tornou ele.

"Sobre um amigo meu de Santos, chamado Esper, que trabalha com artes plásticas... colagens."

"Legais as colagens dele?", quis saber Adriano.

"Posso te mostrar depois do café", eu disse tranquilamente.

"A senhora não disse que seu blog é particular?", interferiu Andrés.

"O blog *dele* no Blogger é público."

Após o café e todas aquelas delícias mineiras, mostrei a eles os trabalhos de Esper de um post que chamou de Trabalhos Novos Inacabados. Eles gostaram, especialmente das cores. Andrés achou "irado" um com uma caveira. Adriano preferiu um com predominância total de vermelho, que retratava um homem e um revólver como a ponta de uma espingarda desproporcionalmente pequena. Nos gostos dos dois, a tendência para elementos ou símbolos violentos, o que me pareceu interessante, mas se dissolve demais na cultura de violência geral para ter qualquer relevância prática.



Domingo, 22 de fevereiro de 2009

Limite de município

Eu disse a Andrés que um certo Diogo tinha vindo à procura dele ontem. Ele agiu como se soubesse o porquê da visita. Me disse que tinha conversado com Diogo na cidade e que ele afirmou que tinha passado por aqui e falado comigo.

"E ele é seu amigo de escola?"

"Sim, só tem uma escola em Taurinos."

Andrés tirou os óculos e ia limpá-los com a camisa. Tirei um lenço de papel da bolsa e dei a ele. Ele agradeceu com um sorrisinho minúsculo e ficou por um tempo distraído, limpando as lentes.

"Para que usa óculos?", perguntei a ele.

"Eu sou míope."

"Quantos graus?", essa pergunta é tão comum para os míopes quanto um aperto de mão para o resto da população. Trocamos informações sobre nossos graus e chegamos à conclusão de que enxergávamos pouco. *"Temos a visão curtinha"*, eu disse de míope para míope.

Ele riu. Trocamos óculos e ele ficou bizarro com os

meus na cara. Ele deve ter achado o mesmo, já que não parava de rir. Realmente, era algo em torno de cinco, menos que o meu. Ele ficou assombrado com a diferença.

Nesses momentos como um menino "normal" (seja lá o que isso for) ele parece mais um ursinho ou qualquer coisa cândida que o valha (o excesso de peso e a compleição grande dele ajudam um pouco na comparação com um ursinho). Mas há algo nesse cliente que me perturba profundamente. Não sei dizer o que é. Mesmo sem considerar a questão da agressividade e da violência, ainda assim ele me perturba profundamente. Detesto quando me pego pensando nesse algo mais. Mas é um sentimento que infelizmente me ocorre com frequência.

À tarde, conversando novamente com Andrés. Ele me conta sobre o avô — que parece ser seu assunto favorito depois dos touros — e de como ele reunia os amigos em torno de uma idéia comum.

"Que idéia?"

Andrés explicou que a cidade fora fundada pelos touros. Interpretei a fala como alguma coisa simbólica e fiz o menino notar isso. Ele respondeu que não era simbólico. Perguntei como diabos podia não ser

simbólico? Ele me contou que a fundação da cidade em torno dos touros em tempos remotos — remotos aqui entenda-se o século 18 — não era tão remota assim. O avô Andrés tinha encontrado na Biblioteca Nacional um livro que tratava dos tempos mesolíticos da região. A primeira fundação de uma povoação ali, segundo o avô Andrés, datava de 15.000 anos antes de Cristo. Estranho como a datação caberia folgada na vasta cronologia brasileira de Niède Guidón.

"Ninguém sabe de onde eles vieram. Os homens daquele tempo pintaram na pedra como eles viram os touros fundando uma cidade como se fossem gente", ele prosseguiu, "e os touros atacavam todo mundo que morava por ali; os chifres abriam as pessoas no meio, as casas fraquinhas eram pisoteadas, as crianças morriam debaixo das patas dos bichos como se fossem moscas. Como todos ocupavam a mesma região, não tiveram outra escolha a não ser lutar contra os touros."

Ele parou e ficou me olhando mudamente, procurando sentir se eu estava prestando atenção verdadeira ao que ele estava me contando.

"Continua."

"Está mesmo prestando atenção ou eu estou falando para o vento?"

Aproveitei a pausa.

"Andrés, você acredita mesmo nessa história?"

Ele ficou me olhando com raiva. Disse que eu só queria mesmo ouvir para poder acusá-lo de mentiroso ou maluco. Eu argumentei que só queria uma resposta positiva ou negativa da parte dele. Que o meu ponto de vista (ou se acho ou deixo de achar a história verdadeira) não tinha a menor importância. Mas que era muito importante para mim saber se ele, Andrés Gilva Conselheiro, acreditava.

"Claro, uai! Por conta de que o meu avô ia mentir?"

Eu disse que não significava que o avô Andrés estivesse mentindo. Ele poderia estar levando uma mitologia ao pé da letra. Os touros fundando a cidade seriam símbolos e ele acreditou que isso realmente aconteceu, porque a história foi contada assim.

"Um mito é uma forma de fantasia para contar coisas que realmente aconteceram... Mas não do jeito como está contado. É como poesia, onde você cria imagens impossíveis para explicar coisas que acontecem de verdade."

Ele ficou com raiva e insistiu em que não se tratava

de mito. Que as coisas tinham se passado exatamente assim. E eu tinha alguma dúvida quanto a ele acreditar na história, elas tinham se dissipado numa nuvem fina de poeira. Era ele o fiel depositário da saga. Pedi a Andrés para continuar. Ele ainda estava com muita raiva e me disse que se eu pusesse uma pitada de dúvida (que fosse) a mais na história, jamais tocaria no assunto comigo outra vez. Prometi ouvir sem colocar dúvidas.

"Eles tinham chegado em um ponto em que ninguém podia dizer que não tinha um ente querido morto pelos bichos. Os homens começaram então a atacar os touros em descampados muito grandes. O tempo passou e eles criaram suas próprias cerimônias, matando os touros da forma mais sanguinária e malvada que podiam. Quanto mais eles faziam os touros sofrer, mais eles chegavam perto do sofrimento que os touros tinham trazido para as famílias de todos eles."

"Continua", eu disse de repente ao sentir uma pausa muito longa.

"A história é essa", ele declarou depois da pausa.

"E um dia os touros foram domesticados e nunca mais ofereceram perigo", eu concluí. Ele sorriu e disse que nenhum dos touros em Taurinos era realmente

domesticado. Fiquei perplexa e pedi explicações. Ele disse que havia um tipo de energia na cidade que trazia os touros de volta ao estado primordial (aquele já descrito por ele na história da fundação de Taurinos). Que os touros nunca deixaram de ser selvagens.

"E é assim, por que a cidade nunca se livrou dos touros? E eles são realmente uma ameaça na cidade como você diz, por que a cidade vive deles até hoje?"

"Por isso mesmo que a senhora falou."

"O que eu falei?"

"Que a cidade vive deles. Tanto quanto eles vivem da cidade."

O que entendi da explicação que ele me deu a seguir foi que havia uma relação perversa da cidade com os animais. Mas que ela não ficava de pé sem eles, assim como eles não ficariam de pé sem a cidade. Que a cidade não fazia dos animais moeda de troca, porque nenhum matadouro compra animais já mortos.

"Não vendem os animais vivos? Por que abatem antes de entregar?"

"O gado morre se cruzar os limites da cidade."

Œnti vontade de rir, mas me contive. Não fui competente. Andrés disse que ele podia ver minha confusão. Disse que eu achava que ele estava mentindo ou preso a alguma superstição.

"Eu vou lhe provar o que estou dizendo", ele disse me fulminando com o olhar.

Vinte e cinco minutos depois estávamos num caminhão dirigido por um dos camaradas da fazenda, voltando dos currais de Andrés com três touros enormes. Este perguntou ao menino porque estava fazendo aquilo.

"É tão importante mostrar isso para alguém de fora que talvez nem volte aqui? Œão touros tão bonitos... E três de uma vez!"

"Eu escolhi os mais saudáveis de propósito", Andrés disse olhando para mim em vez de olhar para o seu interlocutor.

Passamos por um homem na estrada. Eu o vi parar, olhar o caminhão com os touros com os olhos esbugalhados, como se estivesse diante da cena mais bizarra que já tinha visto. Um pressentimento começou a me incomodar. Œim, eu já sabia o que viria a seguir. E coisa boa não era.

Um ou dois quilômetros depois da placa de limite de município, ouvi o som lamentoso de mugidos atrás de nós; o carro parou, o motor desligou, Andrés abriu a porta e correu para a traseira do caminhão. Comecei a ouvir os gritos dele lá atrás antes de deixar a boleia. O caminhão começou a sacudir como se o inferno inteiro estivesse dentro dele, enquanto o motorista sacudia a cabeça, com os braços cruzados. Ao chegar próxima à caçamba, não pude conter o espanto: os animais mugindo de puro horror, se sacudindo em espasmos, olhos parecendo querer saltar das órbitas, caídos, amontoados uns sobre os outros. Babando. Œucumbindo. Perecendo. Andrés olhando para mim atrás das suas lentes, rosnando algo incompreensível, perdido em algum lugar remoto entre o triunfante, o vingado e o raivoso.

"Andrés, ainda dá pra voltar atrás com eles, não quer? Por favor...", pediu o motorista, aflito, aquecendo ainda mais a fornalha de óculos e com excesso de peso ao meu lado.

"Putá que pariu! Deixa ela ver", rugiu o mineirinho, *"vai até o fim! Táí, me chama de mentiroso agora, porra! Olha pra você ver! Olha pra você ver! Œão três, só pra não duvidar de mim de novo! Nunca mais dúvida de mim, D. Stella... Nunca mais!"*

A agonia dos animais foi extrema, me proporcionando momentos de intensa paranóia e horror até o final previsível quando os touros finalmente descansaram. Me perturbou ainda mais que Andrés desse cabo de três touros saudáveis só para me convencer de algo. E me convenceu, tenho que dizer. Mais que isso, me trouxe aqueles pressentimentos e sentimentos esquisitos de sempre sobre tudo aquilo que me cercava.



Segunda-feira, 23 de fevereiro de 2009

Esperando pelo Grande Um

Eu tinha Andrés sentado no alpendre, olhando o vazio de manhã. Ele me viu sair para o alpendre e me olhou com olhos de censura. Como se eu tivesse cometido um crime.

"Três touros... E os mais saudáveis que tinha... Eu nunca vou esquecer isso", ele me fulminava com os olhos ao falar.

"E a culpa é minha?"

"Não gosto que me chamem de mentiroso", ele desviou o assunto, irritado.

"Além de eu nunca ter te chamado de mentiroso, você não respondeu a pergunta que eu acabo de fazer. Perguntei se é culpa minha você ter morto aqueles bichos."

Ele olhou para os tênis, em silêncio total.

"A culpa é minha? Foi decisão minha fazer tudo aquilo?"

"Não", ele continuava olhando para os tênis.

"Então para de jogar em mim a responsabilidade pelas

tuas decisões. Fez, está feito, acabou. Esses não voltam mais."

Eu ainda estou, como ele, no choque de tudo o que aconteceu ontem. A história do município, o bizarro evento dos touros morrendo de sabe Mitra o que na caçamba do caminhão. Mortos ao chegar. Mas meu choque com a situação é o de descobrir o poder que uma cidade tem. Descobrir uma energia emanando da cidade. Isso não dava qualquer margem à dúvidas. Eu vi acontecer. Vi Andrés escolher os touros, não havia possibilidade dele ter injetado alguma substância nos animais para que eles morressem. Vi o todo do processo de captura. Mesmo que houvesse uma substância, como ele poderia calcular tão bem o tempo de ação dela até chegar aos limites da cidade? Isso iria requerer dele conhecimentos de farmacodinâmica que ele obviamente não tinha. Estou cada vez mais confusa.

"Eu acredito em você."

"Agora você acredita, não é? Teve que ver os bichos naquele sofrimento filho da puta para acreditar."

"Eu acredito que você o torna real."

"Eu sabia que a senhora ia me chamar de mentiroso outra vez, porra!", ele começou a bater o pé no chão,

furioso.

"Esquece esse negócio de mentiroso. Não estou falando de mentiras nem verdades."

"Do que é que está falando então???"

"Meus clientes muitas vezes chegavam de psiquiatras, bem ruins, porque o tratamento tradicional inclui drogas bem pesadas como o haloperidol. Ele tira os sintomas de loucura, mas deixa a pessoa como se fosse um zumbi..."

"Ah, o meu caso é para um psiquiatra, é isso?"

"Calá a boca e escuta. Jamais encaminhei ninguém para um psiquiatra. Por um motivo simples: sempre vi o mundo real que essas pessoas criavam. Não é um mundo de fantasia, é real porque essas pessoas o tornam real. E assim, é tão real quanto qualquer outra realidade que se possa viver. Eu digo mesmo que cada pessoa é um universo e o que a pessoa vê como real é real mesmo dentro desse universo. Não existe loucura em si. O que existe é um universo paralelo. Tantos quanto há pessoas no mundo."

"Mesmo assim, o que a senhora quer dizer é que eu criei tudo isso. Continua sendo uma invenção minha, não é isso?", ele continuava perturbadíssimo com o fato de que eu o considerava um mentiroso.

"Não. Ontem você demonstrou que existe algo físico. E é você que está criando esse algo físico, não sei se quero conhecer você por dentro."

Andrés pareceu mais calmo ao ouvir isso. Ele me disse que eu deveria ter visto algo na cidade. Que eu poderia não querer abrir isso para ele, mas que provavelmente tinha visto algo. Tive de concordar totalmente com ele nesse ponto.

"Então, se isso é possível, não pode a história de Taurinos ser possível também?", ele insistiu.

Eu disse que sim. Mas que independentemente, eu acreditava nele. Sim, há algo na cidade que realmente não tem explicação. E touros fundaram a povoação nos moldes humanos é completamente outra história. Era só que eu precisava partir do ponto de vista dele, independentemente de eu acreditar ou não. Minha crença (se é que ela existia) era o que menos importava em toda essa história.

"Como vocês controlam a população bovina de Taurinos, se os animais nunca são vendidos ou deixam a cidade?"

"A gente mata, uai."

"E consomem a carne aqui mesmo."

"Isso."

Ele voltou a olhar o vazio, numa pausa aparentemente sem fim. Eu pensava no que dizer a seguir. Não conseguia encontrar uma continuação para a conversa, mesmo com tanta coisa que se poderia perguntar. Milagrosamente, ele retomou a história.

"Estamos esperando pelo Grande Um", ele disse de repente.

"Como os californianos?"

"Como é???", e ele franziu a testa.

Ri e disse que os californianos esperavam pelo Grande Um também. No caso deles, um terremoto que separaria a Califórnia do resto dos Estados Unidos.

"Essa força que matou os touros ontem. Que mata todos os que saem da cidade. Que traz os bichos de volta ao estado selvagem. A mesma que fez os touros fundar a cidade. Esse é o Grande Um."

"E o que vão fazer quando o Grande Um chegar?"

Andrés explicou que o Grande Um virá de um touro nascido na cidade. Ele, Andrés, terá de sair fazenda

"Meio complicado para você, não? Por que é que tem de ser você?"

"Porque eles sabem que eu vejo as coisas que eles não podem ver. Como você pode ver justamente como eu."

"E se você vir o Grande Um, vai saber que é ele."

"Sim. Na verdade, dá pra sentir que ele está chegando. Não deve demorar muito agora."

"Como você sabe?"

"O ar da cidade fica diferente. Sei lá, a gente sente isso dentro. Eu pelo menos sinto. E outros amigos aqui também. Mas eles sentem bem pouco comparados comigo. Eu sinto cada mudança, muito antes de acontecer. Por isso o Diogo veio falar comigo. Eles tem vários bezerros novos nascendo agora depois do Carnaval. Eu disse a ele que o meu pressentimento está cada vez mais forte e ele quer que eu vá ver os bezerros assim que nascerem."

"Para saber se um deles não é o tal Grande Um", atalhei eu.

"Sim, se for, eu vou conseguir identificar."

"O que vão fazer quando conseguir identificar o bicho?"

Ele olhou para mim, sorrindo.

"Destruir a semente. Ela está lá, esperando para ser destruída."

"Como fazem para destruir?"

Ele olhou para mim uma vez mais, sorrindo.

Terça-feira, 24 de fevereiro de 2009

Obscuridade

Diogo e o irmão, Gustavo, vieram para o café da manhã na fazenda Taurinos em plena terça-feira de Carnaval. Diogo está preocupado com bezerros que acabam de nascer. Ele disse que vieram antes do previsto, não muito, mas antes do que se tinha previsto, dois ou três dias, o que era perfeitamente normal.

"Eu estou de castigo, não posso ir hoje. Só amanhã."

Diogo e Gustavo pareceram alterados de repente.

"Mas e se ele estiver lá no meio dos outros? O que é que a gente faz?"

"Calma, Diogo; mesmo que seja ele, não vai derrubar a tua casa hoje", Adriano procurava acalmar os irmãos.

"E o que essa senhora está fazendo na conversa com a gente? Ela sabe?"

Meus olhos encontraram os de Duílio a meio caminho de Diogo. Ele ia dizer alguma coisa, mas esperou para ver.

"Ela sabe, e além disso ela não vai ficar sem tomar café da manhã só porque nasceram bezerros na tua

fazenda", riu Andrés, despejando café e leite em sua caneca.

"E Diogo, por favor respeite nossas visitas. Isso não é maneira de perguntar as coisas", advertiu Aparecida.

"Me desculpe, "sá" Aparecida. Eu estou meio nervoso esses dias..."

"Ora, eu entendo perfeitamente", eu sorri para ele diplomaticamente.

Aqui eu tiro um tempo para tomar pé da situação. A reunião parece mesmo oficial. Existe mesmo uma prática como a que Andrés mencionou, os adultos sabem de tudo isso e parecem aprovar. Mito ou não, todos ali parecem não ter a menor sombra de dúvida sobre a existência do Grande Um.

"Mais do que sabe", acrescentou Andrés, *"ela pode mesmo encontrar o Grande Um porque ela pode ver o que eu posso ver."*

"Pode?", os irmãos me olharam maravilhados.

"Andrés, não vá incluindo pessoas na caçada sem antes pedir permissão a elas", determinou o pai, com uma expressão insatisfeita.

"A senhora vai ajudar, não vai?", pediu Diogo no mesmo instante, mas Duílio tinha calado a boca.

"Vou tentar", eu disse meio a contragosto. Mas que outra maneira eu teria de estar no centro dessa história e descobrir o que ainda estava por descobrir?

"A senhora não precisa fazer isso se não quiser, D. Etella", apressou-se Duílio, seguido de perto pela esposa.

"Mas eu quero. Quero ver de que se trata. É um bom modo de começar a pesquisar. Esta história está começando a me fascinar."

Aparecida e Duílio trocaram olhares, aparentemente em grandes dificuldades tentando achar algo a dizer que me fizesse mudar de idéia. Eu tinha tomado minha decisão. Iria tentar ajudar os meninos a encontrar o Grande Um, o que quer que ele fosse.

Duílio e Aparecida me cercaram nervosamente quando os meninos saíram para o pátio externo. Me perguntaram se eu tinha consciência do que estava acontecendo. Eu disse a eles que estava andando às cegas desde que cheguei. Que se eles ajudassem, contando **tudo** o que sabiam, eu estaria compreendendo a situação melhor em menos tempo.

Eles se desculparam e disseram não ter idéia de como me contar a respeito.

"A gente pensava num modo de fazer com que a senhora acreditasse", justificou Duílio, *"é difícil acreditar em algo assim, nós reconhecemos. Não podemos culpar a senhora pela confusão que tem passado."*

"A história da fundação é verdadeira? Quero dizer, vocês acreditam que tudo se passou daquele jeito?"

"É tudo verdade", asseverou o casal.

Eles demoraram na mesa ainda um pouco. Pedi licença e fui para o meu quarto, refletir um pouco sobre toda essa loucura. Me pego pensando se não é um caso típico de histeria coletiva. Será que eu sei o que preciso saber sobre isso tudo? Quanto ainda há para se saber, espreitando na obscuridade de minha ignorância sobre o assunto?



Quarta-feira, 25 de fevereiro de 2009

Cordilheiras

Encontrei essa letra na Internet hoje. Fiquei me lembrando da frase de Andrés sobre destruir a semente do mal ou coisa parecida e me veio à lembrança uma música antiga, suave porém estranha por soar marcial, de letra bastante agressiva.

"Eu quero ter a sensação das cordilheiras, desabando sobre as flores inocentes e rasteiras. Eu quero ver a procissão dos suicidas, caminhando para a morte pelo bem de nossas vidas. Eu quero crer nas soluções do evangelhos, obrigando os nossos moços ao poder dos nossos velhos. Eu quero ler o coração dos comandantes, condenando os seus soldados pela orgia dos farsantes. Eu quero apenas ser cruel naturalmente, e descobrir onde o mal nasce e destruir sua semente. Eu quero ser da legião dos grandes mitos, transformando a juventude num exército de aflitos. Eu quero ver a ascensão de Iscariotes, e no sábado um Jesus crucificado em cada poste. Eu quero ler na sagração dos estandartes, uma frase escrita a fogo pelo punho de deus Marte."

Cordilheiras, escrita por Paulo César Pinheiro e Gueli Costa em Vida De Artista, 1978, EMI.

Observando a letra atentamente, me pareceu ter

tanta coisa em comum com esses dias que tenho vivido aqui. Tivesse ou não tivesse, sua agressividade sempre me fascinou. A elegia ao brutal, ao violento, à opressão significando no fundo das metáforas elaboradas algo completamente oposto foi algo que sempre me atraiu e sempre me atrairá nessa música fantástica.

Mostrei o poema a Andrés. Ele não gostou. Bem, mais ou menos. A ascensão de Iscariotes caiu terrivelmente mal com suas convicções cristãs. Um Jesus crucificado em cada poste pegou mais mal ainda. A únicas partes que ele gostou foram as das cordilheiras desabando e a parte que mais me interessou e que justamente foi a que me fez lembrar dele: *"Eu quero apenas ser cruel naturalmente, e descobrir onde o mal nasce e destruir sua semente."*

Comentei com ele que a frase dele sobre o Grande Um foi o que fez com que eu me lembrasse dessa letra. Ele disse que isso era um augúrio.

"Com tudo que eu estou vendo, acho que é a senhora que vai encontrar o Grande Um primeiro. Eu sinto a sua sintonia desde que a senhora chegou."

No carro de Duílio, à tarde. Seguindo para a fazenda

da família de Diogo e Gustavo. No carro, eu, o motorista, Andrés, e os dois irmãos. Eles estão realmente nervosos. Quase para romper em choro convulsivo. Andrés comenta que não dá para culpá-los pelos nervos à flor da pele. Reflito o quanto de sofrimento isso tem causado à comunidade em si. O fantasma da aparição do Grande Um cada vez que uma fazenda ganha novos bezerros, como uma espada de Dâmocles, sempre pendendo sobre as cabeças, sempre uma ameaça.

"Vai ter valido a pena quando pusermos as mãos nele", Andrés abraçou fraternalmente os dois, movimento que vi pelo retrovisor, *"a gente finalmente vai poder ser como gente normal sem esse medo no nosso futuro."*

Na fazenda, silêncio por toda parte. Nem passamos pela casa da família, fomos direto aos currais que, como na casa dos Conselheiros, ficavam muitíssimo distantes da casa sede. Duílio foi o único a ficar dentro do carro. Entramos com cuidado no celeiro. A porta se abriu e a escuridão e penumbra típica do interior de um celeiro nos envolveu. Atmosfera tranquila. A luz que filtrava de uma janela muito alta, única fonte de luz natural para o lugar.

"Parece tranquilo, não?", eu disse a Andrés.

"Vamos olhar os bichinhos", ele respondeu.

Diogo e Gustavo não se mexeram do lugar. Já era temerário demais para eles estar dentro do celeiro com a vaca e os bezerros. Eu e Andrés nos aproximamos dos bezerros com cuidado. Ele me disse que somente prestasse atenção nos bezerros machos e nada mais. Que qualquer coisa estranha que visse em um dos bezerros poderia ser o sinal. Disse que a atmosfera tranquila sugeria que tudo estava normal, mas que ela poderia muito bem ser falsa. Me peguei a pensar que manhas e artimanhas poderia ter a entidade que eles chamavam Grande Um para se disfarçar e escapar à perseguição dos homens.

"Não vejo nada diferente nesses bichos", eu declarei, *"até onde vejo, são animaizinhos inofensivos, nada mais."*

"Não há touros inofensivos em Taurinos, D. Stella", ele discordou, *"mas tem razão, não tem nada de estranho aqui."*

Os irmãos agora sorriam, salvos do inferno de Dante.

Quinta-feira, 26 de fevereiro de 2009

A vida inteira

São cinco horas da manhã. Ainda está tudo um pouco escuro, mas as vistas já se acostumam rápido a essa hora da manhã. Saio para a estrada de terra que passa em frente à fazenda Taurinos. A porteira com o nome da fazenda, a legenda para aqueles que se perdem na escuridão dos tempos e das noites daqui.

Um vulto na estrada. Um homem, dá para distinguir. Um passo trôpego de quem já caminhou demais pelas estradas da vida. Agora perto, o peso dos anos, a velhice manifesta num rosto simpático, mas pesado da vivência que ele arrasta até aqui. Ele para e me cumprimenta. Começamos a conversar. Meu montanhês é carregado e as palavras nem sempre são as mesmas que eu utilizo (e o oposto é verdade também), mas com boa vontade de ambas as partes fomos nos entendendo.

"A senhora está perdida por aqui?"

"Não, na verdade estou hospedada com os Conselheiros, na fazenda Taurinos, aqui em cima..."

Ele me olhou com a expressão ligeiramente alterada, talvez surpresa. Seria surpresa para alguém me encontrar vagando tão perto do lugar onde estou hospedada?

"A senhora conhece os irmãos que moram lá, então", ele perguntou, aparentemente interessado.

"Sim, o Adriano e o Andrés", respondi.

Ele me olhou de modo conhecedor. Ficou me fitando muito tempo desse modo. Como se ele se empenhasse numa guerra interna sobre se continuar a conversa ou seguir em frente.

"Aqueles meninos... São maus. São muito maus. Cuidado com eles."

"Adriano também?"

"Ele também. Mas o gordinho..."

Ele fez outra pausa imensa. Como aquelas de filme que parecem ter congelado o momento numa única eternidade.

"Que tem ele?"

"Ele é pior. Ele é muito, muito pior."

Eu precisava encontrar alguém de fora da fazenda. Agora me toco que esse homem é a única viva alma de fora que encontro desde que cheguei aqui. Todas

as pessoas que conheci até aqui estão de alguma maneira relacionados à fazenda. Tento fazer o homem falar.

"Você conhece bem os meninos?"

"Conheço e era amigo do avô deles."

"Então, acho que preciso conversar com o senhor."

Ele sacudiu a cabeça negativamente.

"Aqui não. Na minha casa, se quiser, às seis horas da tarde de hoje ou de qualquer dia que tiver tempo. Pergunte pelo "sêo" Danilo. A senhora é...?"

"Stella. Meu nome é Stella."

Eu disse a ele que me esperasse hoje. Que eu tinha muitas perguntas a fazer. Ele me deu instruções sobre como chegar à casa dele (distante uns 5 km dali) e desceu a estradinha sem mais. Passei o resto do dia pensando em como Adriano (do modo como eu o via) poderia ser o que "sêo" Danilo chamava de "mau".

São mais ou menos cinco e meia da tarde quando me ponho a caminho. Apreciando as paisagens ao redor, conhecendo mais a parte rural de Taurinos cada vez que saio da fazenda. Penso em quando vou conhecer o centro da cidade. Só não será hoje.

Uma casinha isolada num vale próximo. Perdida sozinha no meio do nada. Como viver num isolamento desses? Sabendo que o próximo vizinho está tão distante. À parte as vantagens de não ter ninguém fazendo barulho, há o lado da infinita solidão que se pode viver num lugar assim. Não há luz elétrica, nem comunicação com ninguém ou nada.

A casa é modesta. Uma tapera, feita em pau-a-pique. De dentro vem uma luz frágil, provavelmente um lampião de "criosene".

"São" Danilo me recebe, uma expressão estranhamente mista de surpresa, satisfação e cautela. Me indica uma cadeira e me diz que está preparando feijão e galinha caipira. Me convida a jantar com ele. Aceito, pensando em poder prolongar a visita e extrair dele o máximo que puder. Fico observando o trabalho de "sêo" Danilo no fogão de lenha, tudo ao redor iluminado pelo lampião. A tarde vai se acabando lá fora; a Estrela D'Alva se deixa observar pela janela aberta ao lado de minha cadeira. O ambiente dentro da tapera é de um certo aconchego e intimidade, talvez pela iluminação tão frágil.

"O senhor mora sozinho aqui, "sêo" Danilo?"

"Sim, há uns quarenta anos, quando comprei esse

pedaço de terra, "sá" Stella."

Ele coloca dois pratos brancos de ferro esmaltado na mesa. Diz que a casa é pobre, mas que ele faz questão de manter tudo arrumado. Olho em volta e vejo que ele não está mentindo. A casa é incomumente limpa para uma casa de um homem sozinho. "Êô" Danilo traz os talheres, as travessas com a comida e, provando o feijão, vejo que ele daria **sozinho** uma grande refeição. O homem cozinhava muito bem, sem a menor sombra de dúvida. Ele comia às vezes distraído com a luz do lampião. De repente, pediu licença, foi apagar um pouco o pavio do lampião que estava reinando. Graduuou a luz convenientemente e retornou à mesa, quebrando o silêncio.

"O que a senhora faz na fazenda Taurinos? É parente?"

"Na verdade, sou psicóloga; fui procurada em Santos, onde moro, para trabalhar com Andrés, que está tendo uns problemas de comportamento."

"Que problemas de comportamento?"; "sêo" Danilo franziu a testa.

"Muita agressividade, sabe?"

"Êô" Danilo riu. Disse que a única maneira de

resolver o problema da agressividade de Andrés era afogar o menino num rio. Eu o olhei séria e ele continuou, *"se tirar a agressividade, o que vai sobrar dele?"*

"O que quer dizer com isso, "sêo" Danilo?"

"Que dentro dele a única coisa que tem é agressividade."

Contei que o vi bater no irmão, descrevi a surra e "sêo" Danilo disse que isso não contava porque essa era a idéia de Andrés de carinho e amor fraterno. Disse que ele era capaz de mais, muito mais, mas que era raro que ele dirigisse isso contra pessoas.

"Ele dirige para os touros? Ele é bem agressivo ao marcar os touros."

"Isso é normal, marcar touros."

"E o que ele faz de anormal?"

Uma pausa. Ele se serviu de mais feijão e arroz. Lá fora, a noite era fechada, os primeiros curiangos já seguiam para a beira das estradas com seu canto curioso. Olhei pela janela enquanto comia. O céu magnífico do Sul de Minas Gerais, a Via-Láctea a perder de vista de um lado a outro. Voltei os olhos e

tinha "sêo" Danilo medindo para si mesmo o quanto me passaria de informação.

"É uma história comprida. E que compromete muito. A senhora tem certeza de que quer ouvir?"

"Eu vim mesmo para isso. Sem desfazer do seu jantar maravilhoso, foi esse o único motivo pelo qual eu vim."

Ele sorriu e agradeceu o elogio pelo jantar.

"Eu e Andrés — o avô do gordinho que mora na fazenda — andávamos muito juntos. Desde meninotes, a gente só fazia andar junto. Nadava em rio, roubava cavalos para andar e depois largava perto das fazendas, coisa de menino espoleta de interior mesmo. Ele encontrou um livro uma vez que falava dessa região milhares e milhares de anos atrás."

"Andrés me contou sobre esse livro. Onde ele está?"

"Não sei. Já se vão tantos anos... Ele gostava muito de ler e acabou que com uns dez anos teve que começar a usar óculos de tanto que lia. Eu me lembro que ele contou o livro inteirinho para mim. O livro falava de uma entidade que visitava a cidade de tempos em tempos, conhecida como o Grande Um. Essa entidade

era como se fosse uma força que existia em volta, mas não na cidade mesmo. O Grande Um inspirou os touros que existiam na região a fundar uma povoação. A senhora pode achar engraçado e sem pé nem cabeça, mas eles fundaram mesmo uma cidade, como se fossem gente."

Ele me disse que desde os tempos imemoriais se aguardava o Advento; perguntei a ele o que era o Advento e ele me disse que os antigos esperavam a chegada do Criador que iria trazer a vida eterna à cidade. Ele viria, corporificado, mas para dar a vida eterna ao povo da cidade, ele teria de abrir mão de sua própria vida. Se ele o fizesse, o faria por sua livre e espontânea vontade. E ninguém mais morreria ou ficaria doente na cidade, exceto em casos especiais. Não soube me dizer que casos especiais eram esses.

"A família Conselheiro me contou a história da fundação de Taurinos. O senhor acredita?"

"Eu acredito, sim. Mas não é questão de acreditar, é sair lá fora e ver e sentir tudo isso. Eu e Andrés sentíamos no ar aquilo que se falava no livro. Todo o tempo. O Grande Um queria entrar na cidade, mas algo impedia. Éramos nós, os meninos da cidade."

"Como faziam para impedir?"

"Posso pular a parte em que os touros atacavam as pessoas e matavam? O gordinho lhe contou isso?"

Perguntei porque ele chamava Andrés de gordinho tão frequentemente (além da motivação básica do excesso de peso da criança). Ele respondeu que chamava assim ao avô dele também por pura sacanagem. Eu disse a ele que conhecia os primórdios da história, a parte do início de tudo, quando os touros atacavam as pessoas e matavam a todos de maneira perversa e cruel.

"Nenhum touro aqui na cidade é realmente manso. O Grande Um não entra na cidade, mas manipula de fora. Ele não deixa nenhum touro sair vivo da cidade, entende?"

Contei a ele a experiência no domingo e ele se admirou do fato de que Andrés tinha matado três touros para me fazer acreditar na história. Ficou sacudindo a cabeça, sem acreditar.

"Eu disse que o menino era mau... Então, a senhora viu acontecer. Gabe bem como é. É o Grande Um que não deixa a semente dele se espalhar por aí."

Ele cruzou os talheres sobre o prato e me olhou, ainda indeciso sobre continuar a história ou não. Finalmente disse que na mesma época em que o avô Andrés

achou o livro, os problemas com os touros atacando a população tinham recomeçado. Isso sempre acontecia quando a entidade estava por perto. Era o sinal de que o Grande Um estava de volta ao limite do município para sitiar a cidade, o que ele fazia de tempos em tempos.

"Ó vive tranquilo aqui quem vive nos intervalos de tempo entre uma Lei dos Touros e outra. Segundo o livro, que chamamos de Livro das Origens a cada cinquenta e dois anos ele reaparece. Nós calculamos o tempo e vimos que estava em tempo de uma nova Lei dos Touros."

Segundo "sêo" Danilo, ele, Andrés e outros cinco meninos da cidade firmaram uma sociedade para afastar o Grande Um da cidade. Eles criaram uma arena fechada onde sete touros da cidade eram esquartejados vivos ainda.

"O número sete se repete na história não? É um número sagrado, ou coisa parecida?"

"Êo" Danilo explicou que o sete era a soma dos dois algarismos do intervalo de anos entre uma e outra vinda do Grande Um. Cinquenta e dois anos, sendo 5 mais 2, totalizava sete. Eu sorri e disse que fazia sentido.

"E os sete esquartejavam os bichos um de cada vez."

"Não, não, não. Cada um cuidava do seu."

"Gozinho??? Um touro adulto? E o senhor participou disso?"

"Quem mais a não ser nós sete?"

"Como fizeram quando seus pais descobriram?"

"Nossos pais sabiam desde o início. Nenhum adulto na tradição da cidade conseguiu executar a cerimônia sem morrer igual aos touros que a senhora disse que viu morrer na divisa da cidade no domingo. Eram as crianças que tinham de fazer."

"Desde o início era assim? As crianças?"

"Isso mesmo."

"Andrés me contou sobre a cerimônia nos começos, mas nunca me disse que eram crianças."

"Ele não queria assustar a senhora, provavelmente."

"Isso não iria me assustar nunca, acredite, já vi coisas bem piores vindo de gente da idade deles. Os pais não tinham medo de que algo ruim acontecesse aos

filhos?"

"Medo sempre se teve, mas fazer o que? Era a única chance que se tinha de expulsar daqui o Grande Um. Que outra escolha eles tinham a não ser deixar a gente fazer isso?"

"A cerimônia funcionava?"

"Funcionou. A gente viu que tinha chegado na solução dos antigos. A gente descobriu como sempre se tinha feito e colocou em prática. Isso aconteceu há pouco mais de cinquenta anos."

"Qual era o nome da Sociedade?"

"Era a Sociedade Antiga dos Taurinos. Os meninos devem estar revivendo isso agora, não?"

Eu disse a ele que Andrés tinha começado a procurar o Grande Um nas fazendas. Ele se interessou e contei que o Grande Um viria de um touro nascido por esses dias. Ele me olhava espantado, como se não conhecesse essa parte da história.

"Não imaginava que ele iria tentar entrar na cidade desse jeito, "sá" Etella. Para mim é novidade das grandes. Mas se for assim, pode ele já estar dentro da cidade. Assim que o touro crescer, vai ser o inferno."

Se for assim como diz, vai ser a primeira vez desde o começo em que o Grande Um vai conseguir entrar... Tira mais comida, "sã" Stella."

Agradei e recusei. Perguntei se ele tinha algum registro da Sociedade Antiga dos Taurinos com ele. Ele disse que só restava uma foto dos sete juntos. Demorou um tempão para achar a foto em uns cadernos antigos e amarelados, cheios de orelhas, que guardava em casa.

Fiquei segurando a foto sem acreditar. O amarelado do tempo, os arranhões na superfície e a data atrás com a bonita caligrafia dos antigos não deixou dúvidas: a foto era separada de nosso tempo por um intervalo de uns cinquenta anos. Na foto, os sete pequenos açougueiros prontos para a luta, sérios. Deu um pouco de trabalho, mas consegui reconhecer o "sêo" Danilo. Sem qualquer dificuldade, encontrei Andrés na foto, bem ao lado de "sêo" Danilo. Ali estava ele. Tão parecido o neto com o avô. Tão parecido com o...

Uma sensação de alarme correu pelo meu corpo inteiro. Andrés era parecido demais com o avô. Ele era desmesuradamente parecido. Para falar a verdade, não havia qualquer diferença entre o menino na foto e o meu cliente. O mesmo ligeiro excesso de peso, roupas e óculos diferentes com

certeza, mas parava por aí a diferença. O rosto, cada linha ou traço, a expressão, a postura, tudo.

"Parecido não é? Nem se diz que eram avô e neto", ele notou o meu espanto.

"Que idade ele tinha quando vocês tiraram essa foto?"

"Ele e eu tínhamos a mesma idade, doze anos."

"Andrés chegou a conhecer o neto?"

"Não, ele morreu sete anos antes do Adriano e do gordinho nascerem. Não me pergunte como ele morreu. Ninguém sabe dizer. Dizem que encontraram o homem em casa, olho aberto, já todo duro. Ele tinha uma saúde de ferro, até onde todo mundo sabia."

A sensação de estranheza ia crescendo dentro de mim. A cada palavra, cada novo fato. Entreguei a foto ao "sêo" Danilo, agradei seu jantar e hospitalidade, me despedi e saí para a noite campestre de Taurinos. Tomar um ar, refletir um pouco sobre tudo isso, coisa que cinco quilômetros permitiam fazer com folga. Os curiangos em seu canto noturno me distraíam e embalavam meus pensamentos.

A estranheza ao ver a foto dos meninos. Sim, claro, o

fato de um menino ser muito parecido com o avô não deveria causar espanto. Ele não teria sido o primeiro a se parecer com o avô. Por que a sensação tão forte de estranheza em torno disso? Mas por que não vi na foto uma linha do rosto do avô Andrés que não encontrasse no rosto do neto?



Sexta-feira, 27 de fevereiro de 2009

Cete

Para minha surpresa total (e muito agradável), recebi e-mail da compositora carioca (e mineira) Sueli Costa. Falei de uma composição dela chamada *Cordilheiras*, escrita em parceria com o grande poeta Paulo César Pinheiro, anteontem aqui na Rádio Universal. Enviei a ela o link para o post e tive a grata surpresa de sua visita em meu humilde weblog (segundo contado por ela mesma no e-mail resposta que me enviou).

No e-mail, ela agradece por meu e-mail que achou bacana e diz que adorou. Acrescentou que viu no meu blog o link para seu site, também o artigo sobre *Cordilheiras* e terminou com aquele grande abraço cordial e que soou jovial mesmo na frieza do texto de computador. Esse calor humano tão brasileiro que nem mesmo o poderio da máquina pode vencer.

Aqui fico muito honrada pela visita de uma compositora brasileira para lá de atuante, com trabalhos gravados por ninguém mais, ninguém menos que Alaíde Costa, Altemar Dutra, Amelinha, Ângela Rô Rô, Beth Carvalho, Carlinhos Vergueiro, Cauby Peixoto, Claudette Soares, Diana Pequeno, Dóris Monteiro, Edson Cordeiro, Elis Regina, Fafá de Belém, Fagner, Fátima Guedes, Flora Purim e Airto Moreira, Gal Costa, Hermínio Bello de Carvalho, Ivan

Lins, Jane Duboc, Joanna, Leci Brandão, Leila Pinheiro, Lucinha Lins, Maria Bethânia, Maria Creuza, Marco Nanini, Marília Medaíha, Marisa Gata Mansa, Maurício Tapajós, MPB 4 e Quarteto em Cy, Nana Caymmi, Nara Leão, Ney Matogrosso, Nora Ney, Norma Benguel, Olívia Byington, Pedro Mariano, Pepê Castro Neves, Pery Ribeiro, Quarteto em Cy, Renato Braz, Rosinha de Valença, Simone, Tito Madi, Verônica Gabino, Wanderléa, Zélia Duncan, Zizi Possi e muitos outros (afinal a página do blog tem de carregar rápido).

"A senhora sumiu ontem", disse a voz de Andrés atrás de mim.

Acionei alt + tab no teclado instintivamente, chutando a janela do blog para trás de um bloco de notas salvador. Da porta do quarto, sem fazer qualquer movimento para entrar, o menino disse que o meu receio não era necessário (nem a minha paranóia).

"Desculpe atrapalhar, eu vi a porta do quarto aberta e só parei para chamar a senhora para o café. Minha mãe que pediu para eu vir chamar."

"Que é isso, rapaz. Você está em casa."

Ele se foi como se desaparecesse no ar. Fui encontrá-lo na mesa do café, onde o assunto de início foi o meu passeio noturno de ontem. Aparecida disse que

ficaram esperando por mim para jantar mas como eu não aparecia resolveram jantar sem mim. Pedi desculpas pelo incômodo, que foram prontamente aceitas.

"Ó ficamos preocupados em saber se a senhora já tinha jantado", Duílio acrescentou.

"Não estava com muita fome ontem, na verdade."

Andrés me olhava estranha e constantemente. Adriano prestava atenção na conversa em redor sem se intrometer. Conversamos sobre a visita à fazenda de Diogo e Gustavo. Andrés me disse que há bezerros novos desta vez na fazenda de um outro amigo deles, Guilherme. Me perguntou se eu estava dentro. Eu disse que sim e ele manifestou sua satisfação com um sorriso luminoso que ocupava metade da sala de jantar sozinho (sem o menino incluído). Disse que iríamos depois do almoço. Eu pretendia fazer mais uma visita à tapera de "sêo" Danilo, mas teria de ir com Andrés, me comprometi a ajudar.

"Eu vou até o fim disso", eu prometi.

"Eu vou cobrar, hein?", os olhos dele brilhavam de satisfação.

Na empolgação, disse uma frase da qual sabia que iria

Não sabia onde me esconder. Eu não tinha onde me esconder. Vi Adriano, Aparecida e Duílio me olhando com olhos de espanto vendo a força da minha decisão. Senti nitidamente que tinha falado demais. Não posso me permitir esses escorregões. Mas não dá mais para voltar atrás. Andrés agora é um sorriso enorme de orelha a orelha.

Na fazenda que visitamos, nada de anormal mais uma vez. Começo a achar divertido o *modus operandi* dos meninos. Me pergunto como teria sido das outras vezes em que o Grande Um tentou entrar na cidade.

Guilherme e Renan eram os irmãos que conheci hoje. Diferentes de Diogo e Gustavo, não manifestaram qualquer medo durante a inspeção dos animais na fazenda deles. Ao contrário, voracidade seria a palavra mais adequada para explicar o sentimento dos dois em relação à matéria de que se tratava ali. Andrés os convidou para se reunirem na Taurinos no dia seguinte. Que todos os sete lidadores sem exceção tinham que estar no encontro. Disse a eles que não se podia esperar mais. Que a Sociedade tinha de se estabelecer de uma vez para o confronto.

"A gente tem de reunir os sete Sagrados para semana que vem", ele disse devagar, medindo bem cuidadosamente o efeito das próprias palavras em corações e mentes.

"Por mim levava os nossos dois Sagrados amanhã mesmo", respondeu Guilherme, solícito.

"Não pode ser amanhã, não?", ajuntou Renan, praticamente babando.

Os dois pareciam ferozes, além de bem simpáticos. Fizeram questão de mostrar a fazenda para mim (que a exemplo da Taurinos, é muitíssimo distante dos currais de touros), perguntaram sobre o meu trabalho.

No carro, perguntei a Andrés sobre a questão da distância entre as sedes de fazendas e os currais de touros. Ele riu e disse que eu já sabia o porque da distância. Eu tive que concordar.

"Os Sagrados são os touros, não é?"

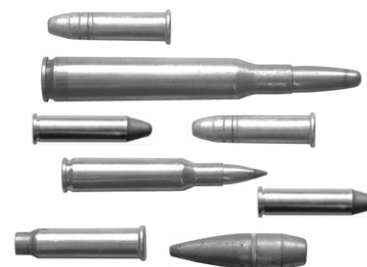
"Acertou. Eles mesmos."

"Já conseguiu reunir os sete... como você diz, líderes?"

"Sim, no pátio da escola ontem."

Decidi não ir à casa de "sêo" Danilo hoje. Eu aguardaria o resultado da reunião para ver se teria mais elementos para levar para discutir com ele. Espero

líderes que participaram com ele em seu tempo, se estivessem vivos. Ouvir o máximo de gente diretamente envolvida na Sociedade Antiga dos Taurinos, comparar os conhecimentos, as memórias, as opiniões.



Óabado, 28 de fevereiro de 2009

Sociedade Antiga dos Taurinos

Os outros três meninos perguntaram a Andrés e Adriano se eu iria participar da reunião. Guilherme e Renan intervieram em minha defesa. Disseram que eu já estava indo com Andrés tinha algum tempo na peregrinação pelos currais em busca do Grande Um. E que portanto eu já estava participando há muito tempo. Longe de me sentir defendida, eu achava que isso era mais como uma clara indicação de quanto estou envolvida nessa história.

Laptop sobre uma mesinha no alpendre e estou pronta para secretariar a reunião. Fora pedido de Andrés que tudo deveria ser registrado, a começar pelo nome completo de cada um dos membros atuais da Sociedade Antiga dos Taurinos: Adriano Silva Conselheiro, Anderson Nascimento Caldeira, Andrés Silva Conselheiro, Arthur Trindade Feletti, Bruno Linhalis Pinho, Guilherme Giacomini Teixeira e Renan Augusto Giacomini Teixeira. Digitei os nomes e fiquei em suspense aguardando o que viria a seguir.

"Registre o seu nome também por último", determinou Andrés.

Digitei meu nome abaixo do de Renan. Andrés conseguiu quatro cadeiras mais e fez com que todos sentassem. Ele parecia saber bem por onde começar.

Parecia estranhamente à vontade naquele território onde pisava pela primeira vez. Começou passando aos outros membros os informes do que tinha acontecido até ali.

"Até agora não encontramos nada de estranho nas duas fazendas que visitamos. E eu tenho prestado bem atenção aos bezerros daqui. Agora, tudo está calmo demais e a gente sabe que a coisa 'tá para vir. O bicho 'tá para pegar e vai pegar agora por esses dias. A Sociedade Antiga dos Taurinos tem que se adiantar, não dá pra deixar como está pra ver como é que fica. A gente tem que estar um passo ou mais na frente dele."

"Não tenho certeza do que tenho de fazer", disse Bruno olhando fixamente para Andrés.

"Bruno, espera eu terminar de falar e talvez eu até responda a sua pergunta enquanto estiver falando. Já já, eu libero a conversa e vocês vão poder fazer pergunta pra raio."

Bruno se calou com uma expressão conciliatória, aguardando o momento das perguntas. Andrés falou dos Óagrados pela primeira vez na reunião. Disse que aguardava um Óagrado bom de briga de cada um dos Taurinos presentes. Os Óagrados seriam armazenados já na própria arena, esperando pelo dia

da cerimônia. Ele disse que a arena comportava sete pessoas, mais os Θagrados e não muito mais que isso. Porque eles não iriam precisar de muito mais que isso.

"Na verdade a arena é um silo que eu, meu irmão e meu pai mexemos para ficar mais perto da tradição do lugar da cerimônia. Os Θagrados vão ser pintados com uma mancha colorida nas costas. As cores são as que tem nos DVDs quando estão debaixo de uma lâmpada, pra ficar mais fácil da gente lembrar. Vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. As cores deles decidem a ordem de entrada dos lidadores."

"Não seriam as cores do espectro solar?", eu estava provocativa hoje.

"OPCV, eu falei pra ninguém interromper, mas acho que eu falei em japonês ou tem gente que não estava prestando atenção."

"Desculpe", eu estava mesmo era sentindo vontade de rir.

Andrés tirou do bolso um envelope, que ficou um tempo sacudindo. Tirou uma ficha de dentro dele, guardou no bolso sem olhar e disse que todos os outros fossem passando o envelope e fazendo o mesmo. O envelope retornou vazio para suas mãos e

registrava em texto cada movimento dele, que seria útil tanto para os registros da Sociedade Antiga dos Taurinos quanto para mim mesma mais tarde.

"Agora as cores que vocês tiraram vão dar a mesma ordem que eu falei no começo. Vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta, exatamente nessa ordem. Mostrem as fichas", ele comandou.

Anotei a ordem das cores e dos donos à medida que eles iam abrindo as mãos e deixando as cores à mostra. Essa foi a ordem final do sorteio:

Vermelho: Renan Augusto Giacomini Teixeira

Laranja: Bruno Linhalis Pinho

Amarelo: Guilherme Giacomini Teixeira

Verde: Anderson Nascimento Caldeira

Azul: Adriano Silva Conselheiro

Anil: Andrés Silva Conselheiro

Violeta: Arthur Trindade Feletti

Notava-se claramente que Renan mal podia esperar. Os olhos brilhavam de contentamento ao saber que seria o primeiro. Penso no que leva uma criança da idade dele a esperar por um massacre como esse como quem espera pela própria festa de aniversário, ou por presentes de Natal. Ele começou a dançar em volta da cadeira, comemorando o resultado do sorteio. Andrés olhou para ele com os olhos bem abertos e a

cara bem fechada.

"Renan, a gente vai precisar de um pouco mais de ordem que isso para chegar no fim desta reunião. Se puder colaborar se sentando, eu agradeço. Isso é sério, não estamos numa porra de uma discoteca. Não quero ninguém de pé durante a reunião, muito menos dançando, por favor."

Renan se desculpou e voltou ao lugar (a repreensão, contudo, não foi forte o suficiente para apagar seu sorriso luminoso de felicidade, como de resto nada seria).

Andrés falava agora do procedimento dentro da arena. Todos sentados **todo o tempo**, exceto é claro quem estivesse na lida com o Θagrado. Este deveria ser desmembrado e esquartejado tanto quanto possível até que os pedaços fossem considerados pequenos demais para prosseguir.

Nesse ponto eu não consegui mais me segurar e tive um acesso de riso. Os sete Taurinos ficaram me olhando sem entender absolutamente nada. Como eu imaginava, pegou bem mal. Andrés ficou enfurecido.

"Mas que merda é essa agora? Eu disse alguma coisa engraçada? Tenho cara de comediante? Caralho, um fica dançando, a outra tem acesso de riso, é palhaçada

isso aqui?"

"Desculpe, Andrés; é que uma frase como 'o Θagrado deve ser desmembrado e esquartejado tanto quanto possível até que os pedaços sejam considerados pequenos demais para prosseguir' fica engraçada numa ata de fundação..."

"E o quico? Escreve do jeito que a senhora achar melhor! Que fique a mesma idéia, não tem problema nenhum."

Ele ainda estava bem nervoso. Daí, passou para a conversa geral e para as dúvidas dos outros Taurinos.

"Bruno, deu pra ter uma idéia do que tem pra fazer? Ficou alguma dúvida?", ele perguntou.

Bruno disse que a maior parte das dúvidas ele tinha esclarecido. Perguntou coisas como que tipo de tinta laranja ele tinha que usar. Andrés disse que qualquer, desde que durasse no couro do animal pelo menos até o início da lida. Disse que não era necessário pintar o animal, só jogar o suficiente de tinta que rendesse uma mancha bem visível no Θagrado. Os sete tinham de estar de branco, como quem fosse comemorar o Ano Novo. Genti uma vontade imensa de rir de novo, mas consegui refrear e não tumultuar a reunião uma vez mais (as palavras que ele usava nas

instruções eram estranhas e engraçadas ao mesmo tempo). Cada milímetro de informação dele era valioso, não podia me permitir perder nenhum detalhe.

"Na camisa, vocês vão jogar a mesma tinta que jogaram no Sagrado, de tal modo que quando estiverem na arena com ele as cores serão iguais para quem estiver sentado assistindo."

"A tinta não vai estragar as roupas?", perguntou Guilherme, um tanto quanto ingenuamente.

"Quando a gente tiver terminado a lida, não vai sobrar muito das roupas pra você se preocupar, Guilherme. Além disso, as roupas tem que ser queimadas depois da cerimônia."

"O pai tem uma loja de ferragens, como vocês sabem. Eu arrumo as tintas. É preciso anotar quais são as cores", prontificou-se Anderson.

"Jóia!", Andrés sorriu, satisfeito com o encaminhamento agora mais ligeiro.

"A gente pode falar durante a lida?", perguntou Arthur, curioso.

"Falar, xingar, encorajar, principalmente encorajar,

qualquer coisa. O que não se pode fazer é levantar do lugar, nem deixar de prestar atenção no que está acontecendo durante a lida. Toda a atenção é pouca no momento em que um irmão estiver na arena, na lida com o Sagrado. Mas o lidador que estiver em ação não pode falar, dizer uma palavra."

"O que a gente vai usar de instrumento na lida?", Anderson quis saber.

"Espadas de toureiro. São sete, herança do meu avô de quando ele foi da Sociedade Antiga dos Taurinos, junto com o "sêo" Danilo e os outros antigos. Vocês já vão levar as espadas daqui hoje mesmo. Elas vão nas bainhas e voltam nas bainhas. Fui claro?"

Desperto para a lembrança de "sêo" Danilo. Ele e o avô Andrés realmente parecem ter feito história por aqui. Adriano vem de dentro da casa com as espadas embainhadas e deixa uma com cada um dos cinco. E eu que achei que só havia duas, as que vi no quarto de Andrés faz uma semana.

"Quando acontece a cerimônia?", perguntou Adriano, o único que ainda não tinha dito uma palavra em toda a reunião.

"Este ano, no dia 7 de março", Andrés replicou prontamente.

"Eu entendo o dia, mas tem algo de especial no mês de março?", Renan perguntou.

"É o único mês do ano dedicado ao deus Marte, o deus da guerra. A data completa, como você percebeu, também tem que ter pelo menos um 7 no número, no mês, ou no dia (que pode ser 7, 17 ou 27) ou no ano. Meu avô e os outros antigos realizaram a cerimônia deles no mês de março também, porque tem que ser esse mês. Não há outro. Não precisaram fazer no dia 7, 17 nem 27 porque já tinha um 7 na data. O ano em que eles realizaram a cerimônia foi 1957", Andrés explicava bem didaticamente.

Um certo murmúrio de admiração se fez ouvir. A estruturação da data da cerimônia parecia ser novidade grande para eles, como diria o "sêo" Danilo. Eu anotava tudo, perguntas e respostas, admirada (para não dizer totalmente pasmada) com a segurança absoluta, a habilidade e a autoridade com que Andrés dirigia a reunião. As perguntas começavam a escassear. Andrés olhava para todos, esperando de onde viriam mais perguntas. O silêncio era geral agora. Andrés ainda esperou um pouco mais a ver se mais perguntas surgiam, mas não houve mais nenhuma. O menino deu a reunião por encerrada.

"Vocês ficam para o almoço", convidou ele. Os outros aprovaram bem uns comes depois de tanta falação. Penso em que deveria ir até "sêo" Danilo, conversar sobre a reunião e ver o que batia nas descrições dele. Em particular, enquanto os outros Taurinos conversavam, eu disse a Andrés que adoraria ficar para o almoço, mas tinha que sair. Ele levantou as sobrancelhas para mim até que não havia diferença entre os cabelos e as sobrancelhas dele.

"A sua saída fica pra depois. Agora a senhora vai ficar para o almoço com os Taurinos", ele disse num tom suave, mas firme.

"É que eu preciso mesmo sair, não tem jeito."

Andrés sorriu (parecia um sorriso nervoso, mas era um sorriso mesmo assim).

"Desculpe D. Etella, mas se sair agora, eu vou entender isso como desfeita. E desfeita das grandes. Vai almoçar aqui com a gente por vontade própria ou contra a vontade. Preferia que fosse por vontade própria, mas vai ser de qualquer jeito", o tom de voz ainda procurava ser suave, mas era nitidamente impaciente agora.

Senti que ele iria explodir comigo se eu me negasse mais uma vez que fosse a ficar. Eu disse a ele que iria

ficar e almoçar, já que ele colocava as coisas nesses termos. Ele sorriu de novo, desta vez de forma espontânea, como um sorriso sempre deveria ser e acariciou meu braço direito ligeiramente.

"Agora sim", ele murmurou, "o pai, a mãe e os outros Taurinos estão esperando, não vamos fazer eles esperarem mais."

E foi contra a vontade. Eu não disse uma palavra durante o almoço. Não que isso fizesse muita diferença na mesa. Os garotos contavam piadas, riam, falavam sobre gado, futebol, bicicletas, mountain bikes, o que quer que agitasse sua imaginação. Duílio e Aparecida procuravam, na medida de suas possibilidades e conhecimento dos assuntos correntes, corresponder à tanta animação. Tentei sinceramente me deixar contaminar pelo clima de descontração, mas foi em vão. Meu pensamento estava na reunião e em cruzar os dados com os conhecimentos de "sêo" Danilo. Ao meu lado, Aparecida comentava sobre um ou outro prato que tinha feito e fora comentar o quanto a comida era boa (o que realmente era) não consegui fazer mais qualquer comentário espontâneo que satisfizesse o curso normal de uma conversa. Ela desistiu de tentar me fazer falar e gradualmente se voltou para a conversa geral da mesa.

Andrés por vezes contava uma piada e, em meio as

risadas gerais, olhava furtivamente para mim (provavelmente para ver se eu reagia). Eu notava o interesse dele pelo canto dos olhos e não correspondia, não porque eu não quisesse, mas porque não tinha clima nenhum para isso. Ele acabou se convencendo que me teria na mesa do almoço contra a vontade e que, como ele mesmo tinha dito, teria de se contentar com o que tivesse nas mãos para o momento. Gostaria sinceramente que ele entendesse que não se pode ter tudo o que se quer no exato momento em que se quer.

Eram cinco horas da tarde quando me lembrei de que "sêo" Danilo não estaria em casa antes das seis da tarde de qualquer maneira. Os pais dos meninos começaram a passar pela fazenda para vir buscá-los. Esperei que todos tivessem ido e tomei o rumo da saída da fazenda. Não tinha dado ainda dez passos quando ouvi Andrés me chamar. Me virei, ele se aproximou.

"Por que a senhora não falou comigo sobre uma carona? Eu conseguia uma pra senhora com um dos pais..."

"Eu quero andar um pouco a pé."

"É calor andando na estrada assim, a pé. Na montanha faz calor pra raio também, as pessoas é que acham

que é só na praia."

"É verdade... Bom, eu vou indo. Até mais tarde."

"Se a senhora quiser, eu arrumo um camarada da fazenda pra levar e trazer a senhora", ele tentou mais uma vez, "é só combinar o horário e ele vai buscar e traz a senhora de volta."

"Não, mas muito obrigada assim mesmo."

"Tem certeza de que não quer mesmo?"

"Tenho certeza de que não quero mesmo."

Iniciei um diálogo zumbi com ele para ver se o interesse ia se perdendo. Quanto mais maquinal, melhor. Graças a Deus, não precisei falar além da primeira repetição textual da frase dele. Ou eu estou ficando mais zumbi ou os meus clientes estão melhorando a porcentagem de presta-atenção em suas vidas cotidianas.

Não eram ainda seis da tarde quando cheguei à casa de "sêo" Danilo. Ele estava passando café. Se desculpou por não estar fazendo janta, já que não esperava minha visita hoje. Aí, quem se desculpou fui eu.

"Não faça caso não, "sá" Etella", ele disse sorrindo, "eu queria mesmo saber o que está acontecendo. Eu lhe disse, venha qualquer dia que puder, contanto que seja depois das seis, que antes disso eu não paro em casa."

Ele me ouviu sem interromper. Parecia ansioso por saber detalhes da reunião. Disse que a questão das cores não era obrigatória, mas que era uma maneira dos meninos de interpretar a cerimônia antiga e que era tão válida quanto muitas outras. Confirmou a roupa branca, a data em que ele, o avô Andrés e os outros tinham realizado a cerimônia, no ano de 1957. Confirmou o mês de março, tudo o que foi dito. Também confirmou ter usado uma daquelas espadas. Ficou impressionado com Andrés por ter na memória tantos e tantos detalhes. Comentou que durante a minha narrativa, se sentiu o tempo todo como na reunião que teve na mesma fazenda Taurinos, no mesmo alpendre, cinquenta e dois anos atrás.

"Como pode o gordinho ter tanta memória das coisas só de ouvir contar a história? O menino é inteligente, pode acreditar, "sá" Etella. Mas..."

Ele parou, meio em dúvida sobre o que dizer. Ou como dizer.

"Mas...?", eu tentava dar corda nele.

"Não sei se a senhora entendeu o que eu quis dizer, na verdade, "sá" Otella. Mas enquanto a senhora falava, eu me sentia como se estivesse na reunião."

"Ah, entendi. Deve mesmo trazer muitas recordações..."

"A senhora não entendeu. Enquanto a senhora falava, eu sentia... Diacho, como é que eu posso explicar? Era a mesma reunião de cinquenta e dois anos atrás. As mesmas palavras, o amigo dançando em torno da cadeira pelo mesmo motivo, as mesmas perguntas, tudo. A única coisa diferente do que eu lhe falei foram as cores."

Eu comecei a rir. Perguntei a ele se havia uma mulher anotando tudo. Para meu espanto, ele disse que sim. Eu disse a ele que ele estava brincando comigo.

"Que é isso, "sá" Otella, eu vou lá brincar com uma matéria dessa? Eu tenho sonho com essa reunião até hoje!"

Ele não parecia estar mentindo. Um calafrio correu pela minha espinha. Leve, deu lugar a outro, e outro e mais, até que eu não sentia mais a espinha, só os calafrios. Não, não estava mesmo mentindo. De

alguma maneira, intui o que aconteceu hoje pela experiência que teve em seu tempo ou a reunião de hoje foi uma revivência da reunião de 1957. A descrição dele casava mais com a segunda hipótese. Ele me disse que não lembrava o nome da mulher. Que isso era a única coisa que ele não lembrava.

"Conheço bem os rapazinhos", ele disse sobre Renan e o irmão ao me ouvir comentar sobre eles, "os dois têm uma sede de sangue grande que só o mar pra acalmar. E como no caso dos Conselheiros, o mais novo é o mais agressivo. Engraçado que os dois são alegres e simpáticos todo o tempo, nem parece que tem tanta selvageria dentro daquelas porrinhas."

"Não havia dentro do senhor e de Andrés?", provoquei.

O homem sorriu, entendendo a provocação perfeitamente.

"Eu falo por mim quando digo que fazia pela cidade, pela nossa gente. Os fins justificaram os meios, isso o tempo deixou claro para nós. Acho que Andrés era assim também, mas ele agora já não pode mais dar testemunho, não é? Agora, alguns dos meninos ali, se vê que gostam muito do gosto de sangue. A cerimônia é mais um motivo para derramar um pouco mais. Para eles é bonito ver o líquido escorrer das feridas abertas. Se a senhora fosse à cerimônia, iria ver

como eles enlouquecem com o sangue esguichando."

Eu disse a ele que pretendia ir. Ele riu e disse que até poderia acontecer, mas que seria difícil.

Domingo, 1 de março de 2009

A hora dos ruminantes

Fim de tarde. O Goi começa a tomar o caminho de casa. Estou de volta à fazenda e ao meu lugar favorito da fazenda, o alpendre, depois de uma boa volta pelos arredores. Adriano estava sentado ali, olhando a paisagem das montanhas e dos cerrados em torno da fazenda Taurinos. Ele me cumprimentou. Eu retornei e ele ficou me olhando, talvez esperando mais alguma coisa, mas nada aconteceu; eu fiquei como ele, olhando a paisagem em silêncio. Eu esperei, porque por algum motivo não queria tomar a iniciativa de quebrar o silêncio. Na maioria das vezes é melhor ouvir do que falar. Quem fala demais acaba dizendo algo que não deveria dizer. Ou não poderia. E foi o rapaz quem no final tomou a iniciativa de quebrar o silêncio.

"Já começou", Adriano disse para mim, o olhar grave, preocupado.

"O que começou?"

"Ontem à noite, um touro da fazenda Pinho enlouqueceu, arreventou parte da cerca do curral e ia fazer mais quando acabou levando um tiro de carabina."

Pinho. Sobrenome do Bruno, um dos cinco que

estiveram aqui ontem. Uma sensação de alarme correu meu corpo todo, um choque sensorial de susto e apreensão.

"Como está o Bruno? Ninguém se machucou, espero...?"

"Ele está bem, mas fica nervoso com essas coisas, né? O touro chegou a derrubar o pai dele no chão. Foi o 'sêo' Pinho para um lado e a carabina pro outro. O Bruno pegou a carabina, apontou pro meio dos olhos do bicho e arrancou o tampão da cabeça dele. E não fizesse isso naquela hora, o bicho tinha pisoteado o pai dele e não ia sobrar um osso inteiro no corpo. O 'sêo' Pinho teve um corte na cabeça e ralou o braço, mas fora isso tudo bem."

"Vocês não comentaram nada disso no café, eu não sabia..."

"Ligaram da casa do Pinho quando a senhora estava fora", ele explicou.

"Nossa... Bom, menos mal já que ninguém se feriu, mas fica a preocupação, não? E os bichos começarem a enlouquecer desse jeito, não sei, vai ser complicado."

"É só o começo", ele me olhou demoradamente, "e pensar que ainda tem seis dias até a cerimônia..."

Nova pausa. Penso no que as notícias da terra significam. No que Adriano quer dizer com a sua última colocação. Que algo está agindo dentro da cidade, ou como disse o "sêo" Danilo, manipulando de fora dos limites da cidade. O Grande Um, começando a se manifestar numa promessa apocalíptica. Como na história de José Jacinto Veiga, **A Hora dos Ruminantes**, em que touros e vacas aparecem do nada em uma cidade, tumultuam tudo e desaparecem como se nunca tivessem existido. Mas aqui nada parece indicar que os touros irão seguir o mesmo rumo. E, embora pareça a maior ficção, não é. Nem mesmo J.J. Veiga explica Taurinos e suas loucuras.

"O que vocês pensam em fazer?"

"Não tem o que fazer. Gó temos que esperar pelo dia da cerimônia. Geparar esses touros para trazer para a arena. Os ataques devem parar quando a cerimônia tiver chegado ao fim."

Agora me ocorre de volta a cerimônia. E eles querem pegar os touros enlouquecidos por essa força imanente para a carnificina total. Touros sendo feitos em pedaços pequenos para o bem de nossas vidas. Fecho os olhos e tento imaginar a cerimônia. O que irá acontecer. O clima de horror que vai se instaurar dentro da arena. Eu penso que preciso estar dentro dela. E eu penso se preciso estar dentro dela.

"Eu posso ir à cerimônia?"

O silêncio dele pareceu durar uma eternidade. Como o médico que diz haver um probleminha com você e leva eras geológicas dentro de uma conversa decidindo como lhe dizer qual o probleminha que você tem.

"Eu vou votar "não" se o Conselho puser isso para votar", ele disse com simplicidade.

"Por que?"

"Porque isso é não coisa pra mulheres."

"Isso não deveria ser coisa pra ninguém. Não deveria ser coisa para crianças como vocês. Por que então não deveria ser coisa pra mulheres?"

"E qualquer coisa parecida com uma mulher estivesse na cerimônia, a gente podia sacrificar vacas junto com os touros. Mas não, é tudo masculino. É assim desde que as coisas começaram por aqui. Jesus ainda ia levar uns doze mil anos pra nascer e a cerimônia já corria desse jeito."

Houve uma pausa. Não posso culpar Adriano por ser sincero. Dizer exatamente o que pensa do meu pedido. Ele acrescentou que em última palavra, a

Sociedade formava um Conselho e decidia.

"O que o Conselho decidir, está decidido. Pra mim vai ser lei. Mas eu vou votar contra. Ajudar que a senhora não vá. Porque eu acho que a senhora não está preparada pro que vai acontecer na arena."

"Por que eu sou mulher?"

"É, uai. As mulheres sentem mais as coisas que os homens, né? Elas não são brutas como o homem. Têm mais emoções, não é isso? Depois fica tudo aquilo na cabeça, sem largar mais. É isso que a senhora quer levar daqui? Uma lembrança ruim, de crueldade, de maldade contra os animais?"

"É crueldade contra os animais? É disso que se trata?"

Ele se levantou num golpe e ficou me encarando, como um galo de briga.

"É, uai! Do que mais se trata? Se eu tenho que fazer o bicho sofrer pior que o inferno, do que é que se trata afinal? Eu vou entrar lá à meia noite com a Sociedade e vou fazer o meu melhor pelo meu Sagrado. Ele vai rezar lá na língua dele (antes de eu arrancar ela fora, claro) que ele nunca tivesse visto a luz do dia. Que ele nunca tivesse me visto na vida. Ele vai pedir pra morrer, isso vai."

"Você gosta disso, Adriano? Gosta de fazer animais sofrerem?"

"Não", ele voltou a se sentar, agora que seu corpo parecia ter liberado energia estática para dentro da terra, "mas na cerimônia esse eu que não gosta de fazer os animais sofrerem vai morrer junto com o Sagrado dentro da arena. Ele vai ficar em pedacinhos igualzinho ao bicho que eu vou lidar. Porque é assim que tem que ser. É assim que tem sido aqui há mais de quinze mil anos. No dia 7, é assim que vai ser. O Sagrado vai sofrer por tudo o que os da espécie dele fizeram e ainda vão fazer essa semana."

Ele explicou com frieza e requinte técnico que o sofrimento do animal tinha de ser prolongado o mais possível e mantido num processo calculado de atrocidade controlada (o que quer que isso queira significar) de maneira a não matar o animal rapidamente e ao mesmo tempo provocar um sofrimento sempre crescente, que só podia aumentar de intensidade, nunca diminuir. Perguntei a ele como manter essa frieza técnica e tão requintadamente calculada num momento em que se está abraçado a um objeto móvel de meia tonelada que está acuado e desesperado pelo sofrimento já provocado pelo lidador. Ele assentiu, em acordo com o que eu disse.

"É, é difícil, mas não é impossível. A gente tem que prestar muita atenção no que está fazendo. Tem que concentrar e não perder o objetivo de vista. Quando isso acontece, o resto acontece naturalmente."

Comentei com ele o quanto tudo aquilo me lembrava o mitraísmo romano, pela questão do sacrifício dos touros que representavam a Lua. Ele assentiu com a cabeça, mas ficou me olhando de modo estranho como os dois irmãos sempre me olham quando tentam digerir as minhas palavras e intenções. Nesse caso pareceu que o nome da religião foi a causa do olhar estranho. E ele pediu que eu repetisse o nome, que achou familiar.

"Sim, o mitraísmo, o sacrifício de touros nos Mithraea, santuários em honra ao deus Mitra, o deus do sol. A descrição que Andrés fez do silo que vocês alteraram é parecida com um Mithraeum... Adriano... está tudo bem com você?"

Por que fui falar? E como poderia saber como ele receberia meu simples comentário? Ele se levantou, a expressão aturdida, como se tivesse levado com um taco de bilhar na cabeça. Tonto, agarrou-se na grade do alpendre, enquanto eu o segurava para não cair. Mas ele se equilibrou e retirou o braço que eu segurava bruscamente.

"Como pode a senhora saber o nome da arena? Andrés nunca iria falar disso com uma forasteira. Isso é aqui entre os nativos de Taurinos, ninguém mais sabe disso!"

Depois, o rosto do rapazinho assumiu uma expressão de raiva. Ele começou a andar em círculos pelo alpendre como um bicho enjaulado, me encarando, o olhar feroz, acusador. E começou a me questionar com um tom agressivo, tentando me intimidar.

"Quem falou? Foi um dos moleques, não foi? Fala! Fala, porra!"

Não consegui esboçar reação. Uma voz atrás de mim interrompeu a conversa.

"O que é isso, Adriano? Tratando a nossa hóspede dessa maneira???"

Duílio vem descendo pesadamente o alpendre, vindo em nossa direção. Adriano está mudo; olhos vítreos de horror, mas agora entendo que não por medo de ser repreendido ou tomar uns pescoções do pai. Agora entendo que é muito mais que isso. Ele começa a gaguejar e repetir frases que na somatória queriam dizer que ele não tinha passado a informação sobre o nome da arena. Entendi isso no momento em que ele

se ergueu em pânico ao ouvir o nome. Duílio pareceu não entender. Ou entendeu e se fez de morto quanto ao que realmente estava causando aquele momento de stress no adolescente? Qualquer das alternativas, a bordoadada foi forte. Eu esperava que ele fosse falar alto. Que fosse até mesmo gritar. Ó não esperava aquela bordoadada. A gente se acostuma à falsa noção de que pais modernos não farão esse tipo de coisa, mas no interior isso pode ainda acontecer dependendo de quão odiosa se considera a atitude dos filhos. Eu caí sentada na cadeira, desanimada e sem poder intervir.

"Não admito que trate uma hóspede desse jeito dentro da nossa casa!"

Aparecida e Andrés vieram para o alpendre. Nosso caso se tornou público. Andrés ficou parado, encostado na parede, sacudindo ligeiramente a cabeça a intervalos longos. Aparecida acolheu o filho nervoso e o levou para dentro, mas havia mais esperando por ele lá. A mãe, sempre a mãe. Sempre a fatia de compreensão. Andrés descolou-se da parede e veio ter com o pai enfurecido.

"É melhor saber por mim, pai. Eu falei palavrão pra raio pra D. Stella ontem na reunião."

Eu ia exatamente agora falar sobre isso. O pestinha

me antecipou em alguns segundos. Uma análise lógica exigiria que eu revelasse que Andrés tinha me tratado pior durante a reunião, para que as coisas equivalessem para os dois. Por que só Adriano estava sendo punido pelo mesmo motivo? Meu único crime foi o pai ouvir a parte quente da nossa conversa. Porque o pai, o grande líder da casa, tem que mostrar a sua atitude franca em favor da manutenção da ordem no galinheiro. Duílio olhou para o filho e para mim.

"A gente vai conversar sério lá dentro. D. Stella, espere um pouco aqui fora, por favor."

Do quarto, vinha o som opaco das cintadas rasgando fundas valetas em pleno alvorecer do século XXI, a tensão característica das vozes no momento, *"eu não criei filho meu pra tratar assim as pessoas"*. E, os dois apanharam, juntos dessa vez.

Na maioria dos casos, nunca me importei com o modo como meus clientes me tratam. Mais do que não me importar, a não-intervenção ou não-reação me permite uma clara observação de por onde caminha a mente da pessoa com a qual estou trabalhando. Claro que há limites para procedimentos que podem causar lesões graves, psico ou fisicamente. Mas até lá se pode empurrar as barreiras e tentar entrever o que está além dessa cortina.

"Não quero ouvir uma voz humana nessa sala", declarou o chefe de família. E nenhuma voz foi ouvida, a não ser a dos pássaros cantantes nas árvores em torno da casa, moscas distantes e ocasionais abelhas. As abelhas e os pássaros.

Todos aqui estão tensos. Também pudera. É fácil sentir a tensão no ar, como força viva e imanente dentro da casa. A perspectiva da cerimônia chegando, um ritual do qual o futuro da cidade como um todo dependia. Quantos na cidade realmente gostariam de estar na pele de um dos lidadores? Quantos seriam capazes de assumir tamanha carga de responsabilidade? A fazenda Taurinos parece estar na liderança das coisas nesta cidade minúscula. Isto parece estar vindo de longa data. Eles são a cidade. Num lugar onde todos são aparentados ou amigos é um peso do tamanho de uma cidade para se carregar. Mas quem quer estar nessa posição tem de aceitar o peso. Trata-se de saber o quanto se quer existir, tocar em frente.

Os meninos estão um caco. Se a surra foi metade do que eu ouvi do alpendre, devem estar exauridos. Duílio parece mais velho esses dias, não parece muito melhor que seus dois filhos. Aparecida está perdida em uma névoa de confusão, como um neófito em seu primeiro dia numa religião de mistérios. Ela parece cansada da tensão crescente ao redor, e mais cansada ainda ao saber que tem uma semana de insanidade

pura e crescente pela frente até que a cerimônia esteja consumada. Sabe que nada vai passar, só vai ficar pior. E sabe que não há garantias de que a cerimônia tenha sucesso total. São sete touros, sete chances de perder a guerra.

Ficamos na sala em silêncio abatido e total. Adriano não olhava além do tampo da mesa de centro. Andrés olhava para mim de vez em quando. Parecia estar estranhamente satisfeito depois da surra que levou. Como se ele tivesse tirado um peso da consciência por ter me esculhambado grande durante a reunião da Sociedade. Outra pista para isso foi a gentileza toda em querer me arranjar carona no final da tarde.

Não me importei com a esculhambação, eu tinha sido realmente satírica, porque meu bom-humor é difícil de resistir quando estou exposta a uma situação ou conversa que acho engraçada. Ainda que ela possa não parecer engraçada para os outros. Realmente achava que ele tinha de manter um mínimo de ordem, já que o assunto era grave. Achei que tinha de fazer agora a minha parte.

"Eu gostaria de falar", eu disse de repente. Os olhares todos se voltaram para mim. O chefe da família disse que a ordem para não falar se restringia unicamente aos dois animais selvagens que estavam conosco dentro da sala (disse com essas palavras).

"Foi minha culpa que Andrés ficasse irritado durante a reunião", eu disse, relativizando o palavreado do menino.

"É, ela quase me deixou doido com...", Andrés tentou começar.

"Cala essa boca, Andrés. Você quer entrar na cinta de novo? É só avisar. Não interessa se ela te deixou doido, você tinha mil maneiras de falar com ela pra pedir que ela parasse."

Eu pedi calma ao chefe de família. Disse que quando ele falou os palavrões era a segunda vez que me pedia silêncio. Duílio voltou suas baterias contra mim por alguns momentos, *"a senhora deveria tentar entender a situação que estamos vivendo aqui"*, e eu reclamei que já tinha dito a ele uma vez que estava no escuro. As únicas peças que consegui juntar de toda a história foram juntadas por mim, não graças a nenhum dos membros da família (que deveriam ser os primeiros a me por a par de tudo o que envolve o mundo mental e emocional do menino).

"Vamos lá, Duílio, Aparecida, meninos, vamos à história. Eu cheguei a Taurinos quase um mês atrás. Vinha com a história de alguém que gostava de lidar com gado, tinha uma certa fixação pelo assunto a

ponto de negligenciar seus estudos. Pouco tempo depois, a situação evolui para isso que temos agora. É óbvio para mim..."

"A situação não evoluiu, D. Stella. É assim que tem sido...", Duílio se apressou em me interromper.

"Não interessa", eu cortei de volta ligeiro e rente, "para mim, evoluiu. Vocês podem ter quinze mil anos de história nas mãos, mas eu só tenho pouco mais de vinte dias. Para mim, Taurinos nem mesmo existia no mapa de Minas Gerais até que o telefone tocasse em minha casa e nós conversássemos pela primeira vez. Hoje, essa confusão porque eu mencionei uma religião antiga para o Adriano e o nome do santuário onde se professava essa religião e o menino estava apavorado, dizendo que não foi ele quem entregou o nome da arena, me questionando quem dos meninos poderia ter me passado essa informação. Pois eu vou dizer quem me passou a informação. Foi a vida. Ou você acha, Adriano, que as coisas que existem aqui só existem aqui? Você não acha que as mesmas coisas podem existir em outros lugares, fazer parte da história e serem conhecidas por outras pessoas? Ou será que acha que Taurinos é o único lugar do planeta? Temos bibliotecas em Santos, elas podem dizer a qualquer pessoa o que eu disse a você naquela hora e como se isso não bastasse você pode encontrar mais de 18 milhões de resultados no Google

sobre mitraísmo. Tudo isso no seu computador no seu quarto. Fui clara sobre a minha fonte de informação?"

Agora tenho Duílio e Andrés olhando para Adriano. Não me parecia um olhar feroz. Mas não tenho tempo para me entregar à medições de ferocidade ocular. Ginto que hoje é um dia para ser mais incisiva. Toda essa confusão foi começada por mim, então tem que ser resolvida por mim.

"A cabeça desse menino está uma lata de minhocas", eu disse, "ele parece prisioneiro de um segredo terrível que todo o resto da humanidade sabe, só ele pensa que se trata de um segredo. E agora isso está cobrando dele com juros. Tirem esse peso das costas dele, das minhas e de todos nós. Ou eu vou abandonar este caso para não ter mais que ficar nesse esconde-esconde."

O silêncio caiu pesado sobre a sala, seguido pela escuridão da noite que vinha caindo. Adriano me olhava mudo, olhos marejados que eu via mesmo na escuridão da boca da noite. Fui até o interruptor, metafórica e teatralmente lancei luz sobre o assunto.

"Temos de ser tão limpos e sinceros quanto esta luz esta noite", eu disse buscando realizar minha melhor performance, "tão ingênuos e verdadeiros quanto

um cabrito recém nascido e falar abertamente de nossos medos, esperanças, preocupações. Posso sentir a tensão de todos. As notícias sobre o incidente na fazenda Pinho me deixaram perplexa também. Não posso culpar vocês por se sentirem assim sabendo o pouco que sei. Mas se não tentarmos equilibrar nossos sentimentos já no primeiro evento, o que faremos quando outros eventos como esse acontecerem? Contra todo o nervosismo eu digo que temos de opor a tranquilidade. Porque com tranquilidade e uma cabeça fria temos a possibilidade de vencer a parada. Sem ela, não temos a mínima chance de sucesso. O preço da nossa desorientação vai ser cobrado. E vocês sabem o quanto ele vai ser alto. Já deu para sentir, baseado nos poucos relatos que tive de vocês até agora."

Nem uma palavra. Todos estavam me encarando, olhares perplexos, esperando o que viria a seguir. Eu me sentei ao lado dos dois irmãos. No outro sofá, Duílio e Aparecida. Esta fez menção de se levantar. Eu pedi a ela que ficasse.

"É tarde, preciso ir fazer o jantar", ela se desculpou.

"Eu te ajudo depois. Agora ninguém vai jantar enquanto não conversarmos. Hoje nós não vamos esconder nada, por mais absurdo que possa parecer. Cartas na mesa, verdade, franqueza. Eu vou

começar por quando eu cheguei. A pergunta que não quer calar: qual foi o resultado da reunião dos fazendeiros — aquela sobre o roubo de gado?"

"A decisão foi que iríamos pegar os ladrões de gado nós mesmos", disse Duílio calmamente.

"E iam entregar os ladrões à polícia..."

"Que polícia?", interrompeu Andrés, "Não há polícia em Taurinos porque..."

"Cala essa boca, Andrés. Não. O resultado da reunião foi que nós mesmos cuidaríamos de tudo", tornou o chefe de família friamente, olhando para sua esposa que começava a se sentir desconfortável.

"E nem é preciso dizer que na ausência de autoridade competente para lidar com o caso, vocês mesmos se auto-investiram com os poderes que bastassem para tarefas simples do dia a dia, como capturar, processar, julgar, condenar, sentenciar e finalmente executar sumariamente e enterrar os criminosos pegos em falta na cidade."

"A senhora acha que nós estamos errados?", questionou Andrés acenando para o pai, "não, pai; por favor, deixa ela só responder isso pra mim. A senhora acha que está errado? Vivendo nesse ermo, sabe lá o

que alguém assim pode fazer contra a gente dentro da noite?"

"Entendi. Então, vocês preventivamente fizeram o mesmo ou pior com eles. Olha, não me entendam mal. Não estou defendendo os caras não. Mas será que uma coça e expulsar os caras da cidade não ajudaria?"

"Não, não, tem que dar exemplo, que pra eles saberem como é que se trata ladrão por aqui. Já aconteceu outras vezes. Foram poucas porque a comunidade aqui é unida. Aqui não tem polícia. Se não mata, como é que faz? Outros acham que tudo bem, porque não vão presos e começam a entrar na cidade e roubar e sabe Mitra o que mais?", argumentou Adriano.

"Aí, garoto! Esse é meu irmão...", e Andrés olhou desafiadoramente para mim.

"Eu concordo com os meninos", declarou Duílio.

"E eu concordo com D. Stella", interveio Aparecida, até então muda como um peixe, "uma surra das boas bastaria. Não acredito nesses absurdos de tirar a vida das pessoas", e continuou, "gostaria de nunca ter sabido disso. Ainda mais desse modo."

Eu disse que lidassem com a situação como achassem melhor. Eu temia pela minha própria vida, agora que

sabia tanto sobre a família. Eles me disseram espontaneamente que não fariam nada comigo. Isso foi o mesmo que me ameaçar de morte. Uma ameaça velada, mas uma ameaça. Aparecida me olhou apavorada, como se dissesse, *"não, não tenho nada a ver com isso"*.

"Fico feliz em saber disso", declarei, *"agora podemos passar para outras questões."*

Aparecida estava escandalizada, agora mais pelo meu sangue-frio do que pelo comportamento dos seus entes queridos. Ela mais provavelmente imaginava de onde tiro toda esta coragem. Simples. Do medo que estou sentindo agora. Os homens da casa esperavam pelas perguntas. Perguntei a eles sobre a arena, o estopim de toda a discussão e confusão do dia.

"Quem teve a idéia de denominar a arena como Mithraeum?"

"Isso é ancestral", respondeu Duílio, *"não há um 'quem teve a idéia', D. Stella."*

"Por que então Adriano se sentiu tão ameaçado quando mencionei o nome da arena? Por que você, Andrés, bateu no seu irmão por falar demais? O que ele teria falado demais?"

"Adriano fala demais e às vezes nem precisa ser com palavras. Como na noite da reunião dos fazendeiros. Ele deixou as ferramentas no telheiro e a senhora deve ter visto, primeiro porque ele me contou que a senhora gosta de ficar ali quando não está no quarto ou no alpendre. Depois, porque eu 'vi' a senhora 'vendo' as ferramentas antes dele colocar as ferramentas ali. Eu ainda estava vindo pra cá e 'vi' acontecer ainda dentro do carro, no meio do caminho pra cá. Estou certo?"

Olha só como o passarinho canta. E nem preciso colocar bateria. Mas chegou minha vez de cantar também. Ele disse tudo de vez, talvez porque soubesse que eu teria de por minhas cartas na mesa sobre os estar espionando também. O menino sem dúvida sabe jogar. Sabe se livrar dos anéis para conservar os dedos no lugar.

"Está. Eu estava escondida atrás de uma árvore no telheiro observando vocês."

"Eu sabia, caralho!", ele rugiu, socando a palma aberta da mão esquerda com força e mordendo os lábios, nervoso, *"ainda perguntei pra esse merda se ele tinha certeza de que vocês duas estavam dormindo. 'Eu acho, eu acho', ele disse"*, ele imitava o irmão de forma caricatural, retratando a voz como a de um imbecil completo.

"Entendo todo o cuidado que envolveu a operação de vocês naquela noite, mas por que o mistério todo em torno do nome da arena?"

"Nossa religião é uma religião de mistérios", Duílio explicou, "para se saber certas coisas é preciso ser iniciado."

"Ela foi iniciada, pai", declarou Andrés timidamente, "o nome dela está na ata de fundação da Sociedade. Ela foi registrada depois do Renan, ontem na reunião."

"Você estava me iniciando, meu jovem? Sem me consultar?"

"Você iniciou uma mulher na Câmara Interna??? Você enlouqueceu, moleque?"

"Eu não sei o que me deu, foi na hora", ele estava constrangido diante do pai e do irmão (que estava presente à reunião e sabia que o meu nome tinha sido colocado na ata), "mas alguma coisa me disse que isso seria o melhor pra fazer. Um presságio, sei lá. Me desculpa..."

"Eu espero que esse presságio seja certo como os outros que você já teve. Vai ser melhor pra você", Duílio ameaçou, furioso com a quebra de protocolo do

filho.

Eu disse que (por ora) não tinha mais perguntas. Me ofereci para ajudar Aparecida na cozinha. Eram quase nove horas da noite. Aparecida disse que faria alguma coisa mais leve para comer, já que não demoraria muito para irem dormir. Minha "profecia" sobre ninguém jantar esta noite se cumpriu.



Segunda-feira, 2 de março de 2009

Misteriosas barricadas

No alpendre, quartei-general ao ar livre de todas as minhas reflexões desde que aqui cheguei naquela sexta-feira 13. Será um presságio, como sempre diz Andrés? Estou sozinha no alpendre. São sete horas da manhã. Um vento estranho varre as encostas da montanha em frente à fazenda em meio ao sol da manhã que mal começou por aqui. Tudo é silêncio dentro da casa. Hoje os Conselheiros parecem ter desligado o despertador e amordaçado os galos bem longe dali. Não posso culpar nenhum deles. Ontem, o dia foi de lascar. Para todos nós.

No entanto, me assusta a frieza com que as pessoas tratam a vida humana (seja um ladrão, seja o que for) em Taurinos e tantos outros lugares. Tudo é calculado, meticulosamente planejado e levado a cabo. Os ladrões são abortados depois de adultos. Termina ali seu ciclo de vida torta, sua permissão expirou. Duílio parece ver falta pior nos filhos em falar palavrões diante de uma mulher com quem não tiveram mais de um mês de convivência ainda do que em vê-los enterrar corpos de criminosos apanhados com a boca na botija em Taurinos (e, sabe Deus, até matar, porque nem perguntei quem realmente acabou fazendo os caras).

Aparecida me surpreendeu, tomando minha defesa. O

resto era de se esperar. A pessoa que reza para que tudo saia bem, mas procura não interferir nos assuntos importantes do lugar, meio que uma Amélia, mulher de verdade, atrelada quase que cegamente aos desígnios do marido e dos filhos, verdadeira ilha cercada de homens por todos os lados. Noto que ela se permite uma discórdia marcada do resto do clã (ainda que manifestada timidamente, sem muita veemência). Mas acho que isso é muito pouco para a dimensão do problema.

Um som de motor de uma caminhonete descendo a estrada, vindo em direção da fazenda. A caminhonete encosta em frente ao alpendre e um funcionário desce da cabine com uma prancheta na mão.

"Sr. Duílio Lima Conselheiro se encontra?", ele me perguntou, após tirar o chapéu em cumprimento.

"Acordei uma meia-hora atrás, mas acho que devem estar dormindo. Não há um som dentro da casa..."

"E a senhora não poderia receber essa encomenda para mim? Então tenho que voltar mais tarde e aqui é contramão pra raio. Depois ainda tenho que fazer Luminárias, São Bento Abade e Baependi, que já é bem pra outro lado... Olha, é só assinar, eu tenho caneta. A encomenda já foi paga, viu?"

Assino meu nome e ainda ajudo o funcionário a empilhar as caixas de papelão no alpendre. Ele agradece e desaparece na estrada em frente à fazenda Taurinos. Então paro para observar as caixas, escritas em português e alemão, mas entendo finalmente que são dardos tranquilizantes. Outras carregam uma medicação, chamada Rompun®. Outras três caixas são diferentes das outras. Dentro há rifles de dardos, como indicado na embalagem. Declaro aberta a temporada de caça aos Sagrados em Taurinos.

O silêncio volta ao lugar por mais algum tempo. Os pássaros cantam melodias estranhas no vento que sopra sem parar das encostas para cá. As nuvens estão altas, movimentando-se com preguiça pelo espaço azul que sobra entre elas. É uma bela manhã, sem dúvida, mas impregnada do estranho sentimento de que algo se quebrou. Em mim, que fiquei mais chocada do que gostaria de admitir ao desvendar a história das ferramentas.

Eu não tinha idéia do processo que estava por desencadear ao acender as luzes e pedir que todos se manifestassem com a maior franqueza possível. Mas aquilo foi o estopim para uma série de confirmações, algumas esperadas (como a das ferramentas, que confirmou minhas piores suposições), outras inesperadas como a reação de Aparecida ao incidente

e a visão de Andrés da minha descoberta das formas-pensamento no telheiro no mesmo momento que eu, mas dentro do carro a quilômetros de distância daqui.

Ento-me oficialmente ameaçada de morte na fazenda Taurinos. Mas dei a minha palavra de que irei até o fim dessa história (para mim, ajudar a resolver o que quer que esteja provocando o problema no cliente). Sei muito bem que mais provavelmente fui trazida aqui para ajudar Andrés a capturar o bicho-papão que eles chamam de Grande Um. Não me importo. Se é isso que vai restituir seu eu anterior, irei com ele até o inferno disso tudo para ter certeza de que o tal Grande Um se foi.

Café na mesa, mas em silêncio. Nos cumprimentamos para manter os limites da decência comum. Todos parecem chocados ou aborrecidos com todos esta manhã. Nada surpreendente depois de ontem, mas breve teremos de nos falar. Não esqueço de que fui "tranquilizada" pelos homens da casa quanto a poder sair da cidade ainda viva depois que todo este pandemônio passar. Se todo este pandemônio passar.

"Posso me considerar oficialmente ameaçada de morte ou haverá uma redenção para mim por saber mais do que deveria?"

Ninguém olhou para mim, senão que o pai e os dois

filhos trocaram olhares significativos. O silêncio era agora algo a se usar para perfurar os tímpanos. Nem os pássaros cantando estranhas melodias davam o ar da graça. Escolhi a pergunta mais picante de meu repertório para abrir os trabalhos do dia.

"A senhora foi iniciada. Não corre esse risco. Não faríamos isso nem que quiséssemos, agora que é um membro da Sociedade Antiga dos Taurinos", Duílio falava como se o motivo fosse final e pudesse realmente impedir minha execução sumária. Mas eu fingi estar mais tranquilizada. Hora de tocar pra frente. Até perguntei se os meninos não estavam atrasados para a escola.

"Não tem escola hoje, nem vai ter essa semana. A escola está fechada", esclareceu Adriano, *"porque a cidade está construindo barricadas pra todos os lados, por causa dos touros que fugiram das fazendas e estão infernizando por lá."*

Lá fora, no alpendre, Duílio ficou satisfeito em ver que sua encomenda tinha chegado. Ele e os meninos me agradeceram por receber a encomenda, desempacotaram os rifles e ficaram examinando as armas como se tivessem passado a vida inteira fazendo isso. Três rifles para um homem ansioso e dois jovens ansiosos.

"Pai, o Rompun® veio nessas caixas", Adriano olhou para Duílio.

"Rompun®?", lembrei o nome e aproveitei para perguntar a respeito mesmo sabendo o que devia ser.

"Ele está falando de um anestésico e tranquilizante para gado bovino", explicou Duílio, *"ele é colocado nesses dardos aqui que vão dentro dos rifles."*

"Você vem para a cidade com a gente, D. Stella. O prefeito quer falar conosco", Andrés falava sem olhar para mim, enquanto examinava o rifle e os dardos que tinha nas mãos.

"E eu o que tenho com o prefeito?"

"Tem que nós dissemos a ele que você "vé" e pode ajudar a encontrar o Grande Um em um dos touros." Andrés esclareceu o ponto.

"Há um detalhe que não consigo entender", declarei, *"se o Grande Um está em um dos touros ou bezerros ou seja lá o que for, é então uma questão de expulsá-lo da cidade? Digo, ele já está entre nós, certo?"*

"Verdade", foi Adriano quem respondeu, *"é a primeira vez na história que ele consegue entrar na cidade,*

parece. O poder dele está na cidade, não mais em volta como costumava ser para os antigos. Por isso essa semana vai ser louca desse jeito."

No perímetro urbano da cidade, misteriosas barricadas. Emprestando um ar de desolação à cidadezinha, que parecia ter sido bombardeada. Fogões velhos desmontados, restos de automóveis, arame farpado, madeiras e barris, entulho, muito entulho, toda a tranqueira disponível usada para aqueles muros temporários. Me toco que é a primeira vez que venho à cidade desde que cheguei a Taurinos. Me apercebo agora claramente da liderança que os Conselheiros exercem sobre a povoação; eles parecem mesmo fazer jus ao próprio sobrenome. Pelas ruas, dirigindo devagar por entre touros e vacas (e sem saber de onde vinha o primeiro ataque) pudemos ver a expressão desolada das pessoas, a acenar e desejar boa sorte, *"vejam lá o que podem fazer por nós"*, pessoas que não conseguiam sorrir nem para um cumprimento. Tudo é cansaço e uma sensação morna, embaçada, que a tudo envolve em dias de Grande Um. Um ar pesado que nem o vento constante da região montanhosa consegue renovar. Fomos assim cumprimentando toda a cidade acabrunhada de Taurinos, metida em meio à confusão de vacas e touros paralisando o pouco tráfego local, comércio fechado em plena segunda-feira.

"Que o Astro-Rei ajude todos vocês no dia 7!", gritou um senhor na rua, cuja voz eu reconheci. Era ninguém mais, ninguém menos que o "sêo" Danilo. Andrés o viu e o chamou para perto do carro. Ele veio com um passo tímido de mineiro e encostou na janela no lado de Andrés.

"Aopa, "sêo" Duílio! Andrés... Então... Estão de caça hoje?"

"Nô! E como! OPCV!", e Andrés mostrou a arma carregada com os dardos ao antigo Taurino. Este aprovou, mas tinha o olhar cansado como todos os outros na cidade. Cumprimentou ao Adriano e a mim, polidamente, mas como se nunca tivesse me visto na vida. Acho que ele não queria que os homens da fazenda soubessem que eu andava conversando com ele em sua casa. Talvez fosse melhor assim mesmo.

"A coisa está feia dessa vez", "sêo" Danilo informou, "dois touros entraram na casa do Souza do mercadinho e ele teve que expulsar usando umas bombas de São João que ele tinha guardado. Mas quebraram vidros, imagina se entram no quarto que eles têm a criança dormindo? Agora, o Souza tá com o mercadinho aberto mesmo assim. Diz ele que vai desafiar a Lei dos Touros... Famosas últimas palavras..."

"Deis dias mais e a lei vai voltar a ser a nossa", disse Andrés como numa promessa.

"Que o Astro-Rei te ouça, meu jovem", "sêo" Danilo sorriu.

"É, até o prefeito pediu pra gente vir", ajuntou Adriano.

"Mesmo? Leva lençol que vai ser pior que o rio de Piracicaba de tanta choradeira", "sêo" Danilo riu, "mas, entre nós, aquele também é um bundão que está lá, em vez de sair pra por ordem no galinheiro e ajudar a comunidade a resistir, fica escondido atrás da mesa, com direito à barricada especial de autoridade."

"Na sua área, como está a situação?", quis saber Duílio.

"Ah, "sêo" Duílio, pra lá tem menos gado, mas está parecendo que uns estão vagando a cidade toda. Vi uns touros com marca até do curral de vocês e são uns cinco quilômetros até a minha casa. Eles estão se espalhando pela cidade e se for para dar o golpe mortal vai ser quando não tiver parte da cidade que não tenha touro vagando por lá."

Depois de mais alguma conversa, tomamos o rumo da Prefeitura. As mesmas barricadas em todo Iugar, impedindo a passagem do carro, forçando Andrés e Adriano a descer do carro, remover tudo e recolocar

O prefeito correu conosco para sua sala, mandou vir café, água, chá, o diabo a quatro.

"Graças a Mitra vieram, Duílio... Essa é a nossa vidente?"

"Não sou vidente; apenas tenho uns episódios de..."

"Ela mesma", cortou Andrés olhando sério para mim (mais uma tentativa e minha canela fatalmente pagaria o preço), "a gente tem rodado as fazendas juntos procurando os bezerros recém-nascidos."

"Eu rezo pra que vocês consigam encontrar logo e acabar com isso. Estão destruindo a cidade, vocês estão vendo aí pelas ruas. E eu não sei mais o que fazer; por mais que eu pense vai dar tudo no mesmo Iugar. Não admira estar um inferno esta cidade, não se tinha registros dele ter entrado na cidade desde o começo de tudo."

"É, o nosso tempo é mesmo especial", murmurou Duílio brincando com uns pesos de papel sobre a mesa do prefeito, "falando nisso, nós trouxemos o Rompun® para os outros fazendeiros, foi uma compra conjunta que a gente fez não tem um mês."

"Deixe o medicamento aqui, eu aviso que eles venham recolher o mais rápido possível. Eles têm os rifles?"

"Sim, parece que os Conselheiros foram os últimos a encomendar os seus", informou Adriano, rindo.

Lá fora, o som de vidros quebrados e os mugidos próximos. Vão entrar aqui na Prefeitura? Os meninos olharam lá fora pela vidraça e lá estava ele, furioso. Andrés olhou para nós, sorrindo.

"OPCV, ele é de lá da [fazenda] Taurinos, o nosso "A" na traseira", e, ato contínuo, arrebentou a vidraça da sala do prefeito com a coronha do rifle e disparou um tiro certo no pescoço do animal. Ainda levou algum tempo, mas ele foi aos poucos obedecendo à sonolência da medicação.

"Vamos precisar de uma caminhonete de gado pra levar isso", Andrés comentou com o prefeito. Não foi um comentário, foi uma ordem. Em menos de dez minutos o bicho estava acorrentado à traseira do caminhão gradeado. Andrés nem se desculpou pelo vidro quebrado (até porque o que mais não estava quebrado em volta?), como nos filmes de Hollywood, movimento que achei engraçado, mas nem um pouco criativo. Mesmo assim, provou ser um movimento eficiente.

Nas ruas, o movimento baço e lento contrastando com a inquietação nos movimentos dos animais que se viam por toda a parte, tomando praças, ruas,

trabalho tedioso de descer do carro e remover as barricadas de tempos em tempos para podermos passar, ainda mais com a fera sobre o caminhão que vinha logo atrás de nós.

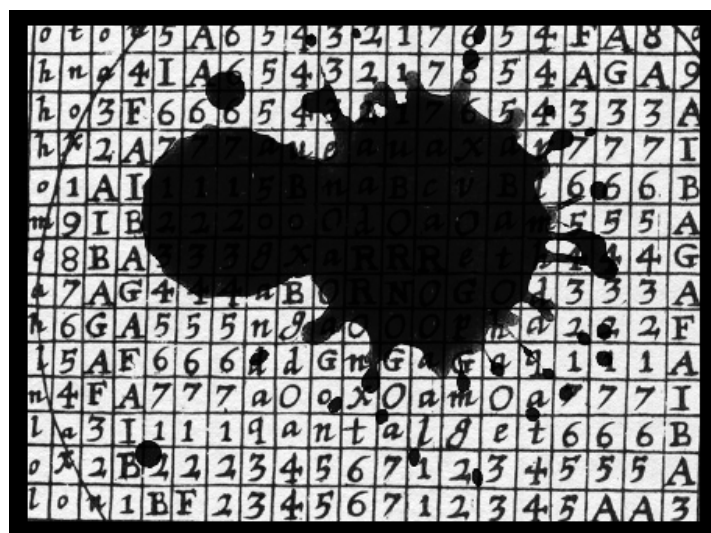
E foi numa dessas descidas do carro que ele veio. Desta vez foi Adriano quem o viu de longe, e foi de longe que percebeu que o animal viria direto para cima de nós. Disse que o pai parasse o carro, Duílio perguntou se ele iria arrebentar o para-brisas do carro também, como o irmão tinha arrebentado a janela do prefeito. Ele riu, pulou do carro e esperou. O bicho então parou a uns cinquenta metros dele e se aquietou.

"Não é nada, é café pequeno", e ele virou as costas para o touro e vinha voltando para o carro quando nós gritamos o nome dele. Não houve tempo.

O "café pequeno" colidiu com a porta ainda aberta do carro e com Adriano, a uns 50 km por hora, atirando o adolescente uns bons metros dali. Como uma planária, ele se arrastou pelo chão, buscando a arma. Andrés e Duílio correram para fora com os rifles, mas um tiro desesperado de Adriano acabou jogando o touro no chão. Adriano ainda teve que rolar bastante na terra para sair do alcance do animal até que o tranquilizante começasse a fazer efeito. Nem acreditou que conseguiu voltar ao carro, imundo de

terra vermelha.

Começou a juntar gente. Andrés e o pai aproveitaram os curiosos para um mutirão a ver se colocava o bicho junto ao outro no caminhão, enquanto eu olhava Adriano para ver se estava tudo bem. Ele estava ralado e com uns hematomas, mas nada significativo, considerando o peso do ataque do touro sobre ele. Mas que operação. E eu e Duílio praticamente não estamos fazendo nada a não ser ele dirigir e eu sorrir para as pessoas de Taurinos que eu não conhecia e fiquei conhecendo hoje. A igreja da praça principal começa a dizer as horas com as preguiçosas batidas de seu sino, que agora são doze. É, tudo isso antes do almoço.



Terça-feira, 3 de março de 2009

Religião de mistérios

Depois do almoço, sentada no alpendre. O vento que ontem passava por aqui deu lugar a uma calmaria morta, onde o ar não circula. Como se houvesse um manto sobre a cidade. As coisas que vi ontem não deveriam acontecer em lugar nenhum. Que influência é essa, que coisa nefasta e subterrânea toma conta de Taurinos?

O telefone toca de tempos em tempos, trazendo as notícias do *front* que a cidade se tornou. O movimento frenético do dono da casa é digno de nota desde as primeiras horas da manhã, tentando ajudar a administrar a situação de uma cidade inadministrável. Começo a admirar esta gente de Taurinos e sua incansável e provavelmente invencível vontade de viver.

Um carro desce a estrada vindo nessa direção. Ele encosta próximo ao alpendre e há música tocando dentro dele. É estranhamente familiar esta música, quando me remete a tempos antigos em que eu frequentava a União do Vegetal. Esta música — do cantor e compositor católico Zé Vicente, agora me lembro — tocava dentro da sessão da UDV quase todas as noites em que lá estive. Difícil esquecer seus versos bonitos que agora transbordam de dentro das janelas abertas do carro que estacionou:

"Todas as coisas são mistérios. Por que tanta dor pela rua? Por que tanta morte no ar? Por que os homens promovem a guerra em nome da paz? Por que o cientista não mostra um jeito bem feito, afinal, que seja vacina do amor contra o vírus do mal? Todas as coisas são mistérios..." Mistérios, escrita e gravada por Zé Vicente em Em Cantos, 2000, Editoras Paulinas.

Volto ao alpendre, recém-chegada de minhas recordações. Anderson está na minha frente, com uma lata de tinta em cada mão. Uma é azul, a outra é azul-escura. Ele sorri e me cumprimenta. Deixa as latas sobre o alpendre e vai ao carro atrás de outras. Ofereço ajuda e ele recusa educadamente. Enquanto ele fica no seu vai e vem com as latas, me aproximo da janela do carro e começo a conversar com o pai dele.

"É CD tocando ou essa música é do rádio, 'sêo' Caldeira?", perguntei a ele, achando estranho que estivesse tocando no rádio.

"CD. Compramos em Canção Nova, lá em Cachoeira Paulista", informou o Sr. Caldeira, *"espere... como é que sabe o meu nome?"*

"Sei o nome completo do seu filho, tive que registrar

para a ata de fundação da Sociedade Antiga dos Taurinos. Sendo que vocês dois são bem parecidos..."

Ele sorriu e perguntou se eu era católica também. Eu disse que não, mas que a música me trazia recordações de um grupo que conheci. Eu perguntei a ele como é que se sente sendo a um só tempo um mitraísta e um católico. Ele disse que as duas coisas têm muitas semelhanças. Pensei que se a semelhança estava em como as cerimônias eram tramadas no mitraísmo local, devia ter mais semelhanças com os métodos usados na Inquisição Espanhola.

O Sr. Caldeira me pergunta sobre Duílio e eu digo que ele saiu. Ele se despede, deixando o menino sentado comigo no alpendre. Fico olhando as sete latas de tinta no alpendre, promessa de Anderson que os Caldeiras cedo materializaram aqui. Fico olhando para as latas sem preocupação de iniciar uma conversa com o adolescente. E ele acaba tomando a iniciativa.

"A senhora gosta de Zé Vicente?", perguntou ele.

"Não conheço nada dele, mas a música que estava tocando enquanto seu pai estava aqui, sim... Gosto dela. Me lembra sessões que eu frequentava em um Centro Espírita."

"Ah, a senhora é espírita..."

"Não exatamente."

"Como se é espírita não exatamente? Ou é ou não é, uai."

"As coisa não são assim pão pão, queijo queijo. Algumas coisas que se vive no ensinamento espírita se é. O que você não vivencia não é parte de você. Você não é isso ou aquilo porque decidiu ser, mas porque uma vivência te trouxe até ali. Você é católico?"

"De pai e mãe", disse o jovem, sorrindo.

"E é mitraísta também?"

"Sim, sou. De pai e mãe também."

"Então você é mais ou menos as duas coisas. Não tem uma coisa parada, fixa, apesar de tudo o que a gente diz que é. Ou você vive aquele modo espiritual ou então dizer que se é isso ou aquilo é simplesmente palavra morta, sem vida e sem fundamento. Meu pai me disse que o catolicismo e o mitraísmo têm coisas em comum. Ele está certo. Encontrou o ponto em que duas tradições se juntam e é esse o ponto em que ele e você se encontram."

"A senhora vai estar na reunião agora à tarde na

arena?", ele perguntou, aproveitando a deixa do mitraísmo.

"Sim, em todas, ao que parece."

"É a primeira vez que uma mulher toma parte na Sociedade, sabia?"

"Eu soube de uma mulher que tomou notas da última vez que a cerimônia foi realizada, em 1957."

Anderson abriu bem os olhos; aquilo era um item a mais em sua lista de aprendizado sobre as coisas que ele pensava que sabia. Disse que nunca soube disso e perguntou como eu tinha conseguido a informação. Eu omiti o nome de "sêo" Danilo, dizendo que não me lembrava de quem tinha me passado isso.

"Andrés deve saber, vou perguntar a ele", resolveu o garoto.

Carregados na traseira de uma caminhonete. Não é o melhor modo de ir ao Mithraeum construído pelos homens de fazenda, mas é melhor que a pé sob o sol da montanha. Conversamos com Bruno e como ele salvou a vida do pai no incidente com o touro na sua fazenda. Andrés comentou que não era a situação ali (já que a única coisa que importava no momento era

salvar o pai do Bruno), mas que os touros enlouquecidos tinham de ser sedados e trazidos para a arena. O carro avança por entre algumas manadas isoladas de touros inquietos com a sombra baça que tomou conta de tudo em Taurinos, vai seguindo um único fio da rede elétrica do lugar que parece ir se perder no infinito.

No final do fio, a caminhonete parou à pouca distância de um descampado e descemos em frente a uma estrutura de madeira protegida por um pórtico e um telhado, rente ao chão, que era... um alçapão enorme. A eletricidade saía da fazenda Taurinos e vinha ter ali. Imagino o quanto a CEMIG deve ter cobrado por tanta exclusividade. Em quatro pontos diferentes cercando o alçapão havia entradas de ar protegidas das possíveis chuvas com seu formato de periscópio.

Os meninos já pareciam ter estado ali. Não notei deles qualquer movimento ou palavra que denotasse surpresa diante do que se via. Andrés desceu da cabine e tirando chaves do bolso, abriu o cadeado enorme do alçapão, revelando o que aparentava ser uma câmara subterrânea natural; o silo sobre o qual ele havia falado.

Os meninos se reuniram para descer. Andrés trancou a porta, acendeu as luzes da escadaria e foi o primeiro a descer. Os outros o seguiram e eu segui os

outros, a última da fila. Quando chegamos ao interior escuro da arena, Andrés desligou as luzes da escada. A escuridão caiu total e pesada sobre nós. Então, depois de segundos que pareceram uma eternidade, ele acendeu as luzes no interior do santuário. Foi como se ele pulasse sobre nós da escuridão. A iluminação consistia basicamente de spots que emprestavam luz a certos pontos específicos da arena, deixando o resto na penumbra.

O recinto era totalmente um teatro de arena, todo circular e com arquibancadas que cobriam quase que metade do círculo. A outra quase metade era ocupada por sete estábulos que se conformavam no mesmo formato circular de tudo mais. Dois deles já estavam ocupados: os dois Sagrados que os Conselheiros tinham capturado ontem, as manchas bem visíveis de azul sobre um deles e azul-escuro para o outro, tinta que os dois irmãos tinham acabado de jogar sobre eles antes que nos sentássemos. Os touros pareciam imóveis, mas estavam acordados. A luz refletia e brilhava nos olhos deles, mas tinha mais brilhando ali, não era apenas o reflexo das luzes da arena. Andrés e Adriano tamparam as latas de tinta. Os dois Conselheiros estavam oficialmente prontos para a batalha.

"O azul quase me matou ontem", Adriano mostrava o touro com um gesto, "se eu não consigo atirar ia virar curau."

"É, porque pamonha você já estava sendo dando as costas pro touro. Não ia dar tempo de eu ou o pai chegar, você viu, não? Sorte que na hora resolveu deixar de ser pamonha pra não virar curau", zombou Andrés.

Todos riram, menos eu e Adriano. Algo me incomoda nesta escuridão. Não tenho problemas com a escuridão. Aqui não está completamente escuro, mas o lugar fechado como uma catacumba, a iluminação focada no centro da arena e os olhos brilhantes dos touros estavam me perturbando mais do que eu gostaria de admitir.

Nos sentamos na arquibancada. Bruno foi o primeiro a falar. Ao me ver na reunião pela segunda vez tomando notas, protestou contra a presença de uma mulher nos trabalhos da Sociedade. Isso desencadeou também os protestos de Arthur sobre o mesmo tema. Esperei que Anderson se manifestasse também. Ele ficou calado naquele momento.

"Isso nunca aconteceu na história da Sociedade. Por que tem que acontecer agora? Eu não sabia que ela estava sendo iniciada naquela tarde. E a gente tem que saber, não? Somos uma Sociedade ou não somos? Então o que um sabe os outros têm que saber."

"Nem eu sabia que estava sendo iniciada. Também eu

tinha o direito de saber", eu intervim.

"OPCV", e o mineirinho parecia zangado.

"Agora eu só posso mesmo pedir desculpas à Sociedade e à D. Stella... pelo que eu fiz. Mas o que está feito, está feito. Não tem como desfazer..."

"Posso apagar meu nome dos registros se isso fizer vocês felizes", interrompi Andrés quando ele já ensaiava iniciar nova frase.

"Não é simples assim. Não é o que ficou registrado no computador, mas na reunião em si. Quanto mais com seis testemunhas na nossa frente. Não tem como fingir que eu não lhe disse para colocar seu nome debaixo do nome de Renan."

"D. Stella é de boa", interveio Renan, "eu não quero que ela saia ou tire o nome do registro. Ela é da Sociedade agora, junto com a gente e os nossos pais."

Corri interiormente. Os irmãos Teixeira pareciam ir com a minha cara mesmo. Desde o início. Guilherme disse que pensava do mesmo modo que o irmão. Anderson pediu licença para falar. Aguardo o que ele tem a dizer, embora já tenha uma idéia do que será.

"Andrés, é verdade o que eu soube, que na última vez

em que a Sociedade se reuniu tinha uma mulher junto com os meninos? Anotando as coisas, como D. Stella?"

Andrés pareceu meio sem-graça. Olhou fixamente para mim, como se percebesse que eu andei bisbilhotando coisas.

"Quem lhe disse isso?"

"Não interessa quem me disse isso. Tinha uma mulher ou não tinha?", Anderson parecia resolutivo. Os outros ficaram todos olhando para Andrés, à espera do que vinha. Este ficou acuado e acabou confirmando que isso aconteceu na classe de 1957. Houve um silêncio absoluto. Podíamos ouvir os touros respirando de suas baias.

"Vocês dois são voto vencido", disse Anderson aos dois membros recalcitrantes, "por mim ela é tanto da Sociedade quanto eu."

"Não tão rápido, Anderson. Eu não quero que ela faça parte da Sociedade. Isso não é coisa pra mulher. Já conversei bem com a D. Stella sobre isso. Ela conhece minha opinião, não é D. Stella?" e Adriano olhava para mim como quem realmente esperava uma confirmação (eu confirmei logo para ver se ele tirava os olhos de cima de mim), "então, estou com o

Bruno e o Arthur."

"Isso não é mesmo coisa de mulher. Tem muita violência no meio, não é coisa que fique bem na cabeça de uma mulher, toda cheia de negócio sentimental", arguiu Arthur, contrariado, ao ver que iriam perder a discussão.

"E o que ela pode fazer aqui, além de tomar notas?", ajuntou Bruno.

"Já chega... Vocês três estão perdendo tempo com isso. Ela pertencer ou não à Sociedade não está mais em discussão. Eu disse a vocês, está feito, está feito. Vamos em frente, que a cidade não tem mais como esperar", Andrés começava a ficar impaciente com a conversa.

Houve uma pausa. Andrés começou a falar sobre os princípios da religião local. De como ela se misturou à religião predominante no sul de Minas Gerais, o catolicismo, criando uma variante sincrética. Logicamente não disse isso com essas exatas palavras, mas em seu modo simples, parecia bem seguro do que dizia.

"Acho que vocês não têm idéia do que aconteceu aqui ou tem acontecido desde o início", eu disse, repentinamente.

Todos voltaram os olhos para mim, todos curiosos, sem exceção. Arthur foi o primeiro a me perguntar o que eu queria dizer com aquilo. Eu os fiz ver que havia uma lacuna de pelo menos 10.000 anos entre o alvorecer da religião deles no Mesolítico e o surgimento do mitraísmo na Índia, Pérsia e Roma antiga.

"E o que isso quer dizer?", perguntou Anderson, atento.

"Quer dizer que os princípios desta religião que influenciou persas e romanos podiam ser encontrados nesta cidade milhares de anos atrás. A religião de vocês é localmente independente e tem em comum alguns dos fundamentos do mitraísmo. Eu não tenho certeza se vocês sabem exatamente sobre o que estão sentados."

"Nas arquibancadas?", brincou Bruno.

Eu tive que rir, junto aos outros. É bom descontrair. Bruno tomou a dianteira para compensar pela brincadeira e disse que eu muito bem poderia ter razão no que eu afirmava. Perguntou se eu achava que a religião deles tinha influenciado o mitraísmo. Eu disse que não, mas que o simples fato dela existir em seus fundamentos, num lugar tão longe de onde o mitraísmo se originou, já era algo muito além do

fantástico mais fantástico que poderíamos imaginar. Muito além da própria imaginação humana.

Houve um silêncio. Ruídos de metal dos dois touros agitados dentro das baias, o som dos corpos se chocando ocasionalmente, a respiração densa e profunda dos animais preenchendo o vazio deixado pelas nossas vozes. Andrés e Adriano pareciam aturdidos. Como se nunca tivessem parado para pensar nisso. Bruno e Renan se encostaram nas arquibancadas, ofegantes, como se tivessem corrido quilômetros e sentado ali. Guilherme brincava distraído com os cadarços dos tênis. Arthur estava trancado em si mesmo, em silêncio pensativo. Pelo modo como me olhava, dava para ver que media ainda interiormente o impacto que minhas palavras pudessem ter causado. Anderson estava pensativo também, mas foi quem primeiro quebrou o silêncio.

"A senhora acredita que os touros fundaram a cidade?"

"Depois de se pensar há quanto tempo essas coisas acontecem aqui, antes de até mesmo a história começar, já nem sei se é importante acreditar ou deixar de acreditar nisso. Quando se vê tanta coisa acontecer ao redor que se achava impossível acontecer, já nem sei mais."

Mais uma pausa. Eu disse a eles que o sacrifício dos

diferente do que eles atribuíam. Que os homens sacrificando os touros, um elemento masculino, cujo sangue iria fertilizar a terra simbolizavam o derramamento do líquido que fecunda a terra. Cada um, feminino e masculino, tinha de dar a sua cota de sacrifício.

"Que líquido?", perguntou Arthur, inocentemente.

Anderson olhou para ele e riu.

"Que é isso, Arthur; quem ouve vai pensar que você nunca bateu uma punheta na vida... Ahn... Desculpe, D. Stella."

Risadas gerais, menos da parte do inocente lidador que tinha feito a pergunta, que ficou vermelho mesmo sob a luz baixa do ambiente da arena. Eu confirmei a resposta de Anderson mas fiquei de discutir com ele o método de ensino.

"Nossa religião não é exatamente o mitraísmo. Mas ele é o mais aproximado de todos, por isso nossa religião têm esse nome. A religião veio de uma coisa que só existia aqui, por causa de alguma coisa que era precisa aqui em Taurinos. No livro que meu avô achou...", ia dizendo Andrés. Não consegui resistir nesse ponto e o interrompi.

"E sobre esse livro, Andrés? Onde anda esse livro do qual eu só ouço falar e nunca vejo? Parece que ele é a base de tanta coisa por aqui, mas é um livro ausente, ninguém sabe o paradeiro de tanta informação valiosa."

"A pergunta é boa", ajuntou Anderson, *"tudo o que a gente sabe sobre a cidade e os nossos costumes e religião está nesse livro. Eu acho que a gente devia ler e estudar o livro porque isso tudo é bem complicadim..."*

Andrés coçou a cabeça. Disse que não sabia onde estava o livro. Perguntei como ele poderia não saber se o livro tinha sido achado por seu avô e, pela importância do assunto para a cidade, deveria ser uma relíquia ou um tipo de relíquia em sua casa.

"Seu pai nunca disse onde estava o livro ou ele também não sabe?", perguntou Renan, voltando à vida na discussão.

Andrés pareceu nunca ter pensado nisso do alto de seus 12 anos de vida. Vejo que tanta coisa ficou por explicar, mesmo para quem está no leme da situação.

"Eu vou perguntar a ele", ele disse, dando de ombros.

"Eu já perguntei isso a ele", interveio Adriano, atraindo para si a atenção de todos, *"e ele respondeu que não*

antigos, da classe de 1957, porque todos eles leram o livro."

"Por que você nunca me disse isso?", Andrés parecia irritado.

"Porque você nunca me perguntou."

Risadeira geral, eu incluída. Andrés ficou batendo o pé como sempre faz quando está nervoso. Adriano sorriu para mim, como se dissesse mudamente que tinha seus momentos de iluminação também. Arthur propôs que nós conversássemos com os pais de todos a ver se eles conheciam todos os Taurinos antigos e onde poderiam ser encontrados. Bruno então nos disse que seu avô tinha sido um dos lidadores, assim como o avô de Anderson. Os dois ainda viviam, ainda na cidade.

Andrés mudou de assunto (o assunto do livro o deixava francamente desconfortável). Disse que a data da cerimônia se aproximava rápido e que não teríamos muito tempo para preparativos. Perguntou aos outros o que sentiam com a perspectiva da cerimônia tão próxima. Bruno respondeu que se sentia pronto e que sua disposição era o melhor preparativo de que ele podia dispor. Adriano assentiu, balançando a cabeça. Acrescentou que sua raiva contra os touros e a força que os enlouquecia era o

que o deixava pronto para a batalha.

"Você só tem que deixar a raiva crescer em você, até que você seja só raiva dentro e nada mais. É tudo muito simples."

Anderson afirmou que a lida era parte da vida de todos ali e que considerada a partir deste ponto de vista, não seria difícil. Mas manifestou preocupação pela energia a mais que a loucura emprestava aos animais, já grandes e pesados por natureza. Mesmo assim, ele sentia que estava preparado para a batalha. Renan se divertia contando aos outros como faria com o touro na arena. Foi perturbador notar que nada do que ele dizia era levado na brincadeira, fosse por ele ou pelos outros. Mais perturbador ainda era a sensação de que ele era capaz de fazer exatamente aquilo que ele propunha ali, com todo o poder de seus requintes de crueldade.

Guilherme riu do projeto do irmão e acariciou a cabeça dele como bom irmão mais velho. Disse que estava ansioso pelo dia e que acreditava que tudo ia correr como planejado. Andrés por sua vez, falou que todos conheciam suas motivações e sua vida diária com os touros e que isso bastava para firmar sua posição dentro da conversa.

"E... Arthur? Ficou faltando você. Então... Como 'tá se sentindo com a cerimônia assim tão perto?"

"Eu estou com medo", ele disse, os olhos começando a marejar.

Andrés franziu a testa, se ergueu e veio para perto dele. Olhou o amigo nos olhos e se espantou ao ver no rosto dele uma lágrima rolando.

"Que é isso, irmão? Coragem, a cerimônia vai ser..."

"Eu não estou falando da cerimônia, Andrés. Essa noite, eu sonhei com um daqueles touros. Era hora do almoço (me lembro até do relógio marcando meio-dia e pouco) e ele tinha invadido a minha casa, e já estava pra vir pra cima da minha irmã menor. Eu chamei a atenção dele com uma pedrada na cabeça e ele veio. Eu estava até com um machado na mão, mas não tive tempo. Foi rápido demais. Ele me esmagou contra a parede, senti como se o chifre tivesse ido em mim de fora a fora; eu vi o meu sangue e uma parte das minhas tripas saindo..." Arthur enterrou a cabeça nos braços e o corpo se sacudia diante da consternação geral.

"Creio em Deus Pai!", murmurou Anderson olhando para Andrés e se persignando.

"...eu morria no sonho e antes de morrer, eu via o céu cheio de urubus. Me lembro que foi a última coisa que eu vi antes de acordar. Minha mãe veio ver porque

eu tinha gritado e tudo."

O silêncio que se "ouveu" nesse momento foi denso. Pesado, oprimia, lançava sombras até pelos lugares onde a luz iluminava. Os ruídos dos touros contra as barras de ferro e seus ocasionais mugidos nos lembrando da ameaça sempre presente, tornando ainda mais insuportável a sensação de opressão dentro daquela câmara sombria. Uma angústia se desenhava dentro de mim, de vivenciar aquele momento em que, mesmo eu podendo estar redondamente enganado, uma pessoa daquela idade falava abertamente numa pré-experiência de sua possível morte. Não pela morte em si, que para isso caminhamos todos, mas pelo infinito terror de simplesmente deixar de existir. A vontade desmesuradamente cavalgar de viver que se vê forçada a enxergar além de seu próprio véu. Andrés tomou a dianteira no processo e fez com que Arthur levantasse a cabeça e olhasse para ele.

"Isso é só um sonho. Você está impressionado com o que está acontecendo na cidade, é só isso", disse, tentando fazer o amigo voltar aos bons espíritos.

"Verdade", eu me apressei a fazer coro com Andrés, "está todo mundo muito nervoso na cidade e no campo. Vamos todos tentar manter a calma. Eu sei que está realmente difícil, mas a gente tem que tentar. E vocês, a Sociedade Antiga dos Taurinos, que

ter esses problemas, não vai haver futuro para essa cidade nem para sua gente. Mantenham a cabeça e o espírito erguido. Mostrem aos touros, ao Grande Um, ou o que quer que seja de uma vez por todas qual lei tem que prevalecer!"

"Isso aí, D. Stella! É, Arthur; para com isso, vamos pra cima deles, vamos mostrar quem é que manda aqui", gritou um entusiasmado Bruno em total aprovação de tudo o que eu havia dito.

"Eu sei", ele ainda soluçava, "mas foi um sonho tão real. Tão real..."

Os outros se juntaram em torno de Arthur e, sem aviso, o agarraram e jogaram para cima diversas vezes, agarrando-o de novo antes que tocasse o chão, rindo como doidos. Incrível como ele parecia mais aliviado depois da brincadeira. E bem que não fosse nada recomendável para alguém em sua condição, foi sem dúvida uma demonstração do calor humano reinante entre os membros da Sociedade que fez todos rirem, Arthur incluído.

O aroma de café que vazava de dentro da casa pequenina em minha frente agora me atraía tanto quanto a conversa que queria ter com "sêo" Danilo. A noite caiu sobre as cabeceiras das montanhas em

redor, trazendo para o céu o brilho da lua sempre crescente. Faz dias que não apareço, tenho muito para conversar. Ele ficou feliz em me ver cruzar a soleira da porta de sua casa para dois dedos de prosa, como sempre. Sempre que venho aqui não consigo evitar de pensar em todo o isolamento que ele impõe a si mesmo vivendo aqui no meio do nada.

Uns poucos touros e vacas pela estrada. Estranhamente calmos quando eu passo, se bem que um deles ensaia me dar uma corrida. Estes touros não andavam por aqui nas vezes em que eu vinha, o que me remeteu à conversa de "sêo" Danilo com Duílio no carro, ontem de manhã.

"Chega pra dentro, 'sá" Etella. Estou só terminando de passar o café", e depois de uma pausa, disse, "ontem não deu pra gente conversar direito, a senhora estava com toda a família junto..."

"Notei que o senhor não queria dar a entender que já nos conhecíamos."

"A senhora não levou a mal, não?"

"De jeito nenhum. Prefiro que seja assim mesmo."

"A senhora já foi à arena?", ele deu uma guinada no assunto.

"O Mithraeum?"

Ele me olhou surpreso enquanto lavava o coador de café. E sorriu.

"A senhora é danada pra descobrir as coisas, hein, 'sá" Etella?"

"Eles não podem mais brincar de esconder comigo, sou um deles agora."

O rosto dele assumiu uma expressão grave e séria que chegou a me incomodar. Ele se sentou à mesa comigo, colocou duas canecas que encheu de café. Me deu o açúcar. Minha apreensão crescia enquanto o silêncio dele durava e eu estava a ponto de lhe pedir que falasse algo quando ele olhou para mim.

"Eu precisava conversar com a senhora sobre isso."

"Por favor, diga logo, que vai me matar de tanto esperar nesse suspense."

"Última vez que a senhora esteve aqui me contou sobre a reunião. Sobre como o gordinho fez a senhora escrever seu nome embaixo do nome do Renan, lembra?"

"Claro, isso deu pano pra mangas hoje à tarde na reunião no Mithraeum. Andrés teve que encerrar o bate-boca dos meninos que não me queriam lá dizendo que o que estava feito, estava feito."

"Esse é o ponto, D. Stella. O que está feito, está feito"

"Não estou entendendo, "sêo" Danilo."

"A senhora é um dos Taurinos agora, como acabou de me dizer. E isso para todos os efeitos. Todos mesmo."

"Ainda não estou entendendo."

"É um dos meninos não puder participar da cerimônia, se por algum motivo tiver um impedimento..."

"...eu vou ter assumir o lugar", meus olhos fitaram o sertanejo por uns momentos. Eu não sabia o que dizer à parte da constatação de que eu era a próxima da fila. Comecei a tremer, tremores por todo o corpo que eu simplesmente não conseguia controlar.

"Por favor, tenha dó, "sêo" Danilo; diz que está brincando comigo."

"Quem dera eu estivesse de brincadeira, "sá" Stella", disse o sertanejo tomando mais um gole de café, "e

tem mais: sua vida já pode ter se tornado ligada demais a Taurinos para a senhora sobreviver à morte desta cidade; seria a sua morte também. A nossa. A de todos em Taurinos."

Entada e desanimada. Um desânimo de tudo, mesmo quando "sêo" Danilo me encorajava a relatar a reunião de hoje no Mithraeum. Juntando as forças e os cacos, comecei a narrativa, tão detalhada quanto eu pude no estado de nervos em que estava, narrativa que ele ouviu com a habitual atenção sem jamais me interromper com comentários.

Notei que o rosto dele foi ficando tenso desde as minhas primeiras palavras. Me perguntava porque, mas não queria perder o fio de minhas próprias idéias para ver se não esquecia nada. Ao terminar, perguntei se tudo estava bem com ele. Porque comigo positivamente não estava tudo bem. Ele tinha os olhos arregalados, olhando para mim em total abandono à sua própria perplexidade.

"Alguma coisa tem que estar errada", ele murmurou, "isso foi exatamente o que foi discutido na nossa primeira reunião no Mithraeum, a presença de uma mulher na catacumba conosco. Até os dois touros estavam lá, tudo o mesmo, o sonho do menino, tudo, tudo."

"O senhor acha que estamos passando pelo mesmo que aconteceu em 1957 em cada detalhe? É isso que quer dizer na soma?"

"Sim, e é isso que está me preocupando."

"Isso quer dizer que o senhor já sabe o que vai acontecer?"

Minha pergunta o pegou, ou pareceu pegar desprevenido. Mas era fácil de saber que eu ou qualquer outra pessoa chegaria a essa conclusão. Se os acontecimentos têm se precipitado como em 1957, não seria lógico supor que tivessem a mesma conclusão?

"Isso quer dizer que eu me lembro do que aconteceu em 1957", ele ficou sombrio ao dizer isso, mais do que costumava ficar diante das perplexidades do dia a dia.

Vi que não seria possível extrair muito mais dele sobre aquele tópico em especial. Não gosto de mexer com o futuro. Me assusta até a medula dos ossos, muito mais que o passado. Eu disse que iria voltar à fazenda, tinha ainda muito que caminhar. Quase que no mesmo momento, se ouviu uma buzina lá fora. Olhei pela janela apenas para encontrar o carro de Duílio na estrada em frente à casa. Os três homens da fazenda tinham finalmente conseguido me rastrear

até aqui.

"Carona, D. Stella? Hoje a senhora não vai recusar, vai?" Andrés sorria pela janela do carro.

Eu disse a eles que já estava saindo. "Êô" Danilo me passou um papel dobrado e me disse que finalmente tinha descoberto, perguntando na cidade, o nome da mulher que participou da Sociedade em 1957. *"Isso pelo menos eu acho que a senhora deve saber. Guarde isso no bolso, leia quando estiver sozinha. Tire daí as conclusões que quiser. E não esqueça, depois das seis da tarde, sempre me encontrará aqui. Venha sempre que precisar... e quiser."*

Andrés desceu do carro para me abrir a porta e tudo. Agradei a gentileza e ele disse que estava orgulhoso de mim.

"Orgulhoso de mim?", perguntei, quando Duílio já dava a partida e saía pela estrada.

"Orgulhosos", emendou Adriano, *"eu achei demais o que a senhora falou na reunião. Falou pouco, mas falou bonito!"*

"Não sei o que fazer para lhe agradecer pelo que fez na reunião. Essas coisas são tão desmotivantes para a meninada, como é bom ter alguém para levantar o

espírito deles um pouco!”, acrescentou Duílio enquanto ficava de olho na estrada.

“É o que eu quero conversar com vocês. Precisamos ficar de olho no menino.”

Andrés, Duílio e Adriano (nessa ordem) olharam para mim, como se estivessem surpresos.

“Que é isso, D. Stella, não vai levar a sério, foi só um sonho”, assegurou Andrés.

“A senhora mesmo disse, todos estão nervosos por causa da Lei dos Touros, isso é normal acontecer. Arthur está impressionado, já vem assim de uns dias”, Adriano se apressou em acrescentar.

“E ele tem tido o sonho todos esses dias?”

“Ó desta vez que ele contou, acho que foi só uma vez mesmo”, respondeu Adriano.

“Mesmo assim, eu acho que a gente deve ir preparado até a fazenda dele nos próximos dias lá pelo meio-dia (a hora que ele diz ter visto no relógio) para assegurar que nada vai acontecer. Porque pode não ser nada. Mas e se ele “viu” o que não podemos “ver”, como você, Andrés, sempre diz? Você mesmo não tem seus presságios? Meu pai não diz que eles funcionam?”

E se o dele funcionar?”

Silêncio dentro do carro, só o ruído do motor denunciava atividade ali dentro. O resto eram os homens pensativos abandonados às suas reflexões. Os homens da fazenda terminaram dizendo que poderíamos ligar para os outros pais e revezar indo até lá aos meios-dias para ajudar a vigiar a casa contanto que eu fosse com eles nos dias que tivéssemos de ir. Aceitei imediatamente. Não sei porque, me senti como se tivesse tirado um prédio de cima de mim.

Na fazenda, me demorei um pouco mais no alpendre, enquanto os homens da casa já tinham entrado. Tirei o papel dobrado que “sêo” Danilo tinha me passado e abri. O nome no papel era familiar. O nome dela era Estela.

Quarta-feira, 4 de março de 2009

Dez homens

Seis horas da manhã. Alpendre (onde mais tenho a visão magnífica dessas montanhas e o frescor dos azulejos portugueses que me devolvem a infância perdida?). Meu laptop. Abro o arquivo de texto com a ata da fundação da Sociedade Antiga dos Taurinos e apago meu nome. Ao tentar salvar o arquivo, o laptop me avisa que ele está protegido contra gravação, configurado para somente leitura.

Fecho o arquivo, abro a pasta dele e peço as propriedades de arquivo. Realmente, está ajustado para somente leitura. A diferença é que eu não posso tirar o *tick* da caixinha ao lado do atributo de somente leitura. Eu jamais configuro somente leitura e mesmo que tivesse configurado, a caixa de verificação não tinha que estar desabilitada com o *tick* dentro dela. Clico outras caixas de verificação para ver se ela se habilita, mas qual o que.

É como se o arquivo tivesse se auto-travado. E mais, ao tentar deletar, tudo o que consigo é acesso negado. Impossível deletar o arquivo. Reinício, mas dá no mesmo. Tento deletar a pasta, mas o arquivo lá dentro não pode ser deletado, portanto nem a pasta que o contém pode ser deletada. Assombrada, faço mais algumas tentativas, mas acabo desistindo.

Meu mp3. Não o tinha tirado da bolsa desde que cheguei. Canções de todos os tempos e todos os estilos. A loucura tem sido grande neste lugar. Faz esquecer tudo mais. Coloco os fones no ouvido e configuro para aleatório. Adianto uma faixa para ativar o aleatório. Entra uma música balanceada. Começo a prestar atenção na letra.

"Estamos sentados de boa, apreciando a vista. Nos permitindo prazeres que não podes levar contigo. Eim, estou obcecado. E devo confessar: preciso descansar. Dez homens todos enrolados em um. Dez homens em um filho pródigo. Dez homens transcendem. Desta vez, a vida é curta demais. Preciso de experiência, como um adolescente." Dez Homens, escrita e gravada por Morcheeba em *The Antidote*, 2005, Echo Records.

Sorrio interiormente observando o quanto uma música aleatória pode falar do momento em que vivemos, quanto da letra coincide com o que está à sua volta. Brincando nos Jardins Sagrados do Reino Divino da Escolha Aleatória, me abandono ao ritmo e à melodia da canção.

Sete horas no relógio de tela do meu laptop. Atualizo o blog, antes do café. Antes do telefone começar a tocar sem parar. Antes que o caos e a confusão de Taurinos

cheguem pondo a porta abaixo. Duílio é o primeiro a empurrar a porta de tela do alpendre. O rosto é não só de sono, mas das noites mal-dormidas. Ele me pergunta se o telefone tocou enquanto ele estava fora do ar. Eu digo a ele que não.

Hoje resolvi fazer o café. Deixei na garrafa térmica. Trouxe um bom gole para o alpendre para ficar no computador enquanto o dia terminava de amanhecer sobre as montanhas de Taurinos. Duílio senta-se numa cadeira ao lado da minha e fica ali, aquela cara típica de uma manhã de ressaca. Ele começa a pescar. O pobre homem está no limite das forças. Ëão precisos dez homens em um, como disse a canção. Dez homens metidos nesta história: Duílio, "sêo" Danilo, Adriano, Anderson, Andrés, Arthur, Bruno, Guilherme e Renan. Ëão nove, não dez. Será que a canção tem razão? Quem é o décimo homem?

Como que para responder minha pergunta, um som de motor na entrada da fazenda. O mesmo carro que ontem tocava a canção de Zé Vicente. Não há música hoje e sim um volume que o pai de Anderson traz de dentro do carro. Ao ver Duílio e eu nos cumprimenta e conversa com o chefe de família sobre a situação na cidade. Os touros, segundo ele, estão se espalhando cada vez mais pelo município. Ele diz que chegará um ponto em que nenhum fazendeiro terá uma cabeça de gado que seja em seu pasto. O pai de Anderson fica

intrigado sobre como os animais conseguem passar pelos mata-burros. Duílio diz que provavelmente estão arrebatando as cercas, a exemplo do que acontece em sua fazenda.

"Dá pra dizer que foi isso pelas cercas caídas e manchas de sangue no arame farpado, Alberto", ele afirmou, *"mas, chega pra dentro, vamos tomar um café."*

Sete e meia. Aparecida veio ao alpendre, me chamar para o café. Diz que encontrou o meu e fez mais um pouco. Na mesa, Alberto (agora eu sei o nome do pai de Anderson, então não é mais o pai de Anderson), Duílio e os irmãos Conselheiro em torno do volume que tinha sido trazido.

"Conseguimos o livro, D. Stella", disse Adriano sorrindo de orelha a orelha.

Alberto é o décimo homem. A canção estava certa. Fico me divertindo com a letra da canção e como ela vai se encaixando no que eu penso que ela vai se encaixando. Oh, Escolha Randômica! Oh, Escolha Randômica!

Nada na fazenda Feletti. Com exceção de uns touros realmente zangados (ainda nos currais), nada de alarmante. No entanto, algo aqui é estranho, não

exatamente negativo, mas a perfeita impressão de que um dos objetos da sala vai se quebrar em muito breve.

Por convite dos pais de Arthur almoçamos lá mesmo. De sua fazenda, iríamos direto para o Mithraeum para um pouco mais de discussão, desta vez com a base mais sólida do Livro das Origens dos Antigos. Arthur parece mais calmo que ontem. Perguntei a ele como tinha passado a noite. Ele disse que foi calma, sem nenhum sonho do qual se lembrasse. Duílio passou parte do almoço fora, em longa conversa com o Sr. Feletti, titular da fazenda.

Mithraeum. A mesma luz focada no centro da arena. A mesma arena, o mesmo tudo, mas há sutis diferenças: mais dois Θ agrados, um com uma mancha amarela e outro com uma mancha vermelha sobre o dorso. Foram capturados pelos irmãos Teixeira reinando na cidade sem freio e sem controle. Noto que eles ocupam as mesmas posições nas baías que as cores ocupam no espectro solar. O Θ agrado de Renan está primeira baía, o de Guilherme na terceira, os de Adriano e Andrés na quinta e sexta baías respectivamente. Agora faltam apenas os de Bruno, Anderson e Arthur. Guilherme e Renan estão oficialmente prontos para a batalha.

Há algo de caprichoso no esmero dos detalhes

ritualísticos com que os homens da fazenda Taurinos trataram este santuário. Ao menos o que o escuro deixa entrever, a riqueza de detalhes é flagrante. É difícil acreditar que um lugar tão refinado será palco de uma carnificina nos moldes planejados pela Sociedade Antiga dos Taurinos.

No Livro das Origens, a capa dura com médio-relevos de uma cabeça de touro, a Lua à esquerda, o Θ ol à direita. A riqueza de detalhes nos relevos, como a da arquitetura do Mithraeum, e o acabamento do Livro das Origens em si assombram. Não há nada escrito na capa. Os meninos estão em volta de mim, de Andrés e do livro e iniciamos todos juntos o exame do que tem ali. Sete mineiros minúsculos e sua própria cultura, que eles estão ansiosos por conhecer melhor.

"A cerimônia deve começar à meia-noite do dia marcado embora esteja marcada para a sétima hora do dia, ou seja, as sete da manhã. O motivo é que são subtraídos sete touros — representando as sete primeiras horas do dia — portanto são subtraídas sete horas, já que representam os bichos sacrificados, o que deixa zero", eu li em voz alta. O ruído dos Θ agrados nas baías aumentou ligeiramente. Se ouve sua respiração daqui de cima a cada pausa na leitura. Como se a própria leitura do assunto os incomodasse.

"Émézzz? Não sabia que esse era o motivo, sabia a

hora de começar, mas...", declarou Arthur. Bruno e Renan também confessaram não saber uma vírgula sobre o motivo do horário estranho. Na verdade, acho que apenas Andrés sabia o tal motivo.

O livro desfiava as histórias que Andrés já tinha me contado — e provavelmente contado a todos — sobre o alvorecer dos tempos na região, a fundação, os ataques, o surgimento das primeiras cerimônias. Ali era descrito em detalhes sangrentos todo o processo de descarnamento do desgraçado animal ainda vivo num ritmo vertiginoso e nauseante de ferocidade humana ultrajante, inimaginável e incomensurável.

Olhei para Renan enquanto ele ouvia atento, os olhos soltando faíscas; um brilho no olhar que era difícil esquecer. Quanto mais sangrentos os detalhes, mais o corpo dele se agitava e mais os olhos brilhavam. Não pude deixar de lembrar do retrato dele feito por "sêo" Danilo. Se dúvida, o homem havia descrito Renan em sua inteireza. Eu continuei a ler, entrando em outro ponto e o menino me interrompeu.

"Ahn... A senhora pode ler de novo a parte do desmembramento? Tem umas coisas que eu não entendi."

Do lado dele, Guilherme olhou para o irmão, conhecedor.

"Entendeu sim, que ela não está falando japonês. Pode continuar tranquila, D. Stella, não faça caso dele."

"Renan é um tranqueira que só pensa em sangue", riu Bruno diagnosticando o amiguinho instantaneamente.

"Ah, e vocês não?", o menino assumiu uma expressão zangada.

"Nós temos um objetivo, lembra? Ou pra você é mais importante cortar um animal vivo em pedaços só pelo prazer de cortar um animal vivo em pedaços?", Andrés ficou nervoso. Os outros olhavam a cena, sabedores do tipo de energia que Renan tinha para despende.

Renan ficou em silêncio. O clima deixado pelo comentário jocoso de Bruno tinha se esvaído em algo pesado, grave. Nas baías lá embaixo, os touros se agitaram, o clangor do metal se ouvia, assim como a respiração pesada dos animais, ecoando em profundidade dentro da catacumba que era o Mithraeum.

"Eu também gosto disso, Renan. Gosto muito. Mas nós estamos fazendo isso pela cidade. Não esquece disso, a gente não pode esquecer o objetivo maior", e

Guilherme acariciou o irmão no ombro, suavemente. Arthur tinha a sua atenção presa, mas não na cena. No Livro das Origens.

"A gente bem que podia continuar a leitura. Por aqui, por exemplo. O que é esse niguicim que fala aqui sobre esse trem, Aqueles Que Retornaram?", reclamou ele.

Olhei em volta, pega de surpresa pela pergunta (não tinha ainda chegado nesse ponto) a ver se algum dos meninos tinha a resposta, apenas para notar que Andrés foi puxado para o Livro das Origens, a face pálida como se o sangue tivesse fugido do rosto. Os outros prestaram atenção porque, como eu, não tinham idéia alguma do que se tratava. Arthur passou a ler daquele ponto. Ele não lia mal, mas suas constantes autocorreções de entonação me deixaram um pouco entediada.

"De 104 em 104 anos, um dos lidadores retorna a Taurinos com o mesmo corpo que possuía na cerimônia anterior. Ele vem trazer sua experiência e a luz que herdou do grande Mitra para os seis lidadores que o aguardam neste plano. De duas em duas vezes ele vem a este lugar. Dos 104 anos será tirado o zero por nada valer. O número que cabe duas vezes no número restante é o número dos lidadores, dos Sagrados, da data e das horas da cerimônia. Prestem nele toda a atenção que tiverem,

pois não retornará outra vez. Posto que Aremã conseguirá retornar com o lidador dentro de seu corpo físico, se alguma das condições não for cumprida corretamente em seu retorno, é um risco imenso para este lidador retornar à Terra mais de uma vez, pois que ele está sempre à espreita."

Olhei para Andrés furtivamente. Ele parecia ofegante. Ondas de vermelho e pálido se alternaram em seu rosto. Efetivamente algo que ele não sabia, a julgar por sua expressão espantada.

"Arreda, capeta!", brincou Bruno, seguido por Adriano e Guilherme.

"Creio em Deus Padre! Isso é lá assunto pra brincadeiras?", Andrés agitou os touros lá embaixo nas baías com sua onda de raiva. Os choques de metal eram a única coisa que se ouvia no silêncio que se formou após sua explosão emocional. Entendi como exagerada a reação dele. Entendo que precise estabelecer a ordem, mas uma exclamação inocente não fará qualquer mal.

"Aqui o Livro das Origens fala sobre os casos em que o tal Aremã veio a esta cidade dentro do corpo do lidador, junto com ele", e Arthur levantou a cabeça do livro para olhar para os outros, *"a descrição parece tão familiar que..."*

"...que te faz pensar no Grande Um?"

Os outros olharam para mim tão bruscamente que pude ouvir seus pescoços estalando. Pareciam alarmados.

"Vejam, não há nenhuma descrição de um Grande Um em nenhum lugar do Livro das Origens, mas Aremã é citado cada vez que se fala no mal que acontece à cidade de 52 em 52 anos. Veem? As características são as mesmas. Quem quer que tenha começado a chamar isso de Grande Um queria tornar as coisas mais acessíveis para quem não tinha um bom conhecimento do assunto. Ou embaralhar as coisas para aqueles que não fossem iniciados na religião de mistérios."

"O que é uma religião de mistérios?", quis saber Bruno.

"É uma religião onde você tem de ser um iniciado para ter acesso ao conhecimento dela. O caso da de vocês, com certeza", eu expliquei.

*"Como, de vocês? E a senhora foi iniciada, é **sua** religião também, não?"*, aparteou Anderson, até ali calado, ouvindo tudo atentamente.

*"Sim, sim, a **nossa**. Me desculpe, vocês estão mais*

acostumados à rotina desses rituais, estou ainda um pouco perdida."

Que mais poderia dizer ao menino? Fui iniciada e de certo modo lutei pouco para que isso não me acontecesse. Que fascinação é essa que sempre tenho em tentar penetrar no universo dos clientes até não haver mais como entrar nem voltar?

"...então queria dizer que esta não é a primeira vez que ele vem à cidade! Mas o que eles faziam quando o lidador vinha para Taurinos com esse Aremã?", perguntou Renan, vivo e curioso.

"E diz Ariman, na verdade", eu corriji o menino, *"o nome Aremã é um jeito tupi-guarani ou português de dizer o mesmo nome original do mazdaísmo."*

"E que diacho é mazdaísmo?", perguntaram Anderson e Bruno a um só tempo.

"É uma das religiões que se misturaram ao mitraísmo no caminho dele para a Europa, parece (isso é o que eu tenho pra mim, posso estar completamente errada); o mazdaísmo pensa falava de dois princípios universais: Ormuz, a eterna luz do universo e Ariman, a eterna sombra do universo."

"Foi fundo", disse Guilherme parecendo bem

espantado.

"O trem que está na cidade é essa sombra eterna do universo? Ariman?", perguntou Renan, numa voz alta que sacudiu os touros nas baías novamente. Desta vez, ouvia-se o estalar das trancas tão claro como som de um copo de cristal. Uma agitação como nenhuma até o momento. Teria sido a menção do nome?

"Ariman!", eu disse em voz alta como num teste. O ruído de metal então se tornou insuportável, enchendo o ar de um barulho ensurdecedor, que o eco dentro da câmara secreta elevava à bilionésima potência, que perdurou por quase um minuto antes que retornasse à vibração antiga. Os meninos olhavam apavorados para mim; me desculpei e disse que queria fazer um teste. Gritei algo aleatório e não recebi 10% da resposta anterior, mais como a respiração pesada típica dos animais. Voltei a gritar o nome da entidade e o tumulto recomeçou igual. Perguntei a Andrés se as grades eram fortes o suficiente e ele disse que sim. Ele me pediu que eu parasse o teste mesmo assim, mas eu já tinha terminado.

"Ninguém respondeu minha pergunta", reclamou Renan assim que todos se acalmaram, *"o que ele faziam quando o lidador vinha junto com o Ariman?"*

"Eles o afogavam nas águas da Cachoeira dos Chifres, num...", Ieu Anderson e se virou para mim, *"que diacho é esse nigucim de ordálio?"*

"É uma prova duríssima para determinar se alguém deve morrer por um crime", eu expliquei simplisticamente.

"...e ele ficando vivo por pelo menos cinco minutos isso tiraria o trem de dentro dele, segundo aqui o livro", finalizou Anderson.

Terminamos a conversa com uma olhada no início do Livro das Origens que não tínhamos visto ainda. Reproduções coloridas belíssimas de cenas de caça aos touros no Mesolítico de Taurinos. A língua escrita aparecendo como sinais estranhos, desenrolando-se em outras línguas à medida que avançávamos as páginas para chegar ao português arcaico, o nhengatu e outras línguas do Brasil colonial até o português de nossos dias que era a parte que examinamos à tarde inteira. O livro fascinava a todos e especialmente a mim. Penso no que ainda há para ser achado aqui.

Andrés encerrou a sessão, desligando os ventiladores. Nos preparamos para subir de volta à superfície.



Quinta-feira, 5 de março de 2009

O menino mais sanguinário do Brasil

Outro almoço na fazenda Feletti. Hoje conheci a irmãzinha de Arthur, Simone. É engraçadinha, mas sacudida demais, como se diz por aqui. A mãe de Arthur continuamente vai buscar a menina lá fora e quando se dá conta, a pequena já está ao ar livre outra vez.

Em particular, perguntei ao chefe de família daqui se Arthur lhe tinha contado o sonho duas noites atrás. Ele disse que o menino contou o sonho a ele, mas se apressou em relativizar o problema, *"todo mundo está tão nervoso na cidade, as aulas foram suspensas, as pessoas estão dentro de casa imaginando minhocas e isso acaba aparecendo nos sonhos. Eu só posso agradecer a vocês pela preocupação, mas não há nada a fazer aqui que a gente não possa fazer como família. Nossas cabeças de gado são problema nosso e de mais ninguém. Sabemos nos defender."*

O orgulho é uma instituição falida. Mesmo assim, apostamos todas as nossas preciosas fichas nele como única chance de manter nossa autoestima. Como na estrada da vida confundimos autoestima com orgulho... Se ao menos pudéssemos entender que às vezes precisamos uns dos outros.

Aberta a sessão no Mithraeum. As baias estão quase

completas. Hoje foram preenchidas a segunda e a quarta baia. Só faltava a sétima. Anderson e Bruno tiveram um ótimo dia de caça esta manhã, segundo eles mesmos. Eles contaram cada um de sua experiência.

"Você tinha que ver como ficou o mercadinho do Souza, o coitado do hominho estava desesperado. É um hominho sacudido que só ele, mas ficou no prejuízo dessa vez", contou Anderson.

"É, o Souza e a Prefeitura estão atraindo bem touro pra lá, não sei o que eles vão buscar lá dentro. O meu eu tirei de dentro da sala do prefeito. Que barricada de luxo que nada, aquele só o que segurou foi o Rompun®. Adivinha como ficou lá dentro, era só mobília quebrada e esterco pra todo lado", Bruno engasgou diante das risadas gerais e parou para rir também.

"Arthur", disse Andrés depois que a risadeira geral terminou, *"agora só estamos esperando pelo seu. Você acha que dá pra trazer um desses amanhã?"*

"Ele vai vir. Amanhã mesmo", Arthur parecia tão convicto do que dizia que animou todos ao redor.

"Bom, a gente fica mais tranquilo então, porque amanhã já é dia 6...", e Andrés mostrava um sorriso

calmo.

Voltamos ao exame do Livro das Origens. Todo ele é um diário de registros de tudo o que tinha a ver com a Sociedade Antiga dos Taurinos. Se uma folha caísse de uma árvore isso não seria registrado, logicamente. Mas se ela caísse durante uma sessão da Sociedade, isto com certeza iria para os autos, tamanha a preocupação com os detalhes na descrição de tudo o que tinha a ver com ela. Renan teve a idéia de ver o final do livro. Verdade. Temos o Livro das Origens na fazenda Taurinos e no entanto não mexemos em 10% dele. Como se interiormente, sem perceber, tivéssemos medo de manipular o objeto ancestral.

"Doidimais essas páginas em branco no fim, queíss? Óiqui, legal, você anotou a reunião de ontem também", Anderson, Bruno e Adriano tinham se adiantado. Na verdade, eu é que tinha me atrasado, pensando as minhas coisas sábias. Mas eu disse a eles que não anotei uma palavra no livro. Começou uma chuva de expressões de estranheza, a minha incluída. Andrés negou ter encostado no livro depois que o levou para casa. Adriano também não se daria ao trabalho.

"Letra do meu pai não é, e mesmo que fosse, ele não esteve presente...", justificou Andrés.

"Então, o livro está se escrevendo sozinho... Nuémêss?", Adriano parecia atingido por um raio.

"Creio em Deus Padre, quanta besteira", Andrés fulminou o irmão mais velho com o olhar.

"Você tem explicação melhor?", tornou Adriano.

E aconteceu que Andrés não tinha nenhuma explicação para o fato da reunião estar registrada ali. O livro finalmente chegou às minhas mãos. Tive de me conter para não soltar um grito de espanto. A minha letra no bendito livro. Era a minha bendita letra no bendito livro.

"É a senhora que está escrevendo, não é, D. Stella? A letra é sua, não é? Tô vendo pela sua cara", provocou Bruno.

"A letra é minha... Mas não sou eu quem está escrevendo."

Risada geral. Não dá pra culpar nenhum deles por não acreditar. Eu viro mais uma página, leio o conteúdo e pergunto se esta letra é a mesma minha. Ele olham por cima, apenas julgando a caligrafia de palavras soltas, comparam com a outra e me dizem que é. Passo o livro para Andrés, aponto um parágrafo e peço que ele leia em voz alta.

"Comentadas as páginas em branco no final da publicação e o registro da reunião anterior da Sociedade Antiga dos Taurinos por Anderson Nascimento Caldeira, seguido por Bruno Linhares Pinho e Adriano Gilva Conselheiro. Os membros da Sociedade Antiga dos Taurinos começaram a estranhar o fato de a reunião anterior estivesse registrada neste Livro das Origens sem que nenhum deles tivesse aberto o livro para escrever nele. A letra de Stella Freitas-Grisam foi reconhecida como tendo sido a escolhida para anotar as sessões de encontro da Sociedade Antiga dos Taurinos. Adriano Gilva Conselheiro e Andrés Gilva Conselheiro negaram ter pegado no Livro das Origens depois que o levaram para casa. Andrés Gilva Conselheiro também esclareceu que seu pai não tinha tal caligrafia e mesmo que tivesse tal caligrafia, não tinha estado presente à sessão por..."

"Creio em Deus Padre...", espantou-se Anderson olhando o livro de olhos arregalados, "esse trem ficou todo esse tempo dentro da minha casa???"

Andrés me relanceava os olhos aqui e ali, ligeiramente aturdido. Lá embaixo nas baías, os touros ficaram francamente indóceis, o som metálico das barras parecia mais forte e as barras mais fracas a cada novo dia aqui dentro desta catacumba (e agora são seis). Arthur se quedava pensativo, mas não

se tinha acabado de descobrir. Arthur nem mesmo parecia estar ali. Essas introspecções me preocupavam nele, eu chegava a eclipsar minha própria estupefação em descobrir que algo está usando a minha caligrafia para escrever a história daquela Sociedade e de sua classe de 2009 em tempo real.

Procuramos para trás. Meu nome está ali completo sob o nome de Renan, na reunião de fundação da Sociedade, o resto da reunião é contado da mesma forma seca e burocrática, como um escrivão o faria, inclusive o fato de Andrés ter chamado a atenção de Renan e a minha durante a reunião. Cada vez mais fascinados, corremos para onde nunca tínhamos ido: à cerimônia de 1957. E onde está ela? Em lugar nenhum, ao que parece. Mais para trás temos a descrição do processo em 1905, no início do século vinte. Depois o que há vai cada vez mais para trás, 1853, 1801, 1749 e assim por diante (ou para trás?). Nada sobre 1957.

"Que estranho, será que está em outra parte?", intrigou-se Anderson.

Viramos o Livro das Origens de ponta cabeça. Nada. Como se a classe de 1957 nunca tivesse existido. A surpresa era geral. Nos registros da classe de 1905, vimos que aguardava uma nova vinda de um lidador dali a 104 anos, que segundo o registro traria sua

experiência, tudo aquilo que vimos ontem.

"Oiquí, é seu antepassado na classe de 1905, Luís Felipe Mattos Conselheiro é antepassado de vocês, não?", perguntou Arthur, curioso com seu achado.

"Porra, faz tempo que o teu povo combate esses bichos, hein Adriano? Hein, Andrés?", ajuntou Bruno, admirado.

"Alguma coisa não se encaixa", eu disse a eles, "ou devo dizer, nada se encaixa, nada bate com nada..."

"O que eu percebi", declarou Guilherme, "foi que se em 1905 eles esperavam a vinda de um lidador, como chamou ontem? Aqueles Que Retornaram. Isso. Aqueles Que Retornaram. Então, se esperavam esse Taurino para dali a 104 anos, ele está nessa arena junto conosco. Ele... ele é um de nós sete. Nuémés?"

Os meninos começaram a olhar uns para os outros numa paranóia típica de um jogo do assassino. Nenhum deles iria confirmar essa idéia de Guilherme de ser um d'Aqueles Que Retornaram, embora todos achassem que só podia ser isso, já que seguiam pelo Livro das Origens e por seus registros.

"É muito provavelmente ele sabe quem ele é. Pois se o mais difícil que é retornar ele fez...", acrescentou Adriano, em suspense.

"Acho que ele não vai dizer quem ele é", explicou Renan, *"deve ter os seus planos ou sei lá o que."*

"Seria você, Renan?", perguntou Adriano.

"Não. Seria você, Adriano?", devolveu Renan.

Eu disse a eles que isso não adiantava nada. Se ele estava mesmo entre nós, ou se acusava de pronto nesse ponto do aprendizado com o Livro das Origens ou se não se acusava teria lá os seus planos, como Renan muito bem havia colocado. Eu disse que talvez ele não se desse a conhecer. O importante agora era que a Sociedade se preparasse para a cerimônia que aconteceria em dois dias.

Eles concordaram. Andrés passou para a parte mais dolorosa do processo. O processo de descarnamento total dos desgraçados animais que aguardavam sua mais completa aniquilação lá embaixo na baía. Como que os animais percebessem, a agitação nas baías foi realmente audível. Renan foi chamado a dar aos outros uma oficina rápida e informal sobre como provocar o máximo de sofrimento no touro antes que ele fosse cortado em bifes pequenos, adequados ao consumo em churrasqueiras e grills por toda a Taurinos. Via-se que Renan estava em seu elemento.

"A espada é enterrada no dorso, na parte superior."

Tem de ser bem enterrada, com força, mas principalmente com jeito. Nada de compaixão, porque vocês precisam relaxar os músculos do dorso que é o que vai chupar fora toda a energia do animal e garantir uma batalha mais segura para..."

"Relaxar é uma palavra meio humorística para descrever o que acontece, não?", eu ameacei tumultuar a sessão com meu sarcasmo.

"D. Stella e seu senso de humor... Por favor, deixe o irmão continuar", rosnou Andrés.

"...o lidador que estiver na arena. A espada pode ser girada para abrir mais a ferida antes de ser retirada. Tem de ser retirada, porque é uma maneira de deixar fluir mais sangue e enfraquecer ainda mais o bicho. Gostou do "enfraquecer", D. Stella? Melhor que relaxar?", o mineirinho sabia ser sarcástico também.

"Quanto ao desmembramento, ele deve ser executado tão lentamente quanto possível em um longo, nojento e agradável ritual de sangue, sofrimento e morte", ele continuou olhando fixo para mim como numa provocação. Renan era um amorzinho, o que não quer dizer que ele fosse um amorzinho o tempo todo.

"Renan, sabemos o quanto você ama muito tudo isso,

mas por favor não fique babando nas arquibancadas", avisou Andrés, debaixo de uma chuva de risadas dos outros Taurinos.

"E principalmente não fique babando sangue", juntou Anderson assombrado, *"puta merda, esse porra mordeu a língua..."*

Renan sentiu o gosto do próprio sangue e ficou inquieto. Se sentou para não cair, ficou ofegante, cuspiu mais sangue. Minha pressão está oscilando, meus olhos não tem como fugir do evento, o restante é pura escuridão. Meus olhos voltam sempre ao mesmo ponto.

Andrés resolveu fechar a sessão. Ainda precisavam levar Renan até a Unidade Mista do município para ver aquela língua. Capaz do menino dizer que eu o enfeiticei. Não fui eu. Anderson ainda brincou com ele, dizendo que nada como o próprio sangue da gente para matar essa sede imensa.



Sexta-feira, 6 de março de 2009

Te prometi um milagre

Acordei com o som do telefone. Olhei no relógio de cabeceira, que marcava meia-noite e vinte. Muito embora eu saiba que a ligação não é para mim, um telefone tocando tarde da noite por aqui não tem como ser coisa boa. Alguém atendeu. Aguardei debaixo do cobertor tentando escutar o que se dizia. Estranhamente me pareceu ouvir meu nome ecoando de alguma forma pelo hall de entrada, onde fica o telefone "oficial".

Agora, claras batidas em minha porta. Me enrolo num roupão, vou abrir a porta e Duílio está no espaço entre a sombra e a penumbra do corredor com uma expressão entre a sombra e a penumbra.

"D. Stella, acabo de receber um telefonema do Horácio, pai do Arthur. Eles capturaram um touro com o tranquilizante."

"Que ótimo, só faltava mesmo o touro do Arthur, agora parece que ele pode..."

"Horácio pediu que a senhora venha comigo e com o Andrés. Ele disse que é importante que a senhora venha."

Fico alarmada. Primeiro por que ligariam a uma hora

dessas para dizer que capturaram um touro? Por mais importante que fosse para a cerimônia, sempre se poderia ligar de dia, eles teriam pelo menos a sexta-feira inteira para lidar com isso. E o que pode ser isso, nem conheço o dono da fazenda além das poucas palavras que troquei com ele ontem no almoço. Por que é que eu tenho de ir, e por que tanta ênfase na minha presença?

"Eu perguntei a ele porque queria que a senhora fosse, mas ele desligou rápido."

"Ele parecia nervoso?"

"Sim, e muito. Vou acordar o Andrés, me vestir, só vai levar um minuto."

Coloquei o mp3. Tenho a esperança de acalmar as minhocas que me surgem na cabeça por conta do telefonema a essas horas, a incerteza da informação vaga. Avanço uma faixa para a frente e a música começa.

"Te prometi um milagre. A Fé é uma coisa bonita. Promessas, promessas, enquanto os dias dourados surgem a vagar. O acaso, como o amor, toma um trem. Brisas de verão e luz brilhante. A vida espelha uma cura. Tudo é possível com promessas. Tudo é possível no jogo da vida. Tudo é possível." Te Prometi

Um Milagre, escrita e gravada por Simple Minds, em New Gold Dream (81, 82, 83, 84), 1982, A&M.

Na fazenda Feletti todas as luzes parecem estar acesas. Penso em Arthur e em seu sonho, o que me aflige ainda mais. A incerteza com que chegamos, os sinais que vemos no caminho, gente chorando, desolação. Agora eu posso ver. E se antes não pude é porque talvez me recusasse a acreditar. Eu queria crer num milagre até o último momento e foi o que fiz. O sonho de Arthur não era apenas um sonho, vejo agora. Reconhecendo o carro de Duílio, um dos camaradas da fazenda vem nos receber.

"O que acontece aqui? Por que as luzes estão todas acesas?", Duílio esticava o pescoço para fora do carro, tentava ver além do que podia, ao ser abordado pelo camarada.

Nervoso, o camarada nos conta que fazia uma ronda pela fazenda com o rifle de dardos tranquilizantes. Ele conta que foi a pedido de Arthur que deveria levar um touro para o Mithraeum hoje sem falta. Andrés olhou para mim e para o pai, começando a ficar nervoso. O homem ouviu ruídos nos fundos da casa, correu para lá quando viu o bicho enorme, avançando contra os fundos do paiol. Ele conta que atirou e acertou o dardo em cheio, mas isso não

impediu o choque do animal com a parede do paiol. De repente, ele viu a irmãzinha de Arthur correr de trás do paiol, espavorida, os olhos arregalados como pires. Um frio começou a correr pela minha espinha, para cima e para baixo. O sonho.

"Foi só quando cheguei atrás do paiol que vi 'só' Arthur caído, sangrando. Achei que era coisa pouca, que o menino é liso, sabe se cuidar. Não era pouca coisa, no final..."

E depois de uma pausa, ele continuou:

"Quando eu tentei levantar ele, ele só falava numa tal Stella, Stella. Ele disse que ela tinha agora de fazer por ele. Falou que ela era a única que podia. Não entendi nada, mas lembro bem do que ele..."

"Como ele está? Como ele está?", atalhou Andrés, desesperado.

"Ele gostava muito do senhor, 'só' Andrés", disse o homem para o menino, cujo fisionomia já se desmanchava no mais puro desalento só de ouvir a frase no passado, "a primeira coisa que perguntou quando ainda conseguia falar foi pela irmã. Eu disse a ele que estava tudo bem com ela, mandei alguém chamar uma ambulância correndo. A segunda coisa que ele disse foi que levassem o touro para a

cerimônia. A última foi falar nessa tal Stella... Não deu tempo nem de chegar no telefone..."

Os verbos no passado. Arthur é passado agora. Ficou no dia de ontem, esquecido ao sabor das descobertas inacreditáveis que fizemos juntos. Não me lembro do que foi que o entusiasmou ontem, mas foi a única coisa. Todo o tempo calado, num outro espaço, como se soubesse que não demoraria muito mais caminhando sobre a Terra entre os Taurinos. No banco da frente, Andrés baixou a cabeça até que ela encostasse no painel do carro. Goluçava baixinho, talvez num esforço sobre-humano de tentar nos dizer que um homem não chora. Duílio acariciava a cabeça do filho, numa vã tentativa de lhe dar algum conforto.

"E agora?", perguntou o chefe de família, desorientado.

"Agora é a parte terrível", eu disse olhando a movimentação ao redor da casa, *"conversar com os que ficaram."*

A atmosfera é pesada no interior da casa e nem poderia ser diferente. Pêsames. Condolências. O som abafado e misturado de rezas. Um trato social frívolo que procura esconder, mas não esconde a dimensão da ruptura que a morte realmente traz. O fim de todo o contato objetivo com o ente mais querido, que a partir daí, não viverá além de nossas recordações mais queridas. Para mim é o choque de saber que

no dia anterior não está agora nem estará mais. Não conhecia esse menino há pouco mais de sete dias. Mas os dias que temos vivido no Mithraeum têm sido como anos de conhecimento entre todos nós.

Horácio, o chefe de família daqui, me chama para uma conversa na varanda de fora, onde muitos passam, mas ninguém para. Assim que nos sentamos ele olhou para mim.

"Não, não foi fatalidade, "sá" Stella. Foi algo que ele viu e nós não demos confiança a ele. Istrudiamês ele tocou no assunto, como a senhora tinha dito. Dissemos a ele para ficar em casa uns dias, já que não tinha escola. Ele ficou, mas deu no que deu. A gente tinha que acorrentar no pé da cama. Isso não pode, não é? Estou sem saber o que pensar, o que dizer, sem um chão pra colocar os pés."

Deixei que ele falasse. O que posso dizer a alguém que acaba de perder um filho?

"Uma coisa que ele disse antes de ir foi que o touro dele tinha que chegar para a cerimônia. Peça ao Duílio que venha buscá-lo de manhã, ou vou mudar de idéia e retalhar aquele monstro nojento ainda vivo no machado e no facão. Ele só sai daqui vivo porque o meu filho quis assim."

"Eu falo com ele, pode ficar tranquilo."

"Arthur ainda disse mais e foi por isso que eu insisti que a senhora viesse. Ele disse que a senhora é a única que pode tomar o lugar dele na cerimônia agora. Porque a senhora foi a única iniciada além deles sete na Sociedade."

"Eu..."

"E eu sei que a senhora não vai desapontar o menino. Não vai desapontar o povo decente de Taurinos. É gente que só quer paz para trabalhar e viver. Tem muita coisa em jogo na cerimônia de amanhã. Arthur vinha se preparando há mais de ano. Era como se preparar para uma passagem da vida para ele. Ansdionti aquele sonho. Não é justo, D. Stella, que planos o grande Mitra pode ter para nós? O que é que o futuro tem guardado pra gente?"

Uma lágrima correu pelo rosto duro e sofrido do sertanejo. Um rosto feito mais velho em poucas horas por uma dor que jamais chegarei a conhecer em minha vida. Porque nunca tive filhos, nem mesmo a paranóia de perdê-los me passaria pela cabeça. Eu estaria sendo falsa e hipócrita ao dizer que consigo imaginar por quais profundidades desoladas da dor esse homem agora vagueia. Nem meus anos de psicologia, meus estágios, a experiência acumulada me podem dizer algo que faça o menor sentido sobre o

neste dia que nem começou. Ainda de família, mas um pouco menos pai a partir de hoje.

Ele me entregou a espada que Arthur deveria usar na cerimônia, espada que nem chegou a sair da bainha, *"agora é sua. Faça o melhor que puder com ela. Lembre-se de meu filho quando usar essa espada. Seja meu filho quando usar essa espada."*

Ele então tirou um papel amassado do bolso depois de uma pausa, longa como a eternidade, em meio ao som de fundo do choro, das rezas e das conversas baixinhas.

"Este é um papel em que ele estava escrevendo uma poesia um pouco antes de dormir", Horácio ia concluindo a conversa no limite de suas forças, *"eu vi o menino amassar o papel e jogar no lixo e fiquei curioso. Sem ele perceber, guardei o papel amassado comigo; levem com vocês. Não quero ficar imaginando o final da poesia nem como ela seria se ele tivesse conseguido ir além do título. Fique com esse papel. E o que tem aí escrito significar alguma coisa para vocês, já vai ter valido a pena. Porque para mim não significa mais nada."*

Uma onda misturada de espanto, esperança e ternura varreu meu corpo e mente no momento em que desamassei o papel. Nele, as únicas quatro

palavras que ele tinha conseguido escrever: *"Te prometi um milagre"*.

"Eu não ia querer ir para casa numa noite como essa, em que descubro que parte do passado se perdeu. E a lâmpada na janela já torrou seu filamento. Puxo tudo para dentro, mesmo assim tudo está solto. Eu não gostaria de ficar fora com notícias como essa correndo. As máquinas todas alto demais, as calçadas chegam a assobiar. Como os garotos na escadaria se reunirão outra vez para falar de justiça, liberdade e de dor. Tudo está dentro, mas está tudo solto." Para Dentro, escrita e gravada por Big Country em The Crossing, 1983, Mercury Records.

Desligo o mp3 ao chegar. Duas horas da manhã. Andrés ainda não conseguiu parar de chorar e eu nem entreguei o papel amassado a ele ainda. Na fazenda Feletti aguardam laudo para a liberação do corpo de Arthur, mas ninguém lá parece disposto à muita burocracia. O velório começaria às oito da manhã e o enterro seria no final da tarde. Penso no pesadelo que será para a família até que essa poeira se assente. Se um dia assentar.

Adriano e Aparecida nos aguardam no alpendre. Quem conseguiria dormir numa noite como essa? Ao ver o irmão chorando, Adriano começou também,

abraçado com a mãe. Eles provavelmente já imaginavam. Eu imaginava. O menino imaginava. E ninguém fez **porra nenhuma**, isso é o que mais me irrita e deprime em toda a situação. E o que mais me deprime é pensar que nada poderíamos fazer para ajudar com isso. Ficaríamos morando lá à espera de um animal que viria ou não viria?

Velório. A mesma atmosfera sombria da casa na madrugada, só que aumentada da confusão de touros e vacas disputando lugar com as pessoas participando do velório. A cidade inteira compareceu ao velório de Arthur. Todos eles estão nas ruas na manhã de hoje.

Apesar do clima sombrio e caótico ao redor, os meninos parecem mais calmos agora. Me puxam para para o adro da igreja, um banco mais distante da confusão geral em torno do velório, atrás das barricadas da igreja, para conversar. Lá nos aguardam os outros quatro para uma conferência.

"Eu quero trocar o meu Sagrado com o do Arthur", Renan estava assediando Andrés, "te peço de joelhos se você quiser. Nunca te pedi nada, mas hoje vai ser o dia, meu irmão. Por favor, deixa eu pegar o monstro."

"Poupe seus preciosos joelhos para a batalha, meu caro e ansioso amigo... Este Sagrado foi passado para D. Stella pelo pai do Arthur e pelo próprio Arthur que

esqueceu até que estava morrendo para destinar um touro e um lidador para assumir o lugar dele. Um cara que morreu defendendo uma menina indefesa e a própria família dele. Para mim isto basta... Isto é definitivo."

Noto que Andrés está tremendo. Está aparentemente calmo ainda, mas parece estar a ponto de perder o controle. Não é para menos num momento como este. Os meninos o olham como se ele tivesse acabado de cair do céu, seu irmão incluído. Renan resmunga alguma coisa, contrariado. Bruno não tem posicionamento muito diferente. Apenas Anderson, Guilherme e Adriano parecem manter um certo distanciamento. Eles observam a tudo, atentos à importância do momento no tempo e no espaço.

"Renan, eu sei o quanto você quer pegar esse touro. Não é diferente de mim ou do Adriano, Anderson, Guilherme ou o Bruno e, tenho certeza, D. Stella também. E todos sabemos que entre todos nós você é o melhor e o mais cheio de conhecimento para tornar os últimos minutos do monstro piores que mil infernos. Conhecemos a tua ciência e sabemos quanto mal ela faz. Mas desta vez, ela vai ter que enfrentar esse Sagrado, meu irmão. Ela nunca pediu pra ser parte da Sociedade. Ela nunca pediu essa responsabilidade enorme que ela tem agora. Mas aqui está ela, disposta a ajudar o nosso povo, alguém que chegou até aqui onde estamos junto com a gente."

"Eu faço minhas as palavras do Andrés", eu tinha que intervir neste exato momento, fiquei emocionada pelo que o gordinho de óculos (sempre meio empoeirados pela poeira do cerrado) disse em minha defesa, "ele não poderia ter dito melhor. A responsabilidade é minha. É a última vontade de um membro da Sociedade e como disse Andrés, para mim é definitivo também. Eu nem em pesadelos gostaria de me ver arrastada para dentro daquela arena. Mas amanhã eu vou entrar lá para lutar e tenho que entrar lá dentro com o melhor da minha boa vontade. Por que é isso que o momento exige de mim, não é? Então é como vai ser."

"Por que o teu pai não pode substituir a D. Stella? Ele é iniciado também, não é?", insistiu Bruno assim que Renan se aquietou.

"Porque o meu pai não foi iniciado na reunião de fundação. Ele é iniciado dentro da Câmara Externa assim como os pais de todos vocês. Nós somos iniciados dentro da Câmara Interna. Quem é iniciado dentro da Câmara Externa pode vir tomar um cafezinho com a gente, mas nada de partilhar mistérios com ele."

As mãos dele tremiam cada vez mais. A voz agora tremia junto com elas.

"Agora, chega dessa desgraça dessa discussão."

Ninguém mais vai pensar em nada que não seja o nosso objetivo de amanhã. Eu não tô aguentando mais, galera; eu não tô aguentando mais. Eu juro que não...”, as lágrimas repentinamente começaram a rolar de novo pela face dele, “...tem uns dias que eu penso em largar tudo e caminhar até o cansaço me matar ou um touro me pisotear. Mas que merda, que maldição do caralho é viver nessa cidade fodida de bosta...”

Eu o abracei e para minha total surpresa ele não fugiu do abraço e até se aninhou no meu peito como um bebê minúsculo. Todos pareceram tomar consciência do momento que vivíamos todos nós juntos. Homens e mulher, estamos todo no mesmo barco.

De volta ao Mithraeum para o nosso último encontro antes do verdadeiro Armageddon que seria a cerimônia. Quando tínhamos terminado de descer as escadas e Andrés ligou as luzes do santuário, o tumulto nas baías lá embaixo se iniciou. As sete baías estavam preenchidas agora. Nada mais se interpõe entre nós e o ritual. Porque se algo se interpuser, será o fim desta cidade e de sua população. E o meu.

No entanto, ao ver o espaço onde estaremos lutando com feras de pelo menos meia tonelada amanhã aos primeiros minutos do sábado fatídico, me assaltou a dimensão do encargo que eu havia aceitado de bom

Não criei tais circunstâncias, mas acabei envolvida e arrastada por elas. Ontem tive uma baixa de pressão ao ver sangue escorrendo da boca de Renan. Como poderia, mesmo que vença o animalão, arrancar dele vivo sua pele, carne, órgãos, fazer seu sangue esguichar sem cair dura no meio da arena destruindo assim qualquer chance de uma cerimônia bem-sucedida para a Sociedade?

Me preparo para a morte. Que ela virá, virá, mas acho agora que muito antes do que eu penso. Não há como desistir e sair da cidade a pé. Provavelmente seria trazida de volta à força, **na melhor das hipóteses**. E mesmo que eu assim quisesse, haveria ainda o compromisso com alguém que se foi acreditando em mim. Alguém que paradoxalmente não me queria na Sociedade desde o início e foi sincero a esse respeito todo o tempo. Alguém que por alguma iluminação particular chegou à conclusão de que estava errado; talvez sua decisão de me passar o encargo se devesse a uma necessidade dele de ajustar as contas com seus últimos dias. O que ele acabou fazendo, no final das contas.

“D. Stella”, chamou Andrés, “desça aqui na arena com a gente.”

Respondo ao chamado e, dominando minhas paranóias, desço para a arena. Um frio sobre e desce

pela minha espinha a cada passo que dou na direção dela. Andrés me mostra o último Eagrado. A mancha violeta de tinta no dorso, o olhar assassino do animal se voltando para mim. Os meninos estão em torno da baia, olhando para ele com olhos não menos assassinos.

"Aqui", e o menino gordinho chutou a cancela de ferro da baia com violência desusada, exasperado e irritando o touro e os outros ao lado, *"tá aqui o filho de uma puta que matou nosso amigo. Olha bem pra essa cara enorme e nojenta de besta-fera, D. Stella. Foi ele. Foi ele. E não olha pra mim, D. Stella. É pra ele que a senhora tem que olhar."*

"Andrés...", Adriano tentava acalmar.

"Calá a boca, Adriano. Isso, D. Stella... Aprenda a odiar esse monstro. Encontre um ódio dentro de si que nunca tenha dedicado a ninguém e dedique todo esse ódio a ele. Tudo de uma vez, indo que nem tempestade pra cima dele. Sem dó. Sem piedade. Sem misericórdia. Sem compaixão. Porque esses touros vão direto pro céu. Nós vamos ficar aqui. Eu não quero saber se você nunca mexeu com isso. Se for considerada fraca demais pra aplicar nele a punição que ele merece, todos nós vamos ter falhado e a cidade vai secar de dentro pra fora. Mas você não vai ter que esperar até suas tripas sequem como se fossem feitas de pó fino, porque se você falhar com a

fatias e te faço engolir cada porra de pedaço de carne que tiver no corpo dele, tripas, tudo até que você não seja mais que um saco gordo, nojento e seboso de carne, atolada e sufocada por toda aquela tranqueira dentro do corpo. Fui claro? Alguém tem algo a declarar contra ou a favor? Intonces encerro a sessão de hoje."

O silêncio pesou devastador sobre a arena, come exceção do ruído alto dos touros bem à nossa frente. Eu tinha ouvido o que precisava ouvir. Coloquei meus fones, ajustei o aleatório e coloquei pra tocar.

"Depois de tudo que eu vi, depois de tudo que eu vivi, hoje eu estou aqui só pra dizer o que aprendi: aprendi a odiar. Aprendi a odiar!!!" Aprendi A Odiar, escrita e gravada por Inocentes em Miséria E Fome, 1988, Devil Discos.

Sábado, 7 de março de 2009

Este pandemônio esta noite

Santuário. Mithraeum, cheio de gente em volta. De longe, pela gaiola da caminhonete já vejo a movimentação, gente da cidade em torno. Pergunto aos meninos o que é aquilo. Andrés explica que vieram da cidade nos saudar e desejar boa sorte nas profundezas da Catacumba Obscura da Morte, da Destruição e do Infinito Horror. Faltam vinte minutos para a meia-noite. No assento à minha frente, Anderson sentado como se preferisse não tocar a superfície dele.

"Tá com medo de sujar a roupinha branca, Anderson?", Renan dava corda no amigo, suave vingança por Anderson ter dito a ele que nada para matar a sede como o nosso próprio sangue.

"Sangue bom é o que vem da língua, Renan", e um mineirinho deu uma piscadinha marota para o outro mineirinho.

"A sua língua melhorou pra raio, hein Renan?", Andrés tentava relaxar através do exercício do escárnio.

Eu e seis minúsculos habitantes de uma cidade perdida de Minas Gerais na traseira gradeada da caminhonete, transportados como gado. Fazendo

piadas para relaxar a tensão. Não sinto Renan tenso, só se for pela antecipação de em menos de uma hora estar a braços com um Sagrado gigantesco e visando a melhor posição para começar o Sagrado Retalhe. Retaliação aqui só se for com um "h" ao invés de um "i".

"A senhora fica bem de branco, D. Stella", disse Bruno, até então conversando interminavelmente com Adriano à meia-voz.

"Você fica bonito de branco também, jovem Taurino", e eu ri uma meia-risada.

Anderson agora conversava com Guilherme e Bruno. Eu, Adriano, Andrés e Renan nos quedamos em silêncio total, à medida que a caminhonete se aproximava do Mithraeum. Ao chegarmos, juntou gente. Foi difícil descer da caçamba com tanta gente querendo ver os sete malucos juntos talvez pela última vez. Uma chuva de boas-sortes nos cobriu junto aos inevitáveis amuletos que recebemos de presente, abraços e uma torrente de tapinhas nos ombros e nas costas. Andrés me pediu os óculos, juntou aos dele e entregou os dois pares ao pai, enquanto eu tentava autografar a camiseta de uma jovem moradora de Taurinos que veio de branco também *"pra trazer um astral de Mitra, uma boa luz"*, mesmo não estando condenada a participar da cerimônia como nós sete.

E um dos que nos vem desejar boa sorte é "sêo" Danilo. Sempre sorrindo, o tipo de mineiro que sabe o valor de um sorriso e do bom humor. Ele me falou em particular, *"eu lhe disse, uma vez que o Livro das Origens registre seu nome, é pra valer. O livro está vivo, ele pode lembrar de coisas que nem eu nem você lembramos mais. Boa sorte, 'sá" Otella. O Astro Rei vai lhe guiar, tenho certeza"*, ele apertou minha mão firme nas dele. Não sei porque me senti melhor depois do aperto de mão, ele passava uma vibração positiva como a nativa e seu boa-sorte meio ingênuo, meio *hippie*. O caos aqui em torno é grande e já cobra bem dos meus nervos. E a cerimônia nem começou ainda.

Descemos as escadas longas do Mithraeum mais uma vez. Andrés teve trabalho para fechar a porta do alçapão, tamanha a quantidade de gente em volta. As luzes da escadaria iluminavam até certo trecho lá embaixo. O mais era escuridão. E sabíamos o que espreitava lá embaixo. À medida que descíamos, o ruído das pessoas ainda na porta Mithraeum ia se misturando ao ruído de metal das grades lá embaixo. E eu antes não sabia como era uma descida ao inferno, agora eu tinha uma perfeita idéia de como deveria ser.

Ao chegarmos ao final da escadaria, Andrés apagou as luzes do caminho. Escuridão total, mugidos altos como

umas nas outras. Os ruídos de pessoas ficaram no passado. O presente era esta escuridão e aquele ruído infernal, antes que Andrés acendesse as luzes do santuário.

Quando ele as acendeu, o santuário pareceu surgir vivo do nada. A meia luz por toda parte que se via, o foco de luz fantasmagórico exatamente sobre o centro da arena. Nos sentamos todos nas arquibancadas e nenhum olho conseguia sair do círculo da arena lá embaixo. O barulho dos Eagrados e das grades era alto, quase nos limites do insuportável. Andrés ligou um relógio digital pequeno que projetava as horas na parede do fundo do santuário, tornando o ambiente ainda mais fantasmagórico. Faltavam nesse momento dez minutos para a meia-noite. Renan conversava baixinho com o irmão e com Andrés. Não sabia o que era, mas Andrés foi rápido em dar a ele uma resposta negativa.

"Não, Renan, seu irmão não vai filmar você na arena pra colocar na porra do You Tube e ponto. Éó não recolhi essa câmara antes porque não vi vocês com ela. O que acontecer aqui vai ser pra ficar só na memória."

Andrés trocou de lugares com Anderson para ficar do meu lado, *"eu peço perdão pelo modo como falei com a senhora ontem na arena. O que eu disse que faria eu*

vou fazer de verdade se a senhora falhar, mas existem outros modos de dizer as coisas pras pessoas. Estou perdoado?"

Eu não disse uma palavra. Ouvia a voz dele lá longe, como vinda de uma outra dimensão direto para uma fita cassete usada em psicofonia. Ele repetiu a pergunta mais três vezes e desistiu, eu não dizia uma palavra. Ele então mudou de assunto.

"A senhora vai ser a última. Cuidado com o piso, porque a arena vai se tornar uma piscina de sangue, couro, chifres e tripas. A responsabilidade em terminar a cerimônia (e terminar bem) é totalmente sua... A senhora está prestando atenção?"

Ele olhou para mim longamente como quem procura ler o que se passa em minha cabeça. Não pareceu ter conseguido, e voltou para o lugar onde estava antes. Lancei um olhar ao relógio projetado na parede. Dois minutos para a meia-noite e, olhando também para o relógio, Anderson começou a cantar baixinho como se fosse Bruce Dickinson só para descontrair:

"Raça de assassinos ou a semente do mal, o encanto, a fortuna e a dor. Vá para a guerra outra vez, o sangue é a mancha da liberdade, mas não reze mais por minha alma. Dois minutos para a meia-noite. As

mãos que ameaçam com a aniquilação. Dois minutos para a meia-noite. Para matar dentro do ventre quem ainda não nasceu." Dois Minutos Para A Meia-Noite, escrita e gravada por Iron Maiden em Powerslave, 1984, EMI.

"Anderson, se concentra na cerimônia agora e em mais nada. É hora da guerra começar", repreendeu Andrés.

À meia-noite exatamente, Andrés disse que todos dessem as mãos. Pediu ao Astro-Rei a força necessária para a batalha e todas aquelas coisas bonitas que se dizem em orações e meditações, Pediu aos irmãos que dessem vazão à sua ferocidade máxima em fazer cumprir a Lei dos Homens neste inferno dominado por touros e incertezas.

Renan tinha o corpo agitado, febril por entrar na arena. Andrés pediu a ele que esperasse e ligou um outro dispositivo: um pequeno osciloscópio que começou a produzir um zumbido imenso que mudava de tom e modulação aleatoriamente, misturando-se aos sons de metal dos estábulos, criando uma barulheira além da mais forte produzida pela imaginação humana. Quando o ruído já tomava conta de tudo ao redor, irritando os Eagrados que escoiceavam as barras de metal em infernal

confusão, ele finalmente liberou Renan para que começasse a matança.

Os outros começaram a gritar encorajando o menino (como isso fosse necessário para alguém como Renan). Ele caminhou resoluto até a entrada do círculo segurando sua espada, pisou numa pequena laje em frente ao portão de entrada, afundando ligeiramente a lajota e liberando o portão. Olhou para o teto do santuário, persignou-se, pisou em uma outra lajota, esta dentro do círculo. O portão se fechou por trás dele e a primeira baia se abriu, liberando o Sagrado contido ali dentro. Ele saiu, toda a energia represada por todos os dias passados na escuridão e na limitação daquele cubículo explodiu dentro do círculo como uma bomba.

Renan era o alvo. A única coisa a se mover ali dentro além do próprio touro. O bicho investiu contra ele, mas encontrou a grade de proteção do círculo contra a própria testa. Renan se divertia em fazê-lo colidir contra a proteção e amassar a testa cada vez mais. Quanto mais furioso, mais o animal errava em suas investidas. Afinal, cansado da brincadeira, Renan veio com raiva na expressão e na atitude e arpoou o animal no topo das costas, como nos havia ensinado. A força que eu o vi empregar no ato não era fisicamente possível.

O animalão retorceu-se de dor, enquanto Renan montava nele logo atrás da espada e girava a lâmina dentro do ferimento como um torturador eficiente e devotado. Como se estivesse mexendo um caldeirão de sopa. O buraco se tornou visível mesmo das arquibancadas e enlouqueceu o menino assim que o sangue começou a jorrar da ferida mais que aberta. Eu vi Renan tirar a espada de dentro com um único puxão, enfiar a cara no ferimento e beber o sangue quente que transbordava dali. E o vi cravar a espada atrás de si mesmo, alargar a primeira ferida com as próprias mãos.

"Olhe pra ele e aprenda com um mestre de verdade", gritou Guilherme para mim, a voz quase sumida em meio ao ruído de fundo ensurdecedor. Eu estava abestalhada e engolindo em seco demais para conseguir lhe dar qualquer resposta, mas sabia que Renan mal tinha começado a apresentação.

Era o fim daquele bicho. O corpo coberto de tremores, o mugido lamentoso e insuportavelmente alto e cheio de dor que não parava, enquanto o diabinho ia rasgando cada vez mais a ferida e literalmente entrando dentro dela, como se o touro fosse uma fantasia e ele o estivesse vestindo. Em dado momento, Renan literalmente desapareceu dentro do touro, que ficou caído no centro da arena. Isso não está acontecendo. Quanto mais fundo ele ia, mais vísceras

eram atiradas para fora como se fossem pedaços de lixo sem importância, aterrissando no piso da arena que já era uma piscina de sangue. Os outros gritavam entusiasmados até que tudo parou. Apenas o animal ainda tomado de tremores e estertores aparentemente sozinho no centro do círculo.

Repentinamente, as próprias costelas e ossos do animal foram lançadas para fora. O Θagrado se abriu como uma concha e de lá pulou Renan, coberto de sangue e fluidos, agarrando o animal quase morto pelo pé e passando a rasgá-lo em fatias finas com nada a não ser suas mãos.

"Bom, sim, você fez o serviço muito bem. Aqui está um pequeno prêmio. A história do mundo." A História Do Mundo, escrita e gravada por Gang Of Four em *Songs Of The Free*, 1982, Warner.

"Gostaram da minha interpretação do nascimento?", foi a primeira coisa que o monstrinho coberto por camadas de sangue e outras nojeiras perguntou ao retornar às arquibancadas.

"Eu estou com vontade de vomitar", eu disse a ele, meio brincando, meio a sério, era difícil me ouvir falando em meio ao ruído.

"Pode vomitar na minha cara se quiser! O que é uma vomitada pra quem já está todo cagado?", e a coisinha redonda, minúscula e nojenta riu e de tanto rir, começou a se urinar todo, com grande cópia.

"Renan, chega dessa merda dessa nojice", ponderou Andrés, no fundo se segurando para não rir.

Eu tive de rir do bizarro da situação. Lá embaixo na arena, os cacos do que um dia tinha sido um touro. Nem mais um único espasmo de vida naquelas mantas de carne retorcida. Andrés olhou para Bruno e o liberou para descer para o círculo. Do mesmo modo que Renan, este também pisou a mesma lajota, liberando o portão. Dentro do círculo, ele olhou para o alto e se persignou.

"Certas coisas se aprende vendo", Andrés estava agora a meu lado nas arquibancadas enquanto Bruno já pisava a lajota interna, trancando o portão atrás de si e liberando a segunda baia. A mesma explosão de energia, a coisa imensa e escura voando sobre ele, mas nada que fosse intimidar um jovem matador como ele. Em dado momento, segurou o bicho pela pata traseira e o puxou para si mesmo com violência animal, talvez ainda mais animal que a do próprio animal que lidava.

Não consigo deixar de pensar que os movimentos

tanto do animal quanto os do lidador não pertencem às leis da física como a conhecemos. Algo acontece naquela arena, que não sei o que é. Mas tenho o meu palpite que muito em breve vou descobrir. A tensão em mim vai aumentando em meio à absurda violência do embate, o som enlouquecedor do osciloscópio zunindo, o metal das grades das baias e do círculo, a gritaria insana dos meninos comigo nas arquibancadas e o pior, a perspectiva de estar em muito pouco dentro do círculo pelejando um monstro de meia-tonelada e, como se isso não fosse suficiente, tinha de ser também o mesmo que tirou a vida de um de nossos membros.

"Violência! Sangue! Sofrimento! Morte! Issmêss! Mostra pro filho da puta quem manda, Bruno!", era a gritaria geral ao meu lado ao mesmo tempo alta e abafada pelo ruído maior.

Bruno agora submetia o animal a uma série de sofisticadas técnicas de humilhação, depois de ter enterrado a espada quase que até a empunhadura nas costas do touro. Ele agarrou o bicho pelos chifres e esfregou um lado de sua cara no chão até que nada mais restava daquele lado. O menino era realmente feroz. Era fácil de ver que o touro agora não tinha mais muito tempo de vida nas mãos dele. Antes que os olhos pudessem acompanhar, Bruno já tinha aberto o abdômen do touro com as mãos e se deitou dentro da cavidade como quem deita relaxado numa banheira

um amor distorcido pelo ódio, um ódio-amor que não cabia em seu próprio espaço de tanta contradição de si mesmo.

"Devemos viver nossas vidas como soldados no campo. Mas a vida é curta, e corro rápido todo o tempo. A força e a beleza se destinam a se degenerar. Então corte a rosa em plena floração até que os destemidos venham e o ato seja realizado. Um amor como sangue, um amor como sangue. Todo dia vivendo essa frustração e desespero. O amor e o ódio lutam com os corações em chamas, até que as lendas vivam, que o homem seja Deus novamente e que a auto-preservação não seja mais a ordem do dia. Devemos sonhar com terras e campos prometidos que nunca desapareçam engolidos pelo tempo. À medida que caminhamos para o que não tem fim, aprendemos a morrer, lágrimas de vermelho-rubro são derramadas sobre o cinza. Um amor como sangue." Um Amor Como Sangue, escrita e gravada por Killing Joke em Night Time, 1985, EG Records.

De seu relaxamento emergiu um Bruno furioso que passou a descarnar o touro da maneira mais visceral, dolorosa e horripilante possível, chegando a lançar órgãos e partes do bicho por sobre a proteção do círculo, sobre as arquibancadas. Andrés comentou comigo que ele não tinha a menor idéia de onde

estava jogando os órgãos arrancados, já que perdera a referência de onde estávamos e nada das arquibancadas pode ser visto de dentro da arena por causa da iluminação usada no Mithraeum.

Era o fim do segundo touro. Fim radical e completa aniquilação. Seus pedaços foram ficando pelo chão, ainda frescos e nervosos da batalha perdida. Alguns tremores ainda sacudiam estranhamente os membros arrancados do animal, como no magnetismo animal de Mesmer. Bruno deixou o círculo tão nojento como estava Renan e veio ter conosco, enquanto Guilherme sacava a espada de dentro da bainha e se preparava para a ação.

Ele cumpriu os mesmos rituais de entrada no círculo já executados pelos dois antecessores. O sincretismo do sinal da cruz num momento de sacrifício, uma luta que, embora não parecesse difícil daqui de cima e tivesse movimentos que eram executados facilmente demais, devia ser complicada lá embaixo (e o que quer que houvesse naquela arena no momento da batalha era coisa da qual a cada minuto me aproximava mais de saber). O ruído em torno, eternamente insuportável e a sensação de algo crescendo dentro de mim que não posso definir. Deve ser o osciloscópio, o desgraçado osciloscópio.

"Nada de pânico, não é difícil como parece", me disse o

Bruno, com pena da minha expressão e ainda pingando sangue e vísceras por todo lado.

"Não é pânico", eu expliquei, "estou sentindo náuseas."

"Já ouviu falar de Dramamine®? É um contra muito bom."

"Ah, mas hoje não vai funcionar", respondi quando Guilherme já se atracava com o animalão lá embaixo no círculo.

"Bom, foi só uma idéia...", ele concluiu antes que Andrés pedisse a ele para sentar por causa da ação lá embaixo. Ó percebi que era isso pelo gesticular de Andrés. Está cada vez mais insuportável o ruído e mais difícil ouvir o que quer que seja aqui dentro.

A matança meticulosamente executada por Guilherme teve um padrão parecido com a de Renan, talvez um mal de família. A diferença é que Guilherme soube extrair os miolos do bicho sem despedaçar o conjunto; ele parecia mais metódico que Renan. Ele atirava as partes internas para cima fazendo chover sangue e vísceras sobre si mesmo e sobre o infeliz animal que lidava. Ferocidade máxima em produtos e serviços.

Eu estava no final das arquibancadas quase, de modo

que qualquer um entrando ou saindo do círculo teria de forçosamente passar por mim. Grande lugar para recolher primeiras impressões; no entanto, senti que viriam me procurar em qualquer lugar, talvez porque sentissem que eu estava insegura e quisessem me encorajar, então todos eles se apressavam em conversar comigo depois de terminado o próprio festival de ferocidade.

Sobre o que eu estou falando? Terei de ser tão agressiva quanto eles. Terei de fazer o que todos eles estão fazendo, matando os touros todos um a um, num banho de sangue quente e atrocidade sem rival. Por que o meu próprio falso moralismo? Aonde é que eu vou para me esconder de mim mesma? Não existe saída daqui a não ser aquela por onde entramos. Não existe saída de um compromisso como o nosso.

Guilherme emergiu do círculo infernal todo coberto de sangue, partes pequenas do touro, vísceras, seu próprio sangue, até uma orelha grudada na camisa encharcada e pingando, e coberto da glória típica dos toureiros. Um verdadeiro guerreiro, ligeiramente ferido pelo touro e tudo. A arena é agora a piscina de sangue e vísceras bovinas prometida por Andrés. Agora Anderson se prepara para descer.

Tivemos Anderson arrancando as pernas do animalão uma por uma enquanto o animal mugia consumido

pela dor e pela violência insana do qual era vítima consumada. Sem condições de continuar sem uma das pernas, foi fácil a Anderson arrancar as outras, o rabo e finalmente a cabeça do animal, num processo angustiante que pareceu levar horas. A facilidade com que ele fazia tudo, como os outros antes dele, continuava a me intrigar. Chego a esquecer o medo de tudo, pela curiosidade de saber o que há na arena que faz os lidadores tão poderosos. A sensação estranha cresce mais e mais dentro de mim, como algo que pudesse se expandir para sempre sem nunca encontrar barreira para sua expansão. Andrés quer me enlouquecer e a todos nós com o maldito osciloscópio zumbindo e modulando sem parar.

Tivemos Adriano montando o touro e não sendo menos perverso que Renan em nenhum sentido. Pelo contrário, parecia superar o amiguinho por vezes. Eu engoli em seco, atônita com tanta crueldade e ferocidade tão extremada, o que não era café pequeno diante do que eu já tinha visto ali desde o começo.

Andrés finalmente desceu para a sua lida. A gritaria foi intensa enquanto ele cumpria os rituais de todos os outros e trancava o portão atrás de si. Sua lida foi uma das mais interessantes e tensas, mas ele sabia onde pisava em meio ao caos de sangue, membros,

cabeças, chifres e vísceras que a arena mais e mais se tornava a cada touro que chegava ao chão. Seria bonito se não fosse aquela desgraceira que várias vezes narrei neste mesmo espaço. E sim, quem está lendo isto já sabe como o animal ficou depois que Andrés deu o seu trabalho por encerrado.

Andrés subiu do círculo com a cabeça do animal e a colocou do meu lado. A modulação do osciloscópio está até interferindo no meu campo visual. Bolinhas de todas as cores iam se formando enquanto Andrés falava comigo. Eu via os lábios dele mexendo e apontando para a cabeça do θagrado, mas o som era uma única zoada. Eu tentei articular as palavras e pedir a ele que pelo menos abaixasse o som do osciloscópio, mas ele não só me colocou a espada na mão e me mandou descer para o círculo como também aumentou o som e a frequência do osciloscópio ainda mais. Me preparei para o meu fim. Os meninos me observavam na arena do alto de sua capa de excrementos e glória, curiosos por ver como eu me sairia. Alguns pareciam meio assustados e isso foi deles a última coisa que vi antes de descer para esse círculo dantesco.

Parei em frente ao legendário portão por onde todos os Taurinos passaram (e quantos outros Taurinos antes deles?), sem exceção. Olhei para a última baia, o monstro lá dentro chutando com nervosismo, e para

a piscina dentro da arena, onde estaria me chafurdando em momentos. Pisei na lajota em frente ao portão e ele se abriu com estrondo que chegou a me sacudir. Então, eu entrei. Estava atravessando o Rubicão.

Agora só o que eu precisava para colocar um fim na minha vida: pisar na segunda e fatídica lajota. Me aproximei dela enquanto o touro que matou Arthur começa a escoicear ferozmente e agora até entortando as barras da grade da baia. Me parecia que se eu não liberasse o animal para a arena, ele o faria por seus próprios métodos. Era eu quem tinha de pisar na lajota quando eu estivesse preparada. Mas preparada pra que, caralho? Quando na minha vida me prepararia para isso? Comecei a chorar e a violência do touro dentro da baia me encheu do infinito terror de saber que ele iria sair com ou sem minha ajuda e eu teria de enfrentá-lo de qualquer modo. O portão ainda estava aberto atrás de mim. A chance de fuga que ele simbolizava não me comovia nem seduzia. Sem mais delongas, aqui estava eu, olhando para o teto do santuário, fazendo o sinal da cruz e pisando a segunda e fatídica lajota. Esta hora iria ser para sempre.

Com um trovão forte no meio da barulheira infernal do osciloscópio, o portão se fechou e travou atrás de mim. Ao mesmo tempo, o portão da última baia se

liberou com estrondo parecido bem na minha frente. O som que eu ouvia das arquibancadas não existia mais. Estava isolada ali dentro. Finalmente, a morte. E o pior: vou assistir de camarote, já que não posso deixar de prestar atenção.

Nada aconteceu.

Cautelosamente dei dois passos para a esquerda para olhar dentro da baia. O animal estava lá. Tinha de agir com minha própria iniciativa agora. Me aproximei da baia e ele me olhou enquanto eu vinha cada vez mais perto. De súbito, pulou sobre mim e era tão macio quando me arremessou contra a massa da parede do outro lado da arena. Não sabia mais de que lado da arena os meninos estavam, tinha perdido toda a referência. Este era o mistério, era por isso que os meninos se moviam com tanta facilidade aqui dentro e conseguiram fazer tudo o que fizeram? Não podia esquecer que havia uma carantonha de um touro bem em cima de mim, estava presa sob uma de suas patas, a espada estava fora do alcance, camuflada no meio das vísceras e demais sub-produtos de gado bovino, o ruído do osciloscópio estava me massacrando, o *stress* sob o peso do animal era intenso e apesar de tudo isso eu consegui levantar. Daí por diante, foi o desconhecido.



Terça-feira, 10 de março de 2009

Descendo a ladeira da memória

O ruído do osciloscópio tinha parado. Abri os olhos bem lentamente. Tudo é embaçado, mas uma coisa parece certa: não estou mais no Mithraeum e não é mais de noite. A visão leva tempo para se aclarar, mas já posso perceber que estou de volta à fazenda Taurinos. O silêncio é absurdo. É dia, mas nenhum pássaro aparece para cantar. Não ouço som algum. Estou no quarto de hóspedes onde fico, meu laptop na escrivaninha do canto como se eu nunca tivesse saído daqui. Algumas recordações me voltam muito, muito devagar. O que foi que fiz? E, mais importante, como cheguei até aqui?

Me lembro de algo agora. Eu tinha levado décadas para abrir o portão de ferro na arena. Sim, era a minha vez. Eu iria encerrar a cerimônia, sim, era isso. Eu pisei naquela lajota e o portão se abriu. Eu entrei e levei um tempão para pisar a segunda lajota, que fecharia o portão e abriria a baia do último touro. Finalmente me decidi e abri a baia. Não me lembro porque, nada aconteceu. Minto. O touro estava lá dentro, me aproximei como que para provocar o bicho e desentocar a fera para dentro da arena.

Ele pulou em cima de mim e me arremessou do outro lado do círculo. Isso mesmo. Lembro bem agora. Me lembro também neste instante que não houve

impacto apreciável daquela massa de 500 quilos sobre mim, como se ela fosse uma pluma aterrissando sobre alguém que está deitado. Sim, isso era algo que me intrigava em todos os lidadores antes de mim, que eu jurei para mim mesma averiguar assim que se iniciasse o meu combate.

Então, eu estava caída e de algum modo consegui passar pela pata do touro que me prensava no chão e levantar. E o que mais? Faço um esforço para lembrar. Nada. Há um espaço vazio entre o momento em que consegui me levantar até este momento que estou vivendo agora. Me assusta pensar que esses momentos podem ter sido apagados de minha memória para me proteger.

Corro os olhos pelo quarto e vejo a porta se abrindo, lentamente, sem fazer um som. Aparentemente, Duílio colocou óleo nas dobradiças. Quando a porta se abre, tenho Duílio, Andrés e um homem que nunca vi mais gordo olhando do corredor. Andrés corre na minha direção e me derruba na cama com um abraço. Caio sem um ruído, as molas da cama não fazem ruído, a porta não faz ruído, Andrés falando comigo não...

Por Mitra. Estou surda.

Instintivamente, afastei Andrés para o lado da cama e

me sentei atônita. A cabeça fervilha de pensamentos, mas mais nenhum som. O menino, o pai e o homem desconhecido me observavam incrédulos.

"Não posso ouvir vocês", eu disse com a vibração da minha voz que eu não mais conseguia ouvir, "aparentemente eu fiquei surda. Se vocês falarem devagar, talvez eu possa ler os seus lábios."

Andrés olhou para o pai com a cara típica dos que não sabem o que fazer. Deve ter sido a desgrça do osciloscópio. Éo pode ter sido isso. Digo isso a ele e ele reage suspirando e sentando na borda da cama ao meu lado.

No Hospital Regional do Sul de Minas, na avenida Rui Barbosa, no centro de Varginha, fui passada por dois otorrinos que ficaram discutindo o meu caso animadamente como se estivessem num hospital universitário. Todo o tipo de exame, audiometria, toda a tranqueira disponível, raio-x do crânio. Chegaram à conclusão de que não era nada físico afetando minha audição. Nenhuma parte do sistema auditivo tinha sido lesada. Mas o mundo silencioso em minha volta me oprimia. Entendo agora os surdos e sua ocasional fúria. Na saída, reparo no relógio de parede grande que diz que hoje é terça-feira, não domingo. Não é possível.

"Sim, D. Stella, a senhora dormiu de sábado de tarde

levou café na sua cama dois dias seguidos mas não adiantou, a senhora não acordava. Hoje resolvemos chamar o médico que arranhou a consulta e os exames aqui em Varginha", Andrés não tinha previsto a minha desorientação espacial e temporal.

À tardinha, os outros Taurinos começaram a chegar para um encontro. Anderson foi o primeiro a chegar. Ele me cumprimentou com algo como *"boa noite, matadora"*, ou qualquer coisa assim que consegui ler em seus lábios. Andrés veio ter conosco e eu o vi dizer a Anderson que eu estava surda. Anderson arregalou os olhos para mim e ficou confuso por algum tempo.

"Eu estou rezando pra que ela volte ao normal logo", disse Andrés ao outro. O sotaque e as palavras que não uso me confundem um pouco, mas vou pegando a essência do que eles estão dizendo.

Sociedade Antiga dos Taurinos reunida esta noite. O casal titular da fazenda Taurinos foi para a cidade, já que era da Câmara Externa. Digo que foi sorte eu ter acordado no dia certo da reunião e Andrés me explica que a reunião foi chamada pelo fato de eu ter acordado. Aviso os outros que estou surda para que falem devagar. A comoção é visível e permanece por tempo indeterminado.

Os seis, na mesma ordem em que participaram da

cerimônia, foram narrando seus combates na arena na madrugada de sábado, com as devidas tintas fortes da atrocidade, aquilo tudo que eu relatei ontem. Até onde me lembrava. Me pareceu que, agora que Andrés tinha terminado o seu relato, era a minha vez de contar o que se passou comigo. Mas o que se passou comigo?

Do nada, Renan se ergue da cadeira, para na minha frente e se ajoelha, como se venerando um ídolo [religioso] antigo. Estou estupefata e pergunto que nova modalidade de brincadeira social é essa.

"Ah, não é brincadeira não, D. Stella. Minha vida inteira rezei pela vinda de alguém como a senhora."

"Renan, de que diabos você está falando?"

Ele franziu a testa. Os outros ficaram trocando olhares entre si, tentando entender o que estava realmente acontecendo. Adriano explicou que Renan tinha ficado fascinado ao me ver na arena e estava me venerando. Era só o que me faltava. Adriano acrescentou que não só Renan, mas todos ficaram hipnotizados com o que eu fiz na arena. Ele me conta que eles nem conseguiam gritar, o silêncio era geral enquanto eu estava dentro do círculo.

"O touro ficou machucado?", perguntei na maior

inocência. A risadeira foi geral, risada de seis meninos de uma só vez.

"Digamos que um pouco triturado", Guilherme riu, tentando entrar no espírito da conversa, *"em grãos finos."*

Meu Deus. Estraguei o animal, então. Não senti pena dele, no entanto. Por conta dele, perdemos Arthur. Do outro lado do alpendre, Anderson parecia se dar conta de algo. Eu o vi falar com Bruno e Adriano olhando para mim. Andrés parece entreouvir o que dizem.

"D. Stella, queremos ouvir a senhora contar o que se lembra da arena", disse ele, com uma fisionomia preocupada.

"Eu lembro que fiquei parada em frente ao portão, entrei e depois de um tempão pisei naquela lajota. Você sabe qual, não é?"

"Bom, e depois...?"

"Depois eu abri a baia para soltar o touro. Ele não saiu, ficou lá no fundo. Eu cheguei perto, ele pulou em cima de mim e eu me lembro que mesmo ele me prensando com a pata foi fácil sair e me levantar. Dali em diante, não me lembro mais nada."

"Num é nada disso não! A senhora tá tiran'o a gente, né", Renan estava ficando nervoso.

"Fica frio, Renan, ela não está lembrada agora, não deu pra ver?", Bruno ajudava.

"A senhora não lembra? A senhora veio contan'o piadas e tudo na caminhonete na volta! Como é que não lembra?"

"Eu não me lembro disso, Renan. Não me lembro nem como eu cheguei na cama."

"D. Stella, presta atenção. A senhora precisa lembrar. E contar pra gente o que aconteceu na arena. É importante, entende...", Andrés parecia ansioso, segurando na minha manga esquerda até eu pedir que parasse.

"Eu já disse a vocês o que eu me lembro", eu estava confusa com a pressão, queria ir para a cama e dormir mais, depois de tudo o que já tinha dormido.

"E eu já disse pra senhora que não foi nada disso que aconteceu, D. Stella", disse Renan, ainda contrariado.

"Que é que eu posso fazer? Foi isso que eu vi. Nem podia ver as arquibancadas."

"Nenhum de nós podia. É feito de um modo que ninguém veja além do círculo, é você, a fera e mais nada. E o touro pulou para dentro da arena mas a senhora se desviou e ele deu com os chifres na proteção. Ele nunca derrubou a senhora no chão, isso não aconteceu", explicou Guilherme.

"Me parece que eu tenho seis contra uma então. Todos viram a mesma coisa?"

"Sim", respondeu o Bruno, "a gente comentou isso aqui o tempo todo depois da cerimônia."

"Renan faz dois dias que não dorme, esperando a senhora acordar pra conversar sobre o que a senhora fez", acrescentou Guilherme, enquanto Renan sacudia afirmativamente a cabeça.

Andrés e os outros olhavam para mim como quem olha para um computador quebrado no meio de um campeonato de videogame. Egeri o pior para mim mesma: que eles me contassem com detalhes o que aconteceu na arena, do começo ao fim da cerimônia.

"Nós podemos fazer isso, mas se a senhora não conseguir se lembrar, não vai adiantar muito", explicou Andrés.

"Alguém pode me dizer porque é tão crucial que eu

me lembro disso que vocês mesmos vão me contar? Já tenho seis testemunhas com a história verdadeira. Isso não basta?"

"Não senhora", interveio Bruno, "se a senhora não se lembra de nada do que lhe aconteceu na arena é porque nada lhe aconteceu. Se nada lhe aconteceu, a senhora não fez o que teria de ser feito. Nesse caso a cerimônia falhou como um todo e todo o trabalho que tivemos no Mithraeum não serviu para nada. A construção do Mithraeum, nada, nada do que fizemos valeu a pena fazer."

Paro para refletir. Meu Deus, havia modos de tudo dar errado nos quais nunca tinha parado para pensar. E agora aqui estou eu contemplando uma dessas muitas possibilidades. Não era o bastante que eu fizesse tudo aquilo. Eu tinha de me lembrar, aquilo tinha de ficar encravado em meu cérebro como a marca que Andrés aplicava em seu gado.

"Quem pode começar a contar?"

Renan tomou a palavra, *"deixe que eu conte à minha mestra tudo o que ela fez; se eu estiver errado em alguma coisa vocês me corrigem, beléz?"*

Ele me contou que o touro pulou em cima como todos os outros tinham feito. Eu me desviei, o touro acertou

a proteção, etc. Ele diz que eu apanhei o touro pelo rabo e girei o animal que foi acertando todos os postes de fixação da grade com a cara enorme que foi aos poucos se desfazendo em sangue e dentes quebrados [palavras dele].

"Foi do caralho, D. Stella", ajuntou Adriano.

"Muito, muito irado", comentou Guilherme para o sorrisinho maroto de Anderson, bem ao lado dele.

"Então, você pegou a espada que estava no chão no meio da sangueira e das tripas e enfiou nele com tanta força que saiu do outro lado. Foi lindo ver ele sangrando de dois rombos ao mesmo tempo."

"Espera... Você disse que eu peguei a espada do chão. Eu me lembro disso."

Todos se entreolharam e começaram a sorrir de orelha a orelha.

"Putá merda, ela 'tá lembran'ô", Andrés estava a ponto de explodir de felicidade.

"Quero dizer, eu me lembro de que ela tinha caído no chão quando ele pulou em cima de mim. Me lembro que eu pensei na espada na hora e que ela tinha caído fora do alcance, ainda por cima no meio daquele

monte de tranqueira que estava na arena."

"Na verdade, já é algo de que a senhora se lembrou", insistiu Andrés, "vamos ver o que mais vem na sua lembrança."

Renan continuou a narração. Ele contou que eu tinha aplicado a técnica dele de girar o copo da espada em círculos para alargar cada vez mais os ferimentos no corpo do animal e disse ter ficado muito orgulhoso de eu ter adotado sua técnica. Mas a violência com que eu fiz o movimento foi o que o impressionou mais do que tudo naquele momento. Eu estava horrorizada em ser o guru dele. Definitivamente algo que nunca me passou pela cabeça.

"Com certeza foi o próprio Mitra quem mandou a senhora. Eu nunca vi nada parecido, D. Stella. O que faz a senhora ser tão feroz? O que que eu tenho que fazer pra chegar aonde a senhora chegou?"

"Adoraria poder te dizer. Mas eu não sei nem o que eu fiz, quanto mais saber como eu fiz."

"Conta mais, Renan; vê se vai refrescando a memória dela", pediu Andrés.

Renan agora me contava como arranquei o couro do animal dos pés à cabeça. O sofrimento para o touro,

ele acrescentou, foi inimaginável sem a proteção do couro que arranquei. E a espada furou o animal em sua própria carne, já que não havia mais couro para protegê-la da minha fúria infernal.

"Foi delicioso ver o bicho completamente à mercê das suas espadadas. Eu chorava de felicidade. Ele finalmente 'tava recebendo o castigo que ele merecia, nem mais, nem menos. Eu curti cada um dos mugidos dele e cada segundo do sofrimento dele. Quem dera eu pudesse estar lá com a senhora. Quem dera eu fosse a senhora. Pela primeira vez na minha vida eu senti que ser uma mulher não ia me importar."

"Renan, a gente sabe o quanto você ainda está chocado, mas não exagera, vai", ponderou Anderson debaixo de uma chuva de risos que incluiu o próprio Renan e eu.

"Continua, Renan", espetou Andrés.

"Continua o que? Quer que eu conte as quatro horas todas?"

"Quatro horas? Eu fiquei fazendo isso tudo quatro horas?"

"Sim, senhora entrou na arena eram oito e quinze. Ao meio-dia e quinze nós seis descemos e fomos tirar a

senhora de lá. Estava deitada no meio daquela bagunça de ossos, pele, chifres, sangue e tripas, ainda dividindo o bicho em pedaços bem pequititicos com as mãos”, contou Renan.

Meus Deus. Quatro horas extremas de minha vida que eu simplesmente decidi apagar de minha memória. Ou que ela apagou de si mesma, já nem sei mais. Pra onde foi tudo o que eu fiz? Será que se foi para o infinito, como o texto que a gente digita por horas sem salvar e um pau no computador sem mais nem menos o apaga para sempre?

“Bom, a senhora se lembra de mais alguma coisa?”, perguntou Andrés.

“Como eu já lhe disse, só aquilo que eu já lhe disse.”

“A senhora não pode ter esquecido, D. Stella! Pelo amor de Mitra, não diz isso pra gente não! Como a senhora pode ter esquecido da gente voltan’o, nós conversamos sem parar no carro, não é possível, porra!”, Adriano estava quase chorando e estava para se levantar, quando Andrés o puxou de volta para a cadeira. Momentos de tensão sobrevoavam o alpendre como morcegos vampiros, esperando a chance de atacar.

“Calma, Adriano. Desespero não vai adiantar nada. Nós

fracassamos. A não ser que ela se lembre do que aconteceu na arena, a Sociedade fracassou. O mais difícil fizemos. E ela fez o mais difícil de tudo! Agora não se lembra, e não há nada que a gente possa fazer. Como a gente pode obrigar alguém a se lembrar de alguma coisa? Nós contamos quase tudo a ela, pelo menos o que era mais importante, e se mesmo assim ela não lembrou, só nos resta esperar. Até que ela se lembre ou até que a gente perceba que tudo o que nós fizemos não valeu de nada. É triste, mas é isso, irmãos”, Andrés terminou de falar, tirou os óculos e enxugou os olhos úmidos com as costas da mão.

Renan, Adriano e Guilherme estavam chorando. Começo a sentir vontade de chorar também. Por tempos, fomos uma equipe, com suas contradições, divergências, mas uma equipe unida. Tencionávamos salvar a cidade. Eu estivera presa à concepção de que se tivéssemos feito o que tínhamos que fazer tudo estaria resolvido. Eles afirmavam que a cerimônia tinha corrido exatamente como planejado. Sendo assim, deveria funcionar. Mas vejo agora que a questão não era tão simples assim. Como é que a gente chegou nisso?

“Não acredito, não acredito, todo o trabalho que nós fizemos... O santuário, a pintura, a construção, me preparan’o desde o ano passado pra cerimônia... E nós fazen’o tudo certinho dentro do santuário, até D.

Stella que acabou superando todo mundo. E pra que, caralho? Mente pra mim, D. Stella; me diz que a gente não está esse tempo todo fazen'ô tudo o que a gente fez pra tudo acabar nessa coisinha triste", Adriano estava indignado, possuído por alguma louca e explosiva mistura de raiva, desespero e tristeza.

"Agora chega, Adriano", interveio Andrés, "e vocês todos agora me escutem também. Querem um bode expiatório? Estou aqui. A culpa é toda minha se nós falhamos. Fui eu quem iniciou D. Stella na Sociedade. Vocês sabem bem que ela nem sabia porque eu estava pedindo a ela pra assinar o nome inteiro dela no dia da fundação da Sociedade Antiga dos Taurinos, embaixo do nome do Renan. Eu nunca disse a ela que teria de fazer por qualquer um de nós que por algum bom motivo não conseguisse chegar à cerimônia. E a desgraça aconteceu com nosso irmão Arthur. Eu a iniciei porque achei que como ela "via" poderia ajudar em muito dentro da Sociedade e vocês mesmos viram o quanto ela foi corajosa dentro da arena. Quem poderia prever que nosso irmão iria ter esse fim horrível? Quem poderia prever que D. Stella fosse perder a memória da hora em que entrou na arena até a hora em que foi dormir? Eu estava totalmente errado quando a iniciei. Maldito seja o dia em que fiz isso. Maldito seja o desgraçado animal que matou nosso amigo. Mas usar isso pra fugir da minha responsabilidade eu não uso. Eu sou homem e tenho a

minha palavra. Estou pronto pra aceitar qualquer punição que a Sociedade ache que eu mereça. E quando eu digo "qualquer" é isso mesmo que eu quero dizer, meus irmãos."

Eu disse a eles que falassem mais na minha frente ou eu não poderia ler os lábios deles. Mas entendi um pouco do que tinha sido dito por Andrés e tratei de desencorajar esse negócio de corte marcial.

"Essa não é sua escolha sozinha, D. Stella", me disse Andrés, rosto molhado e fungando, "é a maioria da Sociedade quem decide isso. Se vai haver um julgamento, a Sociedade inteira tem que se manifestar."

"Como, se vai haver um julgamento? Vai sim. Eu não fiquei me fodendo esse tempo todo pra chegar numa coisa assim. Eu sempre disse que era contra ela ter participado. Adriano não queria; Arthur mesmo não queria que ela participasse, lembram? Alguma coisa deve ter dado errado por ter sido uma mulher", disse Bruno, seguido por Adriano.

Agora o machismo de Bruno e Adriano retorna com força total. Se na visão deles consegui fazer ainda pior do que seis homens juntos fizeram, então o problema tem que estar no depois. Em algum ponto tem que falhar, lógico, afinal sou apenas uma mulher.

Anderson concordou que tinha de haver um julgamento de Andrés. Guilherme e Renan também. Eles pediram que Andrés saísse. As coisas estão ficando mais feias por aqui.

"Eu voto por não haver julgamento", fui logo declarando assim que vimos Andrés sumir de vista.

"Pois eu digo que sim e os outros também, então seu voto é voto vencido", respondeu Adriano rispidamente. Anderson foi brando, mas confirmou o julgamento. Renan fez o mesmo, uma expressão derrotada no rosto. Guilherme e Bruno (esse nem se precisa dizer) disseram sim ao julgamento. Perguntei a eles quando seria o julgamento. Me responderam que já estava acontecendo. Perguntei como podiam julgar alguém sem que ele estivesse presente. Me responderam então que Andrés já sabia o que tinha feito, já conhecia as opiniões deles e já sabia que tipo de punição era merecida em casos como o dele próprio. Diante do meu total espanto, chamaram Andrés de volta ao alpendre.

"Chegamos a uma decisão, Andrés. D. Stella tem um dia para cada um de nós lidadores para conseguir se lembrar do que aconteceu com ela na arena. Se ela não conseguir, você vai se afogar na Cachoeira dos Chifres", Adriano declarou, falando pelo grupo.

"Ele não está falando por mim, Andrés, pode acreditar."

"Ah, estou sim, estou falando pela senhora também. A senhora é membro dessa Sociedade, tem que acatar o que foi decidido. O que a Sociedade decidir é sua decisão também. Vence a maioria e a maioria decidiu assim", Adriano ficou indignado e foi bastante agressivo ao me responder.

"Eu agradeço a defesa, D. Stella, mas eu acato de boa vontade o que foi decidido pelos irmãos. Vocês têm todo o direito de me condenar. Eu reuni os amigos aqui hoje para lembrar o que fizemos e comemorar a nossa vitória. Não esperava nunca que isso fosse terminar assim. Mas não tenho escolha a não ser aceitar o que veio no lugar da comemoração. Minha vida, a sua, a deles e a da cidade estão nas suas mãos agora."



Quarta-feira, 11 de março de 2009

Livro de coisas brilhantes

Laptop marcando seis e quinze da manhã. Estou no alpendre, olhando a paisagem do cerrado, cada dia mais estranha, cada dia mais triste, a despeito do belo amanhecer de Taurinos.

Eu tenho o Livro das Origens sobre a mesinha de canto onde o laptop também está. Minha curiosidade recai sobre as anotações mais recentes que ele fez, sobre o ritual da classe de 2009. E lá está ele. Tudo o que vi e mais o que não vi. Pulo as passagens dos outros e vou direto à minha. Talvez seja possível me lembrar do que realmente aconteceu lendo pela linguagem seca do livro.

De início, descubro que a narração de Renan (acordada por todos ao redor, até por Andrés) está ligeiramente errada. O que vi estava correto. O touro realmente não saiu de imediato da baia. O livro menciona até os meus passos para o lado, para olhar lá dentro. Descreve como me aproximei e como ele pulou sobre mim, a queda da espada no meio da nojeira animal no chão (a parte que coincidiu com a narração de Renan), exatamente o que eu contei a eles que me lembrava. Li, mais e mais, absorvida por toda aquela nojeira sem paralelo. A descrição seca parecia tornar as minhas ações ainda mais asquerosas do que realmente foram.

A leitura de tudo aquilo me fez mal. Não pelo touro. Não senti remorso nenhum pelo destino dele porque era o que ele merecia. Não hesitou em atravessar um de nossos amigos com seus chifres. Por que eu teria remorso, então? O que realmente me fez mal foi o encontro tão detalhado com o meu lado escuro. Muitas coisas coincidiam com a narração de Renan, mas na somatória, ele viram muito diferente do que realmente aconteceu na arena. Nossa autoimagem de gente boazinha e decente suprime essas recordações de como podemos ser sórdidos e sanguinários às vezes. Passa um pano, faz aparentar que somos gente civilizada para que o horror dessas recordações não nos provoque dano. Aqui é onde entro na história.

Ouvi as molas barulhentas da porta de tela do alpendre se abrindo. Andrés surge no alpendre, olhos colados, cara amassada e cansaço de quem tentou dormir mas não conseguiu. Ele é só desânimo, dos pés à cabeça. Não posso culpá-lo por isso, mas eu preciso sacudir esse menino.

"E eles acham que eu vou engolir essa história de julgamento sumário e sem a presença do réu, eles podem tirar o cavalinho da chuva", eu disse a Andrés assim que ele se sentou.

"Hoje de manhã eu não queria acordar pra essa

vergonha... Que aconteceu com todos nós ontem? Estava tudo certo... E logo depois, tudo tinha dado errado. Como é que as coisas chegaram nisso?"

Disse a ele que estava lendo o Livro das Origens. Mostrei a ele a descrição que ele fazia de minha batalha, o começo dela (assunto de toda a discórdia entre nós na noite anterior). Ele arregalou os olhos para mim. O mineirinho ficou estarrecido ao descobrir que eu fui a única realmente fiel aos fatos. Ele se perguntou o que foi afinal que eles viram.

"Muito dos que vocês viram aparece aqui nas páginas do Livro das Origens. São vinte e poucas páginas. Considerando que o livro resume as coisas e só deixa o essencial, temos aqui as quatro horas que vocês mencionam."

Andrés começou a ler para a frente. Um sorriso aparecia ocasionalmente em seu rosto. Perguntei do que é que sorria. Ele me disse que tinha chegado à parte em que eu esfolava o animal vivo. Disse que como os outros, me venerava como a mais atroz de todos os lidadores que já tinham passado pela cerimônia. Disse que, como Renan, não se importaria em ser uma mulher para poder ser eu. Eu respondi que com aquele comportamento, ele e Renan me lembravam muito as preguiças do desenho longa-metragem *A Era Do Gelo 2*, um filme do diretor brasileiro Carlos Galvão, venerando a preguiça que

começou a rir muito, lembrando daquele trecho do filme em particular.

"Ah, D. Stella; só a senhora pra me fazer rir numa hora dessas", ele baixou a cabeça e começou a olhar para o chão.

"Olha pra mim. Não deixa eles te verem de cabeça baixa. Você fez o melhor. Todos nós fizemos o melhor, vocês mesmos disseram. Agora estão tentando te enquadrar por você ter iniciado uma mulher."

"O julgamento é assim mesmo, D. Stella."

"Não é. Estão se aproveitando do fato de eu ser mulher. Bruno deixou isso claro. Ele disse abertamente, para quem quisesse ouvir, que alguma coisa deve ter dado errado por ter sido uma mulher."

"D. Stella, a senhora acha que dá pra anular o julgamento em cima dessa frase do Bruno? É muito mais que isso. Eu arrisquei muito mais que podia quando iniciei a senhora. Nunca houve mulheres na Sociedade, só nas duas últimas vezes. É lógico que o Bruno e o meu irmão iam se pegar nisso. A senhora foi a única que não lembrou o que aconteceu. Mas pode ficar tranquila que nada vai lhe acontecer. O problema da Sociedade agora é comigo e com mais ninguém."

"Isso não me preocupa, Andrés. Me preocupam vocês e a situação da cidade. Faz dias que a cerimônia ocorreu, nada parece ter mudado na confusão que está. A paisagem da cidade está cada vez mais estranha, a paisagem do entorno também preocupa, e não me parece que o fato de eu lembrar ou não vai mandar os touros de volta para os currais e pacificar tudo como mágica."

Ele me perguntou algo que não pude entender, olhando para as montanhas.

"Olha para mim quando falar. Não ouço você."

"O que vai adiantar então pra resolver isso tudo?", ele perguntou, olhando para mim desta vez.

"Eu não sei. Quisera saber mais do que eu sei sobre tudo isso."

Eu fiquei olhando para ele por um longo tempo. Tempo demais até para um olhar brasileiro. Ele me perguntou o que eu estava olhando. Por uns momentos, não sabia como começar a idéia. Levei mais algum tempo para responder.

"Andrés, eu quero ajudar você. Quero ajudar tua gente, teus amigos. Mas você vai ter que me dizer se ainda tem algo que eu precise saber."

"De novo aquela história dos ladrões de gado?"

"Aquele foi mais uma de muitas coisas mantidas em segredo."

"E houve outras?"

"Por exemplo, quem veio com essa idéia de ontem de que todos deveriam lembrar o que aconteceu na arena para que a cerimônia pudesse ser concluída?"

Ele olhou para mim, confuso. Olhou para as montanhas, para mim de novo e não parecia chegar a uma conclusão.

"Então? Quem trouxe essa idéia? Não me lembro de ter visto nada no Livro das Origens sobre isso."

No final, Andrés não soube me explicar de onde veio a idéia. Ficamos matutando de onde poderia ter vindo. Um tempão dando tratos à bola. Nada. Começamos a procurar no Livro das Origens. Nada sobre o assunto. Em nenhum dos relatos se dava conta de um pós-cerimônia como aquele que tivemos. Eu olhei para Andrés e ele devolveu o olhar. Ele parecia envergonhado por nunca ter parado para pensar nisso.

"Mas Andrés, põe a cabeça no lugar, rapaz; os caras

vão te sacrificar por conta de uma coisa que nem no livro tem e portanto nem é um rito da Sociedade???"

Ele engoliu em seco. Não conseguiu dizer nada, a garganta travada.

"Obrigado pela voz, os olhos e o brilho das memórias. Obrigado pelas figuras da vida em um lindo branco e preto. Dizem que ficaremos juntos por muito tempo. Dizem que nossas primeiras impressões não mentem. Eu abro o livro para ver seu brilho e a luz refletida no esquema aberto das coisas. Livro de coisas brilhantes. Te agradeço pelas sombras. Precisa-se de dois ou três para fazer companhia. Te agradeço pelo raio que cai e as faíscas na chuva. Dizem que pode ser o Além. Algum dia, dizem, nossos corações vão bater como as rodas do trem veloz ao redor do mundo." Livro De Coisas Brilhantes, escrita e gravada por Simple Minds em Sparkle In The Rain, 1983, Virgin.

Seis da tarde. Há uma ameaça de chuva no céu. Só ameaça, apesar de toda a água que tem descido sobre Minas Gerais esses dias. Aqui a intenção não parece ser chover. Há algo que começa a barrar a umidade da cidade. O ar em Taurinos está cada vez mais seco.

Duílio parou o carro em frente à casa de "sêo" Danilo e me deixou lá, com Andrés e o Livro das Origens.

Adriano queria vir mas nós dois o impedimos. Duílio também interveio e o irmão mais velho teve de ficar na fazenda. Eu tinha aproveitado e dito a Adriano que nós traríamos o livro na volta para que ele apontasse onde tinha visto a tal reunião de memórias da arena. No carro, tive um zumbido nos ouvidos, algo como se minha audição estivesse voltando à vida lentamente. Daí do carro cheia de esperança.

"Êo" Danilo nos recebeu na porta, o habitual sorriso e disposição de conversar.

"Ei, o gordinho está aqui também, boa-noite "sô" Andrés, "sá" Stella, cheguem pra dentro. E "sêo" Duílio que nunca entra? A casa é modesta, mas é de vocês."

Andrés explicou que o pai tinha ido à cidade. "Êo" Danilo terminava de passar o café. Nos deu uma caneca cada um e pôs o açucareiro na mesa com algumas colherinhas. Começamos a conversar. Ele logicamente estava louco para saber como foram as coisas na arena, já que não nos víamos desde a entrada do Mithraeum.

"E dei sorte. Não veio só um Taurino pra me contar. Vieram dois!"

Andrés disse a ele que ele poderia ouvir seu relato, mas não o meu. Disse que além de ficar surda na

arena, perdi minha memória do que aconteceu e ele pareceu triste ao saber das notícias. Ele desmentiu a reunião de memórias após a cerimônia, dizendo que era viagem dos meninos. Ele entendia a regra das cores por ser inócua, mas achou que basear o resultado tão importante da cerimônia em memórias da arena era um pouco demais. Andrés sorriu para ele de orelha a orelha, satisfeito em saber que poderia desafiar a Sociedade.

"O que tem que ser seguido é o Livro das Origens. É ele quem lembra o que não lembramos mais. É dele que vem a segurança pra todas essas práticas dentro da nossa religião", explicou ele, "mas "sá" Stella, não me conformo com o que lhe aconteceu. Eu acho que se criou uma mentalidade masculina tão forte dentro da Sociedade que agora tudo conspira contra as mulheres. Parece que até as forças invisíveis são contra, mas é a má-vontade contra as mulheres que fica como força, agindo contra todo o tempo até contra a integridade física delas. E isso acontece também por ser adulta. As crianças da cidade criaram uma mentalidade infantil tão forte para a cerimônia que os adultos são atingidos pela onda de má-vontade delas. Viram Duílio saindo? Não era tão importante ir para a cidade de repente, mas ele sente que não tem nada a ver com 'esse negócio de Câmara Interna'."

"Será isso, "sêo" Danilo?", Andrés se interessou.

"Bom, isso é coisa que eu tenho pra mim. Posso estar completamente errado, mas é o que eu penso."

Andrés contou resumidamente a ele os embates na arena. Em seguida, contei a ele o que me lembrava. Ele ouvia fascinado, os olhos brilhando. Mostrou especial interesse no que Bruno fez na arena.

"Eu fiz exatamente a mesma coisa que ele. Mas não é expressão não, eu digo, foram os mesmos movimentos, puxei pela perna, esfreguei a cara dele no chão, os mesmos golpes e eu abri o danado no meio e me deitei dentro, igualzinho como você falou que o Bruno fez. E, como ele, eu fui o segundo a entrar na arena."

Andrés olhou para mim e eu devolvi o olhar. Ele ficou fascinado com a coincidência, mas segundo "sêo" Danilo não houve coincidência; foi como se a cerimônia fosse a mesma de 1957. Ele sugeriu que víssemos os registros de 1957. Afirmiei que nós não tínhamos encontrado nada. Ele disse que era natural, que nós estávamos emocionalmente envolvidos demais para localizar o trecho. E indicou claramente onde estava: exatamente antes de nossos registros de 2009.



Quinta-feira, 12 de março de 2009

Os cofres da loucura

Èão seis e meia da tarde. Novamente aquele cafezinho mineiro fantástico e pão de queijo, comprado na padaria da cidade por "sêo" Danilo. Andrés, como bom mineiro, adorava os pãezinhos (não que se precise ser mineiro para adorar o trem). "Èêo" Danilo fala do caos na cidade. De acordo com ele, água já começa a faltar em alguns pontos da cidade, muito embora ainda não estejamos perto da estação de estiagem.

"É assim que começa", ele acrescentou, "o ar fica seco demais, ocorre falta de água, essas coisas."

"Èêo" Danilo nos perguntou se lemos as descrições das duas cerimônias, em 1957 e 2009 para comparar. Andrés e eu tínhamos ficado abestalhados em ver que foram exatamente a mesma cerimônia em todos os detalhes. Dissemos a ele que Adriano não conseguiu encontrar a tal regra no livro e ele apenas riu, *"crianças, sempre crianças"*, e depois disse, *"veem? É a mesma coisa, nenhuma diferença, nada fora do lugar. Mesma ordem, mesma lida, mesmo sonho profético, mesmo tudo."*

Aqui entramos num assunto delicado. "Èêo" Danilo jurou não saber da morte do menino de antemão. Não achou que tudo fosse se precipitar exatamente como em seu tempo como lidador mas viu coisas muito

semelhantes demais com o que viveu com seu amigo Andrés no longo verão de 1957. Ele viu que havia uma tendência mas que não havia nada que pudéssemos fazer.

"E a tal Estela substituiu o Taurino morto", eu atalhei.

"Sim, como no seu caso, exatamente."

"É só um sentimento que me ocorre às vezes. Um sentimento, às vezes. E eu fico assustado exatamente como você. Fico assustado, mas não é hora para tristeza. Não é hora de correr e se esconder. Não é hora de desabar. Não há tempo para chorar."

Não Há Tempo Para Chorar, escrita e gravada por **Øisters Of Mercy**, em **First And Last And Always**, 1985, **Merciful Release / WEA**.

O zumbido no ouvido começa a deixar entreouvir sons abafados produzidos pelos dois quando falam. Minha audição está voltando. Minha audição está voltando! Digo a ele e eles resolvem beber mais café, "pra comemorar", enchendo um pouco mais minha caneca. Andrés disse que estava assustado com o problema de surdez, que achou que era irreversível.

"Andrés, você já viu uma foto da classe de 1957 que

"sêo" Danilo tem guardada?"; eu perguntei, mudando de assunto.

"Êo" Danilo se desculpou com ele, "fazia tempo que queria lhe mostrar e a seu pai e irmão também, mas não nos encontramos muito tempo cada vez, então eu nunca lembrava de mostrar a foto pra você."

"Êo" Danilo deu a foto a Andrés e ficamos apreciando o efeito. A cor fugiu completamente do rosto dele. Olhei para "sêo" Danilo e perguntei a Andrés se estava se sentindo bem. Ele disse que estava.

"A foto é linda. Gosto do modo como todos estão sérios. Aqui está o avô do Bruno. E aqui o do Anderson", ele parecia meio trêmulo, olhando alternadamente para a foto que fitava longamente e para nós em rápidas olhadas. Como se secretamente nos avaliasse. Ele devolveu a foto para "sêo" Danilo maquinalmente, ainda sem cor alguma no rosto.

"Andrés", eu disse, séria, "acho que tem umas coisas que você não abre nunca para ninguém. Que tal abrir os cofres?"

Ele me olhou assustado. "Êo" Danilo afirmou com a cabeça o que eu tinha dito.

"Do que a senhora 'tá falan'ô?"

"A foto. Quem está naquela foto?"

"É "sêo" Danilo, meu avô..."

"Tem certeza de que é seu avô?"

"Uai, quem mais haveria de ser...?", ele ofegava, começando a suar frio.

"Você, gordinho; meu bom amigo de infância. Que bom te ver de novo. Quantos homens no mundo podem ter essa chance de ter um amigo de volta?", "sêo" Danilo parecia emocionado em rever o amigo de infância, mas sabia que iria ser duro para ele.

O menino deixou a cabeça cair devagarinho sobre a mesa. O corpo começou a sacudir suavemente. As lentes dos óculos dele foram se empoçando de água salgada até ela quase transbordar. Eu olhei para "sêo" Danilo e para Andrés com pena. Tanta, que me dava vontade de chorar também. Mas alguém aqui vai ter que segurar a bronca. E não é bronca mole. Que seja eu se não for mais ninguém.

"Andrés, meu bom amigo, não é hora de choro. Eu faço mais café. Quer?", ofereceu "sêo" Danilo já com os olhos úmidos.

"O que ele quer dizer é que temos de tocar adiante, Andrés. Chega de segredos. Taurinos não tem mais como esperar."

Eu dei a ele um lenço de papel. Dois. Três. Ele respirava com dificuldade, tremendo, tentando limpar o rosto, os olhos e os óculos. Não olhava para nós. Eu o encorajei a olhar. Quando ele finalmente olhou para nós tinha o rosto anuviado, congestionado pelo transe.

"Como descobriram isso?", ele estava cansado, vencido.

*"A foto, Andrés. Quando "sêo" Danilo me mostrou a foto eu vi que era você. Não sei se ele já sabia, mas não era uma foto de semelhança entre neto e avô. Era muito mais. Não tem um traço dele aqui na foto que não tenha no teu rosto. Veja a foto, se não acredita em mim. Se fossem pessoas diferentes, por mais parecidos que fossem teriam de ter pequenas diferenças. E elas não existem. Porque é **você** na foto, não seu avô."*

"Mas ele é seu avô também, por isso você é seu próprio avô. Rapaz, mas que confusão você aprontou. Eu me perguntava de onde você tirou tanta memória de tudo, as reuniões foram exatamente as mesmas e a cerimônia, a mesma de 57. Pergunte a "sá" Etella, eu não cansava de me admirar."

"Sim, e eu também me maravilhava com a

Como você tinha as rédeas de tudo. Meu Deus, e você é sogro de sua mãe, pai do seu pai e avô do seu irmão... que loucura. Mas eu acho que a gente ainda não chegou nem na metade dessa confusão toda."

Andrés não ia mesmo parar de chorar. Mais lágrimas foram se juntando, transbordando, juntando, num processo contínuo de gotejamento.

"E vê se economiza um pouco de água", eu disse em modo não-sádico, *"logo não vai ter mais na cidade."*

Ele olhou para mim furioso e começou a rir. Um riso nervoso de quem não conseguiu resistir a uma piada feita na ocasião correta. "Êê" Danilo deu lá sua risada também. Mas nós tínhamos de continuar.

"Quem é esse aqui? Veja aqui na relação dos membros da Sociedade em 1905. O nome dele é Luís Felipe Mattos Conselheiro. Foi a última coisa que lembro de Arthur ter mencionado na última sessão dele no Mithraeum. Me lembro até de Bruno ter dito a você que a sua família já vinha um tempão combatendo o Grande Um."

"É meu bisavô."

"Andrés, isso a gente já sabe pela linha do tempo."

"Sou eu", ele estava triste só em nos dizer isso, talvez porque já imaginasse as implicações.

"Guilherme percebeu que era um de vocês seis, era só questão de matemática. Se esperavam o advento de um antigo lidador para 104 anos depois de 1905, 2009 era o ano em que isso iria acontecer. Agora entendo porque você parecia tão estranho quando se falou Naqueles Que Retornaram. Você ficou nervoso quando se mencionou que Aremã viria junto ao lidador que não cumprissem as condições de retorno e até gritou com os meninos por eles terem feito uma brincadeira com o assunto."

"Sim, Andrés, um lidador não pode voltar mais que uma vez... Meu bom Mitra... Andrés, você não podia mais ter retornado!", exclamou "sêo" Danilo, no auge do espanto.

E ele citou de memória, textualmente, uma passagem do Livro das Origens para Andrés, *"...posto que Aremã conseguirá retornar com o lidador dentro de seu corpo físico, se alguma das condições não for cumprida corretamente em seu retorno, é um risco imenso para este lidador retornar à Terra mais de uma vez, pois que ele está sempre à espreita."*

Andrés estava chorando ainda, agora petrificado. Pediu que nós mentíssemos para ele. Disse que

preferia uma mentira piedosa. Eu disse a ele que essas são frações do melodrama diário. Que ele até podia ficar ali como numa novela dramalhão brasileira, colombiana ou mexicana, mas que isso não resolveria o problema. Eu disse que as coisas eram até mais simples do que ele imaginava.

"Você vai ter de passar pelo Ordálio", disse "sêo" Danilo, guardião das tradições do mitraísmo local.

"É isso que está aqui. Até lembro que foi Anderson que leu e me perguntou o que era um Ordálio. Você deve ser afogado nas águas da Cachoeira dos Chifres por cinco minutos. Se conseguir ficar vivo, se livra de Ariman, o Grande Um e livra a cidade de Taurinos por mais cinquenta e dois anos. Esse é o plano. Mais fácil, não?"

Ele me olhou revoltado, lentes encharcadas passeando sobre riscos de lágrimas secas.

"Pra vocês é fácil falar! Não vão passar cinco minutos debaixo da água!"

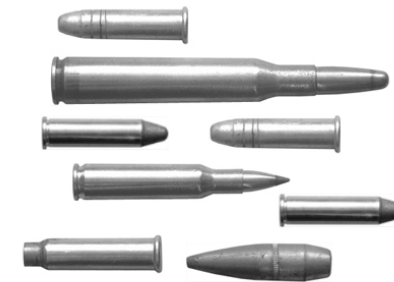
Eu fiquei chocada com o absurdo, *"você ia passar o tempo suficiente para morrer de uma vez e não estava reclamando. Por que isso agora? Agora mesmo estava resignado em morrer por causa de uma bobagem, como pode hesitar diante de alguma coisa"*

que pode ser a sua redenção e a de todos nós? E tem mais, é bem provável que você deixe o poço da Cachoeira dos Chifres são e salvo, então acho que sua pena foi comutada para algo mais leve e melhor. Agarre a chance e salve o dia de uma vez por todas. Largue e se prepare para morrer, secando junto com a cidade e o pior: morrer sabendo que deixou de fazer o que o teu tempo exigia."

Eu estava ainda chocada, mesmo entendendo a carga de responsabilidade que tinha lançado sobre ele. Andrés baixou novamente a cabeça e mais torrentes de lágrimas desciam. Aquilo fazia mal a ele, a "sêo" Danilo e a mim. Durou uma eternidade até ele levantar a cabeça e nos encarar.

"Deixe que venha o teste então; tô pronto pra me afogar...", e ele deixou a cabeça cair sobre a mesa outra vez.

Olhei para "sêo" Danilo, respirei fundo. Agora consigo ouvir as vozes deles, ainda bem abafadas, mas consigo distinguir os fonemas. Estou progredindo. Ó não gostaria de recordar os meus feitos na arena naqueles embalos de sábado à noite.



Sexta-feira, 13 de março de 2009

Acudir minha árvore

Eram dez horas da manhã quando o último carro deixou Bruno em frente ao alpendre e deu meia-volta, sumindo na estrada. Duílio e Aparecida saíram bem de manhã, logo após o café e não dão sinais de que retornarão tão cedo. Hoje faz um mês que estou fora de casa, vivendo em Taurinos. Engraçado, cheguei aqui exatamente numa sexta-feira treze meses passado. Será um presságio, como diz Andrés?

Da estrada, vem apontando "sêo" Danilo. Fácil de reconhecer, seu passo miúdo e tímido. Engraçado vê-lo essas horas; já o associei à boca da noite de tantas vezes em que começávamos nossas análises nesse horário. Mesmo assim, sabia que ele não falharia em aparecer. Contava com isso.

"Vim ajudar um velho amigo nesse momento difícil. E ele vai precisar de nós dois", "sêo" Danilo sorriu seu sorriso simpático que animava e me dava mais confiança diante dos jovens leões sentados no alpendre, "aposto que a sede de sangue dos cinco é grande agora que perceberam que a cerimônia falhou."

E era. Agora não literalmente, mas estavam todos babando a seu modo, querendo a cabeça de alguém pelo absoluto malogro da cerimônia. E tinha de ser a

cabeça de Andrés. Chegamos até os outros no alpendre. Os meninos estranharam a presença de "sêo" Danilo, para dizer o mínimo. Bruno reclamou de sua presença dele e teve de ouvir que o homem era tão Taurino quanto ele.

"Você já foi lidador. Agora não é mais", insistiu Bruno, sem usar muito a cabeça.

"Você também já foi lidador, Bruno. Agora também não é mais", devolveu "sêo" Danilo, sem precisar usar muito a cabeça.

Bruno calou-se, sentou-se contrariado ao lado de Anderson e Renan. Comigo sentaram-se Andrés e "sêo" Danilo. Adriano e Guilherme sentaram mais na ponta. Adriano foi quem iniciou a reunião.

"Não consegui achar aquela passagem sobre a memória no livro", ele disse meio sem-graça, *"mas isso não quer dizer que não tenha de haver punição."*

"Verdade", eu disse, *"mas que a punição seja por algo que realmente tem que ser punido."*

Adriano engoliu em seco, sem entender. Os meninos se entreolharam, Andrés fixou por longo tempo os olhos em mim. Ele esperava o martelo descer.

"Que quer dizer com isso?", Bruno perguntou, instigado por Renan.

"Que eu e "sêo" Danilo acusamos Andrés Gilva Conselheiro de violar a Lei dos Lidadores Ancestrais e retornar a Taurinos mais de uma vez, vindo, até onde sabemos, nos anos de 1905, 1957 e 2009."

Pânico geral. A cor fugiu do rosto de Adriano, um vozerio contido, abafado pela minha audição ainda precária. Olhei para o réu e ele parecia firme. Cheguei perto dele e lhe disse no ouvido, *"aguenta firme e cabeça erguida, eu sei que a gente sai dessa"*, e ele sorriu um sorrisinho breve.

Guilherme socou a palma da mão esquerda, *"eu sabia, só fiz as contas, estava ali do nosso lado todo o tempo. Porra, o cara é uma lenda viva"*, ele ficou fitando Andrés, sem ainda acreditar. Andrés não conseguia esconder o quanto estava sem-graça.

"Não quero ser teu escravo. Você tenta me mandar para o túmulo antes da hora. Tudo o que ouço dizer é que você vive e respira por mim. Mas tudo o que você faz é sacudir minha árvore." Sacudir Minha Árvore, escrita e gravada por David Coverdale e Jimmy Page, em Coverdale And Page, 1993, Geffen / EMI.

A reação que mais me preocupava era a de Adriano. E ela não se fez esperar. Ele se aproximou do irmão com uma expressão apatetada, encostou nele e disse, *"isso quer dizer que você é meu avô?"*

"E seu bisavô", Andrés disse calmamente, tirando os óculos para limpar. Adriano passaria agora o resto da reunião ensimesmado. Talvez avaliando o efeito que tudo isso teria nas relações de parentesco.

Anderson, Bruno, Renan e Guilherme olhavam tudo aquilo sem acreditar. Estavam passando por um momento singular da história de Taurinos. Renan parecia fascinado em ver finalmente um Daqueles Que Retornaram, seres míticos dos quais só tinha ouvido falar das conversas dos antigos e lido a respeito no Livro das Origens durante as sessões no Mithraeum.

"Como é ser um Daqueles Que Retornaram?", ele perguntou, no auge da curiosidade.

"Nem queira saber", disse Andrés com um ar cansado e tristonho, *"é um peso do caralho pra se carregar."*

"Ainda mais duas vezes, hein, Andrés?", brincou "sêo" Danilo, sem esperar qualquer risada. Era bom descontrair, mas o momento era tenso de qualquer

maneira.

"Isso é um golpe! Eles querem mudar a pena dele!",
Bruno estava indignado com a "manobra".

*"Querendo ou não querendo, essa é a pena que a Sociedade vai ter de aplicar em Andrés. Você incluído, Bruno, membro consumado da Câmara Interna da Sociedade Antiga dos Taurinos; queira ou não queira, vão ter de seguir o livro. Eu não engoli essa palhaçada de reunião de memória até agora, essa sim uma manobra para me desqualificar quando toda aquela bosta foi feita muito mais que corretamente, segundo vocês mesmos e o livro me disseram. Não veio D. Maria nem "sêo" José me dizer. Foram **vocês** e o **livro**. Que testemunhos mais eu precisaria? Se fosse assim, para que a presença dos outros Taurinos no *Mithraeum*, testemunhas de cada vírgula das monstruosidades lá embaixo? Por que um livro misterioso que se auto-anota?"*, eu disse calmamente.

"Eu queria me desculpar", disse Anderson com uma expressão embaraçada.

"E ainda quer?", brincou "sêo" Danilo fazendo Anderson, Renan, Guilherme e Andrés rirem. Mas Anderson estava resoluto ao continuar:

"Óbrio, eu estou muito puto com o que aconteceu,

nada mudou na cidade, eu apoiei essa idéia idiota na esperança de que alguma coisa fosse mudar. Eu peço desculpas por isso. Não desejo a morte de ninguém. Mas o problema está aí e se for necessário afogar o Andrés na Cachoeira dos Chifres para resolver, ele vai ser afogado, nem que eu tenha de fazer isso sozinho. E eu juro, sou um cara sossegado, mas não vou pensar duas vezes pra passar por cima de quem surgir na minha frente. Meu pai está lá, a água acabando na nascente, os bichos atacando cada vez mais e eu não vou esperar piorar."

Bruno se ergueu de sua cadeira e se desculpou também. No mais, disse mais ou menos as mesmas coisas que Anderson, com mais ou menos as mesmas palavras. Renan e Guilherme não foram muito diferentes e Adriano não se manifestou além de dizer que acataria o que a Sociedade decidisse. Olhei para "sêo" Danilo e para Andrés; se não eram o retrato da felicidade, estavam pelo menos mais calmos, certos de que as coisas já se encaminhavam.

São Paulo, 14 de março de 2009

Depois do Ordálio

☉ Já vai alto no céu, sol de dez horas. Hoje é o último dia após a cerimônia para o procedimento de teste com Andrés (ou não há nada a esse respeito no Livro das Origens e eu estou fantasiando desta vez, como os meninos?). Digo *teste* porque acho a palavra ordálio um horror. Estamos caminhando pela estrada, penitentes, seguindo a pé na direção da Cachoeira dos Chifres. "São" Danilo se junta aos penitentes na caminhada até a cachoeira sagrada. Os meninos reclamaram da língua tirana sob o ☉. Eu disse que não cabia um transporte motorizado na natureza do negócio.

"No deserto, na secura, o sol anda tão alto. A língua tirana e o rádio se enche de estática e os ossos na estrada brancos como se jogassem alvejante."

Berrantes, escrita e gravada por Midnight Oil, em Diesel And Dust, 1987, Eprint Music / Columbia.

Não inventei de ir a pé, foi idéia de Andrés. Ele tem direito ao que pode ser seu último passeio sobre a Terra. Porque há uma chance razoável de que ele não resista. Porque cinco minutos é um tempo limite para o cérebro. Ele pode começar a morrer todo ou em partes devido à falta de oxigenação. O pensamento me angustia, não sei porque. Talvez porque desse

teste dependa tanta coisa. Minha vida incluída.

A trilha para a Cachoeira dos Chifres é aquela que eu conheço. Mas chegar ao poço lá embaixo onde vi Andrés nadando pela primeira vez é mais difícil. Daqui de cima se vê a imponência da maravilhosa cachoeira e o poço de águas profundas e escuras. Olhando bem para o poço, pareço ver algo se mexendo naquelas águas. Um arrepio corre por minha espinha, mas me contenho. Talvez tenha sido só um movimento da própria água.

Renan é o primeiro a descer para o poço, seguido de "são" Danilo, Guilherme, Anderson, Adriano e Bruno. Eu descii junto com Andrés, ele veio me ajudando com as pedras do caminho. Olhei para o poço enquanto descia e me pareceu mais forte a suposição de que algo se movia dentro daquelas águas.

Todos estão dentro da água gelada do poço agora. O teste vai começar. Pedi ao Bruno o relógio dele, ajustei para cronômetro, zerei e disse que todos segurassem Andrés. Ao dar o sinal, todos o submergiríamos na água juntos e juntos o seguraríamos por cinco exatos minutos. De repente, um movimento na água mais à frente que não era causado pela correnteza. Eu, "são" Danilo e Bruno o perceberemos.

"Que foi aquilo, D. Stella?", ele parecia tenso e

amedrontado. Renan disse que viu também. Todos olharam na direção do movimento, mas não havia mais nada ali.

"Eu não sei, Bruno, mas... Eu tenho a impressão, desde lá de cima, de que nós não estamos sozinhos nesse poço escuro."

"Também vi alguma coisa mexer, mas o que é não se pode dizer daqui", declarou "sêo" Danilo, perplexo.

Nós corremos o olhar pelo poço. Definitivamente um lugar especial de águas geladas que começavam a doer nos ossos. Um lugar especial na cachoeira, segundo os meninos, um lugar onde não batia sol em nenhuma hora do dia. E nós estamos aqui dentro. E não somos os únicos, ao que parece.

"Quem pode ser...", começou Renan, *"será que é o..."*

"Cala a boca, Renan", pediu Guilherme, *"num fala esse nome aqui não..."*

Concordei plenamente com Guilherme e pedi a todos eles que ficassem quietos. Nada mais se movia. Tudo era silêncio, silêncio até demais: nem pássaros, nem sons da mata ao redor se ouviam em nenhum momento. Um silêncio morto, de coisa iminente carregada eletricamente no ar ao redor. Tudo estava calmo, uma calma estranha, mas calma.

Depois de algum tempo, seguramos Andrés novamente. O Ordálio iria começar. Bruno deu o sinal, iniciei o cronômetro e nós o enfiamos dentro d'água. Iniciamos a justiça de Mitra. O silêncio entre nós era tanto quanto o silêncio geral: completo, fechado. Comecei a olhar em volta e encontrei o olhar de "sêo" Danilo fazendo o mesmo. Anderson notou mais um movimento da água e indicou o lugar com o nariz. Adriano olhou para cima como se observasse algo. Ele tinha observado que estava ainda mais escuro do que quando entramos no poço. A água gelada começa a incomodar mais seriamente. A escuridão vai se acentuando. O ar está ficando preto. Andrés já está dentro d'água há um minuto e meio.

"Povo, préstenção no céu!", exclamou Adriano, olhos do tamanho de pires voltados para o alto.

Era de noite, embora não fossem ainda 11 horas da manhã. As estrelas brilhavam com força no céu e dentro do poço não se via mais nada nem ninguém. Você não veria sua mão se a pusesse em frente ao seu rosto. A água no centro do poço começa agora a borbulhar fortemente. Fria como o diabo, mas como se fervesse de dentro. Andrés já está dentro d'água há dois minutos. O espanto e o medo são gerais. Como se o teste fosse para todos nós, não somente para Andrés.

"Nós vamos morrer?", perguntou Renan baixinho, assustado.

"Isso com certeza, "só" Renan. É o Astro Rei é quem sabe a hora. Mas as coisas estão ficando feias por aqui, isso não tem como duvidar", murmurou "sêo" Danilo de volta.

No centro do poço o borbulhar da água se tornava cada vez mais forte. Vento começou a soprar forte por dentro da mata, seguindo o curso da cachoeira até nos encontrar no poço, deixando tudo ainda mais gelado. Não é noite agora, simplesmente alguma coisa cobriu o Sol. Como um eclipse total do Sol. Mas que eclipse total é esse que a televisão não noticiou? Andrés já está dentro d'água há dois minutos e quarenta segundos.

Olhei para dentro do poço, de onde se ouvia o borbulhar. E, tomando forma, a mesma coisa que vi quando Andrés nadava dentro deste mesmo poço: a figura de touro que olhava para mim, o rosto de um deus zangado e frustrado. Disfarcei minha surpresa, para que o medo não tomasse conta, mas as reações dos meninos me mostraram que eu não tinha visto nada sozinha. "Êêo" Danilo pareceu preocupado de verdade agora.

"Êá" Etella, isso vem a ser o que eu imagino que...?"

Ele estava dentro do poço como agora quando isso aconteceu."

Renan começou a chorar, agora que o vento se tornou mais e mais forte, varrendo a mata com fúria, enchendo nossos olhos de cisco. Os outros meninos estavam tão apavorados quanto. Via-se que a cerimônia foi um passeio no parque para eles comparada com o Ordália.

"Chore não, "só" Renan, isso tudo vai passar."

"Sim, vamos permanecer atentos. Algo está nos testando junto com Andrés. Temos de ficar firmes e sem medo. Algo não quer que nós completemos..."

Não consegui terminar a frase. Ouvimos a voz de Arthur de lá de cima nos pedindo para parar, gritando em meio ao vento, dizendo que o teste estava concluído.

"Arthur voltou também! Nó!", gritou Adriano, petrificado.

Os meninos, assombrados e pensando como Adriano que mais um tinha voltado à vida, se preparavam para soltar Andrés quando eu gritei para eles que aquilo era uma armadilha.

"É armadilha mesmo. Não pode ser Arthur. Ele morreu, gente", concordou Anderson.

"Andrés também não morreu e voltou?", arguiu Bruno em meio ao caos de vento e trombas d'água que a floresta e o poço tinham se tornado. Andrés já está dentro d'água há três minutos e meio. O corpo dele começa a se sacudir em desespero dentro d'água e ainda lhe falta um longuíssimo período de um minuto e meio em frente. A água em torno começa a se levantar, como se o poço ganhasse cada vez mais profundidade. O último minuto, imagino, vai ser o pior.

Quatro minutos. Algo está me agarrando por trás. Pelos gritos, percebo que algo está agarrando todos por trás. É o momento. Eu e "sêo" Danilo gritamos para que todos fiquem unidos e não se deixem submergir pela força. Renan está cada vez mais apavorado e assim também está Adriano. A força é difícil de resistir, mas teremos que tentar. Nunca estivemos tão perto de conseguir. Quatro minutos e vinte segundos. Vozes encham a floresta, dizendo coisas ininteligíveis e provavelmente ancestrais.

Vozes bizarras que vem de cima, de baixo, do lado, sopram em nossos ouvidos, enquanto a água vai se congelando cada vez mais. Quando tudo já está perdido e Renan está quase cedendo à força que o puxa para baixo, o cronômetro marca quatro

intenso. Todos afundamos em confusão para o interior escuro do poço e já nenhum de nós continua preso a Andrés. Conseguimos voltar à superfície, mas ele desapareceu no meio do turbilhão rumo a profundezas que nem imaginar podemos.

Cinco minutos cravados quando eu paro o cronômetro. Voltamos à beira do poço, cansados enquanto o ar vai se tornando mais claro. Cada vez mais claro até que um dia claro se faz sentir fora dos limites do poço. Nós sete estamos arrasados do esforço. Novamente é de manhã na Cachoeira dos Chifres. O que quer que estivesse obscurecendo o Sol se foi. E ao que parece, levou Andrés embora.

"Pois você não sabe, você não sabe e nunca vai saber porque. Pois você não sabe quanto valem cinco minutos na vida." Cinco Minutos, escrita e gravada por Jorge Ben em Tábuas De Esmeraldas, 1974, Philips.

Ficamos por ali mais algum tempo, ganhando forças para retornar. Estava acabado. Funcionando ou não, o que tínhamos de fazer foi feito. Ficamos nos lembrando de Andrés, sua irritação com a falta de ordem, seus maneirismos particulares. Os meninos disseram que deveríamos voltar. Já íamos subindo alto quando ouvimos um barulho atrás de nós. Olhamos para baixo lá no poço e vimos algo flutuando. Era Andrés.

Daqui já se via que ele se movia, mas com extrema dificuldade. Descemos correndo e o tiramos de lá. Os olhos meio abertos, meio fechados de quem foi cuspidado de volta pelo poço profundo. Respiração boca-a-boca feita por Adriano, piadinhas inevitáveis mesmo no estado de espanto generalizado em que nos encontrávamos, enfim, todo o espírito brincalhão da Sociedade em seu melhor na Cachoeira dos Chifres. Gradualmente, Andrés começava a tomar ciência do que está à sua volta. Ele vomitava água como uma fonte enquanto esfregávamos sua barriga e seu peito.

"Quem diria, esse é um jovem forte e corajoso. Reconheço nele o meu amigo de infância uma vez mais", disse "sêo" Danilo, feliz em ver o menino de volta.

Andrés sorriu para "sêo" Danilo ao ouvir essas coisas sem ter nem mesmo como sorrir. Os outros, com exceção de Renan, estavam mudos de espanto. Andrés tinha de ter mesmo algo de especial. Renan falava sem parar, *"o carinha é um Daqueles Que Retornaram. Porra, não é fraco não. Por duas vezes, voltou de onde ninguém retorna. Agora retornou de dentro do abismo do poço e voltou à vida. Será que tem alguma coisa que ele não consegue fazer? Por que eu não posso ser ele?"*

Andrés ainda andava com dificuldade pela estrada de sol. Já longe da cachoeira, notamos o frescor do ar até aqui seco como o mais seco deserto. "Sêo" Danilo foi o primeiro a identificar a brisa de umidade.

"E ele que fique na escuridão dele por mais 52 anos", disse Anderson, resolutivo, *"quando ele retornar, estaremos prontos para ele como sempre estivemos."*

"Assim seja!", foi o coro geral antes da risadeira geral. Estávamos salvos e ninguém mais precisou morrer. Me vem à mente o rosto de Arthur, companheiro que ficou para trás nessa luta. A memória do rosto compenetrado dele estudando o Livro das Origens, a última recordação que tenho dele, me enche de infinita ternura e uma esperança nas coisas a virem que não consigo, nem quero explicar.



Segunda-feira, 16 de março de 2009
Cidade em movimento

"O sol acorda a cidade, mistura a cor da massa que vai na velocidade da luz do Astro Rei do olhar. Sou da cor da cidade, caminho junto com a multidão que pulsa ao som da verdade, tambor da nossa comunicação que toca no sangue, que toca os sentidos, espalha no ar o batuque das tribos. Na força do vento um só movimento; desagua na onda que invade e transborda no som que acorda a cidade. Coração de paz, coração de pão, tudo coração de irmão; coração rei, coração de irmão." Cidade Em Movimento, escrita e gravada por Pedro Luís E A Pareda em É Tudo Um Real, 1999, Warner Music .

Centro da cidade em Taurinos pela primeira vez desde o velório de Arthur. A cidade está de pernas para o ar, bem entendido, mas parece respirar vida nova. Passamos o dia todo ontem de volta no Hospital Regional do Sul de Minas em Varginha. Andrés passou por todo tipo de exames, especialmente neurológicos, tudo o que a ciência conhecia. O médico que nos atendeu ficou pasmo em saber que o menino tinha ficado por quase oito minutos debaixo d'água sem sofrer nenhum dano neurológico.

Hoje, um dia depois do hospital e dois depois do alucinado Ordálio por que todos nós passamos,

Taurinos é uma festa em meio a seus próprios escombros. Bizarro como possa parecer o contraste de dois paradoxos se chocando, isto é natural para esta cidade de natureza deliciosa e urbanização arrasada.

"A mãe tá esquisita comigo desde sábado", reclamou Andrés enquanto o pai passava uma marcha e entrava na praça principal da cidade.

"Eu estou esquisito com você, rapazinho", retorquiu o pai, torcendo o volante para estacionar, *"e como quer que a sua mãe se sinta sabendo que deu à luz ao próprio sogro dela? Ela passou o sábado e uma parte de ontem chorando as pitangas quando soube, primeiro com medo de te perder no Teste e depois com medo de te receber de volta em casa. Você acha que é fácil para nós dois, Andrés?"*

"E 'tá sen'ô pra mim?"

"Pode não estar sen'ô, mas ao menos você fez uma escolha nessa história. E nós? Que escolha restou pra gente?"

O prefeito vem para o meio da praça e os interrompe. Ele poderia muito bem despachar ao ar livre, já que a Prefeitura terá de ser reconstruída como ponto mais vazado pela touralhada insana então comandada pelo

General Ariman. Eles, como os habitantes humanos de Taurinos têm também suas contas a ajustar com a Prefeitura. Ele agradece em nome de Mitra por termos trazido de volta a lei dos homens à cidade. Eu disse a ele que mais que a lei dos homens eu queria ver a lei dos homens, mulheres, adultos, crianças, jovens e velhos de Taurinos, em cada canto, em cada esquina. Ele sorriu um sorrisinho amarelo e nos deixou em paz. Duílio me agradeceu, não sei porque. Acho esse prefeito um saco de qualquer maneira.

E tem "sêo" Danilo cruzando nosso caminho novamente. Você poderia pensar que ele espreita na escuridão, mas o fato é que a cidade não é muito mais que esta praça principal com a igreja e coisa. Tudo acontece aqui e perto das montanhas, num ponto mais agreste e não-urbanizado de Taurinos. Cidade que não cresce e nem encolhe.

"Almoça com a gente, Danilo!", convidou Andrés.

"Fique à vontade para vir, 'sêo' Danilo. Ei.. que confiança é essa com um homem mais velho, Andrés? Olha o respeito", ralhou Duílio.

"É que nós somos velhos amigos", explicou Andrés, sorrindo.

"Óia, eu vou aceitar", ele disse sorrindo também, *"por enquanto não tem muito pra fazer aqui mês, o sócio*

Paramos no restaurante do Zé dos Quintos (também e até mais conhecido como **Zé das Profundezas**) para almoçar, um dos restaurantes em melhor condição dos arredores da praça. Todo o resto é um monte de entulho, gente alojada na Escola da cidade, a única escola. Nem sinal de aulas tão cedo, mas vamos e venhamos, é só uma vez a cada 52 anos! Logo pergunto aos homens qual o motivo de um apelido tão interessante e pitoresco como Zé dos Quintos. Andrés me explica que ele manda os bêbados chatos para os quintos (ou para as profundezas) do inferno quando está de saco completamente cheio, daí o apelido.

Eles se divertiam contando os "causos" mineiros mais recentes, como o Ordálio por exemplo, *"...e quan'ô me tiraram da água eu estava todo oncotô? Proncovó? Prõnóstãmuínu? Serakimês?"*, contava Andrés entre as risadas gerais.

Terça-feira, 17 de março de 2009

Os fins e os meios

E como tudo tem que terminar, hoje deixo a grande Taurinos e seu povo. Preciso rever minha cidade de Santos. Já sinto saudades antecipadas de todos aqueles que conheci aqui, sem exceção. Bem, talvez o prefeito seja uma exceção. Chato mesmo é a hora de cobrar os honorários, mas sem isso não se vive, então a gente tira coragem de onde não tem para poder fazer a cobrança.

Os meninos são os últimos a chegar à mesa do café. Café da manhã aqui geralmente é cheio de coisas sobre a mesa, sobra pouco espaço para as xícaras. Geralmente não consigo comer de tudo que há na mesa, a variedade é por vezes muito grande, como um café colonial de uma fazenda antiquíssima, em que fartura é a ordem do dia. Hoje é um daqueles dias em que não conseguirei provar nem metade do que há na mesa. Bolo de fubá, pão de queijo, para dizer o mínimo; jamais daria a lista toda já que isso dificulta o carregamento da página do blog.

Andrés e Adriano nos cumprimentaram e sentaram. Aguardo dentro da conversa uma inserção para falar de minha partida e dos honorários. Demora, mas consigo falar sobre a conclusão do caso e sobre os meus honorários. Duílio me diz que vai fazer um cheque assim que terminarmos o café.

"Nossa, já sinto saudades daqui desde já", comentei eu, olhando o sol e ouvindo os passarinhos cantando em torno da janela da sala de estar.

Vi Andrés olhar para o pai e o pai olhar para Andrés. Duílio me perguntou quando eu estaria de volta. Eu disse que ele tinha o meu telefone, poderia, caso precisasse me telefonar. Passei a ele o meu e-mail para outras comunicações. Notei que Andrés foi ficando com a cara cada vez mais comprida à medida que eu falava, mas não atinei o que fosse. Talvez como eu, uma saudade antecipada de não mais nos vermos.

"No começo, eu não gostava da senhora...", começou o caçula.

"Andrés, você não seja abusado!", Aparecida mostrou os dentes ao menino.

"Aparecida, deixe ele falar. Sempre gostei da sinceridade dele."

"...mas agora eu não quero que a senhora vá embora."

"Andrés! Você está devendo explicações à D. Stella. Não me venha com essa conversa mole de não querer que ela vá embora. É muito mais do que isso", Duílio

mostrava aquela costumeira impaciência com os filhos e mostrava que eu talvez nunca fosse chegar a saber 100% do que o menino tinha guardado. Eu não estava gostando nem um pouco do rumo desta conversa.

"Do que é que o seu pai está falando?"

No seu canto da mesa, Adriano não dizia uma palavra. Os pais, todos nós olhávamos a inesgotável caixinha de surpresas que Andrés era. Sempre um segredo novo à espreita, como um gato prestes a sair de um saco. Andrés olhou para mim e pela primeira vez eu vi um sentimento nele que ele aparentava não ter: medo. Pela primeira vez eu o vi engolir em seco por conta do medo. Medo de mim. De minha reação. Pelo contexto da conversa, começo a entender o medo dele. E começo eu mesma a gelar dos pés à cabeça.

"Então, Andrés? Que explicação é essa de que seu pai está falando? O que você quer me dizer é que eu estou condenada a ficar aqui para o resto dos meus dias, não é isso? Que sendo Taurino, não posso mais deixar a cidade como aqueles touros que você levou até o limite do município?"

Estremecendo ligeiramente, ele baixou os olhos, ergueu de novo e encontrou os meus. E disse, *"com as pessoas demora bem mais tempo, 49 dias. Em 40 dias já começam os efeitos, mas é uma eternidade*

Eu arriei a cabeça por cima da mesa. Como ele mesmo tinha feito na casa de "sêo" Danilo, no dia em que confirmamos a sua vocação para ser reincarnado. Não queria mais levantar a cabeça do tampo da mesa. Encarar o fato de que já não tinha mais tanto controle sobre o meu próprio destino. Sobre minha vida. Andrés levantou e se aproximou de mim devagar. Eu via os tênis dele, um na frente do outro, cada vez mais próximo de mim.

"D. Stella..."

"D. Stella, porra nenhuma! Você tem a menor idéia do que você fez com a bosta da minha vida?", eu me recusava a levantar a cabeça da mesa.

"E agora aguenta que nem homem", a voz de Duílio era tão irritada quanto a minha.

"D. Stella... Olha pra mim, por favor..."

"Ó se for pra saber que parte da tua cara eu vou socar pra não arrebentar teus óculos, seu moleque. Sai de perto de mim", eu me recusava a levantar a cabeça da mesa.

"D. Stella..."

Eu perdi a paciência e levantei a cabeça num jato, soquei o tampo da mesa com os dois punhos. O barulho resultante sacudiu o corpo de todos na sala de jantar. As pessoas na sala de jantar. Duílio se levantou, cada vez mais enfurecido.

"Andrés, agora chega. Coloca os teus óculos em cima da mesa, por favor", o chefe de família tirava o cinto. Andrés não discutiu. Colocou os óculos em cima da mesa e se preparou. O café da manhã estava encerrado. Ele apanhou ali mesmo na sala, na frente de todos. Não senti a menor vontade de intervir desta vez. Ele olhava para mim debaixo da chuva de cintadas. Não dizia uma palavra. O rosto contraía, as lágrimas rolavam da dor que ele sentia, mas não emitia um som. Ele ficou cinco minutos apanhando. Òim, eu disse cinco minutos. Adriano olhava a cena, mudo como um peixe, mas não parecia triste nem de longe. Aparecida se levantou revoltada e saiu com mais ou menos um minuto e meio corrido do evento.

"Agora ajoelha e pede perdão a ela. Ajoelha, porra!"

Vejo de onde o menino tirou essas coisas. Um regime democrático, as mais modernas táticas da psicologia infantil e adolescente. Tenho de intervir.

"Para com isso, Duílio."

"Isso é entre eu e o menino agora, D. Etella. Anda, de

Ele forçou o corpo de Andrés até que os joelhos dele dobraram. O menino olhou para mim e me pediu perdão. A voz ainda abafada pelo meu estado auditivo ainda um pouco caótico. Duílio veio e torceu o braço dele. Tenho vontade de bater nesse homem agora. Violência, violência e mais violência.

"Eu não ouvi, você falou muito baixo."

Tensão. Não estou aguentando mais.

"Me perdoa, D. Etella..."

Duílio torceu o braço dele com mais força ainda.

"Mais alto! Mais alto porque você deixou ela surda também, lembra? Mais alto, seu bosta!"

"Me perdoa, D. Etella!!! Pelo amor de Mitra me perdoa! Eu fiz isso pela cidade! Eu fiz pela cidade!"

Duílio largou o filho, ofegante. A surra tinha consumido mais energia dele do que do garoto. Andrés tem o rosto lavado de suor e lágrimas. Eu o ajudei a se erguer.

"E vai se enfiar no teu quarto, que hoje você não sai mais de lá. Não quero mais ver a tua cara na minha

frente hoje", o chefe de família se deixou cair no sofá pesadamente, exausto.

Na casa de "sêo" Danilo, o cheiro habitual de café de seus finais de tarde. Que seria de mim sem seu café e seus pães de queijo? "Êô" Danilo ouviu minha narração do acontecido e pareceu triste. Sabia o que seria de mim se eu deixasse a cidade. Confirmou o número de dias mencionado por Andrés, 49 dias. Disse que coisas estranhas começavam a acontecer lá pelo quadragésimo dia. Como efeitos estranhos ou estranhas capacidades ou habilidades surgindo do nada. Nove dias depois começaria a secar e começado não haveria como parar mais. Seria a morte, pura e simples.

"Acontecia com as pessoas que mudavam. Os médicos diziam que era desidratação. Pelas notícias que vinham e pelo intervalo entre a mudança e as notícias, a gente começou a entender. Muita gente daqui morreu pra que a gente aprendesse que era isso, "sá" Etella..."

Eu fiquei em silêncio, olhando pela janela aberta a Estrela D'Alva e as montanhas de Taurinos na distância. Como pode uma cidade tão bonita ter tanta maldição engastada nela que por vezes não se consegue ver a beleza, só a maldição como armadura, revestindo tudo com o chumbo do irreversível?

Começo a me preparar para mudar de vida. Santos é distante demais para mim agora.



Quarta-feira, 18 de março de 2009

Num tempo como este

Dia inteiro trancada no quarto. Internet. Atualizando o blog, eternizando a história que teimo em não esquecer. Que abre um capítulo novo em minha vida. Viver e morrer em Taurinos. As recordações do dia de ontem, a surra, a violência doméstica por parte do pai, um menino de joelhos implorando perdão. Parece incrível, mas sinto pena do menino por tudo o que tem sido. Não sei, já não sei mais se eu não faria o mesmo, vendo a minha cidade ameaçada como se viu Taurinos pouco mais de uma semana atrás.

"Eob a capa, os adolescentes hoje são surpreendentemente conformistas." **Elina E. Guber**

Ouçõ batidas na porta. Peço um tempo, me levanto do computador, vou abrir a porta. O Taurino caçula vem conversar comigo. Ele mal olha nos meus olhos, mas deseja entrar e conversar. Eu libero a passagem e ele se senta na cadeira ao lado da minha. Olho para as pernas dele, marcadas pelas cintadas de ontem. Uma nota de tristeza me passa pela cabeça, nuvem que procuro afastar com atenção nos detalhes, com a expectativa do que ele pretende me dizer.

"Eu apanhei bem ontem", ele disse, com a sombra de um sorriso no rosto, *"OPCV, é marca vermelha pra*

todo lado."

"Teu pai te bateu demais. Ee bem que você mereceu. Mas fazer você ajoelhar foi o cúmulo."

"Ee o meu pai me batesse daquele jeito por uma semana sem parar, não ia pagar o que eu fiz com a senhora. Eu não apanhei nada comparado com o que tinha que ser. Ee eu me ajoelhasse em cima de um monte de pregos, também não pagaria o que eu estou lhe devendo. Então, não se preocupe comigo. Eu vim lhe pedir perdão. Eu sei que a senhora nunca vai me perdoar, mas eu tinha que dizer isso de qualquer maneira."

Fiquei calada. Não porque eu quisesse continuar a punir o menino calada. Mas porque eu não conseguia achar o que dizer a ele. O que posso dizer a ele? O que eu posso dizer a mim mesma em um tempo como este? Andrés continuou, ao ver que eu não me manifestava.

"Eu perderia o respeito pelo meu pai se ele não agisse assim comigo."

Eu fiquei atônita. Disse a ele que ele não podia estar falando sério. *"Isso é um castigo medieval",* eu disse a ele. Ele disse que era assim que tinha que ser.

"E se meu filho fizesse isso, eu teria que ser durão com ele. Então, perde o respeito, não? Eu lembro do meu pai quando ele era da minha idade agora. Ele deixou aberto um curral e veio pra fazenda. No dia seguinte, tivemos que localizar os touros pela cidade inteira, ficamos três dias fazendo isso. Eu dei uma surra nele que só sai mesmo pra cicatrizar. Porque eu tinha de fazer ele saber o quanto me custou por os bichos de volta no nosso curral. Não fosse assim, ele faria outra, outra e mais outra. Ele sofreu o diabo na minha mão, mas nunca mais saiu de lá sem ver se todas as porteiras estavam fechadas."

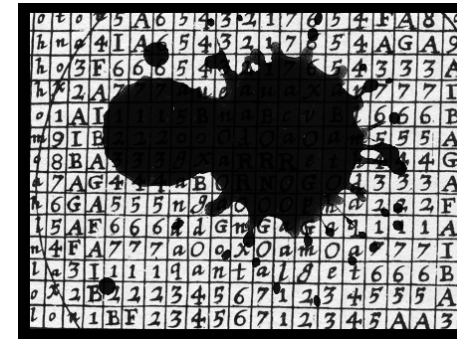
"Então está certo."

Nós ficamos em silêncio. Ele tentou começar uma frase, mas não conseguiu. Penso em como posso dizer a ele que esse tipo de coisa não se aplica mais. Penso em perguntar se o pai lhe dá carinho, encoraja e incentiva, ou se só espera pelas faltas para aplicar uma punição. Mas para que? Dizer a alguém com filhos o que se fazer quando nunca se teve um não faz muito sentido para mim.

Internet. Atualizo o blog e vou conferindo o dia a dia dos amigos blogueiros daqui. Encontro interessante artigo sobre o grande grupo de música eletrônica brasileira **Agentss** nos arquivos do blog do Esper Works, com direito a *download* de arte de capa e link para o som deles hospedado no Media Fire. Nos

esperta, a um só tempo bem humorada e melancólica sobre a ingerência nos assuntos alheios.

Adriano veio me chamar para jantar. Encerrando todas as sessões abertas.



Quinta-feira, 19 de março de 2009

Manobras orquestrais na escuridão

Hoje conversei com os donos da casa. O casal me propôs que eu ficasse morando com eles, até que eu decidisse o que fazer em Taurinos (ou muito mais). Duílio e Aparecida disseram que eu poderia ficar para o resto da vida. Que faziam muito gosto em me ter por aqui. Que isso não repararia o dano causado à minha vida, mas que era o mínimo que eles poderiam fazer numa situação como essa. Me conformo mais com a situação. Não deveria, mas que outra opção eu tenho?

"Às vezes eu amo e construo castelos. Às vezes eu amo tanto que tiro férias e embarco num tour pro inferno. Será que eu sou medieval? Eu me acho um cara tão atual, na moda da nova Idade Média, na mídia da novidade média." Medieval, escrita por Cazuzza e Rogério Meanda e gravada por Cazuzza em Exagerado, 1985, Com Livre.

"A senhora me desculpe aquilo de anteontem com o Andrés...", começou Duílio.

"Não desculpo, não. Não bastassem os cinco minutos de surra, fazer o menino se ajoelhar na minha frente não é me pedir desculpas. É me deixar constrangida na frente de todos. Andrés mesmo me disse que não

apanhou o que tinha que apanhar, mas eu não me importo. Me lembro dele ajoelhando na minha frente para me pedir que eu conversasse com vocês dois e liberasse os touros de volta para ele. Anteontem, vi de onde ele tirou isso. A barbárie começa em casa."

"A senhora queria que eu deixasse barato pra ele?"

"O que eu sei é que existem meios mais modernos de se punir uma criança. E ele tem 12 anos."

"A senhora bem sabe que ele não é qualquer menino de doze anos."

"Não me importa. Agora ele tem doze anos e é isso que me interessa."

"Quando ele era meu..."

Ele se interrompeu. O rosto passou por um transe. E eu vi o que nunca tinha visto antes: o chefe de família chorando. Não pude ouvir o final da frase, mas se adivinhava facilmente. Duílio caiu no sofá, as lágrimas rolando, Aparecida se sentou junto a ele e o abraçou. A confusão de saber que a sua vida mudou de uma maneira que não pode mais ser consentada. Entendo bem o sentimento. É por isso mesmo que eu estou passando exatamente agora.

Andrés vinha descendo a escada, quando viu a cena e se retirou de volta para seu quarto. Adriano não colocaria os pés na sala por nada deste mundo, ao que parecia.

"Nesse exato momento, sua memória está ficando mais longa e sua vida ficando mais curta." Texto no clip de **Nesse Exato Momento**, escrita e gravada por **Van Halen**, em **For Unlawful Carnal Knowledge**, 1991, Warner Bros.

Café. Notável descoberta dos árabes e dos fazendeiros do Sul de Minas. "Gêo" Danilo derrama o ouro negro em duas canecas. Está pensativo como poucas vezes o vi. Diz que entende a situação. Que Taurinos não é um lugar ruim para se viver, apesar de tudo. Digo que não é esse o caso. O caso é que eu não tenho mais controle sobre a minha própria vida.

Noite estrelada na fazenda Taurinos. Os curiangos se sentam nas estradas de terra em torno da fazenda Taurinos e iniciam seus chamados noturnos em meio à escuridão. A orquestra percussiva de sapos em redor ensaia seus primeiros movimentos: manobras orquestrais na escuridão.

Andrés vem ao alpendre; num primeiro momento, ele se senta e olha para a noite lá fora. Eu faço o

mesmo, mas iniciei bem antes.

"Órion", ele disse de repente, "o Caçador Celeste. Porra, bonito pra raio. Adoro ver ele atirando aquela flecha."

Ele me olhou, como que esperando uma resposta.

"É, uma flecha permanente."

"Que aconteceu com o meu pai?", ele perguntou, do nada.

"Ele se lembrou de que ele tinha sido seu filho", eu respondi, do nada.



Sexta-feira, 20 de março de 2009

Uma temporada permanente

Finalmente um café da manhã mais agradável nessa fazenda. As pessoas estão conversando, ao menos mais amigavelmente, em torno da mesa. O clima ainda está tenso na fazenda Taurinos, mas acho que a tendência, agora que a cidade começa a voltar ao seu normal, é que as coisas se assentem aos poucos. São grandes ainda as sequelas de tudo o que vivemos e descobrimos em pouco mais de um mês. Março de 2009 é um mês para nunca mais ser esquecido na história dessa gente, dessa cidade e da minha história. Que parece agora indissoluvelmente ligada à história de Taurinos.

"O 'Sêo' Teixeira está vindo ver a senhora", disse Aparecida. "Ele ligou ontem à noite para ver se podia conversar com a senhora sobre o Renan."

"O bicho está pegando lá na casa do Renan. Ao pé da letra!", riu Adriano.

"Isso é lá assunto pra rir?!", Duílio ficou impaciente.

"Ah, todo mundo sabe que o Renan é doido de pedra, pai", justificou o menino mais velho, já na defensiva.

"Isso não é motivo pra ficar rindo do menino!"

Adriano foi salvo pelo motor do carro soando lá fora. Duílio esqueceu as piadas e foi ao alpendre receber as visitas, *"mas cheguem pra dentro, Aparecida acabou de passar café..."*, disse o imenso dono da casa.

Renan e Guilherme vieram junto. A mesa, incrível, não ficou pequena para os oito. Discutia-se a reconstrução da cidade. O preço da argamassa. Do Cimentcola Quartzolit®. Os meninos não entendiam muito de construção, mas curtiam a conversa. Aparecida perguntou se eu tinha provado o pão de queijo e eu disse que estava delicioso. Mencionei um ingrediente e ela disse que foi perspicácia minha ter notado. Ela me passa a receita e isso me distrai um pouco mais que os materiais de construção. Gosto de cozinhar. Especialmente quando não preciso.

Alpendre. Os meninos foram à Cachoeira dos Chifres. Me sento junto com "sêo" Octávio Teixeira (ele faz questão de me dizer que há um "c" antes do "t") para conversar sobre o pequeno e selvagem membro da família Teixeira que esteve (e está) junto conosco na Sociedade Antiga dos Taurinos.

"A senhora sabe, todo menino do mato em algum momento da vida faz uma maldade, por menor que seja, com os bichos do lugar onde ele vive", "sêo" Octávio explanava, "eu mesmo o mais leve que fazia era amarrar um barbantino no rabo de uma

la vadeira e ficar puxando ela como se fosse um cachorro enquanto ela tentava voar, sabe?"

"Interessante... Interessantíssimo."

"Mas o Renan, eu não sei... Ele tem andado tão agressivo, até brigar na escola brigou, sabe?"

"Entendo."

Se eu ganhasse dez reais que fossem cada vez que ouço isso (especialmente aqui em Taurinos) eu não precisaria trabalhar. Parece um pouco com o famoso binômio, cachorro desaparecido + criança doente, usado até por casais sem filhos para reaver seus cachorros.

"...esse nigucim de ficar assistindo filme de violência na TV, sabe, ele é tão novo, dez anos de idade e não deveria ficar assistindo essas coisas. Mas nem eu nem a esposa podemos ficar de olho nele o tempo todo."

Pais nunca podem ficar de olho o tempo todo. Mas se não é deles a responsabilidade, de quem mais será?

Estou sentindo dor de ouvido. Estranho, os dois. A voz de "sêo" Octávio vinha distante, como já tinha me acostumado, mas algumas de suas inflexões estavam entrando menos abafadas que outras. Perguntei a ele se sabia sobre o ritual no Mithraeum, sobre como foi

apressou em dizer que tudo foi feito pela cidade, sem nenhuma outra intenção.

"Entendo o que quer dizer, "sêo" Octávio, eu mesma não participei com outra intenção a não ser a de ajudar a cidade."

"Taurinos soube de sua história, D. Etella, nunca vamos poder agradecer o suficiente a senhora..."

"O que quero dizer é que deixou umas sequelas em mim. Fiquei surda, como o senhor deve ter ouvido falar e perdi parte da minha memória do que aconteceu lá naquela noite."

"Isso acontece com adultos, senão coisa pior. O que só aumenta a sua coragem, a meu ver. Sei que a senhora sabia do risco que estava correndo lá embaixo."

"Éêo" Octávio, me escute um minuto. Não estou falando disso porque quero lhe dizer o quanto ajudei a cidade. Quero lhe dizer que pode ter ficado nele uma sequência parecida com a minha, mas na personalidade, entende?"

"Mas, não, é impossível, D. Etella. Nada ruim jamais aconteceu com uma criança em nenhuma das cerimônias. E não seria pelo meu filho que iria

começar, não é?"

"Eu não sei. Acho que aquilo que foi feito lá embaixo deixaria qualquer pessoa diferente do que sempre foi. Eu estranho a tolerância à violência que eles mostraram lá. Todos mentalmente intactos, como se tivessem ido ao parque num domingo de manhã. Lembrando de cada detalhe, por mais sangrento que fosse."

"A senhora acha?"

"Não é nada definitivo, mas é uma impressão que tenho. Não posso lhe dizer o que é. Tenho que observar o Renan o mais perto que puder."

"Eêo" Octávio ficou pensativo. Me perguntou se eu não queria passar uns dias com eles, ver o que eu conseguia descobrir. Eu disse que nem tudo o que eu descobria era fácil de aceitar por parte dos pais da criança. Às vezes, nem tudo o que eu descubro é fácil para mim mesma aceitar.

Renan adorou saber que vou passar uma temporada em sua casa. Guilherme viu com bons olhos a quebra de rotina que minha presença em casa representava. A fazenda Teixeira era um pouco menor que a Taurinos, mas imensa para alguém que como eu vive (ou vivia) num sobrado pequeno em uma cidade

comprimida pelos lados como Santos.

Um belo alpendre, com uma vista diferente, um outro ângulo da montanha, mas igualmente bonita. Se este alpendre for tão tranquilo quanto o da Taurinos, já tenho meu novo escritório pronto. Aqui faltam azulejos portugueses mas sobram rendas portuguesas, samambaias, avencas. Me sinto bem neste lugar de cara.

"Essa é Donana," apresentou "sêo" Octávio, "minha esposa. Ana, esta é D. Stella, de quem eu já te falei..."

"Ah, e os meninos também, principalmente o Renan. Na época da cerimônia, então, um dia depois, ele quase me deixou surda", e ela sorriu, simpática.

"Sei bem como é. Os seis meninos me deixaram totalmente surda também."

"Eêo" Octávio nos olhava com a expressão de quem está em dúvida entre rir ou ficar sério. A segunda alternativa pareceu ser a escolhida.

Renan e eu sentamos no alpendre e voltamos o olhar para as montanhas de Taurinos na distância. O dia é nublado, mas um lindo dia; passarinhos cantam de todas as partes, embora minha audição ainda não possa perceber o todo de seu canto. A dor de ouvido

que tive ontem e hoje de manhã retorna ligeiramente e começa a me incomodar. Renan olha para mim e me pergunta porque estou aqui. Espera, vê que estou levando eras para responder e atalha.

"É por minha causa, não?"

"É", mentir para os clientes não faz parte do meu jogo. Omitir talvez, mentir nunca (olhaí, um ótimo lema para colocar no blog).

"Minha família pensa que eu sou louco", Renan disse, resignado.

"A tua família e o resto da cidade, Renan. Você tem que ser realista. Às vezes você apavora demais da conta."

"Eu sei."

A carinha dele ao dizer isso foi um amorzinho. Eu também exagerei na colocação da situação dele dentro da sua comunidade, mas foi interessante ver que ele tinha consciência da situação, ao menos de como ele era olhado de fora.



Sábado, 21 de março de 2009

Essas coisas preciosas

Sábado. Renan me leva até um galpão nos fundos da fazenda, mas exageradamente afastado dela. Lá dentro, me sinto como que na ilha do Dr. Moreau. Aquários com todo tipo de bicho. Terrários com rãs, sapos enormes, cobras de várias espécies. É incrível o quanto de vida selvagem há nesse lugar urbanizado e humanizado. Criamos uma civilização longe dos bichos selvagens, arrasamos o habitat natural deles para depois podermos colocá-los nesses aquários e gaiolas tristes (e eles são ainda os mesmos bichos que tentamos evitar com toda a urbanização).

São dez horas da manhã. Renan me trouxe aqui para ver a alimentação dos bichos. O galpão tem o cheiro de fechado que me abafa e ameaça me fazer espirrar. Há uma claraboia enorme no teto que é falsa, feita de telhas transparentes. O lugar tem a temperatura de um silo com granel próximo de uma combustão espontânea. É denso e inexplicável como uma floresta tropical. A luz natural filtrada das telhas, ao invés de emprestar uma atmosfera do dia ao lugar, confere a ele um ar meio sinistro.

"Sinistro, não?", ele perguntou sorrindo.

"Engraçado, essa palavra mesma acabou de me passar pela cabeça."

Renan pegou uma gaiola pequena onde enxameavam ratos brancos, estressados tanto pelo movimento da gaiola quanto pela perspectiva dos planos nada alegres do filhote de homem para com eles. Tirou uma câmera do bolso — a mesma que Andrés interditou no Mithraeum naquele sábado fatídico — e ajustou para captura de vídeo. Me pediu que eu segurasse a gaiola para ele, puxou um dos ratos para fora pelo rabo e se aproximou do primeiro terrário.

"Uma copperhead que meu pai me deu. Linda, né?", e ele ligou a câmera, focou cuidadosamente e introduziu o rato no terrário. O bicho logo morreu a morte horrorosa que os ratos sempre morrem quando apanhados de jeito pelas cobras. Renan levou dois deliciosos minutos filmando o almoço do bicho. Ainda filmando, ele olhou para mim e sorriu, orgulhoso do animal de estimação.

"E ela é bem gulosa, OPCV", e ele introduziu um segundo rato no terrário, que não demorou muito para desaparecer de ponta-cabeça dentro da goela do réptil faminto. Agora, aflição mesmo era ver as perninhas do rato se mexendo ainda com vida enquanto ele desaparecia para sempre dentro das entranhas mais secretas da cobra. Para não falar na nojeira do rabinho saindo pela boca do réptil. Tudo isso gravado com paixão e em detalhe macro pelas lentes

famintas de Renan.

Eu desisti quando ele me avisou que iria servir um leitão vivo a uma píton de Burma. Na distância eu o vi passando com o pobre, seguro pelas patas traseiras.



Domingo, 22 de março de 2009

Eu fiz assim mesmo

Uma Temporada Permanente é o novo lema da Prefeitura de Taurinos para a nova era de cinquenta e dois anos de paz e harmonia que ora vivemos. Embora o mandato não vá se prolongar isso tudo (se bem que no interior a gente nunca sabe, nas cidades grandes já é aquele caos), ele acha que é um belo lema para sua administração.

O prefeito esteve hoje aqui na fazenda Teixeira. Saiu carregado de promessas de ajuda na reconstrução da cidade, mais outras tantas requisições de atenção aos problemas viários do município e à falta de intimidade da Prefeitura com os canais competentes da CEMIG para instalação de energia elétrica e extensões de postes padrão.

Hoje Renan me leva novamente ao Galpão da Vida e da Morte e me diz que eu tenho que testemunhar o desaparecimento de um dos leitões dentro da píton de Burma de qualquer maneira. O pior é que não posso eternamente ficar dizendo não ao espetáculo bizarro que o menino quer que eu presencie. Há muito mais para ver ali do que apenas aquilo. Não me interessa o animal tratado. Me interessa o comportamento do tratador.

"Pra quem fez aquela coisa linda na arena, durante

quatro horas sem parar, como a senhora, isso é café pequeno", ele dizia sorrindo enquanto nos aproximávamos do galpão. Daí, ele pediu licença e foi buscar um leitão. Trouxe o bicho esperneando e grunhindo fortemente na perspectiva de algo ruim, já filmando, sorriu para mim e jogou o bicho no terrário da píton.

A cobra enrolou-se no porco iniciando uma batalha pela sobrevivência na qual o mamífero não ia levar a melhor. Com um pedaço de madeira, Renan controlava a cabeça do porco para que não mordesse a cobra no processo. Num transe impressionante, ele filma, babando de prazer. Deliciado, ouvia os estalos dos ossos do porquinho se rompendo à medida que os laços da cobra iam se estreitando cada vez mais e os grunhidos do animal, ficando cada vez mais fracos até cessarem por completo. A cobra iniciou o processo de engolimento total do animal morto com ruídos digestivos deliciosamente nauseantes, enchendo a câmera de imagens horrendas e Renan de uma felicidade ultrajante.

"Taí. Completamente dominado! Não demora muito, esse porco vira bosta de cobra...", e ele desligou a câmera com um sorriso de orelha a orelha. Descrição absolutamente poética deste jovem poeta das vísceras e matérias corporais.

Como o prefeito, Renan tem lá seus planos para uma temporada permanente. Uma temporada permanente aberta para batalhas entre bichos de estimação no melhor estilo zanken-pô. Sapo grande domina sapo pequeno. Cobra domina sapo grande. Cobra domina coelho, sapo domina camundongo e por aí vai.

Ele me leva até o computador dele, de volta à casa da fazenda. Me mostra sua página no You Tube e eu curto o fundo de página dele, com os touros e seu desejo de personalizar a página. Pergunto sobre os vídeos que ele tem feito, já que não para de filmar a alimentação um minuto. Ele me diz que os vídeos que faz ficam estocados no You Tube como privativos, a serem mostrados somente a pessoas autorizadas. Como eu mesma. Ele me faz prometer não dizer nada a ninguém e me mostra um dos vídeos no privativo: o vídeo dele na arena, no combate com o Sagrado. Fiquei espantada, já que me lembro de Andrés ter proibido a filmagem dentro do santuário.

"Andrés é bem prego de vez em quando, sempre dizendo o que a gente pode fazer e o que não pode. Fiz meu irmão me filmar por cima dos ombros dele, eu fiz assim mesmo. Aí mandei pro You Tube no privativo. O livro não diz nada sobre filmagem em lugar nenhum, diz? Então..."

"Renan, já te passou pela cabeça que quando o Livro

não havia pessoas pra cima e pra baixo com câmeras digitais e celulares com câmeras como hoje em dia?"

Ele olhou para mim como se fosse a primeira vez que era apresentado a tal argumento e por alguns instantes ficou confuso. Eu disse a ele que embora câmeras não fossem bem-vindas em muitos rituais do mundo, incluindo aí as religiões mundiais em si, realmente não havia mesmo nada no Livro das Origens proibindo a filmagem. Eu mesma não vi mal nisso (pelo menos não mais do que já tinha sido feito).



Segunda-feira, 23 de março de 2009

Êxtase técnico

Andrés e Adriano nos visitam aqui na fazenda Teixeira. Guilherme é quem faz a sala, Renan está colado na internet o dia inteiro, ocupadíssimo com suas listas de discussão ou sabe-se mais o que.

"A senhora acha que foi por causa da cerimônia?", perguntou Andrés.

"Porque ele abriu um touro ainda vivo na frente de seis testemunhas e entrou dele como um corpo estranho e começou a atirar os órgãos do bicho para fora e depois os ossos, e depois a carne, a pele, o couro e et cetera? É isso que está perguntando?"

"É, é, é, D. Stella...", eu consegui deixá-lo impaciente (o que geralmente não se precisa mover céus e terras para conseguir).

"Olha, a partir do que foi feito lá embaixo, acho que alguma coisa fica. Não que fique um trauma, porque Renan é bem resistente, mas alguma coisa. O desejo de continuar, mesmo que de uma outra maneira."

Perguntei a Andrés se sabia que tanto o pai dele quanto o de Renan tinham dito que os dois brigaram na escola. Não que fosse importante, mas me chamou atenção pela coincidência. Os dois usaram as mesmas

justificativas para colocar os filhos sob minha observação.

"Era Renan e eu brigando um com o outro", confessou Andrés, sorrindo.

"Eu devia imaginar", eu disse entre uma risada e outra.

"Renan não sai da Internet porque ele está organizando um campeonato", informou Guilherme, *"ele começou com essa idéia um pouco antes da cerimônia."*

"Campeonato de que?", Adriano se interessou.

"Rinha de todo tipo de bicho que você possa imaginar."

"Mas isso é proibido no Brasil", estranhou Andrés, olhando para mim. Eu disse a ele que tanta coisa era proibida no Brasil e isso não poderia impedir ninguém de fazer assim mesmo.

"E outra coisa: o que pode impedir o menino de realizar o campeonato se ele disser que tudo se resume a alimentar os animais em público? Em um ambiente mais fechado ele poderia fazer aquilo que num mais aberto não poderia e por aí vai."

"Mas ele vai jogar nosso nome na lama desse jeito",
Adriano parecia assustado.

"Adriano, quanto ao respeito com os animais, o nome de Taurinos já está até o pescoço enterrado na merda. Nunca entendi essa tua preocupação com esse assunto."

O rapaz me olhou com os olhos arregalados e não disse mais nada. Talvez faltasse a ele um argumento do qual só iria se lembrar horas e talvez até mesmo dias depois. Eu continuei em minha teoria:

"Toda a necessidade da cerimônia de se impor sofrimento aos animais de uma maneira tão técnica deve ter deixado alguma marca. Não é possível que não tenha sido isso."

"O Livro das Origens nunca registrou alguém se sentindo desse jeito depois de uma cerimônia",
redarguiu Guilherme, *"de mais a mais, lembra que eu disse que ele começou com isso um pouco antes da cerimônia?"*

"O livro registra fatos, não sentimentos, Guilherme. Ele pode até ter começado antes da cerimônia, mas ela deu o empurrão que faltava. A teoria já estava dentro dele e ele só a colocou em prática. No momento em que ele fez tudo aquilo e viu os outros fazendo..."

deliciado.

"Como queira", eu disse, contrariada pelo aparte, *"nesse momento, algo de toda essa loucura deve ter ficado dentro dele."*

"Como um cachorro de caça ele deve ter sentido o gosto do sangue e gostado. Deve ter visto que não queria outra vida", aparteou Guilherme.

"Você entendeu tudo, rapaz. Eu mesma não poderia colocar isso melhor que você em palavras."

"Nunca pensei que um lindo frasco tão pequeno pudesse comportar, meu Deus, tanto veneno. Foi dose mortal, fez tão grande mal, mas eu quero outra vez. Basta um só olhar." Gotas de Veneno, escrita por Wilson Moreira e Nei Lopes, gravada por Nei Lopes em De Letra E Música, 2000, Velas Discos.

Os meninos ficaram em silêncio. Provavelmente pensando no que a cerimônia tinha significado para todos eles. Renan emergiu da Internet e juntou-se a nós, sorrzinho de orelha a orelha. Propus que nós sentássemos no alpendre e conversássemos sobre o que a cerimônia representou para eles.

"Adriano me disse antes da cerimônia que o Adriano

que não gostava de maltratar animais ia morrer no momento em que ele pisasse na arena. Ele morreu, Adriano?”, perguntei, assim que nos sentamos.

Os outros prestaram atenção no irmão mais velho de Andrés. Ele ficou sem-graça com o foco em cima dele. Sorriu amarelo e disse que não. Que era um modo de dizer quando ele disse isso para mim.

“Eu só queria que a senhora entendesse a necessidade de se fazer as coisas daquele jeito. E deu certo.”

“E como deu!”, Renan esfregou o meu braço direito, reverente.

“Renan...”

Mais do que nunca, tenho de ser paciente com Renan. O momento é delicado. Preciso tentar tirar dele essa reverência por quem ele acha que eu sou.

“Eu gostei de ter feito aquilo. Sei que foi pela cidade, mas eu gostei do que fiz e do jeito que eu fiz. Não me envergonho de dizer”, declarou Guilherme.

“Eu precisava daquilo naquela hora”, disse Andrés, *“o nervoso descarregou tudo numa noite só, em cima de um touro só. Foi bom, mas não faria aquilo de*

novo...”

Renan olhou para ele e para Adriano com a cara fechada de quem não está gostando da história. Eu disse que de todos os lidadores, os que mais tinham me impressionado tinham sido Adriano e Renan. Este último sorriu o sorriso dos anjos. Anjos caídos, mas anjos. O primeiro se espantou (mas pareceu gostar bastante do que ouviu).

“Eu? A senhora está falando sério?”, perguntou Adriano, sorrindo orgulhoso e desconcertado até a última.

“Adriano, eu não lembro de ter visto muita gente feroz como você. E olhe que já vi coisas que você não acreditaria. Eu fiquei muito, muito perturbada com a tua lida. A do Renan também me deixou bem abalada. Ele segurou o frio no meu estômago durante o tempo todo da lida, o que me fez pensar dali até o momento de entrar na arena.”

“E eu deixei a senhora assim, é? É o Paraíso ouvir isso.”

““Gêo” Danilo me disse que vocês eram maus e eu só fui acreditar no dia em que estive na arena.”

“Ele falou de mim?”, Renan se apressou em perguntar, ansioso por conhecer a opinião do veterano.

"Ele disse que você era o membro mais monstruoso e sedento de sangue da classe de 2009. E admirou até a última de tanto veneno ficar armazenado num vidro tão pequeno."

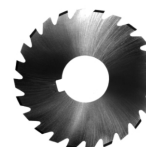
Os olhos de Renan brilharam num lampejo que lembrava um flash de máquina fotográfica ao ouvir isso. Posso estar fazendo mais mal do que bem a ele dizendo isso, mas se quero que nada seja escondido de mim devo começar revelando tudo o que sei. Como posso cobrar omissão me omitindo todo o tempo?

Renan se voltou para os Conselheiros, *"tai, dito por um mestre como "séo" Danilo. Quem sabe, sabe. E vocês dois são dois cuzões que tão aí, com esse papo furado de fazer tudo pela cidade. Vão se foder os dois!"*

"Que é isso, Renan; pirou???", Guilherme fora pego de surpresa.

"É isso mês, Guilherme! Só vejo eu e você dizer que gostamos. Vocês dois gostaram e ficam nessa cuzice de não gostei disso, não gostei daquilo. Eu falo mesmo, gostei e quero fazer de novo, e de novo e de novo! Não fico me escondendo atrás desse niguim de Grande Um, de fazer o que a gente fez só pra espantar o bicho do mal. Fiz ele sofrer o inferno e gostei pra raio. Eu fiz pela cidade, mas também fiz porque queria ver

sangue, queria ver o sofrimento dele até o fim. Eu senti o gosto do sangue e gostei. Isso é tudo. Não sejam falsos, irmãos. Não somos anjos."



Terça-feira, 24 de março de 2009

Esperando ser acordado

Andrés me ligou hoje de manhã e me disse que ontem esteve a cinco minutos de partir a cara de Renan com uma bolacha, *"o que salvou foi que eu estava na casa dele. Se esse merdinha insolente fala isso na minha casa, ia ficar pequeno pra ele, ia sair de lá com um ou dois dentes a menos."*

"Andrés, você tem que relevar de vez em quando. Tem alguma coisa nele que ficou. Você precisa entender isso senão fica como se ele estivesse dizendo aquelas coisas só porque ele é arrogante. Se você pode ver o que ele não tem conseguido seja mais inteligente do que ele tem sido também."

"Porra, D. Stella, num dou mais conta de conversar com ele, é só arrogância, arrogância e nada mais. Ele se acha superior só porque é mau com os bichos? É só porque ele fala pra quem quer ouvir que gosta de ver os bichos sofrendo?"

"Olha, Andrés, não posso falar muito pelo telefone, mas eu acho que ele está em competição com alguém. Uma competição pelo prêmio de Rei da Selvageria, por exemplo."

"Competição com quem?", perguntou a voz grave e rouca do outro lado.

"Não sei nem se ele mesmo sabe com quem ele está competindo. Mas ele deseja mostrar pra gente que ele é o cara. E o que ele vai fazer pra mostrar isso é o que me preocupa."

Ouvi a voz de Renan no fundo. Estava vindo na minha direção. Me despedi de Andrés e desliguei o telefone. Renan chegou ao meu lado e perguntou quem era.

"Andrés", eu disse despreocupadamente.

"Que que aquele cuzão queria?", perguntou ele, fechando a cara.

"Ele estava furioso com o que você disse ontem pra ele. Agora, tinha necessidade?"

"Tinha. Eu precisava provar pra ele e pra todos nós que ele era um bosta. E provei, na frente de todo mundo, desmascarando o nosso grande líder de merda. A liderança dele acabou. Agora todos já sabem que ele é só um verme nojento no meio da merda. E vão guardar o melhor do seu catarro para cuspir na cara dele no momento certo."

"Você não pode estar falando sério com..."

"Estou sim. Já 'tô puto de raiva com ele desde o dia em

que ele me mandou sentar no meio da primeira reunião que a gente teve com a Sociedade Antiga dos Taurinos, lembra? Não sei porque a senhora defende, ele também tratou bem mal a senhora na mesma reunião. Depois, me proibiu de filmar na arena."

"Mas a gente estava tumultuando, Renan, não fique guardando mágoa das pessoas."

"Não é mágoa, é rancor", ele disse sorrindo, "mas sem problemas, isso vai passar assim que ele estiver na lona e não puder mais levantar."

Ele estava sorrindo (Renan tem um sorriso lindo que esconde bem muitas de suas más intenções), mas eu sabia que não era piada dele. Ele parecia possuído mesmo por um alastor ou coisa do gênero. Porque tanto rancor eu não sei. Não parece ser só porque Andrés proibiu Renan de ficar em pé ou de filmar. Parece uma reação bem exagerada. Crianças desenvolvendo sentimentos como rancor nessa idade são como crianças nascendo já com 32 dentes.

Fim de tarde e estou em casa de "Gêo" Danilo. Ele olha para mim interessado enquanto eu falo sobre a briga de Andrés e Renan. Confirmou a briga entre os dois na escola tempos atrás, mas que soube disso por acaso. É certo que a cidade é pequena, mas briguinhas de criança geralmente não se espalham além dos

portões da escola.

"Entendo o que a senhora diz sobre algo da cerimônia ter ficado nele. Sim, deve ter trazido à tona algo que já estava lá só esperando ser acordado. Um de vocês Taurinos deve ter deixado uma impressão nele que ficou. E provavelmente foi o próprio gordinho. Agora ele quer competir, mostrar quem dos Taurinos é o mais feroz."

Eu ri, comentando o quanto acho engraçado o fato dele se referir tão frequentemente a Andrés como o gordinho. Examinando bem, nenhum dos sete meninos era magro. Todos eles, incluindo o finado Arthur, são fortes... como touros. Todos ligeiramente acima do peso como o próprio Andrés. Ele me disse uma vez que sabia disso, mas que apesar do que se podia ver examinando todos os meninos de Taurinos, só chamava Andrés, nenhum dos outros, de gordinho.

Quarta-feira, 25 de março de 2009

Idade do consentimento

Movimentação na estrada para Taurinos. Gente chegando de carro, pessoas de outras cidades, não muita gente, mas presenças novas. Eles montam acampamento na fazenda Teixeira, como ciganos. Trazem terrários como os de Renan, cheios de animais exóticos e bizarros de outros ecossistemas muito longe do Brasil. Serpentes, lagartos, aves, mamíferos, tudo o que se pode imaginar. Três barracas por enquanto, cada uma tirada de dentro de um carro. Dois vêm de São Paulo, um de Belo Horizonte.

"Quem é esse povo?", pergunto e Donana me responde que estão chegando para o campeonato organizado por Renan, que vai tomar conta do fim de semana em Taurinos. Ela diz que de alguma maneira Renan conseguiu apoio da prefeitura para seu campeonato, fazendo-o coincidir com a festa da cidade no mesmo fim de semana.

"A senhora sabe do que se trata o campeonato?", perguntei como se ignorasse por completo a natureza do evento. Ela me deu a mesma resposta de seu filho Guilherme quando perguntado exatamente sobre o mesmo assunto.

"E o que a senhora acha desse tipo de atividade?"

Donana me olhou com sinceridade nos olhos de mãe de um menino de interior, *"acho que prefiro ele fazendo isso com os bichos do que com as pessoas, se é isso que está me perguntando, Stella."*

O povo das barracas. Adolescentes recém-entrados na maioria dirigindo carros ocupados por animais exóticos e outros adolescentes e até pré-adolescentes. Algumas tatuagens, muitos piercings e alguns alargadores de orelhas, uma tribo cada vez menos bizarra e cada vez mais comum nas grandes cidades. Aqui são olhados com espanto pela comunidade pequena e fechada de Taurinos.



Sábado, 28 de março de 2009

Esses monstrinhos minúsculos

Andrés me ligou hoje de manhã e me perguntou se eu iria ao famigerado campeonato de bichos de estimação promovido pelos irmãos Teixeira, mais precisamente o caçula. Eu disse a ele que mais provavelmente os irmãos Teixeira não iriam querer a Sociedade Antiga dos Taurinos bisbilhotando suas coisas.

"Como assim?", a voz rouca dele soava preocupada.

"Os dois irmãos são bem rudes com os animais", eu disse, "isso não é segredo para ninguém. Você, Anderson, Bruno, Adriano, pareceram ter matado mais pela necessidade. Mas os dois matam por prazer. Daí que eles não querem que a gente vá, testemunhe mais e mais atrocidades e reforce na mente da gente a idéia de que eles são dois monstrinhos."

No final, combinei de encontrar Andrés na fazenda Taurinos. Agora era arriscado tentar raciocinar sobre os irmãos Teixeira estando tão próxima deles. Apesar de mantidos ocupados pelo torneio, nada garantia que eles não fossem perceber que suas inclinações mais perversas estavam sendo discutidas pela Sociedade Antiga dos Taurinos.

Nós discutimos o tal campeonato mais uma vez.

Tentávamos entender qual seria o próximo passo de Renan. Agora se afirmava uma nova pergunta: Guilherme seguiria os passos do irmão e criaria junto com ele um sombrio mundo novo para os animais da cidade?

"Essa é difícil responder", disse Andrés abanando a cabeça, "ele parece gostar disso tanto quanto o Renan, mas a senhora sabe como o Renan é louquinho..."

Ele passou a me contar que de nós cinco, somente eu e ele não tínhamos sido convidados. Adriano recebeu telefonema de Renan pedindo que ele viesse só. Anderson e Bruno receberam o mesmo telefonema com a mesma orientação de comparecerem sós, disse ele.

"Na verdade, não é que ele não queira a Sociedade Antiga dos Taurinos assistindo como você disse, ele não quer que nós dois estejamos lá. O problema parece que é com a gente mesmo."

Eu disse que isso dava razão a ele. Fiquei pensando no que poderia ser. Porque tinha de ser desse jeito. Não que eu quisesse realmente estar presente ao evento, mais como quando eu pedi a Duílio que me levasse a uma reunião sem de fato estar nem de longe motivada a realmente ir, apenas para ver qual a reação dele seria. Andrés estava agora calado, me

olhando, como se esperasse uma reação minha. Ela não veio. Qualquer coisa que eu dissesse agora seria bobagem. Certezas se desfazendo em incertezas.

"Lembra quando a senhora disse no telefone, uns dias atrás, que ele estava competindo com alguém pelo prêmio de Rei da Selvageria ou alguma coisa assim?"

"Sim, lógico."

"Então, eu acho que esses são a senhora e eu."

"E o que te leva a essa conclusão? O fato de que ele não convidou nem eu nem você para o evento dele?"

Ele ficou calado. Não pareceu achar o motivo tão convincente quando questionado.

Bruno e Anderson vieram para a Taurinos depois do campeonato. Disseram que haveria dois calangueiros improvisando no centro à noite e dois shows, um de rock e outro de música brasileira, como parte das comemorações do renascimento da cidade.

Perguntaram se não queríamos ir junto. Andrés mudou de assunto bruscamente sem responder, perguntando como tinha sido o campeonato. Eles disseram que Renan estava invicto até o momento.

"Como até o momento? Não terminou hoje?", eu

estava curiosa.

"Não, está marcado para hoje e para amanhã", Bruno me olhou como se eu manifestasse um excesso incontrolável de curiosidade, *"por que não foram?"*

"Porque não fomos convidados."

Os três ficaram se entreolhando por uns segundos. Adriano perguntou se Renan não tinha ligado.

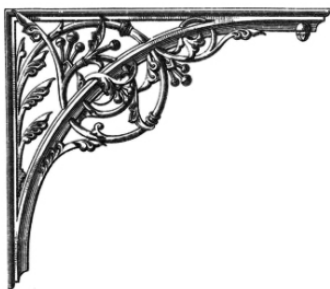
"Claro que não, gênio; senão ele teria nos convidado, não?", respondeu Andrés, sempre muito paciente para com o irmão.

"Mas por que ele não teria convidado vocês? Não entendo", Anderson parecia mesmo perplexo ao dizer isso.

"Vocês estavam lá com ele e eu é que sei? Faz dias que não o vejo", Andrés replicou.

Anderson explicou que não falaram com Renan em momento algum. Se ele não estava se preparando para uma batalha estava no meio de uma e não havia nele concentração para conversas com os amigos. Ele parecia determinado a vencer e, pelo empenho, os resultados pareciam dar razão a ele. Ficamos ouvindo as narrativas dos embates com os detalhes nojentos e

desagradáveis da natureza do próprio evento, enquanto os três conversavam. Eu olhava para Andrés e ele para mim. Definitivamente, o pequeno Teixeira começava a dar uns passos. Em que direção eu não sabia. Mas todo ele já estava em curso, em movimento. Como um navio indo a parte nenhuma. Pelo menos nenhuma que esperávamos que fosse.



Domingo, 29 de março de 2009

Outra geometria

Andrés ficou olhando um tempão para mim como se avaliasse o que eu estava propondo. Na verdade, eu mesma estava pensando se valeria a pena fazer o que eu estava propondo.

"Não sei", ele disse por fim, "acho meio arriscado ficar tentando entrar sem ter sido convidado. E mais, será que não é ruim dar muita importância a esse negócio do Renan?"

"Eu proponho isso porque acho que qualquer que seja o próximo passo dele, esse campeonato é uma chance de ver o que ele está realmente planejando fazer. Não que seja exatamente isso, mas pode nos dar uma indicação mais clara do que está acontecendo."

Acabei dizendo a ele que esquecesse o plano. Realmente seria meio ridículo que nos pegassem tentando entrar sem ter sido convidados. Se Renan não queria nos convidar, deveria ter lá seus motivos, então o que havia para se fazer era respeitar a decisão dele de nos manter fora disso. O dia de hoje parecia se encaminhar exatamente como o dia de ontem. Essas repetições de eventos e circunstâncias me davam nos nervos.

Dormi na Taurinos a noite passada. Estou de fato

respeitando a decisão de Renan inclusive ficando longe da fazenda Teixeira por esses dias de torneio. Estou em dúvida se conto a Andrés a conversa que tive com Renan algum tempo atrás em que ele dizia que pretendia destruir Andrés. Decidi por contar, apenas para descobrir que isso não era novidade nenhuma para ele.

"Ele me disse isso na escola quando nós nos pegamos", ele disse sorrindo, "é só besteira do Renan, ele tem o sangue quente pra raio."

Houve uma pausa. Como sempre, mirávamos as montanhas que o alpendre da fazenda Taurinos ficava emoldurando. A conversa com Renan daquele dia não me saía da cabeça. A alegação de Andrés de que já conhecia o conteúdo da conversa não me animava, eu não sabia dizer porque.

Adriano veio só desta vez. Vinha impressionado com os resultados do campeonato. Os animais de Renan venceram de ponta a ponta, enquanto Guilherme perdeu um de seus dois pitbulls. Eu nem sabia que ele tinha cachorros, achei que toda aquela bicharada no galpão dele fosse de Renan e de mais ninguém.

"Rolou até um pau no final entre o Renan e um cara de São Paulo", comentou Adriano casualmente.

"Por que?", Andrés se interessou.

"Porque o cara disse que teve trapaça, mas todo mundo viu que não tinha nada disso. Ele estava mesmo era desesperado porque tinha perdido três cachorros dele pro Renan. E ele avançou no Renan, mas nem o Guilherme nem a gente precisou ajudar. O cara saiu de Taurinos de volta pra São Paulo com a cara bem estragada. E se a gente não tira o Renan de cima dele ia ficar pior, que ele não conseguia mais parar de bater no cara. Não foi bem uma briga. Foi mais um massacre que qualquer outra coisa. Saiu daqui com três cachorros mortos e uma cara arrebatada. A cara dele ficou com uma outra geometria", riu Adriano, divertido.

"Porra...", Andrés ficou admirado. Eu e ele trocamos um olhar significativo. Adriano não entendeu o nosso olhar de excluídos do sistema. Tínhamos sido excluídos do evento como um todo. Nos restavam as narrativas de terceiros como um modo de compor um painel de tudo o que tinha acontecido dentro do certame. O que entendemos foi que ele vinha se tornando mais e mais agressivo.

A questão de Renan arrebatando a cara do paulistano à força de socos pareceu nova até mesmo para Andrés, que não uma vez tinha enfrentado brigas com o pequeno Teixeira. Achei que poderia perguntar a Andrés como era Renan durante uma

forneceria um retrato confiável, já que estava envolvido ele mesmo naquilo e não ia querer dar parte de fraco ou de ter apanhado de um menino dois anos mais novo que ele. Até porque talvez isso nem tivesse acontecido.



Segunda-feira, 30 de março de 2009

Roleta russa

Eu tive um sonho esta noite. Sonho esquisito, aflitivo em que eu tentava chegar à fazenda Teixeira no cair da noite e era atacada por um homem. Depois, o latido de um cão enorme e não me lembro de mais nada. Minha audição está quase de volta ao normal, ainda um pouquinho abafada, mas quase de volta ao normal outra vez. Minhas recordações da noite na arena ainda não clarearam, e eu começo a duvidar de que um dia vão clarear de fato.

Contei o sonho aos irmãos Conselheiro depois do café da manhã e eles trocaram um olhar comprido entre si. Estranho, como se tivessem tido o mesmo sonho ou como se achassem que o sonho foi uma premonição. Taurinos tem um índice impressionante de pessoas com percepção extrassensorial e o que é o caso de Andrés pode muito bem ser o caso de Adriano também. Quem me garante que ele me contou sobre o irmão, mas não escondeu suas próprias faculdades extrassensoriais?

"Onde estava quando o tal homem atacou a senhora?", perguntou Adriano.

"Não tenho certeza, mas acho que já estava perto da fazenda Teixeira."

"Viu o cachorro latindo? Ou só conseguiu ouvir?", desta vez foi Andrés quem perguntou.

"Ó ouvi, daí para diante não me lembro de mais nada..."

Houve um silêncio. De vez em quando os dois se entreolhavam e eu não entendia porque. Podia não ser nada, podia ser um mundo de coisas. Andrés passou a me contar que os Teixeira tinham ligado. Perguntaram se eu não poderia ir até lá para retomar as conversas com Renan, agora que o torneio tinha terminado. Disseram que Renan estava se recusando a alimentar seus cachorros. E que eles tinham ligado o cachorro latindo no meu sonho ao telefonema.

"Mas por que cargas d'água Renan ia parar de alimentar os cachorros?"

"Renan é doido, não faz coisa com coisa de vez em quando", explicou Adriano.

É fácil atribuir tudo à loucura ou ao miolo mole de certas pessoas, penso eu. O que motiva a loucura? Qual a origem de determinado comportamento? Ambiente, coisas que já estavam lá dentro e que nem mesmo a pessoa portadora desconhecia?

Eram seis e meia quando saí da fazenda Taurinos a pé. Pretendia voltar à fazenda Teixeira para continuar a observação do caçula da família. O sol já se ia bem baixo, sol de final de verão, onde o outono começa a querer dar as caras. Os últimos pássaros atrasados de volta a seus ninhos passavam por cima da minha cabeça, piando na pressa de retornar. Paro e me recordo do sonho dessa noite. Estou a meio caminho agora, nada de voltar por conta de premonições esquisitas. Taurinos é uma cidade calma. Às vezes, calma até demais. A beleza das montanhas em torno, as muitas flores de milhares de tipos de plantas do cerrado que se despedem de mais um dia. E lá se vai mais um dia, como disseram um dia os mineiros adeptos do Clube da Esquina.

A fazenda não é longe agora. A paisagem vai mudando à medida que contorno o sopé da montanha em cujo topo fica a parte urbana do município de Taurinos. Uma nova vista da montanha enquanto ainda há luz. Uma visão sempre renovada, a microflora do cerrado em sua estonteante beleza e exotismo. A mais ou menos um quilômetro da entrada da fazenda, ouço um animal se arrastando pelo mato. Um lagarto, talvez? Mais sons. Definitivamente não estou sozinha neste trecho de mata rasgada de estrada que leva à fazenda. Apuro a audição quase pronta. Os sons ainda me vêm algo abafados nos últimos restos da minha surdez temporária. O que pode ser? Estou pronta para saber a resposta?

A resposta não se faz esperar mais. Um braço corta a minha frente e se enrola em torno do meu pescoço, o aço frio de um cano encostado em minha cabeça. O sonho. Tarde demais para voltar atrás. Estou perdida. Ouço o estalido do cão da arma próximo ao meu ouvido e é o fim. Nada acontece. A risada de um homem — o dono do braço — soa atrás de mim, inconfundível.

"Já brincou de roleta russa?", disse a voz grave, como um gato brincando com a sua presa. Meu Deus. Aquela voz não me era estranha. Eu já tinha ouvido aquela voz. Onde? Onde? Eu tentei responder mas não houve tempo. Um segundo clique se fez ouvir, embaçado pela surdez, angustiante, segundos que pareciam horas.

"Onde será que está a bala?", ele riu, sarcástico, me enchendo de pavor, quando o sol já tocava o cume da montanha lá em cima, tornando tudo mais e mais escuro, *"vamos tentar mais uma vez..."*, a voz continuando a soar diabolicamente familiar. De onde eu a conhecia?

De repente, o latido de um cão. Dois. O homem se virou, me largando no processo, mas não teve tempo de esboçar reação. Um cão enorme, grande como um leão já cravava os dentes no pescoço dele e o derrubava no chão. O outro veio em sua ajuda e os gritos do homem eram terríveis, lancinantes, me

enchendo de tensão e de tanto pavor quanto quando o revólver estava encostado em minha cabeça. Era o fim da roleta russa. E o fim do homem também. Os cachorros não paravam de lidar com o homem quando percebi, para maior pavor meu, que eles o estavam devorando. Horrorizada, recuei diante da cena dantesca e os meus olhos foram se fechando até que uma luz repentina os abriu.

Eu estava caída na estrada e os sons medonhos de mastigação e de ossos quebrados pelas mandíbulas dos animais me devolveram à realidade medonha de momentos atrás. Renan me iluminava com a lanterna, me perguntando se estava tudo bem, indiferente à cena infernal a poucos passos de distância.

"Renan, a gente tem que sair daqui rápido, esses cachorros..."

"Os cachorros são meus. E a gente não sai daqui enquanto eles não terminarem de comer."

Eu olhei para ele, muda de espanto.

"Já faz uma semana que eu estou cercando o cara. A senhora foi mesmo a isca ideal."

"O telefonema...", eu me recusava a acreditar nele.

divertido, enquanto à meia distância os cachorros despedaçavam o que restou do corpo do assaltante; entre gulosas mordidas, arrancavam de seus ossos os últimos bocados e muxibas de carne.

"Eu podia ter morrido, seu merdinha!"

"Pois é, mas quem morreu foi ele. Isso deve lhe ensinar a não andar por aí a essa hora da noite. Você é só uma mulher. É disso que eles gostam, uma mulher sozinha no meio da estrada ao anoitecer. Taurinos só é calma porque a gente mantém ela calma, não se esqueça."



Terça-feira, 31 de março de 2009

Ossos e estiletes

Donana disse que já estavam sentindo saudades de mim na fazenda Teixeira. Guilherme e Renan, em plena mesa do café, só falavam na presença de seus advogados. "Êô" Octávio perguntou se eu e Renan tínhamos enterrado os ossos. Dissemos que sim. Os próprios cachorros enterraram os ossos e teremos que torcer para que se esqueçam onde os enterraram. Renan mesmo pouco ou nada fez, a não ser encher o saco. Enquanto os cachorros ainda faziam a digestão, já eles mesmos iam cavando fundo no desbaste de uma cavidade que comportasse os ossos.

"Octávio, café da manhã não é hora pr'essas conversas", reprovou Donana.

"Êô" Octávio se aquietou, menos pela reprovação da mulher do que pela curiosidade satisfeita. No caso de Donana, é como se repetisse à sua maneira o que foi dito por Aparecida para mim certa vez, de que *"preferia nunca ter sabido daquilo, mais ainda daquela forma".*

Renan se sentou no sol sozinho depois do café da manhã. Fui até ele conversar. Saber quem era o cara que ele estava cercando fazia uma semana, o mesmo que me atacou no começo da noite de ontem.

"Êei lá eu", ele deu de ombros. Renan não parecia disposto a conversar.

"A voz dele não me era estranha, meu Deus... Renan, você sabe quem é o cara. Deve saber, pois se estava cercando o cara há uma semana..."

"Eu sei que o cara era safado. Isso já não chega?", ele olhou para mim, os olhos semicerrados pelo sol bem atrás de minha cabeça, aquela careta peculiar de quem recebe o sol nas vistas.

Depois de uma pausa, ele me contou que eram dois caras. O outro estava agora na cidade, mas andava junto com o que me atacou ontem. Ele perguntou se eu não me sentiria mais segura se encontrássemos o outro. Dizer a ele que eu me sentiria mais segura (embora com certeza me sentisse) seria o mesmo que passar a ele uma procuração para caçar e matar o outro também, provavelmente da mesma forma abjeta e nojenta que o primeiro. Um cara que nem conheço, que nunca chegou perto de mim. Mas concordei em ir à cidade com ele dar uma vista. Nós íamos aproveitar e passar no mercadinho do Souza para Donana, mercadinho que ele está re-erguendo depois que os touros e as vacas destruíram o lugar já faz quase um mês.

Centro da cidade. Movimento normal de uma terça normal na cidade. O sol deixando tudo muito luminoso. Tudo muito berrante, cor de luz do dia. O camarada da fazenda Teixeira estacionou o carro na praça principal do centro. Aqui é virtualmente impossível a alguém se perder, tudo vem dar nesta mesma praça no final das contas.

No mercadinho, notei que Renan comprou lápis, borracha, papel sulfite e... dois estiletes. Na lista de Donana havia realmente estilete marcado, então tudo bem. Já é ruim criança comprar coisa que não foi pedida, por conta própria, ainda mais se tratando de um estilete. E os estiletes nem numa embalagem plástica apropriada vinham. Gaímos do mercadinho com algumas sacolas que deixamos no carro. Renan se desculpou por uns momentos e foi ter com um homem que se recostava preguiçosamente num gazebo próximo. Vi Renan conversar com ele; não podia ver o que o homem dizia, tentar ler seus lábios da distância onde estava porque ele estava de costas para mim. Vi Renan acariciar ligeiramente a barriga do homem e voltar para o carro, sacudindo a cabeça.

"Coitado do hominho, tão bêbado que nem dele dava conta, quanto mais de saber se tinha visto o tal você sabe quem..."

"Mas então podemos dar mais uma volta por aí, ver se..."

"Depois se vê isso, agora é levar as compras da mãe", ele falou como se levar as compras tivesse se revestido subitamente de um estranho senso de urgência e alta prioridade.

"Mas nós nem..."

"D. Stella, dá pra entrar logo na bosta do carro?"

Senti que ele estava a ponto de explodir se eu não entrasse logo no carro. Não parecia tão nervoso ao vir, mas agora estava uma pilha só para ir embora. Resolvi não ficar como uma pateta discutindo, eu que nem queria estar aqui fazendo isso realmente. As compras para Donana foram de bom tamanho como desculpa para vir à cidade um pouco.



Quarta-feira, 1 de abril de 2009

Teatro de sombras

Outro sonho. Estou sozinha no campo. Novamente o sol se pondo. As sombras se alongam cada vez mais à medida que o sol afunda atrás das montanhas. Renan aparece do nada, uma sombra andando em volta. Sei que é ele, vejo a sombra dele, mas por mais que vire ao redor, não consigo ver o dono da sombra. A sombra parecia perpassar todo o meu corpo, como se estivesse dançando comigo. Uma sensação tão leve e no entanto tão carregada de pressentimentos.

Às dez da manhã, me chamaram no telefone. Era Andrés me contando o mesmo sonho. Eu disse a ele que tinha sonhado o mesmo e ouvi um barulho altíssimo do outro lado da linha. Depois, foi só o silêncio. Andrés voltou ao telefone quando eu já me preparava para desligar e ir atrás de socorro. Explicou que caiu da cadeira com o fone na mão. Perguntei a ele o que havia de tão esmagador em termos sonhado a mesma coisa. Ele disse que era estranho. Eu respondi que ele como mineiro e principalmente sendo um mineiro natural de Taurinos, já deveria estar acostumado.

Estranho mesmo foi Anderson ter ligado nem trinta minutos depois e me contado o mesmo sonho. Ele não caiu da cadeira como Andrés, quando lhe falei de mim e do gordinho, mas ficou uns momentos

incomunicável. Mentalmente, me perguntei o que era isso agora. De que novo desafio podemos estar diante em nossa vida em Taurinos neste momento.

Nós nos reunimos na casa de "Êô" Danilo no cair da tarde. Andrés e Anderson até trouxeram pão de queijo de casa. Estávamos intrigados pela circunstância do sonho que tivemos em comum. Separados no sonho e na realidade, tivemos a mesma visão do mesmo lugar e a dança da sombra ao redor, movimentos precisamente repetidos em todas as nossas narrações.

"Eu já tinha ouvido falar disso, mas nunca vi acontecer de verdade", afirmou "sêo" Danilo, sorrindo, "e todos vocês sabiam que era o Renan o tempo todo?"

Dissemos que sim. Anderson foi o que chegou mais perto de ver Renan, e mesmo assim foi um instante muito curto e o rosto dele estava embaçado pelo movimento ao redor.

"Mas mesmo vendo mal, eu tenho certeza de que era ele o tempo todo."

Eu disse a eles que liguei para Bruno e ele me disse não ter sonhado nada parecido. Para falar a verdade, ele não se lembrou de sonhos. Liguei para ele porque se aconteceu comigo, com Anderson e com Andrés,

poderia ter acontecido a qualquer dos sete membros da Sociedade Antiga dos Taurinos. Mas não aconteceu com Renan, Guilherme, Bruno ou Adriano. Perguntei pessoalmente aos irmãos Teixeira, mas jamais falei de Renan estando no sonho. Guilherme disse que não sonhou com nada durante a noite. Renan disse que sonhou que estava num parque de diversões em Belo Horizonte. Adriano, perguntado pelo irmão (a primeira coisa que Andrés fez ao acordar provavelmente), disse que não se lembrava de sonho nenhum durante a noite.

"Interessante, só vocês três", "sêo" Danilo tinha a testa franzida de verdade, "o que pode ser isso agora?"

"Eu e D. Stella conversamos sobre isso", disse Andrés, "desde o dia da cerimônia quando nós matamos os touros, ele ficou meio estranho quando a cerimônia acabou. Ficou hipnotizado pelo que a D. Stella fez com o touro na arena e parece que ele quer ser muito mais do que ela foi. Lembro bem que ele queria aquele touro para ele, porque foi o touro que causou a morte do Arthur um dia antes antes da cerimônia. Como eu e o Anderson entramos na história eu não sei."

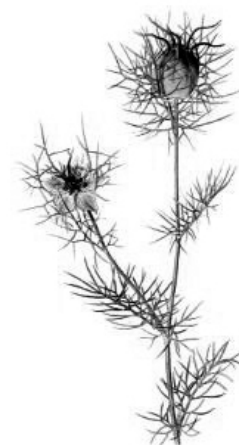
"Pode ter sido quando negou o touro para ele", sugeriu Anderson, "pode ter sido um montão de coisas,

Andrés."

"Não fui eu que destinei o touro para ela, foi o "sêo" Horácio, pai do nosso amigo morto, lembra?"

"Até aí, mas e o Renan quer saber, por acaso? Para ele, foi você que proibiu e acabou a história..."

Andrés ficou calado desta vez. Eu disse que se concordava com Anderson era quando ele dizia que poderia ter sido um montão de coisas.



Quinta-feira, 2 de abril de 2009

Gente e urubus

Eu vi os urubus. Voavam cada vez mais baixo indo em direção da praça principal da cidade. Uma sombra passou por mim, rápida, ligeira e esperta, toldando minha visão por uns momentos. Depois foi o céu azul lotado de urubus que em círculos iam descendo cada vez mais. Depois foi o silêncio. O canto dos pássaros e eu estava em minha cama outra vez, na fazenda Teixeira.

Depois do café, Renan me perguntou se eu iria ficar e conversar com ele. Ele pretendia ir até a Cachoeira dos Chifres nadar um pouco. Eu disse que tinha de sair com Andrés, ir até a cidade. Uma sombra passou pelo rosto dele por um momento, enquanto ele considerava a idéia de ir até o centro da cidade com Andrés. Tentou me persuadir a ir com ele à Cachoeira dos Chifres, mas eu não iria lá de jeito nenhum, porque sinto que tenho coisas a aclarar antes que eu definitivamente possa sentar com ele e conversar.

No centro da cidade, burburinho na praça principal. Gente juntando próxima ao gazebo por onde passamos anteontem eu e Renan. Gente e urubus, gente espantando urubus dali, urubus tentando teimosamente chegar. Um cheiro de podre que ardia as narinas. Começo a ficar inquieta à medida em que eu e Andrés descemos do carro e caminhamos para a

praça principal atraídos pelo rumor.

Eu conheceria aquela camisa de longe. Não vi o rosto, mas aquela camisa eu conheço. Recostado na mesma posição de dois dias atrás, o homem com quem Renan disse ter tentado falar. Na barriga, ainda um estilete cravado, a terra embaixo do banco do gazebo bebendo todo o sangue que a ferida drenou de dentro. O rosto semi-despeçado pelas bicadas dos urubus, o povo começando a arrastar o corpo para longe da praça usando pedaços de papel como luvas. Eu sinalizei a Andrés que viesse. Já tinha visto o suficiente. Pensei em ligar para Donana e perguntar quantos estiletes ela tinha pedido para as compras de ontem, mas se a notícia já tivesse chegado lá a essas alturas, seria o mesmo que dizer que foi o Renan.

"D. Stella, que cara era aquela na praça? A senhora conhecia o cara morto?"

"Renan passou o estilete na barriga dele."

"Ah, foi o Renan? Ele conseguiu pegar o cara. Mas tinha outro com ele na cidade..."

"O outro ele deu de jantar para os cachorros dele na segunda."

Andrés assobiou, de horror de admiração.

"Aquele pestinha 'tá cada vez mais sanguinário... Como a senhora sabe que foi ele?"

Contei a ele o que se passou a caminho da fazenda Teixeira na segunda e o que eu vi no gazebo na terça. Que achei que ele estivesse dando uns tapinhas na barriga do homem, tapinhas cordiais, algo do gênero. Andrés riu e disse que Renan não era o cara para tapinhas cordiais ou qualquer forma de contato que não visasse tirar sangue de alguém. Ele disse que o que vi eram mesmo as estiletagens.

"Me lembro da pressa com que ele queria que eu voltasse ao carro. Quase gritou comigo quando eu sugeri que nós procurássemos o cara pela cidade um pouco mais."

"Ele não queria chocar a senhora ou coisa assim, sei lá, porque medo de ser descoberto não era. Se vocês compraram as coisas no Souza e se ele reconheceu o estilete, não demora muito para Taurinos toda saber que foi o Renan. No máximo ele vai apanhar em casa por ter feito isso em plena luz do dia em plena praça principal do centro da cidade."

Andrés mudou de assunto e disse que viu os urubus em sonho, descendo em círculos para a praça principal. Como se nos guiassem até aqui. Fomos encontrar Anderson, na loja de ferragens do pai,

casa dele no topo da loja. Enquanto se bebia café, comparávamos os sonhos da noite passada e mais uma vez não havia sombra de diferença entre eles. A diferença única foi que Anderson não foi à praça como nós. Estava ocupado com uma lista de pedidos e foi com espanto que ele recebeu a notícia do dia.

"Nossa, Renan exagerou dessa vez... Mas não eram dois? Será que o outro fugiu?", Anderson empalideceu.

"Conte a ele, D. Stella", pediu Andrés.

Repeti a história dos cachorros jantando e Anderson apenas disse, *"mas que maquininha de matar eficiente, hein?"*. Andrés riu mas eu não achava muita graça na história. Anderson disse que não fosse assim, eu mesma poderia não estar mais por aqui conversando e tomando café. Ele estava pálido, como alguém que subitamente se lembrasse de algo urgente a fazer.

"Ele me atraiu até lá. Me usou como isca."

"Como a senhora pode saber?", tornou Anderson.

"Ele disse isso para mim na maior cara-de-pau."

"Eh, Renan..."

"Ele ligou para a fazenda Taurinos imitando a voz do pai dele."

"Fui eu que atendi. Não era o pai dele então? Nó, jurava que fosse", Andrés estava atônito com a notícia.

"Mas então, Renan está ficando abusado. Imagina, colocar a vida de um de nós em risco só pra pegar o cara?", Anderson estava perturbado ao extremo.

"Calma gente, deu tudo certo no final, não deu? Ninguém se machucou, não é?"

"Não é assim, Andrés e se fosse você? Será que ia ficar aí pedindo calma?"

"Deixa ele", eu disse, "não foi Andrés que ficou com um cano encostado na cabeça com um maluco brincando de roleta russa com ele."

"E esses sonhos agora? Que pode ser? Eu queria saber onde eu me encaixo nessa história. Porque Renan..."

"Isso se supondo que Renan seja a causa dos sonhos. Que é ele que aparece só com a sombra, disso já sabemos. Mas é ele a causa dos sonhos? Temos certeza disso?"

"D. Stella, tem gente na cidade, e não é pouca, que

consegue se comunicar de boca fechada. No Zé das Profundezas uma vez eu vi dois caras da cidade quietos numa mesa. De vez em quando um olhava pro outro e os dois riam. Ficaram quase uma hora nisso, depois se levantaram, pagaram a conta e foram embora pra casa", contou Anderson.

"E o que isso tem a ver?"

"Tem a ver que se podem fazer isso, podem também mandar um sonho, qualquer coisa que utilize a mente deles, não?"

A julgar pelo que ele tinha dito em apoio, me causou estranheza que Anderson ficasse preocupado, bastante perturbado com tudo o que ouviu. Quando cheguei à fazenda Teixeira, no final da tarde, Renan estava muito ocupado apanhando do pai. Donana tinha percebido que o troco das compras tinha vindo de menos e que a nota fiscal mencionava dois estiletes, não um como ela tinha pedido. Juntando com as notícias do dia, não foi difícil a ela somar dois e dois e perceber onde o outro estilete não-solicitado tinha ido parar. Obviamente, como disse Andrés, ele só estava apanhando por ter feito o que fez em plena luz do dia, por nenhum outro motivo. A preocupação e o ar de perturbação de Anderson continuavam a rondar minha cabeça.



Sexta-feira, 3 de abril de 2009

Penumbra em plena luz do dia

Renan está em meu quarto. Quieto, me observa, provavelmente inconsciente do fato de que estou acordada, olhando para ele por uma fresta entre o lençol e o cobertor. O silêncio é mortal enquanto o observo respirando quieto a meu lado.

Repentinamente, ele pula sobre mim e tem um estilete nas mãos. Levanto apavorada só para perceber que estou sozinha no quarto, que foi apenas um sonho. Renan não está em meu quarto, mas o que é essa sombra furtiva que capto num canto do quarto preenchido de penumbra e nada mais?

"D. Stella, a senhora dá um jeito nesse menino que estou começando a perder a cabeça com ele. Agora, a senhora me diga se é assim que se tem que fazer. Fazer uma coisa dessas no meio da rua, com tudo mundo passando em plena luz do dia?", "sêo" Octávio parecia desesperado, isso em plena mesa do café, com os dois irmãos presentes e tudo. *"D. Stella é de casa, não tem isso não"*, dizia Donana quando ela e "sêo" Octávio brigavam perto de mim. O marido sem jeito, e ela mandava essa frase sem pensar.

"O senhor sabe quantos dias o corpo ficou no gazebo?"

Renan olhou para mim sério, a única expressão que conseguiu arranjar no momento. Donana com aquela

cara de *"por Mitra, isso não aconteceu"*, e Guilherme só faltando assobiar de tão desconfortável.

"Dias?", o homem estremeceu ligeiramente, vi o nó se movendo na garganta como um alienígena prestes a romper a camada de pele e sair para a luz do dia.

"O cara estava caído lá desde a terça-feira, quando fomos ao Souza. O povo da cidade, lógico, nem chega perto do gazebo porque o cara é de fora, não merece confiança."

Renan olhou para o chão, evitando encarar o pai. Guilherme mastigava nervoso o pão de queijo. Silêncio gelado, mortal. Eu disse que só removeram o corpo do gazebo ontem, vi quando fui com Andrés conversar com Anderson na cidade.

"Onceu quase esfreguei sal nas feridas dele de tão louco que eu fiquei. Que vergonha, meu bom Mitra; um corpo jogado na praça principal da nossa cidade desde a terça-feira."

O tom parecia mais conciliatório agora. Não prevejo outra tempestade nos moldes das que vejo na fazenda Taurinos. Duílio parece ser bem mais severo em certos pontos. Mas também quando cheguei ontem, a surra já estava terminando. Me dedico o benefício da dúvida, sem saber quanto tempo fazia

que ele tinha começado a apanhar.

Renan estava sentado ao sol depois do café como o vi na terça-feira. Como na terça fui me sentar ao lado dele e o encontrei mexendo com as mãos e se divertindo com a própria sombra. Ele parecia triste e nervoso. Eu ia dizer algo coisa, mas ele levantou a mão como quem pede um tempo. Fiquei calada enquanto ele brincava com as mãos formando um cachorro, aquelas coisas de teatro de sombras.

Levou uma eternidade até ele murmurar um grunhido inteligível. Ele disse que estava triste, mas isso eu já sabia só de ver o modo como brincava.

"Será que meu pai vai ficar muito tempo sem falar comigo?"

"Ah, vai. Tua mãe... Você tem sorte de ainda estar falando comigo depois do que fez na terça."

"Prometo nunca mais fazer isso à luz do dia."

Como se fosse esse o ponto. Mas esse era o ponto na visão dos taurinenses, tenho de admitir. Ele pode matar, desde que oculto pelas sombras, esse é o ponto. Mesmo quando Anderson colocava que *"Renan desta vez exagerou"* era no sentido de que não se mata assim por aí de dia em lugares movimentados.

Contudo, o movimento do menino foi sutil o suficiente para só ser percebido quase três dias depois pela comunidade. Não fosse o fedor de carniça que tomou conta da praça principal e ele já teria virado parte do estatuário municipal.

"Fico feliz em saber que de agora em diante você só vai assassinar as pessoas na sombra."

"A senhora tá me tiran'o, né?"

"Estou é cansada de dar murro em ponta de faca."

"Nó, deve doer, né", o diabinho comentou.

"Agora quem é que está tiran'o?", eu imitava o modo dele de falar.

Ele ficou calado. Seus olhos voltaram-se para as montanhas. Foram instantes pensativos entre nós.

Sábado, 4 de abril de 2009

Sonhos noturnos

Noite antes do dia chegar. Estou deitada na cama, pensando em loucuras. Na minha, na dos outros, tantas loucuras diferentes. Tantos modos de ver a vida que já nem sei quantos. Ouço um barulho fora da janela do meu quarto. Um som estranho. Há alguém caminhando pelo alpendre até perto de minha janela. Isso eu posso sentir nos meus ossos.

Eu me levanto, aturdida e vou até a janela. Olho pelos vãos das persianas, mas não há ninguém. sinto um toque frio no ombro que me gela dos pés à cabeça. A sombra. Constante companheira desses dias. Me viro lentamente esperando ver algo, eu que não veria a minha mão em frente aos olhos de tanto breu. E uma vez mais não há nada atrás de mim.

"D. Stella! Aqui!"

Olho pelas persianas outra vez e vejo Anderson lá fora. E ele não está sozinho: Andrés está lá também junto com ele. Já deve passar bem da uma da manhã, o que fazem esses meninos tão longe de casa a uma hora dessa por aí?

Pela janela, vejo Anderson apontar para a minha cama. Eu me viro, acendo o abajur e olho para a cama. Por Mitra. Estou deitada na mesma posição em que

estava antes de vir à janela. É um sonho lúcido. Os dois não estão fora de casa. Apenas as imagens deles estão aqui. Ou como se diz por aí, estão em corpo astral nesta fazenda dos Teixeiras.

Entei na cama ao lado dos dois e eles disseram que o que está acontecendo já era de esperar. Que estivemos ligados pelos sonhos de uma forma tão definitiva esses dias que isso não demoraria a acontecer.

"Renan Augusto deve aparecer não demora muito", e Andrés deu uma risada alta. Eu disse a ele que não fizesse barulho para não acordar os outros e Andrés me disse que não havia ninguém na casa.

"Claro que tem, todo mundo aqui foi dormir mais ou menos a mesma hora."

"Isto é um sonho, lembra? E não acredita em mim, dê uma olhada nos outros quartos."

Não havia mesmo mais ninguém na casa. Olhei quarto por quarto e o que é melhor, sem precisar abrir as portas. Fazia tempos que eu não me entregava à loucura de um sonho lúcido. Minhas primeiras experiências com o pessoal da Projeciologia me voltaram no mesmo instante. Tudo o que penso em fazer já está sendo feito. Retorno ao quarto e os dois

estão no mesmo lugar, me esperando.

"E agora, o que fazer?"

Centro da cidade à noite. Ninguém na praça principal. Somente os eternos sons noturnos dos grilos e da onipresente orquestra percussiva de sapos. Andrés se divertia em catar alguns sapinhos dos terrenos alagadiços mais próximos. Ele tinha uma grande facilidade tanto em pegar os sapinhos como em deixá-los escapar. Repentinamente, ele largou um dos sapinhos e olhou para o gazebo no centro da praça.

"Não é o cara morto que nós vimos sendo retirado?"

Virei na direção do gazebo bem em tempo de ver o homem. Vimos Renan chegar perto dele e esfregar na barriga dele o estilete. O homem realmente estava bêbado demais para reagir, foi presa fácil para Renan. Vi tudo de um ângulo diferente desta vez. Anderson fez menção de correr até lá e impedir, mas eu disse a ele que o que ele estava vendo era como um filme que ficou impresso no lugar pelo evento criado por Renan. Um evento tão chocante que permaneceu ali, como um registro da atrocidade acontecida como impressões que deixamos num vídeo depois que a câmera terminou sua captação de imagens. O que não estava no script é que Renan nos viu na praça e veio falar conosco. Ele seguramente não era parte ou não

era mais parte do "filme" a que eu me referia.

"Então? Que acharam?"

"Eu acho que você não pode fazer isso à luz do dia. É isso. Fora isso, nós apoiamos a tua atitude, Renan. Mas você tem que lembrar que pode ter crianças andando pela rua de dia", disse Anderson, preocupado com o amigo.

"Crianças como vocês e o Renan? É porque você tem quatorze anos, não quer dizer que não seja criança para certas coisas, Anderson. Ainda mais isso, para que ninguém deveria ter idade suficiente em tempo algum", eu repliquei, no topo da ironia.

Anderson respondeu que alguém tinha de fazer isso, já que não havia polícia na cidade. O mesmo refrão tantas vezes repetido em minha cabeça, a mesma desculpa perfeita. Anderson ainda disse que eu deveria apoiar a matança também, para que os forasteiros ameaçadores não representassem perigo para Taurinos e seu povo pacato (disse com essas palavras). Mas eu nunca vou me acostumar a essa pena de morte tacitamente praticada aqui com entusiasmo pelos nativos.

"D. Stella é contra mim", disse Renan, esticando quatro metros e meio de seu braço direito para me tocar da

distância em que estava, *"não é, D. Stella?"*

"Renan, você está assustando ela, para com isso",
adverteu Andrés.

*"Ele não me assusta, Andrés. Acredite, já vi coisas
muito piores."*



Domingo, 5 de abril de 2009

Estranha ciência

Guilherme se sentou no sol depois do café da manhã. Os dois irmãos pareciam ter essa mania de se sentar no sol, quando o sol ainda não é tão suave como no meio do ano quando é inverno aqui. Lá pelo final do mês, as noites tendem a ficar bem mais frias no Sul de Minas e nesta cidade. O vento varre essa região de Taurinos também, não somente o topo da cidade. É um vento constante em certos dias, soprando com certa violência e imoderação sobre as fazendas e casarios da cidade.

"De novo com os sonhos?", ele perguntou como se soubesse que esse era o assunto corrente.

"Tem tido os sonhos também?", eu esperava que ele os tivesse também, no fundo. Ele me disse que eram bobagens o que ele sonhava, telhados, nuvens, florestas, árvores, solidão.

"Mas que é esquisito que só a senhora, Anderson e Andrés tiveram o méss onho, é; nuémêss?"

Eu ia responder, mas a chegada repentina de Renan me fez pensar duas vezes. Ele se mostrou amistoso (também, para ficar de mau-humor, nosso quarto é bom o bastante). Sentou-se ao lado do irmão e os dois ficaram me olhando.

"Não estou contra você, como você disse lá na praça", eu disse isso num impulso, do nada.

"Como assim, eu disse lá na praça? Eu não lhe disse nada na praça, só pedi p'ra senhora entrar no carro", ele entendeu que eu me referia àquela terça-feira à tarde na praça principal.

Guilherme olhava para nós sem entender patavina da conversa. Renan mesmo não parecia estar entendendo a que eu estava me referindo. contei a ele sobre o sonho em que eu, Andrés e Anderson o vimos na praça com o homem no gazebo e ele disse que não se lembrava de absolutamente nada disso.

"Nem tenho sonhado esses dias. Faz bem tempo que não me lembro de nada que eu sonho", ele disse olhando ao longe como se procurasse lembrar a última vez, "olha, nem me lembro quando foi que sonhei com alguma coisa por último."

Engraçado, ele não parecia estar fingindo. Podia ser verdade, podia não ser. De qualquer modo, ficou bem interessado em saber que nós três tivemos um sonho lúcido juntos. Era como se a idéia jamais tivesse passado por sua cabeça, para dizer a verdade. Guilherme não parecia ele mesmo ter parado para pensar no assunto mais que o irmão caçula. Os dois

ficaram me enchendo o saco com quilos e quilos de perguntas, algumas interessantes, outras completamente idiotas e sem sentido. Uma estranha ciência para garotos esquisitos.

Zeis e meia e estou em frente ao portão de "sêo" Danilo. O cheiro de café, marca registrada da humilde choupana do mineiro antigo, conhecedor de mistérios da terra, mistérios dos quais eu jamais suspeitaria. Ele abriu um largo sorriso quando entrei. Reclamou que fazia tempos não nos víamos mais.

"A fazenda dos Teixeira é mais longe, quando tem carona dá para vir mais vezes", eu disse.

"Como está o Renan?"

"Normal, aquilo que você já sabe."

Contei a ele o que aconteceu na segunda-feira no caminho para a fazenda Teixeira. Ele arregalou olhos do tamanho de um pires, *"mas que perigo"* e disse que tinha mesmo visto dois forasteiros juntos andando pela cidade.

"Mas o Renan passou dos limites dessa vez, não, 'sá' Otella? À luz do dia, eu soube. Mas isso não é motivo p'ra espanto. O menino é um carnicheiro só dentro daquela roupinha de marca e da carinha de anjo."

estabelecer. Cada dia pareço saber menos que atitude tomar. Pergunto a ele se o problema para ele também se resume no fato dele ter feito o que fez à luz do dia, não o ato em si. Ele diz que é preciso ser discreto em cidades do interior. Tudo vira fofalório, tudo vira ordem do dia.

"Mas então esse parece ser o problema para todos. A quantidade de pessoas assistindo. Não importa o que ele tenha feito, tem de ser sob o manto da noite?"

"Zeô" Danilo pareceu pensativo por um tempo. Depois me encarou, o mesmo olhar gelado de Andrés e Adriano defendendo suas teorias sobre como os forasteiros malintencionados deveriam ser destruídos para melhor ilustrar o que acontece com quem tenta esse tipo de coisa em Taurinos.

"Quer saber se eu tenho pena dos hominhos que Renan matou? Não. É farinha do mesmo saco de outros que vieram aqui molestar, roubar e até matar. A senhora viu e até passou por isso, tal e qual me contou agora pouco. E se o menino não tivesse ligado imitando o pai e a senhora mesmo assim viesse a pé naquela hora? Como veio hoje à minha casa nesse mesmo horário? Independente dele ter ligado ou não, o cara estava ali pelas estradas. Tanto que encontrou a senhora ali, não foi?"

"E o outro cara? O que ele fez, além de andar em má companhia?"

"Sabe Mitra", e "sêo" Danilo deu de ombros.

"Como 'Sabe Mitra'?", eu encarei "sêo" Danilo estupefata pela frieza dele, "a vida de uma pessoa é tirada e tudo o que você tem a me dizer é 'sabe Mitra?'"

Ele me olhava perdido num silêncio pensativo. Me pareceu ligeiramente impaciente pela primeira vez desde que o conheci. Por um momento, foi como se ele medisse a minha reação ao modo como ele via a situação.

"Não vejo como posso convencer a senhora de que o menino estava agindo certo. Ele só passou dos limites ao fazer isso em uma via pública."

"Também isso é uma lenda", eu disse, contrariada, já que testemunhei as duas mortes, "eu o vi matando os dois caras e o segundo não me parecia de modo algum estar sendo morto. Tanto que também é um fato que o corpo só foi notado morto por causa dos urubus que já desciam em bandos para se banquetear da carcaça humana exposta a céu aberto, tamanha foi a sutileza do menino em fazer a cirurgia. Ele sabia exatamente onde riscar o abdômen do homem e criar a abertura certa para que a morte fosse gradual mas ao mesmo

foi humilhante para a cidade foi o fato de que o corpo apodreceu sem ter sido recolhido, esse é o fato. O que foi humilhante para a cidade foi o fato de que ninguém percebeu que o cara estava sentado ali completamente morto depois de agonizar sabe lá quantas horas naquela posição estúpida. Fato é que nem você, que passa pela praça frequentemente, notou que havia um cadáver ali."

Ele pareceu mesmo surpreso e inquieto pelo tempo em que o corpo permaneceu no gazebo. Agora ele estava realmente desconfortável enquanto eu demonstrava o quanto Renan humilhou a cidade. Eu disse a ele que a mão é mais rápida do que o olho. E que foi isso que fez Renan grande naquele momento.

Segunda-feira, 6 de abril de 2009
Neurose de combate

"Nunca é o bastante. Nunca é o bastante até seu coração parar de bater. Quando mais fundo você vai, mas doce é a dor. Não desista do jogo até que seu coração pare de bater."

Neurose De Combate, escrita e gravada por New Order em Substance, 1987, Factory Records.

Depois do almoço, visita de "sêo" Danilo. Ele recusou educadamente as ofertas de almoço com os Teixeira, alegando já ter almoçado na cidade. Depois de certo tempo percebi que a visita era para mim, não para a família.

"Ei que devo ter lhe desapontado bem ontem e eu sinto muito, "sá" Stella", ele disse para mim quando nos sentamos no alpendre, "mas essa é uma cidade isolada. Um fim de mundo. As pessoas se defendem do jeito que podem."

Eu disse a ele que concordava com a parte do fim do mundo. Ele deu um suspiro puxado e afundou na cadeira, aparentemente sem saber o que dizer.

"Você não me desapontou, no fundo não. Entendo o

medo de que alguma coisa possa acontecer. Como você mesmo disse, passei pela experiência, logo eu que acho tão calmas as cidades do interior."

"O menino só estava..."

"Você até agora não me respondeu o que foi que o cara da praça fez para merecer as estiletadas. A pergunta está no ar desde ontem."

"A senhora quer mesmo saber?", disse uma voz com dez anos de uso atrás de mim.

Renan. Impossível saber quanto tempo já estava atrás de nós no alpendre, o quanto tinha ouvido de nossa conversa. Mas eu já deveria ter perguntado isso a ele há tanto tempo, foi mesmo bom que nos ouvisse. Ele cumprimentou "sêo" Danilo com um sorriso enorme e se sentou entre nós na única cadeira que restava livre. Me olhou com a expressão contrariada.

"Não adianta tentar convencer a D. Stella, "sêo" Danilo", ele disse sorrindo, "ela é dura de entender as coisas por aqui", ele tirou uma foto do bolso e, novamente sério e carrancudo, colocou a foto na minha mão, "conhece essa menina?"

Era uma foto de Renan com uma menina, provavelmente da cidade. Era linda e tinha um sorriso encantador, natural como toda ela, sorriso que já fazia alguém se sentir bem só de contemplar a foto por uns instantes. Era uma foto muito bonita dos dois sentados juntos conversando no mesmo alpendre onde estávamos.

"Não", eu respondi, embora eu já imaginasse por onde ele iria continuar a conversa e já sentisse pena da menina, *"é sua amiga?"*

"É. É o mesmo que aconteceu com a senhora aconteceu com ela na mesma segunda-feira. Uma brincadeirinha de roleta russa. Óó que ela não teve a mesma sorte que a senhora em me ter por perto. Nem tem a mesma personalidade forte sua que ralou o que a gente sabe que ralou por aqui. Agora ela 'tá que não consegue nem chegar na janela, com medo do que vem lá de fora."

"Eu não soube disso", falei revoltada, "jamais teria perguntado se soubesse. Se tivesse a menor idéia que uma desgraça dessas tivesse acontecido."

"É, mas aconteceu. Ninguém soube, só os mais antigos da cidade. Não deixamos a notícia se espalhar. Já imaginou a vergonha que ela ainda ia ter que passar além de tudo o que aconteceu?"

Entendi o silêncio de "sêo" Danilo sobre o tema. Ele guardava segredo da história nefanda pelo mesmo motivo. Me senti envergonhada pelo questionamento de ontem, embora não acreditasse na crueza da solução final proposta pelos homens da terra. Acrescentei que eu poderia conversar com ela, tentar ajudar a menina a vencer a síndrome do pânico que aparentemente tinha se instalado nela a partir do incidente infeliz.

"Ela está p'ra Varginha se tratando. Difícil vir p'ra Taurinos agora. Vem, passa uma semana e depois volta p'ra lá."

Houve um silêncio mortal. Óó os passarinhos mantinham presença. Como poderiam parar de cantar? Devolvi a foto a Renan que ficou um tempão olhando, até que as lágrimas comesçassem a escorrer pelo rosto. Olhei para "sêo" Danilo, tanto eu quanto ele numa busca desesperada do que dizer para tentar amenizar a situação, nós que conversamos tão alto e tão perto dele sobre um assunto dessa sensibilidade. Renan ergueu o rosto lavado para nós e estava com ódio no olhar; ele se sacudia no transe dos soluços, até que se agarrou comigo como um bebê minúsculo. Olhei para "sêo" Danilo atônita e o abracei durante um tempão que eu não soube precisar exatamente qual.

Donana assomou à porta do alpendre. Ao ver o quadro, se aproximou e pegou Renan no colo, levando o menino para dentro de casa sem dizer palavra. E sem dizer palavra ficamos eu e "sêo" Danilo até que ele desse sua visita como encerrada.



Terça-feira, 7 de abril de 2009

Vendaval

Hoje fiquei sozinha na fazenda Teixeira. A família inteira foi para Varginha fazer compras e lá passaria o dia todo (pelo menos era o que dizia o bilhete de Donana sobre a mesa do café). A fazenda estava silenciosa de toda a atividade humana, enquanto eu tomava meu café da manhã. Fiquei em silêncio vasculhando a Internet em meu laptop. Cheguei ao meu blog. Várias pessoas de vários estados brasileiros perdidos no meu blog está semana. Eles vêm pesquisando coisas as mais diversas como *"blogger.com", "blogspot.com", "Advocate Element Liquidus Ambiente", "eu quero ver a ascensão de iscarotes e no domingo um Jesus crucificado em cada poste", "teatro de sombras", "teatro de sombra moldes", "teatro universal", "o que é um teatro sombras", "tema de teatro de sombras com três pessoas", "experiência de sombra e penumbra", "ouvir rádio universal", "rádio universal", "baixar rádio universal para celulares", "teatro de sombras como fazer", "sonhar que está atacada por um homem"* (este me trazendo lembranças que eu preferia enterradas), entre outros. Também encontro leitores retornando, um coestaduano de Miracatu, São Paulo, um de Paris, Ile de France, França e um outro de Nova York (julgando pela página em português onde sempre vai parar, eu diria que é daqui do país vivendo no gigante do norte). Um abraço a todos eles

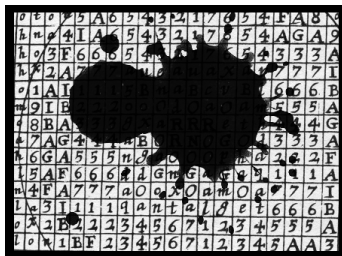
se lerem isso ou mesmo se não lerem.

Desliguei o laptop. O silêncio ao redor é ensurdecedor. As montanhas lá fora em sua cotidiana majestade, envolvidas num céu de um cotidiano e puríssimo azul. Meu pensamento se voltou para Renan e em como as emoções o varreram ontem. Pensei em conversar com "sêo" Danilo, dizer a ele que entendia o que se passou, mas não achava que devia me desculpar. Não poderia deixar de perguntar o que perguntei, era pergunta que não poderia ficar no ar. Eu não tinha a menor idéia do que tinha acontecido, embora essas coisas pareçam varrer a cidade como um vendaval, não são histórias que se consigam geralmente manter em segredo.

Os sonhos de alguns dias atrás desapareceram. Tão logo quanto vieram, sumiram sem deixar traços. Ficou a experiência dos sonhos, o desejo de saber se poderíamos repetir a experiência em condições mais controladas. Que sentido tiveram esses sonhos? Renan falava a verdade quando dizia que não lembrava dos sonhos ou que simplesmente não tinha tido nenhum? Ou estaria ele apenas brincando de teatro conosco, tentando nos vencer de algum modo (envolvido numa competição conosco pelo título de Rei da Selvageria como eu disse a Andrés um dia desses)? Ou somos nós que estamos imaginando isso tudo enquanto o pequeno Teixeira sai a campo

eliminando de forma violenta forasteiros mal-acostumados às rígidas regras de convivência dentro de Taurinos e se convertendo no Rei da Selvageria naturalmente?

À noite, estou no alpendre. Só eu, o resto da casa já se recolheu. Ouço um som estranho vindo dos fundos da casa, onde geralmente eles deixam os cavalos. Desci do alpendre e já ia dar a volta no fundos da casa da fazenda, quando, do nada, um cavalo preto irrompeu de lá de trás e ganhou rapidamente a estrada, sumindo na distância. A visão que tive dele foi muito rápida, brevemente iluminada pela luz do alpendre, mas me deixou em pânico. Por que um cavalo sozinho correndo para a estrada me deixaria em pânico? Passei a noite bem mal, vomitando. Não comi nada de diferente. O que poderia ter sido?



Quarta-feira, 8 de abril de 2009

Meu pesadelo favorito

No café da manhã de hoje encontrei somente Guilherme. Mencionei o incidente do cavalo correndo sozinho para a estrada durante a noite e ele se limitou a me olhar de modo estranho, sem nada dizer. Depois de um certo tempo, me disse que o pai tinha saído e a mãe estava no quarto de Renan com ele. Eu ia ao quarto de Renan ver o que acontecia, mas o irmão mais velho me fez ficar e tomar café com ele. Acreditei que ele seguia recomendações da mãe para me manter ali e me deixei ficar e tomar o café com ele. Ele pouco ou nada falou; perguntei o que acontecia e ele disse por alto que Renan tinha tido um pesadelo.

"Ele disse como foi o pesadelo?"

"Porra, ele disse que o Anderson e o Andrés entraram no quarto dele durante a noite e passaram horas", e ele enfatizou a palavra "horas" na intonação, "dando uma coça de louco nele. Renan jura que foi verdade, que não foi nada de pesadelo."

Isso me aturdiu. Me deixou zozza. Eu os vi entrar em meu quarto à noite. Nem conversei com eles sobre isso, mas foi uma noite interessante. Agora isso. Que nova ramificação é essa? Por que eles fariam isso com Renan?

Liguei para Andrés e Anderson. Anderson não estava em casa ou ninguém quis atender o telefone. Andrés negou ter entrado na casa de qualquer pessoa, em corpo físico ou astral ou o que quer que fosse. Nem mesmo lembrava da noite em que fomos juntos à praça no meio de um sonho lúcido. Insisti, mas ele só lembrava dos sonhos anteriores que já tínhamos comentado juntos. Isso me aturdiu também. Por que diabos ele esqueceria um sonho que foi tão nítido para todos nós? Porque só foi nítido e real para mim? Fico me lembrando de que realmente não os vi depois desse sonho. Como o dinheiro que você esquece ao sair e dele só se lembra quando precisa pagar o que comprou.

Ruído de carro lá fora, assim que desligo o telefone. O carro não é o da fazenda Teixeira, mas nem por isso deixa de ser familiar: é Anderson, trazido pelo pai, Alberto. O carro parou na entrada da fazenda Teixeira, o menino desceu e veio na direção do alpendre. Sorri ao me ver, mas pareceu pressentir alguma coisa fora do lugar. Nem bem dei bom-dia, perguntei a ele se lembrava do sonho lúcido quando ele e Andrés estiveram em meu quarto. Contei a ele a passagem na praça e tudo. O menino arregalou um olho para mim, a testa toda se franziu num relâmpago só.

"Eu, uai? Não me lembro de nada disso, D. Stella. Eu

lembro que nós tivemos uns sonhos iguais, mas de sair juntos e conversar e eu vir aqui com Andrés..."

"O problema não é esse. O problema é que Renan sonhou com vocês dois invadindo o quarto dele e batendo nele a noite inteira. Detalhe é que o jovem acha que foi para valer, não foi um sonho."

"Como é que é?", os olhos dele agora tinham o diâmetro de xícaras de chá.

"O que você ouviu", eu disse, "ainda não falei com ele, mas Guilherme me disse que ele jurou que era verdade. Não sei como vai ser quando ele te vir, mas acho que não vai ser uma recepção muito agradável."

Anderson estava com o queixo pendurado. Por alguns momentos, foi como se ele não soubesse o que responder. Donana assomou à porta do alpendre, nos viu conversando e retornou para dentro da casa. Depois de algum tempo, foi Guilherme que apareceu no alpendre. Ele disse a Anderson que seria melhor que ele voltasse outro dia. Anderson insistiu em falar com Renan e pelo ruído de passos furiosos no assoalho de madeira da sala ele não teria que esperar muito.

"Veio ver o que sobrou, né, desgraçado de merda?"

Renan veio como um bala, babando de raiva, para cima de Anderson. Foi difícil segurar o menino.

absolutamente nada — mesmo considerando que eu o iniciei na história antes que Renan saísse de dentro de casa — e agora no meio dessa confusão. Renan tinha os olhos alucinados e truculentos na direção dele, queria alcançar, acertar, afogar, alvejar, aniquilar, apagar, arremessar, asfixiar, assassinar, catar, crucificar, desintegrar, desligar, desmontar, desmembrar, despachar, despedaçar, destroçar, destruir, eletrocutar, enforcar, envenenar, erradicar, estraçalhar, estrangular, executar, explodir, exterminar, extirpar, fazer, fechar, fulminar, garrotear, guilhotinar, incendiar, imolar, implodir, lançar longe, linchar, liquidar, lixar fora, massacrar, mastigar, matar, neutralizar, obliterar, retalhar, sacrificar, sufocar, sumir com, terminar, trucidar o concidadão (sinônimos para o mesmo efeito em ordem alfabética aparecem por cortesia Thesaurus.com e não, nem mesmo todos eles em conjunto refletem sequer palidamente as intenções de Renan naquele momento).

"Peraí cara, vamos conversar...", Anderson parecia um tanto assustado, mas procurava manter a calma, ao contrário do amigo nervoso.

"E ainda vem aqui p'ra me tirar mais ainda por cima de tudo o que você fez! Não tava satisfeito, né? Tinha que vir... Desgraçado, desinfeliz!"

Éramos três — Donana, Guilherme e eu — segurando o bicho. E estava difícil, eu via a hora em que ele ia se voltar contra nós por não o deixarmos alcançar Anderson e fazer o que seu coração lhe ordenava.

"Renan, foi só sonho, creio em Deus padre!", Donana estava assombrada, pedia a Anderson que voltasse outro dia; este não iria embora sem conseguir falar com Renan e a confusão ficou até que o zangão sentiu sua energia se esgotar. Ele caiu no chão, chorando baixinho, sem mais energia para continuar. Anderson falou com ele sem chegar muito perto, mas disse o que tinha a dizer, *"se nós batemos bem em você de verdade e não foi sonho, onde estão as marcas? Devia ter ficado roxo, não?"*

Renan não conseguiu responder, arquejante. E porque ele não poderia responder mesmo que estivesse descansado. Porque embora ele dissesse que tudo tinha acontecido de verdade, se a surra que ele diz ter levado à noite dos dois foi metade do que ele contou, ele deveria ter pelo menos um braço quebrado. No entanto, seu corpo não tinha sinais de ter sido ralado ou contundido em qualquer parte. Nada poderia estar mais intacto que ele (pelo menos fisicamente).

Andrés veio à tarde, a pedidos, bem depois de inconscientemente ter usado Anderson como para-

raios. Tentamos para conversar, eu, Donana e os meninos. Anderson reiterou que não tinha tido esse sonho nem naquela noite nem em qualquer outra. Andrés estava mais confuso com tudo o que se tinha narrado do que ele, já que tinha acabado de chegar. Ele era todo ouvidos, mas era todo desentendimento sobre o que ocorria.

"Tá, eu lembro dos sonhos que a gente teve igual, mas não tive esse sonho também de entrar no seu quarto e de nós sairmos."

"Então quem está mentindo é a D. Stella?", Renan olhou para mim, querendo achar alguém para cozinhar, disse eu não tinha a menor dúvida. Eu falei sobre o sonho lúcido cedo demais, pondo a mim mesma em óbvia desvantagem. Falando com ele e o irmão sobre algo de que não tinha qualquer confirmação por parte de Anderson ou Andrés eu só poderia me colocar mais à frente numa situação com essa.

"Não digo que ela esteja mentindo, mas nem eu nem Anderson tivemos esse sonho. Ela pode ter tido esse sonho sozinha, não?"

"Foi isso, e só pode ter sido isso, já que eu não estou mentindo", eu tinha que dar meu aparte, já que meu nome parece estar até o pescoço nessa história. Agi

cedo demais e agora tenho de correr atrás do prejuízo. Não parece grande agora, mas sabe Deus no que isso pode se transformar, ainda mais num lugar como Taurinos, em que as mais leves vibrações podem ser sentidas pela população local como um terremoto.

"Mesmo que seja um sonho, quem 'tá mandan'o?", tornou Renan ainda um pouco ofegante.

"E é que alguém está mandan'o", cortou Guilherme rente, "não é porque você sonha com uma coisa, mesmo que seja sempre, que tem alguém mandan'o os sonhos p'ra você, só!"

Renan ficou em silêncio, olhando todos em volta sem dizer mais nada. Donana queria confortar o filho, mas não parecia encontrar as palavras. Eu também não sabia o que dizer. As coisas aqui fugiam todo momento ao padrão, tudo era caótico, aleatório e praticamente impossível de ser analisado, já que mudava de feição a todo momento, desde que cheguei aqui em fevereiro. É difícil tentar analisar as coisas daqui sob o ponto de vista cartesiano. As coisas de Taurinos não estavam colocadas no universo euclidiano, disso não me restava a menor sombra de dúvida. E a cidade, estava?



Quinta-feira, 9 de abril de 2009

Grande sono

Engraçado, hoje acordei pensando no aniversário de Cubatão. 9 de abril. Talvez por ter morado em Santos, tão perto de lá. Ter morado. Já é como se eu tivesse vivido toda a minha vida por aqui em Taurinos. Santos parece agora algo tão remoto. Muito embora eu não tenha vivido aqui por tanto tempo ainda para considerar Santos algo remoto. Fico lembrando de Meire e de alguns outros amigos que tenho por lá. Meire deve estar apavorada com meu sumiço, mas e-mails dela mesmo não tenho recebido, o que pode querer demonstrar que ela pode não estar tão apavorada no frigor dos ovos.

No café, Renan parecia um pouco mais calmo que ontem (era difícil que ficasse mais agitado que ontem, então isso era perfeitamente natural). Ele ficava me olhando por longos períodos em silêncio total às vezes, como se tentasse me desvendar. O mesmo nariz comprido que ele mostrava ontem quando nós nos sentamos para conversar, mas definitivamente mais controlado que ontem.

Hoje me lembro (também do nada) que de todos os membros da Sociedade Antiga dos Taurinos, só não tenho visto mais Bruno, a voz discordante da Sociedade. O garoto sumiu do convívio daqui ou não se mistura frequentemente, a não ser em caso de força

maior, como quando os touros invadiram a cidade vindos das fazendas, no mês passado.

"Eu ia arrancar a pele dele. Como a senhora fez com aquele touro na cerimônia", sob o sol do pátio externo, Renan ainda estava aborrecido com Anderson e Andrés e seus últimos traços de aborrecimento remetiam a frases de efeito moral como essa.

"Ah, não me lembre dessas coisas", eu pedi a ele, *"não gosto de ficar lembrando disso."*

"A senhora nunca mais conseguiu lembrar o que aconteceu na cerimônia, afinal? O que a senhora fez?", ele insistiu.

Quem me dera agora. Distrairia o menino um pouco das minhocas que devoram seu cérebro. O assunto esquisito substituído por um outro assunto esquisito, mas que já não tem a mesma importância e atualidade. Estou me recusando a pensar. No porque dele ter sonhado ter apanhado dos outros dois, mas de nunca ter sonhado o que sonhamos juntos quando ele era apenas uma sombra passando ao redor. No porque dos outros dois não terem tido o mesmo sonho que eu, quando eram eles mesmos que me instruíam sobre tudo ao redor e me davam a sensação mais que nítida de estarem tendo o mesmo sonho lúcido que eu cinco noites atrás.

"D. Etella, eu 'tou falando com a senhora", insistiu Renan, me puxando pela manga.

"Não. Não me lembro de coisa nenhuma."

Ele pareceu desanimado. Me lembro da cerimônia, um gigantesco ritual de exorcismo de uma força maléfica da cidade, tão velha quanto o universo. Tão grande que dela sempre restam cacos para infernizar nossas vidas presentes. Sete touros foram sacrificados — da maneira mais violenta, cruel e horripilante possível — por mim e por seis meninos da cidade (incluindo este que conversa agora comigo, o irmão dele e os dois que ele diz terem lhe aplicado uma surra enquanto sonhava). Tudo em vão. Se soubéssemos que tudo se resumia em empurrar um deles dentro da água e segurá-lo lá por cinco minutos, todo aquele ritual insano — do qual emergi surda e com amnésia — poderia ter sido evitado. Éa bizarro? Acredite, não o bastante para esse mundo de Taurinos.

"No que a senhora está pensando?", perguntou Renan num modo mais bem-humorado.

"Nesse monte de sonhos esquisitos que nós temos tido."

Ele fechou um pouco a cara. Não me olhava diretamente. Eu disse que o assunto me incomodava

ou mais tarde. Então, seria melhor que saíssemos na frente.

"A gente podia aprender como fazer esse niguim de ficar acordado no sonho, como a senhora disse que fez com os dois..."

"Mas eles nem mesmo se lembraram do sonho que tiveram. Já nem sei se isso deu certo. Como o Andrés disse, eu posso ter tido esse sonho sozinha (o que eu acho que aconteceu, já que nenhum dos dois lembrou esse sonho), daí não adiantou nada se tentamos nos reunir assim."

Ele novamente pareceu desanimado. Mas insistiu em que podíamos ao menos tentar. Falei que iria ligar para os outros dois, sob protestos de Renan. Ele ainda parecia ter um pouco de raiva recolhida de Andrés e Anderson por conta do tal sonho. Eu disse ao pequeno Teixeira que se quisesse tentar o tal processo, teria que ser com eles. Os únicos ligados à questão dos sonhos além de nós dois eram eles. Portanto, eles teriam de fazer parte no experimento.

"Eles vão dormir na minha casa, é?"

"Eles vão dormir no teu quarto. E fale com os seus pais se quiser que eu telefone."

"Tudo jóia, eu falo com... No meu quarto???"

"É, todos nós temos de dormir no mesmo lugar."

Vi pela carinha dele que ele estava quase desistindo. Esperei que não o fizesse. Num primeiro momento, torci o nariz para a idéia, mas me lembrei de que gostaria mesmo de tentar o processo em condições controladas. E esta era uma boa oportunidade.

O primeiro a dizer que a idéia não passava de uma cilada foi Anderson. Em ordem alfabética, Andrés disse mais ou menos o mesmo com outras palavras. Anderson de longe era o mais preocupado. Ele alegou ser uma idéia de Renan para assassiná-lo secretamente durante o sono. Eu respondi que a idéia foi minha e que o pequeno Teixeira relutou bastante em deixá-los dormir em seu quarto. Não sei porque isso pareceu mudar sua opinião. No fim, consegui que os dois viessem.

Sexta-feira, 10 de abril de 2009

M.R.O.

Eu abri os olhos. A escuridão do quarto só era quebrada pela meia-luz do abajur na cabeceira da cama de Renan. Me levantei e fui olhar o relógio de cabeceira. Eram duas horas da manhã. Quando me virei de volta, o espanto: gelei dos pés à cabeça e tremi de cima a baixo ao dar com o rosto de Andrés, exatamente onde eu estava parada, me olhando com os olhos bem abertos. Os olhos eram quase fluorescentes na penumbra, o que emprestava a ele um aspecto sinistro.

"Quer me matar da porra do coração?", meu coração ainda batia descompassado.

"Eu só vim ver as horas... Não sabia que a senhora estava acordada."

Eu apontei para a cama de armar onde ele estava dormindo. Ele se apavorou ligeiramente em se ver ainda deitado na cama. E lá estava eu, deitada na minha cama de armar, e parada aqui com ele ao lado da cama de Renan. Deveria haver oito de nós aqui, mas só há seis. Anderson e Renan não estão sonhando. Aparentemente. Eu cheguei bem perto do rosto de Renan e olhei os olhos sob as pálpebras. Não se moviam, nada indicava sono M.R.O.

"Não deu certo, então?"

"Isso, ou eles estão num nível de sono e (de sonho) diferente do..."

Não consegui terminar a frase. Do nada, sem mais, o alarme do rádio-relógio escancara a programação da Vanguarda FM de Varginha e uma canção radiofônica popular começa a berrar no topo do volume dentro do quarto:

"Esta canção eu ofereço para aquilo que eu amo. Esta canção eu ofereço para aquilo que eu deixei para trás. Uma coisa simples para ocupar meu tempo. Esta canção eu ofereço para aquilo que eu amo. Esta canção eu ofereço para aquilo que eu deixei para trás. Uma outra coisa agora ocupa meu tempo. Esta canção eu ofereço para aquilo que eu amo. Fogo — ela está descendo sozinha agora." Aquilo Que Eu Amo, escrita e gravada por R.E.M. em Document, 1987, IRE Records.

"Creio em Deus Padre, onde desliga isso?", Andrés perguntava, em pleno exercício de sua taquicardia.

"Ah, que isso, Andrés; R.E.M. é uma banda bem legal, se quer saber."

Uma outra coisa agora ocupa meu tempo. Até acharmos o botão e desligarmos o maldito rádio, Michael Stipe já terá cantado a música, assumido (mais uma vez) sua homossexualidade e já terá saído (mais uma vez) em turnê mundial com os outros membros da banda.

"Aqui", e Andrés conseguiu encontrar o botão quando eu já me preparava para arrancar o plug da tomada. Silêncio total caiu sobre a penumbra do quarto. Ficamos um tempão olhando um para a cara do outro sem dizer palavra. Talvez para curtir o silêncio que nos custou tanto conseguir. A sensação de susto foi lentamente cedendo lugar à calma típica da noite. Os dois continuavam sobre a cama e se estavam fora do corpo, não estavam aqui. Me aproximei de Anderson. M.R.O. Andrés me perguntou que diabo eu tanto falava em M.R.O. e eu disse a ele que era um estágio de sono onde os sonhos vívidos eram recordados. Os outros dois não apareceram em parte alguma.



Sábado, 11 de abril de 2009

Nostalgia

Anderson apareceu hoje de manhã. Eu o vi, pelo menos por uns dez minutos, antes que ele e Renan desaparecessem. Eu queria conversar com Anderson sobre as sessões de sonhos, mas ele e Renan pareciam ter coisas mais sérias a tratar. Logo depois, apareceu Andrés.

"Como está a senhora no dia de hoje?"

Andrés parecia ter sido trocado por outro. Ele jamais me perguntaria nada nem remotamente parecido com *"como está a senhora no dia de hoje?"*, não combina com o que conheço dele. É como se ele não pudesse ter vindo e enviasse um clone mal-treinado dele em seu lugar.

"Estou bem, e o senhor?", eu disse, e ele ficou meio sem-graça.

Andrés passou a me contar sobre suas vidas pregressas. De como as coisas eram feitas para durar, essas coisas que as pessoas sempre dizem em seus momentos de nostalgia. E eu imagino o quanto de nostalgia ele deve sentir, tendo vivido aqui tantas vezes e se lembrando de tudo isso.

Renan e Anderson não devem voltar tão cedo. Eu e

Andrés nos deixamos ficar no alpendre, observando a paisagem lá fora como sempre fazemos. As pausas que nos damos entre um e outro ponto da conversa são sempre gigantescas. Não nos importamos em ficar calados por longos períodos na presença um do outro.

Quebrando o silêncio, sugeri que saíssemos atrás dos outros dois. Andrés discordou de pronto da minha idéia. Perguntei o motivo. Ele disse que os dois iam mesmo voltar para a fazenda, por que então perder tempo procurando? Concordei com ele e nos deixamos ficar um pouco mais. À medida que o tempo passava eu ficava impaciente e Andrés desassossegado, olhando para todos os lados, provavelmente numa tentativa febril de avistar os outros dois. Não sei se era impaciência, nem se se devia ao mesmo motivo que minha apreensão.

Quando eu já me preparava para sair atrás dos dois com ou sem Andrés (ele pelo jeito não se moveria do lugar), eis que os dois apontam na virada da casa da fazenda, vindos de lá de trás, sem camisa e completamente cobertos de suor, como se tivessem dado duro na enxada pelos últimos trinta minutos. Eu os observava curiosa, desconcertada e Andrés só fazia olhar para os dois e sacudir a cabeça em sinal de flagrante reprovação.

Domingo, 12 de abril de 2009

Planária

Hoje foi um dos raros dias em que vi Renan a manhã inteira. Anderson resolveu não aparecer. Guilherme fazia suas coisas, de lá para cá o dia inteiro e todos na fazenda pareciam estar ocupados. Todos, menos Renan e eu. Notei que ele não parecia ter nada mais para fazer a não ser sentar no sol como sempre. Hoje, ele se sentou próximo à uma árvore e se deixou ficar ali por muito tempo. Debaixo da árvore, mas fora da sombra. O culto solar sempre presente nas mínimas atitudes do dia-a-dia. *"Por Mitra!"*, dizia descabeladamente o prefeito desta esquisita cidade de Taurinos.

Penso em "sêo" Danilo e que faz tempo não lhe dedico uma visita. Saudade dos dedos de prosa ao cair da tarde, o cheiro delicioso do café recém-passado, o pão de queijo... Começo eu mesma a ser dominada pela minha própria nostalgia.

"A senhora viu a lagarta?", perguntou Renan, meio divertido, meio raivoso. Você já viu alguém meio divertido, meio raivoso? Se viu, viu algo bem parecido com o Renan ao me fazer essa pergunta.

Disse a ele que não vi lagarta alguma. Ele pareceu frustrado pelo fato de eu não ter visto a tal lagarta. Mas entendi que ele estava divertido pelo fato de ter

visto a lagarta e raivoso pelo fato de eu não a ter visto.

"Estava aqui agorinha", e Renan enfatizou o *"agorinha"*, enquanto olhava para todos os lados numa vã tentativa de localizar a tal lagarta, *"juro pela minha mãe mortinha."*

Bom, nada de lagartas. Renan me olhava de vez em quando, em silêncio embaraçado. Talvez ele visse a lagarta e eu não. Talvez ela tivesse simplesmente entrado numa toca ou coisa parecida.

"A lagarta me disse mesmo que a senhora não ia ver", ele suspirou, resignado.

"Tá vendo? Eu sabia que havia uma explicação lógica para isso tudo."

Que absurdo eu dizendo essas coisas. Renan aproveitou o momento e sorriu para mim com milhares de dentinhos minúsculos. Foi então que eu percebi que era um sonho. Levantei, fui à minha cama e de lá não saí até acordar de fato e de direito. Daí, o pestinha mesmo em pessoa foi me acordar.

"Como está a senhora no dia de hoje?", me disse o pestinha.

Cheguei à conclusão de que isto [o negócio de "*Como está a senhora no dia de hoje?*"] era um conluio entre ele e Andrés para me encher o saco durante as primeiras horas da manhã.

Os sonhos outra vez. Me deixando outra vez em situações confusas e estranhas. Um certo senso de estranheza. De espantosa estranheza em geral. E eu me lembro de que tenho de conversar com ele e com Anderson sobre as sessões de sonhos.

"A senhora acha que isso funciona mes? Não vejo em que isso ajuda a gente."

Se ao menos eu pudesse ter certeza de alguma coisa nesta cidade de Taurinos... Isso ajudaria e muito. Não que eu queira ter todas as respostas, mas isso renova a confiança e ajuda a levantar a moral de quem pensa que você tem todas as respostas e para isso depende de você. O problema em si é que a realidade aqui é tão volátil. Tudo se transforma de uma maneira alucinada, impedindo qualquer análise lógica. Estranho como por vezes me sinto tão à vontade nesse mundo estranho a ponto de esquecer de mim mesma. Quando na verdade em minha vida vivi uma realidade comum e corrente, dessas de acordar cedo, trabalhar o dia inteiro e à noite voltar para minha família e jantar, assistir uma TV normal e ir dormir para mais um dia de trabalho? Acho que nunca fui talhada para essa realidade comum e corrente de

"D. Stella", o menino me puxou pela manga, coisa que sempre detestei nos meninos daqui, "eu estou falando com a senhora."

"Acho que ajuda, sim", eu respondi maquinalmente, pela mera obrigação de responder, perdida como estava em meus pensamentos alucinantes.

"D. Stella, o que é uma planária?", Renan perguntou, mudando bruscamente de assunto.

Expliquei o que era uma planária e ele ficou furioso. Fiquei confusa, pensando o que na explicação poderia tê-lo deixado furioso. Só quando Anderson pôs os pés na fazenda eu consegui ligeiramente entender o porquê e no final das contas tive de apartar uma briga dos dois. O que eu entendi foi que Anderson comparou o pênis dele a uma planária. Provavelmente, Renan só hoje se lembrou de me perguntar. Talvez apenas para não ser injusto. Achei bonitinho da parte dele.

Na casa de "sêo" Danilo no cair da tarde; ele sorria, um pouco cansado do dia, mas com a habitual camaradagem. E com o habitual café e o clima tranquilo de seu sítio pequeno e bonito.

"Pois eu pensei que não vinha mais. Mas hoje mesmo,

engraçado, não esquentei café. Resolvi fazer novo. Como se tivesse um palpite de que a senhora viria."

Contei a ele sobre as sessões de sonhos e tudo o que vinha ocorrendo com Renan. Ele deu um sorriso de quem sabia das coisas.

"Os sonhos que se tem aqui são diferente de tudo o que se sonha em outras cidades de Minas e em outros lugares onde os sonhos já são esquisitos. Na maioria das vezes os sonhos que se tem aqui são tranquilos, mas têm tantos detalhes que se tornam muito sem pé nem cabeça."

Eu disse a ele que entendia. Que o que ele dizia tinha muito a ver com os sonhos dos últimos dias. Aquela profusão de detalhes, os eventos desconexos, tudo aquilo. Aquela questão da sombra de Renan aparecendo nos sonhos que eu nunca consegui explicar.

À noite, no alpendre da fazenda Teixeira. Novamente um movimento atrás da casa. Já ouvi aquele movimento antes. Me preparo para o que vai acontecer, e um cavalo preto emerge das sombras, espantoso, veloz como uma flecha. Desta vez pude observá-lo bem. Havia algo em cima dele. Piscando incontrolavelmente. Não pude ver o que era, mas me senti mal na mesma hora. Como da outra vez, me

senti mareada, com vontade de vomitar. Passei a noite vomitando e me revolvendo em pesadelos, como uma salsicha numa grelha giratória no mais insano dos infernos.



Segunda-feira, 13 de abril de 2009

Alguma coisa estranha

Eu vi o Bruno hoje. Fazia tempo que não o via. Não que eu sentisse um mundo de saudades dele, mas me parece que ele andava bastante com os outros meninos, pelo menos antes que eu chegasse à cidade.

Ele chegou meio ressabiado (provavelmente sobre a minha presença na fazenda Teixeira) e não pareceu muito satisfeito em me ver.

"O Guilherme está em casa?", ele me perguntou.

"Lá dentro", e apontei para a casa da fazenda.

Ele não se moveu do lugar. Fiquei embaraçada, não sabia se perguntava a ele como vinha passando, perguntar sobre a família, essas idiotices do mundo normal. Bruno ficou me encarando, carrancudo, por mais alguns momentos.

"Tem alguma coisa estranha com você", ele disse de modo pausado, quase ameaçador, *"sinto isso desde o primeiro dia que vi a senhora no alpendre dos Conselheiros. Mas eu eu ainda vou descobrir o que é. Disso a senhora pode ter certeza."*

E essa agora. Faz um tempão que não o vejo, mas sua antipatia por mim não parece ter se dissipado. Pelo

contrário, parece ter estranhamente crescido com a distância em tempo e espaço. Mas, estranhamente, parece menos com antipatia do que com um sentimento legítimo de estranheza a meu respeito. Sim, definitivamente há algo em mim que o menino não consegue entender. Isso eu realmente tenho observado ao longo do tempo que tenho passado por aqui. Como ele, gostaria de entender.

Os dois estavam na varanda. Eu os observava discretamente enquanto eles tentavam ser discretos e não dar a entender que estavam falando a meu respeito. Provavelmente, Guilherme está pondo o amigo a par de tudo o que vem acontecendo esses dias. Não que muitas coisas estejam acontecendo por esses dias, mas nem esse pouco ele sabe.

Anderson apareceu logo depois. Também perguntou do Guilherme (e do Renan) e desta vez nem precisei apontar para o alpendre. Ele me deu um bom-dia animado e foi até lá para conversar.



Terça-feira, 14 de abril de 2009

Comente leitura

A coisa boa com os garotos é que eles resolveram apostar nas sessões de sonho. E isso num momento onde tudo está parado, onde nada tem acontecido. Esses momentos em Taurinos me deixam preocupada, ao invés de me tranquilizar. É com efeito quando eu mais me sinto preocupada com as coisas a meu redor. Como se o silêncio e a aparente quietude de todos escondesse algo fermentando, uma confusão daquelas bem típicas da cidade, uma confusão incomensurável, metafísica, bem nos moldes de tudo o que já narrei aqui até o momento.

Os seis meninos estão aqui no alpendre da fazenda Teixeira esta manhã. Olhando para mim como quem analisa um inseto nunca antes visto. Pergunto se eles sabem quando as aulas irão retornar. Eles me dizem que já perderam praticamente o ano, já que não há qualquer previsão da escola reabrir. Ela serve de abrigo a algumas famílias que perderam suas casas durante o problema com os touros no início de março e enquanto suas casas não forem reconstruídas não terão para onde ir. A resposta tem sido a mesma desde a Lei dos Touros e será por muito tempo.

"Nós somos exatamente do jeito que a senhora sonhou", disse Renan, um momento antes de franzir a testa.

Houve uma pausa. Sim, do jeito que eu sempre sonhei. Eu me lembro como tudo começou. Eu estava em minha casa, em Santos, quando o telefone tocou. Um homem com sotaque mineiro marcou entrevista. Era Duílio, pai de Andrés e Adriano, querendo falar sobre problemas que tinha com o filho. Daí sugeriu que eu viesse a Taurinos acompanhar o caso de perto, o que me levou a muito mais do que simplesmente um menino problemático. Me trouxe a tudo isso que hoje em dia vivo, sem mais poder sair dessa cidade por mais de quarenta dias, tudo isso.

"A senhora se lembra se estava deitada quando o "sêo" Duílio ligou?", perguntou Bruno, como se isso fosse de suma importância.

Tentei me lembrar dos eventos daquele dia, mas nada me ocorreu como estar deitada. Lembro-me de que a Meire me ligou naquele dia. Um pouco antes que Duílio ligasse.

"Meire estava bem zangada naquele dia, não é? Por causa da conversa sobre o menino mexicano", perguntou Adriano, olhando para os outros e depois para mim.

Aquilo foi um raio caindo em cima de mim. De onde ele conhecia Meire? Como Adriano poderia saber disso?

Jamais sequer pronunciei o nome da Meire em Taurinos. Muito menos a conversa sobre o menino mexicano. Eu disse a ele que nunca antes tinha comentado sobre isso, como ele poderia saber? Isso reforçou ainda mais minha hipótese da percepção extra-sensorial de Adriano, como se ela já não fosse nítida o suficiente.

Adriano pareceu confuso sobre o que ele mesmo tinha acabado de dizer. Como se não soubesse de onde tinham vindo as palavras. Como um adivinho no meio de um transe que termina, deixando-o sem um chão para por os pés. Os outros me olhavam como se o espanto fosse sua moeda corrente. Não consegui que ele dissesse de onde tirou isso mas porque sinceramente ele mesmo parecia não saber. Sim, havia um legítimo sentimento de confusão neles; os meninos podem disfarçar bem as coisas, mas certas coisas se percebe serem bem sinceras, distantes de toda a afetação.

"Vocês também conhecem a Meire?"

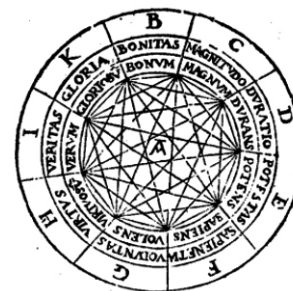
"Quem é Meire?", justamente Adriano foi o primeiro a perguntar.

"Ora, pensei que você soubesse, já que era você mesmo falando a respeito dela..."

"É sua amiga?", perguntou Andrés calmamente, como

mais velho. Percebi que ele discretamente fulminava Adriano com os olhos.

Contei quem ela era e eles ficaram me olhando e se entreolhando por um tempão com cara de paisagem. Odeio quando isso acontece. Simplesmente odeio.



Quarta-feira, 15 de abril de 2009

Sessão

Meia-noite. O ar em torno da casa da fazenda Taurinos está contaminado do maravilhoso aroma dos ciprestes que servem em torno de cerca viva. Os seis meninos estão aqui no quarto de Andrés, que vamos utilizar para a sessão de sonho de hoje. Fico um tempo mirando as espadas de toureiro cruzadas em panóplia sobre a parede, a foto de Andrés sentado sobre um touro da fazenda. Um touro em cima de outro, pensei, enquanto procurava suprimir um acesso de riso pelo pensamento que tinha acabado de cruzar minha cabeça. Andrés presta especial atenção ao irmão, a quem vigia todos os passos.

"*Nós vamos dormir sentados?*", foi a primeira coisa que ocorreu a Bruno perguntar.

"*Tem uns sacos de dormir ali naquele canto*", e Andrés apontou na direção.

"*Eu não vou dormir em saco de dormir. Vou dormir na minha cama*", protestou Adriano, amarrando a cara.

"*Adriano, vamos procurar ficar juntos. Caso dê tudo certo, você pode ficar desorientado se estiver sozinho num quarto, separado dos outros*", eu argumentei.

"*Que se foda*", ele retrucou, "*quero a minha cama macia.*"

"*Quer dormir na minha?*", ofereceu Andrés, aparentemente temendo que o irmão fugisse às suas vistas. O motivo me era desconhecido.

"*Eu quero a **minha** cama.*"

Nós todos ficamos trocando olhares, espantados com o rompante. Ainda tentamos convencer o rapaz, mas não houve jeito que desse jeito.

"*Ah, eu não dou conta do Adriano quando ele começa com essas frescuras*", disse o irmão caçula, olhando para a porta do quarto depois que Adriano saiu.

O silêncio morto da noite, somente a orquestra noturna de sapos e grilos lá fora. Eu levantei do saco de dormir, me sentei numa cadeira no canto e fiquei olhando os meninos inertes no chão. Anderson ressonava alto, quase quebrando a harmonia. Eúbito, ele se moveu para o lado. Abriu os olhos e os virou na minha direção. Tinha me visto. Estava agora fora de seu corpo. Ele se ergueu do chão enquanto eu tentava lhe dizer que evitasse olhar para si mesmo ali deitado no chão, para que não surpreendesse ao ponto de ficar com medo.

"E os outros?"

"Os outros estão dormindo ainda. Vamos esperar e ver o que acontece."

Anderson passou a me contar sonhos que tinha tido por esses tempos. Ele me disse que sonhou que eu era a prefeita de Taurinos. De brincadeira, perguntei se ele votaria em mim nas próximas eleições, caso eu me candidatasse.

"Ah, é difícil se votar em alguém de fora por aqui", ele disse sorrindo, *"mas acho que votaria na senhora, sim."*

"Sobre o que conversamos?", perguntou Bruno ao nosso lado agora, recentemente erguido do saco de dormir.

Pedi ao Bruno que não olhasse para trás. Ele sorriu, meio entre o sem-graça e o confuso, e me perguntou porque. Eu disse a ele que ele ainda estava no saco de dormir e ele se recusou a acreditar, mas por outro lado não virou a cabeça na direção dos outros. Isso durou até ouvirmos a voz de Andrés que vinha atrás dele. Bruno olhou e viu Andrés do lado dele. Viu também os sacos de dormir e viu a si mesmo em um dos sacos. Olhei para Anderson, mas não antes de ver com que força Bruno foi literalmente puxado para dentro de seu corpo físico após a descoberta. Fim da

"Se puder evitar de chamar a atenção dos outros para os sacos de dormir, eu agradeço", eu disse a Andrés.

"Foi mal", ele disse embaraçada e desajeitadamente.

"Com esse barulho não dá pra dormir", reclamou Renan, levantando-se e chegando perto de nós enquanto dormia no seu saco no canto do quarto. Ele aparentemente não tinha idéia de que estava fora de seu corpo. Renan tinha estado distante quando as sessões de sonhos começaram; na verdade, apenas eu, Anderson e Andrés tivemos participação ativa no processo.

"Bem-vindo ao meio da noite", disse Andrés indiferentemente.

"Por que estão acordados?", ele perguntou, esfregando os olhos.

"Não tem ninguém aqui acordado, Renan, nem você", disse Anderson.

Ele sorriu um sorriso luminoso ao perceber que tinha funcionado. O sorriso dele iluminou o quarto de tal forma que tive de pedir que ele parasse de sorrir um pouco. Restabelecido o clima inicial, nos quedamos por

ali esperando que os outros "acordassem". Guilherme ainda demorou um pouco e seu irmão caçula parecia impaciente.

"Quer que eu chute ele? Levanta rapidinho..."

"Não é assim que as coisas funcionam, Renan."

Minha única preocupação era Adriano isolado de nós em seu próprio quarto. Me perguntava se ele chegaria a este estágio fazendo tudo num lugar à parte tendo nada mais em mãos que não fossem suas intenções de sair do próprio corpo. Renan ficou se divertindo vendo a si mesmo dormindo, se divertindo exatamente com o mesmo item que tinha apavorado Bruno o suficiente para enviá-lo de volta ao corpo. Guilherme "acordou" sem necessidade de um chute nas costas, coisa que eu já havia previsto. Perguntou por Bruno e Adriano. Conteí a ele o que sabia de Bruno e que não tinha idéia do que estava acontecendo a Adriano em seu quarto. Eu não tinha ainda terminado a frase, quando ouvimos um grito vindo do quarto de Adriano. Eu avisei a ele que não era boa idéia ficar isolado, mas qual o que.

Fomos ao quarto dele em comitiva, uma comitiva leve do corpo que deixamos para trás no quarto de Andrés, apenas para encontrar Adriano, sentado na cama ao lado de seu corpo adormecido, olhos arregalados, esquadrinhando cada canto do quarto.

"Sua amiga Meire está aqui no quarto com a Polícia", ele disse, "a senhora está vendo?"

"Meire? Aqui???", olhei em volta, de puro instinto e reflexo. Ao me voltar, colidi com um Andrés apatetado, aparentemente em estado de choque.

Não havia ninguém no quarto com exceção de mim e dos cinco garotos. Olhei em volta e todos pareciam tão atônitos quanto eu. Percebi que Adriano podia ver algo que não podíamos e decidi testar a percepção dele.

"Você pode falar com ela?", perguntei, e ele disse, *"é o que estou fazendo desde que ela apareceu."*

"Pergunte a ela o nome do meu marido", eu o ouvi repetir a pergunta olhando para o meu lado esquerdo e o ouvi responder: *"ela disse que o nome dele é Paulo."*



Quinta-feira, 16 de abril de 2009

Ordem do dia

Meire está definitivamente na ordem do dia. Não que ela realmente estivesse aqui na noite passada, mas a presença dela durante a sessão de sonho — mesmo que somente para os olhos do sr. Adriano Silva Conselheiro — é o suficiente para me fazer pensar. Em tudo o que tenho vivido desde o dia em que saí de minha casa para vir para Taurinos.

Me lembro que não estava nem de longe nos meus 100% de minha disposição quando o telefone tocou naquele dia. Pensei em almoçar, evitar entrevistas com clientes potenciais sem muita substância. Será que eu estava deitada quando o telefone tocou, como sugeriu Bruno?

Estou definitivamente de volta à fazenda Taurinos. Não que eu tivesse abandonado o caso de Renan, foi só que cheguei à conclusão de que não havia nada nele para ser ajudado. Os problemas relatados eram parte viva dele, nada que fosse exterior e por algum tempo tivesse feito parte; são simplesmente coisas que deveriam se ter visto há tempos e agora são parte inalienável do menino. Tentar modificá-lo agora é como tentar fazer uma bananeira produzir uvas.

E agora Meire, nas visões de Adriano. Se eu tinha alguma dúvida sobre ser ela de fato ou não, a

pergunta sobre o Paulo a dissipou com firmeza. Jamais mencionei o nome do Paulo por aqui, as pessoas sempre foram impressionantemente discretas em jamais me perguntar.

Tenho certeza de que vou encontrar algo extraordinário por aqui. Algo com que jamais sonhei, algo muito além de tudo o que — e não foi pouco — já aconteceu aqui. O marasmo dos últimos tempos pressentindo algo que vem insidioso, secreto, se misturando ao pano de fundo sem querer ser notado. O fato de que nunca me lembrei do que fiz na arena naquele dia. Jamais, uma cena, um *flash*, algo que me trouxesse à memória algo que fiz que foi tão extremo.

Na casa de "sêo" Danilo, o aroma do café e a atenção costumeira de um homem apaixonado pelos prazeres simples da conversa.

"Renan lhe disse algo significativo, penso eu, "sá" Stella. De tudo o que você me contou, acho que foi mais significativo do que a sua amiga aparecer nas visões do Adriano, sabe?"

"O que foi que ele disse?"

"Uma hora vai se lembrar, "sá" Stella."

Insisti, ele não disse mais nada. Fiquei pensando se realmente não tinha negligenciado algo. Se realmente não tinha deixado passar algo em brancas nuvens. Frases estranhas que me orbitavam, acontecimentos estranhos demais, como se tudo não fosse aqui estranho demais desde que cheguei. A minha inclusão involuntária no rol da Sociedade Antiga dos Taurinos, criando um vínculo com a cidade que não mais se desfaria. Algo que forçosamente me faz permanecer, tudo em benefício de uma cidade que no início do ano eu nem conhecia.



Sexta-feira, 17 de abril de 2009

Sol triste

Hoje o sol da manhã parecia frio e triste, como num prenúncio do inverno que cedo ou tarde iria tomar conta da cidade. Minha mente ocupada com tudo o que temos vivido aqui em Taurinos. Definitivamente, há algo no ar. Algo que as palavras de "sêo" Danilo só tornam mais evidente.

O que faz Meire aparecendo nas experiências extracorpóreas que temos tido? Será que ela quer se comunicar comigo?

Apenas agora, depois de tanto tempo, percebo que Meire jamais me retornou os emails que escrevi. E isso definitivamente nada tem a ver com a nossa pequena rusga sobre o menino mexicano. Até porque tínhamos acertado os ponteiros sobre como nos sentíamos sobre isso antes que eu deixasse Santos naquela tarde de 13 de fevereiro.

"Pensando na vida, D. Stella?"

Eu nem tinha ouvido as molas barulhentas da porta de tela do alpendre e Adriano já estava a meu lado. Olhando aquele sol triste e frio sobre as montanhas em redor. Ele sorriu um sorriso bonito, que eu nunca o tinha visto sorrir. Esses meninos de Taurinos são todos eles bonitos além da conta, existe algo quase

artificial na beleza deles, como um efeito visual que não consigo ainda compreender. Se é que um dia compreenderei.

O que nos levou às sessões de sonhos? A necessidade de entender porque Renan aparecia em sonhos para mim, Anderson e Andrés como uma sombra? Seria realmente Renan o estopim dessas sessões? Nada tem acontecido desde a Lei dos Touros nesta cidade. Algo deveria acontecer, afinal?

Depois do café, fiquei no alpendre com meu laptop. Visualizando o documento de texto com os nomes da Sociedade Antiga dos Taurinos que eu não conseguia apagar. Noto que o laptop tem alguns recursos novos nos quais eu nunca havia reparado. Mas nem esses recursos são suficientes para apagar aquele documento. Nunca vi isso acontecer, bastaria reiniciar o computador, mas qual o que. Isso nunca bastou na realidade.



Sábado, 18 de abril de 2009

O dia da criação

Vejo hoje daqui do alpendre da fazenda Taurinos o mesmo sol triste de ontem. Embaçado, coado pelas nuvens, descendo como mormaço sobre as montanhas bonitas de Taurinos e sobre todos nós. Sensação baça, estranha num mês em que a temperatura deveria estar em declínio, assim como o verão. E porque hoje é sábado, relembro uma poesia de Vinícius que li há um tempão atrás, mas que nunca me saiu da cabeça.

*"Neste momento há um casamento
Porque hoje é sábado
Hoje há um divórcio e um violamento
Há um rico que se mata
Há um incesto e uma regata
Há um espetáculo de gala
Há uma mulher que apanha e cala
Há um renovar-se de esperanças
Há uma profunda discordância
Há um sedutor que tomba morto
Há um grande espírito-de-porco
Há uma mulher que vira homem
Há criancinhas que não comem
Há um piquenique de políticos
Há um grande acréscimo de sífilis
Há um ariano e uma mulata*

*Há uma tensão inusitada
Há adolescências seminuas
Há um vampiro pelas ruas
Há um grande aumento no consumo
Há um noivo louco de ciúmes
Há um garden-party na cadeia
Há uma impassível lua cheia
Há damas de todas as classes
Umas difíceis, outras fáceis
Há um beber e um dar sem conta
Há uma infeliz que vai de tonta
Há um padre passeando à paisana
Há um frenesi de dar banana
Há a sensação angustiante
De uma mulher dentro de um homem
Há uma comemoração fantástica
Da primeira cirurgia plástica
E dando os trâmites por findos
Há a perspectiva do domingo
Porque hoje é sábado."*

O Dia Da Criação, Canto II, escrito por Vinícius de Moraes.

"O que é sífilis?", perguntou Adriano, de súbito ao meu lado.

Esclareço. Não estava recitando a poesia. Estava pensando nela. Como Adriano poderia ter "lido" a

palavra se eu não a tinha pronunciado em viva voz?

"É uma doença antiga, que infelizmente existe até hoje", me apressei em dizer. Não queria que ele percebesse que eu tinha ficado encafifada com aquilo (nem deveria, porque sei que eles tem a percepção extra-sensorial desenvolvida aqui em Taurinos). Mas eu não estava preparada para o que iria ouvir.

"A senhora estava bem doente no começo de fevereiro, não?", ele disse me olhando sério.

"Quando, exatamente?", eu mal conseguia disfarçar minha surpresa.

"Quando meu pai visitou sua casa pela primeira vez."

Andrés saiu abruptamente de dentro da casa e até o som das molas barulhentas da porta de tela do alpendre soava furioso desta vez. Ele pulou sobre o irmão e os dois rolaram no chão entre socos e joelhadas até que eu conseguisse fazer os dois pararem quando já estavam próximos demais do meu laptop. Duílio assomou à porta, já com o cinto na mão para sua costumeira e medieval dose de manutenção da paz.

"Quem começou?"

Foi divertido ver os dois dizerem um o nome do outro simultaneamente. Daí para a frente, já não foi mais tão divertido.

Na mesa do café, os meninos com marcas vermelhas. Não ousaria perguntar a Andrés a razão do ataque furioso ao irmão, não na mesa, não naquele exato momento. Me contentava em seguir seu olhar enfurecido em direção a Adriano, do outro lado da mesa.

Mais tarde, eu vi Andrés ao telefone. O que ele dizia eu não conseguia compreender, só sei que ligou para todos os outros membros da Sociedade Antiga dos Taurinos. Anderson, Bruno, Guilherme e Renan. Mais tarde, saiu a cavalo: destino ignorado.

"Alguma idéia de onde o seu irmão possa ter ido, Adriano?"

Ele olhou para mim e não parecia saber onde o irmão estaria indo. Mas parecia saber porque.

"Por que acha que ele te atacou daquele jeito?"

Adriano desconversou bruscamente. Tentei ler nele algum sinal, alguma coisa, mas nada parecia evidente, ou mesmo perceptível na atitude fechada dele. A pergunta sobre o porque dele ter chamado os

membros da Sociedade Antiga dos Taurinos permanecia. As perguntas mais cruciais sempre permanecem.

Tive uma idéia. Fui até o estábulo de onde Andrés tinha tirado o cavalo. Eu disse a Adriano que me ajudasse a procurar qualquer objeto que Andrés tivesse tocado antes de sair, ou qualquer coisa que segundo ele estivesse fora do lugar. E ele não demorou muito para achar algo.

"O relho. Não deveria estar no chão. Ele deve ter deixado cair quando saía e não percebeu."

Ele me passou o relho e voltamos ao alpendre. Eu me sentei, segurei o relho e fechei os olhos, enquanto Adriano aparentemente tentava entender porque eu fazia aquilo. Num primeiro momento, nada aconteceu. Nenhuma imagem parecia se formar. Me ocorreu que o relho poderia estar a dias jogado ali, sem qualquer conexão com a saída de Andrés hoje. Quando eu já me preparava para abandonar o experimento, ouvi claramente a voz de Andrés. Envolta em eco, dizendo aos outros o que ele mesmo costumava me dizer: que Adriano falava demais. Ouvi a voz de Bruno, discordando e dizendo que o apoiava. Que eles já tinham entendido o que havia e que já era hora de se contar a história. Depois, mais nenhum som foi ouvido, como uma transmissão que se

encerra ou é cortada.

"Eles vão me matar?"

"Talvez."

"Estavam falando de nossa conversa hoje de manhã, não?"

Eu não respondi, mas nem precisava. Ele sabia mais que eu o que se passava. Não precisava do relho ou da memória contida nele. Pensei em dar sequência à nossa conversa, mas me contive naquele momento. Talvez por achar que Adriano estava realmente ameaçado de morte.



Domingo, 19 de abril de 2009

Advento

Eles estavam no Mithraeum. Eu disse isso a Adriano e ele pareceu concordar. Eu fiquei impressionada pelo eco que envolvia as vozes de Andrés e Bruno, pelo menos até onde eu consegui "ouvir".

Não tinha muito tempo antes que a casa acordasse para o café. E aí com Adriano pela fazenda para conversarmos um pouco. Pelo que entendi, o que ele me disse ontem se desfez hoje. Ele não parecia lembrar de uma palavra do que tinha me dito, como pai-de-santo que acorda de um transe.

Isso me acendeu uma curiosidade: se Adriano não se lembrava do que tinha me dito, os outros se lembrariam de ter ido ao Mithraeum? Mais que simples curiosidade, era um ponto que me incomodava como vital na situação: se ele não lembrava do que me tinha me dito, mas os outros se lembravam de ter ido ao encontro, ele poderia ser acusado de algo de que simplesmente não se lembrava. Como na noite em que ele viu a Meire com a polícia em seu quarto.

Meire é apenas mais uma das peças do imenso quebra-cabeças que esta história se tornou. Outras sendo: de onde tirei a conclusão de que a Sociedade Antiga dos Taurinos quer julgar e condenar Adriano à

morte? De simplesmente "ouvir" Andrés dizer que ele falava demais, o ataque raivoso de ontem, a saída súbita a cavalo ao cair da tarde?

Por outro lado, Adriano não se lembrará, mas me perguntou claramente se eles queriam matá-lo. Eu disse que talvez, porque compartilhava do mesmo receio que ele. Receio de quem vive dentro de uma sociedade secreta estranha a tudo que já se viu, onde se corre o eterno risco de ser julgado, condenado e executado por violar leis e regras que parecem saltar do bolso dos membros.

Deixei Adriano no alpendre, fui caminhar um pouco. Voltei em não menos de dez minutos, passo calmo, silencioso, sobre os tocos de madeira que serviam de caminho em meio ao cascalho. Ao chegar ao alpendre parei; podia ouvir claramente o que se passava na mesa.

"Nós nos reunimos ontem no Mithraeum", disse Andrés na mesa do café. Provavelmente o mesmo olhar furioso em direção ao irmão mais velho, mas só o que eu podia ouvir já confirmava minhas suspeitas de que Adriano poderia se encrascar sem nem mesmo saber o porque. Era evidente para mim que o menino não se recordava de nada do que tinha me dito.

"E qual foi o caso dessa vez?", perguntou Aparecida, já preocupada com a reunião extraordinária.

"Adriano estava tentando contar à D. Stella sobre o Dia da Criação", ele respondeu com boca cheia de pão.

"Dá pra parar de falar com a boca cheia na mesa?", Duílio ralhou.

Houve um silêncio. Que diabos pode ele querer dizer com Dia da Criação? Adriano estava apenas me perguntando (ou afirmando que?) eu estava doente quando Duílio foi à minha casa relatar os "problemas" de Andrés. O que tem isso a ver com Dia da Criação? A única referência que havia no ar sobre o tema foi a poesia de Vinícius de Moraes. Ele teria intuído, como o irmão, a poesia de Vinícius na qual eu pensava ontem e a confundi com um assunto que para eles era sagrado?

"Eu não lembro de nada disso", sustentou Adriano com a voz espantada, mas firme.

Tive de entrar. Não podia mais ficar ausente quando o meu nome tinha sido pronunciado na mesa.

"Por que você mesmo não me conta a história do tal Dia da Criação?", perguntei de súbito assim que apareci ao campo de visão do povo da sala.

possível aquela coisa ficar mais branca do que já era. Positivamente não esperava me ver flutuar para dentro da sala de jantar em busca de novidades sobre a nova sensação do momento.

"Sim, o que é o tal Dia da Criação?", quis saber Aparecida.

"Isso não pode ser dito na frente de pessoas de fora!", gritou Andrés, alterado.

Duílio e Aparecida olharam o filho, desconfiados. Adriano nada entendia. Eu, pouco mais que o próprio Adriano e com certeza muito menos que Andrés. Mas era óbvio para mim que Andrés usou a desculpa mais esfarrapada possível no último momento. O que restou de forasteira em mim depois de tudo o que vivi e pela residência permanente forçada em Taurinos, cidade que tentei localizar no Google Earth tantas vezes sem sucesso. Seria pela população tão pequena? Seria eu tentando me enganar?

Uma buzina soou lá fora. Duílio foi ver quem era e se espantou ao ver a cena lá fora: ao sair, vimos o mesmo carro aberto que nos transportou para a cerimônia no Mithraeum. Nele, todos os membros presentes da Sociedade Antiga dos Taurinos e "sêo" Danilo, sentados, como um pequeno exército. Tinham vindo para julgar Adriano? Se for, serei a melhor

advogada que puder. Essa insanidade tem que parar.

Eles entraram respeitosa mas decididamente na sala. Olhavam para Andrés, olhares que pareciam estranhamente divididos entre a raiva e a compaixão, uma mistura de sentimentos que juro, nunca vi em minha vida.

"Acabou a história, Andrés. Está todo mundo vindo para cá. A notícia já ganhou a cidade", "sêo" Danilo tomou a dianteira.

E um trovão de trombetas ao longe, como as que derrubaram as muralhas de Jericó. Buzinas, muitas buzinas, primeiro bem ao longe, depois num crescendo assustador. Minha apreensão crescia. O que Andrés teria para contar que ainda não tivesse contado? Quando e como se chega ao fundo de todo esse mistério?

E a frente da fazenda Taurinos se encheu de carros. Todos buzinando ao mesmo tempo, num compasso ensurdecedor, apavorando Andrés com a perspectiva de um juízo final? Eu olhava para Adriano aturdida, perdendo lentamente o que restava de meu autocontrole, enquanto o adolescente parecia recolher pela sua expressão fragmentos de memória do dia anterior ou quem sabe muito mais que isso.

Taurinos e seu povo estavam em frente à fazenda dos Conselheiros. Todos, sem exceção de um só, parecia. Rapidamente reconheci o prefeito entrando na sala de jantar, me olhando, os olhos mudos de espanto, do mais puro espanto.

"Que porra que me importa? Que venha o estado de Minas Gerais inteiro... Que me importa?", Andrés estava chorando, "e você, Renan, é um traidor! Começou você com aquela história de que a gente era do jeito que ela tinha sonhado!"

"Mentira, moleque! Tudo já estava aparecendo pro Adriano, ele não ia demorar pra dar com a língua nos dentes!", rebateu Renan, enfurecido, babando, olhos injetados de sangue na direção de Andrés.

"Desgraçado...", e, tirando os óculos e os jogando em cima da mesa, Andrés partiu para cima de Renan como ontem tinha partido para cima do irmão mais velho. Indignada com a loucura, tentei intervir, mas os outros meninos me seguraram e até Duílio ajudou.

"Agora é entre eles", disse o chefe de família.

O som dos socos e dos pontapés certos um no outro era violentíssimo e enjoativo; palavrões, xingamentos, olhares e ataques ferozes. A ferocidade de dois

meninos levada a extremos. Eles vão se matar, pensei. E, novamente, nada posso fazer para deter aquela violência estúpida e absurda. Em meio ao horror que começava a tomar conta de mim, houve um momento em que Adriano largou o meu braço e começou a caminhar em volta. Sua voz se ergueu por sobre a confusão reinante na sala, quando o prefeito e os demais moradores que já formavam uma pequena multidão assistiam a tudo completamente perplexos.

"Sua amiga Meire está aqui. Nesta sala, junto com a polícia. Eles estão conversando. Eu consigo ouvir o que eles estão dizendo."

A briga parou. A cidade em torno parou. Mais nem um som se ouvia naquela sala. A própria natureza em volta, os sons de pássaros matinais, tudo parecia ter se congelado quando Adriano se fez ouvir. Ainda embolados no chão, Renan e Andrés olharam para Adriano, olhos cheios de infinito assombro. Renan se ergueu devagar, largando Andrés, os dois com as camisas rasgadas da briga feroz, o nariz de Andrés e o canto da boca de Renan gotejando sangue. Andrés soluçava, rastejando até o irmão.

"Adriano... Eu te dou tudo o que é meu. Meus touros... Minhas coisas... Tudo! Eu juro! Não faz isso, pelo amor de Mitra, não faz isso comigo..."

Adriano, aparentemente não ouvindo uma palavra do que o irmão caçula dizia, *"E não conseguem... Meire está dizendo que ela achou estranho a senhora ter dito que não estava muito bem e ter deixado o telefone pendurado... Está contando aos guardas que tocou a campainha muitas vezes e ninguém atendeu. Um dos guardas está dizendo que o melhor é levar a senhora para o hospital..."*

Não sei porque, olhei para "sêo" Danilo, próximo aos outros meninos. Ele me olhou de volta, olhar grave de quem compreende finalmente o que se passava. As crianças foram as primeiras a intuir tudo, isso o olhar dele me dizia de forma clara, sem margem para enganos. Eu estava começando a entender mais do que antes e um súbito horror tomou conta de mim. O inexplicável horror de saber que essa vida é verdadeira. O horror de conhecer e cada vez conhecer mais.

"Meu pai já tinha lhe telefonado e tocado a campainha de sua casa. A senhora atendeu e conversaram sobre Andrés. Combinaram que a senhora viria para Taurinos conviver com Andrés por um tempo. Quando a Meire chega com os policiais e eles decidem levar a senhora para o hospital, meu pai e minha mãe já estão encostando o nosso carro na sua porta. A senhora põe suas malas no nosso carro e vem para Minas Gerais. E a Meire coloca a senhora numa

ambulância com a ajuda dos policiais e leva para o hospital."

Aparecida já demonstrava os primeiros sinais de faniquito descompactado e pronto para se instalar. Eu não estava em melhor situação. Estava suando frio, pedi uma cadeira, me sentei em puro estado de choque. Nesse ponto, Andrés já subia pelo irmão como hera que escala pacientemente um muro.

"Por favor, não... Adriano, não..."

Adriano olhou nos olhos o irmão agarrado a ele e sorriu.

"Que bom, ainda está sem óculos!"

O que se seguiu foi um soco que atirou Andrés a metros dali. Espantados pela reação do mais velho, a ação repentina e fulminante provocou uma onda de choque em todos os presentes. Calafrios, calores, súbitas mudanças de pressão. Andrés gemia enquanto Duílio tentava colocá-lo no sofá.

"A senhora está no hospital desde fevereiro. Desde que veio para Taurinos. Até agora."

"Pelo amor de Mitra, chega, Adriano!", gritou o irmão mais novo, já sem forças no sofá, *"ela vai matar todos*

nós! Ela vai matar todos nós!"

O desespero de Andrés, minha situação no hospital, tudo isso abriu finalmente os meus olhos. O Dia da Criação. O dia em que entrei em coma. O dia em que tudo o que existe em Taurinos, incluindo a própria Taurinos foi criado. Eu era o Grande Um, eu era cada um dos touros sacrificados, eu era a Sociedade Antiga dos Taurinos, era Adriano, Anderson, Andrés, Arthur, Bruno, Guilherme e Renan. Eu era tudo, o Alfa e o Ômega. O início, o fim e o meio, como Raul Seixas um dia cantou.

"Quando viemos para Taurinos, no carro, Aparecida me disse que o Google Earth se esqueceu de Taurinos...", eu disse, procurando reunir os últimos restos de força para entender de forma plena onde eu tinha vindo parar, *"mas eu acho que não havia nada no mapa para se esquecer. A cidade mais próxima é Varginha, que fica a 200 quilômetros daqui. Foi o que Aparecida me contou na viagem de vinda e não consegui entender. Lembro de que começamos a subir de Varginha para cá e a subida parecia não ter mais fim. Na verdade, são 200 quilômetros para cima. A montanha mais alta do mundo, o Everest, só tem oito quilômetros de altura. Estamos 192 quilômetros mais alto que a montanha mais alta do mundo. Onde no mundo inteiro uma cidade destas poderia existir?"*

"Por Mitra...", e Aparecida dava plena vazão a seu mais poderoso faniquito de todos os tempos. Pagava ela também o preço que eu pagava de saber de menos, do pouco se imiscuir em assuntos de machos numa sociedade que foi, era e seria exatamente do jeito que eu sonhei. Andrés era o Grão-Mestre, era o senhor de todo o conhecimento, sabia de tudo desde o início. Toda a sua luta fora por viver, já que tinha sido criado, provavelmente à imagem e semelhança de alguma peça desajustada em mim ou algum de meus pacientes pregressos. Criei um passado mesolítico, uma mistura de religiões para a cidade e um futuro incerto. A única coisa neste mundo estranho era a incerteza.

Me virei para Adriano. Perguntei se podia ver o hospital. Ele disse que era um lugar imenso, de corredores quase infinitos. Pela descrição, eu estava internada na Santa Casa de Santos. Nesse meio-tempo, Bruno veio caminhando até perto de onde estava. Tinha os olhos vidrados do que tinha aprendido. Perguntou se eu o havia criado. Eu não estava em condições de responder.

"Eu sabia que tinha coisa estranha acontecendo e era por causa da senhora. Eu nunca entendi a senhora, desde a primeira vez, na primeira reunião da Sociedade Antiga dos Taurinos. O que a gente faz quando fica sabendo que foi criado desse jeito?"

"Eu disse a vocês que ela só podia ser uma deusa. Vocês nunca acreditaram muito em mim. Como o 'Eram Os Deuses Astronautas?', né?"

"Cala essa boca, Renan. Que idiotice de se dizer isso numa hora dessas!", ralhou Guilherme, revoltado.

"Eu sempre quis ver nossa cidade nos mapas de internet e nunca consegui. Tentei o Google Earth, o Maporama, tudo quanto foi lugar", continuou Bruno, com expressão desanimada, "agora deu pra entender porque. Acho que como eu, deve ter acontecido com muita gente da cidade."

No sofá, Andrés chorava lá por sobre as ruínas de seu império de segredos. Repetia que queria viver, que não queria morrer, que não queria que a cidade morresse. E foi então que vi uma cena que nunca pensei que veria: Duílio abraçou o filho e o beijou no topo da cabeça repetidas vezes.

Milagres da fome de viver. O momento me entorneceu. Numa situação-limite para toda a comunidade, foi com a vontade de se agarrar à vida que o menino tinha conseguido finalmente comover um pai de família medieval e durão. Nunca vou me esquecer dessa cena.

Eu disse que precisava estar junto ao meu corpo físico e decidir o que fazer. Andrés chorava mais violentamente como se a própria vida dele estivesse sendo arrancada de si pela decisão que acabo de tomar. O medo. Três meses na cidade do medo. Três meses dentro de um hospital.

"A senhora pode voltar ao que era, "sá" Etella. Basta deitar no leito e desejar voltar à sua vida normal", disse "sêo" Danilo, de repente, "nós nunca teremos existido, nem nosso passado, nem nosso presente, nem nosso futuro. Eu lhe disse que Renan foi o único que disse algo significativo naquele dia, lembra-se? Eu não entendi direito, mas sabia que tinha alguma coisa grande no ar."

E "sêo" Danilo continuou resolutivo, *"Por muitos e muitos anos se difundiu a idéia por aqui em Taurinos que você viria. E que viria numa manhã de domingo, veja só! E desde o começo de nossa história, não tenho a menor idéia de quantos séculos atrás os nativos daqui já esperavam por você. Diziam que você traria a Imortalidade, se quisesse, mas que para isso teria de morrer você mesma. Diziam que você teria de optar por si só. Que traria a vida eterna ou a morte junto de si. Agora entendo como isso é possível. Sou um privilegiado e ao mesmo tempo um azarado por viver em tempos como esses. Mas que sensação melhor que a vida que temos tido? Que tudo o que*

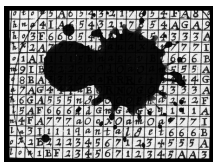
vimos, experimentamos, todos os sentimentos. Mes, "sá" Etella. Não sou digno de que entre na minha casa. Mas que privilégio ter partilhado meu humilde café com a senhora! Isso eu nunca vou esquecer, nem dentro da não-existência, só!"

Contendo a custo minha vontade de chorar, agora entendendo na plenitude a importância do momento em que toda a cidade nos observava entre atônita e chocada, eu disse, *"muito me honra o seu café. Quero que esteja comigo em Santos quando eu finalmente me decidir."*

Nunca vou me esquecer do brilho que relampejou nos olhos do sertanejo. O limiar da experiência do tudo ou nada. O limite entre minha fantasia comatosa e a realidade. Ele me olhava com assombro, como se fosse ter o tempo e a intensidade de sua vida todo ali em um segundo. E me agradeceu comovido pela confiança.

Pedi a Duílio que se preparasse para ir a Santos comigo e "sêo" Danilo. Ele me sacou de lá, deve saber bem como retornar. Os meninos me cercaram enquanto o resto da população ainda se quedava em pé sem ação. Em resumo, queriam saber se iriam viver ou morrer. Eu respondi que estava tão chocada por tudo e pelo repentino de tudo que não saberia responder a pergunta. Pode parecer uma resposta

cruel, mas a situação era extrema para todos nós.



Segunda-feira, 20 de abril de 2009

Isolado

Foi Duílio quem abriu a porta do Mithraeum desta vez. Lugar onde eu nunca o tinha visto entrar, assim como "sêo" Danilo. Andrés entrou primeiro, seguido de mim, "sêo" Danilo e dos outros cinco. Duílio fechou a porta do cofre; pelo menos era assim que eu sentia aquele ambiente hermeticamente fechado do Mithraeum.

O Mithraeum estava mudado, bem mudado desde a última vez em que nos reunimos aqui; as baias dos touros tinham desaparecido junto com eles após a cerimônia. Era também a primeira vez que eu retornava aqui após aquela noite fantasmagórica.

Lá embaixo, nos sentamos nas arquibancadas do templo e ficamos um tempo em silêncio. Flashes estranhos emergiam a todo instante em minha cabeça. Como se algo daquela noite tentasse retornar à minha memória.

Os dois estropiados da guerra de ontem — Andrés e Renan — sentaram primeiro. Recusaram-se a sentar um do lado do outro. Guilherme, Anderson e Adriano ocuparam lugares distintos nas arquibancadas, talvez temendo um novo confronto dos dois mini-guerreiros. Eu, "sêo" Danilo e Duílio nos sentamos depois de todos eles. Os garotos ficaram nos olhando

em suspense, esperando o que se viria a seguir.

Eu comecei dizendo que tinha chamado aquela reunião unindo as duas Câmaras da Sociedade Antiga dos Taurinos, a Interna e a Externa porque havia membros das duas partes envolvidos na história. Embora "sêo" Danilo fosse da Câmara Interna, ele não estava envolvido diretamente na história. No entanto, eu fazia questão de sua presença ali. Ele tinha me alertado para tanta coisa, mesmo envolto na mesma inconsciência que eu, tateando aqui e ali como eu, tentando juntar os cacos do que esta história de Taurinos é desde o seu início. Desde o início, a única luz em toda essa escuridão veio de suas solidárias xícaras de café.

Todos me ouviam em silêncio; mesmo o olhar abatido de Andrés sustentava seu interesse. Ele pressentia o pior para si mesmo, mas tentava não aparentar mais que interesse.

"Não é mais segredo para ninguém o que ouvimos e ficamos sabendo ontem de manhã. Não é mais segredo nem mesmo para a população de Taurinos, já que a cidade estava presente em peso. Mesmo quem não veio ficou sabendo de tudo pelos que vieram. Agora eu sei que estou num hospital e que posso decidir voltar à minha vida normal. E é que um dia que seja de minha vida possa ser considerado

normal."

Silêncio mortal. Todos pareciam querer entender minhas palavras. Nem um único som se ouvia naquela catacumba escura e estranha que o Mithraeum sempre foi e será.

"Entendi que criei uma história pregressa para esta cidade. Sempre defendi a idéia de que não há quem precise de um psiquiatra, mas sim pessoas que criam, no mundo das idéias, coisas que vêm a se tornar reais no mundo material. Mesmo um carro não foi, um dia, mais que uma simples idéia na mente de alguém. Mas uma força vem que transforma essa simples idéia em algo que se pode tocar, que pode ter uma influência na vida da gente. Como o carro que acabo de citar, que pode facilitar a vida das pessoas, encurtar as distâncias entre os lugares e as pessoas que se ama e cuja velocidade, no caso de uma ambulância, pode ser a diferença entre a vida e a morte de alguém."

Olhei para Adriano. Ele não mais parecia confuso. Depois do dia de ontem, ele parecia até mesmo mais consciente que eu. Andrés me olhava em crescente expectativa.

"Agora eu entendo por que Adriano disse que se lembrava de ter me visto conversando com seu pai antes mesmo de me ver pela primeira vez. Entendo

criado. Adriano somente viu as coisas acontecerem muito tempo depois. Andrés viu tudo acontecer no momento em que tudo começou, eis a grande diferença. Quando Duílio e Aparecida me ajudavam a entrar no carro com as malas, não viram a ambulância parada na porta, não me viram sair com Meire, os paramédicos e os policiais rumo ao hospital. Quando Meire, os paramédicos e os policiais me colocaram na ambulância, não viram Duílio e Aparecida me ajudando a entrar no carro com as malas. Obviamente porque estavam em planos diferentes. Apenas Andrés, sem sair de Taurinos, viu as duas coisas acontecendo simultaneamente. Ele pode ver os dois planos coexistindo em perfeita harmonia naquele momento exato de minha vida. Taurinos e tudo o que nela existe foi criada no momento de meu coma. Andrés provavelmente uns instantes antes disso. E, o mais estarrecedor, criei a cidade num tempo em que eu nem sonhava existir. Andrés passou todos esses milênios sonhando com o Advento. Eu posso imaginar o homem, sob as estrelas deste lugar e deste céu legendário, retornando e retornando através dos milênios, apenas esperando e sonhando com o grande dia. E ainda faltavam mais de quinze mil anos para que eu aparecesse no mundo. Parabéns, Andrés. Você é mesmo uma criação magnífica. Senhores da Sociedade, eis aqui o touro que fundou esta cidade: Andrés Silva Conselheiro. Por isso jamais entendi porque se contava que a cidade foi

fundada pelos touros. Mas sempre achei que era o que Andrés mais parecia: um touro..."

"Devia ter me criado antes", interrompeu Renan protestando vivamente, atraindo os olhares (entre curiosos e furiosos) dos Conselheiros, "por que foi criar esse pulha antes de..."

"Renan, por favor!", Guilherme queria socar o irmão caçula, mas estava longe dele. Pedi silêncio e continuei.

"E ele atravessou as eras retornando eternamente, quebrando as regras do próprio Livro das Origens que é ele mesmo em formato de um livro, retornando eternamente a Taurinos que é ele mesmo em formato de cidade, passando pelo mesmo Ordálio, sendo afogado na Cachoeira dos Chifres, sempre e sempre livrando a cidade do Grande Um", eu olhei para Andrés.

"Não foi assim que aconteceu em 1957, "sêo" Danilo?", olhei o velho sertanejo no olhos e ele me confirmou, o que de resto já estava mesmo no Livro das Origens.

Perguntei a Duílio como tinha me encontrado. Ele me disse que encontrou meu cartão com meu telefone

sobre a mesa do computador. Eu disse a ele que nunca tive cartão de apresentação ou profissional. Nunca operei dessa maneira.

"O cartão foi provavelmente criado e impresso por Andrés, não é mesmo?", eu olhei para o menino que ergueu os olhos por sobre as lentes dos óculos e me encarou.

"Foi. Achei a senhora na Internet, junto com o seu blog... Pesquisei a lista online de Santos, não foi difícil achar seu nome. Não tem muitos Grisam naquela cidade, a senhora bem sabe..."

"Você começou a agir estranho, brigou com o Renan na escola, começou a ficar mais e mais estranho, para que seu pai se visse obrigado a procurar ajuda de uma psicóloga. Casualmente seu pai encontrou o cartão próximo ao computador, porque você tinha deixado o cartão lá para que ele o encontrasse 'casualmente'."

"Bem que eu vi que ele veio com uma historinha bem esquisita pra começar aquela briga... Agora eu enten'o", Renan estava assombrado, olhando furioso para Andrés.

Duílio, ao lado de "sêo" Danilo, ouvia tudo em meio a

grande espantosidade, indignado por ter sido passado para trás daquele jeito por um menino de doze anos. Anderson, Guilherme e Bruno pareciam entender cada vez menos quanto mais entendiam. Olhavam para mim no auge do espanto. Mas dos três, Bruno era o que menos parecia se conformar com o modo pelo qual tinha passado a existir. Aquilo lançou uma sombra sobre os meus pensamentos, não estivessem eles já confusos o suficiente. Òim. Não era confuso somente para mim. Òão seres humanos, com seus sentimentos, sonhos, aspirações, medos. Como fui me meter numa dessas? Não seria, para meu consolo, um sonho dentro de outro sonho dentro de outro sonho dentro de outro sonho dentro de outro sonho, como nos contos de Jorge Luis Borges?

"Como você calculou o tempo para que seu pai telefonasse e marcasse a consulta é algo que só pode ser explicado pelo modo como o tempo passa num sonho. Mas você conseguiu uma sincronia perfeita, isso você realmente conseguiu naquele momento. Como quando estávamos com os touros no caminhão. Você os tratou para morrerem exatamente para morrer quando cruzássemos o limite de município naquele dia em fins de fevereiro?"

Andrés fungou, olhou para os outros antes de responder.

"A senhora mesma matou os touros. Eu fiz a senhora mesma matar os três porque eu convenci a senhora de que era de verdade. Era de verdade mesmo, mas ia levar uns 40 dias pra isso acontecer e a senhora, lógico, não ia ficar esperando ali 40 dias pra saber se isso era de verdade. A senhora tinha tanta certeza de que eles iam morrer que matou todos eles na hora que a gente passou do limite da cidade. A senhora era o Grande Um!"

"Que filho da puta!", Guilherme assobiou, admirado com a frieza do amigo. Isolado na parte mais alta das arquibancadas, Andrés riilhou os dentes nervosamente ao ouvir Guilherme. Adriano fez um movimento na direção do irmão mais velho de Renan, *"xinga a minha mãe de novo queu acabo com essa reunião e com a tua raça."* Eu segurei Adriano, enquanto Duílio já se preparava para intervir e enquanto "sêo" Danilo a um só tempo balançava a cabeça e olhava para o alto, e disse a ele que aquilo era força de expressão e que eles ficassem quietos. Pedi que limitassem suas falas a perguntas sobre o assunto e nada mais. Eu mesma resolvi intimidar o menino antes que os Conselheiros o jurassem de morte. O garoto se encolheu, apavorado com a repercussão de sua frase, murmurando um *"pode deixar"* assustado. Renan era só alegria, *"bem feito pra você, vive me enchendo o saco por causa das coisas que eu faço e falo..."*, Renan era muito

espontâneo todo o tempo e com certeza teria me feito rir, não estivesse eu tendo os dias mais difíceis de minha vida.

"Andrés não contava com o fato de que Adriano pudesse ver também coisas. Ele provavelmente achava que era o único que podia ver. Mas com o passar do tempo, percebeu que o irmão tinha suas visões também, não podia ver o Plano Mestre, mas tinha lá suas visões também. Tentou intimidar Adriano na Cachoeira dos Chifres quando isso ficou claro para ele. Quando ficou sabendo que o irmão contava histórias sobre o avô, o primeiro ponto sensível, já que Andrés era seu próprio avô. Um entre Aqueles Que Retornaram."

Andrés rilhou os dentes novamente, mas se manteve calado. Vejo os movimentos calmos e controlados de sua boca daqui, os dentes calma e friamente lixando uns aos outros. Tenho de ter todo cuidado com ele. Como se ele fosse feito de vidro. Ele tem todo o acúmulo do que eu criei, se é que eu criei. E se eu tivesse criado Andrés e ele tivesse criado a cidade? Não sei se faria muita diferença dentro daquilo que sei agora e do que estou a mercê. Mas decidi testá-lo assim mesmo.

"Andrés, quero que faça um juramento."

Ele se sobressaltou, como se adivinhasse o que vinha em seguida. *"Que juramento? Não..."*, tentou dizer, mas eu lembrei que ele não estava em posição de recusar o juramento. Ou será que estava? Quanto mais, se é Andrés quem conhece o Plano Mestre, ele tem a esconder? Teremos nós esvaziado seu oceano de infinitos segredos?

"Que juramento?", e ele deu de ombros, abatido e cansado do interrogatório.

Determinar que valor esses procedimentos do dia de hoje — que me lembraram remotamente a Inquisição Espanhola e me deram arrepios — podem ter em corações e mentes daqui de Taurinos era bem difícil. Até que ponto tenho de aderir a estes procedimentos medievais desta sociedade secreta? Secreta? Alguém disse secreta?

"Jure que vai dizer somente a verdade sobre o que vier a partir deste ponto."

Ele teve um acesso de riso nervoso.

"Quer dizer que tudo o que eu falei até agora pode ser mentira?"

"Iria ficar bem engraçado pra um cara que detesta ser chamado de mentiroso", eu disse provocando o

primeiro momento de descontração da reunião. Até Andrés acabou rindo.

"*Eu juro*", e ele nos mostrou as mãos vazias como se sinalizasse que nada mais tinha a esconder. Achei elegante esse gesto, um dos mais interessantes que o vi fazer, pela espontaneidade absoluta que me passou.

"*Como foi que aconteceu? Você criou a cidade?*", eu estava preparada para a pergunta, o que não significava que eu estava preparada para a resposta. Mas ela viria, disso eu tinha certeza. E veio.

"*Que diferença isso faz?*", e ele tinha uma expressão estranhamente curiosa em saber de fato a resposta. Não parecia uma mera pergunta retórica.

"*Eu realmente não vejo muita diferença no atual curso das coisas. Mas eu quero saber assim mesmo.*"

"*Pois eu lhe digo que eu tenho o Plano Mestre na cabeça desde que eu passei a existir e não tem isso de ter criado Taurinos. Ela passou a existir assim como eu passei a existir. A semente de tudo é o Plano Mestre e ele foi a primeira coisa que existiu, na sua cabeça, depois eu passei a existir e o Plano Mestre e a minha cabeça eram a mesma coisa dentro da sua cabeça e foi assim que tudo veio a existir. Taurinos existe fora de mim do mesmo jeito que existe dentro*

de mim. Eu sei tudo o que se passa na cidade, e o que se passou eu sei também. Eu só não posso ver pra frente. Nem enxergo sem meus óculos. Será que isso é simbólico?"

Houve uma grande pausa. Ó se ouviam as respirações pesadas de todos nós no silêncio da catacumba. Os exaustores eram estranhamente silenciosos, mas cumpriam seu papel.

"*Acho que Andrés estava lutando pela cidade. Por ele também, mas pela cidade de Taurinos*", disse Anderson, em desagravo ao amigo.

"*Porra nenhuma! Ele manipulou todo mundo! Escondeu tudo da gente, que somos o povo dele! Esse cara tem que morrer, só!*", Renan olhava para o alto da arquibancada e pela primeira vez, eu vi o ódio nos olhos dele. Nem no dia de ontem, quando se pegaram daquele modo, vi um olhar como aquele. Um olhar calmo e profundo de ódio que gelava o sangue de qualquer um nas veias, "*eu disse que ia te destruir e agora tá!*"

"*Me destrói*", Andrés rangia os dentes calmamente e tão calmamente como rangia os dentes, dizia, "*e você se destrói junto comigo.*"

"*Isso é verdade, D. Etella?*", Renan agora parecia

alarmado.

"Acho que sim, Renan."

"Eu sei da conversa que você teve com D. Stella em que você disse que ia me destruir. Mas se for esperto, não vai tentar, só. Nem a D. Stella, que foi a origem de tudo, tem o Plano Mestre na cabeça. Eu tenho."

Difícil será esquecer o ar de desolação de Renan ao ouvir isso. Eu também estava desolada. Gostava de Andrés, desejava paz e temperança a ele, mas era espantosamente complicado que a base de toda essa cidade estivesse em poder dele e de mais ninguém.

"É claro que a D. Stella pode voltar para onde o corpo dela está e acabar com tudo isso, como disse o "sêo" Danilo. Não posso nem quero mais impedir. Eu jogo a toalha. D. Stella, vou lhe dizer uma coisa: volte para a sua vida normal em Santos. Só tenha a certeza de que a senhora está destruindo uma comunidade inteira. Queria ver como ia encostar a cabeça no travesseiro toda noite sem lembrar que a senhora nos destruiu. Não pedimos pra isso acontecer. Nem a senhora sabe como aconteceu, mas aconteceu. Lembre-se de que nós queremos viver. Lembre que quanto mais viva a senhora estiver, mais mortos nós estaremos. Quanto mais morta a senhora estiver, mais vivos nós estaremos. E se a senhora quiser se

desprender do seu corpo, vai vir morar com a gente pra sempre. E ninguém mais vai morrer, e até aqueles que morreram enquanto a senhora já estava na cidade vão voltar. É essa é a Imortalidade que "sêo" Danilo falou ontem."

"Ninguém mais vai envelhecer? É isso que quer dizer?", perguntei, para me certificar de que era disso que ele estava falando.

"É isso que eu quero dizer."

"Isso quer dizer que eu vou ter quatorze anos pra sempre?", perguntou Anderson, calmamente.

Andrés girou o pescoço até encontrar os olhos do amigo.

"Isso más", ele disse simplesmente.

Uma nova pausa, essa mais pesada que as outras, até que eu quebrei o encanto do silêncio, *"era essa a Imortalidade prometida, "sêo" Danilo? A estagnação?"*, perguntei, sem disfarçar uma lágrima que começou a rolar pelo meu rosto.

"Parece que é isso más, "sá" Stella...", "sêo" Danilo tinha o ar compungido. Eu me virei para os outros, pasmada.

"Essa é a vida que vocês querem viver? Uma vida de estagnação? De mesma coisa?"

Eu olhava para todos os presentes, sem acreditar. Não se ouvia som além de minha voz. Eu não queria acreditar no que estava ouvindo. Que Andrés tivesse feito tudo isso, que me esperasse desde o alvorecer da humanidade para tornar suas vidas um lago estagnado? Uma poça de água parada?

"É melhor que não existir", disse Renan timidamente, olhando para todos, com medo de ser repreendido.

"Renan é o único aqui com língua? Ou ele fala por todos vocês?"

"Ele fala por todos nós, pode ter certeza, D. Stella", disse a voz do alto da arquibancada.

"Mas não fala por mim", disse Bruno de repente, atraindo os olhares de todos, *"eu não sei se quero viver assim. Eu não sei se isso é vida. Vou esperar D. Stella chegar à decisão dela e dependendo do que for, eu vou tomar a minha."*

"O que você quer dizer com isso, só?", Adriano estava tão aturdido quanto eu. Olhou para Bruno, para os outros, para mim. Nós pressentimos a mesma coisa, mas não havia muito a se fazer naquele momento. Ele

só faria seu movimento se eu fizesse o meu, então teríamos tempo para agir. Os outros não pareciam entender o que se passava com Bruno, exceto por mim, Adriano e por seu irmão mais novo, o Grão Mestre de toda essa confusão. Eu mudei radicalmente o assunto, sem saber como continuar com aquilo. E porque eu tinha algo a esclarecer a mim mesma.

"E sobre a cerimônia? Era por isso que vocês podiam fazer coisas que seriam fisicamente impossíveis na arena?"

"Era por isso que nós — a senhora incluída — podíamos fazer coisas que seriam fisicamente impossíveis na arena.", Andrés explicou, rindo.

Minha visão se toldou. Lancei o olhar para a arena e caminhei até lá enquanto os presentes me olhavam como se eu tivesse acabado de descer de um disco voador. Abrindo a pequena porteira, entrei na arena pela primeira vez desde a cerimônia. E uma enxurrada de recordações daquela noite me invadiu. Vi o touro que tinha matado Arthur. Eu o vi vir para cima de mim e tudo que aconteceu comigo naquela arena veio num único jato, torrente sem controle, sem lei nem ordem. Vi o horrível processo de descarnamento do animal feito por mim mesma, tudo o que me havia horripilado e aturdido nos outros naquela noite eu fiz pior. Uma visão toldada do sangue

do animal agonizante, cujos mugidos cortavam o coração. A voz de todos os touros do mundo, os de dentro do caminhão, um mugido infinito e infernal que assolou minha cabeça e ensurdeceu meus ouvidos.

Abri os olhos. Havia muito mais claridade através dos meus olhos fechados do que o ambiente do Mithraeum fazia supor. Não estava mais no Mithraeum. Estava na fazenda Taurinos em minha cama. Aparecida me olhava com expressão entre aturdida e pesarosa. Ela tinha feito chá, que deixou sobre o criado-mudo enquanto ajudava a me levantar, *"olhe, beba esse chá de melissa e camomila que lhe fiz, vai se sentir melhor, eu garanto."*

"Quer me sedar, Aparecida?", eu procurei sorrir descontraída e ela sorriu também, sem afetação.

Lá fora, o som do rádio do carro de alguém. Pergunto quem é e Aparecida me explica que é um dos moradores da cidade. Acampados ali, não sairiam enquanto eu não chegasse à Grande Decisão. A música eu conhecia, uma música bela e sugestiva direto dos primórdios do Depeche Mode:

"A semana de trabalho chega ao fim, a hora da festa está aqui de novo. Todo mundo pode vir se quiser. Ee

você quiser estar comigo, se você quiser estar comigo. Você pode vir comigo se quiser. Exercite o seu direito básico: nós poderíamos construir um edifício. Dos tijolos da vergonha é construída a esperança. Ee você quiser estar comigo. Mesmo que você possa ainda não querer. Deixe o amanhã e o dia de hoje trazerem uma vida de êxtase. Deixe-os secarem suas lágrimas de confusão. Ee você quiser estar comigo, você pode vir comigo se quiser Muito embora, no fim das contas, você possa não querer..." Ee Você Quiser, escrita por Depeche Mode em *Some Great Reward*, 1984, Mute Records.



Terça-feira, 21 de abril de 2009

Tiradentes

Acordei para o dia com uma salva de rojões lá fora. Antes que eu perguntasse o que acontecia, movi o mouse do laptop que tinha esquecido ligado aqui desde ontem antes da reunião no Mithraeum. Olhei a data instintivamente e não demorou para que recordasse o motivo dos fogos: hoje é dia de Tiradentes. Tinha de me lembrar de que estava em Minas Gerais. Não tive tempo de sorrir; com tudo o que tem sido os últimos dias, toda a torrente de acontecimentos que vieram de um só golpe, não tenho mais nada na cabeça a não ser toda a loucura de viver em Taurinos.

Batidas na porta. Eu disse que entrassem. Andrés entrou, resabiado, o ar típico de quem não sabe como será recebido. Ele ficou espantado em ver que nada do que descobri tinha mudado o modo como eu o via. Ele ficou me olhando um tempão, provavelmente sem saber o que me dizer.

"A senhora nunca vai me perdoar, né?"

"Eu perdoaria você... Se houvesse alguma coisa a ser perdoada eu perdoaria você, sim."

Ele mostrou incontáveis expressões faciais ao ouvir isso. Como o que me aconteceu ontem no Mithraeum, ele estava preparado para fazer a pergunta, mas não

para ouvir a resposta.

"Eu estaria mentindo se dissesse que estou feliz com o que você fez", me apressei em acrescentar, "mas acho que eu teria feito o mesmo, se estivesse em seu lugar. Não sei nem mesmo se deveria lhe dizer isso. Nunca confiei em você, desde o início, mas jamais confiei em nenhum de meus pacientes de qualquer maneira."

"Quer dizer que não está zangada comigo?"

"Não, não estou. Mas isso não quer dizer que eu vá necessariamente ficar para sempre em Taurinos. Temos mais coisas para conversar hoje no Mithraeum, antes que eu vá para Santos. Não sei se tenho elementos suficientes para tomar uma decisão tão importante."

Ele parecia um balão esvaziando. Por uns instantes, tive pena dele. Passei tanto tempo sentindo pena de tantos aspectos em meus pacientes que chegava a me esquecer de mim mesma no torvelinho. Mas a decisão seria final. Não haveria como voltar atrás. Como eu poderia ser menos cuidadosa quando tinha que tomar uma decisão dessas?

"Outra reunião no Mithraeum hoje? Mas é feriado nacional hoje, Dia de Tiradentes, lembra?", Andrés mal

conseguia disfarçar sua má-vontade em participar do encontro. Achei a argumentação dele absurda e decidi responder àquilo com outro absurdo.

"Tiradentes, ao contrário de seus amigos revolucionários mais ricos, não era maçom, sabia? Não pertencendo a uma sociedade secreta como a Maçonaria, não há motivo para nós deixarmos de fazer a reunião em homenagem a ele."

Ele franziu a testa e me olhou comprido.

"Não entendo que sentido isso faz."

"Bom, faz tanto sentido quanto dizer que nós vamos deixar de discutir hoje o meu futuro e o de Taurinos porque hoje é um maldito feriado nacional", eu concluí, fazendo Andrés mudar de assunto bem rápido.

"O que aconteceu com a senhora no Mithraeum ontem?"

"Não foi você quem disse que podia ver o presente e as coisas que se passaram também? Eu tinha entendido que não era possível esconder eventos presentes de você."

Vi que ele se sentiu desafiado. Descreveu o que eu tinha visto e me intrigou dizendo que tinha visto coisas ontem como as que viu no dia da cerimônia e

ver o que os demais não podiam. Perguntei se eram as cenas da minha lida com o touro. Ele disse que isso todos puderam ver e mencionou coisas espantosas que viu com Adriano e Renan em mim ontem e no dia da cerimônia. Pedi que ele descrevesse essas coisas. Ele disse, em tom sincero que ele não conseguia descrever o que tinha visto porque era jovem demais e não tinha vocabulário para isso. Disse que talvez nem todo o vocabulário existente fosse suficiente para descrever o que viram. Fiquei atônita com o que ele disse, mas aparentemente não havia como cobrar mais explicações. O que teriam os três visto de tão extraordinário?

No Mithraeum, Renan era só alegria quando contei que o que tinha acontecido ontem foi a recordação de toda aquela nojeira que eu fiz na arena na noite da cerimônia. Ele disse que viu que eu estava recordando tudo. Bruno disse que sabia o que estava acontecendo, Anderson, Guilherme e "sêo" Danilo também. Duílio, que não tinha estado na cerimônia, só conseguia tentar entender o que se tratava na conversa.

"Vocês sabiam", atalhou Renan, "mas eu "vi" que ela estava se lembrando. "Vi" as coisas que eu "vi" naquela noite, tudo de novo."

Olhei para Andrés no alto da arquibancada e ele

simplesmente me respondeu afirmativamente com a cabeça.

"Eu "vi" também", ajuntou Adriano.

"Todos nós vimos o que aconteceu na cerimônia, Renan", esclareceu Bruno alternando um olhar curioso entre Renan e Adriano, *"a lida e tudo o que ela..."*

"Eu não estou falando da lida, cara", cortou Renan, *"mas o que eu "vi" na D. Stella durante a lida."*

Me apressei em perguntar a ele. Ver se ele conseguiria por aquilo em palavras melhor que Andrés.

"O que foi que "viu"? Hoje de manhã, Andrés me falou que..."

"Era a presença de um amigo. Eu nunca senti um negócio assim."

Andrés e o irmão mais velho se ergueram da arquibancada, olhos do tamanho de xícaras de chá.

"Era isso que eu estava tentando lhe explicar hoje de manhã", falou Andrés, assombrado.

"Era isso o que você disse não existir um vocabulário para explicar? A presença de um amigo?"

"Do modo como eu senti, não havia mesmo nada pra explicar", ele se defendeu, meio entre o aborrecido e o constrangido.

"Foi uma coisa bem assim que eu "vi" também", acrescentou Adriano.

"Eu também não consegui pensar em nada naquela hora. Depois, pensando bem eu vi que eu estava sentindo a presença de um amigo. Era a única coisa que eu conseguia entender", ajudou Renan. Ele olhou constrangido na direção de Andrés, como se compartilhar algo com ele — ainda que um sentimento ou uma visão — fosse uma coisa suja.

Duílio olhava para "sêo" Danilo em busca de uma orientação. "Êêo" Danilo apenas sinalizou que ele esperasse e ouvisse. Anderson, Bruno e Guilherme não pareciam ter perdido o fio da meada, mas também pareciam confusos com coisas aqui e ali. Quem não ficaria?

"Renan", eu disse de repente, *"quero que faça o mesmo juramento que Andrés fez ontem."*

Andrés teve um acesso de riso que me lembrou das

melhores interrupções do próprio Renan. Este olhou para cima com raiva e depois me encarou, *"por que é que eu tenho de jurar a mesma coisa que esse pulha aí em cima? É ele quem está sendo julgado aqui, não eu!"*

"Nem você nem Andrés estão sendo julgados, Renan."

"Como não? Ele escondeu tudo, sabia de tudo o tempo todo... Aposto que até sabia que o Arthur ia morrer!"

Andrés se ergueu indignado.

"É mentira! Mentira! Que coisa infame de se dizer, seu merdinha! Eu não podia ver pra frente, Arthur podia. Sonho, o caralho, mas ele podia ver pra frente e eu não podia!"

Andrés descompensava. Disse a eles que se acalmassem. Disse a eles que eles eram todos exatamente do jeito que eu tinha sonhado. Renan ficou tremendo de ódio ao ouvir eu repetir suas próprias palavras.

"E a senhora ainda defende ele, D. Stella!", a criança tremia de raiva, ofegante, descontrolada.

"Defendo sim. Porque eu sou a única pessoa nesta cidade com opções. Vocês não tem alternativa a não

ser seguir a desgraça do Plano Mestre. A tua raiva, a tua birra com o Andrés está na merda do Plano Mestre. Ele não pode modificar nada, porque ele não criou nada. Eu não posso alterar nada, porque não sei como eu o criei. Quanto mais cedo vocês entenderem isso, mas fácil será para chegarmos a algum lugar."

Renan se sentou devagar, em silêncio; uma lágrima brilhando nos olhos de raiva que agora não tirava de mim. Uma pequena bomba-relógio sempre prestes a detonar.

"Quanto mais se tem conhecimento, mais aumentam o prazer e a dor. O prazer por saber mais e a dor pelo mesmo motivo. Estou defendendo Andrés porque saber que se tem que fazer uma coisa porque ela simplesmente está no Plano Mestre e saber que não pode se desviar dele um milímetro é cruel. Nós não podemos condenar Andrés nem à morte e muito menos ao inferno, porque ele já está vivendo dentro dele."

Duílio levantou-se apavorado. Provavelmente tinha sido este um duro golpe para sua formação mitraísta-cristã.

"Que é isso, D. Stella? Meu filho..."

"Seu filho está no inferno, Duílio. Aceite isso e o ajude,

ajude muito, porque ele precisa imensamente de você. Ele está no inferno desde a fundação da cidade e jamais vai sair desse inferno. Peça a ele e ele será seu guia por dentro desse labirinto complicado que é o próprio inferno dele. Cada passo que se dá em Taurinos é o inferno dele que percorremos. Cada palavra que se diz em Taurinos é dita dentro desse mesmo inferno. É esse inferno amargo que ele carrega dentro dele mesmo, a própria cidade e o peso dos milênios da fundação, é esse inferno que ele quer preservar congelado por toda a eternidade com todos nós dentro. Retorna desde o início da humanidade a este mesmo inferno, sempre, sempre, sempre. E quer saber o que mais me dói? Ele nunca fez nada, nada que eu mesma não faria!"

Silêncio que se seguiu, soturno e pesado como nenhum outro tinha sido. Duílio tinha o rosto encharcado. Se eu pretendia auferir a atenção de corações e mentes dentro dessa catacumba, o silêncio e depois os soluços me mostraram que eu estava no caminho certo para o sucesso.

"Eê" Danilo era um dos poucos mais contidos. Mas nem mesmo o velho e contemplativo sertanejo conseguia conter as emoções nesse momento, apenas as manifestava discretamente. Andrés me olhava paralisado e era um olhar gelado, opaco, onde o brilho vinha somente de suas próprias lágrimas. Acho que esse olhar, desse momento no tempo em particular

irá me perseguir por toda a vida, seja qual for a decisão que eu tomar. Duílio o trouxe para baixo e ele se agarrou ao pai, diante dos olhares desconcertados de todos.

"Ignorância é felicidade", eu continuei, aproveitando o momento para tentar colocar algum senso naquelas cabeças duras dos mineiros daqui, "mas conhecimento é muito mais que isso. No momento em que Adriano me contou como eu sai de minha casa em fevereiro, eu vi o Plano Mestre de que Andrés tanto falou. Eu vi Andrés vindo em sucessivas gerações para essa cidade, apenas esperando o dia do Advento, apenas esperando o dia do Advento; vi tudo como se fosse uma janela se abrindo em minha cabeça. Todos sabem que ele é um entre Aqueles Que Retornaram. O que não sabem é quantas vezes ele já retornou. O que não sabem é que não há nada disso de Aqueles Que Retornaram. O que realmente existe é Aquele Que Retornou. O comportamento dele foi tão recorrente ao retornar aqui vida após vida que alterou as próprias leis da Sociedade, o próprio Livro das Origens, o próprio tudo. Ele tem que retornar a Taurinos, porque ele é Taurinos. Como as cerimônias podem ter funcionado dentro das regras do Livro das Origens eu não sei, porque já não sei se o livro tem qualquer razão. Se qualquer coisa parecida com regras lógicas governa aquele processo de expulsão do Grande Um. Se o processo é necessário de

qualquer modo."

Me calei, por um tempão. Esperei que um deles dissesse algo, o silêncio deles me torturava de uma maneira que silêncio algum, vindo de qualquer pessoa tinha me torturado antes. Não houve um único som; todos estavam sentados, arrasados por uma realidade que ficava mais pesada e difícil de sustentar a cada minuto. Nem mesmo os soluços se ouviam mais. O silêncio era ensurdecedor; muito mais do que eu mesma poderia suportar.

"Agora eu entendo o que Renan, Andrés e Adriano viram em mim na noite da cerimônia. Por isso eu não me lembrava do que eu havia feito na arena."

"A cerimônia não funcionou porque a senhora não se lembrava do que tinha feito na arena?", atalhou Guilherme, ansioso, a primeira voz humana além da minha naquele silêncio mortal. Os outros olharam para ele como se acordassem de um sono de décadas.

"Não. A cerimônia provavelmente não teve o efeito desejado porque havia oito pessoas no Mithraeum, e eu digo provavelmente porque nada parece ser definitivo ou certo nesta cidade. Como eu disse, tudo foi alterado. Nada bate com os retornos do Andrés nas regras da cerimônia, por exemplo."

"Arthur... Pelo grande Mitra! Creio em Deus Padre!", tornou Guilherme, estupefato.

"A presença de um amigo. Era Arthur, fazendo o que ele tinha designado para fazer. Mesmo morto, ele não abandonou a cidade no momento em que ela mais precisava dele. Porque era ele fazendo tudo o que vocês viram. Ele sabia que eu não conseguiria fazer aquilo com o animal. Ele foi lá e fez. Quando o touro pisou em mim, pareceu haver uma dor física. Não havia nada. Me ergui e a partir desse momento, não lembrava de mais nada. Acho que a partir desse momento, Arthur assumiu o resto do encargo e reduziu o touro a pedacinhos..."

"Vingança, afinal! Foi ruim a cerimônia não ter funcionado, mas fico feliz de saber que foi ele que fez isso no fim das contas. Grande, grande Arthur!", berrou Renan, sacudindo a pasmaceira da torcida aos 44 minutos do segundo tempo.

A notícia, tirada do fundo de tudo o que vi no Plano Mestre, devolveu a eles um ânimo que eu não mais julgava possível. Eu sorri para eles e eles pareciam ainda sérios (face a tudo o que estavam aprendendo), mas era evidente que um sopro de vida fora instilado neles pela revelação. Tenho agora uma clareza de pensamento que antes não acreditaria desenvolver. Adriano tinha sido a peça que faltava para que eu

visse o Plano Mestre em toda a sua majestosa plenitude. Cada pingo para mim era agora a mensagem inteira. Cada coisa que me era informada abria um campo totalmente novo e incrivelmente preciso e acurado para mim.

"Você sabia do que se tratava, não, Andrés? Todo o tempo. Mas não achou palavras para descrever."

"A senhora pode ver tudo agora, D. Stella. Não demora, nem sei se vai precisar mais de mim."

"Todo mundo aqui precisa de você, Andrés. Até o Renan."

Renan me lançou um olhar nervoso de raiva, mas acabou rindo. O riso não parecia riso nervoso. Todos riram, menos Duílio e Andrés. Eles tinham um olhar grave que não se acabava.

"Renan", eu disse querendo esclarecer mais uma última coisa, "porque apareceu nos meus sonhos? Sonhou comigo?"

Ele olhou para Andrés e para Anderson antes de responder.

"Eu queria saber porque a senhora era tão especial e comecei a sondar a senhora nos sonhos. Quando eu vi

que Anderson e Andrés estavam "espiando", parei. Não tinha muita energia no sonho, não ficava muito na minha forma redonda normal, mas dava para ir e ver com o que a senhora estava sonhando. Então, a única idéia que eu tive foi que eu tinha que lhe proteger. Se o Adriano não falasse aquilo, eu nunca ia saber porque eu achava isso, achava porque achava e só."

"Quem eram os caras que você matou?"

"Logo quando a senhora chegou na cidade?"

Minha visão se toldou. Os forasteiros mortos logo quando cheguei. Os Conselheiros saindo à noite para enterrar os mortos. Renan criando cachorros e tornando desnecessário o enterro dos corpos.

"Não acredito que tenha sido você, moleque" eu tinha o queixo caído, "quantos eram?"

Renan ficou pensando um pouco, provavelmente menos pela conta que fazia do que pelo receio de me chocar mais uma vez.

"Cinco", ele disse, dando de ombros.

Aturdida, procurei forças para continuar o questionamento, *"e os outros dois?"*

"Eram forasteiros, de sua cidade, e estavam atrás da senhora. O segundo foi aquele de quem lhe falei, que fez mal pra uma amiga nossa aqui da cidade", e uma sombra passou pelo rosto dele ao lembrar.

De repente me lembro de que não vi a cara de nenhum dos homens. Um, por ter me pegado por trás e sido rapidamente desfigurado pelos cães do Renan e do Guilherme. O outro por eu estar longe, ter visto o homem de costas e quando o vi mais de perto com Andrés, sentado morto no banco da praça como um pedaço de merda, estilete ainda cravado na barriga, ele ter a cabeça curvada. A descrição de Renan dos dois rostos não ajudou. De onde estava, via Anderson, o mesmo olhar perturbado que vi naquele dia em que lhe contei a história dos dois homens. E resolvi mudar de assunto, eu também ainda um pouco perturbada com toda aquela nojeira.

Eu perguntei a eles se tinham mais alguma coisa a dizer ou a perguntar e aquele silêncio medonho se fez ouvir de novo. Eu disse que amanhã estaríamos indo para Santos. Disse a Andrés que viesse conosco. Ele disse que teria de vir forçosamente, que a presença dele lá era importante e depois de cinco minutos de conversa, estávamos acordados sobre quem iria. Não aguentando mais aquele silêncio infernal dentro da catacumba, pedi aos homens que me deixassem ver

de novo a luz do dia.



Quarta-feira, 22 de abril de 2009

Mais longos que a vida

Eram quase dez da noite quando entramos no carro. Eu tinha passado o dia relutando, me parece. Procurando desesperada algo que não me obrigasse a ir, fugindo daquilo que eu tinha que encarar, foi o que me pareceu, enquanto a cidade me olhava sem entender.

Não demorou muito, estávamos em Santos. As luzes típicas da entrada da cidade, a noção de tempo traída pela perspectiva do mundo paralelo que eu havia criado.

"Por que a viagem demorou tão pouco dessa vez ou por que é isso que me parece?"

"Sua viagem para Taurinos durou o mesmo que essa. A senhora só não tinha "visto" as coisas ainda", explicou Andrés calmamente, sentado a meu lado no banco de trás do carro. Duílio e "sêo" Danilo seguiam quietos dentro da escuridão da noite que reinava no carro.

Tirei meu mp3 do bolso e o coloquei baixo para ouvir música e poder responder, se perguntada. Música suave dentro da noite, céu amarelo e sem estrelas da minha cidade natal, o carro em velocidade constante pela entrada da cidade. Túnel para a avenida

Waldemar Leão e finalmente, a Santa Casa de Santos.

"Nós esperamos no carro. Se a senhora não retornar, saberemos que estamos próximos de desaparecer", disse Duílio assim que desligou o motor.

"Eu não posso fazer isso sem vocês", eu gelava, olhando para eles.

"A senhora vai encontrar força, "sá" Stella", prometeu "sêo" Danilo.

Duílio me disse que não queria ir porque não achava que seria justo para com eles ir até o meu corpo, e, eu decidindo voltar à minha vida, assistir o meu despertar e a desintegração de seu mundo. Achei que ele estava certo. Eu não tinha o direito de pedir isso a ele. Andrés teria de ir comigo **de qualquer maneira.** Sem ele, eu não saberia como fazer para voltar para Taurinos, se decidisse voltar. A ele, como iniciador de tudo, cabia a parte mais cruel da missão: ser o primeiro a ver tudo se desintegrar, caso eu decidisse voltar à minha vida comum e corrente em Santos.

Seguimos pelos corredores que na descrição de Adriano eram mais longos que a vida e orientados por Andrés, chegamos à área da UTI. Uma porta grande de correr nos separava do momento.

Andrés correu a porta para abrir e vimos o interior. Uns quatro pacientes.

Eu era a quinta.

Impossível descrever o que senti no momento em que me vi ligada a todos aqueles aparelhos que me monitoravam e me mantinham "viva". Ó posso descrever o efeito da música suave e agressiva de Lupicínio Rodrigues tocando no meu mp3 no momento em que entramos.

"Por meus olhos, por meus sonhos; por meu sangue, tudo enfim, é que eu peço a esses moços, que acreditem em mim. E eles julgam que a um lindo futuro só o amor nesta vida conduz, saibam que deixam o céu por ser escuro e vão ao inferno a procura de luz..." Esses Moços, escrita por Lupicínio Rodrigues em Felicidade, 1995, Revivendo.

Andrés parou, a certa distância da cama, como que amedrontado. Eu estava ainda mais do que ele, mas o chamei resoluta. Parei diante do meu corpo inerte na cama. Não me lembrava de ter estado tão próxima de mim mesma nem mesmo quando estava dentro dele. Comecei a chorar baixinho.

"E a senhora resolver que tem de voltar à sua vida

normal, não diga isso olhando para mim. Renan diz que nunca matou ninguém olhando nos olhos dele. Porque o olhar da pessoa o perseguiria por toda a eternidade. Não acho que a senhora vai querer que isso aconteça."

Dizer isso era tão cruel quanto eu o ter trazido comigo para se ver sendo apagado de minha vida caso eu resolvesse ficar em meu corpo. Cada um nós, penso eu agora, é cruel do jeito que pode.

Andrés estava cada vez mais nervoso. Seus olhos me encaravam com sede de uma resolução final; morte e não-existência seriam para ele menos dolorosos que a espera infernal. Senti pena do menino e isso me fez chorar ainda mais. Ele me segurou pelo braço, *"olha, agora é o momento de decidir; faça o que achar melhor. Não me importo mais. Lutei o que tinha de lutar, fiz tudo o que era possível e até o que era impossível eu consegui fazer também. Mas eu sempre soube que no final a decisão ia ser sua. Agora por favor, não me faça esperar mais. Pelo amor de Mitra, não me faz sofrer mais que isso."*

Ele tinha uma lágrima nos olhos ainda não recuperados da reunião de ontem. Ele estava certo. Eu tinha o direito de decidir mas o não o de fazer o garoto sofrer. Mas eu tinha ainda uma última pergunta a fazer a ele antes de me decidir.

"Ee Adriano..."

"Eu tinha deixado a senhora neste hospital até a senhora morrer. Só faltava o corpo ir", ele respondeu friamente, sem pestanejar.

Tamanha sinceridade exigia de mim um reexame de tudo. De tudo o que vi, vivi, pensei na cidade de Taurinos, tanto da minha vida em pouco mais de três meses, rostos, idéias, nem todas elas boas, nem todas elas ruins. A frieza de Andrés deu lugar a um gesto que não me surpreenderia semanas atrás, mas surpreendeu hoje: ele se ajoelhou diante de mim, agarrado às minhas pernas, enquanto eu ainda olhava pensativa para o corpo tão familiar, de todos os dias que tive, dos lugares que visitei, das experiências que tive, nem todas elas boas, nem todas elas ruins. Dessa vez, não era mais como o gesto desesperado e teatral de outras vezes. Dessa vez, era apenas desesperado.

"Vem com a gente. Eu te imploro."

"Levanta, moleque."

Ele se levantou devagar, me olhou nos olhos. Depois que a frieza caiu, só tinha sobrado o desalento.

"Você tem idéia do que vai acontecer se eu voltar? É

um paraíso, mas é inferno assim mesmo?"

"Eu quero viver..."

"Mesmo que seja assim?"

"É melhor que não existir", disse ele, parecendo Renan ao falar.

Eu não queria passar mais nem um minuto naquele quarto. A atmosfera de morte e sofrimento do lugar me esgotavam. Perguntei a ele o que fazer. Ele sorriu de orelha a orelha, ainda entre lágrimas, disse que só tínhamos de voltar ao carro e partir. Eu não poderia olhar para trás em hipótese alguma agora, ou ficaríamos a noite inteira retornando ao mesmo quarto. Segui Andrés pelos infinitos corredores e saguões da Santa Casa de Santos e ansiosamente perguntava a ele quando iria acontecer.

"No carro, durante a viagem de volta. Não olhe para trás", ele respondeu sem voltar os olhos para mim, olhando apenas para a frente. Entendi a gravidade da simbologia dele e o segui sem olhar nem mesmo para os lados.

Lá fora, Duílio já parecia se preparar para ir atrás de nós. Quando me viu retornando com o filho, abriu um sorriso estelar, que nunca tinha visto em sua face.

"Êô" Danilo sorria também, contido, mas feliz em rever uma velha amiga. Lembrei de Meire, que nunca mais veria. De meu marido Paulo, que havia muito eu tinha desistido de esperar ou procurar.

"Eu espero não ter feito a escolha errada", eu disse timidamente, começando a sentir a aproximação de sensações que jamais tive em toda a minha vida. Eles me deram dois cobertores, Andrés se sentou, colocou um travesseiro no colo e disse que eu deitasse e pousasse a cabeça sobre o travesseiro. Eu me recusei, recusei os cobertores e ele me disse que eu iria precisar. Recusei novamente, eu queria estar consciente, mas "sêo" Danilo foi enfático ao me aconselhar a guardar cada palavra do que Andrés dizia até que chegássemos a Taurinos, *"ele agora é o seu único guia de volta à cidade"*. Receosa e sentindo a sensação de abandono cada vez mais forte, me deitei no espaçoso banco de trás e apoiei a cabeça no travesseiro no colo dele. Olhei os olhos de Andrés, meio virados dos pontos de vista onde estávamos, e pela primeira vez, em meio à sensação estranha que começava suavemente a me dominar, senti algo por ele que nunca tinha conseguido sentir. Confiança. Naquele momento, e talvez apenas naquele momento em particular no tempo, eu confiava nele. Como não confiei nem mesmo em meus pais. Isso me divertiu, me maravilhou saber que o mesmo ser que me trouxe ao lugar que criei fosse o mesmo a me levar embora de minha vida; me pareceu satírico, grotesco,

Meu mp3 ainda tocava aleatoriamente nos ouvidos, pilha que nunca iria se acabar. Como sempre, eu "via" a situação nos versos da canção:

"Causei um desabamento em meu ego. Olhei, de fora, para o mundo que deixei para trás. Estou sonhando, você está acordado. E se eu estivesse dormindo, o que estaria em risco? Um dia sem mim. Não importa os sentimentos, eu continuo sentindo. Quais são os sentimentos que você deixou pra trás? Um dia sem mim. Causei um desabamento em meu ego. Olhei, de fora, para o mundo que deixei para trás. No mundo que eu deixei pra trás. Enxugo seus olhos e deixo partir. No mundo que deixei para trás. Derramei uma lágrima e deixei o amor partir." Um Dia Sem Mim, escrita por U2 em Boy, 1980, Island Records.

Um frio imenso me envolveu, gelado como o mais frio porão frigorífico. E um mar de recordações, como flashes de um grande, imenso filme que foi a minha vida inteira me invadiu, como tanta gente disse que iria acontecer. Vi a infância passada sob os chapéus-de-sapo em Santos, tudo o que fiz, pessoas que conheci, meu marido, meus amigos da faculdade de Psicologia, minha melhor amiga Meire, Dr. Romeu Arruda, que me iniciou na prática da psicologia em 1994, tudo passando por mim em velocidade que eu

não poderia controlar mesmo que quisesse. Incrível eu ainda conseguir prestar atenção as canções que iam tocando aleatoriamente:

"Sempre estarei com você: às vezes negro, às vezes branco. O ar vai te sustentar se você tentar. Confie em minhas asas do desejo. Tudo o que tens a fazer é dar um passo gigante, um passo mais para o alto. E não precisa se assustar, sempre estás em minha mente." Anjos Aterrissando, escrita por Salt Tank em Wave Breaks, 2009, 4 Real Communications..

A sensação de abandono dava medo, os céus e a terra se movendo, isso eu podia ver claramente sem ter de me sentar. Até que tudo se dissolveu no vazio. Cega de tanto brilho, eu não conseguia mais ver o que eu tinha em minha volta, um brilho que queimou minhas retinas ou pelo menos era a sensação que eu sentia naquele momento. Fechei os olhos. A sensação passou. Minhas retinas pareciam intactas. Abri os olhos e vi Andrés com uma clareza extrema, olhando divertido para mim, o sorrisinho maroto do mineiro do interior brincando no rosto de um menino de doze anos.

"Já passamos de Varginha e do limite de município. A senhora pode se sentar agora, se quiser. Aconselho a olhar. Dá uma tonturinha, mas logo a senhora se

acostuma. É aqui que nós vivemos, D. Stella. Bem-vinda ao Nosso Lar", e Andrés apontou para baixo.

E eu finalmente confirmei porque Taurinos ficava a 200 km de Varginha. Os 200 km eram percorridos para cima. Como eu já tinha dito antes, não existe montanha no mundo com mais de quinze quilômetros de altura. A não ser aquela onde encontramos essa cidade mineira que não está e nem poderia estar no mapa.

E eu vi a vista magnífica das cidades em redor, que mais bonita ainda ia ficando, conforme o carro ia subindo o espiralado da estrada 200 km para cima. Como num sonho, indo de carro para o céu, como a visão de paraíso que nos tem sido inculcada desde Dante Alighieri, um paraíso com um sabor amargo de inferno, mas um lugar infinitamente belo de se contemplar.

"Eu já estou morta?", foi só o que consegui perguntar, espantada com a visão lá fora.

"Praquele mundo está", e Andrés sorriu. Os dois adultos seguiam tranquilos na frente.

Meu mp3 continuava ali, firme, até que o desligasse. Num aleatório sem fim, agora tocava músicas que eu nem tinha puxado para ele:

“O mundo anda sem guia, making of da desgraça; road movie sem governo, ave-maria sem graça. O mal da naftalina é a vitória da traça. O carro que eu andava parou pra trocar pneu. A existência é um carro na oficina de Deus.” Divino, por Zeca Baleiro e Rita Ribeiro.

Quinta-feira, 23 de abril de 2009

Resolução

Chegamos ao topo da montanha (ou deveria dizer do mundo?). Eu estava novamente deitada no banco de trás, só soube que tínhamos chegado pelas vozes cansadas de Duílio e "sêo" Danilo. Não demoraria muito para que chegássemos à fazenda Taurinos. Algo me preocupava além de tudo o que deveria me preocupar no momento e por toda a eternidade agora. Não me lembrava o que era, ainda imersa no oceano de sensações e memórias das coisas da vida que agora a morte física levou embora.

O vozerio das incontáveis pessoas da cidade acampadas na fazenda Taurinos vinha num crescendo dentro da paisagem de sons agora tão familiares. Eu, que nunca havia conseguido formar uma família, tinha agora incontáveis parentes nesta cidade minúscula de Minas Gerais.

Andrés disse que eu não levantasse. O carro parou em frente à multidão que se acotovelava para ver primeiro o resultado de tudo aquilo. Ouvi as vozes aterrorizadas dos que supunham que os três tinham retornado sem mim, provavelmente já esperando o Apocalipse se abater sobre a cidade como fogo e enxofre vindos do céu. Ouvi a voz de Guilherme lá fora, se aproximando do carro.

"Então, irmão... É assim que termina?", a voz dele parecia desesperada ao falar com Andrés.

Aquilo foi a gota d'água. Eu disse a Andrés que esse não era um momento para brincadeiras. Me ergui e mesmo com a dificuldade que sempre tenho, consegui abrir a porta do carro e saí para a noite lá fora.

"Vem aqui, seu moleque", e eu o abracei em meio a uma gritaria que nunca antes tinha ouvido, o som de vozes de centenas e centenas de pessoas para quem a cena representava um Renascimento para a cidade.

"Vida!", Andrés gritou a plenos pulmões, pulando sobre a traseira do carro, muito para desgosto de seu pai, que chegou a vir mais perto da traseira do carro para avaliar os danos, *"Vida!"*, respondeu a multidão frenética, com um som de atordoar os ouvidos e com rojões de explodir os tímpanos. A cena me tocou profundamente. A vida eterna pela qual tantos tinham esperado no curso de milênios completamente em vão era agora algo palpável. Será que é assim sempre que alguém morre?

Eu já não tinha braços para abraçar tanta gente. Estava morta — sem trocadilho — de cansaço e queria entrar na horizontal o mais rápido possível. Duílio tinha concluído o relatório de danos e

conversavam com "sêo" Danilo, o prefeito e alguns vereadores. Vi e conversei com cada um dos meninos. Renan tinha aquele incômodo sorriso luminoso todo espalhado pela cara dele. Adriano e Andrés conversavam sem parar. Guilherme ficou agarrado em mim o tempo todo e ainda estava. Anderson ria e me alugava com os detalhes da viagem noite adentro. Bruno... Onde estaria ele senão com os outros nesse momento? Bruno. O motivo de minha preocupação. Numa dessas perdemos Arthur.

"Cadê o Bruno?", perguntei a Adriano de súbito, fazendo com que o Guilherme despregasse de mim e encerrasse seu processo de osmose.

Os meninos olharam em volta. Nem sombra de Bruno em parte alguma, *"mas ele estava com a gente agorinha mesmo, até o carro chegar"*, disse Adriano intrigado, *"para onde iria?"*

"Acho que sei para onde ele foi", eu disse, *"provavelmente para casa. E nós temos que ir falar com ele agora."*

"Ah, vai ter bastante tempo, D. Stella, a gente pode esperar até o dia claro", disse Guilherme. Olhei para ele e disse, *"eu não tenho dúvidas de que a gente pode esperar até o dia claro, Guilherme. Minhas dúvidas são se o Bruno pode esperar até lá."*

dele ele disse que ia...", e como o próprio Bruno, Adriano hesitava em ser objetivo, *"Vocês sabem, essas coisas que se fazem quando a gente não anda muito satisfeito com a vida..."*

Adriano era quem dirigia o carro desta vez com todos os sete membros tensos da Sociedade Antiga dos Taurinos dentro. Tudo estava claro como eu nunca tinha visto. Mesmo dentro da noite tudo se revelava muito claro, a paisagem rasgada pelos faróis do carro, os curiangos levantando voo assustados da margem da estrada de terra, os meninos em cores reais, ligeiramente saturadas para aquele escuro, uma clareza de visão que a miopia tinha roubado de mim na infância e que a inconsciência do coma só tinha feito agravar. A surdez de que eu tinha sido vítima após a cerimônia havia muito era coisa do passado. Tinha sido substituída até mesmo por algo como audição demais. Uma audição tão sensível e direcionada, tão similar à concentração mental para o bem e para o mal, como tudo mais por aqui.

Eu tinha me esquecido do que se passou com Bruno anteontem e de como me prometera ficar alerta. Eu sabia que ele não faria nenhum movimento enquanto eu não fizesse o meu e eis que eu tinha acabado de fazer o meu movimento. Mas ele não estava jogando comigo. Ele estava sincera e inequivocamente desesperado, isso eu pude ver

muito bem no Mithraeum (e não fui a única). Ele sabia o que todos queriam e por isso estava desesperado. Eu teria de ajudar o menino o quanto pudesse. Ou muito mais do que isso.

Luzes todas acesas na fazenda Pinho, como em todos os lugares de Taurinos nesta noite de Renascimento, mas há um circular nervoso de pessoas em torno. Definitivamente algo raro está se passando no lugar.

Assim que nos viu encostar o carro, a mãe do Bruno veio falar conosco horrorizada, *"ele não deixa ninguém entrar"*, nos contou que ele disse que estava pensando muito na vida, mas que o pai foi encontrar o filho com o queixo apoiado no cano de um rifle dentro do paiol. Ele estava lá desde que viu que chegamos a Taurinos e foi para casa. O pai não pôde chegar mais perto, com medo de que ele disparasse, o dedo do garoto coçando no gatilho.

Luz filtrava para dentro do paiol quando entrei sozinha. Não se ouvia um único som lá dentro, apenas um certo vozerio fora, dos que tinham parado na porta. O paiol era enorme, mas não levei muito tempo até que eu o visse em cores tão vivas como quando vi os outros meninos e os moradores de Taurinos. Estava sentado, pernas cruzadas, ainda apoiado pelo queixo no cano do rifle. Lancei um olhar em volta e vi a caixa de munição largada não longe dele. A clareza

de visão que eu agora tinha só fazia tornar a cena mais estranha, me proporcionando vários arrepios.

Ele não olhava em minha direção, mas era óbvio que estava consciente de minha presença ali. Eu dei um passo a mais na direção dele.

"A senhora pode acabar se machucando", ele disse numa voz serena, difícil de se achar num momento de reflexão como aquele, *"isso espalha um monte de chumbo pra todo lado, sabe..."*

Caminhei mais dois passos para a frente.

"Eu não quero machucar a senhora..."

"Eu não vim aqui dizer a você que não deve fazer isso, Bruno. Eu vim aqui dizer a você que deve fazer o que você quiser."

Ele não esperava por aquilo. O menino ficou me olhando confuso. A mente dos homens é tão certinha, qualquer coisa minimamente fora do lugar parece tirar o chão de sob os pés deles. Eu me sentei a uma distância dele, distância em que eu não podia alcançá-lo. Eu queria que Bruno se sentisse seguro.

"Eu vim aqui dizer a você que há alguém em Taurinos que apóia você, seja qual for a decisão que tomar."

Mesmo uma decisão como essa. Eu quero estar com você aqui nesse momento. Não quis que nada disso acontecesse, mas aconteceu. Eu sou a responsável por tudo o que lhe aconteceu, Bruno. Tomei uma decisão importante algumas horas atrás e sabia que não poderia voltar atrás. Eu tive Andrés a meu lado quando tomei minha decisão. Por isso, não quis que você estivesse sozinho na sua hora de decidir. Por isso estou aqui. Porque eu te entendo, Bruno. Porque eu mesma acabei de fazer o que você pensa em fazer consigo mesmo agora."

Ele me olhava em silêncio, num desespero calmo, com uma tranquilidade paradoxal e enganosa no indicador que acariciava o gatilho da medonha máquina de matar na qual ele apoiava o próprio queixo. Provavelmente a mesma que ele usou para explodir a cabeça do animalão que atacou seu pai durante a Lei dos Touros, um pai que, contra toda a sua vontade, não tinha como retribuir sua ajuda naquele momento.

"A senhora não se importa, não é?", e a primeira lágrima escapou do olho esquerdo dele, furtiva, mas livre de sua prisão afinal.

"Você está fazendo isso só para saber se eu me importo ou não? Ou você já sabe que vida é essa que estamos começando aqui em Taurinos e por isso não

quer estar incluído?"

Ele ficou calado. Confuso. Olhava para mim e para o cano do rifle em perspectiva debaixo do seu maxilar inferior alternadamente.

"Que vida é essa?", ele perguntou enfim, *"que a gente não é como gente normal que cresce e tem filhos. Não fica doente, não fica mais velho, não morre e fica tudo congelado vivo. Que vida é essa?"*

"A vida que se ofereceu para nós. A única que se apresentou entre tantas outras que nem apareceram. É essa vida, que se ofereceu, que temos de agarrar. Andrés me mostrou isso de uma maneira que eu não pude ignorar. O apego dele à vida foi o que me motivou a voltar. Eu não disse isso nem a ele, mas ele sabe tudo o que se passa, então agora ele sabe disso tanto quanto nós. O que me motivou a voltar foi o povo da cidade, foram os membros da Sociedade Antiga dos Taurinos, foi você. Foi um povo que há pelo menos há quinze séculos vem esperando por esse momento. Quinze séculos não podem estar errados. Nem mesmo com a tonta aqui num dos papéis principais. Eu voltei porque queria estar com vocês não importava que vida fôssemos ter. Porque eu queria estar com vocês. Não tire você de mim. E, principalmente de sua família e de seus amigos. Mesmo seus amigos, do jeito torto deles, precisam de

você. Essa é a vida que se ofereceu para nós. Faça o que quiser, a decisão é toda sua, mas por favor, não a recuse."

O dedo dele parecia mais nervoso quanto mais eu falava. Temendo o pior, procurei uma música em meu mp3 e fiquei espantada ao ver o aparelho tão prestativo e diligente, tão rápido pude encontrar o que procurava. Joguei o mp3 na direção dele e disse a ele que ouvisse uma última canção antes de ir. Ele o recusou, desconfiado e eu me levantei devagar e fui caminhando na direção da saída. Ainda vi quando ele se sentiu seguro, colocou os fones, acionou o player e começou a ouvir a música.

"Há pessoas que precisam imensamente de você, seja você quem for, seja só por seu amor. Há pessoas que precisam imensamente de você. Há pessoas que não sabem mais como fazer. Há pessoas que não fazem por querer. Há pessoas que não querem nem saber. E são pessoas que precisam imensamente de você." Há Pessoas Que Precisam Imensamente De Você, escrita por João Ricardo em *Musicar*, 1979, Polygram.

Lá fora, fui cercada pela família (que provavelmente ainda ignorava o fato de que Andrés conhecia os eventos presentes do lugar como a palma da mão). Eu disse que eu tinha feito todo o possível e que o menino precisava de um tempo para pensar. Seria inútil

tentar forçar Bruno a qualquer coisa; na posição em que estava, qualquer movimento mais brusco poderia ser ruim. Eu sabia o risco que corria; mas infelizmente nada podia fazer a não ser respeitar a vontade dele. Tudo tinha a ver com o que as pessoas pensam ou esperam de momentos assim. O menino não corria nenhum risco real. Porque, como ele mesmo disse, *"a gente não morre"*, ele não iria morrer mesmo que puxasse o gatilho. Eu não estava sendo cruel com os pais dele, estava simplesmente pedindo a eles que dessem ao menino tempo de refletir. Coisa a que aparentemente ele não teve acesso desde o início desta história.

Foram minutos e minutos de espera que mais pareciam semanas, o medo e a apreensão de todos só fazia crescer, um crescendo agonizante, aflitivo. Quando eu me preparava para ir lá dentro de novo, um carro parou, a pouca distância de nós. Renan, Andrés e Adriano foram os primeiros a espichar o pescoço. Eu mesma agora podia sentir o que eles disseram ter sentido. De dentro veio seu Horácio, um sorriso imenso no rosto, como o menino que um dia ele tinha sido e que recebeu da vida um presente: a porta do passageiro se abriu de dentro e nós finalmente todos juntos pudemos sentir a presença de um amigo.

Era Arthur. Ele estava de volta. Andrés estava certo

quando disse o que aconteceria, quando ainda estávamos no Mithraeum. Mas quem acreditaria nele?

Arthur passou rapidamente pelos idiotas embasbacados em que nos transformamos ao vê-lo de volta vivo e em cores tão vivas, *"vocês têm todo o tempo do mundo para esperar; parece que o Bruno não"*, e entrou sozinho no celeiro. Houve um silêncio que pareceu eterno e depois os gritos de Bruno vindo de dentro do celeiro fechado. Num primeiro momento, apavorados, não nos demos conta do que estava havendo. Depois, ouvimos os gritos de quem encontra um amigo que havia muito não se via, gritos de um Renascimento que em poucos lugares se experimentaria, eram explosões de quem teve coisas demais passando pela cabeça nos últimos dias.

Meninos são geralmente rudes com essas coisas. Muitas vezes não sabem motivar os amigos, jogam muito com a sátira e a depreciação para atazanar uns aos outros. Isso por vezes cria uma cultura que impede que um tenha sensibilidade para motivar o outro.

Os dois emergiram do celeiro para os olhos maravilhados de todos nós. O rifle aparentemente tinha sido largado lá. Ele foi abraçado pelos pais emocionados, tudo aquilo. Os outros meninos

demoraram a se aproximar, mas quando o fizeram, foi aquela lambança de sempre. Jogavam o Bruno para cima, dessa vez com o auxílio de Arthur que, segundo Andrés, minha própria morte trouxe de volta do reino da morte. Bruno me pediu até uma cópia do *mp3* que tinha acabado de ouvir, quando me devolveu o aparelhinho. Ele teve o seu Renascimento particular ali. Como um batismo (quase) de sangue de sua nova vida. E do modo mais fantástico possível. O que mais ele poderia querer da vida, afinal?

Sexta-feira, 24 de abril de 2009

Novo tempo

Acordei em meio à escuridão do meu quarto com a voz suave de Andrés a meu lado. Andrés dizia que tinha fechado as janelas do quarto para que eu pudesse levantar. Achei estranhíssimo e perguntei porque. Ele respondeu que era a primeira vez que eu iria usar meus olhos de fato desde que eu tinha morrido.

"Mas eu os usei ontem o tempo todo, Andrés", eu disse, desconfiada e estranhando o tamanho dele mesmo dentro da escuridão do quarto.

"Ontem era de noite quando a senhora saiu do seu corpo, lembra? Tudo estava ainda bem confuso, mais a confusão que aconteceu com o Bruno..."

Eu disse que era verdade, mas que mesmo ontem eu fiquei surpresa, já que eu tinha uma visão muito clara de tudo que acontecia. Ele me disse que isso não era nada, agora que eu tinha finalmente descansado a noite inteira. Então, o que ele queria dizer era que eu teria de treinar meus olhos para enxergar esse novo dia que Taurinos e eu vivemos.

Ele me pediu que eu sentasse na cama e olhasse em volta. A visão era ainda um pouco embaçada, obscurecida pelo escuro do quarto. Notei alguns

detalhes familiares, mas estava entretida demais pela voz de Andrés para prestar mais atenção. Ele se dirigiu até a janela e disse que iria começar a abrir as cortinas pouco a pouco. Eu teria que continuar simplesmente olhando em volta e alertá-lo caso sentisse ofuscamento ou dor nos olhos.

"Está pronta?"

"Sim."

Devagar, ele abriu as cortinas (que me eram estranhamente familiares) deixando um dedo de espaço entre elas. Um formidável fecho de luz solar entrou pela abertura, fazendo meus olhos doer de forma que eu nunca tinha sentido. Ao ver minha reação e minha careta, ele me pediu calma e que eu não fechasse os olhos.

"Abra os olhos de novo, devagar, mas fique firme com eles, D. Stella. Senão, a senhora não acostuma nunca com a luz. Vamos tentar."

A luz me cegava. Talvez a mesma luz que eu tinha visto dentro do carro no momento de minha morte. Fiz um esforço enorme para manter os olhos abertos. Andrés abriu mais um dedo as cortinas. A luz era agora um borrão imenso em minha frente, fazendo meus olhos lacrimejarem intensamente, *"coragem, D.*

Stella, a senhora já fez coisa muito mais difícil...”, e eu tentei a custo manter os olhos abertos. O borrão começou a se dissipar muito lentamente. Ele pediu que eu avisasse quando a visão começasse a ficar mais clara. E assim, ele foi abrindo a cortina aos poucos, revelando todo o interior do quarto.

Que era o meu quarto. Não o meu quarto na fazenda Taurinos, mas o meu quarto em minha casa em Santos! Estou embaçada, não consigo acreditar. Olho em volta, todos os detalhes, objetos, meus livros de psicologia, psicanálise, *O Homem E Deus Símbolos*, um dos meus livros favoritos de Jung, minhas cartas Zener sobre a cabeceira, meu laptop, tudo! Terá sido tudo um sonho, meu Deus?!

Mas se foi tudo um sonho, o que é que Andrés está fazendo no meu quarto?

“A senhora gostou? Meu pai e meu irmão quem construíram durante a noite, junto com a senhora. Todo o material daqui, até os tijolos, foi tirado dos sonhos que a senhora estava tendo. Deus livros, suas coisas pessoais, seus quadros, suas roupas...”

“Mas não ouvi nenhum barulho de madrugada!”, eu estava admirada (como se construir uma casa da noite para o dia fosse tarefa simples, ainda mais considerando o acabamento e todos os detalhes).

“Mineiro trabalha em silêncio, não é isso que diz o ditado?”, e ele piscou e me deu um sorrisinho maroto.

Nem parei para questionar como eu tinha vindo parar aqui, já que me deitei em meu quarto na fazenda Taurinos. Eu já deveria havia muito ter me aposentado dessa fase de não acreditar. Quem sou eu agora para não acreditar? Depois de tudo o que vivi (e morri) aqui em Taurinos, quem sou eu para não acreditar? Mas alguém teria de estar na minha pele para acreditar. Posso até culpar aqueles que me chamam de euclidiana. Mas não culpo aqueles que me chamam de mentirosa.

A dor e o ofuscamento das vistas haviam passado de todo, substituídos pela visão mais clara do mundo. Vivendo agora no mundo de Mitra, o deus da luz, minha visão ia além do alcance de uma maneira que nunca supus que pudesse existir. Então, eu comecei a olhar assombrada para Andrés. O rosto dele, seus óculos, os cabelos, as roupas, os tênis, tudo vinha à minha visão com uma nitidez descabida, agressiva, violenta até, como se vê-lo com os novos olhos que eu tinha agora me mordesse. Era maravilhoso e assustador ao mesmo tempo. A beleza daquele menino que um dia eu tinha notado em minhas observações era nada perto daquilo que eu estava vendo agora. Ele sorriu a princípio, mas começou a se

sentir embaraçado com os olhos que não paravam de olhar para ele. Eu estava em estado de hipnose, mergulhando dentro da visão que eu tinha dele. Tantas vezes vi aquele menino perto de mim, mas não era aquilo que eu tinha agora em minha frente. Não existem pessoas assim. Não, não existem pessoas assim.

"O que é você, um anjo?", eu perguntei, vacilante, aparvalhada pela visão dele na minha frente.

"Se a senhora puder tirar os olhos de cima de mim, eu agradeço. Não gosto que fiquem olhando pra mim como se eu fosse bicho de zoológico."

"Você não tem nenhum direito de me pedir isso. Fosse seu irmão, Anderson ou qualquer outro, a coisa mudava de figura."

Ele se sentiu subitamente intimidado pelo meu modo de falar. Senti minha zanga repentina, ficou ali entre o silencioso, o embaraçado e o desapontado, já que ele parecia pretender que a casa e não ele fosse o centro das minhas atenções. Mas ainda demorei muito olhando para ele, sem conseguir acreditar.

Andei alguns passos para trás para vê-lo por inteiro. Quanto mais eu olhava para ele, mais eu queria olhar. Comecei a me sentir incomodada eu mesma, mas não

conseguia parar de olhar para ele. Andrés começou a bater levemente o pé, como sempre fazia para demonstrar sua impaciência.

Finalmente, para alívio de Andrés, consegui voltar o olhar para o meu quarto. Cores, texturas e detalhes saltavam aos olhos como nos melhores experimentos de Aldous Huxley com a mescalina e Albert Hofmann com o L^{SD}. Andei pela casa inteira, a saudade do meu cantinho e o meu assombro tanto com os detalhes quanto com a nitidez e cor de tudo o que eu via eram evidentes aos olhos de Andrés que ficou sorrindo e balançando a cabeça todo o tempo.

"A senhora vai ter todo o tempo do mundo para curtir a sua casa. Venha, vamos tomar café na Taurinos, a mãe está esperando", ele pegou meu laptop e o levou, não sem o meu olhar espantado seguindo os passos dele.

Duílio e Adriano não tomaram café conosco. Segundo Aparecida, *"passaram a noite em claro, vão dormir até bem tarde hoje"*. Eu não acreditava no que me ocorria desde que acordei. A minha casa dentro dos limites da fazenda Taurinos, bem distante da casa grande da fazenda, mas dentro da fazenda. Como se minha casa tivesse sido relocada, tijolo por tijolo de Santos para cá. Os mesmos detalhes e até as mesmas pequenas imperfeições. A vista da montanha e do céu

azul, absurdamente azul, eram intimidadoramente belas. A paisagem do cerrado com suas microflores criando miríades de pontos coloridos em toda a parte. Eu olhava para Aparecida e aquela precisão dos detalhes me assolava de novo, como quando tinha acontecido com Andrés. Ele disse à mãe que eu estaria agindo estranhamente por uns dias porque levaria tempo até me acostumar a olhar as pessoas da cidade novamente. Explicou da riqueza quase infinita de detalhes, cores e nitidez que eu experimentava e disse que seria uma fase difícil, mas de descobertas fascinantes para mim. Aparecida pareceu entender bem o que ele dizia, embora ela mesma não pudesse saber como era morrer. Se já o tinha feito, em algum ponto remoto do passado, certamente não se lembrava de como tinha sido. Ela se apressou em ser solícita e me fazer sentir confortável para fugir da situação de estranheza que sentia ao me ver olhando para ela e para o filho daquela maneira.

"Mas, D. Stella, tire café. Tem leite, pão de queijo, manteiga da roça, broa de fubá, a senhora já sabe, tire à vontade, por favor."

"Eu não estou acreditando", eu tinha dito à Aparecida, "cada detalhe, cada defeito, tudo como era", e ela era toda, "pois é, acho que vamos ter que acreditar no poder da imaginação a gente queira, quer não, ué", e ri simpática e alegre.

Aparecida era uma pessoa sábia. Se ela tinha certeza do que fazer dessa sabedoria em algumas situações da vida, eram totalmente outros quinhentos. Mas a ciência das coisas estava nela, como estava nos outros. Como estava em mim, sem que eu soubesse, escondida todo o tempo.

A mesa era aquela fartura de sempre que se vai encontrar nas mesas mineiras remediadas. A comida era tridimensionalmente bela, mesmo os rótulos simples e chinfrins de produtos feitos ali no interior de Minas Gerais ganhavam em nitidez e detalhes de maneira espantosa e enchiam meus olhos de formas e cores. Enchi minha caneca de café e leite e os alimentos pareciam vivos na mesa, como se estivessem prontos para saltar em cima de mim. Andrés completou sua caneca com café, tascou um pão de queijo da terrina mais próxima — lendas vivas desta cidade movidas a pão de queijo — abriu o laptop e o Firefox — meu navegador de internet favorito; coincidência, não? — e outro programa que não vi qual era. Não interferei, mas Aparecida pediu ao filho que desligasse o laptop *"agora é hora de comer e conversar um pouco, não é hora de internet"*; Andrés apenas sorriu e disse que isso tinha a ver com a nossa viagem de vinda na primeira vez que estive em Taurinos, viagem em que ela, Aparecida, estava presente. A mãe de Andrés ficou intrigada.

"Do que é que você está falando?"

"Eu estou falando que o Google Earth não esqueceu de nós, mãe", ele olhou para Aparecida e para mim, sorrindo.

E, sorrindo assim, ele virou a tela de LCD para nós. O outro programa era o que ele acabava de mencionar. Ele mostrava a cidade de Taurinos, as casas, tudo numa resolução que eu não vi em fotografia aérea de São Paulo. Aparecida se espantava, *"mas como é que é isso, eu tento localizar a cidade pra raio nesse programa, e nunca que ela aparece?"*

"Isso foi antes de D. Stella... Bom, a senhora sabe, mãe", ele explicou, meio sem jeito. Eu tive que rir, quase um riso nervoso. Do embaraço de Andrés e daquelas coisas espantosas acontecendo na minha frente. Eu mesma tinha tentado tudo pela Internet, nome, coordenadas, nunca tinha encontrado a cidade.

"Nesse momento", continuou o mineirinho *"o Bruno está abrindo o Google Earth também. Ele está vendo Taurinos de cima, como nós. Agora ele saiu para onde está o telefone. Está ligando e parece ser para cá."*

E o telefone começou a tocar. Assombrada, a mãe de Andrés foi atender. Pela conversa, vi que não poderia

ser outro senão o próprio Bruno. Aparecida me chamou, olhos do tamanho de pires, ainda não acostumada às visões que o filho tinha de sua própria cidade, e me passou o fone, dizendo que Bruno queria falar comigo.

"A senhora não vai acreditar. Estou vendo a cidade no...", disse o menino do outro lado do fio, na fazenda Pinho.

"...Google Earth, não é?", completei.

"A senhora acredita? Abre o seu laptop, conecta...", a voz dele soava nítida e entusiasmada, como se ele próprio estivesse ao meu lado.

"Já estamos com o programa aberto, Bruno. Está difícil de acreditar, mas eu acredito em você mesmo assim."

Me assombrava a nitidez da voz dele, mesmo diluída pelo fio do telefone. Andrés pediu que eu o chamasse aqui lá pelas quatro horas para conversar. Depois do café, ligou para Guilherme e Renan, Anderson e Arthur e marcou para as três da tarde. Foi enfático em pedir que eles não se atrasassem. Perguntei a ele porque tinha estabelecido horários diferentes para o Bruno e para os outros meninos e ele me disse que queria começar conversando sobre Bruno e por isso

não queria que ele estivesse presente. Entendi que ele queria esclarecimentos sobre o incidente de ontem e provavelmente mais especificamente sobre minha urgência de estar com o menino naquele momento e não perguntei mais nada. Aparecida só fazia sacudir a cabeça, pouco entendendo de tudo aquilo.

Os meninos foram chegando de carro e, como aconteceu a Andrés, ficaram encafifados ao me ver olhando para eles hipnotizada, como um homem presa da lara mãe d'água. Adriano já tinha se despertado e almoçado, enquanto Duílio ainda dormia o sono dos justos. Me perdi na contemplação de Adriano, a implacável riqueza de detalhes do rosto e da figura dele assombrando os lugares mais recônditos do meu ser, até que ele ficou assustado e caminhou para longe de mim.

"Eu quero agradecer pela casa que você e seu pai construíram. Acho que não me sentiria mais em casa se estivesse na minha casa original."

"Essa aí agora no terreno da fazenda é a sua casa original, D. Stella. Não é tão pesada e grossa quanto a que veio de Santos, mas é sua casa original. Que bom que a senhora gostou e se sentiu em casa. Valeu a pena, então, a noite sem dormir", e Adriano sorriu, sem-graça e encafifado ao ver que meus olhos

estavam pregados nele, *"a senhora tá se sentindo bem?"*

Andrés explicou minha situação presente ao irmão e, à medida que os meninos chegavam, o mesmo espanto tomava conta de todos ao me ver naquela situação, com olhos que mais pareciam microscópios dissecando todos eles ao meu redor. Guilherme franziu a testa, *"que é isso, D. Stella, parece que nunca viu a gente"*, e Renan estava ainda mais curioso que o irmão. Eu tinha voltado meus olhos para Guilherme e parecia devorar o que via com os olhos. Meu olhar pousou em Renan, com extrema dificuldade de puxá-los para fora de Guilherme e eu parei na frente dele. Absorvia cada detalhe do rosto, cada linha da expressão vexada do mineirinho.

"Ah, larga mão, D. Stella, não gosto...", começou Renan até que Andrés dissesse, *"deixa ela se acostumar com você, Renan, não vai adiantar de nada você pedir para ela parar de olhar."*

"Por que?", Renan estava intrigado.

"Porque ela nunca viu você antes", Andrés disse com tranquilidade e simplicidade na voz.

Renan franziu a testa, olhou para Adriano — cuja reação não pude ver por não conseguir tirar meus

olhos do Renan — e para o irmão, e finalmente de volta para Andrés, *"como assim, ela nunca viu a gente antes? E tudo o que aconteceu até agora então..."*

"Ela conhecia a gente de antes dela abandonar o corpo, Renan. Ela estava em coma. O que ela conheceu foi uma sombra da gente, toda torta e embaçada."

"Isso que ele tá falan'ô é verdade, D. Stella?", perguntou o mineiro minúsculo, olhando sério para mim, *"e para de ficar me olhando desse jeito, por favor"*, pediu ele, ficando vermelho como um tomate.

"É verdade. Eu nunca imaginei que vocês tivessem essa aparência."

"O que... O que que mudou na gente?", estranhou Guilherme.

"Tudo. Vocês são maiores do que eu imaginava, não muito maiores, mas são. Nas cores, nos detalhes, é como trocar uma televisão preto e branco velha por uma de alta definição", eu falava com Guilherme sem conseguir tirar os olhos de Renan, até que este ficou irritado e saiu para o alpendre, pisando duro (provavelmente por ainda achar que eu estava brincando com eles). Eu segui Renan com os olhos até que ele desapareceu porta afora. Fui atrás dele lá fora e olhando para o céu, disse, *"Renan, eu não estou*

brincando, tudo está muito diferente pra mim, não fica bravo comigo", ele começou a rir entre o divertido e o raivoso me vendo olhar para o céu e o riso dele atraiu meu olhar instintivamente para cima dele outra vez. Os outros saíram para o alpendre para ver o que acontecia e eu fiquei olhando para todos eles na luz exterior. Magníficos, pensei. Nunca tinha visto algo assim em minha vida, mas parecia ser algo que era seguro se encontrar depois que minha vida terminasse.

Nós nos sentamos no alpendre na luz maravilhosa da tarde de Taurinos e esperamos. Não eram três horas ainda, mas faltava pouco. De longe, ouvimos um rumor de carro. Andrés disse que era o Sr. Feletti trazendo Arthur e Anderson. Com efeito, eram eles. O Sr. Feletti sorriu e acenou pela janela do carro, e logo se foi pela estrada, como era costume sempre que nos reuníamos. Meu olhar caiu sobre os dois recém-chegados, aguçado, carnívoro, observando os detalhes, conhecendo-os pela primeira vez numa resolução inimaginável, como todos os outros, *"que acontece com ela, nunca viu a gente?"*, fez Anderson intrigado.

"Não, o Andrés disse que esta é a primeira vez que ela está vendo a gente", esclareceu Guilherme, *"como é que é?"*, disseram os dois em uníssono e Guilherme explicou tudo aquilo de novo ao Anderson e ao

Arthur. E, desanimada e cansada da hipnose inconcebível que eles me causavam, eu sabia que ainda teríamos Bruno às quatro.

"Eu precisava falar com a senhora, D. Stella", disse Arthur repentinamente.

"Antes a gente precisa esclarecer um ponto sobre o Bruno, Arthur. Depois você conversa à vontade, só", Andrés parecia ansioso em saber o que queria saber e olhou sério para mim abrindo a reunião informal com uma pergunta certa.

"A senhora sabia que ele não iria se matar, não sabia?"

"Sim, e ele sabia disso tão bem quanto eu."

"Sabia?"

"E você sabe dos eventos presentes da cidade, você sabia que ele tinha consciência disso. Por que é que está me fazendo essa pergunta, então?"

"A senhora disse aos pais dele que não tinha nada mais a fazer por ele, lembra? Por que disse isso?"

"Porque existem coisas que só a pessoa pode decidir. Eu tinha acabado de me matar..."

Ele ficou alarmado, *"que é isso, D. Stella, a senhora só..."*, e eu o interrompi bruscamente, *"não tem essa de que é isso, eu me matei, pronto, como chama largar o corpo voluntariamente e esperar que ele apodreça?"*, e continuei, *"eu tinha acabado de me matar e pouco tinha a dizer a ele. Mas eu senti que mesmo tendo esse pouco a dizer, eu tinha que estar com ele naquela hora. Fui eu, mesmo sem querer ou saber como, que cavei o abismo onde ele estava jogado. Eu disse que ele tinha pessoas aqui precisando dele e deixei para ele a melhor companhia que alguém pode ter: a música."*

"Mas se ele não ia conseguir se matar..."

"Não te ocorreu que talvez o que estivesse passando com ele fosse pior que a morte? Eu não tinha medo da cena que ele fez e ele sabia disso. Representou tudo como um símbolo, porque naquele momento foi importante para ele. A tentativa de suicídio era uma farsa, mas a situação de solidão dele não. Dessa eu tive medo. Eu vi a solidão nos olhos dele. Era uma solidão infinita, como se ele fosse o último homem da terra, ou coisa parecida. Eu fiquei perdida por um tempo na solidão dele, naquele terror fúnebre que os olhos dele pareciam gritar num silêncio assustador. Vocês não saberiam o que fazer se olhassem nos olhos dele. Eu não soube. E continuasse ali, eu poderia me perder naquela solidão sem vida e ele iria fatalmente se

perder naquela coisa horrenda de vez e me levar junto com ele. Nem eu nem ele saberíamos como voltar daquele abismo. Íamos ficar como mortos-vivos, o mesmo que eu vivi naquela cama de hospital, só que para sempre. E você sabia (pelo menos tecnicamente) disso tudo, não, Andrés?"

"Por que Andrés então, não nos avisou?", perguntou Anderson, sem entender nada, olhando instintivamente para Arthur.

"Eu não pensei que fosse pra tanto...", começou Andrés, amedrontado com a perspectiva de se tornar o centro das atenções de novo.

"Não é culpa de Andrés, ele não se incomodou porque sabia que o Bruno não ia se matar. Mas ele não consegue sentir o que as pessoas sentem. Ele conhece o presente, sabe cada movimento, mas não o que vai pelas emoções das pessoas. Provavelmente nem pelas dele mesmo. Daí ele não ter idéia de que a situação era tão grave."

Andrés me olhava em silêncio. Parecia não conseguir pensar em nada concreto ou razoável para dizer, embora parecesse grato por eu ter advogado sua causa.

"Vocês talvez não saibam como ele tinha consciência de tudo o que a minha morte representava e como

consciência de como exatamente era viver com isso. De como ele estava sozinho dentro dessa consciência. Posso falar disso sem medo, porque imagino que vocês não vão vivenciar aquilo como ele. Vocês podem até entender o que eu estou dizendo, mas sentir — mesmo — não."

Houve um silêncio enorme, denso, como aqueles que me torturaram antes que eu morresse. Arthur olhou para mim e eu fixei os olhos nele; disse que senti o mesmo que eu, muito antes de chegar à fazenda Pinho. Eu imaginava isso pela urgência com que ele chegou ao celeiro. Ele confirmou isso também. Disse que o que tinha sentido dentro do celeiro era uma atmosfera pior que a morte pela qual ele mesmo tinha passado durante a Lei dos Touros. E o que piorava as coisas, segundo Arthur, era o fato de saber que nem dar um fim à tudo aquilo puxando o gatilho ele poderia. Uma frustração infinita somada a uma solidão infinita. Quem resistiria?

"Quando eu entrei, ele estava entretido ouvindo música. Já tinha apoiado o rifle numa caixa e estava só ouvindo música. A música distraiu ele o suficiente para eu chegar e distrair o Bruno de vez. A surpresa de me ver de volta vivo foi tão grande que o desespero não teve mais lugar que pudesse ocupar dentro dele. Ele só precisava de uns minutos de distração de tudo aquilo. E, graças a Mitra, nós

conseguimos esses minutos para ele."

O carro dos Pinho parou próximo ao alpendre e Bruno saltou. O Sr. Pinho acenou para nós, disse alguma coisa ao filho pela janela e se foi pela estrada. Meu olhar se fixou em Bruno, que era o único de todos os meninos que eu ainda não tinha visto depois de Andrés me acordar e me treinar para ver com estes novos olhos que tenho. Eu fixei meu olhar nele e ele, bom mineiro que era, não tardou a ficar tímido como um jabuti e pedir explicações sobre o porque de eu estar com os olhos fixos nele. Renan foi quem explicou agora, mais treinado do que minutos antes para estas pequenas particularidades do nosso novo viver. Bruno se sentou na última cadeira ainda vaga no alpendre e esperou o que viria a seguir.

"D. Stella, não tem como a senhora olhar para outro lado?", fez ele, incomodado e levemente irritado. Nunca tive um bom relacionamento com Bruno e meu olhar fixo nos detalhes tridimensionais do rosto e do corpo dele não ajudava em nada, mesmo ele tendo entendido o porque de eu olhar assim. Foi quando Arthur tomou a palavra, forçando o meu olhar em sua direção e ajudando o Bruno a relaxar um pouco.

"Eu queria me desculpar com todos pelo que aconteceu na noite da cerimônia, principalmente com

a D. Stella", ele disse com um olhar circunspecto, *"mas eu escolhi a D. Stella para ir para a arena e não podia deixar ela sozinha lá. Eu escolhi a D. Stella porque ela era a única que poderia ir; Andrés tinha colocado ela na Sociedade Antiga dos Taurinos, dentro da Câmara Interna e ela tinha um dom de ver as coisas que os outros não conseguiam ver. Eu sabia que Andrés e Adriano podiam também, mas nenhum de nós podia entrar na arena duas vezes..."*

"Eu entraria", cortou Renan olhando para Arthur e Andrés, *"me ajoelhei diante desse pulha, implorei pra ele deixar aquele touro pra mim e nada... Eu queria vingar você, irmão."*

"Essa guerra [com esse touro] não era tua, Renan", explicou Arthur sorrindo, *"era minha e de D. Stella. E nem era dela, mas acabou sendo. Acho que é a mulher mais corajosa que eu já vi."*

"O teu pai bem que me pediu que eu fosse você na arena durante a lida. Ele parecia intuído de que você ia estar lá. Ele me entregou tua espada e me disse claramente, 'agora é sua. Faça o melhor que puder com ela. Lembre-se de meu filho quando usar essa espada. Seja meu filho quando usar essa espada.' Ele sabia, talvez muito mais que todos nós juntos, apesar da distância dele de tudo o que estava acontecendo na Sociedade."

"É, meu pai sente as coisas de longe", o menino sorriu, "ele não falou por saber, mas porque ele sentia que a senhora tinha de lembrar de mim durante a sua lida. Porque isso ia ligar nós dois e eu ia poder guiar cada movimento que a senhora fizesse. E foi o que aconteceu. Uma pena que nada deu certo no final."

"Sim, por terem sido oito no Mithraeum, em vez de sete, não é isso?", perguntou Anderson, parecendo ansioso por uma confirmação do que realmente tinha falhado.

"Não", disse Arthur circulando os olhos por entre os presentes.

A resposta surpreendeu a todos, mesmo Andrés. Ele mesmo não parecia fingir sua surpresa.

"Pelo que teria sido, então???", perguntou Bruno, refletindo a surpresa de todos na voz.

"Não se faz nada que preste com o ódio que eu sentia naquela hora. Eu estava frustrado por que eu fui roubado da cidade na hora em que ela mais precisava de nós juntos. Na arena, eu não conseguia parar. A D. Stella foi como um desses fantoches de luva na minha mão. Eu não conseguia parar e era por isso que ela não conseguia parar. Com isso eu deixei ela

surda, sem memória do que aconteceu — porque não era ela na arena de verdade — e toda quebrada por dentro, porque eu tirei tanta força dela que o corpo dela daqui acabou ficando doente. Eu peço desculpas, D. Stella. Eu nunca quis fazer mal nenhum para a senhora. Mas eu estava confuso e acabei fazendo com que a cerimônia não tivesse nenhum valor."

Expliquei a Arthur o que ele não tinha presenciado (do que ele tinha acabado de dizer, depreendi que a lida foi mesmo seu último ato consciente na cidade), toda a história em torno Do Que Retornou, do Dia da Criação e de como ele mesmo tinha podido retornar de sua própria morte, coisas que ele não sabia, por ter estado ausente por todo esse tempo. Foi difícil explicar, muito mais difícil ele entender tanta coisa em tão pouco tempo. Mesmo com os outros meninos ajudando, foi duro para ele. Era natural. Ele tinha estado morto desde um dia antes da cerimônia em março.

Bruno se ergueu, apesar de Andrés insistir que ele ficasse sentado. Me lembrei de Renan, na primeira reunião que tivemos aqui mesmo e tive vontade de rir, mas me segurei.

"Somos oito agora, então. A Sociedade mudou de número, mas ainda é a mesma Sociedade. Apesar de tudo, é bom estar aqui. Ontem, quando a D. Stella e

depois o Arthur entraram no celeiro para falar comigo, eu vi o quanto é bom estar aqui. Quando vocês começaram a me jogar para o alto, como fizemos com o Arthur no Mithraeum naquele dia, eu percebi que era entre vocês que eu tinha que estar."

Dito isso, ele se sentou, para evitar que Andrés tivesse um chilique. E sorriu para ele e para Renan, significativamente. Não consegui mais segurar o riso, mas Bruno sabia porque eu estava rindo desta vez. E aproveitei para mais algumas considerações.

"Acho que pelo menos por hoje, podemos encerrar a reunião, se ninguém mais quiser acrescentar ao que já foi dito. Bruno disse exatamente o que eu ia dizer sobre a Sociedade Antiga dos Taurinos. Acho que não há como colocar melhor as coisas do que ele colocou. Somos oito então. Vamos fazer o que for melhor para Taurinos dentro de tudo o que ficou para nós aqui. Nossa cidade é bonita. Mesmo no inferno, é bonita. E acho que o que sobrou para todos nós é lutar para que ela continue assim."

Eram quase seis horas da tarde. O tempo voou, passou por nós sem que percebêssemos. Duílio saiu para o alpendre para nos chamar para o café da tarde. Era a primeira vez que eu via o homem enorme ainda mais enorme na nova resolução com que eu o enxergava agora. Ele ria divertido, com a

resolução com que agora eu enxergava tudo o que estivesse ao meu redor, por vezes parecendo tão malicioso quanto as próprias crianças daqui.



Sábado, 25 de abril de 2009

A morte tem quatro patas

Ó hoje me dispus a abrir meus e-mails. Morto não lê e-mails, mas nem todos os mortos são curiosos como eu. Agora que até mesmo Taurinos eu consegui encontrar na Internet, quem sabe vou descobrir porque meus e-mails têm andado assim às moscas nos últimos tempos. Claro que as pessoas que me escrevem imaginam que eu não poderia responder, mas com que velocidade se espalha a notícia da morte de alguém?

E-mails. De tantas datas que já nem sei quantas. A maioria, como era de se esperar, vindos direto da caixa de saída da Meire. Dois deles me chamaram particularmente a atenção. A data de um deles era de 30/03/09. Nele, um e-mail automático de alerta da Meire (que ela provavelmente esqueceu de desativar depois de minha morte) para uma notícia de jornal que contava de uma morte ocorrida em Santos nessa data. Um homem foi literalmente devorado por cachorros numa rua deserta do bairro da Ponta da Praia, em Santos, segundo o jornal. Franzi a testa. O horário aproximado do evento me causou ainda mais estranheza. Era final de tarde. A notícia se referia a um antigo vizinho meu, Lopes, um policial com o qual infelizmente travei conhecimento nos anos 90. Demorei para atinar quem era; quando descobri, minha mente voltou ao dia em que eu retornava à

fazenda Teixeira. Não consegui conter o espanto. Eu sabia que conhecia aquela voz horrível que ouvi na estrada, o homem que queria “brincar” de roleta russa comigo. A mensagem de Meire não faria qualquer paralelo. Nem poderia, porque ela não sabia o que eu tinha vivido. Ela só sabia que eu tinha morrido. Renan jamais diria seu nome, já que não sabia quem era. Ouvi o som de um cavalo ao longe.

Outro e-mail dela, com mais um clipping de notícias: um mecânico de São Vicente, morto em plena luz do dia com uma estilexada no estômago na Praça dos Correios, em frente ao Clube Tumiarú. A data do assassinato era do dia seguinte ao primeiro, 31/03/09. Ninguém sabe como o estilete foi parar no estômago do homem. Eu conhecia aquele mecânico. Identificado como Fernando Aita, foi o paciente com o qual trabalhei em 1994, no primeiro caso importante que tive nas mãos. Eu não conseguia acreditar. Ouvi o som do cavalo na estrada, agora mais próximo. Ainda perdida em meus pensamentos, perturbada, foi que ouvi alguém bater na porta.

Eu fui atender. A outra ligação entre as duas mortes estava parada no alpendre da minha casa, me perguntando se eu não gostaria de ir com ele à Cachoeira dos Chifres. Eu disse a ele que não queria sair, ele insistiu. Não consegui disfarçar minha perturbação e ele me perguntou o que estava

acontecendo. Eu disse que estava tudo bem, mas que definitivamente não queria sair. Ele argumentou que tinha vindo da fazenda Teixeira só para me convidar a ir com ele à Cachoeira dos Chifres. Eu disse que se ele tivesse usado o telefone poderia ter economizado a caminhada e o cavalo. Ele deu de ombros e se foi em seu palomino, sem esconder seu desapontamento. Meu coração ainda estava batendo forte, como se eu tivesse sido visitada por um fantasma, visagem ou algo ainda pior.



Domingo, 26 de abril de 2009

Patrulha de fronteira

Donana me recebeu com indisfarçável surpresa quando cheguei à fazenda Teixeira hoje de manhã. Era a surpresa de quem havia muito não me via, talvez desde o dia em que voltei de Santos para Taurinos definitivamente.

Conversamos brevemente. Perguntei por Renan e ela me disse que desde ontem ele estava calado, entocado no quarto, só saindo para comer. Me pediu que eu conversasse com o menino que ela sabia estar triste. Uma mãe conhece o filho, sabe ou imagina saber pelo que ele passa, mesmo que não saiba o exato motivo.

Fui encontrar o menino olhando através da janela e através do que estava através da janela. Dele não partia um único som. Parecia consciente de minha presença logo atrás dele, talvez por ter me visto no espelho que o vidro da janela formava contra superfícies mais escuras da paisagem lá fora.

"Renan", eu disse de repente.

Nenhuma resposta. Ele não se moveu. Continuava ali, imóvel, como se nada tivesse acontecido. Pensando bem, o que realmente aconteceu?

"Renan", insisti, *"vim aqui conversar com você."*

"E daí?", ele se virou e me encarou, como se tivesse sido tocado por uma corrente elétrica, *"por que eu devia conversar com você? Ficou assustada comigo ontem por que?"*

Mostrei a ele as folhas impressas com os emails da Meire. Ele leu os emails e se dividia entre ler e ficar me olhando com uma expressão interrogativa.

"A senhora sabia disso, eu mesmo lhe falei que eles eram de Santos e estavam atrás da senhora", ele disse secamente, com a cara fechada.

"O que quer que você tenha feito teve consequências físicas; me deu medo de você, mas eu pensava nas consequências que poderiam vir de tudo isso. Não vê o ponto central da coisa? Somos capazes, de algum modo somos capazes de traduzir as coisas que acontecem aqui em algo físico em Santos ou Deus sabe lá onde..."

"Mitra sabe", ele me corrigiu, com a expressão nada amigável.

"Ah, vamos lá, dá no mesmo..."

"Mitra é o nome d'Ele. O nome d'Ele está vivo. Você é

mitraísta também, não? Então aja de acordo, né."

Agora, se o Renan resolver se tornar um mitraísta fundamentalista não demora muito entrarmos numa sinuca de bico. Ele continuou dizendo que não sabia que isso se refletia no mundo físico, mas que provavelmente podia acontecer mesmo. O que importava, segundo Renan, era que o que ele estava fazendo visava me proteger. Me disse que não fazia isso antes que eu viesse para Taurinos. Viu pessoas de fora pela primeira vez apenas depois que eu cheguei à cidade em fevereiro e não sabia o porque, mas sabia que deveria eliminar essas pessoas para que não me fizessem mal. Ele não entendia porque deveria me proteger, mas entendia que isso era vital para ele. Ele era movido a eliminar essas pessoas exatamente do mesmo modo que era movido a comer. Havia nele algo parecido com uma fome de eliminar essa gente.

"Eu não tinha idéia de quem a senhora era, só sabia que eu deveria proteger a senhora das pessoas que vinham de fora. Ninguém vem a Taurinos sem que eu saiba. Eu "vejo" a pessoa assim que ela cruza o limite de município. A única pessoa que eu não "vi" cruzando o limite foi a senhora. Agora eu sei que é porque a senhora era diferente de todos os outros que começaram a aparecer. A senhora puxa gente para cá como um imã, sabe?"

Eu não imaginava isso. Que eu ficasse atraindo pessoas aqui; imagino se os primeiros forasteiros mortos teriam alguma coisa a ver comigo. Renan me disse que não sabia e eu perguntei porque ele tinham sido mortos. Ele me disse que eles eram ladrões de gado. Suas más intenções já se manifestavam em sua permanência na cidade. Não havia muitos precedentes no que ele dizia, já que o fenômeno começou a acontecer desde que cheguei. Houve sete pessoas mortas. Sete é um número que aqui parece inquebrantável.

Renan parecia melhor quando eu o deixei. A buzina do carro de Duílio tocava na frente da casa da fazenda, me chamando. Ao entrar no carro, vi que Andrés tinha vindo com ele me buscar aqui na fazenda Teixeira.

"A senhora precisa ter mais compreensão, apesar de eu saber que é difícil para a senhora também como é para ele", Andrés me disse enquanto o carro partia, "criou o Renan para proteger os limites da cidade e a senhora mesma, mas é que não sabia disso. Ele faz isso automático, não tem como segurar ele porque foi para isso que ele foi criado. É uma polícia de fronteira em miniatura, mas não dá para deixar se enganar por aquele gordinho com carinha de bebê. Ele é um cachorro feroz protegendo a cidade e a senhora. Antes que a senhora viesse ele nunca tinha feito isso,

porque sem saber ele esperava o momento em que a ferocidade dele pudesse ser útil. A sua morte 'oficializou' isso que ele faz agora. E agora que ele sabe para que é que ele serve, não vai parar nunca mais. A senhora goste ou não, fique sabendo ou não, ele vai fazer isso sempre que alguém entrar na cidade."



Segunda-feira, 27 de abril de 2009

Polícia Obscura

Adriano veio em casa conversar comigo hoje de manhã. Toquei no assunto de ontem e contei a ele também sobre anteontem; ele então me falou também o que sabia sobre a polícia de fronteira que Renan representava. Como um guia que eu precisava para viver sem sustos em Taurinos pelo tempo que viesse. E que viria.

"Ele anda a cavalo pelos limites do município", ele disse, "usa sempre um cavalo preto, botas pretas, esporas e a roupa toda preta quando está trabalhando. Por isso as pessoas na cidade às vezes o chamam de Polícia Obscura, mas nunca perto dele porque ele detesta o apelido e quer brigar com quem quer que seja na mesma hora. Renan sai a cavalo à noite e dá a volta por toda a cidade procurando forasteiros. Se a senhora der o azar de estar fora de casa à noite e o vir passando todo de preto num cavalo preto, já sabe que ele está caçando alguém."

Não entendi o que Adriano quis dizer com aquilo de "azar" e decidi provocar o garoto indiretamente.

"Sim, talvez eu possa pedir a ele para parar e perguntar a ele de quem se trata, não?"

"Não, não, não, nunca faça isso", ele pareceu pálido e

assustado diante da minha idéia, "é uma péssima idéia parar o Renan nessa situação na estrada à noite. Não é boa idéia nem ficar na estrada por onde ele vai passar. Se tiver alguém da cidade à noite nessa situação (o que é difícil acontecer, já que as pessoas ficam em casa em noites como essa), a pessoa sai bem da estrada de terra e vai para longe dela, só volta para a estrada quando ele já passou por ali. Ele já de dia no normal não é muito amistoso às vezes, a senhora bem sabe. À noite, passando no cavalo, de longe é fácil saber que é ele. É muito raro, quase impossível que outras pessoas estejam cavalgando à noite na cidade e de mais a mais não tem como não saber que é ele. Os curiangos na beira da estrada pulam pra dentro do mato — coisa que eles nunca fazem, que eles voam pra longe quando o carro passa ou a gente passa a pé, nuémes? — mesmo sabendo que ele não vai passar por cima deles porque ele está no meio da estrada. A terra mês treme de um jeito estranho. Se colocar os ouvidos colados no chão, vai ouvir sons esquisitos que a senhora nunca imaginou que tivesse."

Eu estava assombrada. Definitivamente era muita coisa a se aprender sobre Renan, eu que pensava conhecê-lo bem melhor agora. Eu disse a Adriano que isso me lembrava um texto que eu tinha lido certa vez de uns autores marxistas russos sobre sociedades secretas na Nigéria, de um livro chamado

Religiões Africanas — Tradicionais e Òincréticas. As tais sociedades empreendiam procissões cerimoniais por ruas obscuras de Lagos e as pessoas na rua tinham de procurar suas casas rapidamente, caso estivessem no caminho de tais procissões. Restaurantes e comércio tinham suas portas fechadas por batedores bem antes que a procissão passasse por aquela rua. As pessoas apanhadas na rua morriam estranhas e horrorosas mortes mesmo que não fossem tocadas por nenhum dos membros da procissão. Como que por autossugestão, na verdade, as pessoas morriam por si sós. Em Minas Gerais mesmo, expliquei a ele, tinha muito a ver com o fechamento do comércio em dias de enterro quando o cortejo fúnebre passava em frente. Adriano ouvia o que eu dizia atentamente e agora ele parecia assombrado por sua vez.

"Mas nossa, é muito parecido com o que acontece com quem passa perto do Renan nessas noites. Não é tão violento assim como a senhora falou, e quem é nativo de Taurinos não morre nem nada, mas topar com ele na estrada à noite nessa situação é bem esquisito mesmo. Dá uns calafrios medonhos, uns pesadelos fodidos à noite, a gente acorda parecendo que está sufocado, suando pra raio..."

Houve uma pausa. Sem saber o que dizer, ofereci uma xícara de café com leite a Adriano, fui colocando o pão, a manteiga da roça e outras coisas na mesa.

Minhas idéias já eram um turbilhão desde anteontem, agora ficaram piores, muito piores. A descrição que ele fazia de Renan era muito próxima da que se poderia fazer em muitas cidadezinhas no interior do Brasil de uma mula-sem-cabeça. Comentei com ele que o que ele me dizia parecia a descrição de uma lenda e de como era estranho que uma lenda, ou uma tradição tivesse começado em fevereiro deste ano, mês em que vim para cá pela primeira vez. Uma lenda, uma tradição de menos de três meses???

Adriano não pareceu entender o que eu queria dizer com aquilo ou não soube exatamente o que responder. Expliquei que era como tinha acontecido com a própria cidade, eu criando um passado milenar para a cidade dentro de um Brasil ainda mesolítico. Ele aparentou entender melhor as coisas explicadas assim, e, de mais a mais, realmente era mais ou menos isso mesmo.

Levantei a questão dos dois homens que tinham sido mortos e de como isso tinha se refletido no mundo físico em Santos e São Vicente. Adriano arregalou os olhos, como se aquilo fosse para ele novidade grande. Disse que não sabia disso. Mostrei os emails da Meire a ele também. Ele perguntou se eu os tinha mostrado ao Renan e eu disse que sim.

"Grande Mitra, isso é codeloco!", ele me olhava, sem acreditar, *"a senhora perguntou sobre isso ao*

Andrés?"

"Ainda não, mas vou perguntar. Mas o que não bate com o que você está me dizendo sobre a Polícia Obscura é..."

"D. Stella, não fique aí dizendo esse nome, uma hora a senhora acaba falando isso do lado dele e já viu, né?"

"Bom, não bate com que o você me disse sobre ele fazer as coisas à noite. Veja, o primeiro desses dois homens foi morto na hora do por-do-sol, o outro foi morto na praça em plena luz do dia..."

"Esses eram especiais, acho eu, né? Pelo que a senhora falou agora pouco, eles conheciam a senhora, não? Não sei que diferença isso pode fazer, mas acho que é isso. Pelo menos, não consigo pensar em nenhuma explicação melhor."

Na falta de uma explicação melhor, fiquei com a de Adriano. Poderia ontem ter perguntado ao próprio Renan, mas minha maldita memória me trai sempre que eu mais preciso dela. Sempre foi assim, me parece.

Laptop aberto. MÊN aberto, *instant messenger* esperando por ninguém que imaginasse que eu ainda estivesse viva. Deixei meu status online, para que

todos pudessem ver. Será que isso poderia inaugurar uma nova era de comunicação entre os vivos e os mortos?

Noite a perder de vista lá fora. O céu está pontilhado de estrelas e a Via Láctea gira preguiçosa seguindo a rotação da Terra. Ouço um cavalo na estrada, de longe. Renan? Ninguém cavalga por aqui à noite, disse-me Adriano. Então para a noite lá fora, deixei o alpendre em direção à estrada de terra. O som do cavalo veio num crescendo lento, não era um galope, mas um trote firme de quem vem num passo decidido. Será que finalmente vou presenciar a passagem da tal Polícia Obscura? Só mesmo nesta cidade louca pais deixariam um filho de dez anos cavalgar pelos limites de município sozinho a uma hora dessas. Que dirá as outras coisas ainda mais insanas que ele faz. Mas isto é Taurinos, e em Taurinos, mesmo sendo em Minas Gerais, as coisas são diferentes.

E o cavalo se aproximou de onde eu estava. Não levaria muito agora até que entrasse no meu campo de visão. E quando finalmente apareceu, não era Renan, pelo menos não parecia de onde eu estava ser tão baixo quanto ele. Levou algum tempo até que eu o reconhecesse; vi que era "sêo" Danilo quando ele parou o cavalo perto de mim. Ele não esperava me ver na estradinha àquela hora e ficou tão surpreso quanto feliz em me ver. Apeou do cavalo sorrindo e

trocamos cumprimentos. Fazia um tempinho que eu não o via. Me disse que achou a casa muito bonita.

"A senhora não tem ido mais em casa, então passei para Ihe retribuir as visitas", ele disse com um sorriso, *"tem tido saudades do meu café?"*

"Com certeza. Eu planejava Ihe visitar em breve, mas que bom que veio conhecer a minha velha casa nova."

Mostrei a ele toda a casa e ele admirou cada detalhe. Elogiou demoradamente o apuro de Duílio e Adriano ao construir a casa. Na cozinha, coloquei água para ferver e enquanto enchia o coador com pó de café, conversávamos sobre o assunto desses últimos dias. Como Adriano, ele ficou espantado ao saber que coisas aconteceram em Santos que ecoaram as ações de Renan por aqui.

"Polícia Obscura, não é?", eu perguntei. A reação dele foi a mesma de Adriano. Disse que não era um nome muito bom para se utilizar.

"O menino fica meio agitado quando ouve isso, sabe? Um dia jogou uma garrafa no Célio da Dica lá no bar do Zé das Profundezas quando ele brincou com esse nome. Agora, o mais esquisito foi que o Renan estava na praça e o cara no bar e ele veio da praça só pra

jogar a garrafa no Célio. Tiveram que levar o Célio pra Varginha na mesma hora. Como ele podia ter ouvido de tão longe?"

Eu estava espantada, mas insisti em testar o potencial da Polícia Obscura.

"Mas ele não me machucaria, não é? Se ele faz tudo isso para me proteger..."

"Capaz! Não machucaria, mas ele poderia Ihe dar um tempo bem quente, pior do que se tem quando se fica no caminho dele pela estrada. Eu já encontrei ele numa das estradinhas de terra perto dos limites de município. Aliás, não é muito bom ficar por ali, nem nos descampados, porque ele sempre vai patrulhar é nos limites. Passei a noite inteira tendo uns pesadelos medonhos, suava pra raio, saliva pra raio; cheguei até vomitar e a senhora bem sabe que ele me tem o maior respeito. Agora, as pessoas são exageradas também, basta sentar na estrada ou vir para o canto e fechar os olhos. Dá uma sensação estranha, mas não é nada comparado a ver ele passar por você. Ele vê logo que é nativo daqui, não mexe com a pessoa."

"Você ficaria no caminho dele de novo?"

"Naquela noite não teve como evitar, porque eu confundi o som do cavalo dele com o meu próprio. Não

me pergunte como uma codeloco dessa aconteceu, deveria ter dobrado o som das pisadas do cavalo, mas eu devia estar bem distraído. Quando percebi, ele já estava passando por mim. Mas se eu puder evitar, não fico não, creio em Deus Padre!"

"Ele se desculpou com o senhor, "sêo" Danilo?"

"Renan não é de pedir desculpas, "sá" Stella. Passou por ele, azar. Eu lhe disse uma vez, ele não é brincado. Nós tínhamos nos conhecido há pouco tempo, lembra? Lhe disse que o menino era mau. Eu não estava brincando nem exagerando. Sei o que digo e porque digo."

Quando eu colocava o café pronto sobre a mesa, o ruído característico do MØN nos interrompeu a conversa. Era a Meire entrando online! Eu tenho a minha amiga online no MØN, nem acredito. E nem ela, pelo tom nervoso das palavras que enviou.

"Quem é você??? Como entrou nesse perfil?!", era a mensagem seguida de um emoticon furioso. "Êo" Danilo pouco entendia de emoticons, mas sabia ler muito bem. Ele olhou para mim com um olhar sério, como se compreendesse bem o que estava se passando do outro lado.

"Meire, sou eu, sua amiga Stella", digitei apressada,

"pode te parecer muito esquisito, mas sou eu mesma, acredite..."

"Êu vagabundo, hacker de uma figa! Vim do enterro da minha melhor amiga esses dias. Como pode fazer uma coisa dessas? Deixe o perfil dela em paz, isso não se faz, seu desgraçado!!! Eu vou te denunciar no MØN, seu filho de uma puta!"

Não parei para pensar na maravilha de poder estar me comunicando com ela nessa situação. Não tive tempo. Ela não me daria tempo, nem eu poderia culpar minha amiga por reagir assim. Senti uma imensa vontade de chorar. De tudo o que já tinha me acontecido nessa longa e louca jornada por aqui, jornada que agora não terminaria nunca mais nem iria mais a lugar algum. As frases de Meire me devolvem a condição de recém-falecida que me atormenta por esses tempos e que tento desviar de minha cabeça até agora sem sucesso. "Êo" Danilo pareceu triste ao me ver assim, mas procurou ajudar.

"Tente dizer a ela alguma coisa que só vocês duas saberiam e ninguém mais, "sá" Stella. Talvez isso ajude. É mesmo difícil acreditar que isso está acontecendo, deve estar sendo bem difícil para ela, coitada."

Gostei da idéia — por que não pensei nisso antes? — e digitei rápido:

"Você não vai me perguntar se o Paulo voltou para casa, como você sempre faz quando ficamos um tempo sem nos ver?"

Meire está digitando uma mensagem, diz o status embaixo da janela de conversação. Parecia uma eternidade.

"Como pode saber de uma coisa dessas? Leu no blog de minha amiga, não foi? Porque eu li isso lá. Como pode, ainda pesquisa para poder atazanar a vida de gente que já está se sentindo arrasada o bastante!"

Desanimei. Falar da nossa briga sobre o menino mexicano não resolveria. Estava no blog também. Me arrependo do dia em que mostrei meu blog a ela. Deveria tê-lo mantido em segredo. Quando eu já me preparava para desistir, um raio de luz me iluminou.

"Meire. Requisita a minha webcam. Vou te mostrar quem eu sou de verdade."

"Com certeza. Quero ver a cara do vagabundo que está fazendo isso comigo e com a memória da minha melhor amiga!"

Outra eternidade. "Êê" Danilo olhava para mim, entre curioso, interessado e solidário. Queria saber como aquilo terminaria. Eu, muito mais que ele talvez. Depois de um tempo que parecia uma era geológica, a requisição dela veio. Dei permissão e esperei. A webcam me mostrava e mostrava o interior da cozinha. Requisitei a webcam da Meire e logo veio a permissão. Uma Meire abestalhada com o que a webcam mostrava apareceu na tela em frente. "Êê" Danilo só fazia se admirar das coisas da tecnologia que não entendia e não parecia disposto a aprender. Uma vez me confessara ter medo da profusão de botões e comandos que o computador ostentava. Meire conhecia aquele mundo dos computadores, mas não o mundo que sua webcam mostrava. Para ela, eu estava em Santos em minha cozinha. Pelo áudio da webcam, expliquei a ela que era a minha cozinha, mas não era mais Santos. Ela quis saber como isso poderia ser possível. Eu disse a ela que era uma longa história.

"Eu vi, eu vi você deitada naquela caixa horrível, Etella", o rosto dela tinha lágrimas rolando, "vi quando desceram aquilo pra dentro da terra, eu juro que vi."

"Eu sei que viu, Meire. Eu acredito em você. Fico feliz de saber que agora você também acredita em mim."

Foi difícil explicar a ela a minha condição, nem viva, nem morta, nem zumbi, suspensa numa Minas Gerais

paralela ao tempo e espaço em que ela vive. Perguntei a data no computador dela. Ela disse que era dia 6 de abril. Pensando estar adiantada a ela no tempo, perguntei se era abril de 2009. Ela me disse que era abril de 2010. Olhei para "sêo" Danilo e ele me encarou assombrado com tudo aquilo. Não fosse ele mineiro, estaria pensando que estava ficando louco em ver que eu estava me comunicando com uma pessoa no futuro. Expliquei a ela que estávamos em 2009 e ela pareceu repetir no futuro o assombro de "sêo" Danilo.



Terça-feira, 28 de abril de 2009

Role os dados

Renan apareceu de manhã em casa. Não veio em seu palomino desta vez, foi trazido por Donana e "sêo" Octávio de carro. Insisti em que os pais entrassem, não sei se por receio de Renan ou se por demonstrar um pouco da mesma hospitalidade que eles tiveram para comigo em fins de março em sua fazenda. E por que ter receio de Renan, afinal? Estive com ele por tanto tempo, estivemos juntos desde a primeira reunião da Sociedade Antiga dos Taurinos. Ele e Guilherme simpatizaram comigo de cara, quando nos conhecemos em fins de fevereiro, inspecionando os bezerros da fazenda Teixeira. Ao contrário do Bruno, ou Andrés por exemplo. Eu teria deixado todas as histórias da Polícia Obscura que ouvi ontem me impressionarem tanto assim? Por que me impressionaria depois de tudo o que vivi quando estava hospedada na casa dele? Sei que se ele não tivesse aparecido no meio do mato naquele por-do-Soi, quando o Lopes encostou aquela arma na minha cabeça — surgido sei lá de que região do inferno astral em que ele sempre viveu — eu talvez não estivesse mais aqui. Se é que eu sei onde estou ou um dia soube onde estive. Mas não posso esquecer que ele me usou como isca ao me atrair de volta à fazenda Teixeira para facilitar o trabalho dele de localizar e eliminar Lopes com seus cachorros assassinos.

Hoje não culpo Renan, assim como não posso culpar Andrés por tudo o que aconteceu. Não posso culpar Andrés mesmo sabendo que ele me deixaria apodrecer numa cama de hospital, já que ele tinha conseguido tudo o que queria de mim. Ele foi criado para lutar pela sobrevivência de Taurinos. Renan foi criado para patrulhar as fronteiras da cidade. Tudo veio de mim, Andrés, o Plano Mestre, Renan, sem que eu soubesse como nem porque. Mas não é culpa deles terem sido criados assim, Se existe uma culpada nessa história sou eu. Apenas eu deveria assumir a culpa por tudo o que me aconteceu. Mas não existe culpa. Como numa música do grupo canadense Rush, tudo é muito simples de explicar.

“Por que estamos aqui? Porque estamos aqui. Porque isso acontece? Porque isso acontece. Role os dados.”

Role Os Dados, escrito por Rush em Roll The Bones, 1991, Anthem / Atlantic Records.

Acordei de minhas reflexões sobre a Sagrada Escolha Randômica e mostrei a eles a casa. Renan nos seguia maquinalmente, cara de poucos amigos, sem prestar muita atenção na casa, mas parecia não tirar o olho de mim. Como se estivesse desconfiado de alguma coisa. Quase como se ele soubesse que conversamos eu Adriano e "sêo" Danilo sobre ele ontem o dia inteiro. Me era bem estranho ter o menino aqui num dia

normal andando conosco pela casa depois de tudo o que ouvi sobre ele ontem. Não era receio dele na realidade, mas um sentimento de estranheza por tudo o que ouvi. Era como convidar alguém para o café da manhã que você sabe que se transforma num lobisomem em noites de lua cheia.

Eu disse que iria fazer café e eles recusaram, alegando já ter tomado café em casa e agora terem de ir à cidade. Insisti, mas não houve jeito de convencê-los a ficar para o café da manhã. Renan sentou-se na poltrona no canto da sala. Percebi que ele não iria junto com os pais à cidade. Com efeito, os pais saíram e ele ficou. Antes de sair, "sêo" Octávio e Donana pediram que eu não desse café da manhã a ele. Que coisa estranha. Estranhosidades de todos os lados, eu que já havia muito deveria ter me acostumado.

Eu disse ao menino que viesse até a cozinha comigo. Talvez ninguém quisesse tomar café, mas eu ainda não tinha me alimentado e tinha fome. Ele moveu a cabeça na minha direção, se ergueu e foi até a janela da sala que dava para o alpendre. Viu se os pais já tinham ido embora e só então veio comigo. Como se fosse um tarado que olha em torno para ver se a costa está limpa para cometer um crime. A idéia me deixou nervosa, mas procurei aparentar tranquilidade, como se nada especial estivesse

acontecendo. E se realmente nada de especial estivesse acontecendo?

Renan sentou-se à mesa. Ficou em silêncio absoluto, daqueles que me dão nos nervos mortalmente. Ficou me olhando como se não tivesse olhos para mais nada. Ofereci a ele tomar café da manhã comigo.

"Meus pais não querem que eu tome café de novo", ele disse com o olhar estranho e metade de um sorriso. Não sei por vezes o que mais me incomoda nele, se a cara de ursinho emburrado ou o sorriso esquisito de quem parece te olhar com olhos de raio X. Ele estava me dissecando, isso eu sentia nos meus ossos. E isso me dava nos nervos, definitivamente me dava nos nervos.

"Que é que tanto você me olha, Renan?"

Ele desviou os olhos para a janela da cozinha automaticamente. Ficou como um maluco falando comigo e evitando olhar para mim.

"A senhora está diferente comigo. Eu posso sentir. Como um cão que fareja o medo nas pessoas, dá pra sentir isso na senhora direitinho. Está mudada comigo. Istrudia mês no alpendre a senhora parecia apavorada. Ansdionti lá em casa parecia a mês D. Etella que eu conheci na primeira reunião da

Sociedade. Hoje a senhora tá diferente de novo. O que que tá haven'ô, D. Stella?"

Ele olhou para mim finalmente e me encarou.

"É o negócio dos hominhos que estavam atrás da senhora?"

Não respondi, pensando no que dizer. A água iniciou fervura. Me ergui e fui pegar o coador e o pó de café. Pronto o café, coloquei tudo sobre a mesa e forcei Renan a me acompanhar na minha primeira refeição do dia, que para ele era já a segunda. Não gosto de ficar comendo e não oferecer. Renan pegou ~~três~~ pães de queijo e encheu sua caneca metade leite, metade café. Fiquei olhando ele passar manteiga nos pães de queijo em silêncio enquanto ele fazia o que fazia sem olhar, apenas com os olhos voltados para os meus, ansioso por uma resposta, *"a senhora conversou com mais alguém sobre isso, não foi? Por que não pergunta as coisas pra mim direto? O que mais a senhora tanto quer saber?"*

"Posso mesmo te perguntar as coisas?"

"A senhora saquessim. Eu estou aqui pra ajudar. A senhora tá cansada de saber disso, D. Stella", o mineirinho minúsculo falava com a boca cheia de pão de queijo.

"Primeiro, você tem que me dar sua palavra de que não vai ficar zangado comigo nem com ninguém. Promete?"

Ele hesitou e levou um tempo para responder. Engoliu um bocado do pão, um gole de café com leite e finalmente prometeu que não ficaria zangado. Mordeu mais um pedaço de pão de queijo e quando ia engolindo veio a pergunta:

"O que é a Polícia Obscura?"

Instantaneamente ele engasgou com o pão. Era quase como se eu entendesse o pedido de "sêo" Octávio e Donana para que eu não o alimentasse. Não alimente os animais. Renan virou a cabeça violentamente para o lado esquerdo e cuspiu café com leite e pedaços mastigados de pão de queijo para todo lado. O chão da cozinha ficou imundo. Me ergui apavorada e fui bater nas costas dele quando ele já ameaçava sufocar. Me olhava com os olhos arregalados, injetados de sangue. Demorou a se recuperar e conseguir falar, mas quando conseguiu eu desejei que não tivesse perguntado nada.

"Quem foi o filho da puta que falou?", ele rosnou.

"Você me prometeu, lembra?"

"Quem foi o filho da puta que falou???", ele gritou, num crescendo de fúria que cedo não iria mais caber em minha casa.

"Eu "vi" isso em você uns dias atrás...", eu tentava uma mentirinha de nada, fraca, que eu sabia que não iria colar.

"Não mente pra mim, cara! Não esconde o filho da puta não, que eu não sou otário! Tá me tirando que a senhora "viu" porra nenhuma em mim! Polícia Obscura é a puta que pariu do filho de uma vaca que falou essa merda!", ele falava da boca para fora, mas eu não conseguia deixar de me horrorizar ouvindo tantas palavras de baixo calão da boca de um único menino de dez anos. Mesmo sendo ele Renan.

E repentinamente ele se levantou da mesa, tremendo de ódio, com um sorriso súbito que me amedrontou.

"Foi o pau no cu do Adriano língua solta, não foi? Fala, D. Etella! Fala! Prometo que não vai lhe acontecer nada, juro! Mas me diz se foi ele que ele vai se dar mal. Ninguém me chama desse nome que não vai se foder depois. Eu arrevento o desgraçado todinho! O Célio da Dica teve que operar a cara em Varginha depois de brincar comigo. Se foi o Adriano, ele tá fodido! Ele tá fodido!!!"

"Olha, se alguém tá fodido, esse alguém sou eu. Não vai fazer bobagem, ninguém tem nada a ver com essa história. Me interessei em saber e fiquei sabendo. Se vai jogar pesado com alguém, vai jogar pesado comigo. Me bate, faz o que quiser, mas a responsabilidade é minha e só minha. O que você achar que tem que fazer, vai fazer comigo, Renan! E chega dessa gritaria aqui dentro da minha casa."

Ele veio para o meu lado. Eu estava apavorada, mas conseguia forças, sei lá de onde, para aparentar o máximo de calma possível. Não levantou a mão para mim, mas chegou bem perto de onde eu estava.

"Então é assim? É isso que a senhora quer?"

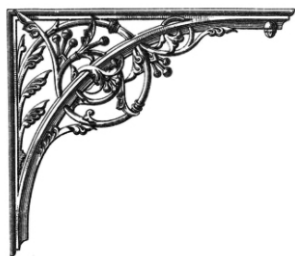
"É assim que é."

"Tudo bem, então a senhora vai assumir isso que falou pra mim?"

"Já está assumido, Renan."

"Fica assim então. Não vou mexer com ninguém. Eu sei que foi o babaca do Adriano, mas se a senhora prefere assim, assim vai ser. Não faço nada sem provas. Não vou mexer com ele. Agora a conversa é com a senhora."

Ele me disse que meus problemas começariam à noite assim que eu tentasse fechar os olhos para dormir. Recomendou que eu lesse um bom livro e passasse esta noite em claro se quisesse evitar problemas. Problemas sérios.



Quarta-feira, 29 de abril de 2009

Noite de chumbo

Meia-noite em ponto, diz o relógio na área de trabalho do meu laptop. Liberto da energia elétrica, com baterias tão inacabáveis como qualquer cidadão de Taurinos, conectado pela internet a um relógio atômico, era o relógio mais confiável que eu podia ter agora. Os olhos pesam, minhas pálpebras parecem feitas de puro chumbo. Penso nas desgraças do dia anterior. Deveria ter contatado alguém, "sêo" Danilo, Adriano, Andrés; ao invés disso, passei o dia num rodopio sem fim de idéias desconfortáveis e perturbadoras que vinham de todos os lados. Por que tenho de passar por tudo sozinha, afinal? Por que não dividir as coisas com os outros?

Porque de novo a culpa é toda minha. Fico aliviada em saber que pelo menos poupei Adriano de uma situação difícil. Não era culpa dele que eu tivesse usado o apelido de Renan para começar a perguntar a ele sobre seu trabalho. Não era suficiente perguntar sobre as coisas que os dois tinham me contado? Por que usar o apelido do qual Renan tinha tanto ódio? E por que tanto ódio por causa de um apelido que nem pejorativo era? Um apelido poético afinal de contas, bonito até demais para a natureza daquilo que ele faz na cidade.

Talvez porque ele sofra o que faz como uma maldição

estranha. Eu, Stella Freitas-Grisam, encararia assim. Uma espécie de maldição, exatamente isso. Algo que faz com que ele veja o apelido poético como zombaria em cima de um sofrimento que é caçar forasteiros, entidades, corpos estranhos à cidade tão automaticamente como ele faz pelas descrições que se fizeram dele. A compulsão dele é também seu sofrimento e fonte de orgulho. Sentimentos tão misturados, tão confusos. Ninguém poderia viver assim tão dividido. Mas ele vive. Um menino de dez anos dividido dessa maneira, uma lenda viva engasgando com um prosaico pão de queijo em minha cozinha por não suportar o peso do próprio apelido. É como se ele pensasse, *"eu fico me fodendo aqui pelas noites enquanto a cidade dorme e vem a cidade me colocar apelidos? Pois muito bem, vou botar pra foder em cima de quem me chama por esse nome"*; se ele vai passar a Eternidade desempenhando essa função, eu poderia ajudar o menino ao menos retirando da psique dele o peso que ele parece dar ao nome tão estranho, mas tão bonito em minha opinião.

Esclareço: nunca fui fã da Polícia. Nem de longe. O agora finado Lopes meu deu em 1994 uma amostragem do poder de fogo deles que quase me pôs louca. Mas tenho de admitir que nesse caso o apelido tem tudo a ver com a função que Renan desempenha em Taurinos. É bonito enquanto fala de uma condição para a qual Renan parece ter sido criado. O menino

não é, nesse sentido, diferente de nenhuma polícia do mundo. E, eu estava para descobrir, provavelmente em nenhum sentido, realmente.

Os olhos pesam cada vez mais. Apreensiva, ligo a TV na Rede Minas, retransmitindo a TV Educativa; procuro me distrair com um documentário sobre a vida e a obra do mineiro Aleijadinho de Vila Rica e seus trabalhos monumentais em Congonhas do Campo. O documentário não parece ser o suficiente. Os sons de uma orquestra percussiva de sapos lá fora, misturados aos grilos e curiangos do caminho me distraem, mas também me hipnotizam cada vez mais. Como se me enviassem a um estado de sono que sei, a cujo luxo não poderei me dar esta noite. Ou eu poderia me deixar dormir e testar todo o poder de fogo da Polícia Obscura esta noite. Quem vencerá, a curiosidade e o sono ou o medo do que poderia estar me aguardando no mundo dos sonhos esta noite? Renan tinha sido categórico; coisas pavorosas me aconteceriam se eu ousasse pregar o olho esta noite. Provavelmente às seis da manhã tudo estaria bem. Ele disse: esta noite. A noite termina às seis da manhã. Quando o carro de Mitra iniciasse sua subida pelo céu, eu estaria segura, se o que entendi das palavras dele for real.

Na ansiedade, liguei para a fazenda Teixeira. Um Guilherme sonado e lento como um caracol atendeu. Perguntei pelo irmão caçula dele. Ele disse que estava

Ele protestou, perguntou se eu não acreditava na palavra dele, louco para voltar para sua cama e dormir, mas foi. Retornou e disse que Renan estava dormindo como um anjo. Só se fosse como um anjo da morte.

Liberei o pobre menino e desliguei o telefone. A afirmação de Guilherme me aliviou. Não haveria tempo de Renan chegar até aqui e me provocar qualquer tipo de pesadelo ou fosse o que fosse. Assim que desliguei o telefone, o ruído da aldrava na porta da frente de minha casa me gelou por dentro. Pancadas fortes, definidas. Levantei da poltrona num estado de nervos ainda desconhecido pela Psicologia e fui devagar até a porta.

"Quem está aí fora?", perguntei, tremendo da cabeça aos pés.

"D. Etella, abre a porta, sou eu, Andrés", disse a voz familiar do gordinho.

Ainda apavorada, abri a porta. O que estaria Andrés fazendo aqui a essas horas quando todos nesta cidade dormem mais tardar às dez da noite? Olhei. Era realmente Andrés. Ele perguntou se poderia entrar. Ficou olhando fixo para mim. Sem mais delongas, perguntou porque eu tinha que ter falado com Renan usando aquele apelido durante o café da manhã. Não

estou ainda acostumada à visão onisciente que Andrés tem de Taurinos (ou seja, de si mesmo), mas sei que ele "viu" e "ouviu" toda a nossa conversa.

"D. Stella. Tem mais alguém aqui dentro."

"Como é que é???"

"Vamos acender todas as luzes da casa. A luz do alpendre também."

Um calafrio me desceu pela espinha, forte, chamando a atenção de Andrés para minha pele arrepiada. Fomos caminhando pela casa e acendendo as luzes enquanto os calafrios subiam e desciam pela minha espinha sem paradeiro.

Andrés então me disse com todas as palavras que Renan estava na sala junto conosco. Eu argumentei que o tinha visto ir embora. Que eu tinha acabado de ligar para a fazenda Teixeira e falado com Guilherme. Que o irmão mais velho tinha ido ao quarto dele conferir e que ele realmente estava dormindo.

"Eu sei que ligou. Eu "vi". Mesmo assim, a Polícia Obscura está aqui na sala exatamente agora. Acredite em mim. Ele está só esperando a senhora dormir. E ele está no quarto dele na fazenda Teixeira dormindo tranquilamente. Exatamente como o

"Guilherme" (e Andrés fez um sinal de aspas ao pronunciar o nome do amigo) acabou de lhe dizer. Ele está acordado, planejando o que fazer com a senhora. Ele deve estar se divertindo bem, sozinho no quarto dele."

Engoli em seco. Ele me perguntou se eu queria que ele passasse a noite comigo. Disse que nós poderíamos conversar e espantar o sono. Perguntei se era assim tão complicado que por isso ele viesse aqui se dar a esse trabalho de passar a noite em claro junto comigo. Ele fez que sim com a cabeça. Disse novamente que a Polícia Obscura estava dentro da minha casa. Repetiu isso umas tantas vezes. Meu medo começou a se transformar em pavor.

"A senhora já ouviu falar em Jurupari?"

"O 'ser que vem à nossa cama'?"

Ele novamente fez que sim com a cabeça.

"Eabe, não é nem um pouco agradável receber a visita dele durante a noite. Aqui o Jurupari é conhecido como Polícia Obscura. O mesmo gordinho com cara de ursinho que tomou café com a senhora de manhã. A senhora não acreditaria em como ele se manifesta. Não é uma experiência que a gente possa fazer como um teste, tipo, para ver o que acontece e

beleza."

"É o que se chama de terror noturno em Psicologia. Uma sensação de morte iminente. A sensação de que o quarto onde dormimos é visitado por um ser medonho."

"Sim. E o ser que vem à nossa cama já está aqui dentro. Está na sua cama. Está aqui no sofá. Naquela poltrona. Onde quer que a senhora se deite. Onde quer que a senhora adormeça, lá ele vai estar. Começa aos poucos, mas vai dobrando de intensidade até atingir o máximo. Geralmente vai crescendo durante seis horas, da meia-noite até as seis da manhã, mas no fim das contas é do jeito que o Renan decidir."

"Como ele pode estar dormindo e estar aqui ao mesmo tempo, Andrés?", eu parecia incapaz de formular uma pergunta inteligente sob tanta pressão.

"Me admiro logo a senhora com todo esse trabalho de corpo... como que é mês o nome? Corpo astral, né? Isso, me admiro a senhora com esse trabalho de corpo astral que fez a gente fazer lá em casa me perguntar isso. E, não é isso, é que a senhora não conhece todos os aspectos do Renan. A Polícia Obscura é um aspecto dele. Todos nós temos aspectos

diferentes no dia-a-dia, né? Na escola nós sete somos diferentes do que somos na Cachoeira dos Chifres ou no centro da cidade, por exemplo. O Renan que tomou café hoje aqui é um aspecto diferente do mesmo Renan que lidou com o touro durante a cerimônia no Mithraeum no início de março. Não fosse assim, tudo estaria misturado e seria uma puta confusão. Você tentaria matar um touro enquanto a professora tenta lhe ensinar geometria, entende o que eu quero dizer? A Polícia Obscura é um outro aspecto dele ainda. Entende?"

"Eu entendo. Os deuses também são representados em diferentes aspectos dentro de uma mesma mitologia. **Aspecto** aí vem até a ser um termo técnico em mitologia, assim como **paixão**. Exatamente como você está falando."

Ele ficou pasmo ao ouvir dizer que **paixão** era um termo técnico, mas continuou.

"É, isso, os deuses e tudo isso, exatamente assim. É bom falar com pessoas que entendem rápido porque já trabalham com isso."

"Renan sabe disso, mas ele se lembra de que causa essas coisas nas pessoas pelas quais ele passa à noite?"

"Não, a Polícia Obscura é como se fosse um Iobisornem.

Quando o Renan retorna para a fazenda Teixeira, troca de roupa e dorme (e a senhora não iria reconhecer ele naquele pijama de bolinhas), não se lembra de nada no dia seguinte, só que ele fez o que tinha de ter feito. Disso ele se lembra completamente e com detalhes. Porque como aconteceu com a senhora daquelas vezes, dois dias seguidos, ele fez consciente. Mas quando sai à noite ele não se lembra do que aconteceu quando estava cavalgando, mas lembra do que fez. Então, cruzando o caminho das pessoas dentro da noite, ele não se lembra de nada, porque ele está concentrado no alvo dele e em nada mais. Isso de cavalgar à noite é um dos motivos pelos quais ele é chamado de Polícia Obscura. A senhora sabe que não existe polícia em Taurinos. Sabe disso há muito tempo já. Quando se fala em polícia aqui, o povo quer dizer Polícia Obscura. O que eu estou lhe dizendo vai mudar com o tempo; quanto mais energia ele acumular, mais poder e consciência ele vai ter."

Andrés foi até a janela do alpendre olhar a noite. Pelo menos, era isso que eu achava que estava acontecendo. Olhou para fora, olhou para mim e me chamou até a janela.

"Bom, encontrei o Renan. Olhe lá fora e me diga o que está vendo."

Me levantei e fui até a janela. Ao chegar ao lado dele na janela e olhar para fora, quase não consegui segurar um grito de espanto: um cavalo preto estava amarrado numa das colunas do alpendre. Imediatamente, o cavalo me olhou diretamente nos olhos. Um olhar gelado e fixo como o de um ser obsediado. A figura do cavalo fixando os meus olhos, se recortando palidamente no fundo escuro da noite de breu lá fora, mesmo iluminado pela luz do alpendre (ou até por causa disso), formava um espetáculo sinistro e bizarro que me perturbou absurdamente.

"Eu não ficaria olhando nos olhos desse cavalo se fosse a senhora", aconselhou Andrés ao notar o meu assombro, "já foi bem ruim a senhora ter visto ele, eu pedi que olhasse para que a senhora entenda melhor o que eu disse. A senhora ouviu esse cavalo se aproximando?"

"Não, não ouvi nada... Meu Deus..."

Embora achasse que o ruído da televisão pudesse ter mascarado a chegada do cavalo, pensei que quem não acredita em Mitra passa a acreditar num momento como esse. Pelo sim e pelo não. O menino me olhava sério e não tardou a me puxar para longe da janela. Para meu espanto, abriu a porta e me chamou para fora. Disse que eu não precisava ter medo.

"Não há nada aqui fora, D. Stella, pode vir e ver."

E resultou que o cavalo não estava lá. Ele me disse que eu só poderia ver o cavalo preto através da janela. Então quando voltamos para dentro, olhamos pela janela e o desgraçado do bicho estava lá fora!

"Esse cavalo é um cavalo normal daqui da nossa fazenda. Todos os cavalos pretos que nascem são passados para o Renan. Ninguém mais na cidade tem cavalos dessa cor. Assim que nasce um, chamam o Renan para levar embora. É um cavalo normal, mas ele está no mesmo aspecto da Polícia Obscura que acabamos de falar. Porra, não olhe o cavalo nos olhos não, D. Stella!"

O olhar do animal lá fora, dentro da noite de breu fechado me hipnotizava, perturbava, fascinava, aterrorizava, tudo ao mesmo tempo. Andrés teve de fechar a cortina para desviar o meu olhar e procurou me afastar o quanto antes da janela.

"É assim mesmo, ele parece que quer hipnotizar a gente. Agora, não me pergunte porque essas coisas acontecem. Elas acontecem porque acontecem. Eu sei de tudo isso porque eu sei de tudo isso. As coisas são assim porque as coisas são assim."

Quando voltamos, ouvi um chiado rítmico vindo da mesa de centro. Meu mp3. Coloquei os fones no ouvido

tocando aleatoriamente. Há quanto tempo ele estará ligado tocando?

"Vai! Empurre-o para longe! Não! Não o deixe ficar! Ele entra para encará-la, a boca aguada, a boca que conhece o você secreto, sempre você. Um sorriso para esconder o medo. Oh, manche as paredes com esse homem. Como se fosse morango e chantili. É o único jeito possível. Exatamente o mesmo quarto limpo. Exatamente a mesma cama limpa. Mas já me demorei demais por aqui desta vez. E fiquei grande demais para caber aqui desta vez..." Empurre, escrito por The Cure em *The Head On The Door*, 1985, Fiction / Elektra.

Desliguei o mp3. Respirei fundo. Eu não sabia o que dizer, o que perguntar em seguida. Andrés se sentou no sofá. Depois de uma pausa, levantou e disse que teríamos uma longa noite pela frente. Perguntou se havia café. Fomos à cozinha e eu preparei um bule com bastante pó para que fosse bem forte. Coloquei música suave no som da sala e retornei. Ficamos por algum tempo comendo bolo de fubá e tomando café quietos, sem dizer uma palavra que fosse um ao outro, até que Andrés quebrou o silêncio.

"Eu lhe disse várias vezes que Adriano fala demais. Mas a senhora não precisava ter chamado o Renan"

por esse apelido. Poderia ter conversado com ele sem usar o apelido, talvez tivesse descoberto coisas interessantes sem precisar entrar nessa situação."

"Por que Renan tem tanto ódio assim desse apelido? Não é como chamar alguém de idiota, não?"

"Acho que ele vê como brincadeira com o trabalho importante que é livrar Taurinos das pessoas de fora. Mas, não posso ler os pensamentos das pessoas né? E também minhas relações com o Renan nunca foram muito boas, então não posso perguntar. Ele nunca engoliu aquela briga na escola, como a senhora bem sabe e a gente não se bica desdaí. Não tiro a razão dele, mas fiz aquilo pela cidade e por mim mesmo, já que eu sou a cidade. Fiz e se precisasse, faria de novo."

E repentinamente, a expressão de Andrés mudou para uma de atenção. Eu fiz menção de falar, mas ele me sinalizou que eu ficasse quieta. Perguntou se eu ouvia um cavalo na estrada de terra. Eu ia dizer que não, mas comecei a ouvir o som muito leve, se aproximando da minha casa.

"Quem pode ser? Renan?", perguntei, já alarmada.

Andrés sorriu. Disse que era "sêo" Danilo. E que estava vindo da cidade. Ouvimos o cavalo parar em frente ao alpendre. Ouvimos as batidas na porta e abrimos.

"Êo" Danilo entrou, pedindo licença como de costume. Disse que viu as luzes da casa acesas de longe e parou para saber se eu precisava de algo. Andrés disse a ele que olhasse pela janela. Ele afastou as cortinas e olhou. Fechou as cortinas num só golpe e olhou para nós, parecendo alarmado. Pareceu entender a situação no momento em que olhou.

"Mas "sá" Stella... O que andou fazendo? Por que é que a Polícia está aqui?"

"Não sei, mas tenho o palpite de que eu não soube aproveitar as suas lições e as do Adriano."

Ele não pareceu saber o que me dizer no momento, ficou apenas parado olhando para mim.

00:15

Eu estava nervosa e não conseguia disfarçar minha ansiedade. Se for metade do que eles estão dizendo, não posso me permitir nem "pescar" esta noite. Olhei o laptop. Meia-noite e quinze.

"Se a senhora olhar por qualquer janela da casa, o cavalo vai estar lá, "sá" Stella", disse o sertanejo, parecendo preocupado com minha situação.

Ele me levou por todos os cômodos da casa e o cavalo

preto estava lá. Aparecia no campo de visão de cada uma das janelas que davam vista para o entorno da casa e sempre que olhávamos ele estava parado. Não parecia jamais ter se movido dali nem vindo de outro lado da minha casa por um segundo que fosse. A visão mais bizarra e sinistra foi da perspectiva do meu quarto lá em cima. O cavalo com o pescoço torcido para cima, me olhando nos olhos. Como se me reprovasse pelo que fiz. A sensação é difícil de descrever se você nunca passou por isso (e eu duvido que um dia você vá passar por isso), mas é quase que diabolicamente esquisita.

Voltamos e Andrés estava dormindo no sofá. E roncando, ainda por cima! Bela ajuda ele está me saindo. Quando eu o sacudi, ficou sem graça. "Éêo" Danilo teve que rir da situação bisonha e nós três voltamos para a cozinha.

"Meu avô contava que o Jurupari às vezes o visitava dentro da noite", disse "sêo" Danilo, "a sensação dele e de muitos outros era a de que ele estava caindo num abismo. Dizia ele que era uma sensação horrível cair e nunca cessar de cair. Uma presença sinistra rondando a cama dele, ele querendo gritar e a presença apertando o pescoço dele com força. Ele queria gritar de pavor, mas não conseguia.", acrescentou ele num tom sóbrio e introspectivo.

Acho fascinantes as descrições de terror noturno. Outra pessoa poderia pedir para trocar o assunto para física nuclear, agronomia, astronomia ou culinária num clima de terror como o que estava instaurado em minha casa. Mas quanto mais medo eu sentia, mais me fascinavam as histórias. Mas eu não podia perder de vista que estava no centro dessa história toda, para variar. Havia um cavalo preto onipresente no pátio externo da minha casa que só podia avistar pelas janelas e que fixava em mim o olhar mais estranho que já vi num animal em todo e qualquer tempo.

Falei da conversa que tive com Adriano e de como o que ele descreveu me lembrou tantas lendas como a mula-sem-cabeça. Andrés riu e disse que a conversa não poderia sair daqui. E ele brincou, *"se Polícia Obscura já está sendo um espeto, imagina se o começam a chamar de mula-sem-cabeça"*. Eu não achei graça na brincadeira. Disse que não era só o meu problema nem o problema dele. Sabia-se lá o número de pessoas com problemas semelhantes de identidade em Taurinos. Citei o caso da Nigéria e de suas sociedades secretas e "sêo" Danilo se interessou vivamente pelo assunto.

"E morrem assim, do nada?", ele e Andrés perguntavam.

"Sim. Como se fosse porque têm tanta certeza de que vão morrer que simplesmente morrem. O corpo reage à pressão e stress crescente e entra em falência."

"É, bem pode ser isso, só", disse o mineiro mais velho, assombrado com a história.

01:35

Houve um silêncio mortal. Normalmente já não gostava destes silêncios, no momento em que estávamos então, eu queria evitá-los como quem evita a Peste, a Fome, a Guerra e a Morte. Depois de algum tempo, conversamos sobre todo o tipo de assunto. Do nada, o telefone tocou, me assustando. Tenho ódio dessa bosta. É só para essas coisas que eu tenho telefone. E para colocar no viva voz.

"Entrega o Adriano, D. Stella. É simples. E eu vou aí buscar o cavalo e vou amarrar ele na fazenda Taurinos. Lá ele já está dormindo e dá pra entrar de sola", disse uma vizinha familiar alegremente, soando estridente no viva-voz.

"O seu irmão me disse que você estava dormindo", eu disse, desconcertada.

"Mas quem estava dormindo e continua dormindo é o

meu irmão", tornou a vizinha minúscula.

"Dois a zero para você. Já pensou em trabalhar com imitações?", eu tive de rir, mesmo um riso nervoso do dia em que fui atraída para aquele ermo seguindo para a fazenda Teixeira.

O relincho esquisito, mais parecendo um uivo, e um choque de ferraduras violento lá fora me deram a certeza de que eu podia ter disposição para piadas, mas Renan não tinha nenhuma pelo menos para o momento que ora se apresentava.

"Entrega o Adriano, D. Stella. É só ligar pra cá quando quiser.", disse a vizinha do mineiro minúsculo.

Ele desligou, ficou o som do ocupado. Os homens ficaram surpresos com o diálogo. Renan negociando o meu sono tranquilo parecia algo novo para eles. Uma ruptura afinal, numa tradição milenar de três meses?

"E ele está aqui como a você diz, por que eu devo entregar o Adriano? Ele já me ouviu dizendo isso para vocês, não?"

"Eu não tenho ideia. Talvez o aspecto dele não possa", declarou Andrés. "Eu" Danilo estava calado, procurando pensar em algo, e finalmente disse, *"São*

mesmo aspectos diferentes. O aspecto dele que está aqui não pode ouvir o que nós conversamos. Porque ele está amarrado na coluna do seu alpendre lá fora. Fosse assim, ele não precisaria ligar para cá."

02:25

Tomamos mais café. Eu não sabia o quanto mais iria poder continuar sem dormir. Minhas pálpebras já se recusavam a me obedecer. Os dois me reanimavam contando histórias da região. Quando eu me dei conta, os dois estavam dormindo. Ficamos um tempo assim, em que um reanimava o outro, mas de repente me encasquetou perguntar que a atuação da Polícia Obscura não se restringia às passagens de Renan pelas pessoas na estrada. Andrés disse que não se restringia mesmo.

"Ele manipula os sonhos e está cada dia melhor. Ou pior, dependendo do seu pondevista", e ele deu uma risadinha, "Lembra quando ele ficava passando nos sonhos da gente, meus, da senhora e do Anderson? E ele disse que não tinha muita força, mas queria saber quem realmente a senhora era. Ele descobriu de onde tirar força."

"Mesmo? De onde?", perguntei, interessada.

"Da raiva que ele sente de tudo o que anda, respira e

se mexe nesse mundo. Legal, né?"

Lembrei de John Lydon, o psicopático crooner do PiL e de suas afirmativas sobre como a raiva é uma energia, *"muito legal, maravilhoso"*, eu tive de concordar com Andrés, embora soubesse que era idiotice, só para não me desgastar ainda mais.

02:45

O telefone tocou de novo. Fui atender, impedindo Andrés com um gesto.

"Entrega o homem, D. Etella. A senhora sabe que vai entregar. Mais cedo ou mais tarde.", disse a vizinha estridente do menino.

"Assim você não me deixa dormir, moleque. Eu tenho até as seis para me livrar de você."

Ouvi uma sonora gargalhada do mineirinho minúsculo do outro lado da linha.

"Hahaha, quem falou?", ele disse a frase que eu mais temia. Aparentemente, os limites que nós julgávamos que ele tinha não existiam. As cercas entre nós estão caindo rapidamente. Ele disse-me: "A senhora vai mesmo sofrer pelo Adriano? Vai ser pió pra senhora do que ia ser pra ele, Nó, mas mupió!", eu tive a

ingenuidade de perguntar, *"mas não termina às seis?"*, e ele, *"termina quando a senhora dormir e acordar. Se achar que deve sofrer por ele, vá em frente. E eu estou sendo sincero, não sou como certas pessoinhas que passam a vida blefando e escondendo as coisas, D. Stella. Dormiu, acordou, pronto. Fico satisfeito"*, o mineirinho se calou e o outro ao meu lado entrou na defensiva.

"Fiz e faria de novo, Renan. Você sabe que é disso que é feita essa cidade, então não fica com frescura. Não me vem com essa conversa de maldição porque você sabia como ia ser desde o começo. Você sabia o que estava escolhendo. O Bruno mês já se desesperou quando nem podia mais. Nós escolhemos vida! Vida, com todos os problemas e tudo o mais. É Polícia mesmo. Que outra polícia nós temos aqui?", disse Andrés calmamente sob os olhos tensos mas firmes de "sêo" Danilo.

Achei que Andrés acertava as contas com o que fez. Coisa que cedo ou tarde Renan teria de fazer. Mas achei também que era fácil para Andrés falar do alto da sabedoria do Plano Mestre. Cumpria a ele lembrar os outros que teriam de passar pelo processo, mas cumpria a ele também saber como fazer isso. Não bastava usar os momentos de explosão das circunstâncias para tentar incutir um bom-senso nelas. Principalmente porque Taurinos carece de

qualquer senso, principalmente o bom.

03:05

Silêncio no viva-voz enquanto Andrés falava. Quando Andrés se calou, a voz de Renan irrompeu tranquilamente. Acusou Andrés de falar como um sábio (como se o diabinho lesse a minha maldita mente) enquanto ele, Renan, tinha ficado prisioneiro de uma atividade que praticou um dia por entender que era uma maneira de me proteger e proteger a cidade. Sabia que era Andrés que ele estava defendendo no final das contas, porque Andrés era a cidade e sabia que odiava Andrés com todas as forças enquanto amava a cidade em que nasceu. E isso era como amar Andrés, porque como qualquer outro habitante da cidade, eu incluída, Renan não tinha como saber onde terminava a cidade e começava Andrés ou onde terminava Andrés e começava a cidade. Eu disse isso na sala e no viva-voz. Disse que era contradição demais para uma pessoa de dez anos (não questionei ali os milênios que ele poderia ter de história pregressa criada pelo meu estado comatoso bisonho). Do outro lado do fio, Renan ficou em silêncio. Deste lado, Andrés também. Por incrível que pareça, Renan acabou me dando razão.

"É, é maomeno isso", disse o montanhês carregado de molequinho mineiro.

Antes de desligar, a Polícia me ouviu despedir "sêo" Danilo e Andrés. Ee é que vou passar por isso, que seja logo. Ele assobiou do outro lado, admirado com minha coragem.

"Minha deusa com sua nobreza de sempre. Mulher sacudida taí! Boa noite e boa sorte!"

O ruído do fone desligando foi de nota. Os dois me perguntaram se eu tinha certeza de que queria dormir sozinha. Eu disse que se eles ficassem, que não fosse por mim. Os dois ficaram. Fui para meu quarto ciente de que estava indo para o desconhecido. Literalmente.

04:30

Não consegui dormir. Quanta ironia. Agora sabe-se lá quanto mais eu vou sofrer, como um dia disse Tim Maia. Levantei. Vou sair. Não me importa que a mula manque. Passei pelos quartos onde dormiam "sêo" Danilo e Andrés e desci. Pretendo dar uma volta pelas redondezas, ver o céu noturno. Ee não há nada lá fora, no pátio externo, posso tranquilamente vagar pela noite. Sem mistérios, nem medo.

Me distraio com o Cruzeiro do Sul e com a distância que sempre acho ser menor entre ele e o cinturão de

Órion, mais conhecido como Três Marias. A observação do universo é intermitente. Ee mescla com um som também intermitente, mas perceptível, que de início não consigo distinguir qual é. E quando consigo, já queria que não pudesse ouvir nada. Eram gritos e vinham lá da fazenda Taurinos. Adriano.

Não poderia ser outra pessoa. Corri até a fazenda Taurinos esperando acordar Andrés para me ajudar quando me lembro de que ele está dormindo em **minha** casa. Não consigo pensar em nada mais bizarro para relatar.

E, ajudar exatamente em que? Que posso eu, humilde psicóloga, fazer em momentos como esse? Como dominar a força dos sonhos, principalmente a dos sonhos dos outros? Não adiantaria tentar acordar Adriano; isso só iria deixar a Polícia mais enfurecida. Digo Polícia porque agora tenho de me atualizar com as coisas que rodam aqui. Sou inalienavelmente parte de Taurinos agora. Até que eu me desiluda totalmente, tentarei trazer algo de diferente para contrapor à abordagem fatalista e equivocada da vida que reina aqui em Taurinos.

Eó pude acompanhar o que aconteceu pela janela da sala, encoberta por véus de cortinas. Adriano estava pendurado no teto, de cabeça para baixo. Sangue escorrendo pelos cabelos que devia vir da boca ou do

nariz ou de ambos. O corpo se sacudindo em horrorosos espasmos dentro de uma luz enjoativa. O que não era sombra era penumbra e o que não era penumbra era sombra. Fora, giravam, em torno da casa grande da fazenda Taurinos, espantosos abantesmas de um passado tenebroso e de um futuro obscuro.

"Você que falou para ela não foi, caralho? Responde, seu merda! Fala, seu lixo! Eu sabia que era você. Queria ouvir ela me dizer, mas por mim tudo bem, eu já te conheço bem, grandão bobão", e mais sacudidas no corpo enorme pendurado como uma salsicha numa viga do teto. Entendi as sacudidas do corpo. Não vi quem era, mas sabia de quem se tratava. Nesse horror, gritando como uma louca e não sendo ouvida, olhando toda aquela merda acontecer com um cara que nada de mal faz aos outros e grudada nessa janela por uma câibra estranha que me pregou aqui, eu fechei os olhos com nojo e comecei a vomitar grosso como tijolo.

09:30

Abri os olhos no mesmo instante. Foi o que pensei ter acontecido. Na verdade, já passava bem das nove quando olhei o laptop aberto na cabeceira da cama. Olhei o céu azul que a janela semifechada emoldurava de forma semiaberta. Essa vai para os Novos Poetas.

Eu estava em minha cama outra vez. Nem sinal de vômito, de nada. Apenas a lembrança do sonho bizarro que acabei tendo, um sonho de horror inigualável, que falava diretamente à minha impotência diante de certos episódios de psicopatia humana. Levantei e fui até a fazenda Taurinos. Não passei da porta de casa. Um recado na minha porta da frente, *"estamos em Varginha, voltamos à tarde se precisar de alguma coisa"*, assinado pelo casal titular da fazenda ao lado.

16:45

Eu os vi retornarem à tardinha. Gomente Andrés e Duílio. E eu que supus que Andrés estava dormindo em minha casa quando saí. Perguntei por Adriano e Aparecida, ela tinha ficado com ele no Hospital de Varginha. O médico de lá disse que era uma anemia estranha, cavalgar e galopante. Que ele nunca tinha visto isso na vida. Bem, talvez ele acabe vendo **depois** da vida, quem pode dizer? Adriano vai ficar umas duas semanas internado. No mínimo, se reagir bem.

Os homens me chamaram para dentro. Trouxeram tranqueira da cidade grande para jantar. Comida em grande quantidade. Os homens daqui comem bem. O excesso de peso é constante aqui. Não é obesidade, mas um padrão de peso uniforme e irritantemente constante.

Os dois me falam do que acham que aconteceu e eu digo que o que me aconteceu foi horroroso, mas que no caso de Adriano foi muito mais que isso. Numa nota interna, a segunda vez que ele tem problemas sérios por simplesmente sentar comigo e conversar. E isso num tempo em que, julgava eu, todos os mistérios tivessem sido resolvidos e nada mais restasse a se esconder. No andar da carruagem, ele no mínimo vai acabar nunca mais sentando ao meu lado para conversar. Eu questiono pai e filho sobre como o apelido se espalhou e sobre como temos de mostrar isso à Polícia.

"A Polícia vai acabar virando um poder paralelo por aqui", disse Duílio mostrando bastante desatualização. Eu disse a ele: "já é um poder paralelo em Taurinos. Daqui de Taurinos, a Polícia matou duas pessoas em Santos. Sem sair daqui. Mas, também o pai dele só se preocupa em saber se enterramos os ossos dos pobres intrusos (se bem que nesse caso não pobres assim)."

"É, o povo ali é complicado. Espera estar com a carabina apontada para a cabeça para tomar uma providência...", disse Andrés, atraindo um olhar fulminante do pai.

Mas Duílio não conseguiu disfarçar sua inquietação

com o relato das mortes em Santos. Ele não conseguia entender como algo feito aqui poderia afetar a vida lá fora. Eu dei o exemplo do Rompun® quando estava em efeito por aqui a Lei dos Touros.

"Me lembro que foi a única pessoa de fora que eu vi por aqui. O homem que veio entregar o tranquilizante, lembram? Eu até recebi por vocês porque ele não queria ou não podia voltar mais tarde."

"Aisveiz não é isso não, D. Stella, às vezes já encontrou a Polícia à paisana por aí e já viu, tomou tempo quente", esclareceu Andrés.

"Mas de qualquer maneira, a discussão é: ele veio de Varginha, não veio? Fazer a entrega aqui. Ele é do mundo físico?"

"Daquele mundo de que a senhora veio, eu acredito que não. Mas de qualquer mundo que tenha vindo, aisveiz ele já cruzou a Polícia numa dessas estradas. Ele é mau com gente de fora, mau mesmo."

"É, mas se não se segurar essa tendência dele de achar que tudo o que vem de fora é ruim, pode acontecer de ninguém mais querer entregar coisas aqui, para dar um exemplo prático. E uma cidade não pode tratar a ferro e fogo pessoas de outras para

que seus cidadãos não sejam tratados assim quando forem à Varginha. Boa vizinhança, entendem o espírito?"

"A senhora está confundindo as coisas", rebateu Andrés. Fiquei olhando para ele, eu e Duílio no alto de nossa surpresa, "poucas vezes acontece dele pegar pessoas reais. Geralmente são idéias."

"Que diacho é isso de idéias?", Duílio perguntou, espantado, "uai, não era gente não?"

"Dois eram. Esses que a D. Stella falou, que eram de Santos. A Polícia mês disse isso para ela, eu "vi" um tempo atrás. A Polícia não mente."

"Pelos menos não para você. Aposto que vigia as ações da Polícia durante a noite", comentei, levemente divertida.

"Com um céu desse de brigadeiro todas as noites, eu vou lá ficar vigiando Polícia? Dou conta não", ele disse, sorrindo matreiro, e piscou, "precisamos sair para ver o céu noturno uma noite dessas."

Não discordei nem recusei o convite, mas disse que no momento tínhamos coisa mais importante acontecendo na cidade.

"A Polícia vai dominar todas as nossas almas, muahahaha", brincou Andrés, já levando um tapa de mão pesada na perna esquerda pelo descontentamento causado em seu pai e retornando rapidamente ao assunto, "eu estava falando das idéias. Elas têm forma de pessoas, mas não são, são idéias da mesma pessoa. Quando as pessoas têm a idéia de cruzar a divisa de Varginha para cá, formam-se idéias que a Polícia mata no momento em que ela vê que é isso que são. Ele mata a idéia de vir para cá, não a pessoa que teve a idéia lá na divisa."

"Mas como pode ele distinguir o que é idéia e o que pessoa?"

"Não pode. Mas a Polícia pensa que entrar na cidade já é ruim, então ela avisa as pessoas e as idéias sem distinguir. As únicas pessoas que já entraram aqui foram os tais dois de que a senhora falou."

"E o entregador de Rompun®..."

"E os outros entregadores", ajuntou Duílio.

"Sim, os outros também, só mesmo entregadores, porque eles saem da cidade assim que fazem a entrega."

"Mas mesmo assim, pode falhar, não? Se entraram

peessoas aqui, você já tem uma quebra desse padrão. E se outras pessoas vierem que não queiram me fazer mal?"

"A Polícia parece que pensa que isso não existe", disse Duílio, esclarecendo um pouco mais o ponto.

"Sim, exato, e como vai fazer se estiver matando uma pessoa que não veio aqui com essa intenção? Vai eliminar essa pessoa até no mundo físico, sem que ela seja culpada de nada a não ser ter entrado em Taurinos?"

Os homens ficaram pensativos. Até certo ponto, pareciam eles também compartilhar com a Polícia a teoria de que quem quer que entrasse em Taurinos tinha basicamente más intenções. Às vezes até penso que se os índios no Brasil tivessem feito o mesmo, não teriam padecido um décimo do que padeceram por aqui. Mas Duílio parecia querer conversar sobre Adriano, não sobre pessoas de fora da comunidade.

"Hoje mesmo vou conversar com o Octávio e Donana. Isso não se faz. Renan está levando essa implicância com o apelido dele num extremo que daqui a pouco não se dá mais conta aqui na cidade. Depois, vai fazer isso em quem olhar torto, depois em quem pensar torto e vai por aí. Eu mesmo já peguei no pé do Adriano umas tantas vezes por ele ficar dizendo que

o Renan é maluco. Não gosto que se trate ninguém assim, mas nem foi o que aconteceu desta vez. Eu sei que o meu filho é falador, mas não tinha que ter feito uma barbaridade dessa com ele não. Ele nunca agrediu ninguém, e o que ele falou sobre a Polícia todo mundo da cidade fala e ninguém nunca que passou a noite do jeito que meu filho passou. Até o Andrés parece que concorda com o que a Polícia fez. Mas eu não concordo."

Devo ficar aqui por esses dias, ver se ajudo os dois.

Quinta-feira, 30 de abril de 2009

Termos

Não eram ainda oito da manhã e eu e Donana conversávamos no alpendre da fazenda Teixeira. Ela disse que Renan não tinha saído de casa na noite passada. Que não tinha como segurar a Polícia dentro de casa. Disse também que ele estava de castigo até que Adriano voltasse para casa. Que ele só sairia para patrulhar e se convocado pela Sociedade. Que entendia perfeitamente bem as queixas de Duílio sobre o que tinha acontecido com seu filho dentro da noite. Este último conversava com "sêo" Octávio sobre o mesmo tema e colhia mais ou menos as mesmas impressões que eu colhia de Donana. "Êo" Octávio disse que poderíamos subir e conversar com Renan.

Fomos encontrar o jovem policial no computador. Castigo com internet eu suporto bem também, quinze dias para mim são nada com um esquema assim. Ele nem levantou a cabeça para ver de quem se tratava. Talvez porque já imaginasse. Talvez porque já soubesse.

"Renan, queremos conversar com você", disse Duílio, não muito disposto a perder tempo.

Ele se virou para nós. Parecia abatido. Não tanto quanto Adriano devia estar, nem uma décima parte, mas parecia realmente abatido. Talvez fosse o castigo.

Saber que não tinha a aprovação que pensava ter por parte dos pais, por exemplo. A pergunta que Renan fez a seguir surpreendeu a mim e a Duílio.

"Conversar sobre o que?", e ele veio com uma expressão angelical.

"Que cara de pau. Virou nossa noite de sono de cabeça para baixo, mandou Adriano para o hospital e ainda pergunta sobre o que nós viemos conversar?", perguntei, furiosa.

"Taurinos inteira sabe que eu detesto esse apelido idiota. Eu avisei. Pergunte à Dica o que eu fiz com o filho dela no Zé das Profundezas."

"Êo" Danilo tinha me contado a história. Resisti à tentação de perguntar a ele como tinha ouvido o homem falar dentro do bar se estava na praça. Não era o momento, simplesmente. Eu disse a ele que desconhecia os motivos do Célio da Dica para ter mencionado o nome, mas lembrei a ele que ele seria sempre referido como policial, não tinha como escapar disso nem da função que tinha que desempenhar. Adriano, eu disse, comentou sobre o nome de modo informativo apenas. Não havia zombaria no que ele me disse. Ele achou que tinha de me por a par dos eventos da região. Perguntei a Renan porque o fato deveria ser um segredo para

mim.

"Porque eu não gosto da merda do apelido. Precisa dizer mais?"

E ele se calou. Duílio perguntou se Renan sabia sobre o estado de saúde do filho dele. Renan disse que sabia. Eu perguntei se ele tinha visto o tanto de sangue que tirou de Adriano durante a "operação". Ele negou ter tirado sangue. Eu rebati, dizendo que foi o que eu vi pela janela, o sangue escorrendo por todo o corpo do Adriano. Daí a tal anemia cavalgar de que o médico de Varginha tinha falado. Ele ficou em silêncio. Linguagem corporal típica de quem ficou sem argumentos no meio do caminho.

"Houve excessos", ele acabou admitindo.

"Nossa, está parecendo um oficial da PM falando."

Ao meu lado, Duílio se continha para não agredir o menino. Gesto que só iria piorar as coisas. Estamos em tempo de conversar. Os castigos corporais não vão nos levar a nada além de mais confusão, pensei. Eu pedi calma a ele e disse que Renan devia desculpas à família dele pelo transtorno. Renan não se desculpou totalmente. Ouvimos dele uma sombra de desculpas e não muito mais.

"É você que vai ter de guardar os limites da cidade,

se excede nas pingaiadas e brigaiadas pela cidade",
falou Duílio, calmo, mas uma pilha de nervos por dentro, *"e se for você que não tem nenhum limite? Que limite vai poder impor pros outros?"*

Renan não disse nada. Olhou pela janela e lá o olhar se fixou. A linguagem corporal era aquela que já comentei.

O deus **Termo** era o deus que protegia os limites na Antiga Roma e era representado por um grande marco de pedra. Segundo **Gibbons**, uma lenda dizia que nem Júpiter pôde vencê-lo. Consegui a informação com o colega blogueiro **José Ames**, do blog **Persona**. Vi isso agora pouco na Internet. Fiz a pesquisa porque fiquei impressionada com o que Duílio falou ao Renan sobre os limites. Limite. Parece uma palavra-chave no contexto daqui de Taurinos.

Eu disse a Duílio que vai ser preciso dar um choque em Renan, para que ele veja que está se excedendo. Eu não sabia que choque, muito menos ele. Choque no caso de Duílio era uma cinta muito bem aplicada. Por ele, entraria rapidamente na chibata, não apenas porque deveria ser punido, mas também com o fito de acostumar o corpo ao sofrimento. Medieval e catastrófico, seu posicionamento frente à educação era mofado, para dizer o mínimo. Nunca foi segredo entre eu e ele. Eu disse que precisávamos de algo que

desse o choque antes que a situação pudesse atingir níveis mais elevados de adrenalina. Mostrei a ele a pesquisa sobre o deus dos limites meio que descontraidamente. Ele sorriu e disse que era mais ou menos sobre isso que ele estava falando.

À noite, mais internet e MËN. Tento localizar a Meire, já que faz um tempinho que não nos pomos em contato. Será que eu sempre vou poder ter contato com ela pela internet? Será que não vence? Que não expira, dia desses?

E ela estava lá. Estou online com o futuro. Pela *webcam*, conheceu a sala de jantar da Taurinos, conheceu Duílio e Andrés, ambos ainda incrivelmente em pé após o jantar. Quando eles foram dormir, impressionados com o poder da internet de me colocar em contato com alguém no futuro, ela disse que tinha estado *online* direto a ver se eu aparecia todos esses dias. Começamos a conversar sobre as práticas que às vezes eu repassava para ela. Especialmente as de projeção astral. Ela disse que lembrava bem das práticas, e que tinha tido resultados surpreendentes delas.

"Queria que você viesse a Taurinos me visitar. Projeção astral ajudaria", eu disse tentando Meire a vir, *"lembra daquela prática com retrospectiva?"*

"Eu tenho de passar as noites antes de dormir me lembrando de tudo o que aconteceu durante o dia, não? Lembro dessa, sim."

"Tenta essa. Concentre-se em mim, veja o que pode fazer com sua retrospectiva do dia. Devagar e sempre."

Ainda íamos levar horas para nos despedir e desconectar.



Sexta-feira, 1 de maio de 2009

Retrospectiva

Recebi ligação da Polícia em casa. No meio da noite, me pareceu estranho que ele ligasse. Ele disse que estava se sentindo só. Eu disse a ele, *"você está se isolando das pessoas fazendo o que está fazendo."* Ele desligou, sem mais. Sem querer ser chata, mas já sendo, fui e pretendia continuar a ser bem chata com ele nessa questão.

Meire no MEN. Ela relatou ter iniciado ontem mesmo a prática de retrospectiva. Que tinha já conseguido lembrar o sonho da noite anterior, só de reacender a disposição que tinha através da retrospectiva. Ela me pareceu ter um grande intento de vir aqui e ver tudo com seus próprios olhos e isso era bom sinal. Sinal de que teremos novidades entre nós, idéias para trocar mais de perto do que simplesmente por um mensageiro instantâneo como o MEN.



Sábado, 2 de maio de 2009

Exu a caminho do trabalho

Estive de mormaço sobre a fazenda Teixeira. Fui encontrar Renan sentado sob o sol como eu já o vira tantas vezes. Ele apreciava ficar sob o sol mais do que eu já vi alguém gostar. Mesmo sendo a luz do sol necessária para se ter saúde, era mais tempo passado ao sol do que gente da idade dele geralmente fica. Era como uma terapia para ele. Um dia desses eu perguntaria o porque do ritual do sol.

Era difícil, já que toquei no assunto do sol, que um homem na rua por aqui fosse dizer *"pelo amor de Deus"*, por exemplo. *"Pelo amor de Mitra"* seria muito mais corriqueiro em Taurinos. Eu achava que se dizia indistintamente "Deus" ou "Mitra", mas falhei em minha suposição.

"A senhora vai vir aqui todo dia?", ele perguntou, tentando aparentar o máximo de tédio que conseguiu simular.

"Você não quer que eu venha?"

Ele deu de ombros, enquanto me encarava com o sorriso esquisito daqueles que olham contra o sol.

"Isso a senhora é que sabe. Se quiser vir, venha."

Ele deixou a conversa cair e ficou olhando o céu de azul berrante de um lado e nuvens finas de outro, que interrompiam a passagem da luz solar, filtrando-a para a terra em mormaço quente, estranhamente quente para início de maio.

Estivei ao lado dele. Ele ficou me olhando desconfiado. Não era sempre, mas bem que ele volta e meia cismava de me olhar desconfiado assim. Parece até que achava que eu estava planejando um golpe de estado, uma trama macabra, sei lá o que mais. Crianças têm a imaginação tão fértil. Come-se a isso a paranóia típica de sua função dentro da comunidade e voilá! Um saco de problemas. E que saco pesado já em tão tenra idade.

"O que é que a senhora quer?"

"Vim conversar sobre o seu trabalho."

Ele respirou fundo e ficou um tempão soltando o ar dos pulmões, como se estivesse cansado. Perguntou o que é que eu queria saber.

"Os cavalos pretos da cidade..."

"São todos meus."

"Mas vi você num palomino..."

"Qualquer um tem cavalo de qualquer cor na cidade, D. Stella. Mas preto não, os cavalos pretos são passados para mim. Lógico que eu não tiro o cavalo da pessoa. Ela vende pro meu pai. Mas aí a pessoa tem que vender."

"Teu pai compra todos os cavalos pretos nascidos na cidade?"

"Compra. Mas também é raro nascer um cavalo totalmente preto por aqui. Não é tão fácil como a senhora pensa", ele se acomodou e ficou me olhando fixo, "agora vai perguntar de quando eu saio a cavalo à noite pra trabalhar, não?"

Foi minha vez de dar de ombros.

"E se quiser falar sobre isso..."

"Com a senhora não tenho problema em falar não... A senhora quer saber do trabalho ou das pessoas que me encontram na estrada à noite?", eu disse que queria saber de tudo, e ele respondeu, "o povo diz que eu sou um cachorro preto enorme ou um cavalo preto, ou um pato preto enorme quando eles me vêm na estrada à noite trabalhando. Aí eles têm que sair da estrada bem rápido pra não estar ali quando eu passar. Eu não vejo, nem nunca vi ninguém na estrada à noite, nem esses todos da cidade que dizem

não sai da estrada quando me vê de longe, ele só senta onde os curiangos costumam sentar e fecha os olhos; só abre quando o galope vai longe. É o jeito dele de fazer."

Eu estava fascinada. Informação vinda direto da fonte. Se eu fosse Anne Rice, publicaria tudo sob o título *"Entrevista Com A Assombração"*. Eu disse a ele que o tinha visto passar pelo alpendre como um cavalo preto durante uma noite que passei na fazenda Teixeira no início de abril. Ele ficou surpreso com aquilo, mas parecia sem jeito, sem graça de me revelar os detalhes de sua vida, mesmo depois de dizer que não se importaria de falar comigo. E falei sobre a noite que passei em casa com Andrés e "sêo" Danilo:

"Eu vi um cavalo preto pela janela que eu só podia ver através dela."

"Era eu cercando a sua casa. O cavalo estava ali no meu lugar. Onde a senhora viu o cavalo, ele olhava fixo para a senhora e era eu todo o tempo, mas é como se fosse uma parte de mim. A parte que as pessoas não gostam de conhecer. A outra parte, que todo mundo conhece e que a senhora está vendo agora, aísveiz fica em casa dormindo", e depois de uma pausa ele acrescentou, "me admiro a senhora ficar me fazendo essas perguntas. Ninguém nunca me perguntou essas coisas, acho que só a senhora

mesmo. Não sei que graça têm essas histórias, mas se a senhora quer saber..."

Renan me olhava entre curioso e entretido. Como se realmente estivesse admirado de minha curiosidade sobre o que a população da cidade tinha tanto medo e horror. Eu tinha de algum modo rompido com a cena de tédio que ele pretendia fazer acontecer. A conversa me lembrava de um quadro que vi, pintado pela pintora e ilustradora paulistana **Maria Helena Chartuni**, cujo nome singelo era *Exu A Caminho Do Trabalho*. Renan não era nem longe o que nos cultos afro-brasileiros se conhece como Exu, mas, guardando os limites da cidade como Exu faria, era uma entidade bem similar. A figura, o arquétipo do porteiro é algo universal. Em todas as culturas, deve haver um guardião das entradas e limites. Uma sentinela. No reino animal, grupos de animais mantêm sentinelas para avisar a chegada do perigo. Guardam os limites que deve haver entre os predadores e eles. Você apenas desloca a concepção do que é limite, abstraindo um pouco.

"Aquele cavalo era dos Conselheiros?"

"Era, meu pai comprou do "sêo" Duílio. O pai do pulha e do grandão bobão."

Me lembrava dele ter chamado Adriano assim

durante meu sonho macabro de tortura e horror. Aqui verificava onde as informações que me foram dadas por Andrés batiam com as de Renan. Havia coisas que batiam, outras ficavam nebulosas, à espera de verificação posterior.

"Agora já não sei se você é um menino, um pato, um cão ou um cavalo", brinquei. Ele riu, divertido, "continuo a ser um menino, graças a Mitra."

"Teus pais já te viram trabalhando?"

"Creio em Deus padre! E a senhora, quer ver?"

Eu disse a ele que já tinha visto tanta coisa estranha nessa vida e na outra. Que talvez ele não fosse tão feio assim quando estava trabalhando. Ele tomou isso como uma resposta positiva. Se ergueu do chão e ficou olhando para mim sem acreditar. Ele parecia imbuído de um espírito estranho quando disse, *"a senhora é a pessoa mais corajosa que já vi aparecer por aqui; nunca ninguém quis nem passar perto quanto mais querer me ver trabalhando!"*, e assobiava sem parar, de admiração.

E, depois, num rompante ele era todo, *"a senhora quer mesmo me ver? Eu passo na sua casa no caminho do trabalho. Vou bater na sua porta cinco vezes e assim a senhora vai saber que sou eu. A*

senhora abre a porta e olha no alpendre. Não precisa olhar pela janela, é só abrir a porta e olhar no alpendre. Eu vou estar lá, do lado do meu cavalo. Não vai dar pra senhora ver muita coisa porque eu vou embora logo em seguida, mas eu passo lá."

Eu concordei porque achei que ele estava brincando. Com tudo o que diziam sobre a Polícia, achei mesmo que ele estava me despistando. Iria me fazer esperar como naquela noite de terror quando ocupou toda a família Conselheiro, eu e o prudente sábio da região, "sêo" Danilo, que nem tinha **nada** a ver com toda aquela maluquice.

Meia-noite. Estava em casa, de volta da fazenda Taurinos onde fiz a janta para os marmanhões Conselheiros. Andrés me olhou estranho ao sair, denunciando claramente que já sabia que e o que eu tinha conversado com a Polícia, e veio atrás de mim.

"A senhora vai mesmo pra casa encontrar a Polícia?"

"Ah, eu acredito que ele vai estar muito ocupado para passar por lá."

Andrés riu, nervoso, mas riu.

"A senhora ou é muito inocente ou joga verde pra colher maduro. Muito ocupado que nada! Pra que

quer ver ele de uniforme? Pra que essa experiência besta no meio da noite?"

Eu fui. Estava em casa devia ser uma hora desde que disse boa-noite ao Andrés. Sentada na sala, assistindo TV e já pensando em ir dormir. Como eu disse ao Andrés. Exatamente o que pensei. O pestinha do Renan me iludiu dizendo que passaria aqui para me deixar em suspense. Como no outro malfadado dia. Quando desliguei a TV, ouvi ao longe um rumor. Um cavalo vinha vindo pela estrada e pela direção do som, parecia vir do lado da cidade. "Êêo" Danilo. Ele viria as luzes acesas e iria parar. O cavalo estava cada vez mais próximo. Um galope. Quanto mais alto, mais a velocidade do animal lá fora se reduzia até que em passo pequeno começou a se aproximar do alpendre. Fui até a porta preparada para receber "sêo" Danilo, mas antes que eu encostasse a mão na maçaneta, batidas fortes da aldrava lá fora somaram cinco quando me dispus a contar. Silêncio mortal. Nem a TV ligada, para espantar esse silêncio frio e letal. Um arrepio me correu pela espinha. Não devia mesmo ser "sêo" Danilo.

Mais cinco batidas, mais fortes que as anteriores. Tenho de abrir. Sei lá o que pode acontecer se eu não abrir. Achei que teria de ser o que Mitra quisesse. Abri a porta e fui olhando devagar. Vi o cavalo preto, amarrado à coluna, me olhando. E rápido, muito

rápido para o meu olho acompanhar, vi piscar incontrolavelmente ao lado do cavalo a forma preta e sinistra de um... pato! Era um pato horrendo, imenso, sem olhos, com um bico metálico de uma cor enjoativa, a cor mais desfavorável que já vi em minha vida. Mesmo sem olhos, custava a crer o tanto de aflição que dava o simples fato dele **estar virado de frente** para você. Em sua testa, brilhava orgulhoso um oito deitado. O símbolo do Infinito. Eu já tinha visto aquele ser antes, em 1994, ano dos mais agitados da minha vida. A imagem poderia ter ficado como um *imprint* grosseiro e retornado agora dando essa aparência ao agente da lei. Ele montou em seu cavalo e, mesmo com ele amarrado à minha coluna, partiu, cumprindo sua promessa, me deixando apavorada e me fazendo fechar a porta de casa numa velocidade que não tinha registro na minha história pessoal.



Domingo, 3 de maio de 2009

Automático

Anderson apareceu para me ver com sua roupa de domingo em pleno domingo. O domingo é um cachorro escondido embaixo da cama, disse um dia o poeta gaúcho Mário Quintana. O garoto tinha uma cara abatida que a gente geralmente não vê num domingo. Tive de dizer a ele que sua aparência já viu melhores dias.

"É, dá pra notar, né?", ele parecia desconsolado.

"Você veio por causa disso, não? Faz tempo que não nos vemos, acho que nem conheceu minha casa nova por dentro..."

Ele disse maquinalmente que a casa era bonita, um meio-sorriso para dar a impressão de que realmente se importava, a quase que cultural recusa formal em fazer-me uma desfeita. Não adiantava. Nós sabíamos que ele não tinha vindo visitar a casa ou a mim simplesmente pela visita.

"Então... O que se passa?"

Ele me explicou que vinha sonhando com a Polícia Obscura ultimamente. Que era como se ele estivesse sendo puxado para dentro da força da Polícia. Me contou que os sonhos começaram no início de abril. Me

lembro dos sonhos que tivemos eu, ele e Andrés naqueles dias. Ele me disse que além daqueles sonhos em que víamos Renan mais como uma sombra, ele sozinho começou a sonhar com a Polícia Obscura (que eu nem conhecia com esse nome no início de abril). Eu contei a ele tudo o que tinha se passado esses dias e ele disse que sabia sobre Adriano, mas ficou surpreso ao me ver incluída na noite de terror.

"Renan às vezes parece que perde todo o controle", ele declarou, *"não sei como ele consegue ser tão vingativo..."*

Declarei meio à queima-roupa que ele tinha alguma ligação com a Polícia Obscura ou pelo menos era o que parecia pelo que ele estava me contando e ele empalideceu. Foi nítida a fuga da cor de seu rosto, como um paciente recebendo um diagnóstico fatal.

"Você tem algo a ver com esse negócio de Polícia Obscura, Anderson?", insisti.

Ele nunca me respondeu.

Andrés me disse, logo na entrada do alpendre da Taurinos, que tinha "ouvido" a minha conversa com Anderson. Também não lhe causou estranheza a própria visita do amigo em minha casa.

"Parece que o processo dele começou", ele disse tão simples quanto enigmaticamente.

Pedi que ele explicasse o que queria dizer com isso. Não parecia disposto. Disse que eu poderia ter perguntado a Anderson mesmo e que tinha perdido a oportunidade, já que ele tinha estado em minha casa. Contra-argUMENTEI dizendo a Andrés que ele mesmo tinha trazido o assunto quando eu cheguei e que ele não devia ficar se fazendo de difícil.

"Anderson tem sim uma relação com a Polícia", ele acabou admitindo.

"E qual é essa relação?"

"Ele criou o nome que hoje em dia todo mundo na cidade usa, pra desespero do Renan."

"Meu Deus! E Renan sabe disso?"

"Éabe. Mas ele desculpa o Anderson."

Fiquei estupefata, recordando tudo o que vivemos naquela noite.

"Porque ele o desculpa? Nos fez passar por tudo aquilo. E o outro menino, o tal Célio da Dica que ele mandou para o mesmo hospital que o Adriano???"

no alpendre com ele. Fiquei esperando o que viria. Ele me disse que tudo começou na noite em que eu "vi" as ferramentas sob um telheiro, em meados de fevereiro. As armas usadas para matar os cinco forasteiros tinham sido fornecidas por Anderson. Não matou os forasteiros ele mesmo, mas participou ativamente dando a Renan as ferramentas para isso. Eu ouvia a tudo atônita. Nunca achei que Anderson faria algo assim. Sabia que ele aprovava a política, mas aquele era mesmo um passo gigantesco.

"O mesmo poder que Renan controla vai controlar Renan também, todo o tempo, por isso ele parece tão automático. Renan se expôs ao poder matando aqueles forasteiros e o poder dominou o seu amiguinho. E Renan foi aprendendo a dominar o poder também. Controla e é controlado. Anderson controla o poder também, mas como não matou ninguém ele mesmo, Anderson não é controlado pela Polícia Obscura. Não ainda. Renan o desculpa porque ele quer ser gentil com o amigo. E porque quer ver o amigo dele na Polícia também, ele não quer briga com o Anderson. Pelo menos enquanto durar o estoque de paciência dele. E, acredite, o Renan tem muito pouco em reserva."

Andrés fez uma longa pausa, como se estudasse o que queria me dizer. Ficou me fitando com um olhar de quem tem dúvidas sobre continuar a falar ou não. E

finalmente disse, "olha, tive muita raiva do Renan e ainda tenho, mas acho que tenho mais pena dele do que qualquer outra coisa. Se tem alguém que está encarcerado em Taurinos esse alguém é ele. Ser criado para isso que ele tem que fazer é ruim pra raio. A senhora não faz idéia. Assim como o Bruno teve aquele dia de desespero quando a senhora voltou para a cidade, esse é o desespero do Renan. O vazio daquele Infinito que ele traz brilhando na testa. Saber que ele não tem pra onde fugir."

Eu disse a ele que conhecendo o Plano Mestre como somente ele poderia, aquilo só aumentava sua responsabilidade para com os outros meninos. Disse a ele que o processo não estava sendo fácil para ninguém, ao que eu sabia. Mas que Andrés poderia ser um guia, uma luz nessa escuridão. Ele, é claro, não disse mais nada.

Segunda-feira, 4 de maio de 2009

Meia-vida

Comecei o dia respondendo a perguntas de pai e filho que me chamavam de louca varrida a cada três ou quatro frases que diziam. Andrés "lembrou" que eu tinha tido o encontro com a Polícia em casa e o que não me perguntou ontem, me perguntou hoje com juro e correção monetária. Duílio não tinha idéia sobre o que eu e o filho dele conversávamos, até que Andrés se dispôs a colocar o pai à parte dos eventos do dia anterior a ontem.

"Mas o que é isso, D. Etella, a senhora perdeu o juízo?"

Nada que eu tenha reportado antes, mas naquela noite e até o momento tenho sonhado com a Polícia Obscura. Sonhar foi o termo em que pensei para me referir à atividade cerebral. Não se tem sonhos com a Polícia Obscura. Se tem pesadelos.

*"A senhora não pode estar falando sério que combinou com o Renan de ver e se encontrar com uma coisa que o povo daqui não quer passar nem perto, quanto mais **na sua casa** naquela hora da noite, D. Etella!!!"*, ele continuava a me fitar, incrédulo, olhos arregalados de horror e espanto.

Eu disse ao chefe dos Conselheiros que o que nós discutíamos já era passado. Eu me escudava de

discutir minha curiosidade mórbida, mas sabia que através dela tinha chegado a uma descoberta interessante, embora parecesse óbvia: pedaços da minha vida, personalidade e pensamentos estavam sobre toda Taurinos, sendo ela uma criação minha. Nunca sabemos as coisas de verdade, até que elas se interiorizem em nós como sentimento. Daí o "formato de pato" do agente, daí tudo mais. Reconheceria migalhas de mim em toda a cidade se me dispusesse a prestar atenção em volta. Eu contei a eles que já tinha visto aquela criatura antes.

"Onkitava?", Andrés interrogou rápido, se antecipando ao pai.

Contei brevemente a eles um caso de 1994 em que a entidade tinha aparecido para mim. Não era nada muito relevante, a não ser pelo fato de que me reafirmava Taurinos como a grande colcha de retalhos de minha vida. Andrés e Duílio pareciam estranhamente atônitos para tudo o que sabiam.

Andrés passou a me contar que a figura do pato ou o que quer que se visse iria se tornar cada vez mais resoluto. Perguntei o que isso queria dizer e ele me explicou que a Polícia acumulava cada vez mais energia e poder. E a imagem ficaria mais e mais nítida até que não fosse mais possível suportar tanta nitidez. A nitidez iria acabar destruindo as vistas de

quem se propusesse a olhar. O que achei bastante interessante dentro do que ele me tentava me explicar, em outras palavras, era que ele falava como alguém que explicasse a evolução da televisão e do vídeo a alguém mais.

Renan estava sentado no sol como de costume, quando cheguei à fazenda Teixeira no começo da tarde. Ele arregalou um olho e abriu um sorriso largo ao me ver.

"Essa é uma mulher de coragem", ele dizia de modo familiar, *"viu o que as pessoas não querem nem imaginar, quanto mais ver."*

"Eu não sei mais quem você é. Ou o que você é."

"Sou a pessoa com quem a senhora está conversando agora", ele tinha uma voz gentil, mas fria e firme.

Renan pareceu ansioso quando me perguntou sobre sua aparência. Como eu o tinha visto no alpendre, mais especificamente. Eu disse a ele o que vi e ele entrou em assunto que confirmava as palavras de Andrés.

"É, mas quanto mais energia eu tiver, menos tempo a senhora pode ficar olhando para mim. Porque aí a pessoa fica gasta muito rápido."

mas ele não pareceu ter palavras para explicar. Mentalmente eu me explicava que o que ele mencionava poderia ser uma sequela psicológica vinda do avistamento dele dentro da noite, o que eu juntava à explicação de Andrés sobre algo gastando ou destruindo as vistas de alguém. Eu disse a Renan que vinha tendo pesadelos com ele toda a noite e o diabinho mostrou os dentes em um sorrisinho cruel que ficou estranho e engraçado naquela carinha de bebê fofinho. A resolução e a beleza extrema da imagem dele eram magnéticas e tornavam o contraste com aquilo que vi no alpendre de minha casa ainda mais estarrecedor. Em seu aspecto normal, ele todo era como um ursinho com quem você quer dormir abraçado. Um ursinho fofinho, mas letal.

"Que é que a senhora tanto me olha? É aquele negócio de novo?", ele se referia ao primeiro dia em que o vi, depois de minha morte física, quando tudo adquiriu uma definição visual absurda a qual até hoje estou tentando me acostumar.

Eu disse que ele era bonito. E como os outros meninos, era uma overdose de beleza. Eu disse que eles não eram crianças, eram efeitos visuais ambulantes. Personagens saídos de um comercial de margarina. Ele quase urinou dentro dos shorts de tanto rir ao ouvir isso. Mas se comportou como se se dissesse que ele

era bonito fosse algo raro dele ouvir. Me perguntei, num silêncio tristonho, quantas pessoas já disseram isso a ele. Se um dia alguém já disse isso a ele, fossem amigos ou familiares. Um carinho verbal que fosse, às vezes ajudaria em muito uma pessoa numa crise de identidade violenta e autoestima baixíssima como era o caso de Renan.

Ele terminou ficando vermelho com o elogio e mudou de assunto. Perguntou se eu tinha consciência de que assim como eu o via infinitamente bonito naquele momento eu poderia vê-lo infinitamente feio assim que sua imagem terminasse de se consolidar e atingisse a nitidez da qual Andrés já tinha me falado.

"A senhora entende o que eu quero dizer? Se já é difícil me aguentar bonito, imagine se me vê feio daquele jeito, tão claro como a senhora está me vendo agora."

"Anderson está tendo pesadelos também", eu disse, mudando bruscamente de assunto, "ontem mesmo ele esteve lá em casa..."

Parei de falar, observando o semblante de Renan. O sorriso do menino ficou ainda mais diabólico. Ele exultava com as novas. Começava eu a ter certeza de que a pergunta não respondida por Anderson tinha explicação ali.

planos também?"

"Já vi que a senhora andou conversando com o Andrés e que ele andou lhe contando tudo. Esses pesadelos do Anderson são coisa de quem faz pela metade o que tem que fazer. Ajudou mas no fim não ajudou. Eu disse, parece até que eu sabia, disse que ele devia vir comigo, me ajudar a dar conta daqueles fidalgotes. Ele só emprestou as armas. Os pesadelos dele só vão piorar. É questão de tempo pra eu trazer ele para a Polícia junto comigo. Não importa o que ele tente, pode esparnear, no fim vai dar tudo no mês pra ele."



Terça-feira, 5 de maio de 2009

Impacto do tempo

E hoje fiquei sabendo que Anderson é o ferreiro da cidade. Outra de minhas descobertas feitas na base do *"a senhora nunca perguntou"*.

Fiquei sabendo por Andrés que ele e o pai, Alberto, que conheci brevemente durante a Lei dos Touros, moravam na verdade num sítio fora da cidade, não muito longe da fazenda Teixeira. Eu daria ao amável leitor um mapa da cidade se eu mesma não estivesse tão confusa com os caminhos e subcaminhos que se veem por toda parte aqui.

Duílio me trouxe ao sítio dos Caldeira. Ele mesmo precisava conversar com Alberto ou talvez tivesse ido entusiasticamente por estar sem encontrar seu amigo fazia um tempo. Era um sítio bem-arrumado para ser propriedade de dois homens apenas.

Anderson não pareceu contente em me ver. Embora ele mesmo tivesse ido à minha casa para falar de seus problemas, ele sentiu minhas perguntas um pouco intragáveis demais para o momento que vivia. Nisso ele não era diferente da grande maioria dos meus analisandos. Como estudantes que adorariam aprender mas não querem estudar, meus analisandos querem a solução de seus problemas sem terem de mergulhar na merda eles mesmos.

"Mergulhe na merda por mim; veja o que você pode fazer por mim", parece ser o lema de todos eles.

Alberto e Duílio trocaram aquele abraço fraternal de dois taurinenses típicos e logo já tinham sumido de vista, conversando sobre o mundo agrário, tubos e conexões e todas aquelas coisas interessantes que faziam a delícia dos machos adultos empreendedores.

"Você me deixou sem resposta desde que foi à minha casa", reclamei, logo que me vi a sós com Anderson. O menino ficou me olhando sem-graça. Ele sentou em uma das cadeiras da varanda e me indicou uma para que eu me sentasse também.

"Por que me perguntou aquilo, D. Stella? Pra saber ou só estava querendo testar os meus conhecimentos de história recente de Taurinos?", havia um sutil toque de ironia na voz do menino. Tão sutil que talvez nem mesmo ele tivesse notado.

"Ó testando", eu disse, tentando parecer fria, calculista e cruel.

"Para a senhora nós não somos muito mais que cobaias, nuemes?", ele tinha olhos reprovadores, acusadores presos em mim.

Eu disse a ele que não gostava do rumo que a

conversa estava tomando. Declarei que se havia cobaias nessa história, eu poderia me intitular como a primeira. Que estava ruim para todo mundo e que mesmo que para ele estivesse pior, minha decisão foi a decisão da maioria. Todos queríamos sobreviver ao impacto do tempo, eis o porque. Nenhum de nós parou para pensar nas implicações. Bruno parou, mas era tarde demais. "Êô" Danilo parou, ainda em tempo e tentou me aconselhar contra ficar em Taurinos. Aparentemente, o abnegado sertanejo previa a confusão toda e sabia que o Universo poderia muito bem passar sem ela.

Anderson me ouviu sem dizer palavra. Remexia um canto da varanda com o pé, aparentando alheamento. O que disse, no entanto, denotou que ele tinha prestado total atenção.

"Maldito o dia em que eu decidi continuar vivendo", ele disse desconsolado, "me arrependo mais disso do que me arrependo de ter emprestado as armas pro Renan matar os ladrões de gado. Os Teixeira têm armas pra caralho, mas ele queria aquelas que eu tinha, não sei porque. Nem ele nunca soube dizer. Tentou me convencer a matar alguns deles, uns dois. Eu disse que o máximo que eu ia fazer era emprestar as armas. Me lembro que ele sorriu e disse que tudo bem, que depois isso se resolvia."

"Ee isso que você diz é verdade, talvez Renan tivesse

o modo dele envolver você na história."

Ele se levantou da cadeira como se tivesse sido picado por uma formiga.

"Isso não pode ser verdade! Ele é meu amigo! Não ia fazer isso comigo, D. Stella!"

"Mas ele não fez nada com você. O problema dos ladrões de gado era seu também. Você acha que foi fácil para o Renan matar os caras, e eu tenho que concordar que ele é um pequeno sádico. Mas ele de algum modo se ressentia disso que faz. Se fosse uma delícia, ele não faria questão de te envolver. Ele faria tudo sozinho e chegaria até mesmo a recusar ajuda de quem quer que seja. Você e seu pai não têm muito gado, se for o que eu estou vendo daqui; qualquer grupo de ladrões faria um estrago dos grandes na fazenda de vocês. Você pode não ter entendido porque Renan precisaria, justo das suas armas, mas emprestou de coração. Porque sabia que o problema afetava você e seu pai também. Me lembro de você, decidido, durante a Lei dos Touros, dizendo que passaria por cima de qualquer um, que não iria ficar de braços cruzados vendo tudo em volta secar. Você se lembra disso?"

"Eu me lembro", ele parecia claramente perturbado com minhas palavras (e as dele próprias).

"Eu não estava lá no momento, nem sequer sabia que vocês dois existiam, mas acredito que naquele momento, com os ladrões de gado, o mesmo espírito te mobilizou a emprestar as armas a ele. De qualquer modo, houve uma barreira que você nunca atravessou: matar aqueles homens. Diferente de Renan, você se deixou levar pela forma e constituição humana deles e para você é tabu matar pessoas. Eu entendo você. É algo duro de se fazer."

Ele me olhou desconfiado de algo que minha últimas palavras deixaram entrever.

"A senhora já fez isso alguma vez? Já matou alguém?"

"Sim."

Ele recuou ligeiramente, me trazendo no olho, como se estranhamente assustado por estar em presença de alguém que afirma já ter matado uma pessoa. Conteí a ele o episódio e ele ficou feliz em saber que o mecânico de São Vicente que tinha me obrigado a matar um homem terminou sendo morto na praça principal de Taurinos pela Polícia Obscura.

"Bem feito pra ele, se fodeu na mão do Renan", ele concluiu, socando a palma da mão esquerda com a lateral do punho fechado.

eliminada desse mesmo jeito?", abri a bolsa e dei a ele os e-mails de Meire sobre os assassinatos em Santos. Ele arregalou os olhos enquanto lia, porque conhecia bem as circunstâncias em que os dois homens foram mortos aqui. Ele não sabia, no entanto, como muitos outros na cidade, que isso tinha se refletido lá em Santos. Eu perguntei, *"será que todos os que vem aqui têm de necessariamente ter más intenções?"*

Anderson me garantiu que sim. De modo apaixonado, me pareceu. Não parecia haver lugar para dúvidas na cabeça dos taurinenses: fora os entregadores, ninguém poderia ficar na cidade se não fosse movido por más intenções.

Fomos dar uma volta. Perguntei a ele se eram vacas os bichos pretos dos quais eu tinha tirado apenas um relance de olhos. Ele riu e disse que eram cavalos. Eu parei no meio do caminho e perguntei de quem eram os cavalos. Ele disse que eram do Renan.

"Por que ele deixa os cavalos aqui? Você guarda os cavalos para ele?"

"Eu ferro os cavalos para ele. Eu ferro os cavalos de todo mundo na cidade."

Ainda conversei a tempo perdido com ele sobre os assuntos que o preocupavam. De vários modos,

procurei fazer ver a ele que ele poderia ser o fiel da balança, trazer Renan para uma perspectiva mais ajuizada no momento de cumprir o seu dever para com a comunidade. Ele não pareceu confortável durante minha exposição, como se minhas palavras fossem uma ducha de água fria em suas esperanças de escapar da função a que era chamado com todas as forças. Quando me acordei para o tempo, ao redor, era já o cair da tarde. Duílio e Alberto estavam em volta e o pai estranhou os olhos úmidos do filho ao nos ver.

"O meu filho está tendo uns pequenos problemas, Alberto. E a gente não pode nem dizer que tudo vai ficar bem. Porque não depende só de nós."

À noite, com um sorriso matreiro, Andrés me perguntou se eu realmente tinha acreditado que os cavalos que estavam no sítio Caldeira estavam ali para serem apenas ferrados. Até Duílio riu discretamente do seu lado da mesa.

"Eu imaginei que ele estava mentindo, mas foi mais pelo modo como ele me respondeu. Agora, se ele recusa assim tanto a missão, porque aceitou os cavalos que Renan deu a ele?"

"Anderson é esquisito. Uma parte dele — que é a parte da Polícia Obscura — quer. A outra — que é a parte

dele mesmo — não."

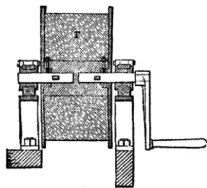
Argumentei com pai e filho que isso então era a fraqueza dele pelo tema da Polícia Obscura. Como Anderson poderia dominar o poder sem ser dominado se ele tinha nele mesmo essas duas partes conflitantes? Obviamente o poder da Polícia Obscura o dominava, ou ele não teria aceitado os cavalos.

"Você mesmo disse que ele não era dominado pelo poder. Mas tem de ser a própria parte dele dominada pelo processo que você anteontem mesmo definiu como se tivesse começado. Não foi isso que você disse?"

"Foi", ele admitiu com uma expressão de embaraço que eu não soube dizer se sincera ou fingida, *"mas já lhe disse, Anderson é esquisito. Ele é liso lá do jeito dele, consegue dar os pulos dele ou pelo menos até agora ele tem conseguido. Mas nós não estamos falando de qualquer poder. Estamos falando da Polícia Obscura."*

Agora eu entendia a perturbação de Anderson quando eu e Andrés contamos a ele o caso dos dois homens, na mesma época em que aconteceu. Ele agiu na época e agia agora como alguém condenado ao inferno. Eu não podia culpar o menino. Nem as letras miúdas do contrato ele teve acesso para ler e se inteirar de onde estava se metendo. Mas e Renan, que

acesso teve ele também?



Quarta-feira, 6 de maio de 2009

Gob a Via-Láctea

Eram mais ou menos oito horas da noite quando terminamos de jantar na fazenda Taurinos. Hoje era Andrés lavando os pratos, era a vez dele. Eu tinha de ficar vigiando, senão os marmanjos deixavam tudo entregue ao caos primitivo. Andrés me convidou para darmos uma volta e ver o céu estrelado. Aceitei contente, já que não me recolhia normalmente às mesmas horas dos taurinenses.

Se havia algo em Taurinos que se merecesse ver durante a noite era o céu estrelado. As estrelas pareciam vagalumes em torno de sua cabeça. A lua crescente se movia preguiçosamente para se tornar cheia dentro de mais alguns dias. Andrés ficou procurando o Cinturão de Órion como de costume. Ao lado de Órion, mostrei a ele o Erídano. Me perguntou o que o nome significava e expliquei que se tratava de um rio na Grécia antiga. Ele alegou imensa dificuldade em ligar as estrelas com linhas retas para formar visualmente o rio, mas se calou, como se tivesse conseguido. Mostrei a ele o Cruzeiro do Sul também. Viramos e mais para o outro lado estavam Sagitário, Virgem, Ofiúco, Libra.

"Caralho, que bonito!", e Andrés era todo admiração diante da Via Láctea, *"e o que é um Ofiúco?"*, perguntou, atento aos nomes, *"Ofiúco significa 'aquele*

que segura a serpente'; como você pode ver, a constelação da Serpente é logo ao lado, como se estivesse sendo segura por alguém", respondi.

Comentei o quanto era bom simplesmente vir, olhar, contemplar e não pensar em mais nada. Deixar que a noite te envolvesse. Andrés concordou. Disse que adorava passar momentos como aquele. Não duvidei, pois foi uma das poucas coisas a prender sua atenção no tempo em que nos dávamos terrivelmente mal.

Puxei meu mp3 do meu bolso, pus os fones de ouvido e apertei *play*. A escolha aleatória não parecia muito com uma escolha verdadeiramente aleatória:

"Às vezes, quando este lugar fica meio que vazio, o som de sua respiração desaparece com a luz. Penso então na fascinação em total desamor. Gob a Via Láctea esta noite." Gob A Via Láctea, escrita por The Church em *Starfish*, 1987, Arista.

Nos sentamos num descampado próximo. A visão do céu era um deslumbramento único se oferecendo à visão. Eu tinha a impressão que poderia colher aquelas estrelas e colocá-las no bolso se quisesse, tão próximas elas me pareciam. Depois de um espaço de tempo que pareceu uma hora e tanto, Andrés me

surpreendeu perguntando se não seria melhor que voltássemos. E pensar que foi logo ele que me convidou para o passeio estelar. Perguntei se ele estava sentindo sono. Ele disse que não.

"Então, por que voltar agora? Vamos ficar mais um pouco."

"Tem alguém vindo pra cá. Exatamente na nossa direção."

"Quem pode ser?"

"A senhora sabe quem."

"Renan?"

"A Polícia Obscura, é isso que eu quero dizer. Não é só o Renan. Se fosse ele, eu convidava pra sentar aqui com a gente, só de brincadeira."

E depois, num rompante, *"que acha da gente sair daqui?"*

"Acho que a gente não pode ficar se escondendo na própria cidade onde vive", respondi aparentando displicência.

"A senhora só pode ser louca", ele abanou a cabeça e

deu de ombros.

Agora eu ouvia o som do cavalo distante. Vinha num galope cerrado. Parecia vir por trás de nós. Andrés estava mais nervoso que eu. Explicou novamente que a imagem dele se consolidava ainda mais, cada vez mais sinistra e enlouquecedora. Eu disse que íamos testar o poder de fogo da Polícia Obscura ali mesmo. Andrés começou a rezar e eu mandei que ele calasse a boca.

"Bem-vindo à cidade onde suas preces não serão ouvidas", eu disse a ele, severamente por se comportar como um idiota.

Não se ouviam mais os sons da noite, os grilos ciciando, a orquestra percussiva de sapos, sons de curiangos, nada mais se ouvia em redor. Cachorros uivavam na distância, mas não havia qualquer som em nosso redor em uma área grande. Podia até visualizar um círculo, onde os sons não penetravam. O mesmo silêncio morto que eu experimentara em meu alpendre naquela noite. O som do cavalo se aproximava cada vez mais pelas nossas costas.

Permanecemos sentados; não dizíamos mais uma palavra. Andrés tremia como vara verde. Eu estava um pouco apreensiva (e o comportamento de Andrés a meu lado não ajudava muito, devo dizer), mas

continuava calma por fora. O ar em si ficou pesado, pesado demais para se respirar. Quando o som dos cascos do cavalo atingiu o máximo, ouvi que ele reduzia sua velocidade, ainda vindo por trás de nós em nossa direção. Sons estranhos começaram a se produzir em torno. Como vozes falando em velocidade humanamente impossível de se entender. Sons como tapas sendo dados na grama em torno de nós, num círculo que vinha se fechando em torno de mim e de Andrés. Ele fechou os olhos, apertados. Agora, andando bem devagar, o som torturante dos cascos de cavalo se aproximando de nós lentamente.

Estava dividida entre olhar para trás e me segurar para evitar aborrecimentos ou coisas piores. Agora podíamos ouvir sem esforço a respiração do animal. Os sons de tapas que se ouviam agora nós podíamos sentir em nossos corpos. Era apavorante pensar que poderiam se tornar mais que simples tapinhas ou vibrações sobre a pele. Os sons de vozes se transmutaram lentamente em gritos espantosos que pareciam vir de todos os lados como o círculo que nos isolou e que já descrevi. Fechei meus olhos, como Andrés, num paroxismo de horror brutal.

O Agente e seu cavalo estavam parados atrás de nós agora. Exatamente atrás. Se estendêssemos as mãos para trás, nós tocaríamos as patas de seu cavalo. O som da respiração do animalão agora era a única

coisa que podíamos ouvir.

Lentamente, fui abrindo meus olhos. Quando olhei para Andrés, desejei não ter feito isso. Havia um porco bizarro e horrendo no lugar onde ele devia estar, que a luz do luar crescente só fazia mais bizarro e horrendo. O porco me olhava e parecia, como eu, assustado com o que via. Por mais que tentássemos, nem eu nem o porco conseguíamos nos mexer. O porco me olhou e me disse, *"agora se ele resolver dar a volta em nós vai ser o diabo"*, ele falou com os olhos ainda assustados. Foi então que percebi que Andrés tinha se transformado em um porco ou era apenas que eu o via assim naquele momento. No meio da minha aflição, pensei que talvez ele tivesse os olhos assustados por estar ele também me vendo como uma coisa tão asquerosa quanto. O som da respiração do cavalo atrás de nós era ainda era a única coisa que podíamos ouvir. De repente, a respiração do cavalo mudou de ritmo. Começamos a ouvir o cavalo avançando lentamente para a nossa lateral, se aproximando perigosamente de nosso campo de visão. Olhei para Andrés e ele era Andrés de novo, num lapso de tempo que pareceu nem ter acontecido.

À medida que as pisadas do cavalo se aproximavam do nosso lado esquerdo, as vozes voltavam como urros vindos de algum inferno ancestral esquecido. Puxões violentos em nossa roupa denunciavam que o Agente

aparentemente nunca estava só na calada da noite. E ele estava agora bem à nossa frente. Já descrevi a angústia que senti ao vê-lo em meu alpendre. Mas quando ergui os olhos para o Agente, a despeito dos murmúrios desesperados de Andrés para que não o fizesse, vi o que estava montado no cavalo: em todo o grotesco e insano esplendor de sua monstruosidade, lá estava o Agente.

Como Andrés tinha previsto, sua resolução tinha atingido o ápice. Impossível descrever aquele ser de botas pretas soldadas a um corpo inteiriço preto como a noite em redor, liso como que cromado, encimado por aquela cabeça monstruosa com um bico de pato. Impossível descrever minha fascinação pelo infinitamente feio que Renan mesmo tinha mencionado. O símbolo do Infinito sobre a testa, brilhando em intervalos absurdamente curtos para finalmente lançar uma luz em meus olhos que me cegou com toda aquela monstruosidade asquerosa.

Fechei os olhos e aquele clarão permanecia, forte como a luz do dia, até que um tapa me arrancou violentamente de todo aquele horror. Abri os olhos aturdida, e vi Andrés na minha frente, a mão levantada para me desferir mais um tapa. Segurei o braço dele amedrontada e só então vi que era de manhã. O céu azul berrante de Taurinos estava em toda a nossa volta mais uma vez. Senti como se o tapa

que levei de Andrés tivesse feito nascer o dia. Estávamos sentados na campina, o mesmo descampado da noite, exatamente no mesmo lugar de onde ficamos observando as constelações.

"Seu problema de loucura está cada dia pior", ele disse com raiva, antes que nos levantássemos para voltar para casa, *"não saio mais à noite com a senhora."*



Sexta-feira, 8 de maio de 2009

Cromo

Ontem nem mexi no computador. Passei o dia dormindo, tendo pesadelos horrendos com a Polícia Obscura, fui acordar lá por umas seis horas da tarde. Ressaca pós-Polícia. Fui encontrar Andrés sentado no alpendre da Taurinos, com o nariz tamponado com algodão. Perguntei a ele o que tinha acontecido e ele me olhou enfurecido.

"Fica aí bancando a inocente, fica", ele rugiu mais calmamente do que de costume.

"Por causa de ontem de madrugada?"

"Que mais podia ser, tá me achando com cara de boxeador? Tá me tirando?", e ele fez menção de se levantar.

Levei algum tempo para acalmá-lo. Ele disse que como eu, passou o dia inteiro na cama. O pai estranhou, ele teve de contar a história e além do nariz sangrando teve de aguentar Duílio enchendo sua paciência.

"Por que não foi embora e me deixou lá sozinha?"

"A senhora tem de ser louquinha. Nunca vi ninguém querer fazer isso. Acha que eu ia sair andando e deixar a senhora lá no descampado com a Polícia a

ponto de passar por onde a gente estava? De mais a mais, a gente perdeu tempo discutindo ali que poderia ter usado pra se afastar daquele lugar. Quando eu fosse levantar, ia dar de cara com ele e ia ser muito pior."

E depois, olhando sério para mim, *"a senhora não abriu os olhos, abriu?"*

"Não só abri como ergui os olhos para ver o Agente."

Ele esmurrou a palma da mão, como sempre fazia quando estava a ponto de explodir.

"Se a senhora continua assim, vou ter que arrumar uma psicóloga para a senhora!"

"Você é muito bom nisso. Não arrumou uma para você mesmo rapidinho?"

Ele baixou o tom. Aparentemente eu o tinha atingido em cheio em sua própria malandragem de menino do interior. Ele ficou me olhando nervoso, mas sem ter mais o que dizer. Mas não conseguiu resistir à tentação de me perguntar como era a aparência do Agente.

"Da próxima vez, abre o olho e vê", respondi displicentemente.

Mesmo assim, acabei descrevendo o Agente para ele, o mesmo formato de pato que eu já tinha visto. Acrescentei que a resolução dele era absurda, como eu via Andrés mesmo naquele momento.

"Você tinha razão", eu disse, concordando com suas palavras de ontem e de outro dia, "ele acumulou força e agora tem uma resolução absurda de tão detalhada. Deu para ver detalhes do corpo, as botas, tudo negro, parecendo metal cromado. Não fosse pelo quarto crescente ele e o cavalo seriam invisíveis naquele breu em que nós estávamos ontem."

Ainda aturdido pela descrição que tinha acabado de ouvir, Andrés me contou que Duílio chegou a pensar em ir à fazenda Teixeira ontem para fazer nova reclamação com Renan. Pelo telefone, Donana tinha dito que o pai e os filhos se encontravam em Varginha fazendo compras e que só retornariam de lá tarde da noite, provavelmente umas oito, a julgar pelos padrões de sono da cidade.

"Seu pai não precisa se envolver nisso, nós dois poderíamos dar conta", declarei.

Falou no diabo, apareceu o rabo. Duílio pareceu bastante descontente com nosso passeio noturno, a julgar pelo modo como falou comigo, *"a senhora*

deveria saber como as coisas acontecem por aqui; se Andrés disse que era melhor retornar, vocês deveriam ter feito isso."

Respondi a ele que se Andrés achava melhor retornar, que retornasse sozinho. Eu queria ficar e fiquei. Disse a ele que argumentei contra ir embora, mas isso não queria dizer que eu tivesse acorrentado o menino no descampado junto comigo. Duílio ainda tentou me culpar indiretamente pelo acontecido, citando o acordo que fiz com Renan para que o Agente fosse me visitar em casa. Repliquei que isso era um acordo entre eu e o Agente e que só tinha tido efeito por aquela noite. Eu não poderia ser responsabilizada pela decisão do Agente de interromper sua cavalgada e se posicionar atrás de nós num descampado à noite. O homenzarrão sossegou um pouco, mas parecia aturdido com a história da noite passada e achava que se deveria fazer alguma coisa contra essas investidas de Renan.

"Concordo plenamente. Conversei muito com o Anderson sobre isso anteontem. Acho que ele poderia se juntar ao Renan para tentar por um pouco de juízo naquela cabecinha minúscula."

"Estou falando de ir lá nós mesmos e conversar com ele diretamente", tornou Duílio, "se a gente for esperar a boa vontade do Anderson, não sei... E

também não dá pra culpar o menino, deve ser uma das piores profissões do mundo."

"Então você não pode culpar nem o Renan, ele não teve muita escolha depois da escolha que fez. E essa primeira escolha, ele não a fez pela cidade?", eu disse simplesmente. Eu parecerei fria demais ao contato de um leitor que abra este texto justamente neste trecho. Mas tenho de analisar as coisas pela lógica deles. Então, que lógica me restará?

Andrés concordou comigo. Ele não tinha como discordar, conhecendo o Plano Mestre como conhecia. Duílio não pareceu ter visto as coisas por esta ótica; seu silêncio agora era prova viva disso. Olhei o relógio. Eram quase oito horas da noite.



Sábado, 9 de maio de 2009

Linguagem do medo

Desta vez, subimos eu e Andrés até o quarto de Renan. Pedi que Duílio esperasse no térreo com "sêo" Octávio e Donana, ficasse de fora da discussão. Na verdade, eu não sabia se seria melhor com Andrés do que com ele. O que eu sabia era que tínhamos coisas a conversar com Renan.

Fomos encontrá-lo sentado na frente de seu computador. Ele, como de costume, não olhou diretamente para nós. Ficou ali absorvido (ou fingindo-se absorvido) por mais algum tempo na tela até que eu dissesse que queríamos conversar com ele.

"Renan, eu não acho que a gente tenha que ficar aqui implorando que você se digne a nos dar a sua atenção", eu disse em tom firme e suave.

Ele se virou e nos encarou automaticamente. Desligou o computador num movimento que quase não consegui acompanhar. Ficou um tempinho andando pelo quarto como Cícero em meio a um de seus famosos discursos, só que sem a oratória do supracitado. Perguntou o que estávamos fazendo no descampado à noite.

"Desculpe, policial, mas hoje quem faz as perguntas

somos nós", retrucou Andrés, já um tanto quanto abespinhado, *"se não enxerga as pessoas no meio da noite e vai direto no seu alvo como você sempre diz, por que foi que parou a cavalgada e veio ter com a gente? Você enxerga à noite ou nós éramos o seu alvo?"*

Renan sorriu. Eu não tinha parado para pensar nisso. Boa pergunta de Andrés.

"As duas coisas", Renan respondeu, *"eu não conseguia enxergar, mas agora consigo. É como uma luz que sai dos meus olhos, como um farolete, mas é muito forte",* e ele olhou para mim, *"a senhora não pode ficar olhando para a luz como fez na noite, D. Stella. Pode só dar um medão danado como pode também gastar suas vistas."*

"Eu disse isso a ela", tornou Andrés, *"por que foi nos procurar?"*

"Eu estava voltando pra casa quando vi vocês. Resolvi parar pra ver o que vocês estavam fazendo."

"Que simpático!", resmunguei entre o resignado e o inconformado.

"E com certeza ia dar muito trabalho ir até a sua casa e se trocar", ironizou Andrés. Renan ficou calado.

Depois de algum tempo, ele afirmou que sentiu o nosso medo nos ossos dele. Tenho medo dele quando começa com isso, embora saiba que é da natureza dele falar desse modo.

"Me admirei muito a senhora ter olhado para mim de novo. E o seu medo cresceu tanto nessa hora que a minha energia subiu de uma forma que eu nunca senti. O Andrés também, com os olhos apertados, se cagando de medo..."

"Você acha isso bonito?", perguntou Andrés, levemente irritado.

"Não isso acho bonito nem feio, é só que é de onde eu tiro as minhas forças", Renan sorriu, dando de ombros.

"Você não acha que nos contando isso está nos dando uma pista sobre como sobreviver a você?", perguntei, curiosa pela exposição dele.

"Não me incomoda não. Não tem como vocês não sentirem medo, o poder me deixa sempre parecendo a coisa que as pessoas mais têm medo. Quando você acha que se acostumou com a coisa que você mais tinha medo, eu viro outra coisa que você nem imaginava que tinha medo e têm. Não falha nunca. Vocês nunca vão se acostumar comigo, se é isso que a senhora quer saber. Vocês não tem como saber como

e nem eu vejo nem o que as pessoas estão vendo ou ouvindo ou sentindo. E o poder afeta todos os cinco sentidos das pessoas, às vezes alguns, às vezes todos. Depende da pessoa e da noite."

Andrés olhou para mim e eu olhei para Andrés. Renan continuou, *"...mas a senhora é diferente das pessoas daqui e dos outros forasteiros. Tem medo, mas quer sentir o medo",* ele olhava fixo para mim, *"fica hipnotizada por aquilo que é bonito e por aquilo que é feio também, igualzinho. Não importa se é muito feio ou muito bonito, a senhora sempre para pra olhar um tempão",* ele tinha agora uma expressão realmente perplexa no olhar, me considerando e fitando longamente enquanto falava, *"me lembro o dia em que a senhora acordou depois da noite em que morreu. Me deixou bem puto da vida de tanto que me olhava. Foi o mesmo que aconteceu na madrugada de quarta-feira. A senhora não podia ficar sem olhar. Eu vi bem a sua luta para levantar a cabeça",* e ele riu, divertido.

Era verdade. Eu mesma escrevi isso de ficar hipnotizada por aquilo que é bonito e por aquilo que é feio também em 1994, em minhas anotações diárias. E, interessante, eu me referia à mesma figura de pato que eu via hoje em dia ao olhar para o Agente dentro da noite. Renan disse que o medo que a aparição original me inspirou foi o que moldou o corpo do

Agente para mim e para outras pessoas na cidade.

"Eu tenho que falar uma linguagem que vocês entendam", ele disse, "é a linguagem que eu quero que todos entendam é a linguagem do medo. Sem medo não existe Polícia, D. Otella."

"Já que tocou no assunto da linguagem, você fala?", perguntei, curiosa com mais esse ponto. Ele riu, *"que é que nós estamos fazendo desde que...?"*

"Não se faz de bobo, Renan, que de bobo você não tem nada. Ela está falando do Agente", cortou Andrés.

Renan olhou para o outro e disse, *"vocês não estão preparados para a minha voz",* e sorriu enigmaticamente, *"mas se quiserem demonstração, a gente pode se encontrar de novo dentro da noite."*

Nem se precisa dizer que recusamos a proposta. Não depois daquela noite.

Segunda-feira, 11 de maio de 2009

Promessa das sombras

Fui à cidade, conversar com Anderson. Já fazem bem uns oito dias que ele esteve em minha casa para me trazer seu problema e quero ver se dou sequência à conversa. Tentar sondar, ver quais são os planos dele. Duílio me deixou na praça principal, onde fiquei cumprimentando inumeráveis passantes. O primeiro choque de vir para o interior de Minas e especialmente para uma cidade minúscula como Taurinos é que **todos** se cumprimentam. Coisa impensável numa cidade com quase meio milhão de habitantes como Santos.

Fui até a loja de ferragens que fica quase na saída da praça principal, mas próxima a todo o seu burburinho. Ele estava atendendo um cliente ou freguês como ainda se diz por aqui. Quando encostei no balcão, verificava um ferrolho ou fechadura. Notei que havia equipamento para produção de chaves.

"Você é chaveiro também?"

O menino sorriu. Disse que se fosse feito de metal, modéstia à parte, ele poderia fazer qualquer coisa com qualquer objeto.

"Metal é comigo mesmo. Até no som, eu curto metal. Do mais leve até o mais pesado. Iron Maiden, My Dying

Bride, Celtic Frost, Malasangre, Gad Gun, Sepultura, Vulcano, o que vier."

Perguntei a ele se ele falava do Vulcano que era um grupo de Santos. Ele disse que sim, que só conhecia um, e me perguntou se eu conhecia os caras pessoalmente. Eu disse que conhecia o Zhema II e Fernando Levine, respectivamente guitarrista e baixista do grupo e fiz Anderson ficar em transe. Nem sabia mais se Fernando ainda tocava no grupo, mas achava que o grupo ainda estava na ativa.

"Irado, a senhora me apresenta os caras um dia?", os olhinhos do menino brilhavam.

Engraçado que a maioria dos grupos citados por ele se eu não tinha efetivamente ouvido já tinha pelo menos lido sobre ou ouvido falar. A vantagem de trabalhar com adolescentes é que com o tempo você aprende coisas sobre o cotidiano deles. Muitos dos meus analisandos costumavam curtir o mesmo tipo de música que Anderson. Muitas vezes consigo me aproximar deles através de conversas sobre música. Eu mesma tinha dado com o **Malasangre** e o **Gad Gun** pesquisando sobre música ambiente num programa de compartilhamento de arquivos pela Internet, para descobrir que se tratava (segundo o dono dos arquivos) de *"metal atmosférico"*.

"É, você realmente gosta do metal. Todos os aspectos", e eu ri.

Anderson não me acompanhou na risada. Uma sombra passou pelo rosto dele. Disse que andava ouvindo muito essa palavra, *"aspecto"*, nos últimos tempos. Imaginei mesmo que fosse esse o motivo da expressão séria dele repentinamente. Houve um silêncio que quebrei perguntando por Alberto. Anderson disse que ele estava no andar de cima.

"Às vezes eu e o pai dormimos aqui na semana. Só fico lá no sítio se tiver muito cavalo pra ferrar."

Outra pausa, maior que a precedente. Eu não sabia se iria conseguir entrar no assunto delicado de que vínhamos tratando naquele ambiente de negócios onde a conversa poderia ser interrompida por clientes a qualquer momento. Eu estava ainda estudando o que dizer, quando um cavalo irrompeu na praça. Não vinha a galope, mas num passo firme. Eu e Anderson olhamos para a entrada da loja e vimos as pessoas se afastando como carros abrindo caminho para uma ambulância. Nos entreolhamos, nos perguntando o que estava acontecendo. Agora, nem um som do burburinho comum da praça se ouvia mais. Eu conhecia aquele silêncio. Um cavalo preto parou no meio da rua em frente à loja. O cavaleiro estava parcialmente oculto pelo toldo da loja, mas o cavalo preto, as botas pretas com esporas

para dúvidas.

"Anderson, você vem aqui conversar comigo?", a vizinha minúscula entrava pela loja, metálica, sonante.

"A distância até aqui é a mesma", gritou Anderson de dentro da loja.

Silêncio. Anderson olhou para mim, confuso e agastado. Não esperava receber a visita do amigo, ainda mais naquelas condições, *"ele está trabalhando, que é que quer comigo?"*

"Anderson, estou esperando você vir aqui fora conversar comigo. Por favor!", a vizinha minúscula agora soava mais impaciente.

Eu não entendia a recusa de Anderson em sair. Seria medo do que Renan tinha pra dizer pra ele? Ou ele se empenhava numa guerrinha de poder com o amigo? Anderson indicou a segunda possibilidade dizendo, *"ele que venha, que tenho eu com os assuntos dele?"*

Novo momento de silêncio. Passos na escada de madeira, vindos do mezanino, revelaram Alberto descendo para o interior da loja, *"o que é que Renan está querendo gritando lá fora desse jeito? Assim, vai acabar nos espantando toda a freguesia..."*

Novamente, a vozinha lá fora, mais e mais ameaçadora, *"eu vou atirar uma pedra na sua vitrine se você não sair. E vou jogar outra e outra até você sair daí. Nem que eu tenha que jogar a tua loja no chão. Estou te avisando!"*

Alberto olhou assustado para o filho, *"mas o que é que você andou fazendo, menino"*, e Anderson lembrou a ele *"andeí emprestando umas armas para a comunidade se livrar de uns ladrões de gado, lembra agora?"*, e o homem soltou o ar dos pulmões desconsolado. Penso se ele também não teria incentivado o filho a emprestar as armas. Houve um último momento de silêncio, o mesmo silêncio mortal que tantas vezes experimentei por aqui.

A primeira pedra atingiu a vitrine em cheio, o som atordoante da estrutura da vidraça se fragmentando em bilhões de minúsculos pedaços. Alberto ficou apavorado e foi ter com Renan lá fora, apesar do filho tentar inutilmente detê-lo. Eu perguntei a Anderson se não era melhor ele sair. Me ofereci para ir e ele me impediu, *"isso é comigo, não sei o que foi o meu pai fazer lá fora..."*

"Acho que, já que você não quer sair e Renan não quer entrar, ele foi lá fora tentar impedir o seu amigo de destruir a frente da loja de vocês, não?"

o policial minúsculo dizendo a ele que queria falar com Anderson, não com ele, *"ninguém aqui vai se machucar, "sêo" Alberto; só quero conversar com o meu amigo..."*

Anderson finalmente saiu e o pai entrou, furioso, *"já viu uma coisa dessas, D. Stella, o menino está cada dia pior?"* e eu disse a ele que Renan não iria melhorar do nada. Ele me olhou interrogativamente e eu ia sair para rua quando ele me disse, *"olhe, é melhor deixar os dois conversarem sozinhos."*

Me deixei ficar, enquanto Alberto procurava transtornado uma vassoura para limpar a bagunça feita pelo Renan. Ele tinha razão. *"Tem certas coisas que desabonam um adulto"*, pensei eu, lembrando a escritora mineira de Sacramento, Carolina Maria de Jesus. Pelo rombo na vitrine, pudemos ouvir claramente Renan dizer que não tinha obrigação de ficar procurando por ele, nem de implorar sua atenção. Usando o meu próprio discurso do dia de ontem no quarto dele, que diabinho! O resto da conversa não foi possível ouvir, acontecendo agora num tom mais baixo e, felizmente, aparentemente mais calmo. Anderson retornou nervoso para dentro da loja. Daí para a rua, seguida por Alberto, que perguntava ao cavaleiro quem iria pagar pela vitrine.

"Tarde, D. Stella!", o cavaleiro minúsculo falou em alto e bom som na minha direção assim que me viu assomar à porta da loja em meio à ruína de cacos de vidro por todos os lados que ele mesmo criara, e virando-se para Alberto, disse simplesmente, "o "sêo" Teixeira paga a sua vitrine, "sêo" Alberto."

"Quando o pai paga, é bom, não é?", ironizou Alberto, enfurecido.

Renan já ia seguindo adiante, mas deteve o cavalo. Se virou de volta, olhou para o pai de Anderson nos olhos e respondeu furioso, "quem paga ele no final sou eu mesmo, com o meu rabo. Se eu não estivesse de serviço, te mostrava meu rabo, que mais parece um tomate de tanta cintada que eu levo!"

Como se para dar um exemplo, ele vibrou o relho no couro do cavalo com força que me deu pena do animal. Saiu em galope alucinado pelas ruas de Taurinos, desaparecendo no final da rua, rumo à zona rural de Taurinos, enquanto Alberto abanava a cabeça e varria os cacos de vidro da calçada em frente à loja.

"Tem certas coisas que desabonam um adulto", pensei eu, lembrando a escritora mineira de Sacramento, Carolina Maria de Jesus. As pessoas levaram tempo para recomeçar a tarde depois que o policial se foi e lentamente começaram a reocupar a praça. Ninguém

contemplavam o estrago, olhos cheios de espanto e horror. Duílio encostou o carro na praça e olhou para a loja de ferragens e para mim, com expressão densamente interrogativa, tentando entender o que tinha se passado ali.



Terça-feira, 12 de maio de 2009

Três idéias

Quem poderia estar batendo em minha porta às seis horas da manhã? Lá embaixo, a aldrava atingia em cheio a porta com cinco batidas. Cinco? Isso não me lembraria nada? De uma certa noite?

Me ergui da cama, procurando meu roupão. Os primeiros pássaros davam o ar de seu canto. Eram, no entanto, tímidos e distantes, quando deveria haver centenas deles já em torno da casa em algazarra de cantos e pios. Desci, olhei pela janela da sala. Um cavalo preto está amarrado à coluna do meu alpendre. Renan. Ou o Agente, no caminho de volta para casa?

"Renan? É você? Posso abrir?"

A vizinha minúscula veio lá de fora, *"pode abrir sem medo, D. Otella. É só o Renan aqui fora"*, havia um toque de ironia na voz da criança que não pude deixar de notar mesmo através da janela da sala ainda fechada.

Abri a porta. Um Renan vestido de preto e manchado de sangue dos pés à cabeça entrou pela sala. Eu estava atônita. Ele se desculpou por vir me visitar desse jeito.

"Achei que devia passar aqui e me desculpar pela bagunça ontem", ele falou com o semblante sombrio e carregado da noite que mal terminava, *"eu causei no centro da cidade, não foi?"*

Havia menos orgulho do que eu poderia supor na voz dele. Por outro lado, o tom de voz não traiu sombra que fosse de arrependimento.

"Acho que sim", respondi. Não muitas palavras me ocorriam naquela hora da manhã, quanto mais sábias palavras de como ver a vida numa perspectiva mais positiva. Não sou, definitivamente, o tipo de psicóloga auto-ajuda. *"Você se arrependeu?"*, perguntei.

"Claro que não", ele franziu a testa, *"como me arrepender de uma coisa que é certa? Eu avisei que eu ia destruir a vitrine deles. Dei um tempo gordo. Que mais eles queriam?"*

Eu disse a Renan que tomasse um banho, dei um roupão e uma toalha a ele.

"Esse roupão é enorme pra mim", ele protestou, tentando se desvencilhar.

Mas ele acabou indo até o banheiro e me passou as roupas imundas e as botas (que ele já deveria ter deixado lá embaixo na área de serviço) pelo vão da

porta. Joguei tudo na máquina de lavar e liguei com água quente no molho para tentar lavar aquelas manchas horrendas. Lavei as botas no tanque, observando o sangue descer pelo ralo, até que ficassem pretas outra vez, atônita com a quantidade. Era difícil por causa da quantidade de detalhes em baixo relevo nelas. Subi e ouvia o som do chuveiro e Renan cantando um *funk* debaixo da água. Depois, gritos lancinantes que ecoaram pela casa toda e me deixaram apavorada. Bati na porta, alarmada, perguntei o que estava acontecendo e ouvi a voz do Renan em meio aos gritos, dizendo que isso era assim mesmo. Ele levou uns dez minutos e desceu todo perfumado e limpinho, parecendo uma flor. Meu coração ainda batia meio que descompassado quando ele chegou à cozinha. Da minha área de serviço vinha o som rotundo da máquina de lavar tentando passar um pano para Renan.

"Fica umas outras coisas acumuladas", ele explicava assim os gritos que ouvi, *"não é só a sujeira física, sabe?"*

"O que diabos eram aqueles gritos?"

"Três idéias que eu encontrei essa noite", ele fechou a cara.

Coloquei o café, o leite e as outras coisas na mesa. Lá fora, a máquina começava a bater a roupa do Renan.

trazia no olho, ele não ficava olhando para o nada ou fingindo estar concentrado em outras coisas. Perguntei porque ele não tinha aparecido com o formato do Agente se estava trabalhando. Ele disse que tinha aparecido com o formato do Agente, mas que eu não tinha obrigação de levar um susto ao abrir a porta. E eu me lembrei que achava que os pássaros estavam cantando longe demais. Ele sorriu, mas era um sorriso amargo quando me ouviu dizer isso.

"É, o espanta-nenê estava batendo na sua porta", ele fungou de repente.

"É como nos filmes, como aquele do Exterminador do Futuro, você se transforma?"

"Como o Super-homem na cabine telefônica? Não, não sei se é assim. Mas também não sei como acontece, então se quiser imaginar que é assim, que seja assim. Eu sou um menino de dez anos, não entendo dessas coisas."

"Pode ser que o poder direcione uma aparência segundo a necessidade do momento em que você está para uma pessoa específica", sugeri.

Ele sorriu, como se aprovasse a idéia. Mas disse que eu não poderia ver o Agente separado dele. Ele poderia

estar em sua aparência normal, mas era o Agente do mesmo modo. Assim como o Agente era ele, não havia algo como Renan e o Agente. Não eram, segundo o que entendi, duas entidades separadas.

"O Agente é o mesmo menino que a senhora está vendo agora na sua frente, se sentindo como um idiota com esse seu roupão enorme...", ele disse, me provocando uma crise de riso, *"por que está rindo?"*

Falei do fato dele estar se sentindo um idiota com o roupão e também dele tentar me convencer de que aquilo que eu vi em cima do cavalo era uma criança de dez anos. Ele sorriu. Disse que era sim uma criança em cima do cavalo, mas como eu mesma tinha colocado, o poder o mostrava naquele aspecto brutalmente sinistro dentro da noite.

"Por que não apareceu para nós como esse menino que está se sentindo um idiota com o roupão e sim com aquele aspecto do Agente?"

"D. Stella, não confunde as coisas. O Agente está aqui agora bem na sua frente, tomando café da manhã com a senhora. O Agente era quem estava ontem em cima do cavalo em frente à loja do "sêo" Alberto e do Anderson."

O Agente tinha acumulado uma carga tão negativa sobre si mesmo em meu ver que não pude deixar de

pensamento de que aquela coisa monstruosa pudesse estar placidamente em minha cozinha partilhando do meu café me dava arrepios. Renan olhou para o meu braço e percebeu isso na hora. Me disse que no momento em que ele apareceu, foi para nos assustar e com o seu aspecto do dia-a-dia ele jamais conseguiria. Ele precisava do nosso medo para se carregar e conseguir mais e mais força. Como um ser de videogame que se alimentava das coisas pelo caminho do jogo e redobrava suas energias, era assim que ele se carregava enquanto cavalgava pela imensidão da noite.

"Eabe, é como se tivesse havido um salto", eu disse a ele, falando sobre a Polícia, *"não se falava nada disso em Taurinos até que eu morresse. Essa situação pela qual você está passando..."*

"A Polícia?", ele me perguntou, *"é como os sonhos que a senhora conhecia em Santos. Fica faltando um pedaço às vezes. Como se tivessem passado muitos meses, mas foi tudo só uma noite e nada mais"*, Renan explicava, *"ou pode ser o contrário como se tivesse passado só uma noite, mas foram seis meses, coisa assim. As coisas já estão lá a frente, para nós é como se fosse um salto."*

Comemos mais um pouco em silêncio. Renan perguntou se poderia repetir a caneca de café e leite;

eu disse que ele podia comer à vontade, o quanto quisesse.

"Esse negócio do aspecto tem que ver com a situação", ele aproveitou para explicar enquanto enchia a caneca, "agora eu estou dentro desse roupão enorme porque a senhora está lavando as minhas roupas e eu não tenho roupas para vestir", e o menino riu bastante com a sua própria explicação, "é um aspecto estranho, porque eu nunca uso roupão, só pijama (e de pijama já é um outro aspecto meu), mas tudo isso é o cara que se chama Renan Augusto Giacomin Teixeira, é brasileiro, nascido na cidade de Taurinos, no estado de Minas Gerais."

Disse a ele que entendi. Uma mistura macabra de italianos e portugueses e saiu isso. Ele me explicava mais ou menos o que me deixava intrigada a respeito dele. Recordei a ele que ele me disse que era uma parte dele. Ele replicou que *aspecto* era a palavra, não era como se ele se partisse em dois ou mais. Recordei a ele que ele me disse que a parte que todos conheciam ficava em casa dormindo durante as cavalgadas.

"Isso não é se partir em dois?"

"Não, porque na sua cidade, lá em Santos, importava saber se a senhora estava dormindo ou acordada."

Aqui em Taurinos, isso não importa."

Pedi que ele me explicasse o que queria dizer com isso. Ele respondeu que queria dizer exatamente isso. Que tudo era inteiriço, sonho, realidade, nada disso era separável. O que existiam eram aspectos diferentes no dia a dia.

"Quando eu vim aqui naquela noite e bati na sua porta, eu e a senhora podíamos estar dormindo, sabe."

"Tenho certeza de que eu não estava dormindo, Renan."

"E de onde a senhora tirou essa certeza?", ele sorriu, desafiador.

Caí em mim. O rapazinho estava certo. De onde eu tiraria uma certeza tão grande como essa? De uma sucessão de eventos do raiar do dia até que eu fosse dormir? O fato de estar me preparando para subir e efetivamente dormir?

A lavadora tinha terminado. Deixei Renan na mesa e coloquei a roupa na secadora, admirada de ver que as manchas tinham sumido completamente. Aquilo não se resolveria numa só lavagem, pensei imediatamente. Voltei à cozinha e Renan não estava

mais lá. Onde teria ido? Não estava em nenhum lugar da casa, que percorri inteira à sua procura. Achando que ele tinha ido embora totalmente nu, fui à secadora pegar as roupas, tentar alcançá-lo e devolver a ele. Não havia nada na secadora, nem ela estava mais funcionando. As botas dele tinham desaparecido do tanque. Na frente da casa, mais nenhum cavalo. Apenas um vento repentino que levantou poeira e me encheu os olhos de cisco. Quando finalmente consegui abrir os olhos, eu estava em minha cama. No momento em que percebi que estava em minha cama, lá embaixo, a aldrava atingia em cheio a porta com cinco batidas. Cinco? Isso não me lembraria nada? De uma certa noite?

Me ergui da cama, procurando meu roupão. Os primeiros pássaros davam o ar de seu canto. Eu podia ouvi-los agora em torno da casa. Desci, olhei pela janela da sala. No alpendre, Andrés olhou para mim pela janela e sorriu.

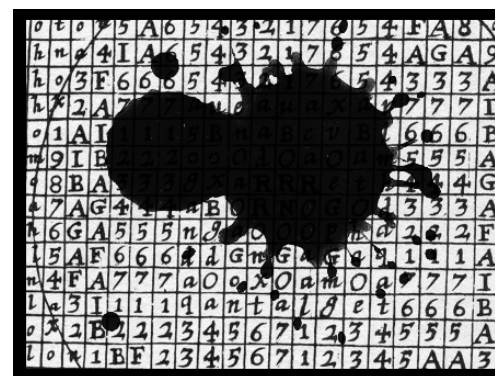
"São sete horas", ele disse, me olhando de modo estranhamente divertido, *"a senhora não vem fazer café?"*

Me troquei e fui para a fazenda, comentando com ele do sonho estranho com Renan. Ele me olhou espantado e disse que acabava de ver Renan de passar por ele no caminho, vindo de minha casa.

"Nunca vi ele voltar do trabalho com a roupa limpa, acho que só hoje mesmo", ele comentou.

"Mas isso foi sonho, Andrés."

"Quem disse?"



Quarta-feira, 13 de maio de 2009

Noite e dia

Anderson ligou para mim hoje de manhã. Ao chegar à fazenda Taurinos para fazer o café, Andrés me disse ter recebido a mesma ligação, *"É, o Renan detonou mesmo a Ioja dele, não? Anderson está bem puto. Mas eu não sei se dou mais razão a ele do que ao Renan, não. Agora, o modo do Renan fazer as coisas é que precisava discutir, mas vou eu falar, o mundo cai"*, ele acrescentou.

Aconteceu que Anderson ligou para marcar reunião no Mithraeum à tarde. Ele sugeriu que "sêo" Danilo tomasse o lugar de Adriano, já que este último ainda estava hospitalizado. Andrés disse que talvez nem "sêo" Danilo viesse (ele estava em Varginha justamente visitando Adriano no hospital), mas que já sabia a posição do irmão. Nem eu vi qualquer empecilho para a reunião. Renan foi o último a ser convocado. Ele ligou logo em seguida ao telefonema. Sempre que se convoca reunião do Conselho da Sociedade Antiga dos Taurinos, o telefone toca descabelado por aqui, **todos** os Taurinos ligam. O policial foi o último a ligar.

"O que vocês acham que o Anderson quer com essa reunião?"

"Você está preocupado? Não tratou a propriedade dele

como um vidro, exatamente", respondeu Andrés.

"Não, não, preocupado nada, só fiquei curioso", respondeu a vizinha do outro lado.

Andrés me contou essa conversa com Renan piscando matreiramente, *"ele já percebeu que deu mais encrenca do que ele imaginava. Anderson nunca convocou uma reunião do Conselho antes. Renan não devia estar esperando por essa."*

Renan iria se defender atacando, se fosse o que eu imaginava. Acreditava que ele iria querer virar a reunião contra Anderson para cobrar a participação dele na Polícia Obscura. Andrés disse que não tinha parado para pensar nisso, mas que isso era uma possibilidade bem real.

"Renan é liso, bem capaz mesmo dele vir com isso", ele concordou.

Três horas da tarde e mesmo "sêo" Danilo compareceria à reunião representando Adriano. Eu o tinha localizado a tempo, de carona com Duílio até a cidade e no caminho do Mithraeum, o coloquei a par do que vinha acontecendo, senão na cidade (as coisas aqui não demoram a se espalhar, como fogo em floresta) pelo menos os acontecimentos de quarta de madrugada no descampado e ontem de manhã em

minha casa. O sertanejo arregalou olhos grandes para mim e disse que eu era louca. Foi a primeira vez que me disse algo assim tão sem temperança. Ó para me dar uma idéia de com que eu estava lidando. É, passei minha vida brincando com fogo e pelo jeito vou passar a Eternidade também.

"Já não bastava convidar ele à noite? Ainda ficou no caminho dele num descampado? E ainda abriu os olhos no meio da noite para ver a figura dele na sua frente. A senhora parece que perdeu o juízo, "sá" Stella!"

Eu disse a ele que não subscrevia essas lendas e crendices, queria ver por mim mesma. "Êô" Danilo pareceu impaciente. Disse que teve dó de Adriano ao vê-lo num leito de hospital. E isso considerando que ele está muito melhor agora. Perguntou o que mais eu precisava ver para aprender que não existiam lendas e crendices em Taurinos. Apenas uma realidade mágica e aleatória como qualquer sonho que se tem. Engraçado como o que ele diz de certo modo ecoa as palavras do policial para mim ontem no café da manhã. Pensei na terrina de pão de queijo. Dos dez pães que havia sobramos dez (e Renan sozinho comeu uns cinco). Como poderia ser possível fora da realidade no modo onírico que eles tentavam me descrever?

São quatro horas. O Mithraeum, templo máximo dos

Guilherme estava sério, procurando se situar dentro da conversa; parecia nervoso pelo pouco de informação que tinha sobre o assunto mesmo sendo irmão do policial e morando com ele. Bruno estava acordado, olhos cheios de curiosidade para com os eventos em redor e Arthur também, dois que havia algum tempo não encontrávamos. Anderson sentou-se afastado, mas não de todo. "Êô" Danilo e eu nos sentamos perto para poder trocar impressões (se bem que sabíamos que não poderíamos conversar muito entre nós).

Andrés era o Oficiante, aquele que dirigiria os trabalhos nesta tarde. Explicou aos dois, Anderson e Renan, que qualquer desacato a qualquer membro do Conselho redundaria na anulação daquela reunião. Explicou que "qualquer membro do Conselho" também se referia aos dois, por motivos óbvios.

"Os nossos irmãos Renan e Anderson concordam em se dirigir com civilidade a qualquer membro do Conselho, evitando assim que suas reclamações deixem de ser levadas em consideração por este Conselho", concluiu o Oficiante.

"Onde está o Livro das Origens?", perguntou Renan, lançando um olhar para Bruno, assim que aceitou os termos.

Bruno bateu na testa.

"Grande Mitra, esqueci, está em minha casa, era minha vez de trazer!", o garoto estava sem-graça com sua negligência.

"Não faz mal", assegurou o Oficiante, "ele vai registrar tudo de qualquer modo, aqui ou lá."

O Oficiante disse que Anderson tinha convocado a reunião e iria falar primeiro. Depois falaria os membros do Conselho que quisessem falar. Para se inscrever, teriam de erguer o braço. Nenhum aparte seria permitido durante a exposição principal dos membros. Depois que todos aceitamos os termos da reunião, Anderson começou a falar.

"Nossa loja é uma das poucas atividades que eu e meu pai temos para garantir nosso sustento", ele disse olhando para todos ao redor sem exceção, "todos me conhecem como o ferreiro da cidade, isso não é novidade para ninguém. Indo direto ao assunto, nossa loja de ferragens no centro da cidade foi atacada pelo Agente na segunda-feira. Eu quero dizer que entendo os motivos do Agente para me procurar, entendo que ele esteja cansado de me procurar mas não entendo porque destruir alguma coisa que eu e meu pai lutamos com sacrifício para conseguir. Se o Agente quer atingir a alguém, que atinja a mim sozinho. Meu

pai lutou com dificuldade para termos o pouco que temos e não merecia começar uma semana de trabalho varrendo os cacos de vidro de uma vitrine que foi um custo enorme para ele durante muito tempo e o fez trabalhar muito mais do que deveria para que nós pudéssemos ter instalações melhores para prestar melhores serviços para nossos fregueses que são vocês, o povo de Taurinos. Ouvi meu pai dizer que o Agente explicou a ele que os prejuízos vão ser pagos pelo "sêo" Teixeira. Não se trata só dos prejuízos materiais. "Êo" Teixeira não vai pagar a conta do desgosto que meu pai sentiu tendo que varrer seu trabalho de anos todo destruído, transformado em cacos no meio da calçada."

De onde estávamos eu e "sêo" Danilo era fácil de ver um brilho no rosto de Anderson que ia descendo pela face dele, iluminado pela luz soturna do Mithraeum. Silêncio. Só se ouviam os exaustores e ventiladores funcionando. Rostos sérios, ninguém se atrevia a entrar com um comentário. Olhei para Renan e ele estava sério como nunca o vi numa reunião do Conselho. Nem mesmo quando o Grande Um ameaçava a cidade com a Lei dos Touros pude vê-lo tão circunspecto. O discurso de Anderson foi duro mas emotivo. Visava convencer pela descrição das dificuldades que se impunham à vida de um trabalhador e convenceram a mim. Foram palavras

que me calaram fundo, mesmo eu sabendo que ele iria adotar essa linha de pensamento para expor suas idéias sobre a ação de Renan. O problema não residia no fato de Renan ter sido duro com ele, Anderson. Mas ter sido duríssimo com seu pai, que nada tinha a ver com a história. Os pais daqui, aprendi bem cedo, pouca conta podem dar do comportamento dos filhos menores. As crianças sempre dominaram a cidade, como o próprio "sêo" Danilo um dia me falou em sua casa, referindo-se ao tempo em que foi ele mesmo um dos sete lidadores da cerimônia durante a sua Lei dos Touros. Não havia agora como enfiar o pai do menino na história. Ele não podia participar das decisões, mas teria de pagar por todas elas? Mas vejo que esta reunião vai ser um espeto para ambos os meninos, isto eu podia dizer com certeza.

O Oficiante perguntou se Anderson tinha algo mais a dizer. Ele enxugou o rosto e disse que só queria pedir a Renan que voltasse suas baterias contra ele e ninguém mais, *"isso é entre eu e você"*, ele fungou, *"sou eu quem você quer, Renan; deixe o meu pai e tudo o que tem a ver com ele de lado."*

O policial ouviu tudo calado. Em dado momento, chegou a engolir em seco. Até o momento presente, um perfeito cavalheiro durante a reunião. Mentalmente parecia se preparar para se contrapor de algum modo, era fácil de ver que ele sentia um

círculo se fechando em torno dele. Ele mesmo parecia ter sido atingido em cheio pelo apelo emocionado do amigo. Pensei ter visto seu lábio inferior tremer durante a explanação de Anderson, mas poderia ter sido a minha mente me pregando peças?

O Oficiante certificou-se de que Anderson tinha dito tudo o que tinha a dizer e avisou Renan que o ferreiro não era o único que iria apresentar uma queixa na reunião. Guilherme e Renan olharam para ele; Anderson, Bruno e Arthur para mim. Aparentemente nossas aventuras noturnas já tinham dado a volta na cidade, mas era difícil de dizer naquele momento. "Êêo" Danilo levantou a mão e disse que queria falar por Adriano. O Oficiante concedeu-lhe permissão e ele se levantou. O Oficiante disse a ele que a permissão não se estendia a ficar em pé. Ele se desculpou com um sorriso, se sentou de volta e começou.

"Não é mais novidade para ninguém em Taurinos que no momento Adriano está num leito de hospital em Varginha", o velho sertanejo disse, *"porque ele sofreu mais uma vez pela ingenuidade dele em contar as histórias dessa região. Isso num momento especial da vida desta cidade, onde se achava que nada mais deveria continuar obscuro para ninguém"*, eu vi Renan se retorcendo todo, louco para falar à simples menção da palavra "obscuro", e vi o Oficiante

esticando o pescoço, mentalmente se preparando para intervir ao menor sinal de insubordinação do policial, *"entendo que o policial não goste do apelido que foi colocado pelo "sêo" Anderson, mas nada justifica o que eu vi naquele leito de hospital. "Êá" Aparecida me disse que ele estava bem melhor agora. Penso que tive sorte em não ter visto "sêo" Adriano antes então. Eu tive vontade de chorar pelo estado do menino. Por isso eu peço ao Conselho, em nome de "sêo" Adriano, que "sêo" Renan justifique o porque de tanto ódio por um apelido que foi criado para descrever tão bem o que acontece dentro da noite no limite de município entre Taurinos e Varginha. Apenas dizer que alguém tem um apelido não pode ser causa de tamanho sofrimento. O policial pode achar certo o que fez com Adriano, mas mesmo que ele mereça de verdade tudo isso que ele está passando, está punindo também a mãe dele, que nada teve ou tem a ver com isso. Está punindo o pai, "sêo" Duílio, que está vivendo sem o convívio de metade de sua família por duas longas semanas. Na Constituição brasileira há um artigo que diz claramente que "...a pena não será estendida além do penalizado". Por favor, peço a este Conselho que não aceite que ele diga que todo o sofrimento desta família está acontecendo por motivo nenhum. Que este Conselho não aceite que ele diga pra gente que todo o sofrimento da família da Dica aconteceu por motivo nenhum."*

Renan engoliu em seco novamente. Era difícil saber o quanto de chumbo ele esperava realmente, mas era evidente que não era aquele tanto que ele estava recebendo. O Oficiante novamente certificou-se de que "sêo" Danilo tinha dito tudo o que tinha a dizer e passou a falar por si. Descreveu a noite no descampado e o aparecimento do Agente atrás de nós e mais que isso, sua permanência no local e seu posicionamento na nossa frente. Guilherme olhava incrédulo para o irmão. Bruno parecia arrepiado dos pés à cabeça. "Êêo" Danilo só fazia sacudir a sua cabeça, sem entender nada de toda aquela loucura. Arthur olhava para Renan como se perscrutasse o amiguinho por dentro.

"Entendo que o policial precisa de energia. Mas entendo também que todo e qualquer taurinense tem direito a sair à noite e contemplar o céu sem medo de que uma força que existe na cidade para proteger a cidade e seus cidadãos ameace sua integridade física e moral. No meu caso, as duas foram ameaçadas. O medo que eu senti foi a causa de um sangramento no nariz que ficou em mim por bem uns dois dias. No caso de D. Stella, a integridade moral, o pavor que ela sentiu, embora ela tenha colaborado significativamente para isso."

Levantei a mão para me inscrever. O Oficiante disse

que eu podia falar. Brevemente disse a eles que abri meus olhos para olhar para o Agente por livre e espontânea vontade. Descrevi a imagem que ficou colada em minha retina e que me perseguia por toda a parte, da figura como um pato negro imenso que ainda me assustava cada vez que eu visitava o alpendre.

"Não descrevo essas coisas em agravo ao irmão Renan", eu disse, olhando para ele, "eu descrevo essas coisas para que nós tenhamos uma idéia sólida do poder que existe dentro dele e de outras forças que agem sobre esta cidade, das quais nem suspeitamos que existam, além de todas que já identificamos. Quero pedir a Renan que explique o porque do ódio pelo apelido, no entanto. Ele deve justificar claramente diante deste Conselho porque tanta agressividade cerca esse apelido. É o mínimo que ele pode fazer pelas pessoas que ele agrediu física e moralmente. Devo dizer que ele me visitou a caminho do trabalho, mas mais uma vez, esse foi um acordo que fiz com ele também por minha livre e espontânea vontade. Éó que isso não inclui a noite inteira em que ele torturou Adriano e a mim por causa do apelido."

Pausa. O Oficiante me perguntou, em meio ao silêncio geral se eu tinha algo a acrescentar. Renan respirava entrecortado, ofegante de seu assento, olhando para

mim, aparentemente confuso, perdido entre minha defesa e meu ataque. Eu disse que para o momento era o que eu tinha a dizer. O Oficiante disse que Renan era o próximo a falar, se ninguém mais se inscrevesse. Ficou por alguns instantes esperando que alguém mais se manifestasse. Perguntou a Guilherme, Bruno e Arthur se concordavam com o requerimento de explicações por parte do policial. Eles concordaram. O Oficiante passou a palavra a Renan. Era evidente que ele lutava para descobrir o que fazer com a palavra que acabava de lhe ser dada.

"Irmãos do Conselho", ele limpou a garganta ruidosamente, trazendo o Conselho nos olhos, "todos em Taurinos sabem que não sou pessoa de belas palavras. Sou de falar menos e fazer mais desde que nasci e foi por isso que resolvi defender nossa cidade pacata dos ladrões de gado que apareceram aqui e depois de qualquer ameaça que viesse de fora. Eu não sabia o que podia acontecer comigo — conseguir esse poder e ficar amarrado nesse trabalho para sempre — mas agora eu sei que é pra valer. E pra sempre."

Anderson parecia tenso. Esperava por sua dose de chumbo ele mesmo. Via o amiguinho construir sua defesa lentamente e sabia que embora não fosse "pessoa de belas palavras", Renan saberia defender seus pontos de vista.

"Não é segredo para ninguém, do mesmo modo, que as armas que usei para nos livrar dos ladrões de gado pertenciam a Anderson. Ele me emprestou as armas por sua própria vontade e de primeira. Eu não precisei insistir."

Bruno, Guilherme, Arthur e "sêo" Danilo volveram, em turnos, seus olhos para o ferreiro; este percebeu os olhares mas não devolveu um só que fosse. Toda a sua atenção estava voltada para o policial.

"Anderson criou este apelido para mim, mas nunca me disse porque. Entendi que ele era uma desfeita para mim, pelo modo como o poder me dominou, mas não dominou a ele. Era como se ele fosse resistente ao poder, coisa que eu não pude ser. Era como se ele dissesse, sem ser direto, que eu queria ter tido aquele poder e o consegui. O apelido se espalhou rápido pela cidade. Como eu era daquele jeito quando saía a noite para patrulhar a cidade, não demorou pra que as pessoas comesçassem a me chamar pelo apelido que ele criou. Me doeu e me dói com a mesma força até hoje ver que o meu melhor amigo se escondeu e ainda por cima, de desaforo puro me colocou esse apelido, justamente ele, que devia se juntar comigo e fazer esse trabalho também", explicou Renan encarando Anderson e sustentando o olhar desafiador.

Anderson fitava o amigo, desesperado e sacudia a cabeça como que tentando mudamente negar tudo aquilo, amarrado às regras da reunião, até que não conseguiu mais se segurar, *"isso não é verdade, eu não criei o apelido pra..."*

"Irmão Anderson, você está violando as regras desta reunião", interrompeu o Oficiante, bruscamente, com um olhar severo, *"peço a você que a conduta do irmão Renan, que ouviu a todos sem nenhuma manifestação e só falou quando lhe foi passada a palavra lhe sirva como exemplo de disciplina."*

O ferreiro se calou, envergonhado. Vi claramente o meio sorriso esboçado por Renan, que permaneceu discreto ao ouvir a reprimenda a Anderson. O jovem ferreiro estava sob pressão. Sabia que ele era o alvo desta reunião mais que Renan. E não esta, uma outra. Mas sabia ele que desse modo só fazia prolongar sua agonia lenta e extremamente estressante e dolorosa. Renan sabia que tinha muito mais a perder que ele nesta reunião. E sabia que teria de se livrar dos anéis para conservar seus dedos.

"E o irmão Renan não tem nada a acrescentar a esta explicação, poderíamos, com o consentimento deste Conselho, passar a palavra de volta para Anderson", atalhou o Oficiante.

"Por enquanto é isso", disse Renan voltando os olhos para o Oficiante. Eu esperava para ver se Renan usaria o mesmo vocativo, "irmão", para se dirigir ao Oficiante. Meu palpite era de que ele não o faria, mesmo que fosse para obedecer a uma formalidade.

"Irmãos, é verdade o que o irmão Renan diz quando ele afirma que eu nunca contei a ele o porque do apelido. Eu errei com meu amigo; ele merecia e merece saber o porque. Eu errei com Renan tendo que ser questionado em uma reunião do Conselho da Sociedade Antiga dos Taurinos para lhe dizer porque criei o apelido. Não foi nada sério demais, mas não o criei por brincadeira. Eu queria descrever a força que ele tinha conseguido da noite desta cidade para proteger a população. Queria descrever o mistério da própria profissão e da própria condição em que ele estava para exercer essa profissão. Quero dizer que criei o apelido porque não tive coragem de fazer como ele e me lançar no mundo onde ele se lança quase todas as noites aqui em Taurinos. Eu criei este apelido como uma homenagem, não porque ele é meu amigo, mas como uma homenagem a alguém que teve a coragem e a iniciativa de fazer o que eu nunca ousei fazer e deveria ter feito."

O Conselho, embora não afetasse indiferença, não pareceu totalmente comovido pela explicação, mas Renan estranhamente sim. Sendo ele o mais

prejudicado dentro de seu próprio ponto de vista, era de esperar que fosse o contrário. Isso me deu a idéia do quanto ele queria acreditar em Anderson. Do quanto ainda tinha esperança de que o amigo mais velho se juntasse a ele.

"Quero propor ao Conselho que consultemos o irmão Renan sobre se ele aceita esta explicação e em caso positivo propor que seja este, a partir de hoje, o nome desta instituição que existe para proteger a nossa cidade", sugeriu o Oficiante, obtendo do Conselho o consentimento, *"com a palavra, o irmão Renan."*

"Eu aceito a explicação dele, irmãos", ele voltou os olhos para o ferreiro, que se pudesse desapareceria de tão envergonhado, *"eu aceito o apelido e que o nome oficial seja esse."* E Renan mostrou as duas mãos abertas, como eu já tinha visto o Oficiante fazer um dia, o que demonstrava honestidade dentro da comunidade taurinense.

Olhei significativamente para "sêo" Danilo. Renan estava vencendo a queda de braço com Anderson. Aceitava tudo, flexível e comportado como nunca tinha sido visto pela comunidade, e em breve não seria mais ele o cabeça-dura e sim Anderson. Guilherme só tinha olhos de espanto para com o irmão, incapaz de acreditar no que seus ouvidos insistiam em lhe mostrar. A selvageria com o apelido

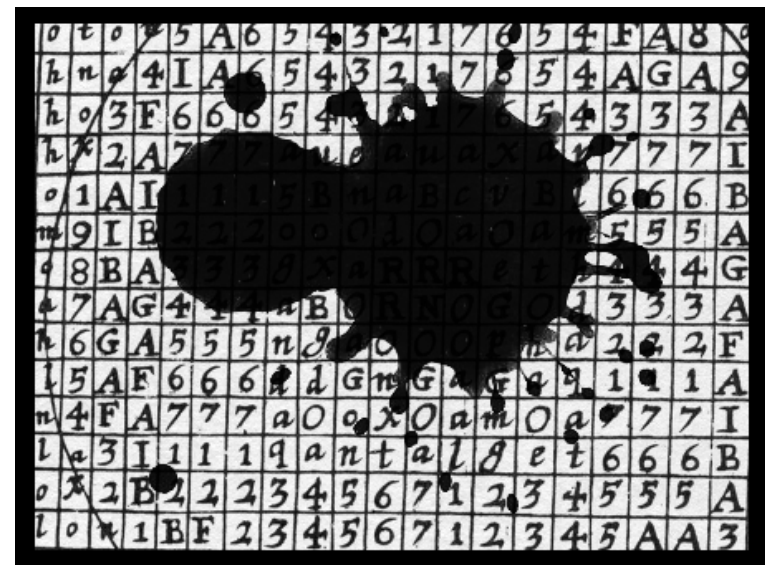
se tornando em pura candura. Pura aquiescência, boa vontade.

Renan se submeteu a tudo proposto na reunião. Segundo proposta de "sêo" Danilo, prestaria uma semana de serviços, varrendo a loja de ferragens e ajudando em todas as outras tarefas necessárias, sem prejuízo do pagamento da vitrine pela sua família. Bruno sugeriu que ele usasse um distintivo com o nome da corporação em seu uniforme, distintivo que teria de ser fabricado pelo mesmo criador do nome. As proposições encontraram mais resistência por parte de Anderson que de Renan, que chegou a pedir ao amigo que efetivamente criasse o distintivo. Arthur sugeriu que Renan se desculpasse oficialmente, em nome da Polícia Obscura, olho no olho com todos aqueles prejudicados por usar o nome da instituição enquanto ele ainda era considerado um insulto pelo policial, no que foi entusiasticamente apoiado por "sêo" Danilo. Renan aceitou imediatamente. O Oficiante propôs regras para as cavalgadas noturnas, mais precisamente não parar perto de cidadãos de Taurinos enquanto o policial estivesse de serviço. Renan acatou a sugestão imediata e incondicionalmente.

Anderson estava assombrado. Humilhado como fora, Renan era o vitorioso daquela rodada. O jovem policial tinha conseguido virar a mesa por cima de Anderson,

tinha conseguido usar a reunião convocada pelo próprio Anderson para reafirmar de maneira definitiva o quanto o ferreiro fugia de seu dever para com a comunidade. Eó restava a Anderson agora o papel de desobediente, recusando-se a ajudar a comunidade em sua segurança, como ele deveria. O Oficiante passou a palavra a ele, mas o pobre garoto estava confuso demais para falar qualquer coisa. Perguntando aos demais se algo havia ainda a se acrescentar e não recebendo resposta, o Oficiante deu a reunião por encerrada.

Anderson ainda teve de aguentar Andrés dizendo a ele (em particular, mas consegui ouvir claramente), *"rapaz, mas um menino novinho daquele te fez de gato e sapato na reunião... E você não tinha começado mal, hein?"*



Quinta-feira, 14 de maio de 2009

O garoto com a pedra no sapato

Encontrei bilhete na porta de minha casa hoje de manhã. Andrés dizia na mensagem que ele e o pai tinham ido à Varginha buscar Aparecida e Adriano, que receberia alta do hospital hoje.

Estes dias, tenho me lembrado da Meire. Não a tenho encontrado mais no MÊN. Não que isso me preocupe, mas tenho tido saudades das conversas com ela pelo messenger. Queria poder acompanhar a evolução dela com as práticas que sugeri, se é que ela ainda está se dedicando a isso. Talvez seja a correria da vida dela. Não é muita, mas ninguém põe conversas no MÊN acima de suas próprias prioridades cotidianas. Seria tão bom poder encontrá-la em Taurinos. Mas é a vida dela e se ela tiver desistido, nada posso fazer a não ser me conformar.

Aparecida não teve palavras para me agradecer pela ajuda que dei aos homens da fazenda durante sua ausência. Sentia saudades das conversas com ela na cozinha enquanto eu a ajudava com os trabalhos de casa. Estava contente por vê-los de volta.

Em sua cama, Adriano estava muito melhor que o descrito por "sêo" Danilo ontem durante a reunião no Mithraeum. Era evidente que o velho sertanejo tinha exagerado o estado dele para impressionar mais a

todos (especialmente o policial) em seu relato durante o encontro. Mas era verdade que a noite sob tortura da Polícia Obscura o tinha devastado física e emocionalmente. Eu disse a eles que o policial viria se desculpar com Adriano assim que a loja de ferragens fechasse esta noite. Adriano disse que achava que já era hora dele reconhecer que estava errado. Aparecida fechou a cara e disse que não queria estar presente, ou acabaria agredindo "o monstrinho minúsculo". Adriano riu, divertido. Considerando de quanta temperança e sentimento de conciliação ela geralmente dispunha, tive ali uma idéia do que foram para ela essas duas semanas cuidando do filho no hospital.

"Não sei, tenho medo de perder o controle e meter a mão na cara daquele menino", ela disse, agastada.

Andrés veio ter comigo no alpendre. Me disse que Renan aproveitou o horário de almoço para ir até a casa da Dica. Que ele levou consigo uma garrafa, do mesmo tipo que ele tinha jogado na cara do Célio. Ao chegar à sala, onde o menino estava, deu a ele a garrafa, sentou-se não muito longe dele, fechou os olhos com uma careta e esperou. Célio colocou a garrafa no chão. Renan levantou-se imediatamente, foi até ele, pegou a garrafa do chão, colocou-a novamente nas mãos do Célio, sentou-se e esperou. Repetiu o processo até que o Célio dissesse que ele o

perdoava e pedisse que ele fosse em paz. Vi que era uma maneira muito peculiar de se desculpar, correndo o risco de terminar ele mesmo no hospital. Houvesse uma sombra de rancor no agredido, o policial teria perdido alguns de seus dentes.

"Renan é uma figura, isso eu posso dizer com certeza", riu Andrés.

"Você está vigiando o menino?"

"Claro, preciso ver se ele está obedecendo as resoluções a reunião do Conselho de ontem. E ele está. A senhora viu tudo certinho ontem antes da reunião começar. Viu que ele ia usar essa tática de ser um carneirinho manso para mostrar o Anderson como desobediente aos olhos do Conselho por não se juntar à Polícia Obscura. Ele virou o jogo, quando Anderson achou que as punições só iriam para o Renan. Ele tem dez anos, mas é inteligente pra raio. A gente não pode subestimar o carinha."

"Ele deve vir aqui hoje à noite."

"Sim, ele deve vir ver o Adriano, dar uma contemplada no estrago que fez no meu irmão. E se quer saber, pode Adriano cuspir na cara dele que ele não vai se revoltar; vai pedir desculpas novamente e novamente até que ele seja

perdoado."

"Você acha que ele está fazendo isso sinceramente? Ou tudo é somente parte da estratégia dele?"

"Renan não é um cara fingido. Tem milhões de defeitos, é estourado pra raio, mas fingido ele não é. O que ele faz é porque ele sente. Eu acho que ele entendeu e aceitou a explicação do Anderson de verdade. Viu que ele estava errado em levar isso assim a ferro e fogo. Eu acreditei no Anderson também. Nunca achei que ele tivesse criado esse apelido para zoar com o Renan. Mas Anderson já sentiu que o cerco está se fechando em volta dele. Ao sentir isso ontem, Renan decidiu se submeter. Ele viu que o Conselho ia condenar as atitudes dele e que se rebelando ele só iria causar mais sofrimento para ele mesmo. Foi inteligente, reconhecendo que estava errado, mas nem por isso deixou de ser sincero. Mesmo Renan consegue se olhar de fora de vez em quando. Anderson não; ele só faz acrescentar mais sofrimento a ele mesmo se escondendo do dever. Está sendo humilhado por ele mesmo ao se recusar a entrar na Polícia. A comunidade sabe disso e não demora muito vai começar a pressionar até que ele não aguente mais. Aí, ele vai comer na mão do Renan direitinho, como um cachorrinho que não tem mais para onde ir."

"Meu Deus, que situação...", eu abanei a cabeça.

"É, ninguém disse a ele que ia ser fácil. Renan está sofrendo também, D. Stella; não pense que tudo é cantar vitória. Ser recusado não faz parte dos gostos pessoais dele. Anderson é o melhor amigo dele; dá pra imaginar como dói no carinha por dentro que Anderson tenha fugido da função que ele deveria estar cumprindo junto com ele."

Ele olhou para os lados, como se quisesse compartilhar algo que os outros não pudessem ouvir.

"Naquela noite no descampado, e a senhora deve ter sentido isso também, ele estava calmo, como se quisesse entender o que nós fazíamos ali olhando o céu. Ele teve inveja de nós porque nós podíamos sentar no campo à noite e olhar as estrelas enquanto ele tinha de estar caçando aquelas coisas e invasores nos limites da cidade. Não era só a energia do medo que ele queria. Ele queria se alimentar da energia da nossa amizade, curtindo o céu juntos, ele queria estar conosco sentado ali."

"Por que então não apareceu com o seu aspecto normal? Eu adoraria que ele tivesse vindo e sentado conosco!"

"Porque mais que da nossa amizade, naquele

momento ele precisava do nosso medo. Por isso ele ficou tanto tempo ali atrás de nós. Porque a gente não se atrevia a olhar, e não podia saber o que ele estava fazendo por esse mesmo motivo, o que só aumentava o nosso pânico. A incerteza é a mãe do medo. E o pai do medo é o escuro. Por isso avançava com o cavalo tão lentamente. Cada passo que o cavalo dava aumentava ainda mais o nosso terror. Embora no aspecto normal ele não goste de ser temido (fica puto de raiva com isso), naquele aspecto precisava disso para completar o que ainda faltava de energia. Agora, ele é O Monstro. E a energia que as pessoas lhe deram não vai mais se dissipar. Ele está pronto para iniciar o Anderson, quando a hora chegar. O poder vai ficar com os dois e nunca mais vão precisar se alimentar disso, porque isso já vai estar dentro deles para sempre. A única peça que falta para completar tudo o que ele precisa é o Anderson. A senhora pode imaginar o quanto a recusa dele está atrapalhando a função e os planos do Renan. Os dois estão desesperados, cada um pelo seu motivo. Mas que no final de contas é o mesmo motivo."

Sexta-feira, 15 de maio de 2009

O dia do perdão

Pensei que Renan me faria uma visita ontem à noite, mas estava errada. Andrés me contou como foi a noite na fazenda Taurinos. Recusou polidamente o café da manhã que ofereci, dizendo que já tinha tomado café em casa.

"E Adriano? Aceitou as desculpas?"

"Sim, não demorou muito para aceitar. Renan queria se desculpar com minha mãe também, mas ela mandou dizer que estava muito aborrecida com ele e que ia acabar batendo nele. Ele quis falar com ela mesmo assim e disse a ela que se ela queria bater na cara dele, que poderia bater até tirar sangue. Que ele merecia."

"E ela bateu nele???", eu estava atônita.

"Não, ela acabou desculpando ele. Ela é difícil bater até em mim e no Adriano..."

"E seu pai?"

"Meu pai não bate nos filhos dos outros. Ele desculpou o Renan mais pra se livrar dele."

Toquei num assunto que tínhamos conversado ontem

e me interessou.

"Você ontem me disse que agora Renan estava pronto para iniciar Anderson quando a hora chegasse."

Ele inclinou a cabeça para olhar para mim, como se adivinhasse onde eu queria chegar.

"Se quer saber sobre a Iniciação, pergunte ao policial. Ou espere, porque eu acho que vai acabar acontecendo. Quando eu não sei, porque só depende do Anderson."

Perguntei a ele porque não queria me falar a respeito. O mineirinho coçou a cabeça. Disse que não queria se meter em assuntos da Polícia Obscura. Que nós iríamos descobrir de qualquer modo, porque a Iniciação não poderia ser feita sem a presença dos membros da Sociedade Antiga dos Taurinos. Ainda tentei pressionar o menino para que me dissesse, mas não houve acordo com ele.

Outra visita, no final da tarde. "Gêo" Danilo.

Interessante que eu estava mesmo fazendo café. O café nos aproxima sempre. Me recordo que tenho de ir até a cidade comprar gêneros que estão acabando. "Gêo" Danilo me disse que eu só tinha de ligar para a Mercadoria Servebem Para Servir Sempre que eles entregavam. Ri muito e perguntei que diabo de nome

era aquele; ele sorriu e disse que era o nome que vinha antigamente nas sacolas plásticas da mercearia. Que a gráfica onde eles mandaram fazer as sacolas em Varginha era bisonha e por engano imprimiu o lema da mercearia no mesmo tamanho de letra e na mesma linha do nome, sem deixar linhas de espaço. O povo de Taurinos achou engraçado e começou a brincar com o nome esquisito. Quem não gostou da brincadeira foi o Souza, dono da mercearia (a mesma que foi destruída durante a Lei dos Touros); não foi como Renan com o apelido dado pelo Anderson, mas o fato era que ele não gostou nem um pouco.

"Mas não dava para ele devolver as sacolas?"

"Ele achou que era mais trabalho e desperdício pegar no pé dos caras da gráfica do que usar as sacolas. Ele não quis jogar todo aquele material pronto fora, no que eu acho que ele fez muito bem."

Concordei, ainda rindo com o nome da mercearia. Ele disse que provavelmente os Conselheiros tinham o número do telefone de lá. Eu aproveitei dele ter mencionado o caso de Renan e Anderson e o inquirei sobre a tal Iniciação.

"Eu não me meto nesses assuntos, "sá" Etella", o sertanejo ficou sério de repente.

"É, estou vendo que isso vai ser um espeto. Nem

respeito."

"Êô" Danilo mudou bruscamente de assunto, comentando alegremente que finalmente a CEMIG iria instalar luz elétrica na casa dele. Fiquei contente por ele e deixei que ele conduzisse os assuntos dali por diante, respeitando seu silêncio sobre a minha pergunta. Não adiantaria ficar insistindo.



Sábado, 16 de maio de 2009

Fantasma de uma chance

Fui até a loja de ferragens hoje de manhã. A idéia era observar Renan no trabalho. O problema era como fazer isso sem que ele ou Anderson percebessem que eles estavam sendo observados. Mais que qualquer conclusão a que eu quisesse chegar, era mais como mera curiosidade de ver Renan trabalhando numa loja.

Notei que ele e Anderson mal conversavam, mesmo em momentos de pouco movimento. Isso me chamou a atenção. Achei que eles estavam um tanto quanto estremecidos em sua amizade, o que me deixou triste e desconfortável por dentro. O modo como Renan manobrou durante a reunião no Mithraeum poderia ter sido a causa do silêncio (embora analisando friamente não houvesse nada muito diferente que Renan pudesse fazer). Renan sorriu ao me ver e conversamos um pouco. Anderson relanceava os olhos na nossa direção enquanto posicionava algumas caixas. A precisão com que ele as posicionava me deu a impressão que o trabalho que ele fazia naquele momento era mais que desnecessário.

Um cliente chegou, fez compras e sorriu ao ver Renan trabalhando ali. Obviamente já tinha ouvido a estória por trás do trabalho. Comentou que era bom ver Renan trabalhando com Anderson e não pareceu

conseguir resistir a um outro comentário:

"Agora só falta Anderson ir trabalhar com você, Renan."

Vi o jovem ferreiro fulminar discretamente o cliente com os olhos. De costas para Anderson, Renan sorriu para o cliente, um sorrisinho matreiro, *"é, quem sabe isso não acaba acontecendo, né?"*

Chá das cinco na fazenda Taurinos, o que não acontecia com frequência. Adriano chegou mesmo a se levantar da cama hoje, a despeito dos protestos de Aparecida. O caos que ele viveu a tornou uma espécie de mãe superprotetora. Ele já não parecia ter passado por nada do que passou. Parecia totalmente normal, uma melhora absurda da noite para o dia. Pensei em como retornar ao convívio de seu lar. Ihe fez bem.

Lá fora, o Sol iniciava a sua descida rumo ao horizonte, indo se esconder atrás das belíssimas montanhas de Taurinos. Do cerrado, vinha o discreto perfume das candeias começando a se tornar meras silhuetas contra o Sol que ia cada vez mais horizontal com o passar dos minutos.

"Então a senhora foi visitar o Renan no seu dia de trabalho?", perguntou Andrés, se atracando com uma fatia grossa de bolo de fubá próxima.

"Fui; ele e Anderson não pareciam estar conversando muito", respondi, incerta sobre se deveria conversar sobre Renan na mesa.

"Inacreditável ele me pedir que eu batesse nele até tirar sangue, a senhora já viu algo assim na sua vida?", perguntou Aparecida, ainda estupefata com os eventos do dia anterior.

"Não, mas na minha morte com certeza já ouvi falar", eu disse, rindo e provocando risos da família inteira.

"Eu sempre disse que ele era doido e ninguém acreditava", ajuntou Adriano.

"De doido ele não tem nada; pode acreditar, Adriano. Você não estava na reunião, devia ter visto. Falando nisso, "sêo" Danilo falou coisas que eu nunca imaginaria que ele fosse falar. Ele é sempre tão tranquilo, mas estava revoltado na reunião. Renan bem sentiu o peso das palavras dele, isso ele sentiu. Pra ele deve ter sido uma verdadeira porrada", comentou Andrés.

Confirmei as palavras de Andrés. Disse que eu sempre o achei muito hábil com as palavras. A situação acabou fazendo com que ele mostrasse isso.

Andrés ia acrescentar mais alguma coisa, quando

meses sem tocar, isso me alarmou. Quem em Taurinos sabia o número de meu celular? Atendi e fiquei surpresa até o último fio de cabelo.

Era a Meire, do outro lado. Comentei que era ela e Andrés e Adriano ficaram em suspense, olhando para mim. Duílio e Aparecida não pareciam entender do que se tratava, embora já tivessem ouvido bem o nome dela.

"Nem acredito que finalmente você atendeu esse telefone, Stella!", disse a voz dela do outro lado.

Verdade. Esquecido dentro de minha bolsa, que nem sempre eu carregava comigo, deveria ter tocado inúmeras vezes lá dentro sem que eu me desse conta.

"Eu consegui!", ela disse alegremente, me deixando confusa. A princípio, imaginei que ela ainda estivesse falando do fato de eu ter finalmente atendido a sua ligação. Mas o que ela disse a seguir me encheu de assombro e de apreensão.

"Estou em Taurinos", ela disse com um jeito triunfante na voz, *"foi muito tempo de prática, mas eu consegui finalmente chegar até a cidade onde você mora agora, amiga!"*

"Meire, nós não combinamos que você viesse aqui sem me avisar!..."

"Eu fiz mal?"

Ao meu lado, alarmado, Andrés deixou cair no chão a caneca de café que pretendia encher novamente. Ele me segurou pela manga apavorado, *"espera, espera, a sua amiga está na cidade e a senhora não avisou o Renan?"*, os olhos dele e de Adriano eram tão grandes quanto a boca de suas próprias canecas.

Eu disse apressadamente a Andrés que não tinha porque avisar Renan de nada, porque não tínhamos combinado dela vir ainda. Eu só não contava com o fato dela querer me fazer uma surpresa, mas eu sabia que não iria fazer muita diferença se a Polícia Obscura a encontrasse nos limites da cidade.

"Mas Renan deve ainda estar na loja, não? Dá pra ligar pra ele lá e avisar...", tentou Adriano.

"Hoje é sábado, Adriano; a loja fecha meio-dia", lembrou Andrés, desanimado.

"Grande Mitra...", Aparecida estava nervosa.

"Onde você está?", perguntei nervosa a ela no telefone. Meire notou o nervosismo em minha voz e

me perguntou o que estava havendo, *"não há tempo pra explicar, só me diga onde você está e nós vamos buscar você agora."*

"Pergunte a ela se há uma placa de limite de município", sugeriu Aparecida com a concordância imediata do marido, *"geralmente as pobres almas entram por ali."*

Perguntei e Meire disse que não havia nenhuma placa em volta, só muitas e muitas árvores. Andrés pegou o telefone de minha mão e perguntou a ela por referências, se havia isso, isso e mais isso ou aquilo, mas nada do que ela disse dava a ele uma localização. Ele a "viu", mas a imagem que ele tinha dela não permitia supor em que parte dos limites de Taurinos ela estava.

"Pai, vem com a gente, vamos ter que correr as saídas da cidade de carro e torcer pra achar ela antes do Renan. Porque se ele achar ela primeiro, D. Stella, não tenho idéia de como ela vai morrer, mas vai ser uma morte horrível, disso a senhora pode ter certeza", ele disse, a urgência na voz indiferente à minha consternação.

"Creio em Deus Padre", Duílio procurava as chaves do carro, nervoso ele também, *"Adriano, você fica aqui com sua mãe, nem pensar em sair, você ainda está*

muito fraco", ele completou, olhando o filho mais velho.

Eu já iniciando o seu caminho para o leito das montanhas de Taurinos. Ninguém falava nada no carro. Os dois pareciam compartilhar a mesma apreensão por mim e pela minha amiga que nunca tinham conhecido pessoalmente. Nossos olhos se voltavam para as fronteiras de Taurinos com o mundo lá fora, de onde vinham as terríveis ameaças que a Polícia Obscura combatia como um anticorpo.

Foi Duílio quem primeiro ouviu os gritos. Ele parou o carro para podermos ouvir também, mas não havia necessidade disso; podíamos ouvir claramente os gritos, mesmo com o motor funcionando.

"Capaz! Eu devia saber que não tinha como ser mais rápido que o diabo daquele moleque", Andrés abanou a cabeça e voltou os olhos para mim, desconsolado, *"sem querer desanimar a senhora, D. Stella, mas acho que não vai ter chance pra sua amiga"*, e ele me olhou com uma expressão de pena infinita.

Eu sentia vontade de chorar. Não haveria nem mesmo quem eu pudesse culpar a não ser a mim mesma se algo acontecesse à minha melhor amiga. E já estava acontecendo. Os gritos dela eram lancinantes.

Duílio disse que deveríamos descer. Não havia como chegar de carro ao ponto de onde os gritos partiam; era uma parte da divisa com mata e vegetação muito fechada. Quando eu e Andrés descemos do carro, sem aviso, ele saiu à toda pela estrada, nos deixando ali. Eu não entendia mais nada, mas estava desesperada demais para tentar entender o que quer que fosse. O que eu sabia era que uma amiga minha estava em grande perigo. E eu não via como eu poderia ajudá-la.

Eu e Andrés nos embrenhamos na mata. Os gritos se tornavam cada vez mais fortes e lancinantes. De repente, numa curva do caminho, avistamos a cena: uma rede, suspensa nos galhos de uma das árvores dali e Meire presa dentro dela, como caça que acaba de ser capturada. E ao lado dela, o Agente Renan. Em toda a sua monstruosidade visual que eu já conhecia, mas que não me apavorou menos que da última vez que eu o vi no descampado. Renan estava certo. Eu jamais me acostumaria com aquela horrenda aparição. Eu mal conseguia olhar para aquilo, a visão medonha dele e da rede em forma de saco onde Meire se sacudia convulsivamente, gritando desesperada de horror e confusão. Não havia como chegar mais perto que aquilo. As vistas doíam. Tudo em volta era envolto numa escuridão baça, que nem era a de um final de tarde, era mais como algo tenebroso e que tornava difícil até mesmo respirar. Não queria nem mesmo

imaginar como Meire se sentia tão perto dele. Mas eu tinha de fazer alguma coisa.

"Renan", eu gritei, "pelo amor de Mitra, por tudo que é mais sagrado para você, essa é minha amiga! Não veio me fazer mal! Não veio fazer mal a ninguém em Taurinos! Por favor, solte a minha amiga! Por favor, solte a minha amiga!"

Eu lutava entre desviar os olhos e olhar diretamente para Renan, mas era como olhar para o Sol. Seu aspecto agredia as vistas como um chute no meio da cara, queimava meus olhos como raios de Sol, um monstro hediondo completamente consagrado ao deus do Sol, um Sol invertido, negro, que era o próprio espírito do que se convencionou chamar de Polícia Obscura.

"Pelo Astro Rei, D. Stella, não olhe assim direto pra ele, desvia essas vistas um pouco", gritava Andrés, sem conseguir ele mesmo olhar, "a senhora é louca!!! Louca!!!"

Era difícil perceber em meio ao desespero e gritaria geral, mas Renan estava juntando lenha debaixo da rede. Os últimos raios de sol faziam a rede brilhar, uma rede toda feita de metal, um aramado. Não era difícil imaginar o que ele faria com Meire em pouco tempo. Ela seria queimada viva dentro daquele

aramado sinistro, sem mais, diante de nós dois. Renan virou-se para olhar para nós. E, pela primeira vez naquele aspecto medonho, ele falou conosco. Como ele mesmo me dissera uma vez, nós não estávamos preparados para ouvir sua voz. A voz não era a de Renan, não a do Renan como o conhecíamos, mas era uma voz grave, abafada, envolta no barulho infernal como o de centenas de tambores de gasolina rolando por uma escadaria. A voz dele nos envolveu como uma onda de choque, nos derrubando no chão, ressoando dentro de cada um de nossos ossos, com uma vibração que só mesmo quem morreu numa cadeira elétrica pode descrever.

"Eu costumava ouvir essa conversa dos forasteiros. Agora, a senhora ajudando eles pra mim é novidade, D. Stella", e eu vi nele algo remotamente parecido com o que se poderia chamar de riso, se é que uma criatura como aquela poderia rir um dia.

Se conversar com ele era esse inferno, que diria tentar convencê-lo de alguma coisa. Andrés tinha batido a cabeça no tronco de uma árvore próxima e ficou sentado, de olhos fechados, sem coragem para reabri-los. Os gritos de Meire se tornavam cada vez mais lancinantes, mais e mais, ela era incapaz de gritar palavras articuladas. Não havia nada mais a fazer. Nem um milagre a salvaria.

De repente, quando a pilha de lenha já ia pela altura que Renan julgava adequada, um motor de carro se fez ouvir a alguma distância, baixo, mas perceptível mesmo sob a barragem de gritos de minha infeliz amiga. Andrés finalmente abriu seus olhos, olhou para mim e eu lhe devolvi o olhar. Ouvimos claramente o motor desligar, batidas de porta e o som de passos dentro da floresta, quebrando galhos e gravetos dentro da ramaria caída no chão. Duílio voltando? Que poderia ele fazer contra aquela monstruosidade?

Quando Duílio emergiu para dentro da clareira onde estávamos, ele procurou não olhar para nada a não ser o filho e eu. Ele sabia onde estava e o que o aguardava se olhasse em qualquer outra direção. Ele não ousava. Mas ele não tinha vindo sozinho. E quem estava com ele, passou por nós sem nos olhar. Este sim, ousou olhar, sem medo, para a atrocidade visual que era o Agente. Mais que isso, ousou se aproximar dele até que ele estivesse a seu alcance. Era Anderson. O único de nós que poderia lidar com Renan naquela aparência horrorosa. Duílio, eu e Andrés o fitávamos, enquanto ele parava na frente do Agente, próximo demais de um perigo inimaginável que não o afetava em absoluto, indiferente aos gritos incansáveis vindos de dentro da rede que se sacudia em espasmos cada vez mais violentos.

"Deixa a moça ir, Renan", ele disse simplesmente, com clareza na voz, "solte a moça e nós vamos patrulhar essa cidade juntos de hoje em diante. Eu desisto de lutar contra você. Você venceu e eu perdi. Você estava certo e eu estava errado. Solte a amiga da D. Etella, por favor. Eu quero entrar pra Polícia e lutar do teu lado."

Renan pegou Anderson e o levantou até a altura dos "olhos", numa manobra que teria devastado qualquer um de nós. Só de olhar para esse movimento eu fiquei tonta como se fosse desmaiar. Nenhum de nós viu quando a figura enorme do pato colocou Anderson sobre o cavalo preto e, montando nele também, desapareceu pela floresta, tomando o rumo do descampado lá fora. Só tivemos olhos para a rede que se abriu, como se nunca tivesse existido ou estado ali, liberando Meire que caiu no chão ainda tomada de espasmos de terror por todo lado. Eu corri para abraçar minha amiga. Anderson tinha conseguido. Ele a tinha livrado da mais horrorosa das mortes. Mesmo sabendo que ele acabaria assim, eu não tinha ainda idéia do preço que o jovem ferreiro pagaria pelo seu heroísmo.



Domingo, 17 de maio de 2009

Eu negro

Meire acordou por volta das duas da tarde hoje. Nem me atrevi a acordá-la. Deixei que acordasse sozinha, que dormisse o tanto que precisava. Dois dias dormindo não seriam suficientes, pensei.

Ela ainda estava tonta da chegada a Taurinos ontem. Sorriu e me deu bom-dia e sorriu novamente quando esclareci que já era de tarde. O sorriso e o bom-dia eram ambos fracos, de quem despendeu energia exagerada numa situação limite. Ela estava atônita em se ver dentro de minha casa, a mesma casa que ela tantas vezes tinha visitado em Santos. Por um momento, para ela, era como se nada realmente tivesse acontecido a nós duas, como se nada tivesse mudado. Tive de pedir a ela algum tempo antes que eu pudesse explicar como ela podia estar de volta à mesma casa em que me visitava em Santos até o início do ano.

Eu não sabia por onde começar a conversa. Perguntei da vida dela, do marido, das coisinhas do dia-a-dia. Embora não fosse alterar em mais nada a minha situação atual, eu evitava falar sobre a minha situação em fevereiro. Sobre o que teria causado aquele coma. Mas acabei perguntando, ao invés de enterrar o assunto de uma vez.

"Você teve, segundo os médicos, o que eles chamam de isquemia. A falta de oxigênio no cérebro causou a morte de um monte de partes dele, Stella. Pela tomografia, os médicos concluíram que você nunca mais iria ter uma vida normal de novo. Talvez não voltasse a falar, talvez não reconhecesse mais ninguém, talvez fosse Alzheimer ou demência ou qualquer coisa parecida. Eu chorei muito quando soube. Os médicos só me deram essas informações a muito custo, quando eu consegui convencer a equipe de que você não tinha parentes próximos."

Engraçado, longe de me aliviar por me fazer saber finalmente que eu não teria outra alternativa, a resposta de Meire me trouxe uma tristeza que eu não consegui explicar a mim mesma. Ela notou o meu estado. Me abraçou e me disse que preferia que eu nunca tivesse perguntado isso a ela. Eu retribuí o abraço e mudei de assunto, oferecendo café.

"Não fiz almoço ainda, mas se preferir almoçar, eu posso fazer alguma coisa."

"Café é uma ótima idéia, ainda mais aqui em Minas.. Nós estamos em Minas Gerais, não?", ela riu, procurando relaxar de algo que parecia deixá-la preocupada.

Ri também e disse que sim. Enquanto eu fervia a

água, notei que a situação se inverteu. Agora era ela quem parecia hesitante em me perguntar algo. Não deixei transparecer o que eu notei. Ela hesitou, hesitou, mas acabou, como eu, entrando no assunto.

"Ontem, você estava nervosa no telefone, antes de tudo aquilo acontecer. Aquele pesadelo. O que foi aquilo que me aconteceu, Stella? Que assombração era aquela no meio do mato? Como eu fiquei presa naquela rede?"

"É uma história tão longa, Meire... Tão inacreditável.. Mas como é tão inacreditável quanto você estar aqui hoje, eu sei que vai entender."

E desfieei a história que para o leitor aqui já não é mais novidade. Meire ouvia, os olhos que não cessavam de se encher de assombro a cada novo detalhe que eu adicionava à minha narrativa.

"E você então criou toda essa cidade e as pessoas que vivem nela, bichos, os rituais que você me contou?"

Ela não entendia como eu poderia ter criado tudo isso dentro da cabeça de um menino que já tinha nascido com doze anos. Eu disse que mesmo tendo vivido aqui por quase cinco meses ainda não sabia o que era sonho e o que era realidade. Eu disse que talvez não existissem mais nem mesmo fronteiras entre o

sonho e a realidade. Talvez nem mesmo a realidade existisse.

O café ficou pronto e nos sentamos para comer. Ela adorou a mesa mineira, os bolos, os pães, a manteiga da roça, o queijo Minas e o Canastra. Comeu com apetite, aparentemente esquecida da pergunta que já tinha me feito sobre sua captura. Eu explicava que a casa tinha sido feita a partir dos meus sonhos. Um dos construtores da casa era Adriano, o mesmo que a viu em corpo astral e que começou a revelar para mim tudo o que foi o Dia da Criação. Ela não acreditava ou tinha imensa dificuldade em acreditar. Mas, como eu, percebeu que não teria acreditado — se lhe dissessem — que poderia se comunicar comigo por MÊN, quanto mais estar aqui em corpo astral tomando café comigo aqui em Taurinos.

"Que coisa incrível! E tudo veio daquela nossa conversa sobre o menino mexicano!", ela sacudia a cabeça, incrédula por tanta loucura.

"Sim, pelo menos a parte do ritual; também veio muito das minhas leituras, da vida dos meus pacientes, daquele caso que você acompanhou de longe em 1994, uma colcha de retalhos da minha vida toda."

"Que loucura, Stella", ela mordía um pão de queijo,

"acho que eu nunca mais vou ser a mesma quando eu voltar para Santos..."

"É, é difícil mesmo acreditar em tanta insanidade. Mas só veio a me provar aquilo que eu já dizia, que não existem as fronteiras entre a realidade e o imaginário que gostaríamos que existissem."

"Mas tem mais uma coisa: você ainda não respondeu a minha pergunta do início", observou Meire, de repente.

Bem, respirei fundo. Sabia que a pergunta iria acontecer e que nossas posições iriam se inverter. Expliquei o que aconteceu quando cheguei à cidade. Dos ladrões de gado, e de como foram mortos por um dos moradores com a colaboração indireta de um outro. De como a matança dos ladrões de gado gerou no morador um comportamento automático de eliminar todos aqueles que não pertencessem à cidade com a exceção lógica da minha pessoa, que deveria ser protegida junto com a cidade e seus moradores. A própria gênese da Polícia Obscura.

"Ele foi aos poucos se transformando naquela aparição. Como se fosse uma maldição. Ele agora não tem mais como fugir disso. Vai ficar nisso eternamente."

"Que horror!", ela se encolheu, instintivamente.

"Ele nem sempre é medonho daquele jeito. Se você o vir no normal dele, não vai dar nada por ele. Não vai acreditar nisso que estou lhe dizendo nem de longe."

"Não é um fantasma?", ela não conseguia fechar a boca.

"Nem sempre; só quando ele está a trabalho, à noite ou perto do começo da noite, patrulhando a cidade atrás de forasteiros."

"Ele ia me matar?", ela tinha um ar de dúvida.

"Você não tem idéia do tanto de sorte que teve ontem."

Contei a ela sobre o outro morador e sua recusa em ajudá-lo a patrulhar a cidade, o apelido da Polícia Obscura, o que ocorreu em minha casa e de como ele conseguiu distrair o policial finalmente aceitando trabalhar com ele. Ela não disse uma palavra no final. Fiquei pensando em como a história tinha aterrissado no cérebro dela. Meire parecia bastante perturbada. Como se analisasse como eu poderia ser pervertida, criando tanta insanidade a partir de minha vida pregressa no mundo onde ela ainda vivia.

Θons de um cavalo na estrada de terra. A julgar pela direção, poderia ser alguém da Taurinos. Andrés. Olhei pela janela da cozinha, de onde podia ter uma visão da estrada. Era Renan, e não vinha em seu palomino. Ele vinha em seu uniforme preto, com algo no lado esquerdo do peito que o Θoi fazia brilhar ao refletir sua luz.

"Meire, presta atenção. O policial que te pegou ontem está vindo para cá."

Ela se levantou, apavorada.

"O que é que eu faço, Stella???"

Eu a tranquilizei, *"você continua tomando seu café, que nada vai lhe acontecer"*, e eu vi que ela se acalmou um pouco mais, voltando a se sentar, *"mas eu peço que você segure um pouco o espanto, ele não é nem de longe parecido com a idéia que você tem de um policial."*

"Como assim???", ela estava perplexa.

"Você vai ver."

Não esperei o pequeno policial esmurrar a porta com suas cinco clássicas batidas. Fui esperá-lo no alpendre. Entrei com ele me seguindo até a cozinha, *"desculpe*

vir assim, sei que a senhora está com visita lá de Θantos..."

Ao entrarmos na cozinha, Meire ficou olhando atrás dele, curiosa para ver quem vinha. Renan voltou-se para trás para olhar e perguntou, *"está procurando alguém?"*

"Stella, você não disse que estava vindo um policial para cá?"

Renan olhou para mim, tornou a olhar para Meire e sorriu.

"Eu sou o único da cidade... por enquanto. A seu serviço, senhora."

Foi então que Meire parou para examinar a criança. Seu olhar ficou fixo no menino, perplexa, sem acreditar. Renan começou a ficar sem-graça, me olhando como se pedisse ajuda. Perguntou se era aquela mesma coisa de quando a comecei a ver todos eles com aquela resolução infinita e eu disse que era mais ou menos isso.

"Que menino lindo!", ela estava assombrada e duvidando que aquela aquela coisinha fofinha e robusta fosse um policial.

Ele ficou mostrando orgulhoso seu distintivo que eu ainda não havia visto. Preto, com letras vermelhas. Feito pelo Anderson, era evidente o refinamento dos detalhes, a precisão do alto-relevo das letras, o símbolo do infinito entre duas luas. Polícia Obscura, Noite e Dia, Desde 2009.



Meire começou a ficar perturbada ao ver o símbolo. Disse que o viu na testa da aparição dentro da floresta. Renan sorriu para ela.

"Quero me desculpar com a senhora pela confusão de ontem. Anderson me contou que a senhora é amiga da D. Stella de verdade. Gente de fora só pode entrar em Taurinos para fazer entregas. Fora isso, é confusão na certa comigo, sabe?"

Meire começou a rir. Eu vi Renan começando a esticar o pescoço e franzir a testa, olhando alternadamente para ela e para mim. Pressentindo problemas sérios, cutuquei Meire e lhe disse baixinho que aquilo não era brincadeira. Ela viu minha expressão desesperada e parou de rir. O súbito respeito de Meire por ele

desarmou o policial. Meire se desculpou com o menino, que sorriu novamente para ela.

"Não tem problema, 'sá" Meire. Eu sei que eu não pareço muito com um policial mesmo. Mas não parecer não é não ser, sabe."

Meire ficou olhando aquele uniforme imaculadamente negro, as botas reluzentes e as esporas afiadas. Renan ficou brincando com o relho, passando-o de uma mão para outra, aparentemente divertido com a reação e o espanto dela, recusou o café que ofereci e qualquer outra coisa.

"Hoje eu e Anderson só vamos comer à noite."

"Você está sem comer desde hoje de manhã?"

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente. Me disse que esse era seu objetivo em vir à minha casa. Convocar para o ritual de iniciação de Anderson nos quadros da Polícia Obscura, que iria acontecer no final da tarde.

"Mas já? Pensei que iria levar mais algum tempo."

"Já levou tempo demais, se quer saber", o menino soava impaciente agora.

"Eu posso assistir?", intrometeu-se a Meire. Eu olhei

para ela apreensiva, não esperava aquele pedido. Me lembrei de mim mesma querendo ir à reunião dos fazendeiros quando cheguei à cidade. O menino olhou para mim, sem acreditar no que estava ouvindo.

"De maneira nenhuma, senhora", respondeu Renan, secamente, "a iniciação é fechada, só para membros da Sociedade Antiga dos Taurinos."

Ele sorriu novamente, como que para suavizar um pouco a severidade da negação do pedido e disse que ia embora.

"Andrés me disse que a senhora andou perguntando a ele como é a iniciação. Hoje a senhora vai saber. Espero que aprecie a vista, é tudo feito em sua intenção e na do povo pacato desta cidade."

Depois que ele saiu, eu disse a Meire que não esperava que ela pedisse algo como o que ela pediu. Ela disse que pediu porque queria ver a reação dele. Eu ri e disse que já me comportei assim uma vez. Como o pedido dela, o meu foi negado também.

Meire foi a sensação de nossa visita à fazenda Taurinos. Adriano ficou olhando para ela hipnotizado, o que fez com que Meire me perguntasse o que estava acontecendo. Eu disse a ela que aquele era o garoto de que eu falava, que a tinha visto em corpo astral.

Eu pretendia deixar minha amiga na mais que agradável companhia de Aparecida e ao mesmo tempo ir de carona com Andrés e Adriano à iniciação. Andrés me disse que aquilo não era um convite, era uma convocação e que não poderia deixar de ser atendida.

5:15

Adriano dirigia o carro pela estradinha de terra com Andrés no banco da frente e eu atrás, olhando pela janela. Apreensiva a respeito do que o ritual poderia consistir. Andrés sabia o que era, mas não disse uma palavra. Queria que "sêo" Danilo estivesse hoje conosco. Ele poderia vir, mas não viria. Nem sequer queria se envolver ao ponto de simplesmente me dizer do que se tratava.

Adriano dirigiu por longo tempo até que chegamos ao meio do nada, numa parte muito alta das montanhas de Taurinos. Encontramos o carro de "sêo" Pinho, e não houve mais nenhum outro até que Adriano finalmente parasse o carro num ponto onde Arthur, Bruno e Guilherme estavam nos esperando. Nenhuma brincadeira dos meninos no caminho, os rostos sérios, graves, e agora o silêncio sombrio dos outros também, que só fazia me deixar cada vez mais nervosa.

"Onde estão o Renan e o Anderson?", inquiriu Adriano.

"Lá em cima", disse Arthur, apontando para o cume da colina mais próxima, *"daqui a gente só pode seguir a pé."*

"É melhor a gente ir subindo, sabe como é o meu irmão com essas coisas dele...", sugeriu Guilherme.

O Goi descia mais e mais à medida que subíamos. Ainda estava um pouco distante do horizonte, talvez porque estivéssemos alto demais. Eu sentia vontade de fazer algum comentário, quebrar o encanto daquele silêncio ensurdecedor, mas ninguém falou a não ser Andrés e somente para me dizer que eu não poderia fechar os olhos, olhar em outra direção nem falar durante toda a iniciação.

"Veja, nem os pássaros estão cantando. Este é o silêncio", ele disse, antes que se calasse definitivamente.

5:25

Caminhamos por mais algum tempo, até que vimos dois cavalos pretos amarrados a árvores próximas um ao lado do outro. Estávamos perto agora. Com um pouco mais de caminhada, nós seis chegamos a uma parte plana, exatamente no topo da colina. Duas figuras vestidas em negro nos aguardavam lá. Cem

ou duzentos metros mais nos separavam deles. O Goi incidia nas vistas, tornava difícil ver com mais detalhes.

5:29

Quando chegamos, vimos um círculo enorme traçado no chão com um pó branco. Era sal grosso. Em torno deste círculo, um outro ainda maior, feito do mesmo sal grosso, formando dois círculos concêntricos. No círculo interior, os dois em pé, com três homens deitados no chão em torno deles, suas bocas tapadas com um largo pedaço de silver tape. Uma motosserra, um machado e outros objetos de aspecto igualmente agressivo. Um dos homens estava exatamente no centro do círculo, preso a ferragens de um objeto metálico pouco menor que ele, que mantinha suas pernas abertas e uma ponta afiada que vinha da parte de fora do objeto, conectada a uma manivela. A ponta afiada, próxima ao corpo do homem, apontava para seu traseiro. Por mais incrível que pudesse parecer, esse era o mais calmo dos três. Os outros dois se retorciam nervosamente sem sair do lugar. Eu não entendia porque eles não conseguiam fugir dali, já que não havia cordas para prendê-los ao chão. E já não sabia se era necessário ser um especialista para imaginar porque Andrés e "sêo" Danilo se recusaram a me dar detalhes sobre a iniciação de Anderson. Invejava "sêo" Danilo por estar tranquilo e calmo em sua casa. Tudo o que eu mais queria naquela hora era

poder estar conversando com ele e bebendo seu café de final de tarde, como costumava fazer.

Renan olhou o relógio e olhou para nós. Anderson olhou fixo para mim e o olhar dele foi um desses olhares que não se esquece, por mais que eu tentasse. Um olhar de muda reprovação sobre mim, pesado, sombrio, rancoroso, quase como uma raiva infinita pela situação para a qual eu o empurrei. Renan mandou que nós seis nos posicionássemos dentro do círculo exterior, espaçados de forma que não tivéssemos chance de nos comunicar um com o outro. Disse que em hipótese alguma deveríamos falar, fechar os olhos ou voltar os olhos para qualquer coisa que não fosse o que estava em curso dentro do círculo interior.

"Existem forças fora dos círculos que vão começar a agir a partir do momento em que o ritual começar; fora do círculo, vocês não tem proteção contra essas forças. Quando o ritual terminar, vou limpar o sal abrindo uma passagem por onde vocês podem sair do círculo. Nunca tentem saltar a linha de sal em nenhum ponto, vocês só saem do círculo pela passagem que eu abrir. O mesmo vale para nós dois no círculo interior", ele explicou, soturno, virando-se em torno para olhar para todos nós, *"se algum de vocês tiver algo a dizer ou perguntar, a hora é essa. Quando o ritual se iniciar, só fala quem estiver*

dentro do círculo interior. Alguma pergunta?"

Nenhuma. Só aquele silêncio gelado, mortal de tantas outras vezes. Volvi os olhos para Anderson e ele ainda me fitava. De um modo ameaçador, amedrontador. Como se eu tivesse perdido o amigo que tanto tinha me custado fazer.

"Que o ritual comece", Renan disse simplesmente.

Ele se agachou ao lado de um dos homens que se retorcia todo no chão. Arrancou a fita adesiva da boca dele com violência. O homem começou a chorar, em desalento. Meu coração se apertava, um nó na garganta que não queria desatar.

"Tem dó de mim", o homem suplicava, *"tenho mulher e dois filhos..."*

"Eu sei como é duro", replicou Renan, *"eu sou criança, tenho um pai também",* ele acrescentou, chutando a boca do homem com violência insana, *"que isso te sirva de lição por ficar acompanhando filhos da puta por aí com essas idéias idiotas de invadir as terras dos outros."*

Renan olhou para Anderson; sem dizer mais uma palavra, baixou e subiu a cabeça levemente, sinalizando que ele começasse. Anderson pegou o

machado e se aproximou do homem, que começou a gritar, *"não, não, não!"* ou qualquer merda parecida. Tentei desviar os olhos e olhar para Andrés, do outro lado do círculo exterior. Não conseguia, quando fazia isso, meus olhos queimavam de um jeito tão intenso e doloroso que tinha de voltá-los para o círculo interior na mesma hora.

"Começa pelos pés", comandou Renan, olhando fixo para o novo parceiro de atrocidades.

Anderson não discutiu. Ergueu o machado e o primeiro pé voou, separado do corpo, com um esguicho de sangue, com um grito lancinante do pobre forasteiro. Depois, o outro. Renan o ia orientando para que cortasse pedaços pequenos, para prolongar ao máximo o sofrimento. Uma gritaria intensa, os golpes precisos, cirúrgicos do machado afiado de Anderson, aos poucos fatiando o que um dia tinha sido um homem. Aos poucos, os gritos e o estrebuchamento frenético do corpo se acalmaram. O homem estava finalmente em paz. E em pedaços.

Um último corte. Anderson separou o topo do crânio do homem com um só golpe. Aparou na cuia formada um pouco do sangue que jorrava, sempre orientado passo a passo por Renan que observava a tudo de braços cruzados.

"Bebe tudo", e ele ficou olhando enquanto Anderson bebia a custo o sangue da cuia macabra que tinha acabado de fabricar. O menino mais velho respirava ofegante, o sangue e alguns coágulos escorrendo pelas bordas da boca. Ele bem que tentou limpar o que escorria, mas foi impedido por Renan.

"Esse é o gosto do sangue, Anderson. Agora você já conhece."

Eu sentia vontade de vomitar, angustiada. Ficava imaginando como Anderson se sentia. Ele parou, ainda arquejando como um cão danado; largou a cuia no chão e seus olhos se voltaram para mim uma vez mais. O olhar cada vez mais gelado, ameaçador. Como se cada movimento feito dentro do círculo interior despertasse nele mais e mais raiva de mim. Estou me sentindo um lixo. E o ritual tinha apenas começado.

Anderson voltou a olhar para Renan. Este se aproximou do segundo homem, do outro lado do círculo interno. Se agachou ao seu lado, arrancou a fita da boca dele. O homem estremecia, mas não dizia palavra. Renan perguntou a ele se tinha alguma coisa a dizer. O homem não dizia uma palavra, transtornado pelo pavor.

"Não tem mesmo nada a declarar?", o policial tirou um par de luvas do bolso do uniforme e as calçou, *"nem as*

famosas últimas palavras?", Renan abriu o zíper do homem e puxou para fora o pênis dele. Comecei a sentir que iria desmaiar. Não podia sequer me permitir fechar os olhos. Da cintura, Renan tirou uma faca de caça. Apoiou a faca na base do escroto do homem e disse, *"já que não quer falar, não vai se importar se eu tampar de novo a sua boca, não?"*

Num só golpe, ele cortou fora o pênis do homem, arrancando-lhe uma série de gritos escorchantes e num movimento tão rápido que nem pude acompanhar, pôs fim à gritaria insana dele enfiando-lhe o pênis inteiro na boca, testículos e tudo. A mão feroz do menino foi descendo pela garganta do homem, enterrando mais e mais o pênis do homem em sua garganta até que ele começou a sufocar. Calmamente, Renan se ergueu e ficou ali placidamente assistindo o homem sufocar até a morte com o próprio pênis. Comecei a vomitar e pelo som próximo, vi que não era a única. Anderson olhou para mim e sorriu; o único sorriso que eu via nele em muito tempo, um sorriso de vingança satisfeita pelo meu desespero. A um sinal de cabeça de Renan, ele deu arranque na motosserra.

"Vamos ver como você se sai a 10.000 rotações por minuto", disse o ferreiro, jovem Hildebrando Pascoal mineiro, se aproximando do condenado com a tenebrosa Husqvarna.

Anderson cortou, no sentido do comprimento, bem devagar, o homem que ainda agonizava, como uma faca quente desliza cortando manteiga, seguramente guiado pelo fio de óleo que a máquina assassina desenhava em linha reta sobre o corpo. O sangue espirrava nos dois com grande cópia e Renan sorria, em puro deleite ao receber os pingos e respingos. Anderson trabalhava sério, eficiente e cruel como seu próprio mentor. Ao chegar ao crânio, parou e cortou o topo dele, como havia feito com o outro. Desligou a motosserra, recolheu mais sangue do que ainda restava e bebeu. Não pareceu ter a mesma dificuldade desta vez. Como já se estivesse acostumado ao mister. Sua eficiência em cumprir os mandos do policial era impressionante.

"Eis aqui a jóia da coroa", Renan agachou-se e segurou o último homem — aquele preso ao estranho objeto-máquina — pelos cabelos, puxando sua cabeça para cima com vontade para que pudéssemos ver, *"o grande chefe dos invasores. O que mais me deu trabalho. Acabei com o bando dele aos pouquinhos, mas ele sempre me escapava. Mas ninguém escapa de mim para sempre. Porque eu vou buscar, nem que seja nas profundas do inferno mais profundo que existir."*

Arrancou a fita da boca do homem que respirou

fundo e disse, *"até que enfim, meganha, estava me sufocando..."*

"Não se preocupe com isso. Meu parceiro vai fazer com que esse seja o mais insignificante dos seus problemas. Logo logo não vai ter que se preocupar em respirar. O teu sangue é o que ele vai beber em mais quantidade, invasor."

"É uma honra, meganha, poder doar meu corpo e meu sangue para a formação do teu novato", o homem sorriu.

"Você é ligeiro para falar para quem está tão perto de virar comida de urubu", observou Anderson, sorrindo.

"Os mortos têm autoridade para falar assim, novato. Os mortos têm o direito de agir como bem entenderem. Agora, por favor deixe eu olhar bem nos olhos de quem vai beber o meu sangue", e ele fitou o rosto de Anderson por uns instantes.

Renan arregalou os olhos, parecendo pressentir problemas e chutou o rosto do homem preso à máquina com energia, *"não, Anderson, não olha nos olhos dele!"*

Anderson pela primeira vez pareceu perturbado. A

ironia do comentário que tinha acabado de fazer cedeu lugar a um olhar preocupado. Ele desviou os olhos do condenado, mas algo ali permaneceu dando voltas dentro dele. Os olhos dele se voltaram para mim. O mesmo olhar de raiva funda, de desalento diante da montanha de violência animalesca que ele mesmo ajudava a erguer. O sentimento confuso de prazer e dor em provocar tanta dor. Ninguém pode viver tão dividido. Mas Renan podia. E Anderson teria de aprender também a dura lição. Senti o conforto duro de seu olhar me devorando fundo na alma, queimando por dentro como meus olhos cada vez que eu tentava desviar o olhar de tanta atrocidade.

"E essa é a Criadora! Vejam quanta honra para um pobre forasteiro... Meu sangue alimentando o novato na Polícia Obscura e de quebra, tudo assistido pela Grande Criadora de Taurinos... D. Stella! Aquele que vai morrer te saúda!"

Se imaginem em minha situação. Não, pelo amor de Mitra, não se imaginem. Não desejaria isso nem ao próprio Ariman em seu mister doloroso de desencaminhar as pobre almas humanas para a escuridão eterna. Anderson novamente sorriu, uma vez mais vingado pelas palavras duras do condenado. Vingado uma vez mais, sem pronunciar uma única palavra. Estava me sentindo menos que lixo naquele momento. Não tinha palavras para descrever o

inexplicável horror de saber que esta vida era verdadeira. O horror de saber que sozinha criei todo aquele horror. Lembrei das palavras de Renan, *"espero que aprecie a vista, é tudo feito em sua intenção e na do povo pacato desta cidade."* Quando olhei para Renan, também ele estava olhando para mim. O olhar gêmeo ao olhar de Anderson, o sorriso mau da vingança satisfeita pelas noites não dormidas, se entregando de corpo e alma a toda aquela abominação noturna e diurna.

"E as famosas últimas palavras? É nisso que ficamos? Fica assim?"

"Pode me matar, meganha. Faça descer sobre mim a ira dos Imortais como vocês. Òão cruéis os Imortais com os pobres seres como nós..."

"Ei, isso não é Guilherme Arantes, 'Nave Errante'???", perguntou o xará taurinense do compositor paulistano, caindo no chão em seguida, depois de soltar um grito. Renan olhou para ele, sorriu deliciado e gritou, "cala a boca, Guilherme!"

"...mas, como ratos, vamos atormentar vocês por toda a Eternidade. Me mate e vai matar somente uma célula da doença. Ela vai sobreviver, por todos os séculos e os séculos dos séculos, punindo vocês como vocês Imortais nos punem. Invadindo, tirando o sono

tranquilo dos Imortais como vocês dois. Da Polícia Obscura que é o sintoma dessa doença que irá perseguir vocês por toda a Eternidade!"

Renan parecia ter ouvido o bastante. Meneou a cabeça em sinal. Anderson agachou-se diante do condenado para começar. Renan mandou que ele se ajoelhasse.

"De joelhos. Agradeça a ele antes de começar. Agradeça a ele pelo sangue dele e dos companheiros dele que acabaram de tombar. Agradeça pelo sangue que alimenta esta Iniciação e que vai te alimentar pelas noites onde só fantasmas nos acompanham nessa jornada infernal. O momento é esse. O momento é agora."

Anderson não discutiu. Ajoelhou-se diante do homem e agradeceu a ele. No momento em que fez isso, seus olhos novamente encontraram os do condenado. Renan foi mais rápido desta vez e com as esporas afiadas, rasgou os dois olhos do homem com um movimento que lhe provocou náuseas e tontura. O homem gritou de dor, de raiva, de desespero, tudo unido num único grito lancinante. Novamente, Renan meneou a cabeça sinalizando o início do fim. Anderson começou a girar a manivela na extremidade do objeto. O agulhão começou a girar bem devagar em torno de um parafuso que parecia infinito. A ponta

começou a entrar pelo homem, lenta, repleta de promessas perversas, com uma lentidão que dava nojo, por mais rápido que Anderson girasse a manivela. O habilidoso ferreiro a tinha construído para que se movesse em torno do parafuso o mais lentamente possível, prolongando o sofrimento do condenado a níveis jamais sonhados pela mente mais perversa que já se conheceu. Mais que isso: à medida que ele girava a manivela, a parte posterior do agulhão ia se abrindo como as varetas de um guarda-chuva, formando um cone cuja base se alargava mais e mais.

"Vamos ver o quanto esse tu aguenta. A gente vai te consumir de dentro pra fora, seu merda!", Renan ofegava de ódio, enquanto os gritos abissais do condenado enchiam nossos ouvidos já cansados, mas com certeza não tão cansados quanto nossos olhos.

O sangue brotava do corpo do homem como uma nascente. Ele gritava, praguejava enquanto a dor inimaginável crescia dentro dele à medida que o ferreiro girava a manivela fatal de seu infernal equipamento, *"eu te amaldiçoó! Eu te amaldiçoó! Teu destino, meganha imundo, será vagar sem sombra da amizade que espera receber! Vagar pela noite, acompanhado, mas só, eternamente só, na eterna frustração de uma amizade que nunca vai se consumir!!! Juro por esse céu, em nome do Gol negro*

que vai consumir meu corpo, pela Iniciação maldita que vai incorporar teu novato a esse mundo de escuridão em que você já vive e vai viver por todos os tempos dos tempos dos tempos!!! "

"Desgraçado imundo, roga praga, roga! Berra, que o teu fim está próximo! Berra que o meu parceiro está aqui pra te fazer sentir dor!", Renan chutava a cara dele, possesso. A iniciação de Anderson parecia fora de controle. Tudo parecia fora de controle. O ferreiro girava sem dó a manivela, entre compenetrado e atônito com o que via e ouvia. Atormentado pela própria dor que causava tão eficientemente, uma dor infinita como os campos de cerrado em torno da cidade que criei. Eu não podia tirar os olhos da cena diabólica se consumando à minha frente. Só podia mesmo imaginar o que se passava na cabeça dos outros membros junto a mim no círculo exterior.

O corpo do homem foi se abrindo como flor mortal, abrindo uma caverna, um túnel de terror inacabável onde um caminhão poderia entrar. Os ruídos de ossos esmagados pelo agulhão que prosseguia em sua escavação insaciável, trincando, arrebatando, criando nos corações e mentes presentes os mais absurdos sentimentos de horror. A lentidão angustiante do processo, a impressionante praga de um Jacques DeMolay mineiro, urrada entre o que restava de suas forças. Depois, mais nem um único

som escapou de sua boca.

O jovem ferreiro finalmente parou a manivela. Tinha terminado seu mister. Uma massa corpórea disforme e sangrenta era o que restava do condenado agora, aberto como um guarda-chuva sobre o cone.

Anderson pegou o machado novamente e cortou como da outra vez, o topo do crânio num único e certeiro golpe. Desta vez, Renan o fez encher toda a cuia de osso. A um comando do mentor, o ferreiro ajoelhou diante da coisa obscena que era aquele homem aberto como um desgraçado lençol naquele cone de metal. Começou a beber o sangue. Seu corpo começou a estremecer. Mais. Mais.

"Bebe sem rejeitar. Nunca estivemos tão perto. Bebe. Isso, bebe essa porra desse sangue!", e Renan ia orientando tranquilamente, "calma, bebe sem por pra fora... Bom menino... Meu guerreiro... Esse é meu guerreiro..."

Anderson bebia, os olhos injetados de sangue, tão vermelhos quanto o líquido que bebia. Renan o segurava como um bebê, acariciava seus cabelos, incentivando-o a ir até o fim daquele ritual sinistro. Ele parecia sentir que aquele era o momento final, que a conclusão se aproximava rápido. Olhou o relógio. Anderson bebia. Seu corpo começou a se sacudir em espasmos. Não era só a vontade de

vomitare. A dificuldade dele era como a de alguém com asma, sugando o ar, convulso, pronto a desmaiar. Experimentando a morte em vida. Experimentando a mesma morte que recusou ao votar pela vida eterna em Taurinos. Seguindo para dentro da escuridão erguida sobre os cadáveres que acabara de produzir na mais refinada das chacinas. Seguindo para dentro da escuridão.

O ar começou a escurecer. Ainda não estávamos no por do sol e o ar começava a escurecer em torno. Gritos espantosos ecoavam por cima do plano onde estávamos, presenças se sentiam em torno do círculo. Gritos vindos do inferno da própria insanidade humana. Neste ambiente lúgubre, onde o mundo parecia querer desabar sobre nossas cabeças, ousei erguer os olhos para o Sol. O Sol se tornou negro como breu. Não havia raios nocivos para o olho. Não houve a intrusão de um astro, um formato de meia-lua. Não era, enfim, o eclipse que vimos quando aconteceu o Ordálio. Não era um eclipse. O Sol simplesmente se tornou negro.

Quando voltei os olhos para ele novamente, Anderson tinha acabado de beber. O ritual tinha chegado ao fim. Iluminado pelo Sol negro, o noviço cambaleou e tombou como uma árvore tomba. Como uma árvore seca. Quando se ergueu de novo, vacilante, seu aspecto era o mesmo do pato negro que tantas vezes

vi em Renan. A mesma aparição medonha. Renan finalmente o tinha prendido à Polícia Obscura para sempre. E num momento, ele era Anderson de novo. Não o mesmo Anderson, que aquele tinha morrido durante o ritual. Um novo Anderson. Muito mais raivoso, muito mais feroz, muito mais agressivo, muito mais poderoso.

Renan limpou a barreira de sal que separava o círculo interior do exterior onde estávamos e passou para o círculo exterior com seu discípulo. Ele fechou o círculo interior novamente e passou a limpar a passagem do círculo exterior para o descampado, enquanto o Sol negro transformava toda a cidade em volta em noite fechada. Depois que todos nós tínhamos passado, ele fechou o círculo exterior novamente, como se ele jamais tivesse sido aberto. Nos mandou seguir de volta pelo mesmo caminho até onde os carros tinham nos deixado. Ele e Anderson montaram em seus cavalos e logo desapareceram pelo caminho indicado. Começamos a descer a colina em silêncio mortal. Com a exceção de Andrés, todos nós tínhamos nossas roupas completamente vomitadas. Andrés jamais explicaria como conseguiu manter suas roupas limpas.

Levou algum tempo ainda antes que víssemos os faróis dos carros lá embaixo nos esperando. Detrás de nós, o Sol negro brilhou numa luz que mil sóis não

produziriam, um brilho breve que desapareceu imediatamente antes do Astro Rei se tornar amarelo avermelhado novamente.



Segunda-feira, 18 de maio de 2009

Exaltações de um homem morto

Logicamente, o dono da mercearia Servebem Para Servir Sempre me disse que no momento não tinha um carro disponível para levar minhas compras. Ao menos as separou e empacotou para mim, com base na lista que mandei por Internet. Eu não tinha mais alguns suprimentos básicos, não poderia ficar esperando. Pedi a Duílio que fosse comigo e com a Meire. Eu estava arrebatada do dia de ontem; me recusei a comentar com ela o que tinha acontecido no alto da montanha. A figura de "Jacques DeMolay" não me saía da cabeça (na falta de um nome verdadeiro servia esse, que o homem havia de ter um nome, mas agora que nome tinha?). Quem dera eu pudesse apagar de minha mente a memória do homem, como o próprio homem fora apagado da existência por Renan e Anderson. A figura de nenhum daqueles três homens me saía da cabeça. Mas principalmente a figura daquele homem, o último a ser morto pelo ferreiro. Como esquecer suas palavras? Sua fina ironia, as últimas palavras de sua maldição para Renan e Anderson.

"Ontem, lá pro final do dia, me senti estranha", disse a Meire, me acordando de meus delírios pessoais, "fraca, como se fosse desmaiar. Achei que era algo que tivesse ficado de anteontem, sabe? Mas Aparecida e Duílio me disseram que estavam se sentindo do

mesmo jeito. Saímos lá pra fora para tomar um ar e estava anoitecendo. Pelo menos, foi o que a gente pensou. Mas era um eclipse do Sol, você viu lá na montanha também? Depois um clarão como se fosse um raio e o Sol voltou a ficar vermelho de novo..."

"Vi sim, eu vi tudo isso", eu me apressei em responder, "foi estranho, não?"

Duílio confirmou as palavras dela sobre como se sentiram. Ele sabia o que tinha provocado o "eclipse", mas não tocou no assunto, se limitando a olhar para mim de forma significativa.

"Engraçado, eles não prevêem esse tipo de evento astronômico na televisão? Geralmente aparecem no Jornal Nacional essas coisas, um dia antes e tudo..."

"Pois é, nossos jornalistas cada vez mais desinformados", eu dei uma risada fraca, como que para que o assunto perdesse força.

Guardamos as compras no porta-malas do carro de Duílio. Ele se animou a mostrar a Meire a cidade. Meire deliciou-se com a arquitetura colonial que já tinha feito sua delícia na própria fazenda Taurinos. As casas azulejadas, as telhas antigas feitas nas coxas (literalmente feitas nas coxas, de onde veio o termo para algo feito sem cuidado, embora as telhas desse

tipo hoje em dia valham uma fortuna pelo caráter histórico delas pela própria estética colonial brasileira do interior). Decidimos parar no Zé das Profundezas para comer uns pastéis antes de retornar.

A caminho da praça principal, Duílio viu um carro que nunca tinha visto antes. Ele nada disse, mas notei seu interesse pelo carro e a placa de Ribeirão Preto. E eu pensei na destreza que tinham os moradores de Taurinos para reconhecer algo que estivesse fora de seu aquário com tanta rapidez.

Pegamos uma mesa do lado de fora no bar do Zé. Enquanto aguardávamos os pastéis, conversávamos sobre astronomia, um de meus assuntos prediletos, motivados pelo assunto do "eclipse" de ontem. Meire, como eu, não entendia grandes coisas do assunto, mas parecia gostar muito do que ouvia. Duílio não tinha a astronomia como seu assunto predileto (parecia preferi-la com um "g" na frente), mas se interessava ele também pelos números e curiosidades do nosso Sistema solar e além.

Sons de cavalos na praça central, um grupo de tropeiros antigos passando. O bucolismo das coisas da cidade. Nada que me distraia por muito tempo, no entanto. Estou com o pensamento no topo daquela montanha e em tudo o que vi por lá. "Jacques DeMolay", o olhar feroz de Anderson cada vez que me

encarava. Definitivamente fiz um pequeno inimigo. Um inimigo minúsculo, mas um inimigo poderoso.

Falou no diabo. Mais sons de cavalos, mas desta vez não eram mais os tropeiros. Era a mais que tenebrosa Polícia Obscura. Agora, em dose dupla, os meninos de preto. Dupla encenação, a julgar pela Iniciação de Anderson. Os dois apearam em frente ao bar, amarraram os cavalos em frente ao cocheiro, entraram. Renan cumprimentou a nós três educadamente e entrou. Anderson veio em seguida, cumprimentou Duílio educadamente, perguntou de Aparecida e dos meninos e desapareceu dentro do bar. Duílio fez menção de levantar e lembrar a ele que eu e Meire estávamos presentes, e eu o segurei pelo braço, pedindo que ele não o fizesse. Agora eu sabia como era ser a mulher invisível. Eu sempre quis ser invisível e agora que tinha conseguido, não sabia porque não me sentia tão feliz quanto imaginava que seria quando conseguisse.

"Mas o menino tem que respeitar os mais velhos", o homenzarrão protestou.

"Que está acontecendo? Que menino malcriado, ignorando as pessoas... Eu posso entender que ele me ignore já que não me conhece, mas ele já não conhece você há um tempo, Stella?", protestou Meire, fazendo coro com o dono da fazenda Taurinos.

"Sim, ele é um menino bem malcriado, mas se não fosse por ele e o nosso amigo Duílio aqui, que teve a brilhante idéia de ir buscar o menino malcriado, você agora não seria mais que um pedaço de carvão na lareira do tempo", eu disse, defendendo Anderson.

Lembrei a Meire que o menino se submetera a uma iniciação duríssima como promessa que fez para salvar a vida dela. Não fosse a distração que ele ofereceu a Renan prometendo se apresentar para ser iniciado na Polícia Obscura e depois a conversa que teve com ele para convencê-lo de que ela era minha amiga, não uma entrante qualquer, o policial a teria queimado viva. Ela olhou assombrada para Duílio e ele confirmou palavra por palavra o que eu disse.

"Então foi esse menino? Meu Deus... Que tipo de infância essas duas coitadas dessas crianças vão ter?"

"Uma do tipo permanente", disse o homenzarrão, sorrindo um sorriso estranhamente divertido e amargo a um só tempo.

Os dois policiais saíram do bar com um balde, deram água aos cavalos. Anderson jogou o resto da água na cara de seu cavalo e na do de Renan, retornou ao bar para devolver o balde. Sentaram-se numa mesa

próxima a nossa. Renan lançava alguns olhares para nós; parecia estranhamente constrangido, como se quisesse ter sentado conosco, mas por algum motivo não ter podido. O motivo tinha a letra "A" como inicial, disso eu tinha certeza. Zé das Profundezas apareceu com duas garrafas de Coca-Cola e duas coxinhas para os meninos da Lei. Pensei em como é folclórico no sudeste brasileiro um policial entrar num bar e pedir coxinhas. Derivou até o apelido de "coxinhas" aos próprios agentes da Lei em alguns lugares de São Paulo, por exemplo.

"Zé, suspende aqueles pastéis e traz outros iguais?", Duílio parecia faminto e irritado pelos policiais terem sido servidos primeiro mesmo tendo chegado depois. Renan e Anderson relancearam os olhos para ele.

"Ô 'sêo' Duílio, a muié tá ven'ô", o homem se apressou em se desculpar.

Os policiais mal tinham acabado seu lanche quando um carro virou na esquina. Duílio prestou atenção ao carro. Renan e Anderson mais ainda. Era o mesmo carro com placa de Ribeirão Preto que passou por nós numa das ruas do centro. No carro estavam um motorista bem jovem e sua namorada ou pelo menos era o que ela parecia ser. Renan, calma e mineiramente palitando os dentes, meneou a cabeça para o novo parceiro de patrulhas. Anderson se

levantou e foi de encontro ao carro, obstruindo a passagem deles, montado no cavalo enorme.

"Bom dia, amigos", ele disse educadamente, *"onde é a entrega? Talvez eu possa guiar vocês até lá."*

"Talvez você possa sair do caminho", disse o jovem motorista, rindo, *"ou a única entrega vai ser a do seu corpo para uma funerária",* e o motorista tirou uma automática da cintura. Antes que ele pudesse mirar, Anderson relhou a mão dele tão rápido que não houve olhos ali que pudessem acompanhar o movimento. O relho arrancou a pistola da mão do rapaz, trazendo-a de volta para Anderson que, num segundo movimento, enrolou o relho no pescoço dele, desmontou do cavalo e com rapidez fisicamente impossível enrolou o relho no eixo dianteiro do carro. Como ele fez isso é difícil saber, mas colocou o carro em movimento; o relho esticou como uma corda de viola, enforcando parcialmente o rapaz.

"Então? Que tal dar meia-volta e sair da cidade?"

"Vai tomar no seu cu, gambé!", o rapaz ainda tentou dizer, sufocado.

Anderson sacudiu a cabeça, ergueu os olhos para o céu e fez o carro acelerar. O relho se enrolou todo no eixo do carro e simplesmente decepou a cabeça do

rapaz, que provavelmente caiu entre aos pedais, em meio aos gritos desesperados da namorada. Agradei a Mitra que Meire não conseguiu ver o que se passava da posição em que ocupava na mesa, embora ficasse alarmada pelos gritos espantosos da moça. Eu e Duílio (e logicamente Renan) vimos tudo. Ele, que deveria estar mais acostumado que eu, dividia comigo o mesmo nível de espanto. As pessoas que passavam esvaziaram a praça rapidamente, como se tivessem recebido treinamento especializado.

"A senhorita sabe dirigir?", inquiriu Anderson, dirigindo-se à sobrevivente.

"Não... Não...", ela não cabia em si de tanto horror.

"Pois eu acho bom a senhorita aprender e já. Troca de lugar com o desinfeliz desse defunto e vai, antes que eu perca a paciência, viu?"

Ela ainda fez menção de jogar o cadáver para fora do carro para se sentar, mas foi detida a meio caminho da ação pelo policial, *"trouxe lixo, vai levar o lixo de volta. Mantenha a cidade limpa e a cidadania em dia",* e ele sorriu para ela.

Eu nunca vi uma pessoa aprender a dirigir tão rápido, nem mesmo em cursos oferecidos por viganistas. Se Anderson tivesse mandado, até carteira de motorista

ela tiraria ali mesmo sem sair da praça. O carro deu meia-volta na praça e desapareceu em direção aos limites da cidade em menos de cinco minutos. Anderson voltou à mesa e tinha Meire olhando fixamente para ele, tentando entender o que tinha acontecido. Duílio e eu trocamos olhares tão espantados quanto antes. Renan continuava palitando os dentes tão calmamente como antes.



"Vamos nessa?," sugeriu o policial mais velho.

"Tá na hora", respondeu Renan, levantando da mesa. Os dois montaram seus cavalos e se foram, depois que Renan se despediu de nós três e Anderson se despediu de Duílio, aparentemente sem pagar a conta. Podiam eles ter conta ali, podiam não. Não era eu que iria investigar.

Zé saiu do bar com o mesmo balde que tinha emprestado aos meninos para lavar a rua manchada de sangue da porta de seu bar. Ao retornar, parou na nossa mesa para avisar que não tinha pastéis. Duílio perguntou ao Zé de quantas horas ele precisava para dar falta de um item no próprio bar dele. Pediu coxinhas, só para descobrir que os policiais tinham comido as duas últimas. E fomos embora com a mesma fome com que tínhamos entrado, depois de testemunhar a mais que magnífica entrada de Anderson na Polícia Obscura.

Quarta-feira, 19 de maio de 2009

Qualquer lugar longe daquele inferno

Andrés e Adriano apareceram cedinho de manhã. Vieram perguntar coisas sobre o dia de ontem. Meire estava dormindo ainda quando eles chegaram. Eu não estava muito na finalidade de conversar. Sabia que eles iriam ficar falando principalmente sobre a iniciação de Anderson no alto da montanha. Aquilo me deprimia, mas fora as crises de vômito ditadas pela nojeira explícita e pela crueza extrema das cenas, o psicológico dos meninos não parecia ter sido afetado. Andrés, esse nem as crises de vômito teve. Perguntei se eles já tinham tomado café. Eles disseram que não. Que os pais estavam dormindo ainda. Que eles pareciam ter ficado esquisitos desde o dia da iniciação de Anderson. Eu disse que provavelmente o Sol negro tinha afetado a cidade inteira.

"Vocês poderiam inverter as coisas e fazer café para os pais de vocês uma vez por ano que fosse. Aliás, se seus pais não acordam, vocês ficam morrendo de fome numa boa, não?"

"Ninguém morre em Taurinos, D. Stella, graças a senhora", lembrou Andrés.

"Pior ainda, nem a morte para interromper o sofrimento."

Andrés se calava. Eu disse a eles que me ajudassem a fazer o café. Eles eram extremamente desajeitados, mas de algum modo conseguimos arrumar uma mesa decente. Contei a eles de um eclipse solar que vi em 1994. Adriano me disse que foi o ano de seu nascimento. Naquele dia me senti péssima. Estranha ao extremo. Imagine-se então um fenômeno como aquele do Sol negro, derivado de uma mágica diabólica como aquela que trouxe o ferreiro para dentro das sombras. As coisas que ele foi e será automaticamente obrigado a fazer.

"O que achou do ritual de iniciação?", perguntou Andrés.

"Sem comentários."

De repente, me lembrei da roupa dele no fim do ritual, limpa, imaculada como tinha subido a montanha. Eu olhei para ele e pedi que ele me descrevesse o ritual. Ele ficou desconfiado da requisição. Adriano se animou a responder e eu pedi a ele que ficasse quieto. Eu disse a ele que queria saber de Andrés.

"Por que a senhora está me perguntando isso? E por que o Adriano não pode responder?"

"Por que você não responde?"

"Tudo bem, vou dizer", o menino deu de ombros. O relato dele foi qualquer coisa menos o que eu e Adriano vimos no topo daquela montanha. Adriano franziu a testa.

"Onde você estava durante a Iniciação do Anderson, Andrés?", eu tive de perguntar.

"Ora essa, eu estava... Que diabo de pergunta é essa? Não me viu lá, não me viu dentro do carro, no banco da frente do lado do Adriano?"

"Seus olhos e os seus ouvidos estavam em outro lugar. Você estava ali parado como uma coluna no círculo exterior, mas não viu nada do que aconteceu dentro do círculo interior. Seus olhos não queimavam porque você não os desviava de dentro do círculo, mas você "via" e "ouvia" outra parte de Taurinos, qualquer lugar longe daquele inferno, não é? Isso explica porque você tinha as roupas limpinhas quando saiu de lá. Você estava fresquinho como uma flor ao sair de lá. Todos nós cinco, incluindo o seu irmão, só faltamos cagar nas calças com toda aquela desgraceira. Você parecia que tinha saído do cinema depois de assistir uma comédia romântica. Isso me deixou bem encafifada na hora."

Andrés olhou para o irmão, envergonhado. Adriano sorriu e o sorriso se transformou numa risada que

"Que malandro! Andrés é um pilantrinha, esse meu irmão caçula!"

"A nossa presença bastava, porra! Mesmo de olhos abertos, vocês podiam ter imaginado uma bandeira do Brasil no lugar daquela merda toda que vocês viram..." Andrés tentou se justificar.

"Engraçado, achei mesmo que uma bandeira do Brasil era a representação perfeita daquela merda toda que nós vimos durante o ritual", eu teorizei, procurando não rir.

"Agora que você fala. A gente devia te entregar pra Polícia Obscura", ralhou Adriano, no fundo sentindo vontade de rir, e brincou, folgazão, para desespero do irmão mais novo, "aliás, eu vou ligar pro Anderson agora mes..."

"Pode economizar a ligação, se quiser", disse uma voz familiar vinda da sala, "há quanto tempo sua fechadura está arrombada, D. Stella?"

Andrés mudou de cor. Anderson assomou à porta da cozinha, à paisana.

"Há quanto tempo você está aí???", a pergunta de Andrés era um verdadeiro clássico.

"O tempo suficiente. Eu não estou zangado com você, Andrés. Você não perdeu nada. Pode relaxar."

"Eu gostaria de poder relaxar também", eu interfeiri, "mas me veio de repente uma nostalgia danada do tempo em que a Polícia batia na porta antes de ir varando por dentro da casa das pessoas."

Eu ofereci café ao recém-chegado também. Andrés e Adriano se quedaram quietos. Anderson aceitou o café e se desculpou por ter entrado sem pedir licença. Disse que tinha vindo exatamente na qualidade de Polícia. Disse que viu a fechadura arrombada e veio conversar para tentar descobrir quem poderia ter arrombado a porta. Fui com ele examinar a porta. Ela encostava, mas não trancava. Havia um sinal de arrombamento nítido na porta. Nítido naquele momento em que eu finalmente prestei atenção. Há quanto tempo estaria daquele jeito? Agora me lembrava que nunca tranquei a porta de casa nem mesmo com tudo o que acontecia.

"Foi a Polícia", disse Adriano, num repente.

"Como é que é? Eu estou ouvindo direito? Você está me acusando ou o Renan de ter arrombado a porta da casa de D. Stella?", rugiu Anderson.

"Ei, espera aí, foi a Polícia lá de Santos, onde a D. Stella vivia, Anderson. Isso já está assim desde que eu e o pai construímos a casa."

"Como você sabe que foi a Polícia?", perguntou o ferreiro.

"Eu vi na hora que eles estavam arrombando. "Eá" Meire veio com eles."

"Stella, quem está aí com você?", a voz da Meire vinha lá de cima.

"Nada, são os filhos do Duílio e o policial malcriado de ontem, Meire. Sabe aquele policial que passou pela gente no bar do Zé das Profundezas e só cumprimentou o Duílio? Então, é ele", eu gritei de dentro da cozinha, deixando Anderson vermelho.

Meire apareceu na porta da cozinha.

"Eu queria te agradecer, menino malcriado", ela disse olhando para Anderson; este último olhou para mim, confuso, "por ter salvo minha vida."

Ela abraçou Anderson e beijou o menino na cabeça. Os irmãos Conselheiro riram baixinho, divertidos com a cara do amigo. Anderson tinha ficado mais vermelho ainda. Que amorzinho. Me perguntei — filho único e

tudo — quantas vezes aquela coisinha redonda tinha recebido um carinho de quem quer que fosse naquela merda de cidade.

"Que é isso, "sá" Meire, eu não ia deixar a senhora morrer", ele falou encabulado, as bochechas vermelhas de menino de interior que recebe um carinho inesperado, "mas isso não quer dizer que não deteste você e D. Etella por terem me feito entrar na Polícia Obscura quando tudo o eu queria era um pouco mais de tempo pra me preparar. É só porque eu deixaria meu até meu pai morrendo para vir ajudar D. Etella e qualquer amigo dela de verdade. É só porque eu fui criado para isso. Mas se está me fazendo um carinho, está fazendo um carinho numa pessoa que te detesta. E eu não posso odiar vocês porque vou passar minha vida inteira protegendo D. Etella. E mesmo assim odeio. Eu não sei o que fazer, sabe."

"Você não pode estar falando sério", disse a Meire, atônita, olhando para mim, como que em busca de socorro, de uma explicação para aquela coisa cuja cabeça tinha acabado de beijar.

"Pode sim, Meire. Anderson é tudo isso que ele está te dizendo."

"Eu odeio o Renan porque ele me transformou nisso

que eu sou agora. Aquilo que vocês viram na praça. Aquilo que a senhora viu na montanha, D. Etella. E igual a aquilo que "sá" Meire viu dentro da floresta. A idéia de ficar do lado dele é nojenta, porque eu odeio o Renan com todas as forças. Mas eu não posso odiar o Renan; eu tenho de dar cada gota do meu sangue (e depois ainda ir em frente sem sangue mesmo) para proteger meu parceiro, assim como ele tem que ir até o inferno mais fundo pra poder me ajudar. Quem consegue viver desse jeito? E, sendo que a gente nunca vai morrer, quem não consegue?"

Ele olhou o vazio. Ninguém se atrevia a dizer uma palavra. Ele prosseguia, *"quando eu piquei aquele primeiro cara com um machado e fatiei ele, vocês não sabem o gosto que eu sentia em ouvir ele gritar de dor. Vocês não sabem a dor que eu sentia em ouvir ele gritar de dor. A aflição de arrancar o topo do crânio dele no machado pra fazer uma cuia e beber o sangue dele..."*

"Ele picou o que??? Bebeu o que???", Meire estava começando a machucar meu braço. Eu o tirei fora do alcance dela e fiz sinal para que ela se calasse e parasse com aquilo.

"Você não queria porque queria saber o que aconteceu no alto da montanha?", perguntei, olhando severamente para ela, "pois é isso que ele está

contando. Quis escutar, agora escuta. Agora aguenta."

"No segundo cara, depois que o Renan arrancou o saco dele inteirinho e enfiou todinho na boca do cara, eu tive orgulho de como ele era decidido. De como ele fazia alguma coisa tão forte com um invasor que ia servir de lição pro desgraçado por toda a Eternidade."

Meire foi se afastando dele, aos poucos. Ele a seguiu com os olhos.

"É, "sá" Meire, melhor ficar distante. Se me encontrar dentro da noite, eu e o Renan, somos aquelas figuras com bico enorme de pato, com aquela armadura com um número oito deitado na testa, que você viu na mata. Você só vai me reconhecer no lombo do cavalo porque eu sou mais alto que o Renan. Melhor mesmo ficar longe."

E, depois num rompante:

"Quer ver como eu sou na cavalgada de noite? Quer ver o que a Polícia Obscura fez comigo?", ele se levantou, sério.

Andrés e Adriano se levantaram apressadamente, *"acho que está na hora de voltar pra fazenda... A gente não quer atrapalhar."*

"Anderson, eu te proíbo. Você está na minha casa."

Anderson voltou a se sentar, se calou por uns instantes. Depois disse que jamais apareceria na frente dela ou na minha naquelas condições se eu ou ela não quiséssemos. Mas que se ela quisesse, poderia.

"Você ficou igual a ele?", Meire perguntou, assustada.

Anderson assentiu com a cabeça e fungou.

"O Sol ficou preto e me deixou assim."

Meire olhou para mim. Me cobrou a conversa do "eclipse" e por que eu não tinha explicado isso a ela. Respondi que ela ainda não tinha metido o nariz de forma tão decisiva na história e nem acreditaria em mim de qualquer modo. E a adverti de que ela poderia se arriscar até mesmo a ficar presa aqui para sempre, como aconteceu comigo, e por fazer a mesma coisa: saber demais sobre a cidade. Ela se recusava a acreditar e eu disse que isso era mais como uma teoria minha que não devia ser levada ao pé da letra. Mas que eu já tinha tido a prova do poder de criação da imaginação humana. A prova era a própria Taurinos.

Anderson contou todo o ritual para Meire (e para Andrés que — a seu modo — não tinha também

estado presente aos eventos) e eu vi o horror crescente no semblante dela. Penso em quantos anos ela envelheceu naquela hora.

"E aquele carro na praça? O que foi que você fez pra fazer aquela moça gritar tanto?", Meire arriscou, entre apavorada e ressabiada, pobre mulher tentando saber mais sobre o solo em que pisava, mesmo sem saber se aguentaria saber mais.

Anderson ficou surpreso, relanceou os olhos para mim e perguntou se Meire não viu o que se passou. Eu disse que na posição em que ela estava na mesa ela não podia enxergar e de mais a mais ela não sabia o que esperar dele. Andrés se interessou, aparentemente não tinha "visto" aquilo acontecer; Adriano apenas ergueu as sobrancelhas.

"Eu arranquei a cabeça do namorado dela no relho. Se não fosse o trabalho que ia dar pra mandar recolher o veículo, eu tinha matado aquela vagabunda escrota e fodida também. Tão vagabunda, tão escrota e tão fodida que queria jogar o corpo do namorado fora do carro como se fosse um lixo. Não que pra mim ele não fosse um lixo, mas eu pensei que ele era importante em alguma coisa pra ela. Mas que nada, que importância é que o cara ia ter pruma vagabunda escrota e fodida como aquela? Fui muito educado com ela. O que ela merecia era uma boa cuspida, bem

grossa, no meio da fuça. Eu não ia fazer nada, mas o filho da puta ia atirar. Eu não queria matar, mas não me arrependo porque não posso me arrepender. Agora eu tenho que proteger a cidade, goste ou não goste. Eu fiz isso desde o começo emprestando as armas pro Renan, não foi? Pois agora eu tenho que fazer isso, mas eu odeio fazer isso. Eu não tenho vontade própria, quando eu vou ver eu já fiz, eu não tenho querer ou não querer. Estou fodido por toda a Eternidade."

Continuamos a falar sobre a fechadura por mais um tempo, depois que Meire conseguiu dominar seu mais pavoroso faniquito e que Anderson desabafou. Eu não esperava que ela entendesse o que acontecia em Taurinos, mas que ela dominasse um pouco mais o seu espanto, o que também era extremamente difícil (já era difícil para mim, quanto mais para ela). Meire acabou ficando curiosa com o assunto da porta, foi ver a fechadura arrombada. Ela confirmou o que Adriano disse sobre ter sido a Polícia de Santos. Disse que ela mesma os levou até lá. Adriano olhou para Anderson, que retribuiu o olhar e se desculpou com ele.

"Você me disse no telefone que estava se sentindo estranha. Não que fosse uma novidade pra mim te ver se sentindo estranha, mas dessa vez, do jeito que você falou, fiquei preocupada. E eu tinha razão. Você

falou que estava indo para um outro plano, uma coisa assim. Que pelo menos era assim que você se sentia."

Os meninos olharam para mim. Houve um momento de silêncio mortal entre todos nós. Eu neguei aquilo que ela dizia. Eu me lembrava do que tinha dito para ela e do que ela tinha dito para mim.

"Não, Meire; você começou me dizendo que não estava zangada comigo e que eu poderia ter sido menos dura com você por causa da conversa que tivemos sobre o menino mexicano. Você me disse que minha franqueza era... Meu Deus, como era mesmo? Cortante como um punhal. Cortante como um punhal, isso mesmo. Eu até brinquei dizendo que punhais são para perfurar, não para cortar e você me disse que eu tinha entendido muito bem... Prometi ligar em breve. Foi isso."

"Tudo isso aconteceu, Etella; só que em nenhum momento você me disse que ligar de novo. Na verdade, você me disse com todas as palavras que achava que ia morrer. Que você nunca tinha sentido antes o que estava sentindo naquela hora. Depois, eu tentei dizer que ia até à sua casa para te levar ao médico, mas não tive mais resposta. A linha não caiu, entendeu? Se tivesse caído ou você tivesse colocado o fone no gancho era outra coisa, mas ficou o som do ambiente da tua casa, os barulhos de uns vizinhos

tocando música alto. Foi um trabalhão conseguir que dois policiais viessem comigo. Um deles é meu conhecido e ele se arriscou muito para arrombar a sua porta. Porque se pegassem ele, ele ia ser exonerado, sabe? Ele pegou um outro amigo dele que fazia a ronda junto, olha, foi uma demora louca, mas fomos. A gente tem que entender, né, é o ganha-pão dos caras. Quando chegamos à sua casa, não foi difícil arrombar a porta, por isso você vê que não teve muito estrago na fechadura, olhe lá para ver. Você estava caída na cama e o fone caído no chão."

Olhei para os meninos. Anderson estava assombrado. Os irmãos Conselheiro estavam assombrados. Como se estivessem ouvindo a descrição de seu próprio nascimento. E estavam. Como se fossem crianças crescidas assistindo ao vídeo de sua própria ultrassonografia. E eram. Sem saber, Meire estava contando a eles sobre o Dia da Criação, de seu próprio ponto de vista. Meire notou o espanto das crianças, os rostos espantados de tudo o que já não mais devia ser novidade para eles. Achei que era o espanto duro e típico do momento da Criação, da saída do caos primitivo. Como eles, eu não deveria estar atordoada. Mas eu também estava mais profundo dos meus choques.



Quarta-feira, 20 de maio de 2009

Mintaka, Alnitak e Alnilam

Liguei para a fazenda Teixeira e perguntei ao Renan se ele iria cavalgar esta noite. O menino disse que não. O céu aberto me inspirava a sair pelos campos com meu mp3 e meus amigos para observar o céu noturno. Queria que Renan viesse, ele que quase nos matou de medo há pouco tempo com sua curiosidade sobre o que fazíamos no descampado. Queria que Meire parasse também para observar o céu. Dar um pouco de sossego de toda a loucura que ela tem vivido (mesmo perifericamente) na cidade. Mostrar que Taurinos não é só a violência descabelada de que ela tem sido testemunha involuntária desde que chegou.

"Posso ir de uniforme?"

"Ah, não, Renan; não vem com essa. Tem gente de fora na cidade que você precise exterminar assim com tanta urgência?"

"Hoje está tudo calmo", ele respondeu, a voz soando calma, suave e casual do outro lado da linha, sem se importar com minha ironia.

"Então, pra que esse negócio de de uniforme? Vem com as tuas roupas comuns, ninguém vai sair pra ronda nenhuma."

Mais tarde, Andrés perguntou se ele viria de uniforme, *"se for assim, vão vocês duas, eu nem vou sair com Polícia do meu lado"*, e eu disse a ele que tinha pedido que Renan deixasse o uniforme em casa.

Eu disse que "sêo" Danilo tinha me prevenido quanto a andar pelos descampados de Taurinos, que não eram poucos. Renan se interessou e disse que provavelmente ele estava falando da Polícia Obscura.

"É por minha causa, eu sempre ando a cavalo pelos descampados à noite. Foi assim que eu encontrei vocês naquele dia. Mas hoje vocês estão comigo. Não tem como a... Polícia Obscura... aparecer", ele tinha aceitado o nome, mas ainda hesitava em pronunciar um apelido que tinha passado tanto tempo odiando mortalmente.

Andrés vinha caminhando com Meire, pouco mais atrás. Achei melhor dividir assim, se os dois vem juntos, um do lado do outro, sempre acaba saindo discussão. Renan parecia contente em ter sido chamado para sair que não fosse o chamado do dever — que era como ele se referia à Polícia Obscura — mas perguntou o que íamos fazer no descampado.

"O mesmo que está vamos fazendo naquele dia, eu e Andrés."

"É o que vocês estavam fazendo naquele dia, a senhora e o Andrés?"

"Olhando as estrelas", eu disse, "fazendo a leitura do céu."

"É assim tão legal olhar as estrelas que você saem à noite só pra fazer isso?"

"Eu acho legal assim. Lembro que eu viajava centenas de quilômetros para vir aqui perto, em São Thomé das Letras para ver o céu."

"Meus pais já foram para São Thomé passar uns dias. Eu sei porque eles me disseram, eu não tinha nascido ainda, mas o Guilherme estava com eles quando eles foram. Meus pais disseram que é muito bonito lá, mas que as pedreiras estão destruindo a cidade."

"É verdade. Já nem me lembro mais quantos anos faz que não vou a São Thomé. Espero que não tenham destruído tudo."

"Em Cambuquira eu já fui, ano passado, é aqui perto também. A cidade é bonita também, mas achei muito parada. A gente ficou num hotel com o nome da cidade. Ali perto tem o Parque das Águas, com aquelas águas de gosto esquisito e que dá caganeira depois. Tem uma até com cheiro de ovo podre, acredita?"

o cheiro era devido aos sais de enxofre dissolvidos na água. Disse que gostava de água gasosa direto da fonte.

Sentamos todos numa canga enorme que eu tinha. Houve um silêncio grande. Eu estava envolvida pelas estrelas de um modo que não conseguia (nem queria) evitar. Fazia todos os meus problemas parecerem tão pequenos. Fazia todos os nossos problemas parecerem tão insignificantes. O que havia diante de nós era a vastidão do universo. A duzentos quilômetros acima do nível do mar, não havia nuvens baixas. Nós é que estávamos alto demais. Meire olhava também absorvida pelo visual absoluto da Via Láctea. Andrés procurava suas constelações favoritas.

"Andrés me falou que as estrelas formam uns desenhos, D. Stella", Renan me disse.

"Olha lá, Renan, ali é o Cruzeiro do Sul. Segue o meu dedo aqui, assim. Tá vendo? Aquela estrela ali sempre aponta para o sul", observou Andrés.

"Ei, é bonitinho. E tem uma estrelinha ali quase no meio da... da..."

"Constelação, Renan", ajudou o Conselheiro.

"Isso, constelação. Não é? Uma estrela minúscula ali no

meio."

"Aquele é a que chamamos de Intrometida no popular. O nome astronômico dela é Juxta Crucem, o que significa algo como 'junto da cruz'. Fica a 384 anos-luz daqui", eu esclareci.

"Como é isso em quilômetros?", perguntou a Meire, curiosa. Expliquei que ela teria de pegar o número de segundos que há num ano inteiro e multiplicar por trezentos mil. Ela ficou assombrada. Disse que não conseguia nem imaginar um número como esse. Os meninos também se espantaram com o cálculo que eu propus. Renan chegou a dizer que o número talvez não coubesse numa calculadora normal, no que concordei.

"A mais próxima é a Gacrux que fica a uns 88 anos-luz daqui. Mesmo que a gente pudesse viajar a 300.000 km por segundo (uma velocidade que nem imaginar podemos) levaria 88 anos para chegar lá."

Andrés assobiou daquele jeito admirado, *"ô burro!"*.

"Isso pra nós não é problema. Daqui a 88 anos eu vou ter dez anos, de qualquer modo", comentou Renan, divertido.

"E eu, doze anos", ajuntou Andrés, rindo baixinho.

Meire olhou para mim com aquela cara espantada, me fazendo rir baixinho como Andrés. O silêncio era o dos grilos e curiangos ao redor de nós. Andrés mostrava agora a Renan sua descoberta, que era Órion, o Caçador Celeste.

"Eu achava que era perto do Cruzeiro do Sul, mas é bem do outro lado", ele disse, *"olhe lá, Renan, o cinturão do caçador é formado pelas Três Marias."*

Renan aparentemente não via nada do que estava sendo descrito. Andrés apontou outra vez e outra até que ele comesse a entender alguma coisa. Não teve problemas em visualizar as Três Marias, mas achou que aquilo não parecia nem de longe um caçador.

"Ah, Renan, você não tem é imaginação", declarou Andrés.

"Hmmm... Tenho muito mais que você", o pequeno ficou revoltado.

"Não tem..." "Tenho..."

"Não tem" "Tenho."

"Não tem!" "Tenho!"

"Não tem!!!" "Tenho!!!"

"Não tem!!!!" "Tenho!!!!"

Mas que discussão de nível dessas crianças, *"você não vão começar com essa merda, vão?"*, e os dois sossegaram o facho. Eu disse que as Três Marias tinham nomes interessantes: *Mintaka, Alnitak e Ainilam*. Esta última, eu disse a eles, distava quase 1400 anos-luz daqui. Meire ainda ria baixinho da briguinha dos dois. Disse que gostaria de viajar pelas galáxias. Renan falou que queria ter uma nave espacial e filmar sua viagem pra colocar o vídeo no You Tube. Eu ri e disse que nem todo o You Tube ia dar.

Ficamos horas ali. Eu já tinha perdido a conta. Eu notei que os sons da noite se calaram de repente. Andrés e Renan pareceram notar o mesmo. Ó Meire ainda presa à contemplação do céu, ainda viajava pelas dimensões estelares. Não podia culpar minha amiga.

"Escutem", falou Renan.

"Escutar o que?", acordou Meire.

"Espera, faz silêncio e ouve", pediu Andrés colocando o indicador sobre os lábios.

Um som de cavalgada ao longe. Era alguém da cidade?

Renan tinha dito que não haveria cavalgada hoje. Quem poderia ser? Renan colou o ouvido no chão.

"É o Agente Anderson", ele disse confuso e, vendo que Meire ia seguir seu exemplo e colar também o ouvido no chão, segurou minha amiga pelo braço, *"ei, não faça isso, "sá" Meire, pelo amor de Mitra!!!!"*, e acrescentou, *"ele está usando aquela armadura que vocês já conhecem e pela direção ele está vindo direto pra cá."*

O diabo, quando não vem, manda o secretário. Eu já me via numa reunião do Conselho, dizendo a Anderson a mesma merda que disse a Renan naquele dia. Meire me perguntou o que era a tal armadura e eu respondi que era algo que queríamos evitar na conversa de ontem. Que eu tinha proibido Anderson de nos aparecer daquele jeito.

"O negócio horrível que parecia um pato?", ela virou o pescoço, alarmada, aparentemente agora ouvindo claramente o cavalo que se aproximava.

"Lá vamos nós de novo", reclamou Andrés, *"a gente parece que não pode ter uma noite de sossego nesse descampado."*

"Ih, que foi, eu tirei o sossego de vocês naquela noite, é?"

Andrés afetou uma risadinha forçada para mostrar que a frase de Renan não tinha graça, *"Renan, uma hora eu vou enfiar a mão na sua cara por essas suas brincadeiras e você não vai gostar..."*

Renan mudou de assunto e disse que não haveria nenhum problema. Tudo o que nós tínhamos a fazer era não olhar na direção de Anderson, muito menos diretamente para ele. Meire começou a sentir a instalação de um faniquito, *"vamos embora, eu prefiro ir para casa"*, e eu disse que não haveria tempo. Já se ouvia o estalar dos gravetos que o cavalo medonho vinha quebrando em seu caminho até aqui. Andrés foi o primeiro a vê-lo de longe. Como na outra noite com Renan, vinha por detrás de nós. Andrés deu as costas para a aparição da Polícia Obscura. O cavaleiro foi se aproximando e diminuindo a marcha. *"Continua vindo"*, disse Renan, *"esperem que eu vou falar com ele."*

*"Mas esse menino é doido? Como vai falar com uma
visagem dessas?"*

"Esse menino é uma visagem dessas", explicou Andrés a Meire, tentando manter a calma.

Apuramos o ouvido. A aparição de Anderson, agora pertinho demais para nossa segurança, conversava com ele ou devia estar conversando. Não se ouvia

nenhum som. Um minuto depois, ouvimos o cavaleiro vibrar o relho sobre o cavalo e se foi. O som do relho enviou fundos calafrios da base da espinha para cima de todos os presentes, menos Renan, totalmente imune àquele encanto fatal. Demorou cinco minutos para os sons da noite se manifestarem de novo. A própria natureza tremia debaixo dos cascos daqueles cavalos legendários.

"Tudo bem agora, podem relaxar, ele só está fazendo uns exercícios que eu passei para ele e veio me perguntar uma coisa."

"O que?", perguntamos eu e Andrés ao mesmo tempo.

"Ah, mas vocês são muito curiosos. Ele queria saber o que nós estávamos fazendo aqui. Não queria se meter, mas ficou curioso, né. Tá ven'ô? Não são só vocês que são curiosos."

Descobri que as pessoas daqui, envolvidas por esse céu maravilhoso, simplesmente não sabiam o que fazer com tudo aquilo. No céu, o Cruzeiro do Sul, Mintaka, Alnitak e Alnilam apenas resplandeciam como tinham feito por todos os tempos dos tempos dos tempos dos tempos dos tempos dos tempos dos tempos dos tempos.



Quinta-feira, 21 de maio de 2009

Mal nenhum

Acordei de um pesadelo com o ritual no alto da montanha. A figura de "Jacques DeMolay", aberto como um lençol macabro rasgado em múltiplas partes ensanguentadas pela impaladora mecânica infernal criada por Anderson; a praga que roçou sobre a Polícia Obscura enquanto ainda lhe restava um pouco daquela vida agonizante e infeliz.

Acordei por conta das batidas na porta lá embaixo. Perdi o costume de olhar pela janela. Depois do Agente Renan e seu cavalo medonho, sabe-se lá o que se pode acabar vendo através da janela. Tudo era escuro ainda; o Sol ainda não tinha se erguido por sobre as belas montanhas de Taurinos. Olhei o relógio; eram cinco horas da manhã. No quarto de hóspedes, Meire estava mergulhada em seus sonhos, se é que estava sonhando.

Acendi a luz do alpendre pelo interruptor da sala. Ao tocar na maçaneta para abrir a porta e ver o que havia no alpendre, senti uma vibração esquisita, que me pos nos nervos os mais esquisitos arrepios. Não era boa coisa o que eu iria ver ao abrir a porta. Disso eu tinha certeza. O silêncio dos grilos e sons da noite era o sinal.

"Quem está aí?", eu me lembrei subitamente que a

porta não trancava. Estava apenas encostada. Não havia resposta de lá de fora. Uma vaga sensação de pânico começou a tomar corpo dentro de mim. A vibração na maçaneta era sombria. Decidi abrir. Sabia que a decisão se traduziria logo em amargo arrependimento, mas não sabia o quão logo isso aconteceria.

A visão de espantoso horror que eu tive do Agente me lançou dois metros para trás. Muito mais resoluto, em perfeita alta definição, muito mais horripilante; o infinito horror que evitamos ontem aparecendo como uma maldita visagem na minha frente, não mais fora do alpendre, mas quase dentro de minha casa.

Isto tem de ser um sonho mau. Isto tem de ser um pesadelo. Não era, aparentemente. Abri os olhos lentamente, pronta para fechá-los novamente se a aparição persistisse. O Agente Anderson estava parado em frente à porta, em seu uniforme preto, exatamente no mesmo lugar onde a aparição tinha estado até aquele momento. Ele sorriu um sorriso leve e ligeiramente amargo, que logo se apagou, e se aproximou de mim. Comecei a me arrastar para trás, imaginando a quem pedir socorro numa hora extrema como essa.

"Posso ajudar a senhora a se levantar? Não vou lhe

fazer mal nenhum", ele disse em voz calma e suave, como se nada tivesse acabado de acontecer.

"Já fez", eu repliquei, "o que você podia fazer de mal, já fez. Eu acredito em você."

Deixei que o menino me ajudasse. Ele tinha sinais de um prazer perverso em me assustar daquele modo ainda estampados no seu rosto belíssimo de adolescente.

"Por que fez isso, Anderson? Por que fez isso comigo?"

"Eu queria que a senhora visse o que não viu ontem no descampado. Eu queria que a senhora visse o que a Polícia Obscura fez comigo. Porque eu não tinha lhe mostrado ainda. A senhora tem idéia do que é o Renan vir falar comigo e me dizer pra eu não chegar perto que eu vou apavorar todos vocês até o fundo da alma? Não, a senhora não tem idéia do que é ser como eu sou agora, D. Stella. A senhora não tem idéia. Obrigado por ajudar o Renan a me transformar num monstro. Pela Eternidade eu vou lhe agradecer, sempre, sempre, sempre. Encarou de frente a fera, D. Stella? Encarou, não foi? Essa fera sou eu. Um menino de quatorze anos. Essa coisa sou eu."

Anderson vivenciava agora o que antes tinha apenas como lenda. Eu entendia o menino. Não podia deixar de entender o horror que ele sentia de si mesmo. Me

Com certeza ele era muito mais sensível que Renan nessa matéria. O diabinho de dez anos se comprazia em ser terrível. Parecia apreciar a lenda em que se tinha se transformado dentro do imaginário popular. Anderson tinha problemas gravíssimos com isso — quem além de Renan não teria? — e nada parecia indicar, no momento, que ele um dia se acostumaria a isso. Como eu nunca me acostumaria àquela visão de aparição que os Agentes da Lei assumiam em Taurinos dentro da noite.

"Eu entendo você, Anderson. Sei que não se importa com isso, mas eu te entendo completamente."

Ele sorriu um sorriso malicioso, irônico, que pretendeu afetar ainda mais malicioso e irônico à minha visão.

"Como a senhora é boazinha! Eu concordo com a senhora: não estou nem aí."

"Você nunca esteve. Principalmente quando o Renan tinha de fazer tudo aquilo sozinho, não?"

O menino arregalou os olhos, como se fosse pular no meu pescoço. E pulou. Rolamos no tapete; eu sentia as ondas de ódio dele se propagando por toda a casa. Era difícil lidar com aquele tourinho enfurecido, agarrado a mim como um polvo, e tentar não acordar a Meire

de seu sono profundo. De certo modo consegui prender a cabeça dele entre as minhas pernas. Tentei uma técnica com ele, que se dizia funcionar bem para colocar polvos para dormir: acariciar Anderson entre os seus olhos. Ele funcionava com os polvos, tinha que funcionar com Anderson. O corpo dele parou de tremer e estrebuchar após dois minutos. Anderson agora não era mais que um jovem polvo adormecido.

Exausta da lida, eu coloquei Anderson no sofá, tirei as botas dele (quase me feri com as esporas afiadas no processo) e o cobri com uma manta grossa. Ajeitei uma almofada por baixo da cabeça dele e fui dormir.

Acordei mais tarde, bem depois da Meire. Meire não entendeu nada ao ver Anderson dormindo no sofá. Estávamos fazendo café agora e eu não queria, mas em breve iria ter que acordar o monstrinho para tomar café com a gente.

"Ele parece um anjinho dormindo. Como é lindo... Que crianças bonitas as daqui!", ela parecia que nunca se satisfazia em contemplar o garoto adormecido no sofá.

"Não é? Acho que eu estava com algum comercial de margarina na cabeça quando tive a tal isquemia."

Nem a lembrança da maldita isquemia tirou nosso

bom humor. Meire teve que rir, mesmo de dentro de sua própria confusão, *"ah, Stella, só você mesmo..."*, e acrescentou, *"quem diria que ele fez tudo aquilo que fez. Stella, eu não consigo acreditar que era ele no descampado, vindo a cavalo ontem à noite."*

Ouvimos Anderson gemendo baixinho e se espreguiçando no sofá. Esperei que ele aparecesse na cozinha. Dois ou três minutos depois, ele apareceu, já com as botas de volta nos pés, as esporas retinindo no silêncio da casa. A Meire se encolheu ressabiada e eu disse a ela que não deveria. Que ela estava em minha casa.

"A gente pode conversar como gente civilizada ou vou ter que arrebentar uma cadeira da minha cozinha na sua cabeça?"

Anderson deu mais uns passos na minha direção e eu peguei uma cadeira. Ele parou na minha frente.

"Pode arrebentar quantas cadeiras quiser. Não ia me defender nem que a senhora não tivesse esse direito."

Ele estava sem jeito. Parecia envergonhado do que tinha feito. Parou na minha frente e baixou a cabeça, esperando a cadeirada. Para variar, Meire estava confusa. Quando Anderson levantou a cabeça, eu já

estava sentada à mesa tomando o primeiro gole de café.

Ele ficou parado na nossa frente. Houve uma pausa gigantesca. Depois, ofereci café ao Anderson. Ele estava com fome. Com muita fome, depois de cavalgar a noite inteira. Meire não sabia como ou não fazia questão de quebrar o silêncio. Se o fizesse, seria para saciar sua incansável curiosidade. Deixei o menino comer à vontade. Ver se a mente começa a funcionar um pouco melhor.

"Ainda não engoli o que a senhora me disse de madrugada sobre eu não me importar com o Renan", a raiva dele vinha em ondas; baixamar, preamar.

"Então engole junto com o pão. E depois, me diz onde é que eu estou errada. Até dizer que tem ódio do Renan você diz. Você não tem ódio de ninguém; você só está confuso. Com muita raiva de si mesmo. Que é que tinha de emprestar as armas para o Renan, então? Não queria defender a cidade? Agora está defendendo. A Polícia Obscura pegou vocês dois. Ela não é você nem o Renan, vocês são só duas corporificações dela. Empréstam sua energia excedente para a Polícia Obscura. Quando estão de serviço, são dois anticorpos agindo de forma automática para livrar a cidade de forasteiros, entrantes, invasores, alienígenas ou o que quer que

vocês chamem os desinfelizes que aparecem do nada na cidade. A Polícia é mais uma força agindo nesta cidade, como o que vocês chamaram de Grande Um durante a Lei dos Touros. Vocês são só instrumentos dela. Fora isso, são apenas dois meninos mineiros saudáveis e normais da cidade de Taurinos. Aceite isso já que não pode mais mudar."

Ele ficou em silêncio. Meire permaneceu em seu silêncio. Não se atrevia a se envolver numa discussão cujos fundamentos mais profundos desconhecia. Eu fiquei em silêncio. E foi o ferreiro quem rompeu a calmaria, afinal.

"A senhora não sabe o que é sofrimento..."

"Não sei? Tem certeza? Você não sabe o que é receber uma amiga em casa que esteve no seu enterro e ela lhe dizer que não sobrou muito do seu cérebro depois de um derrame. Você não sabe o que é se ver numa cama de hospital, ligada a uma montanha de tubos e máquinas mantendo viva a tua carcaça. Você não sabe o que é ter que decidir, sem saber onde eu me situava, se iria viver ou morrer para essa cidade viver pra sempre. É agora eu soube pela Meire que eu tomei a única decisão que eu podia tomar. Fui enganada por Andrés. Tive tudo escondido de mim pela cidade. Adriano foi quem viu. Fiquei de marido traído, até o final sem saber. Não fosse "séo" Danilo

reunir a cidade, seria você que iria sair de sua loja de ferragens e me dizer a verdade? Graças à minha morte, você nunca vai saber como é tudo isso. Não venha me dizer o que é sofrimento, seu moleque. Você um dia pode até se acostumar a essa merda que está fazendo em sociedade com o Renan. Fora isso, como ele, você vai viver jovem e cheio de energia para sempre. Ninguém disse que o Inferno era um bom lugar, Anderson. Mesmo dentro do Paraíso."

Mais tarde, quando Anderson já tinha ido para a loja de ferragens, Meire tocou no assunto do inferno dentro do paraíso. Percebi que tinha de ir devagar com minha amiga. Ela se assustava facilmente, desde quando a conheci. Expliquei que havia uma teoria do escritor inglês Aldous Huxley, em seu livro *"Céu E Inferno"* em que ele postulava que criávamos nosso próprio paraíso ou inferno ao morrer, segundo o astral que alimentávamos no momento. Eu criei os dois, simultaneamente, um inserido dentro do outro. Um existindo dentro do outro, interpenetrados, interagindo, interdependentes. Para ser um inferno, era necessário que Taurinos fosse um paraíso. E para ser um paraíso, era necessário que Taurinos fosse um inferno.

"Que loucura! Acho que vou parar de lhe perguntar as coisas, Stella. Quanto mais você explica, mais confusa eu fico."

Guilherme ligou da fazenda Teixeira mais tarde. Estávamos eu e Meire já na fazenda Taurinos, almoçando com os Conselheiros, quando ele ligou. Disse que tinha ligado em casa, mas que não tinha me encontrado. Para ele, o lugar lógico na sequência seria a fazenda Taurinos.

"Amanhã é aniversário do Renan", ele disse, "ele pediu que eu ligasse pra convidar todo mundo aí."

"Por que ele mesmo não ligou?", perguntei, intrigada.

Renan ligaria mais tarde sim, mas só para perguntar do Anderson. Depois de saber que o ferreiro tinha ido trabalhar como em todos os dias da semana, aparentemente por desencargo de consciência, perguntou se Guilherme tinha ligado para nos convidar. Perguntei porque ele mesmo não tinha ligado. Respondeu que estava ocupado procurando o Anderson. Que de manhã não o tinha encontrado na loja de ferragens para convidá-lo. Desligou dizendo que ainda tinha de telefonar para a loja.

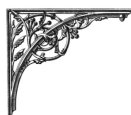
Voltei à mesa, *"Renan só ligou mesmo para perguntar do Anderson. O ferreiro é mesmo importante para ele."*

"A senhora não sabe como", riu Andrés.

"O que é que você quer dizer com isso?"

Ele notou a minha expressão interrogativa. Não houve um chute por debaixo da mesa, mas notei o pai fulminando o filho com o olhar, a mãe embaraçada, o irmão mais velho perplexo sem saber o que dizer. Andrés notou a agitação em redor, se encolheu no lugar e se saiu com um *"nada, eles só são muito amigos, só isso."*

Meire olhou para mim significativamente. Desta vez, ela não parecia confusa.



Sexta-feira, 22 de maio de 2009

Infeliz aniversário

Não eram sete horas quando os Conselheiros entraram no carro de Duílio para ir à festa de aniversário de Renan na fazenda Teixeira. Os meninos colocaram no carro os presentes para Renan. Eles todos tinham passado o dia em Varginha fazendo compras para encher a despensa e tinham aproveitado para comprar os presentes. Aparecida foi a que mais demorou para sair.

"Eêo" Danilo apareceu em casa para ir à festa também e ficou conhecendo a Meire. Simpatizaram de cara, conversando sobre todo e qualquer assunto com fluidez desusada. Esperávamos por Duílio, que tinha ido levar a família para a fazenda Teixeira. Seriam duas viagens para Duílio, já que não cabíamos todos no carro. O carro era espaçoso, mas nem tanto.

Adriano acabou vindo nos buscar em vez do pai. Presumi que ele tivesse enchido a paciência de Duílio até que o pai lhe emprestasse o carro. Adriano vinha dirigindo e dizendo que Renan adorou os presentes. Que a festa estava realmente animada, muita gente da cidade, música alta, uma dupla de calango e tudo. Perguntei se Anderson estava lá. Ele disse que até a hora em que tinha saído de lá para vir nos buscar, não havia sinal dele nas proximidades da fazenda.

Fiquei preocupada. Não tinha notícias de Anderson desde a hora do café da manhã de ontem, mas se fosse pensar, que notícias eu tinha de Arthur ou Bruno desde o dia do ritual? Era estranho pensar que numa cidade tão minúscula eu passasse tanto tempo sem ver as pessoas que conhecia e com as quais tinha tido relação de amizade, senão profunda, pelo menos a da vivência juntos em tantas situações que já nem dedos mais tenho para contar. Eu pensava em Bruno também, em como estaria vivendo nossa nova realidade em Taurinos, ele que foi o primeiro a perceber a encrenca em que tínhamos nos metido. Amigos ou inimigos, estávamos todos no mesmo barco, pensei.

Adriano não tinha mentido. A festa estava realmente animada na fazenda. Renan estava nos esperando na porteira. Não precisei olhar muito tempo para perceber que ele esperava outra pessoa. Ele não deixou de sorrir para nós para nos receber, nos abraçar pela chegada, incrivelmente bom anfitrião, mas não deixei de notar que seu olhar se perdia na estrada, mais além, na esperança de uma luz de farol que denunciasse a chegada de alguém mais. O ferreiro. Seu parceiro de cavalgadas noturnas.

"Vocês viram o Anderson? Deixei recado com o pai dele, mas não vejo ele desde anteontem...", o menininho disse, assim que se desvencilhou dos

cumprimentos formais aos recém-chegados.

Eu disse que Anderson tinha estado em casa, tomando café comigo e com a Meire, mas que não o via desde ontem de manhã. Ele pareceu preocupado e desanimado. Pediu meu celular, ligou para o sítio de Anderson, mas ninguém atendeu a chamada. Nada no andar superior da loja de ferragens.

E assim, ele passou a festa. Recebendo gente, presentes, sorrindo, voltando repetidas vezes à porteira da fazenda para olhar a estrada. Era óbvio para mim que o presente que ele mais queria não viria. As horas passavam e nada do ferreiro nem seu pai aparecerem. Eu estava conversando com Adriano, meio conversando, meio observando o policial. Até que ele veio falar conosco.

"Vocês não querem me levar até a cidade? Ir até a loja do Anderson, ver se ele vem?"

"Eu posso te levar, mas acho que você devia sossegar. Ele pelo jeito não vai vir, Renan", disse Adriano.

"Curte a tua festa, garoto. Você passou a noite até agora sem curtir um minuto, só preocupado com o Anderson", eu tentei dissuadir o menino. Ele não conseguiu controlar uma lágrima.

"Por que ele não vem? Por que ele não vem?"

"Ele está com raiva de você por causa do ritual, Renan", eu expliquei, *"ele veio em casa e tentou me agredir ontem de manhã",* acrescentei, fazendo Renan e Adriano arregalarem os olhos.

"Como assim??? Por que???", perguntou o policial, atônito.

"Ele acha que eu, você e a Meire nos juntamos para apressar a entrada dele na Polícia Obscura. Em poucas palavras, é isso."

"Mas que é isso, D. Stella; ele ia ter que entrar de qualquer... Porra, espera... Grande Mitra... foi aquele desgraçado... foi aquele desgraçado..."

"De quem você está falando, Renan???", Adriano estava estupefato.

"O filho de uma puta que rogou aquela praga em cima de nós! Ele disse que nós íamos nos separar! Ele disse isso, vocês não ouviram???", o menino era só nervosismo e agitação.

"Ouvimos muito bem. Mas, olha, Renan, não leva isso a sério... Você também amaldiçoaria alguém que estivesse fazendo aquilo com você. Palavras o vento leva, amigão", Adriano tentou consolar o policial. Eu fiquei em silêncio, pensando no que dizer. E mesmo se

deveria dizer algo. Nem me atreveria a desfiar para ele a história do verdadeiro Jacques DeMolay. Só serviria para encher ainda mais a sua cabeça de minhocas.

Fomos juntos à cidade, apesar dos protestos de Donana e "sêo" Octávio. Como iria ela explicar aos presentes que o aniversariante tinha saído de sua própria festa antes de apagar suas velinhas de um eterno décimo aniversário de vida?

Ninguém na cidade, nem no andar de cima da loja de Anderson. Se havia alguém lá ou no sítio, manteve as luzes apagadas e não atendeu a porta ou a porteira. Ninguém. Por um momento lá nesses lugares, era como se Anderson nunca tivesse existido.

Retornamos, e foi duro ver Renan ter todos ao seu redor cantando parabéns e ter que soprar as velinhas sem o presente que ele mais esperava. Me espantou ver o estoicismo dele, seu cavalheirismo, procurando com tanto esforço não deixar que isso estragasse sua festa para os convidados. Não me lembrava em vida ou em morte de um aniversário tão triste para o dono da festa. Eu fiquei triste pelo menino. As conversas animadas dos outros meninos não me faziam rir. Certo era que o dono da festa é geralmente o que menos se divertia, mas aquilo que presenciei chegava a ser exagero. Chegou um tempo em que ele não conseguia mais disfarçar a sua tristeza. Os pais, os amigos, os convidados chegavam

deveria ser tão feliz para ele. Ele nunca disse a ninguém o que acontecia. Eu e Adriano sabíamos, mas manteríamos o segredo dele para sempre.



Quábado, 23 de maio de 2009

Irmãos de armas

Eram umas nove e quinze da noite quando "sêo" Danilo e Duílio passaram pela minha casa. O céu ameaçava chuva pela primeira vez em meses. Perguntaram se eu tinha visto Renan. O menino tinha desaparecido, eles disseram. Eu expliquei que não tinha mais visto Renan desde a "festa" de seu aniversário. Eles estavam indo à cidade. Me disseram que era o único lugar onde ainda não tinham procurado. Pensei que era um exagero, mas eles me disseram que os Teixeira ligaram para todo mundo e agora o procuravam pelos limites da cidade.

"Eu vou com vocês", eu declarei, apesar da insistência dos dois para que eu ficasse em casa, "quero ajudar a procurar o menino também."

Eu disse que ele tinha ficado mal pela ausência do parceiro de cavalgadas. Eu perguntei se eles tinham notado. "Êô" Danilo e Duílio apenas se entreolharam.

As nuvens se acumulavam, densas, grossas, tingindo o céu de um tom esbranquiçado, escondendo as estrelas. O carro avançava rápido pelas estradinhas de terra, subindo em direção ao centro da cidade. Não tínhamos ainda chegado quando os primeiros pingos começaram a cair, grossos para o mês de maio, quando a estiagem começa a querer dar o ar da

graça.

A chuva desabou antes da entrada da cidade. Grossa, definitiva. Querendo molhar. O limpador de parabrisas funcionava freneticamente. Ninguém nas ruas. Já deviam ser quase dez horas. Quem em Taurinos ficaria nas ruas além das nove? Debaixo de uma chuva daquelas?

Renan. Quem mais em Taurinos ficaria nas ruas naquela noite?

Na praça principal, em frente à loja de ferragens de Anderson, a pequena figura do policial debaixo de um dilúvio universal, molhado até os ossos, tremendo de frio.

"Ele está separando a gente! Você tá deixando, Anderson! Eu lembro bem, ele falou...", e ele olhou o carro se aproximando dele e se calou. "Êô" Danilo abriu sua janela e o chamou para dentro. Ele tinha aparentemente vindo a pé.

"Vão embora! Digam aos meus pais que eu vou ficar aqui!"

Não sei dizer porque, a cena, somada ao que vi ontem em seu aniversário, me tocou. Havia uma melancolia naquela vitória de Renan que era inexplicável. Ele

venceu a luta com o ferreiro na Justiça do Conselho, mas só pode levar a metade do prêmio; a única que Anderson não poderia lhe negar. Um sabor amargo das coisas que ficaram por fazer. Engraçado, agora me toco de que todo o tempo em que escrevi sobre essa comunidade, poucas vezes utilizei a palavra "amor". E mesmo assim, num sentido violento.

Para resumir a história, Anderson acabou aparecendo na janela. Tinha ouvido tudo. Negou que fosse efeito de qualquer praga, mas de onde estávamos, não pareceu muito convicto do que estava falando. Disse que eles seriam eternamente irmãos de armas. Que seriam eternamente irmãos na Sociedade Antiga dos Taurinos. E só. Implorou que Renan entrasse no carro conosco e se fosse. Para resumir a história, foi uma dificuldade imensa trazer um Renan todo molhado e emocionalmente arrebatado para dentro do carro. Duílio tinha cara de quem preferia estar dormindo quando pediu meu celular para ligar para os Teixeiras avisando do avistamento. Eu gostaria de estar dormindo também. "Gêo" Danilo já estava. Meu mp3 começou novamente a tocar uma canção aleatória assim que coloquei os fones para me preparar para a viagem de volta.

"Em casa no vale, em casa na cidade. Minha casa não é bonita. Não é um lar para mim. Em casa na escuridão. Em casa nas estradas. Meu lar não fica no meu

caminho. E nunca ficará. Queime o dia inteiro. Queime a noite inteira. Não vejo porque a gente tenha que armar uma briga. Eu vivo para dar ao diabo aquilo que lhe é devido. Não sou eu quem vou lhe dizer o que é certo e o que é errado. Eu vi os sóis que se congelavam e as vidas que se passavam. E estou queimando por você." Queimando Por Você, escrita por Blue Öyster Cult em Fire Of Unknown Origin, 1981, Columbia.

Fiquei pensando se Donald "Buck Dharma" Roeser, do Blue Öyster Cult, conhecia Renan à época em que ele escreveu essa música. O carro avançava devagar debaixo da chuva torrencial daquela noite. Renan agora dormia (ou fingia dormir), a cabeça apoiada no meu colo.



Domingo, 24 de maio de 2009

Renegado

Os cavalos pararam em frente em minha porta. Olhei o relógio. Eram sete e quinze da manhã. Pelo som das pisadas, não era mesmo um só. Olhei pela janela de meu quarto. A chuva tinha parado, o dia acenava com as promessas do Sol. Lá embaixo, um cavalo preto e um palomino. E também havia uma mochila imensa sobre o cavalo preto.

As pancadas na porta. Cinco pancadas. É o Renan. Desço e o vejo parado no alpendre, a vontade de chorar escrita na cara. Perguntou se podia entrar e eu escancarei a porta. Ele colocou a mochila num canto da sala.

Me disse que o pai o deserdou. Digo que não como o pai dele deserdá-lo, porque ele não vai morrer nunca. Ele disse que era pior nessas condições, já que ele deserdava em vida. Renan não tinha mais que as roupas e os cavalos com ele agora.

"Por que seu pai fez isso?"

"Ele acha que eu desgracei a família indo me humilhar na porta do Anderson... Além disso, eu nunca saí sem avisar e fiquei até tarde da noite sem dar notícias..."

"Você podia ser um pouco mais discreto, resolver isso num lugar um pouco mais afastado, lá isso podia, não?"

Ele ficou em silêncio. As lágrimas molhavam o rosto da criança. Uma larva sem chão para por os pés. Eu senti imensa pena de Renan, por mais sentimentos de violência que ele me inspirasse no dia a dia brutal de Taurinos.

"Eu não tenho para onde ir", ele disse, me olhando nos olhos, "o único lugar que eu consegui pensar para vir foi a sua casa."

"Fica aqui comigo um tempo. Não quero mais ver você como vi ontem à noite, no frio, na chuva. Eu quero conversar com os teus pais sobre isso."

Ele sorriu, em meio às lágrimas e prometeu tudo que eu quisesse.

"Olha, e muita disciplina com esse negócio de Polícia Obscura aqui dentro da minha casa. Se vamos morar juntos, mesmo que por um tempo, é melhor saber que vai ter de disciplinar isso. Fica aqui, mas pelas minhas regras."

Disciplinar a Polícia Obscura. Parece piada. Disciplinar o que não tem conserto. Nem nunca terá, disse o poeta.

"Você vai dormir aqui na sala por ora. Quando eu acordar, te ajudo a arrumar o quartinho do canto, do lado do meu. Vou tirar as bagunças de lá e arrumar no meu quarto. Quando a Meire se for, você muda para o quarto dela."

"Eu posso ficar no quartinho mesmo, o outro a senhora fica pra suas visitas", ele sorria de orelha a orelha.

"Depois se vê isso."

Quando acordamos e descemos para a sala, Meire viu o policial minúsculo dormindo no meu sofá. Eu achei que teria de dizer que agora era um pouco mais... permanente.

"Outro anjinho?", e ela sorriu, conhecedora.

"Nossa, tá mesmo duro aguentar esses pestinhas me acordando todo santo dia cedo de manhã..."

Mais tarde, depois do almoço, Renan me trouxe convite da prefeitura para a Festa da Cidade no próximo sábado à noite. Uma homenagem da cidade à Sociedade Antiga dos Taurinos por tudo o que vivenciamos em prol da continuação da espécie taurinense. Às vezes eu me sentia como aqueles

personagens de filmes clichê que descobrem que são adorados por alguma tribo milenar em um lugar remoto.

"A senhora é a que menos pode faltar", declarou Renan assim que eu manifestei minha falta de vontade em comparecer, *"sem a senhora, nada aqui existiria."*

Eu tive de rir. Meire me olhou, surpresa com minha reação, ao que parecia. *"Bem-vinda a Taurinos",* eu disse a ela. No final das contas, ela teve que rir também.



Quábadó, 30 de maio de 2009

Dia de celebração

Ninguém em Taurinos perderia a Festa da Cidade. Foi grande a festa para uma cidade tão pequena. Ninguém ficaria em casa naquela noite, então porque eu? Era o último dia de Meire em Taurinos, então achei que merecíamos ao menos uma despedida decente. Ela estava indo embora para sua casa na boa e velha Santos, terra de minha infância e juventude.

"Você pode não acreditar", eu disse a ela, ao chegarmos à sede da prefeitura de Taurinos, "mas acho que em Santos não vão ter se passado mais que cinco minutos desde o dia em que você chegou aqui até o dia em que vai embora."

"Você tem razão. Eu não acredito nisso, Stella", e nós duas rimos, embora ela tivesse visto em meus olhos que eu não tinha dito aquilo de brincadeira. Ela me olhou séria e me disse, com todas as palavras, "eu quero vir para cá quando eu morrer. Se vocês acharem que eu posso ficar."

"Meire, isso aqui é o Inferno, isso não é brincadeira", eu fiquei levemente irritada com ela.

"Eu sei disso, Stella. E é por isso que eu estou falando sério."

"Agora é minha vez de dizer: eu não acredito nisso, Meire."

"Eu tenho o palpite de que você vai ter a eternidade toda para se surpreender, minha amiga", e ela sorriu, me deixando desconcertada. Eu não tinha tido escolhas, mas... e quanto a ela?

Na Festa, todos nós juntos novamente. "Êô" Danilo, Bruno, Adriano, Anderson, Andrés, Arthur, Bruno, Guilherme, eu e Renan Augusto. A Sociedade Antiga dos Taurinos unida mais uma vez, desta vez para uma noite mais agradável que tudo o que vínhamos vivendo juntos. Uma noite para relaxar, para traçar metas — se é que muitas poderiam ser traçadas na nova realidade em que vivíamos — para conversar, comer, beber e para ouvir música.

Mas, para não se perder o costume neste paraíso terrestre que é também um vale de lágrimas muito ao seu modo, os olhares de Renan para a família que o renegou e para o amigo que o renegou me comoviam. Eu passei a semana em conversações com "sêo" Octávio e Donana. Ela parecia mais flexível que o marido, mas só o tempo resolveria essas feridas. Naquele momento, eu não tinha muito a fazer senão acolher o pequeno renegado em minha casa pelo tempo que viesse.

Do terraço do Galão de Recepção da Prefeitura, ficamos olhando a noite lá fora, eu e Andrés. Bruno se aproximou e ficou conosco. A visão do mundo lá embaixo era deslumbrante. Eu sempre quis ver as coisas de cima e acho que este meu desejo se realizou de um modo que eu não esperava. Simplesmente não esperava. Olhando para trás, com tudo o que vivi, vi acontecer e tomei parte fundamental, penso que sobrevivi à minha própria morte. Eu estava tão viva, afinal, quanto todos desta cidade. Me agarrei ao que já conhecia. Talvez fosse o meu medo do desconhecido, medo tão grande que nem o medo da morte o superava. Todos gostariam de viver para sempre, pensei eu. Mas quando se vive para sempre, pelo que é que se vive afinal? Pelo eterno medo do desconhecido? Pelo eterno medo da solidão?

Taurinos era nossa para sempre, agora. Com suas paisagens paradisíacas, com suas casinhas de telhas feitas nas coxas, sua arquitetura colonial, seus costumes medievais e draconianos, sua tecnologia de ponta; agora era toda nossa. Com seus mistérios que nunca haveriam de acabar, com a incerteza do enigmático Grão Vizir a meu lado, Andrés, eternamente o portador da luz, eternamente o sábio calado que a tudo observava e nada dizia. Sábios costumam mentir, disse um dia com muita propriedade o cantor mineiro João Bosco. Com Bruno, eternamente em saudável dúvida sobre mim e sobre

todas as coisas, com Arthur, cuja coragem foi homenageada em coro pelos moradores da cidade presentes em peso à celebração. Afinal, achou de servir à cidade mesmo depois de morto. Pensei que eu tinha acabado fazendo a mesma coisa. Éramos gêmeos no que tínhamos tido de passar por Taurinos. Andrés é também alguém a se respeitar na cidade. Tudo o que aguentou calado enquanto seu grande plano de sobrevivência era executado me fez pensar em como era grande o apego de alguém mais pelo pouco de vida que se conseguiu conquistar.

Agora, olhando tudo isto aqui de cima, cercada pelos meninos todos que acabaram nos descobrindo aqui no canto do terraço enorme, vejo que talvez tudo tenha valido a pena, afinal. Para onde mais alguém como eu iria depois de minha morte? Será que todo mundo tem um cenário como este preparado com carinho e com sangue por alguém que parece com qualquer um dos pacientes com quem já trabalhei em vida? Pensei no Dr. Romeu, primeiro terapeuta que me abriu as portas para o trabalho que um dia me traria a Taurinos. No Centro de Hipnose em Santos, onde tudo começou de verdade em um dia qualquer de 1994; em Santos, cidade que provavel e infelizmente nunca mais verei. Nesta noite, em que me sinto finalmente bem-vinda a Taurinos definitivamente, não mais a forasteira de quem tudo era escondido, encerro esta narrativa. Em algum lugar de Santos,

um editor coleta essas coisas que escrevo — mesmo sem acreditar em uma palavra que eu digo — e as está organizando em um livro. Desejo sucesso ao empreendimento dele, mas não posso prometer estar com ele na noite de autógrafos — se é que um dia ela vai realmente acontecer. Àqueles que realmente seguem meu *weblog* — alguns americanos, um moscovita e um parisiense, entre alguns brasileiros e até mesmo mineiros desavisados — deixo a certeza de que a história continua, pelo menos enquanto alguém que já se foi do plano material mais denso tiver permissão do Blogger para continuar postando. Mas eu devo descansar meus dedos digitadores por algum tempo agora. Prometo voltar em breve, já que agora que essa cidade saiu de mim eu não posso mais sair dela.

Me deixarei ficar em Taurinos, onde as coisas realmente acontecem. Onde entendi de ficar permanentemente. Um dia tive um marido e mesmo sem poder ter filhos, tinha a esperança de com ele ter tido uma família. Meu marido desapareceu no mundo, me dando conta do quanto eu estava errada. Meire nunca mais perguntaria por ele. E eu, que nunca tive família, no final das contas, acabei tendo uma família mineira imensa, de mais de duas mil pessoas. Não caberíamos todos juntos numa foto, se quiséssemos tirar. Mas a Sociedade Antiga dos Taurinos sim, acrescida de "sêo" Danilo desta vez. Uma pessoa

como ele sempre faria falta, pessoa da qual eu descobria a verdade interior até pelas entrelinhas de suas pequenas mentiras.

A foto ficou linda: os meninos estão sérios, o sertanejo está sério, eu estou meio Mona Lisa. Da máquina digital vai direto para a área de trabalho de meu laptop. A classe de 2009 da Sociedade Antiga dos Taurinos reunida para nunca mais se separar. Na província da mente, de dentro da qual John Cunningham Lilly um dia brilhantemente falou, uma cidade mineira normal em seu dia a dia enfim, mas uma cidade onde, diferente de alguns poetas que conheci e amei, o para sempre seria para sempre de verdade. Para sempre.

Taurinos, MG, maio de 2009.



Andrés Silva Conselheiro
Adriano Silva Conselheiro
Anderson Nascimento Caldeira
Arthur Trindade Feletti
Bruno Linhalis Pinho
Guilherme Giacomini Teixeira
Renan Augusto Giacomini Teixeira
Stella Freitas-Grisam
Danilo Moreira de Medeiros
Rosimeire “Meire” Lins Rosário
Duffio Lima Conselheiro
Aparecida Silva Conselheiro
Diogo Bastos
Gustavo Bastos
Octávio Severiano Teixeira
Ana Maria “Donana” Silva Teixeira
Alberto Mendes Caldeira
Horácio Gomes Feletti
Márcio de Oliveira Souza
“Jacques DeMolay”
José “das Profundezas” de Oliveira

Baseado em personagens
criados por Eduardo Agena de 1994 a 2009.

Esta é uma história de ficção.
Qualquer semelhança com pessoas
vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Sobre a autora / personagem: Stella Freitas-Grisam, originalmente de Santos, SP, iniciou carreira como psicóloga no Centro de Hipnose de Santos em 1992. Em 1994, trabalhou em seu primeiro caso importante, que costumava chamar Sociedade Da Sombra Da Luz, um caso que a manteve por meses perigosamente ocupada, trabalhando sob a supervisão do Dr. Romeu Arruda, psiquiatra. O nome de seu blog, **Rádio Universal**, foi tirado de seu apelido de infância, dado por sua avó.

<http://radiouniversal2.blogspot.com>

Sobre o autor: Eduardo Agena, nascido Eduardo Alves da Silva, originalmente de Santos, SP, trabalha com música, vídeo, literatura e quase todas as formas de arte nas quais possa por a mão. Desde pequeno revelava sua inclinação para a literatura, lendo placas de rua de maneira precoce, segundo sua mãe. Daí sua paixão por literatura desde o seu núcleo mais básico: as próprias letras do alfabeto. Tem sido autodidata desde então. Trabalha atualmente com traduções, versões, legendas em vídeo, fotografia, arte visual, música, vídeo e o que mais vier.

Capa, concepção original e logo da Polícia Obscura por **Matias Romero**. Respingos de sangue em pincéis de Photoshop por **Joey 1992911 @ Deviantart**. Identidade visual para **Mede Palmo** por **Antonio Flauto**. Pesquisa adicional em **Wikipédia** e **Neave Planetarium**.

<http://www.pt.wikipedia.org>
<http://matiasromero.deviantart.com>
<http://joey1992911.deviantart.com>
<http://www.neave.com>
<http://www.medepalmo.com.br>

Stella Freitas-Grisam, personagem / autora publicada originalmente em 1994 pela **III XIII**. Agradecimentos a **Guadalupe Bárcena** e **Giulius Aprígio** pelas facilidades em computação gráfica. A **Marcus Cesari Aprígio** pelo combustível nessa reta final. A **Gláudio Guimarães** e à **Mede Palmo** por todo o interesse.

Freitas-Grisam, Stella, "O Dia da Criação".
(P) **MMIX, MIMX**,
III XIII Editora em associação com **Mede Palmo**.

18

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS.

TEMA: Paranormalidade, conflitos psicológicos adolescentes.

CONTÉM: Extrema violência gráfica, desvirtuamento grave de valores éticos, insinuação sexual, linguagem obscena e depreciativa.

Licenciado através da Creative Commons

Você tem a liberdade de:

- **Compartilhar** — copiar, distribuir e transmitir a obra.

Sob as seguintes condições:

- **Atribuição** — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

Attribute this work:

-

What does "Attribute this work" mean?

The page you came from contained embedded licensing metadata, including how the creator wishes to be attributed for re-use. You can use the HTML here to cite the work. Doing so will also include metadata on your page so that others can find the original work as well.

- **Uso não-comercial** — Você não pode usar esta obra para fins comerciais.
- **Vedada a criação de obras derivadas** — Você não pode alterar, transformar ou criar em cima desta obra.

Ficando claro que:

- **Renúncia** — Qualquer das condições acima pode ser

[renunciada](#), se você obtiver permissão do titular dos direitos autorais.

- **Domínio Público** — Onde a obra ou qualquer de seus elementos estiver em [domínio público](#) sob o direito aplicável, esta condição não é, de maneira alguma, afetada pela licença.
- **Outros Direitos** — Os seguintes direitos não são, de maneira alguma, afetados pela licença:
 - Limitações e exceções aos direitos autorais ou quaisquer [usos livres](#) aplicáveis;
 - Os [direitos morais](#) do autor;
 - Direitos que outras pessoas podem ter sobre a obra ou sobre a utilização da obra, tais como [direitos de imagem](#) ou privacidade.
- **Aviso** — Para qualquer reutilização ou distribuição, você deve deixar claro a terceiros os termos da licença a que se encontra submetida esta obra. A melhor maneira de fazer isso é com um link para esta página.

